

DIANA SCARPINE

*O preconceito é capaz de
subjugar o amor presente
no coração de uma mulher?*



CONSTELACAO



PERIGOSAS NACIONAIS



CONSTELACAO

DIANA SCARPINE

Entrelace

Caminhos que se cruzam ao acaso

PERIGOSAS ACHERON

*Duas Vidas
Duas vidas,
dois caminhos
separados.
Até que... um dia,
uma hora,
um momento,
um instante,
talvez...
se cruzem
e se tornem
apenas um.*

(Diana Scarpine

03 de maio de 1997, às 13:05

Jequié – Bahia - Brasil)

*“Somos donos de nossos atos,
mas não donos de nossos sentimentos.*

*Somos culpados pelo que fazemos,
mas não somos culpados pelo que sentimos.*

*Podemos prometer atos,
mas não podemos prometer sentimentos...*

*Atos são pássaros engaiolados,
sentimentos são pássaros em voo.”*

(Mário Quintana)

Prólogo

Não me pergunte como, mas eu sempre soube. Sempre soube que o encontraria quando ele estivesse longe de mim. Sabia que o reconheceria pelo brilho intenso do azul de seus olhos, mas eu não sabia onde ele estava e como encontrá-lo.

Em vão, procurei-o em muitos olhares e não o encontrei. Eu começava a questionar minhas certezas até que, num momento mágico de uma calma noite de domingo, os fios que compõem as redes virtuais estremeceram num giro rápido do destino e nossos caminhos se cruzaram. Eu só não sabia que nossas vidas já estavam entrelaçadas e que eu, apenas eu, poderia vir a ser a pessoa capaz de romper os fios que ligavam a minha vida a dele. Mas será que era certo acabar com um amor tão grande por um motivo tão fútil?



Há quase vinte anos, a solidão fora a minha única companhia. Para quem não queria se machucar novamente, não havia companheira melhor; pelo menos não até o dia em que ela começou a sufocar o meu coração como a mais inofensiva rosa esconde o mais agudo dos espinhos.

Numa atitude incerta de libertação, lancei uma única e derradeira mensagem num site de relacionamentos e ela surgiu em minha vida. Eu só não sabia que, de algum modo, já estávamos ligados. Nossos destinos já estavam entrelaçados nas alegrias e nas dores da vida. Por que então ela insistia em rechaçar um amor tão grande movida unicamente pelo preconceito?

CAPÍTULO 1

Ansiedade dupla

Henri

São Paulo, 16 de dezembro de 2008.

A chuva batia em copiosas gotas na janela do meu apartamento, afastando um pouco do calor que fez durante todo o dia. Sentado na cama, com o notebook sobre o colo, conversava com Carol. Todas as suas palavras e sua forma de escrever denotavam alegria e, em alguns momentos, eu me sentia como se ela estivesse sussurrando estas palavras ao meu ouvido, o que fazia com que eu me sentisse feliz e inseguro ao mesmo tempo.

Depois de dois anos e meio de um namoro virtual, finalmente íamos nos encontrar. Depois de vinte anos, eu retornaria à minha cidade natal.

PERIGOSAS ACHERON

Faltavam poucos dias e tudo parecia, ao mesmo tempo, tão distante, tão próximo, tão promissor e tão assustador, principalmente em relação a Carol.

Nós só nos conhecíamos por foto, nunca tínhamos nos encontrado pessoalmente e nos dizíamos apaixonados um pelo outro. Eu, de fato, tinha certeza do meu amor por ela, afinal ela era encantadora, inteligente, culta, carinhosa, engraçada, espirituosa e tinha uma beleza mediana. Eu sabia que ela não era nenhuma modelo, nem eu desejava que fosse. Mas eu estava inseguro em relação ao amor dela por mim.

Eu tinha contado a ela toda a verdade sobre mim e ela não pareceu se importar; ao contrário, pareceu aceitar, embora não tocasse no assunto comigo. Eu não sabia se esse era o jeito dela de demonstrar que me aceitava como sou, se não queria falar por não encarar muito bem a situação (apesar de me aceitar) ou se não tinha entendido direito o que me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aconteceu. Enfim, eu estava cheio de dúvidas e isso me metia medo. Tinha medo de que nosso encontro se tornasse um pesadelo real (eu já tinha tido vários sonhos nos quais ela me rejeitava e também alguns nos quais ela me aceitava) e sentia como se estivesse me atirando em um precipício sem fundo.

— Amor, vamos nos encontrar logo na quarta-feira? Amanhã? — Carol me perguntou empolgada e ansiosa em uma mensagem.

— Não, meu amor. Devo chegar em Jequié no início da noite. Provavelmente, estarei um “caco”. Eu ligo para você na quinta para combinarmos o encontro. Certo?

— Ah... Que pena! Estou louca para encontrá-lo, beijá-lo... — lamentou Carol.

— Também estou com muita vontade de encontrá-la! Mas é melhor esperarmos. Não quero que me veja com cara de cansado — rebati,

PERIGOSAS ACHERON

deixando claro que também desejava muito vê-la e era verdade.

— Eu não me importo! — protestou Carol.

— Mas eu me importo! Além disso, você sabe que eu preciso descansar... — Fiz uma breve alusão a tudo aquilo que tinha contado a ela por e-mail, mas não tive coragem de concluir, não neste momento. — Eu ligo para você e combinamos o encontro. Certo?

— Certo. — Carol aceitou com relutância. Mesmo pela internet, eu já a conhecia o suficiente para saber que estava relutando em aceitar. — Mas, por favor, me liga assim que chegar em Jequié para que eu possa ficar mais tranquila. Afinal, vou acabar me preocupando um pouquinho quando você estiver viajando — pediu carinhosamente.

— Ligo sim, Carol. Mas fique tranquila. Aguentarei bem a viagem, só vou ficar cansado

como qualquer pessoa ficaria — respondi, mas ela não pareceu notar meu excesso de explicações.

— E qual o número do seu novo chip de celular com DDD de Jequié? Você disse que ia pedir para o seu irmão comprar um para você usar quando chegar em Jequié... — lembrou-me ela.

— Ah, sim! Leno comprou o chip e já me passou o número! — respondi e passei o número para ela em seguida.

Alguns minutos depois, me despedi de Carol, dizendo que precisava acordar cedo no dia seguinte, o tão esperado e tão temido dia da viagem, o dia em que meus sonhos ou meus pesadelos iriam começar a se tornar realidade.

Dormi muito mal à noite. Acordava toda hora, tinha dificuldade de firmar o sono, acordava sobressaltado... Resultado: deixei a cama uma hora antes do previsto e pensei que, pelo menos assim, teria tempo muito mais do que o suficiente para

PERIGOSAS ACHERON

realizar os últimos ajustes necessários na bagagem, no apartamento e, finalmente, partir.

Antes de deixá-lo, dei uma última olhada no meu apartamento pequeno e aconchegante e fui invadido por uma inesperada sensação de saudade. Até então, eu não sabia, mas acabara de constatar que os anos de solidão que vivi ali tinham sido de felicidade e, naquele momento, me lançava rumo a um futuro incerto que poderia ser de felicidade ou de decepção. Diante de tal constatação, olhei para a minha sala de estar com apenas um sofá de dois lugares em frente à minha velha televisão de 20 polegadas e o aparelho de DVD e para a cozinha com duas prateleiras na parede (a mais ou menos um metro do chão), à direita da porta, para guardar os utensílios de cozinha e o micro-ondas ao lado delas, a geladeira, a lava-louças e um fogão de quatro bocas na parede contígua à passagem entre a sala e a cozinha, uma mesa sem cadeiras encostava

à parede da esquerda e uma pia ao fundo, ao lado da porta larga que conduzia à pequena área de serviço, que contava apenas com uma lavanderia, uma máquina de lavar, uma secadora, as cadeiras da mesa, um banco acolchoado e alguns varais, que possuíam o sistema de cordas que permitia que fossem elevados ou suspensos.

Não pude me furtar a contemplar o amplo banheiro social, composto de chuveiro, sanitário, pia e várias barras de apoio, o meu quarto e o meu banheiro particular. Meu quarto também era amplo, mobiliado com uma cama de casal, um divã e um guarda-roupa. À esquerda da cama, havia uma ampla janela com cortinas, da qual eu sempre gostava de olhar a cidade de São Paulo. À direita da cama, havia uma porta larga que conduzia ao meu amplo banheiro.

Dar esta última olhada em meu pequeno, mas espaçoso, apartamento me trouxe muitas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lembranças! Lembranças dos últimos vinte anos! Tristezas, alegrias, frustrações, vitórias, enfrentamentos, superação... e, o que me encheu de saudade, também me encheu de coragem. Fechei a porta, decidido, pois agora era tudo uma questão de tempo, de esperar para ver o que os próximos dias me reservavam.

Prefiro não descrever a desgastante e entediante sucessão de escalas do meu voo de São Paulo até Ilhéus, na Bahia. Basta relatar que tomei o avião às nove da manhã, desci em Ilhéus às 15h e que, quando cheguei lá, Leno já estava me esperando para me levar de carro para Jequié. Foram mais de três horas de viagem de carro e eu cheguei à casa de meus pais realmente muito cansado. Diante disso, as únicas coisas que eu desejava eram um banho e uma cama para repousar. Mas eu tinha prometido a Carol que ligaria para ela assim que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chegasse... Então, resolvi ligar logo, antes que eu sucumbisse ao cansaço.

— Henri! Que bom ouvir sua voz! — ela disse assim que atendeu ao celular.

— Também é muito bom ouvir a sua voz, Carol! — retribuí.

— E como você está? — perguntou com um tom de felicidade na voz.

— Realmente muito cansado! — admiti.

— Lamento.

— Já esperava por isso. — Fui sincero.

— Nos encontramos amanhã, meu amor? — perguntou ansiosa.

— Não...

E, antes que eu explicasse o motivo, ela reclamou:

— Ô, meu amor! Estou tão ansiosa para ver você pessoalmente! Por favor! — pediu por fim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Carol, eu também estou ansioso para encontrar você pessoalmente, mas estou muito cansado mesmo e não tenho condições físicas e mentais de definir alguma coisa agora. Amanhã, eu te ligo e combinamos, certo? — rebati com sinceridade.

— Eu posso ligar para você, amor? — perguntou.

— Não, eu ligo para você. É melhor assim, pois eu preciso me recuperar do cansaço. Não quero me encontrar com você assim. Seja compreensiva, certo? — pedi.

— Mas? — tentou protestar.

— Confie no meu amor por você, Carol! — tornei a pedir.

— Eu confio, confio muito — afirmou.

— Então, até amanhã, Carol.

— Até amanhã, meu amor.

PERIGOSAS ACHERON

Desliguei o meu celular, pedindo a Deus que o amor dela por mim fosse verdadeiro, que ela me aceitasse como sou de verdade e que nenhum de nós dois sofresse por amor ou pela falta dele em relação ao outro. Em seguida, tomei banho, jantei e fui para a cama. Só acordei às dez da manhã do dia seguinte e ainda me sentia cansado.

Passei o dia com o celular desligado. Eu não queria maltratar ou rejeitar Carol devido ao medo de que ela fizesse isso comigo. Não foi por maldade que me mantive incomunicável, mas sim por esse medo que parecia se tornar cada vez maior dentro de mim e me assombrar.

Liguei para ela no final da tarde.

— Henri, por que deixou o celular desligado? Eu já estava preocupada com você... — disse Carol assim que atendeu ao celular.

— Eu estava descansando, Carol.

— Dormiu o dia inteiro? — perguntou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não... — admiti. — Mas ainda estou cansado — completei.

— Por que está fazendo isso comigo? É mais fácil falar com você em São Paulo do que em Jequié... O que está acontecendo? Você está querendo me “dar o fora”, é isso? — perguntou com voz de choro.

A dor dela me comoveu e eu me senti medroso, egoísta. Tinha vergonha do medo que estava sentindo, mas achei que deveria ser sincero com ela, mentir só causaria dor e desentendimento.

— Carol, posso ser sincero com você? — perguntei.

— É isso que eu quero — afirmou.

— Eu não quero lhe “dar o fora”, não estou rejeitando você. A verdade é que eu tenho medo... medo do que pode acontecer em nosso encontro. Tenho medo que você não goste de mim, não me queira... É isso — confessei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso não vai acontecer, Henri. Eu o amo. Quero ficar com você! Vai dar tudo certo, tenho certeza disso — afirmou. — Vamos nos encontrar hoje? — propôs por fim.

— Não, hoje não. No sábado, às 17h. Certo?

— Por que sábado?

— Porque até lá eu já estarei mais descansado e já terei acabado com esse medo que estou sentindo — expliquei.

— Certo. Sábado, às 17h. Onde? — perguntou vencida.

— No jardim da Catedral de Santo Antônio. Concorda? — perguntei.

— Concordo. Mas vamos ser pontuais, certo? Atraso gera ansiedade e ansiedade não é um sentimento legal nesta situação — pediu por fim.

— Certo. Serei bastante pontual — concordei.

— Então, conversamos hoje pela internet? — perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, eu não ajeitei nada ainda, nem toquei no notebook. Não sei como a internet está funcionando. Além disso, acho bom esses dois dias de distanciamento para nos prepararmos psicologicamente para o nosso encontro. Afinal, esse encontro pode influenciar muito nosso futuro, nossa vida pessoal. Precisamos estar muito bem preparados para algo tão importante e decisivo — argumentei.

— Você acha isso realmente necessário? — ela duvidou.

— Acho. Pelo menos, para mim é — afirmei.

— Certo.

— Então, até sábado, à tarde, pessoalmente — despedi-me.

— Até lá então. Eu amo muito você, Henri. Não se esqueça disso — disse ela com sinceridade na voz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu também amo você. — Fui sincero e desliguei.

Depois disso, os dias pareciam se arrastar e o medo de ser rejeitado (com o qual tinha prometido acabar) tornava-se cada vez mais forte e parecia mais real. Os pesadelos tornaram-se mais constantes (às vezes, até dois por noite) e era difícil explicar (ou melhor, não explicar) aos meus pais o motivo de tanta agitação e eu notava que eles estavam cada vez mais intrigados com isso.

De sexta-feira para sábado, dormi muito mal e perdi o sono às quatro da manhã. Vi o dia nascer, o dia que, de certa forma, selaria o meu futuro para a felicidade ou para a dor.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 2

O encontro

Carol

Sábado, dia 20 de dezembro de 2008, o dia em que eu me encontrei pela primeira vez com Henri, o dia mais difícil de toda a minha vida, no qual não consegui conter a minha ansiedade.

Procurei controlar-me nas duas vezes em que conversei com Henri, mostrei-me segura de que tudo daria certo, mas a verdade é que estava muito apreensiva. E, se estes dois dias de afastamento foram bons para ele, foram péssimos para mim, pois eles aumentaram muito a minha ansiedade, a minha insegurança, o meu nervosismo. Eu tinha medo de que ele me achasse feia, burra, gorda, entediante, desinteressante. Afinal, ele era um

homem bastante inteligente (estava terminando o pós-doutorado) e era alto, bonito: cabelos muito negros, olhos azul-anil, sorriso largo, traços fisionômicos perfeitos... Enfim, era o homem perfeito e ia ser meu! É piegas dizer isso, mas a verdade é que eu realmente tinha medo de que fosse um sonho do qual eu acordaria.

Naquele fim de tarde, vesti minha calça jeans nova, coloquei uma camiseta preta com decote em V para valorizar os seios e disfarçar as gordurinhas (ao contrário dele, eu era gordinha e baixinha), escovei os cabelos, passei batom, calcei uma sandália com quatro centímetros de salto (detesto salto alto para completar), tomei minha bolsa preta nova, peguei o carro e fui me encontrar com ele.

Meu nervosismo era tanto que eu tremia. Para tentar me acalmar, resolvi parar o carro do outro lado da igreja, atravessá-la para só então chegar ao jardim. Cheguei à igreja, às 16h45, e fiquei de pé

PERIGOSAS ACHERON

junto à porta que dava para o jardim esperando que Henri chegasse.

A cada minuto que passava, eu ficava mais nervosa. Às 17h10, ele ainda não havia chegado. O que será que teria acontecido? Ele tinha dito que ia ser pontual, eu tinha pedido isso, apesar de saber que não era nem necessário pedir, pois ele costumava ser pontual em nossas conversas pela internet e, sempre que ia atrasar, avisava-me. Será que ele não sabia mais andar em Jequié depois de vinte anos morando em São Paulo? Pouco provável! Jequié não mudara tanto assim e a igreja estava no mesmo lugar há, no mínimo, uns cem anos.

Às 17h20, eu já estava achando que Henri não viria mais, que ele tinha me dado um “bolo”. Angustiada, esquadrinhei o jardim e as proximidades dele com o olhar e, só então, dei-me conta de que, desde que eu chegara ali, havia um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cadeirante parado à beira do jardim com os olhos fitos no horizonte. Fui caminhando vagarosamente na direção dele com o intuito de perguntar-lhe se vira um homem alto, de olhos claros e cabelos negros por ali. Há mais ou menos um metro de distância dele, eu disse:

— Boa tarde! Perdoe-me por incomodá-lo, mas eu gostaria de saber se você viu um rapaz alto, de cabelos escuros e olhos claros por aqui.

O rapaz virou-se para mim com um sorriso nos lábios e disse:

— Olá, Carol!

O rapaz na cadeira de rodas era ele! Era Henri! Eu não podia acreditar. Tudo, de repente, pareceu-me um pesadelo e eu não conseguia me controlar. O nervosismo, a ansiedade e a insegurança tomaram conta de mim, de minha mente, colocando em evidência todo o meu preconceito da forma mais brutal possível:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que brincadeira de mau gosto é essa? Levante-se daí agora!

O sorriso dele desfez-se e ele respondeu em voz baixa pacientemente:

— Não é uma brincadeira de mau gosto, Carol, e não posso me levantar.

— É algo provisório? — perguntei rispidamente, tentando me controlar.

— Não, não é. É... permanente — Henri respondeu em voz baixa. Ele viu a raiva em meus olhos e, por isso, já não olhava para mim, fitava o chão e parecia hesitante.

Ao ouvir a confirmação dele de que era permanente, de que ele não era capaz de andar, perdi totalmente o controle, senti-me enganada, ultrajada, dei vazão ao preconceito que sentia contra ele e comecei a feri-lo deliberadamente, esquecendo-me de que ele era uma pessoa e tinha sentimentos:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mentiroso! Você é um grande mentiroso, farsante, desonesto! Fez-me acreditar que era um homem completo, perfeito, quando, na verdade, é um homem incompleto, aleijado! Você não precisa de uma namorada, de uma mulher, você precisa de uma enfermeira! Eu não tenho vocação para ser enfermeira de aleijado! Você é louco! O que você tem a oferecer? Nada! Você nunca poderá ter uma família, nunca será capaz de fazer uma mulher feliz, de ter filhos, de ter uma vida normal! Você queria me acorrentar à sua vida infeliz, seu inválido! Queria uma babá, uma enfermeira de graça! Quer uma enfermeira? Pague por uma!

— Carol, eu não menti para você... — ele sussurrou, mas eu o interrompi:

— Meu Deus, que ironia! Passei dois anos achando que tinha encontrado o homem perfeito e esse homem não existe!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sou real, Carol. Estou aqui e... você... você disse que... me amava. — Ele me lembrou ainda num sussurro.

— Não, eu não o amo. Eu amei um homem que não existe, um personagem que você criou na internet para me enganar. Como você é falso! Deve ter premeditado tudo isso! Eu o odeio! Odeio você! Se você queria me fazer sofrer, conseguiu! Eu nunca, nunca mais quero vê-lo! Suma da minha vida! Quero esquecer que, um dia, eu tive o desprazer de conversar com você, olhar para você! Suma da minha frente!

Henri estava tão pálido, que parecia que iria desmaiar. Quando terminei de falar, ele não arriscou mais nenhuma palavra, apenas balançou a cabeça afirmativamente.

Fui embora com passos rápidos e, antes que ele desaparecesse do meu campo de visão, virei o rosto para trás para vê-lo uma última vez. Ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

continuava lá, parado, quieto como eu o tinha deixado; mas, assim como no decorrer de toda a atrocidade que cometi contra ele, eu não conseguia ver nenhum detalhe de seu rosto, de seu corpo; porque, naquele momento, eu estava cega de ódio e, no momento em que o olhava pela última vez, além do ódio, a distância também me cegava. Apesar disso, eu tinha certeza de uma coisa: ele não tinha chorado em nenhum momento.

Ao chegar ao carro, senti uma pontada de remorso pelo que eu fizera. Eu tinha consciência de que ferira Henri brutalmente, que o punira da pior forma possível por ele não ter me contado a verdade. Eu sentira tanto ódio dele que nem considerei o quanto ele poderia já ter sofrido por sua condição. E eu nem sabia o que, como e quando isso tinha acontecido com ele e nunca saberia, pois eu nunca mais o veria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dei a partida no carro e parei no primeiro semáforo. Instintivamente, olhei para o carro ao lado. Para minha surpresa, embora eu soubesse que os cadeirantes dirigiam, era Henri que estava ao volante. Ao sentir-se observado, ele voltou-se e o seu olhar azul encontrou o meu. Percebi que ele se sentiu incomodado com esse encontro de olhares, tanto que rapidamente virou o rosto em posição contrária e partiu no carro assim que o sinal se abriu. Por coincidência, parecia que íamos à mesma direção. Todavia, ele se adiantou e, no próximo semáforo, passou antes que o sinal fechasse. Eu parei e o perdi de vista.

Este rápido encontro no semáforo (no qual ficou claro para mim que ele estava tão profundamente ferido que não conseguia nem me olhar) e a angústia que eu já começava a sentir só aumentaram o meu arrependimento, a minha culpa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e a certeza de que, naquele dia, eu tinha sido a pior das pessoas.

Cheguei em casa repetindo mentalmente para mim mesma: “*Bastava ter dito apenas que não queria ficar com ele! Não precisava tê-lo ferido tanto!*”. Pensei até em ligar para ele e pedir perdão por tê-lo humilhado, mas cheguei à conclusão de que seria pior, de que eu estaria reabrindo uma ferida que eu mesma tinha causado. Decidi que o tempo o ajudaria a se recuperar, mas isso não impediu que eu tivesse pesadelos com Henri durante três dias seguidos.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 3

Feridas

Henri

Depois daquele terrível encontro, eu estava muito magoado. Meu coração tinha sido completamente esfaqueado. Eu não entendia por que Carol tinha me machucado tanto, por que ela simplesmente não tinha me dito que não me queria quando eu lhe contei a verdade há um ano e meio... Enfim, eu não entendia por que ela me odiava tanto, enquanto eu a amava tanto... Sentir-me odiado por ela enquanto a amava fazia não apenas meu coração doer, mas também a minha alma. Vê-la me encarando no semáforo com aquele olhar de curiosidade, de espanto que parecia dizer “*como aquele inválido*”

dirige?”, foi insuportável, virei o rosto e adquiri a maior distância que eu pude do carro dela.

A verdade é que eu sentia vontade de chorar a cada vez que eu me lembrava da beleza de Carol enquanto me machucava e me mostrava todo seu preconceito: os cabelos castanho-escuros lisos e ornados por cachos nas pontas, soltos, emoldurando seu rosto e esvoaçando ao vento, seus olhos cor de mogno faiscantes de ódio, as bochechas coradas, a boca rósea desenhando cada palavra, emitindo cada som cortante com o qual me feria. E era constante essa lembrança em minha mente.

Cheguei à casa de meus pais às 18h30, fui para o quarto, despi-me e pedi que meu pai me levasse para o banheiro para que eu pudesse tomar banho. Nos poucos dias em que passei na casa de meus pais era sempre assim: precisava de ajuda para ir ao banheiro, para lavar as mãos, para tomar banho e para vencer o degrau que separava a entrada da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casa da garagem. A casa de meus pais não era adaptada às minhas necessidades, pois, depois do acidente de carro, eu não mais retornei à casa deles. Fui direto do hospital para São Paulo e nunca tinha retornado até então.

— Precisa de alguma ajuda, filho? — perguntou meu pai ao descer o degrau que havia entre a parte externa e interna do box e colocando-me sobre uma cadeira para que eu pudesse tomar banho.

— Não, pai. Obrigado! — agradei num grande esforço, pois já estava difícil conter o choro.

Quando meu pai saiu, abri o chuveiro e, enquanto a água molhava meu corpo, eu chorava silenciosamente, deixando que as minhas lágrimas se fundissem com a água do chuveiro. Chorei silenciosamente durante todo o banho e todas as lágrimas vertidas não foram suficientes para apagar a dor que eu sentia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao findar o banho, algumas lágrimas ainda rolavam, de vez em quando, por meu rosto, tanto que fiquei lá no banheiro, quieto, sem coragem de chamar meu pai, pois não desejava que ele descobrisse a humilhação que eu tinha sofrido. Preocupado, ele entrou no banheiro uma hora e meia depois e encontrou-me lá, nu, com os olhos vermelhos, o chuveiro desligado e o corpo já quase totalmente seco.

— Já terminou o banho, meu filho?

Balancei a cabeça positivamente sem vontade de falar.

— Você está bem? — perguntou preocupado.

Tornei a balançar a cabeça afirmativamente.

— Aconteceu alguma coisa? Seus olhos estão vermelhos... Você estava chorando? Está sentindo alguma coisa? — perguntou ele ainda mais preocupado.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, não aconteceu nada. Eu estou bem. Só o xampu que caiu no meu olho — menti, esforçando-me para parecer natural e para não externar a angústia que estava sentindo.

— Por que você não me chamou para ajudá-lo? Eu poderia tê-lo ajudado a lavar os cabelos...

— Eu posso lavar meus cabelos sozinho, pai. O xampu pode cair nos olhos de qualquer pessoa, não apenas nos meus — repliquei num esforço supremo.

Neste momento, eu devia ter me lembrado que desilusões amorosas também acontecem com qualquer pessoa e não apenas comigo, mas a sensação que eu tinha naquele dia era que eu era o único homem da face da Terra a sofrer uma desilusão amorosa e que a causa dela era a minha deficiência quando, na verdade, muitos outros homens já tinham sofrido também por amar e não serem amados. Além disso, a causa da minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desilusão amorosa era o preconceito de Carol e o fato de ela não me amar. Se me amasse, me aceitaria do jeito que eu sou, afinal o verdadeiro amor envolve superação.

Meu pai envolveu minha cintura com a toalha de banho, tomou-me nos braços e colocou-me sobre a minha antiga cama de solteiro, perguntando:

— Quer ajuda para se vestir?

— Não é preciso. Obrigado! — agradei.

Coloquei a sonda, vesti-me, peguei um livro que estava sobre o criado-mudo e permaneci sentado na cama, tentando lê-lo, mas não obtive sucesso, pois não conseguia deixar de pensar naquele fatídico encontro. Meia hora depois, minha mãe adentrou o quarto me chamando:

— Vamos jantar, meu filho?

— Estou sem fome.

— Mas não é bom ficar sem comer. Quer que eu traga seu jantar aqui?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei que não é bom ficar sem comer, mãe; mas, hoje, eu não consigo comer nada, simplesmente não desce. — reforcei minha negativa.

— Você está doente? Está sentindo alguma coisa? Alguma dor? — perguntou preocupada.

— Não, não estou sentindo nada, é só uma indisposição. Logo passa — afirmei.

— Tem certeza? — perguntou com olhos perscrutadores, mas tínhamos passado muito tempo distantes um do outro para que ela ainda me conhecesse como outrora.

— Tenho — afirmei, procurando disfarçar minha tristeza.

— Imagino que amanhã você irá se alegrar. Toda a família estará aqui no almoço de comemoração de seu retorno.

— Sim, minha mãe. Amanhã, estarei melhor. Mas não sei se é um retorno definitivo; uma vez

que, assim que eu terminar o trabalho que farei aqui, poderei retornar para São Paulo.

— Mas quem sabe você não poderá ficar em Jequié? — indagou esperançosa.

— Não sei. Vamos dar tempo ao tempo — respondi evasivamente, pois a última coisa que eu gostaria de me lembrar naquele momento era que eu teria que passar um tempo em Jequié, trabalhando na implantação do “Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital de Reabilitação Santa Mônica, Regional de Jequié”, e que eu tinha me prontificado a fazer isso.

Minha mãe deixou o quarto alguns instantes depois e eu desisti de tentar ler o livro. Tentei dormir, mas passei a noite em claro, contemplando as figuras desenhadas no gesso do teto e revivendo cada segundo daquele encontro. Houve um momento na madrugada em que as figuras geométricas do gesso pareceram fundir-se e

PERIGOSAS ACHERON

transformar-se no belo rosto de Carol que, com os olhos vidrados de ódio, parecia repetir todas as palavras horríveis que me dissera. Esfreguei os olhos, consciente de que era um delírio de sono e cansaço, e pedi a Deus para adormecer, pois isto seria um anestésico para a minha dor. Todavia, só consegui dormir às cinco da manhã e tive um sono agitado. Acordei às dez com um baita beijo na face.

— Bom dia! — saudou-me Leno com um grande sorriso no rosto.

— Bom dia — respondi sem ânimo. — O que deu em você? Está doido?

— O que foi? Não posso mais beijar meu irmãozinho caçula? — me perguntou ainda sorrindo.

— Caçula? — resmunguei em tom reprovador para, em seguida, responder: — Poder, pode, mas...

Leno interrompeu-me, brincando:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu Deus, Henri! O que aconteceu com você? Está com olheiras profundas e a cara toda amassada! Parece que um trator passou por cima de você!

— De certo modo, sim — disse despretensiosamente.

Ao ouvir isso, Leno ficou sério e perguntou:

— Henri, agora, sério, sem brincadeira: o que aconteceu? Você está com a cara péssima e acaba de admitir que um trator passou por cima de você. Papai e mamãe disseram que, desde o final da tarde de ontem, você não parece bem. O que está acontecendo com você?

— Nada. É só... uma noite maldormida e... uma pequena... indisposição. — Custei a achar as palavras para mentir para o meu irmão. Era difícil mentir para ele, nossa ligação era muito forte.

— Indisposição? Como assim? — Leno parecia não acreditar muito no que eu dissera.

PERIGOSAS ACHERON

— É que... é que... eu ainda não me acostumei... com o calor de Jequié. Está muito quente, eu passei muito tempo fora e... ainda não me acostumei. — Tornei a atrapalhar-me ao mentir.

— Henri, eu conheço você! Sei que você não está me falando a verdade e não sei por que você não quer me contar o que aconteceu. Percebi que você não está bem, então não vou insistir. Mas espero de todo o coração que você se recupere logo.

— Obrigado! — agradei, pois não havia como contestá-lo sem mentir e eu não queria mentir mais para ele.

— Agora, se vista; porque, daqui a pouco, nossos irmãos chegam para o almoço! — disse Leno, sorrindo novamente, e erguendo-se da cama que um dia, há vinte anos, fora sua.

Reunir todos os seus filhos e netos era uma alegria para a minha mãe, pois ela e meu pai

PERIGOSAS ACHERON

constituíram uma grande família: cinco filhos, duas noras, dois genros e onze netos.

Meu irmão mais velho chama-se Orlando Júnior (a quem todos chamam apenas de Júnior), tem cinquenta anos, é casado com Ivanildes e tem quatro filhos: os gêmeos univitelinos Élcio e Éric (de 28 anos) e os gêmeos bivitelinos Marivone e Marlon (de 25 anos). Depois de Orlando, veio Carmelita (a quem todos chamam de Lila), que tem quarenta e cinco anos, é casada com Alfredo e tem dois filhos, Thales (de 28 anos) e Ilma (de 22 anos). Teodora, a quem todos chamam de Dora, é a caçula das mulheres, tem quarenta e dois anos, é casada com Hélio e tem três filhos: Hélio Júnior (de 21 anos), Isadora (de 19 anos) e Tércio (de 6 anos). Flávio Heleno, a quem todos chamam de Leno, é meu irmão predileto e, como eu já mencionei, temos uma forte ligação um com o outro. Ele tem trinta e nove anos, é casado com Estela e tem dois

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

filhos: Kaliandra (de 19 anos) e Alessandro (de 12 anos). Abstenho-me de falar de mim, pois vocês conhecer-me-ão ao longo das páginas deste diário.

Ao meio-dia, estavam todos na casa de meus pais: irmãos que eu não via pessoalmente há vinte anos e com quem só conversava por telefone (Leno era o único que ia a São Paulo me visitar), sobrinhos que não conhecia (uns, porque os vi muito pequeninos; outros, porque não os conhecia mesmo) e grande parte de seus respectivos namorados, namoradas, esposos, esposas e até filhos, pois Élcio, Éric e Ilma eram casados e Marivone era mãe solteira. Todos eles me cumprimentaram, alguns com uma expressão de saudade e amor no rosto, outros com cara de curiosidade, outros com olhar de pena e outros ainda (os pequenos) com um olhar interrogativo como se quisessem me perguntar por que eu não caminhava como as outras pessoas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha mãe, Ana Maria, estava radiante e eles eram a minha família, mas eu passei tanto tempo afastado, tanto tempo longe deles, que não me sentia parte dela. Ao contrário, sentia-me tão incomodado como um estranho ou um penetra, quando minha presença ali era o real motivo daquela reunião. Mas, apesar de tudo, ainda que momentaneamente, ela me fez esquecer a minha desilusão amorosa.

Como havia muita gente na casa e ela não era muito grande, nem todas as pessoas sentaram-se à mesa. Para as crianças, foi improvisada uma mesinha e os adultos espalhavam-se por todos os lugares com pratos nas mãos. As pessoas riam, conversavam, se divertiam, mas eu não conseguia. Queria ir para o meu quarto, fechar-me lá dentro e só sair quando tivesse esquecido Carol definitivamente. Mais ou menos no meio do almoço, minha mãe fez um comentário infeliz:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fico tão feliz de ver todos os meus filhos casados e com filhos!

Ela havia se esquecido de mim que era solteiro e, provavelmente, nunca iria ter filhos, o que fez com que todos olhassem para ela e, em seguida, para mim. Percebendo a confusão, mas bastante inocente ao ponto de repetir comentários alheios, Tércio disse em um tom de voz audível a todos:

— Não, vovó, só o tio Henri não casou, porque ele é aleijado!

Novamente, todos os olhares pousaram-se sobre mim. Eu tentei parecer natural, fingir que não tinha ouvido, mas não consegui. Se fosse em outro momento, certamente conseguiria, mas não naquele dia, no qual as palavras ofensivas de Carol ainda estavam tão vivas em minha memória. Não tive alternativa, murmurei um “*com licença, preciso me retirar*” e comecei a tocar a cadeira de rodas em direção ao quarto.

PERIGOSAS ACHERON

Antes que eu chegasse ao quarto, ouvi Dora me chamando. Trazia Tércio pela mão e ralhava com ele. Voltei-me para ela com um semblante de dor que, em vão, tentava esconder e perguntei:

— Sim?

— Tércio vai pedir desculpas a você. Já expliquei para ele que não se pode falar uma coisa dessas com ninguém! — disse Dora.

— Não foi por mal, mamãe! Eu não sabia que era errado! — afirmava o garoto, já com as primeiras lágrimas molhando o rosto.

— Vamos, peça desculpas! — Dora insistiu.

— Desculpa, tio Henri! — pediu o menino.

— Está desculpado, Tércio! Eu sei que não foi sua culpa! Agora, vá terminar de almoçar, vá! — disse, esforçando-me para sorrir e com a voz mais calma que pude pronunciar.

Quando o menino se afastou, Dora tornou a desculpar-se:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Perdoe-me, meu irmão! Eu não sei o que deu nele e...

— Ele só repetiu as palavras preconceituosas que ouviu de alguém, só isso — repliquei secamente.

— Eu sei... Estou muito envergonhada... — lamentou Dora.

— É só ter um pouco de cuidado para que ideias preconceituosas não sejam disseminadas em sua família — disse por fim.

— Perdoe-me novamente! — ela pediu e se retirou.

Antes que eu pudesse girar a cadeiras de rodas em direção ao quarto, fui abordado por minha mãe que parecia muito transtornada devido ao seu lapso:

— Meu filho, me perdoe! Não foi minha intenção excluí-lo, esquecê-lo, constrangê-lo!

— Eu sei que foi sem querer, minha mãe! Fique tranquila, não estou chateado, só cansado —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

garanti. — Agora, volte para a mesa! Há muitas pessoas esperando pela senhora! — finalizei.

Quando minha mãe se afastou, Leno se aproximou e disse em tom de brincadeira:

— Agora é a minha vez!

— Sua vez de quê? — perguntei, girando a cadeira de rodas na direção do quarto. — Que eu saiba, você não me disse nada que o fizesse me dever desculpas — completei, rodando para o quarto e deixando-o parado na cozinha.

— Não. Mas eu quero conversar com você — afirmou Leno, seguindo atrás de mim.

— Conversar o quê? — perguntei, entrando no quarto.

— O Henri que eu conheço não teria essa reação de agora há pouco — disse Leno, fechando a porta atrás de si.

— Talvez não me conheça tão bem quanto pensa — rebati.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, conheço, sim! Eu sei o quanto você lutou para ser o mais independente possível! Sei que você sempre abominou o preconceito! O Henri que eu conheço não ficaria calado e se retiraria com vergonha de si mesmo. Ao contrário, ele explicaria que a deficiência, seja ela qual for, não impede o casamento, o sexo, a formação de uma família, que o que impede é o preconceito, a discriminação e a ignorância das pessoas! Por que não disse isso? O que aconteceu ou o que está acontecendo com você? Estou preocupado, estou mesmo — argumentou Leno com uma sincera preocupação na voz.

— Está bem, eu vou lhe contar; mas, por favor, não conte a ninguém. Certo? — cedi, pois estava sem forças para resistir. Eu precisava desabafar com alguém e sabia que ele era a melhor pessoa para isso, a que mais me compreenderia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode confiar em mim, irmãozinho — garantiu Leno, sentando-se à cama.

— Há dois anos e meio, eu mantinha um... namoro virtual, um relacionamento pela internet com uma moça daqui de Jequié... — comecei, abaixando a cabeça. Não sei por que me senti envergonhado ao começar o relato. — Tem, mais ou menos, um ano e meio que contei a ela que sou cadeirante e até anexeí uma foto ao e-mail. Na época, ela não se importou, disse que me amava... Ontem, nos encontramos pessoalmente e ela me rejeitou, disse-me coisas horríveis... Eu sei que é ridículo, incoerente e que eu fui um idiota carente, mas a verdade é que eu sou completamente apaixonado por ela e essa rejeição me machucou muito — concluí o relato em voz muito baixa. Era cada vez mais difícil de falar, pois eu sentia vontade de chorar e não queria fazer isso na frente de ninguém.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sinto muito, Henri. Mas a única coisa que posso lhe dizer é que ela, com certeza, não o ama, nem o merece. Esqueça-a! Eu tenho certeza de que você ainda vai encontrar uma mulher que o ame do jeito que você é e que vocês formarão uma família — Leno tentou me consolar. A esperança era visível em seus olhos.

— Eu não tenho tanta certeza assim. Já não sou mais tão jovem e a sociedade, as pessoas em si, são muito preconceituosas. Tem pessoas que nem se aproximam de mim, é como se tivessem receio de alguma coisa! Outras fingem que não me veem, reagem como se eu não estivesse presente! Outras me olham com pena, como se eu fosse um incapacitado! Tenho limitações, mas não sou incapacitado! Sou sempre considerado assexuado! Uma das coisas que eu mais quero na vida é ter uma família, um casamento, esposa e filhos, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sei que é mais difícil para mim! — rebati com a dor expressa em minha voz.

— Lamento tudo isso, Henri, mas a única forma de mudar tudo isso é lutar contra o preconceito e a ignorância das pessoas — afirmou ele.

— Eu sei que você tem razão; mas, primeiro, eu preciso lutar contra a dor de amar e não ser amado — lembrei.

Neste momento, Kaliandra bateu à porta, chamando Leno:

— Papai, mamãe está chamando o senhor para irmos para casa!

— Já estou indo, minha filha! — respondeu ele e, tocando no meu ombro, disse-me: — Força, meu irmão! Sei que você vai sair dessa!

— Obrigado, Leno! — agradeci com sinceridade.

— E, se precisar de alguma coisa, pode contar comigo! — disse ele, abrindo a porta do quarto, saindo e fechando-a atrás de si.

PERIGOSAS ACHERON

Ao ficar sozinho novamente, notei que, embora ainda doesse bastante, foi bom ter desabafado com Leno. Externar minha angústia tinha me deixado mais forte para enfrentá-la.

No Natal e no Ano Novo, toda a minha família foi para a casa de praia de Júnior em Ilhéus. Como podem imaginar, eu não tinha ânimo para comemorações e, como minha casa ainda não estava pronta e a casa de meus pais tinha problemas de acessibilidade, não dava para eu ficar sozinho lá. Então, por mais esdrúxulo que pareça, passei as festas em um hotel (com apartamento acessível a pessoas com deficiência) em Jequié mesmo.

Passei os dias lendo, assistindo televisão, escrevendo o meu trabalho de pós-doutorado e acessando a internet. Depois de nove dias sem entrar no chat no qual eu conversava com Carol, finalmente o acessei na noite de Natal. Ela não havia me bloqueado de sua lista de contatos, mas

PERIGOSAS ACHERON

estava *off-line*. Num instante, veio-me à mente que, para esquecê-la definitivamente, deveria bloqueá-la, excluí-la da minha vida em todos os sentidos e, embora achasse que ela jamais tornaria a procurar conversa comigo, concretizei a minha decisão de bloqueá-la de minha lista de contatos. Ao terminar de fazer isso, tive um súbito arrependimento, mas depois concluí que tinha sido melhor assim.

Em 05 de janeiro de 2009, uma segunda-feira, já me sentindo bem melhor e sem toda aquela carga emotiva dos primeiros dias após o encontro com Carol, iniciei meu trabalho no Hospital de Reabilitação Santa Mônica de Jequié.

CAPÍTULO 4

Surpresa

Carol

Ah, sem dúvida, aquele tinha sido um dos meus melhores fins de ano! Eu tinha passado o Natal e o Ano Novo com minha família na praia em Ilhéus e, embora eu não tivesse facilidade para arranjar namorado, conheci um rapaz chamado Walmir, que também é de Jequié, com quem fiquei durante este período de festas.

Mesmo sabendo que ficar não significa nenhum tipo de compromisso, envolvendo, muitas vezes, apenas uma atração sexual passageira, ter ficado com ele me fez muito bem, pois senti-me desejada, atraente. Além disso, ele era um rapaz bonito: estatura média, pele bronzeada, cabelos castanhos

encaracolados, olhos cor de mel, corpo atlético, traços fisionômicos e gestos másculos. Enfim, um tipo de homem pelo qual muitas mulheres babariam e ele tinha ficado comigo.

Assim, voltei ao trabalho me sentindo renovada. Parei o carro no estacionamento do hospital e dirigi-me à nova sala onde eu iria trabalhar. Passei pela recepção e pelo amplo corredor, cumprimentando a todos que encontrava, e adentrei a última sala da esquerda no final do corredor.

No momento em que eu pisei a soleira da porta, percebi que alguém em uma cadeira de rodas voltava-se para mim com um sorriso.

— Carol! — exclamou Henri bastante surpreso. À medida que ele pronunciava meu nome, o sorriso se desfazia nos lábios dele até que ele assumiu um semblante entre preocupado e constrangido.

— Henri! — Também não pude me furtar de exclamar, pois fiquei bastante surpresa. — O que
PERIGOSAS ACHERON

está fazendo aqui? — perguntei.

Antes que Henri respondesse, o diretor do hospital, Jonas Rantero, que também se encontrava na sala com ele, replicou:

— Que bom que vocês se conhecem! Isso vai facilitar muito o trabalho de vocês. Henrique vai trabalhar aqui. Será o seu chefe, na verdade. Ele é aquele pesquisador de São Paulo que eu lhe falei que iria vir montar e auxiliar, com seu conhecimento e experiência técnico-científica em Bioética, a comissão de formação do Núcleo de Bioética e do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do hospital. Pedimos auxílio à regional de São Paulo e eles se prontificaram a nos ajudar, enviando Henrique para nos assessorar.

— Então, é só uma visita? — perguntei esperançosa.

— Sim e não, pois não se trata de apenas um dia. O planejamento é que ele fique até que o Núcleo de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bioética e o CEP já estejam funcionando. Todavia, ficar mais ou menos depende dele (se ele desejar ficar mais) e também do desenvolvimento do trabalho — explicou Jonas.

— Ah... — disse, tentando esconder o desapontamento.

— Bem, eu vou para a minha sala e vou deixá-los começar o trabalho. Sua função será secretariar Henrique e ajudá-lo em tudo o que for necessário para o bom desenvolvimento do trabalho. Ele lhe explicará no que consistirá seu trabalho. Adeus! — disse o diretor do hospital.

— Tchau! — Coincidentemente, eu e Henri respondemos ao mesmo tempo.

Assim que o diretor saiu, fechando a porta atrás de si, voltei-me para Henri, encarei-o, franzi o cenho e perguntei:

— Que perseguição é essa?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é perseguição, é coincidência — replicou Henri objetivo e com palavras firmes, apesar de seus olhos expressarem uma profunda tristeza.

— Não acredito — afirmei com raiva.

— Problema seu — ele respondeu com um gesto de indiferença.

— Vá embora daqui! Suma! — exigi.

— Lamento não poder realizar seu desejo — replicou ele secamente.

— Eu odeio você — declarei com a voz repleta de ódio.

— E eu amo você — ele confessou. Ao dizer isso, tinha os olhos pousados no chão, não dava para ler o que eles diziam; mas, para mim, aquela reação denotava tristeza ou vergonha.

— Você o quê? — perguntei grosseiramente.

— Você ouviu e não vou repetir — ele respondeu duramente.

— Masoquista! — acusei-o.

PERIGOSAS ACHERON

— O que eu sou ou deixo de ser é problema meu — replicou ele evasivo. Pensei que, talvez, ele mesmo se considerasse masoquista.

— Mentiroso! Desonesto! Enganador! — acusei-o novamente.

— Chega! Quer me xingar, me xingue lá fora! Aqui, queira você ou não, mesmo me odiando, terá que aprender a conviver comigo! Será um relacionamento profissional e nada mais do que isso. Trate de se conter! — ele rebateu com um tom de raiva na voz, parecia ter perdido a paciência.

— Xingá-lo lá fora para você mandar me demitir? Não, não faria isso! Não sou tão estúpida! — neguei-me.

— Não vou mandar demiti-la. Não tenho nenhuma intenção de fazer isso ou de prejudicá-la. Disse lá fora, porque fora das paredes do hospital não temos nenhum tipo de relacionamento, nem o profissional. Se eu quisesse prejudicá-la, tinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

falado para o diretor que me recusava a trabalhar com alguém extremamente preconceituoso e que, com certeza, atrapalharia meu trabalho. Não sou o tipo de pessoa que detona ninguém, se é disso que tem medo! — ele replicou.

Como eu não sabia o que responder, fiquei calada e ele continuou:

— Ah! E, antes que eu me esqueça, você sabe tão bem quanto eu que não menti para você, não a enganei e não fui desonesto com você! Tem um ano e meio que eu lhe contei que sou cadeirante. Fui tão honesto com você que lhe enviei até uma foto minha de corpo inteiro, na cadeira de rodas. E você me aceitou! Agora, não sei por que, e também não me interessa mais saber, você resolveu me rejeitar. Assuma sua postura preconceituosa e pare de pôr a culpa em mim!

— Você contou? Quando foi isso que eu não sei?
— duvidei.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu enviei a você um e-mail com uma foto minha contando tudo há mais ou menos um ano e meio. Não me lembro da data precisa — afirmou.

— Não recebi e-mail algum! — rebati.

— Tanto recebeu que respondeu — tornou a afirmar. — Bem, deixemos de acusações que não levam a nada e vamos trabalhar! — mudou de assunto e me perguntou: — Você já teve algum contato com a Bioética e/ou a Ética em Pesquisa alguma vez?

— Bem, como sabe, sou formada em Ciências Biológicas. Na graduação, eu não tive uma disciplina de Bioética, mas tive um professor no primeiro semestre que falava bastante sobre ética, bioética e também assisti em um evento uma palestra sobre bioética que me interessou muito. E submeti os meus projetos de graduação e especialização a um CEP e estou fazendo minha dissertação de mestrado na área da Bioética. Acho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os CEP muito interessantes, mas não tenho um conhecimento profundo sobre o seu cotidiano ou como se dão suas atividades — admiti.

— Sabe, Carol, para...

— Senhorita Ana Carolina Silva Amys, mas pode me chamar de senhorita Ana Carolina.

Henri olhou para mim com um olhar magoado e continuou:

— Senhorita Ana Carolina, o trabalho em um CEP é apaixonante; mas, às vezes, pode também ser ingrato e exasperante; pois, nem sempre, as pessoas têm o conhecimento necessário sobre a Bioética, a Ética em Pesquisa e o processo de revisão ética dos projetos e, não raro, não compreendem o parecer e a necessidade de atender as pendências.

Eu nunca tinha vivenciado esta experiência de trabalhar num CEP; portanto, limitei-me a perguntar:

PERIGOSAS ACHERON

— Quando começou a trabalhar em um CEP?

— Bem, quando sofri o acidente, fui logo transferido para São Paulo e passei por vários hospitais. O último deles foi o Santa Mônica de lá, no qual me reabilitei. Durante a reabilitação, fui convidado a participar do Conselho de Ética do hospital. Antes mesmo da Resolução 196/1996, eles já tinham uma preocupação em ter uma representação dos usuários do hospital. Gostei de participar e, um ano depois, prestei concurso para a área administrativa do hospital e tornei-me secretário do Conselho. Fui estudando, me graduei em Ciências Biológicas, fiz especialização em Educação, mestrado e doutorado em Bioética e cheguei a presidente do CEP e coordenador do Núcleo de Bioética, cargos que deixei quando fui para o pós-doutorado. Agora, estou aqui — ele falava como se eu não estivesse lá, como se

PERIGOSAS NACIONAIS

conversasse consigo mesmo, pois seu tom de voz era baixo e concentrado.

— E você já terminou o pós-doutorado? — Foi só o que eu pude perguntar diante do relato de superação que acabara de ouvir.

— Não, ainda estou escrevendo, mas estou terminando — ele replicou displicentemente. — É importante você saber também que terá que estudar se quiser fazer um bom trabalho. A Bioética e a Ética em Pesquisa vão exigir isso de você — completou, retirando de sua bolsa estilo carteiro duas encadernações. — Eu vou emprestar para você estes dois livros: os Cadernos de Ética n.º 1 e o Manual Operacional para Comitês de Ética em Pesquisa. Eles estão disponíveis na internet e são materiais básicos. Se você se interessar, logo aprenderá a encontrar outros — finalizou, dirigindo-se para o computador.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada — agradei sem jeito, recebendo os livros. Instintivamente, folheei as primeiras páginas dos livros e encontrei escrito neles o nome “Henrique Fabrício Alves Fontes”, o que me levou a perguntar impulsivamente: — Quem escreveu isso aqui?

— Eu — afirmou ele à frente de uma bancada de mármore com largura e altura suficiente para que ele pudesse acomodar a cadeira e digitar.

— Eu pensei que não pudesse escrever... — murmurei.

— Posso. Não com a mesma agilidade e a perfeição caligráfica que você. No início, perdi a capacidade de escrever, mas fui readquirindo com a reabilitação — ele me explicou normalmente. Sua voz não denotava raiva ou indignação pela minha ignorância. A reação dele foi a mesma que ele teria se eu lhe perguntasse as horas.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada por explicar — agradei sem graça e, sentando-me à mesa onde ficava o computador destinado a mim, dei-me conta de que não sabia o que fazer. Olhei para Henri e ele estava concentrado no computador, parecia estar pesquisando algo. Imaginei que ele não gostaria de ser interrompido e comecei a observar o ambiente em que nos encontrávamos, o qual era a primeira vez que eu adentrava depois da reforma.

Tratava-se de uma sala ampla e aconchegante. À direita da porta de entrada, ficava a minha escrivaninha em formato de L com um computador e uma impressora. Contígua à minha escrivaninha ficava a espaçosa bancada de mármore, na qual ficavam o computador e a impressora para uso de Henri. Ao lado da porta de entrada, ficavam as cadeiras para que as pessoas que chegassem se sentassem, enquanto à esquerda havia a porta da ampla sala de arquivo e à frente havia duas outras

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

portas: uma conduzia à sala de reuniões e outra ao banheiro.

A sala de reuniões também era ampla. Possuía, em seu centro, uma grande mesa cercada por vinte cadeiras acolchoadas. As paredes eram ornadas pelos quadros pintados pelos pacientes nas atividades de reabilitação, o que os tornava bastante originais.

Como não estava fazendo nada, levantei-me e entrei no banheiro por curiosidade. Lá havia dois boxes com sanitário. O primeiro era bastante espaçoso para poder acomodar uma cadeira de rodas em seu interior e possuía um sanitário adaptado e barras de apoio. Fora do box, os acessórios de banheiro estavam fixados em uma altura em que Henri podia facilmente acessá-los e a pia era feita de tal forma que ele pudesse acomodar a cadeira para lavar as mãos.

PERIGOSAS ACHERON

Voltei do banheiro, sentei-me à escrivaninha e fiquei observando enquanto Henri trabalhava no computador. Concentrado no que fazia, ele levou uma das mãos aos cabelos levemente despenteados como se quisesse ajeitá-los e voltou as mãos para o teclado. Ele digitava lentamente com apenas três dedos de cada mão. Repentinamente, parou, ergueu com certa dificuldade a perna esquerda e cruzou-a sobre a direita, retornando ao trabalho em seguida. Seu rosto, ornado por óculos de grau, estava calmo, angelical e, embora ele já não fosse muito jovem (o que podia ser evidenciado por pequeninas rugas na lateral de seus olhos), sua face era extremamente bela, dotada de traços perfeitos e com lábios róseos e apetitosos. Seu corpo era bastante magro e estava longe da perfeição física. Ele vestia roupas largas: uma camiseta de malha de manga curta verde-água, uma calça jeans com bolsos na coxa e um tênis com fecho de velcro. Não sei o porquê, mas, naquele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momento, eu enxerguei nele uma sensualidade que eu não tinha visto no dia de nosso primeiro encontro (acho que, naquele dia, a única coisa que eu enxerguei nele foi o meu preconceito e o externei) e senti-me muito atraída por ele, apesar de minha mente repudiar e não admitir isso veementemente.

— Senhorita Ana Carolina? Senhorita Ana Carolina?

— Hã? — respondi, abandonando meio atordoada os meus pensamentos e notando que era Henri que me chamava. Ele parara o que estava fazendo, inclinara a cadeira em minha direção e fitava-me com os olhos azuis com uns reflexos esverdeados, devido ao contraste de cor com a sua camiseta, e uma expressão de tristeza em seu rosto.

— O que foi? — perguntou ele em voz baixa.

— Como assim? — perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

— Você estava me encarando como se eu fosse um ET e queria saber por quê — disse ainda me olhando.

Eu não podia dizer para ele que comecei a contemplá-lo por curiosidade e que comecei a achá-lo atraente. Então, contei apenas parte da verdade:

— É que eu... eu tenho curiosidade... Não sei o que aconteceu a você, o que você tem e, em geral, as pessoas sabem pouco ou nada sobre como vivem as pessoas com defeito físico.

— Por favor, não use o termo defeito, use deficiência. Eu tenho uma deficiência física. Como já lhe falei uma vez, eu sofri um acidente de carro e fiquei tetraplégico — ele replicou com a voz calma, baixa e pausada.

— Mas os tetraplégicos não são aqueles deficientes que perderam os movimentos do pescoço para baixo? Você é todo troncho, mas movimenta os braços e as mãos — disse e, ao

PERIGOSAS ACHERON

perceber que eu tinha sido bastante grosseira ao me referir a ele como troncho, ele baixou os olhos imediatamente, mas não contestou. Arrependida, pedi: — Perdoe-me! Eu não quis ser grosseira!

— Olhe, eu sei que não sou nenhum modelo de perfeição e beleza; mas, por favor, evite usar termos pejorativos, pois eles acabam me machucando — pediu com calma, embora seus olhos demonstrassem que eu o tinha ferido novamente. — Agora, respondendo à sua pergunta, a mobilidade depende do local da lesão e também da reação do organismo de cada um. As lesões na coluna cervical são as mais graves e, quanto mais alta é a lesão, maior é o comprometimento. Minha lesão ocorreu ao nível de C6, C7 e eu me esforcei o que pude para conseguir um relativo grau de independência funcional. Então, minha paralisia é dos mamilos para baixo, mas tenho relativo controle do tronco, alguns movimentos nos braços

PERIGOSAS NACIONAIS

e em três dedos de cada mão. E eu me considero uma pessoa independente. Não é a cura; mas, para mim, é uma grande conquista — explicou.

— Obrigada por explicar! — agradeceu.

— Quando a senhorita tiver alguma dúvida ou curiosidade, prefiro que me pergunte e que não fique me olhando como se eu fosse um ET.

Então, aproveitei para perguntar:

— Por que colocou uma perna cruzada em cima da outra?

— Para mudar um pouco de posição. Preciso sempre mudar a posição do corpo para evitar feridas e os pés precisam ficar apoiados. Você vai me ver fazer isso várias vezes — ele esclareceu com muita naturalidade, parecia até gostar de responder à pergunta.

— E você já teve feridas?

— Já. No início, quando permanecia o tempo todo na cama.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que o bolso de sua calça é na coxa?

— Para facilitar o uso do bolso. Para quem vive sentado, bolso no quadril incomoda.

— Obrigada por responder a todas as minhas perguntas — agradei. — E mais uma coisa: um dos motivos pelos quais eu fiquei aqui parada olhando com curiosidade para você é que eu não sei o que tenho que fazer e você estava tão concentrado em seu trabalho que não me senti à vontade para interrompê-lo — admiti.

— Bem, nós teremos que formar uma comissão que dará origem ao Núcleo de Bioética e ao CEP. Para montar essa comissão, precisamos que as pessoas se interessem por ela e se reúnam conosco e, para isso, elas precisam saber o que é um núcleo de bioética e o que é o CEP, qual a importância e a função destes órgãos e como eles funcionam e também a contribuição deles para as pesquisas realizadas no hospital e também para a garantia dos

PERIGOSAS ACHERON

direitos dos clientes do hospital. A melhor forma de começar a fazer isso, na minha opinião, é convidar as pessoas, funcionários, clientes do hospital e seus familiares para participarem de uma palestra. O que acha, senhorita Ana Carolina? — explicou. Seus olhos agora assumiram outra expressão, eram profissionais, técnicos, sérios, objetivos e refletiam toda a vivacidade de seu talento e inteligência.

— Eu concordo, senhor Henrique!

— Não me chame assim! Chame-me de Henri como sempre me chamou. É assim que todo mundo me chama e eu prefiro assim. Certo? — pediu.

— Certo, mas não pense que, por causa disso ou por estarmos trabalhando juntos, vou reconsiderar e namorar você — alertei.

— É claro que sei disso! Seria louco se pensasse o contrário depois das coisas que você disse. Não tenho mais nenhuma pretensão de ter um relacionamento pessoal com você, apenas

PERIGOSAS ACHERON

profissional e, mesmo assim, porque não há jeito, pois eu preferia não vê-la nunca mais — disse com sinceridade.

— Fico feliz em ouvir isso.

— Bem, voltando ao trabalho, pensei que poderíamos pedir que as pessoas interessadas em participar das reuniões da comissão entrem em contato conosco presencialmente, por telefone ou e-mail (precisamos criar um e-mail) e assim formamos a comissão. Depois disso, vamos realizando as reuniões da comissão, discutindo assuntos relacionados à Bioética, à Ética em Pesquisa e ao Sistema de Revisão Ética das Pesquisas Envolvendo Seres Humanos e, então, preparamos a documentação para a implantação do CEP e realizamos os encaminhamentos necessários para seu registro nacional. Na verdade, o núcleo será criado quando da formação da comissão. De início, precisarei que faça e entregue os ofícios, que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agende o local da palestra e, se tiver tempo e quiser, pode me ajudar a pesquisar. Já tenho um material, mas sempre gosto de ir pesquisando para ver se há novos artigos sobre este assunto e, assim, vou me atualizando. Você concorda? — Henri continuou a explicar.

— Por que está sempre me perguntando se eu concordo? — indaguei.

— Porque eu gosto de discutir sobre as atividades a serem realizadas. Não gosto de ditar regras — replicou.

— Talvez, futuramente, eu possa contribuir melhor e realmente discutir com você os afazeres; mas, no momento, não tenho condições de fazer isso. É tudo muito novo para mim e eu preciso estudar para ter condições de emitir alguma opinião — admiti sincera.

— Certo. Se tiver tempo, aproveite também para ler e estudar — sugeriu Henri.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada! — agradei.

No final da manhã, eu estava abrindo a porta da minha nova sala, após ter entregado vários ofícios, quando me encontrei com uma colega do hospital que trabalhava no setor financeiro, o mesmo em que eu trabalhava antes, e comecei a conversar com ela:

— Mércia, bom dia!

— Bom dia, Carol! E aí? Está gostando do novo cargo?

— Estou me acostumando a ele, mas ainda tenho muito que aprender — admiti. — Quer conhecer meu novo local de trabalho? — perguntei por fim.

— Quero! — Mércia aceitou rapidamente, curiosa.

Entrei com ela na sala e, antes de mostrar-lhe o ambiente, por educação, apresentei-a a Henri:

— Henri, esta é Mércia do setor financeiro do hospital. Mércia, esse é o Dr. Henrique, meu novo

PERIGOSAS ACHERON

chefe.

— Bom dia, Dr. Henrique! — saudou-o com um sorriso nos lábios.

— Bom dia, Mércia! Pode me chamar de Henri — Henri retribuiu a saudação olhando-a de cima a baixo discretamente. Por ser acostumada a olhares muito mais indiscretos, ela não percebeu, mas eu percebi. Apesar de tudo, conhecia-o suficientemente para notar o olhar dele.

Mércia era uma mulher bonita. Loura, de cabelos lisos na altura do ombro, estatura média, pernas grossas, seios fartos e esculturais, barriga “chapada”, pele bronzeada, unhas perfeitas, blusa decotada, calça jeans muito justa, salto quinze agulha (do tipo que, para mim, era calçar e cair). Devo lembrar que os cabelos eram tingidos e alisados, os seios e a barriga eram produto de silicone e lipoescultura pagos pelo marido depois do segundo filho do casal e que as roupas e os

PERIGOSAS ACHERON

sapatos (na minha opinião) não eram apropriados para trabalhar, mas esse era o jeito dela. Ela gostava de ser uma mulher do tipo que fecha o trânsito, de ser apreciada, elogiada e, mesmo assim, era fiel ao marido e apaixonada por ele (vivia falando nele).

— Certo, Henri! — ela replicou com um sorriso também discreto, diferente daqueles que ela costumava dar, que pareciam dizer: “vamos! Elogie-me, diga que sou bonita!”. Era evidente que ela achava que ele não era capaz de notar a beleza dela.

— Posso mostrar a sala a ela? — perguntei a Henri.

— Claro! — ele respondeu monossilabicamente e retornou ao trabalho.

Aproveitei para colocar a conversa em dia com Mércia; pois, apesar de sermos completamente

diferentes (ela, um “mulherão”; eu o tipo “CDF”), gostávamos muito uma da outra e éramos amigas.

— E aí? Como foi o réveillon? — perguntei, enquanto percorríamos a sala.

— Foi bom, mas o de sempre. Passamos na casa da fazenda de meu sogro. A família reunida, crianças correndo de um lado para o outro, fogos de artifício à meia-noite, mas você sabe que o melhor de tudo para mim é sempre estar com o Maurício! — respondeu, sorrindo.

Maurício, o marido de Mércia, era professor de Educação Física, *personal trainner* e dono de uma das academias de ginástica mais famosa da cidade. Ele não só era bem-sucedido financeira e profissionalmente, mas também era alto, moreno, forte, musculoso... Tudo fruto de muita malhação e algumas plásticas também. Mas, enfim, ele era dono de um físico e de um par de profundos olhos negros que poderiam deixar qualquer mulher

PERIGOSAS ACHERON

babando por um mês e, além de tudo isso, era uma pessoa extremamente gentil. Ele e Mércia eram o casal perfeito: lindos e apaixonados um pelo outro.

— E o seu réveillon como foi, Carol? — perguntou.

Estávamos deixando a sala de reuniões e retornando à sala de secretária do futuro Núcleo de Bioética e CEP do hospital, na qual Henri se encontrava trabalhando e onde também ficava minha escrivania. Esta feliz ou infeliz (depende do ponto de vista) coincidência deu-me mais uma oportunidade de feri-lo e, embora eu achasse que tinha exagerado pela forma como o tinha humilhado em nosso primeiro encontro, a verdade é que a vontade de puni-lo pelo mal que eu pensava que ele tinha me feito (ter mentido para mim, ter me enganado e, principalmente, ter feito com que eu me apaixonasse por uma fantasia que não existia) continuava viva e forte dentro de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, elevei um pouco a voz para ter certeza de que ele ouviria e procurei demonstrar muito mais empolgação do que eu realmente sentia ao responder:

— Foi sensacional! O melhor da minha vida! Passei em Ilhéus, conheci um rapaz daqui de Jequié e ficamos! Ele é lindo!

Olhei de esguelha para Henri, percebi que ele parou momentaneamente de trabalhar, suspirou como se lamentasse, baixou a cabeça, balançando-a negativamente de uma forma quase imperceptível e, após alguns instantes, retomou o trabalho. Eu tinha conseguido, feri-o outra vez.

— E vocês estão namorando? — perguntou-me Mércia e eu percebi que, novamente, Henri parara de trabalhar, esperando minha resposta. Ao notar a reação dele, senti-me muito tentada a mentir, mas achei que o certo era falar a verdade:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, nós apenas ficamos e trocamos telefones. Estamos na mesma cidade. Se eu ligar para ele ou ele me ligar, quem sabe acontece mais alguma coisa.

— Bem, amiga, eu lhe desejo toda a sorte do mundo! Mas agora eu tenho que voltar ao trabalho. Tchau, tchau! — disse Mércia, caminhando em direção à porta e voltando-se na direção de Henri para completar: — Tchau, Henri!

— Tchau! — Henri respondeu rápido demais para quem estava concentrado no trabalho.

— Obrigada, amiga! Tchau! — agradeceu e despedi-me dela. Em seguida, sentei-me à escrivaninha e duvidei de mim mesma ao me ouvir dizer: — Mas você, hein?

— Você está falando comigo? — perguntou, encarando-me sem entender o que eu quis dizer.

— Sim, estou. Você quase comeu Mércia com os olhos! — afirmei.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não a comi com os olhos. Ela é uma mulher bonita e eu a olhei discretamente, admirando a beleza dela — ele respondeu sinceramente. — Por quê? Está com ciúmes? — perguntou ele astutamente.

— Se enxergue! É claro que não! Eu não iria perder meu tempo tendo ciúmes de você! — Tornei a agir preconceituosamente e, como a ignorante idiota que eu era, procurei feri-lo novamente: — Só achei que... — Recomecei a falar, mas ele interrompeu-me sério, sem demonstrar nenhum abalo emocional ou sinal de raiva:

— Achou que, porque sou cadeirante, não vejo a beleza das mulheres como os outros homens? Eu só tenho algumas limitações físicas, senhorita Ana Carolina! Mas eu sou uma pessoa como qualquer outra! Tenho necessidades, sentimentos e percepções como qualquer pessoa! — explicou e voltou ao trabalho em seguida, sem mencionar o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fato de eu ter ficado com outro homem no réveillon. No final das contas, apesar de eu não querer admitir (nem para mim mesma), eu é que tinha bancado a ciumenta e sem motivo nenhum.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 5

Supermercado

Carol

No mesmo dia, à tarde, fui ao supermercado fazer algumas compras de rotina. Entrei no estabelecimento, peguei uma cestinha e, quando me dirigi a um dos corredores entre as prateleiras, vi Henri. Ele caminhava para um dos caixas (isso mesmo, caminhava!) com uma cestinha na mão. Lindo, alto, bem-vestido (roupas bem justas mostrando um belo corpo) e óculos escuros. Olhei para ele fixamente, mas ele fingiu não me reconhecer. Era como se ele não me visse, como se eu nem existisse!

“Meu Deus! Ele é mais mentiroso do que eu imaginava! Por que ele fez isso? Por que inventou

PERIGOSAS NACIONAIS

que tem uma deficiência sem tê-la? Qual é o objetivo dele?”, pensei tudo isso ao vê-lo passar as compras no caixa e sair do supermercado.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 6

Queda

Henri

No dia seguinte, cheguei ao trabalho às 6h55 e dei com Carol sentada à minha escrivaninha, trabalhando. Sorri e saudei-a:

— Bom dia, senhorita Ana Carolina!

— Bom dia, Dr. Henrique! — ela me respondeu muito séria, parecia estar zangada.

— Eu prefiro que me chame de Henri, lembra-se? — lembrei-a.

— Ah, é! — replicou com ironia na voz.

— Madrugou hoje? — perguntei ingenuamente.

— Um pouco — respondeu objetivamente e continuou mexendo no computador.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Senhorita Ana Carolina, poderia trocar de escrivaninha comigo? — pedi.

— Estou ocupada — respondeu sem desviar os olhos do computador.

— A senhorita vai demorar? — perguntei sem jeito.

— Vou — respondeu rispidamente.

— Então, não pode salvar o que está fazendo num *pen drive* e se mudar para o outro computador para que eu possa trabalhar também? — tornei a pedir.

— Já disse que não — rebateu em um tom zangado.

— Mas... — Tentei falar, mas ela me interrompeu taxativa:

— Quer trabalhar? A outra escrivaninha e o outro computador estão ali. Vire-se!

— Mas não dá para eu utilizar o outro computador com aquela escrivaninha... —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

argumentei.

— Vire-se!

Tentei utilizar a outra escrivaninha e não consegui, pois ela não possuía altura suficiente para que eu pudesse acomodar a cadeira de rodas e utilizar o computador. Novamente tentei convencer Carol a trocar de lugar comigo, mas não obtive sucesso:

— Senhorita Ana Carolina, não sei por que está determinada a me pirraçar, não sei o que fiz para isso; mas peço, por favor, que troque de lugar comigo.

— Ah, você não sabe? — Carol replicou irônica e completou: — A escrivaninha, o computador e a cadeira estão à sua frente, é só sentar e utilizar!

— A cadeira tem rodinhas. Uma transferência não seria muito segura... — Observei consciente do risco.

PERIGOSAS ACHERON

— Não é problema meu! Vire-se! — replicou com tanto ódio e indiferença que doeu meu coração.

Mesmo sabendo que poderia cair ao chão, resolvi tentar a transferência, pois pensava que Carol estava tentando convencer-me da minha suposta incapacidade. Pensei que provaria que ela estava errada ou que, se não conseguisse fazer isso, pelo menos, provaria que não era covarde por não tentar. A verdade é que toda essa disputa verbal que tinha se estabelecido entre nós fez-me subestimar os riscos que eu correria.

Aproximei minha cadeira de rodas da cadeira de escritório com rodinhas, apoiei uma das mãos nesta última e ergui-me; mas, quando dei um impulso para mudar meu corpo de cadeira, a cadeira de escritório com rodinhas deslizou e eu caí ao chão, batendo a testa na extremidade da escrivaninha e os braços e as pernas com força no chão, o que me

PERIGOSAS ACHERON

causou dor nos lugares do corpo onde tenho sensibilidade e alguns hematomas.

— Poderia me ajudar a levantar, a me sentar novamente na cadeira? — pedi.

— Que bom ator! O que você está esperando? Ganhar o Oscar de melhor ator? — Carol ironizou novamente, sem demonstrar nenhum tipo de sensibilidade. — Vamos! Levante já daí! — ordenou.

— Não posso! Você sabe que eu não posso! — afirmei aflito.

— Pare com essa encenação e levante-se já daí! É claro que você pode! Qual é o seu objetivo? Fazer com que eu sinta pena de você? Ou você fez isso para me forçar a terminar com você no dia do nosso encontro e agora está sendo obrigado a manter a farsa? Não era preciso nada disso, era só dizer que não queria nada comigo e pronto! Acabou a farsa! Eu vi você ontem no supermercado

PERIGOSAS NACIONAIS

caminhando normalmente! Você pode andar, sim! Eu vi! E você é tão arrogante que fingiu nem me conhecer! — Carol rebateu extremamente revoltada, havia muita raiva em sua voz.

— Não era eu, Carol! Eu não fui a nenhum supermercado ontem e, se fosse, com toda certeza, não seria caminhando com as minhas próprias pernas! Por favor, me ajude! Meu rosto está sangrando, sinto dores... — tornei a pedir, sentindo o sangue quente banhar meu rosto.

— Não me chame de Carol! Era você sim! O mesmo rosto, o mesmo cabelo com a diferença de que você usava roupas bem mais justas! Eu o reconheceria em qualquer lugar! — tornou ela com raiva. Por incrível que pareça, só então percebi que se tratava de um grande mal-entendido e que foi Leno que ela viu no supermercado, não eu. Era essa a única resposta possível e plausível para o fato de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela achar que tinha me visto andando, algo que já não faço há mais vinte anos.

— Olhe só, senhorita Ana Carolina, a senhorita pensou que me viu, mas na verdade viu Leno, meu irmão gêmeo e não a mim. Ele anda e eu não — expliquei. — Agora, peço que me ajude! — pedi mais uma vez.

Ela fez menção de se levantar, mas indagou indecisa como se ainda perguntasse a si mesma se deveria acreditar em mim ou não:

— Você é gêmeo?

— Sim, eu e Leno somos gêmeos idênticos ou, pelo menos, éramos até que eu me acidentei — repliquei.

Inexplicavelmente, Carol ainda parecia duvidar de mim e minha dor aumentava. Eu já estava me perguntando o que iria me acontecer quando um funcionário dos Serviços Gerais me viu caído ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chão através do vidro que havia na porta e, entrando na sala, perguntou:

— O que aconteceu aqui?

Carol não respondeu, embora tivesse aberto a boca para falar. Notei que ela começava a perceber a besteira que tinha feito e começava a se preocupar com o próprio emprego. Com tanto ódio que tinha de mim, não sabia se ela se preocupava comigo ou não.

— Eu caí — respondi com a voz sumida devido à dor que sentia.

O rapaz colocou-me de volta na cadeira de rodas e eu pedi que ele me levasse ao serviço médico. A esta altura, o sangue já molhava minha camisa e eu realmente precisava de um atendimento médico. Voltei meia hora depois com um pequeno pedaço do cabelo, próximo à testa, raspado e doze pontos para fechar o corte do lado esquerdo, na altura da

PERIGOSAS ACHERON

minha testa, causado pelo choque do meu rosto com a quina da mesa.

— Acho que precisamos conversar — disse, olhando fixamente para Carol, que estava em um canto da sala, sentada em uma das cadeiras destinadas aos clientes, e parecia acuada.

— Eu sei. Sei que exagerei, que não deveria ter feito o que fiz com você e que estou demitida por justa causa — admitiu de olhos baixos.

Eu me aproximei de onde ela estava, fiquei bem à sua frente e disse em voz baixa e pausada, embora uma série de espasmos involuntários sacudissem minhas mãos:

— Sim, é verdade, você exagerou, foi muito impulsiva e poderia ter me causado um dano mais sério. Não sei por que não acredita em mim e nem me interessa saber, mas eu nunca menti para você. Sempre falei a verdade! E você me odeia tanto que nem percebeu que o homem que você viu não

poderia ser eu: o tônus muscular de um cadeirante é diferente do tônus muscular de um andante! Por mais que eu exercite o meu corpo, meus músculos jamais voltarão a ser como os de Leno, pois eles passam a maior parte do tempo parados. Você tem todo o direito de não gostar de mim, mas você terá que aprender a relevar isso para podermos trabalhar juntos. Não estou pedindo que goste de mim, e sim, para que me tolere! Fora das paredes do hospital, você não precisa me tolerar, nem olhar para a minha cara. Peço, todavia, que não tente mais me machucar seja psicológica ou fisicamente, pois eu já sofri bastante em minha vida e a deficiência não me faz menos humano do que as outras pessoas. Eu tenho sentimentos como qualquer um, como você, e não quero voltar a sentir a dor física e psicológica que senti hoje.

— Você não vai me demitir? — perguntou atônita.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Estou dando a você a chance de recomeçarmos a nossa relação profissional — respondi, estendendo a ela a minha carteira aberta, onde havia uma pequena fotografia 5x8 cm minha com Leno, tirada por ele no aeroporto no dia em que voltei à Bahia.

— O que é isso? — perguntou, recebendo a carteira de minha mão.

— Veja você mesma.

A fotografia mostrava-nos dos ombros para cima, focando nossos rostos, o que tornava difícil distinguir entre um e outro, exceto por pequenos detalhes que só eu e Leno conhecíamos.

— Nossa! Vocês são mesmo idênticos! — murmurou sem graça. — Quem é quem aqui?

— Eu sou o de camiseta branca, à esquerda de quem olha a foto. Leno é o da direita, o de camiseta amarela — respondi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você sabe quem é quem só por causa da cor da camiseta? — perguntou ela ingenuamente.

— Não, claro que não. A fisionomia do rosto é idêntica e o corpo um dia foi, embora ele seja dois centímetros mais alto do que eu. Ele tem 1,87m e eu 1,85. Além disso, somos diferentes psicologicamente, temos gostos diferentes. Eu sempre fui tímido, retraído. Ele é extrovertido, brincalhão. Na foto, ele é o de sorriso mais aberto, mais escancarado — expliquei.

Carol apontou para a foto, fazendo menção de retirá-la da carteira e perguntou:

— Posso?

— Pode — respondi, dando de ombros. Ela retirou a foto da carteira e olhou o verso como se já soubesse que havia algo escrito lá. Com um rápido olhar, leu:

“Como é bom tê-lo de volta, meu irmão amado!”

PERIGOSAS ACHERON

Heleno

Jequié - BA, 17/12/2008”.

Imediatamente, ela olhou-me arrependida e pediu:

— Perdoe-me a indiscrição! Eu não...

— Esqueça! Não tem problema! Não há nada de confidencial aí — a interrompi.

Em seguida, Carol colocou a fotografia de volta em seu lugar e entregou-me a carteira. Recebi-a e manobrei a cadeira para afastar-me dela. A verdade é que estar tão perto dela era uma tortura para mim; pois, apesar de tudo, ainda a amava e tinha uma vontade quase irresistível de tocá-la, abraçá-la, embora eu soubesse que isso seria impossível devido ao fato de ela ter me rejeitado.

— Espere! — pediu.

Estaquei meio confuso, olhei para ela e perguntei:

— O que foi?

— Você não vai mesmo me demitir? —
perguntou ainda em dúvida.

— Não tenho poder para isso e não o faria se
tivesse — respondi com um suspiro. — Isso quer
dizer que não vou conversar com o diretor e pedir
para que ele demita você — completei.

— Por que não? — perguntou sem compreender
minha atitude.

— Porque... porque eu... porque ele me disse,
antes de você chegar, que estava me dando uma das
melhores funcionárias do hospital, que você tinha
talento, trabalhava muito bem, era bastante
aplicada, aprendia muito rápido e também era a que
tinha a formação mais compatível e, que no
mestrado, estava realizando estudos na área da
Bioética. Eu não imaginava que se tratava de
você... — respondi, não sem antes me atrapalhar no
início; pois, embora isso tudo fosse verdade, não
PERIGOSAS ACHERON

era a única verdade. O meu amor por ela contribuiu muito para a minha decisão, apesar de eu desejar muito esquecê-la definitivamente e não mais me importar com ela. No entanto, a verdade é que eu não conseguia fazer isso.

— De fato, minha dissertação de mestrado é sobre Bioética — revelou. — Você deve achar que eu não correspondo em nada à funcionária que o diretor do hospital descreveu como aplicada e também achar surreal que eu esteja estudando Bioética quando estou tão perdida no trabalho. — Ela observou de olhos baixos.

— Não. Na verdade, acho que fui um bobo emprestando a você aqueles livros! Você já deve ter lido os dois!

— Não. Já ouvi falar daqueles livros, mas meu foco de estudo no mestrado não são os CEPs. Estou estudando a Bioética do início da vida e reconheço que terei que estudar sobre o controle social em

PERIGOSAS ACHERON

pesquisa, sim, para trabalhar com você — rebateu. — E prometo que vou me esforçar para voltar a ser a funcionária que o diretor disse que eu sou — completou.

— No final das contas, acho que aquele acordo de não falar sobre a vida profissional e acadêmica, somente a pessoal, que fizemos quando... quando... tínhamos um relacionamento virtual não foi uma boa ideia. Acabamos, sem saber, trabalhando no mesmo lugar e estudando temas próximos quando, na verdade, deveríamos nos afastar totalmente um do outro — lembrei, procurando ser o mais racional possível. — Acho que isso deixou você um pouco atrapalhada, só isso. E mexeu comigo também. Mas acho que isso vai passar logo, assim que nós nos acostumarmos com a presença um do outro — completei, afastando-me dela o mais rápido que pude.

— Obrigada! — agradeceu.

— Disponha! Mas, por favor, não me machuque novamente — pedi, perguntando-me se não deveria ter pedido para trocar de secretária. Afinal, isso seria o mais correto, o mais racional depois do que tinha acontecido. Mas o amor, às vezes, nos faz fazer coisas incoerentes.

CAPÍTULO 7

Parênteses

Carol

Passei o restante da manhã tentando entender o que tinha acontecido. Tentando entender o meu comportamento e, principalmente, o de Henri. Eu mesma não conseguia compreender como eu tinha sido tão inconsequente! Eu poderia ter-lhe causado um dano sério, tê-lo machucado muito ou até ter provocado sua morte. E a verdade é que eu não me perdoaria se algo acontecesse; pois, mesmo tendo a certeza de que o odiava, não conseguia explicar por que estar perto dele me deixava completamente desnorreada, perdida entre o desejo de feri-lo por ele ter mentido para mim e a curiosidade que a sua condição de pessoa com deficiência me despertava.

Quanto ao comportamento de Henri, embora desse graças a Deus por ele não ter me demitido, não entendia por que ele não o tinha feito. É claro que eu sabia que ele não tinha poder para isso, mas sabia também que, se ele tivesse pedido ao diretor para me demitir e contado o motivo de tal pedido, ele teria me demitido. Além disso, quando ele disse que precisávamos conversar, imaginei que a reprimenda seria mais severa, que ele demonstraria ódio, que alteraria o tom de voz, que sua voz fosse dura, cortante e, até certo ponto, agressiva; mas, ao contrário, ele controlou-se durante toda a conversa, mostrou-se educado e consciente de quanto eu o odiava.

Comecei a meditar e a me perguntar se aquele “e eu amo você” com o qual ele rebatera minha primeira confissão de que o odiava era mesmo só uma provocação, uma forma de se contrapor às minhas palavras ou se era verdade mesmo. Mas eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não queria pensar nisso, eu não queria saber da existência de um amor ao qual não podia dar nenhuma retribuição, um amor destinado a definhar e morrer como uma planta privada de água.

Estava tão incomodada com a presença dele que, cinco minutos antes de terminar o expediente, arrumei minhas coisas e saí com passos apressados, o mais rápido que podia e não pronunciei nem um “até amanhã” para ele que, aparentemente, nem me viu sair.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 8

Carona

Henri

Eu estava voltando de carro do trabalho para casa quando avistei Carol caminhando na pista a uns quinhentos metros do hospital. Reduzi a velocidade do carro e perguntei:

— Onde está seu carro?

— Na oficina — respondeu, dirigindo um olhar incerto para mim.

— Para onde está indo? — perguntei.

— Não é da sua conta — afirmou com um tom de raiva na voz e continuou a caminhar. Ela era tão inconstante comigo. Eu pensei que já tínhamos superado esta fase em que ela não conseguia conter

seus sentimentos de repugnância a mim, mas estava enganado.

— Certo. Estou indo para o bairro Mandacaru. Se você estiver indo para o Centro, para o Mandacaru ou para qualquer outro lugar em que uma carona até o Centro lhe ajude, é só entrar no carro — disse, parando o carro próximo a ela.

— Eu estou indo para o Mandacaru — disse ela, parando.

— Quer uma carona até lá? — perguntei.

— Está me oferecendo carona depois de tudo que eu lhe fiz? — perguntou em dúvida.

— Estou — confirmei.

— Por quê? — perguntou e, como não esperava a pergunta, fiquei sem saber o que responder.

Gastei, então, alguns minutos para pensar numa resposta que parecesse plausível e repliquei:

— Porque eu ofereceria carona a qualquer pessoa que eu conhecesse. É uma questão de solidariedade,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de humanidade, de compartilhar.

Parecendo avaliar a minha proposta, Carol ficou parada por alguns instantes sob o forte calor e o sol escaldante de Jequié (após o meio-dia) como se tentasse descobrir o que seria mais penoso de aguentar: a minha companhia ou a combinação dos efeitos da intempérie climática da cidade sobre seu corpo. Por fim, disse:

— Aceito sua carona.

— Então, entre.

Quando o carro começou a andar novamente, ela me olhou e perguntou meio sem graça:

— Perdoe-me a indiscrição, mas o que você vai fazer lá no Mandacaru?

Sorri e repliquei:

— Meus pais moram lá e minha casa também é lá. Estou na casa deles, mas logo vou mudar para a minha.

PERIGOSAS ACHERON

— Sozinho? Você vai morar sozinho? —
perguntou incrédula.

— Sim, vou — afirmei.

— E quem vai cuidar de você? Quero dizer: quem vai lhe dar banho, alimentá-lo, vesti-lo, levá-lo ao banheiro?

Eu comecei a rir. Até hoje não sei se foi um riso de nervoso pela ignorância dela, se de ironia ou se de choque pelo que estava ouvindo. Após a crise de riso, olhei para ela rapidamente antes de voltar a olhar para o trânsito e repliquei, fazendo um sinal negativo com a cabeça:

— Eu não sou um inválido como você pensa. Tenho limitações, é verdade. Todo mundo tem! As minhas são um pouco maiores do que as de algumas pessoas, só isso. Vivi vinte anos em São Paulo, destes morei sozinho dezessete. E antes que você me pergunte: eu não tinha uma enfermeira particular o tempo todo comigo. Isso quer dizer que

PERIGOSAS ACHERON

eu vou ao banheiro, tomo banho, como, me visto, penteio os cabelos... tudo sozinho. Durante a reabilitação, procurei recuperar ao máximo minha independência. Enfim, sou uma pessoa como qualquer outra, sou um homem como qualquer outro, que tem necessidades, desejos, vontades, sonhos como todo mundo e que luta pelo que quer!

Carol ficou calada por um instante como se estivesse tentando assimilar tudo aquilo e eu permaneci em silêncio também, achando que a conversa tinha terminado quando ela olhou rapidamente para mim e abaixou os olhos como se estivesse avaliando se devia realmente falar para, em seguida, murmurar:

— Bem, eu fico realmente espantada com a quantidade de coisas que você consegue fazer mesmo sendo um aleij...

Eu a interrompi. Não aguentava mais vê-la pronunciando aquela palavra preconceituosa.

Então, indaguei sugestivamente:

— Um o quê?

— Um... um... uma pessoa com deficiência — completou ela por fim, observando-me balançar a cabeça positivamente. — Mas não pense que eu vou voltar atrás e querer ficar com você só porque está me dando esta carona e porque está me dizendo estas coisas. Eu não saberia... conviver com alguém como você.

— Senhorita Ana Carolina, não pense que estou tentando conquistá-la, porque não é isso que estou fazendo. O seu primeiro “não” foi bem claro, claro até demais. Não precisa repeti-lo. Só quero que me respeite, pare de utilizar termos pejorativos para se referir a mim e que passe a me enxergar como uma pessoa normal, que é o que eu sou. Isso ajudará muito a nossa convivência profissional, só isso. Quanto ao aspecto pessoal, eu desejo sinceramente que a senhorita encontre um homem que a ame e a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

faça feliz. Assim, como eu desejo encontrar uma mulher livre desses preconceitos idiotas e destrutivos que existem na sociedade e que me ame como eu sou — tornei a explicar e, como já estávamos entrando na Ponte Teodoro Sampaio, perguntei: — Para onde a senhorita está indo?

— Para casa, para a casa de meus pais. Estou morando lá — respondeu. — Pode me deixar logo depois da ponte.

— Fale-me onde a senhorita mora que eu a deixo em casa.

— Mas eu não quero atrapalhá-lo ou atrasá-lo e...
— começou, mas eu a interrompi e disse:

— Não vai me atrapalhar, nem me atrasar e nem vou começar a persegui-la por saber onde você mora, se é isso que está pensando.

Instantes depois, parei o carro na porta da casa dos pais dela e, antes que ela pudesse me falar algo ou descer, perguntei:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando seu carro sai da oficina?

— Sábado de manhã, se tudo der certo.

— Se você quiser, posso lhe dar carona todos os dias até sexta. Estou morando no mesmo bairro, vou e volto do hospital todos os dias como você. E antes que a senhorita pergunte ou mencione isso, não estou lhe oferecendo carona com segundas intenções em relação à senhorita. Só estou querendo ajudar — ofereci-lhe, esclarecendo tudo de antemão.

Carol deu um suspiro como se refletisse sobre a minha proposta e, por fim, respondeu com um evidente tédio nos gestos e na voz:

— Aceito sua proposta.

— Certo. Então, passo aqui amanhã de manhã, às 6h45, certo?

— Certo — respondeu, deixando o carro. — Obrigada! — agradeceu por fim e eu dei a partida no carro sem entender direito por que eu tinha feito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aquilo, por que tinha oferecido carona até sexta-feira se, na verdade, o que eu mais queria era estar longe dela para poder esquecê-la o mais rápido possível. Ou... Ou eu estava tentando enganar a mim mesmo? Convencer-me disso quando, na realidade, ainda tinha alguma esperança? Será que eu era idiota ao ponto de ainda ter esperanças? Perguntas sobre mim que eu mesmo não conseguia responder, não naquele momento. Eu estava muito confuso com tudo aquilo, com essa mudança repentina em minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 9

O garoto das antenas

Carol

Já eram 6h50 da manhã quando decidi sair à porta para ver se havia sinal de Henri. Pronta para o trabalho desde as 6h30, eu sentei-me ao sofá de casa para esperar por ele, para esperar até que ouvisse a buzina de seu carro. E nada! Como eu sabia que ele era uma pessoa extremamente pontual, já estava pensando que ele tinha me dado o “bolo”, que tinha me oferecido carona para a semana inteira, mas não ia aparecer para se vingar de mim. Já estava começando a me preparar para lhe dizer um monte de ofensas quando o encontrasse no trabalho e também para pegar o telefone celular e chamar uma mototáxi quando saí

no portão e percebi que o carro dele já estava parado lá. Ele parecia absorto em olhar para a casa de meus pais. Aproximei-me dele, encarando-o com um sorriso e disse:

— Bom dia!

— Hã? O que a senhorita disse? — perguntou, piscando seus belos olhos azuis como se retornasse ao mundo real.

— Eu disse “bom dia”! — repliquei ainda sorrindo, enquanto entrava no carro e sentava-me ao seu lado.

— Ah! Bom dia! — respondeu, retribuindo o sorriso e dando a partida no carro.

— Por que não buzinou? Eu já estava achando que você não viria, que ia me dar o “bolo” — perguntei, olhando fixamente para ele.

— Porque eu não queria incomodar ninguém. Podia ter alguém dormindo... Quanto ao “bolo”, eu não faria isso. Eu costumo cumprir minhas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

promessas — disse, sustentando o meu olhar poucos instantes antes de parar no semáforo e levar a mão à testa no lugar onde ficava o curativo que escondia o corte causado pela queda que eu provoquei.

— E se eu não saísse no portão? Ia ficar esperando na porta da casa de meus pais até o meio-dia? — perguntei irônica, olhando com culpa para o curativo.

— Não. Se a senhorita não saísse até as 6h55, eu ia ligar para o seu celular — respondeu, alternando o olhar entre mim e o trânsito à nossa frente, pois o semáforo acabara de ficar verde.

— E por que estava olhando de forma tão concentrada para a casa de meus pais? — perguntei curiosa.

— Porque eu estava me lembrando que já estive lá — replicou de forma displicente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lá em casa? Na casa de meus pais? Quando, se não nos conhecíamos antes? — perguntei, duvidando de suas palavras.

— Eu não fui lá para uma visita social. Fui lá instalar uma antena parabólica. Mas faz muito tempo, nem sei se a sua família já morava ali — explicou sem muito interesse de continuar a conversa.

— Você instalava antenas? — perguntei incrédula.

— Sim. Eu era muito novo, tinha uns dezessete anos. Eu trabalhei com isso dos dezesseis aos dezenove até sofrer o acidente — explicou.

— Você estava instalando uma antena, caiu e ficou assim? — perguntei, achando que ia receber a confirmação do que eu acabara de pensar e imaginar.

— Não. Fiquei tetraplégico num acidente de carro.

PERIGOSAS ACHERON

— E por que se lembra justamente de ter instalado uma antena na casa de meus pais quando deve ter instalado antenas em várias casas? — perguntei, esquecendo-me de que morria de curiosidade para saber como ele tinha se acidentado para focar-me em esperar que ele confirmasse algo que eu já pressupunha.

— Porque nessa casa, na casa onde hoje você mora, havia uma menininha de uns sete ou oito anos que, enquanto eu fazia o trabalho, me fazia um monte de perguntas. Ela ficou me olhando trabalhar até eu terminar. Eu a achei muito engraçadinha e, mesmo tendo uns dezessete, dezoito anos na época, foi a primeira vez que eu senti o instinto paternal e imaginei como deve ser gostoso ser pai — ele explicou com um sorriso no rosto, me olhando de soslaio.

— Você me achou engraçadinha?! Instinto paternal?! Eu não era tão pequena assim! — reagi

PERIGOSAS ACHERON

indignada sem compreender a razão de meus atos.

— Ah, era você? — indagou Henri, rindo e parando o carro no estacionamento do hospital em uma das vagas destinadas a pessoas com deficiência.

Era a primeira vez, desde que eu o tinha conhecido pessoalmente, que o via rir com tranquilidade e a verdade é que seu rosto tornava-se ainda mais belo ao fazer isso. Seus olhos azuis brilhavam como dois pedacinhos do mar acariciados pelos raios do sol, sua boca se tornava ainda mais atraente e eu quase desejei poder beijá-lo ali mesmo, tocá-lo, saber como seria o contato de sua pele com a minha. Mas o estúpido preconceito que havia em meu coração me impediu de realizar esses desejos e eu já tinha afastado essas ideias (que considerei malucas) quando ele continuou:

— Sinto discordar, mas você era engraçadinha sim. Uma linda criança sorridente e com jeitinho de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quem era muito feliz. Acho que despertaria o instinto paterno ou materno em qualquer pessoa que tivesse coração.

— Pena que nem todos pensaram assim — murmurei, saindo do carro.

— O que disse? — indagou, retirando a cadeira de rodas do carro e ajeitando-a para fazer a transferência.

— Nada de importante. Esqueça — respondi em voz alta, afastando-me do carro e deixando-o sozinho, sem ter nenhum tipo de consideração por ele, apesar de ele ter me dado carona.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 10

Dúvidas e reflexões

Carol

No retorno para casa e no dia seguinte, quinta-feira, Henri me deu carona normalmente. Estar perto dele era algo excitante, inesperado e eu gostava disso, embora não admitisse nem para mim mesma; pois, quando esta constatação aflorava à minha mente, eu sentia raiva dele e de mim. No auge do preconceito, eu não queria aceitar que, mesmo em uma cadeira de rodas, ele me atraía e, cada vez mais, eu desejava estar com ele, apesar de tê-lo rejeitado da forma mais cruel possível, de tê-lo machucado física e psicologicamente.

Eu também não entendia como, diante de tudo isso, ele não evitava a minha aproximação, já que

PERIGOSAS NACIONAIS

ele podia pedir ao diretor do hospital para substituir a secretária, alegando que eu não me adaptei ao trabalho que tinha que desenvolver, o que arranharia a minha imagem no hospital, mas não causaria a minha demissão. Será que o único motivo de ele não fazer nada era não por não querer me prejudicar de forma alguma ou ele tinha outras intenções?

Quando estávamos juntos, conversávamos, ríamos e, quase sempre, trocávamos provocações. Mesmo rebatendo as minhas provocações, ele sempre era educado e, na maioria das vezes, encarava tudo como brincadeira, embora eu percebesse que, às vezes, ele também ficava chateado. Perguntei-me durante muito tempo se ele se deixou levar por tudo aquilo que estava acontecendo, sem refletir ou se estava consciente de tudo e orquestrava meios para envolver-me mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda naquilo que eu não sabia se era um confronto velado ou um estranho jogo de sedução.

No final da tarde de quinta-feira, eu estava refletindo sobre isso, sobre como eu não conseguia controlar meu impulso de estar perto dele, o que me deixava fora de mim, quando o meu telefone celular tocou. Era ele.

— O que você quer? — atendi rispidamente.

— Boa noite para a senhorita também, senhorita Ana Carolina. — Ele ignorou minha grosseria.

— Se você está pensando que eu vou sair com você ou coisa parecida... — comecei, mas ele me interrompeu, parecendo bastante apressado:

— Não, não é nada disso. Eu... eu só estou ligando para avisá-la que não poderei lhe dar carona amanhã.

— Por quê? Posso saber? — perguntei como se fosse obrigação dele me dar carona.

PERIGOSAS ACHERON

— Porque... porque eu estou sendo hospitalizado agora e eu não poderei ir trabalhar amanhã — replicou com a voz fraca. Só então notei que a voz dele indicava que ele não estava bem.

— Onde? — perguntei, ignorando o que acabara de perceber.

— No Hospital Geral — respondeu objetivamente. — Aproveite a sexta-feira livre de mim! Até segunda! Tchau! — completou com uma provocação, desligando o telefone e impedindo-me de perguntar mais alguma coisa.

Como eu acreditava que Henri era um mentiroso, passei o restante da noite me questionando se ele realmente tinha sido hospitalizado ou se era uma espécie de artimanha para que eu me comovesse e deixasse de ser hostil com ele. Quando dormi, sonhei com ele. Foi um sonho estranho, torturante, que durou toda a noite. Em um momento, era como se ele não tivesse nenhuma deficiência e

PERIGOSAS NACIONAIS

caminhasse sorrindo em minha direção. Em outro, ele estava na cadeira de rodas e acusava-me de uma série de coisas, inclusive de tê-lo tornado infeliz e de ser a causa de sua hospitalização.

Acordei agitada, arrumei-me e fui para o trabalho de mototáxi, desejando ardentemente que o telefonema dele não passasse de uma brincadeira de mau gosto, que ele entrasse em nossa sala e trabalhasse normalmente como todos os dias, mas isso não aconteceu. Às dez da manhã, resolvi ligar para o Hospital Geral e perguntar se Henri estava internado lá. Ao receber a confirmação, perguntei o que fazer para poder visitá-lo. A atendente informou-me de que, como ele se encontrava em uma enfermaria, teria que respeitar o horário de visitas, que era das 15h às 16h. Como estava sem carro, decidi, então, ficar até mais tarde no trabalho e, de lá, pegar uma mototáxi para o Hospital Geral.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 11

Hospital

Henri

Desde criança, nunca gostei de hospitais, pelo menos não para estar internado, apesar de trabalhar em um e de já ter passado um bom tempo internado em vários hospitais por causa da lesão medular e da reabilitação. Acho que é algo que nunca vou me acostumar ou gostar. Mas quem gosta de internar-se em um hospital? Penso que poucas pessoas responderiam “eu” a esta pergunta. Não obstante, reconheço que, quando precisamos, temos que recorrer a eles.

Desde o processo de reabilitação (quando aprendi a lidar com uma série de coisas relacionadas ao meu novo corpo como uma

PERIGOSAS ACHERON

alimentação sem excessos e com fibras, o controle das necessidades fisiológicas e o cuidado para não ter úlceras de pressão), sempre procurei ter uma vida mais disciplinada possível e seguir à risca as recomendações médicas que me proporcionassem uma melhor qualidade de vida. Assim, graças a esses cuidados e, creio, também ao meu organismo, eu não costumava ter infecções urinárias recorrentes, que geralmente são comuns a quem tem uma lesão medular.

Quando cheguei em Jequié, descuidei-me. O fato de que o banheiro da casa de meus pais não era acessível, fazendo-me depender deles para tomar banho, ir ao banheiro ou, até mesmo, lavar as mãos (a cadeira de rodas não passava pela porta do banheiro, dentre outras coisas) levaram-me a esvaziar a bexiga com menos frequência do que deveria quando eu estava em casa. No trabalho, apesar de ter um sanitário acessível (embora não

PERIGOSAS ACHERON

fosse separado do sanitário comum), eu sentia-me intimidado com a presença de Carol (eu sei que isso não tem lógica, mas era assim que eu me sentia). Resultado: tive infecção urinária e disflexia autonômica e fui parar no hospital. A disflexia autonômica é uma complicação em casos de bexiga cheia e pode causar elevação da pressão arterial, dor de cabeça, sudorese, obstrução nasal, frequência cardíaca baixa, dentre outros sintomas.

Na sexta-feira, às 15h, meus pais foram me visitar no hospital e aproveitei para pedir ao meu pai que me ajudasse a tomar banho, pois o banheiro da enfermaria não era acessível. Às 15h30, ainda semivestido (estava só com um short e a sonda), voltei do banheiro na cadeira de banho, empurrada por meu pai, e tomei um susto ao encontrar Carol conversando com a minha mãe.

— Carol? O que você está fazendo aqui? — indaguei com a voz um pouco mais alta do que o

PERIGOSAS ACHERON

normal devido ao susto.

Antes de responder, ela me olhou feio e eu percebi que não queria que eu a chamasse de Carol, o que eu achava uma grande besteira, mas aceitava só para não ter que discutir. Então, repeti, desta vez com a voz calma e comedida, enquanto meu pai me colocava na cama e eu tentava, o mais rápido possível, vestir uma camiseta e cobrir meu corpo, pois senti-me envergonhado como nunca me sentira antes:

— Senhorita Ana Carolina, o que a traz aqui?

Neste momento, olhei para Carol e notei que ela tinha percebido que eu estava pouco à vontade naquela situação e, por isso, tinha pousado os olhos no chão.

— Eu vim ver como você está — replicou ela em voz baixa e ainda com os olhos no chão.

Talvez por terem percebido o clima de constrangimento que se formara, meus pais se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximaram de mim, beijaram-me a testa e despediram-se, informando que voltariam à noite.

— Por quê? — perguntei sem entender o motivo da súbita preocupação dela.

— Porque... — interrompeu sem saber como começar.

— Olhe para mim e me responda — pedi. Esta foi a forma que encontrei de avisá-la que já tinha me composto.

Carol ergueu os olhos para mim de tal maneira que parecia que seus belos olhos cor de mogno tinham aprisionado os meus, pois me senti perdido naquele olhar que era, ao mesmo tempo, ingênuo e sedutor, escuro e brilhante. Após uma pausa contemplativa mútua, ela piscou os olhos, liberando-me do encanto e explicou:

— Eu fiz você cair e você veio parar aqui. É minha culpa! Então, precisava saber como você está.

PERIGOSAS ACHERON

— Olhe, eu não estou aqui por sua culpa, não estou aqui por causa da queda — afirmei. — E, mesmo a queda, não foi só sua culpa. Foi minha culpa também. Eu sabia o risco que corria. A culpa, portanto, é nossa: minha e sua — expliquei.

— Por que você assumiu o risco de cair? — perguntou com a voz sumida.

— Bobagem! — repliquei evasivamente.

— Quando você receberá alta? — perguntou, esquecendo-se do assunto anterior.

— Amanhã de manhã — respondi.

— E você vai voltar para a casa de seus pais?

— Vou. Minha casa ainda não está totalmente pronta para me receber.

Ficamos alguns momentos em silêncio. Eu alternava olhares entre ela e as minhas mãos, acomodadas sobre meu colo. Ela, por sua vez, alternava seus olhares entre mim e o pingente que havia no puxador do zíper de sua bolsa, com o qual

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parecia brincar nervosamente. Ao ver esta reação dela, comecei a imaginar que ela só estava ali porque se sentia culpada e que, na verdade, desejava estar bem longe de mim.

Assim que avisaram que a visita tinha se findado, agradei a visita meio sem jeito:

— Obrigado pela visita! E... perdoe-me o mal jeito, a forma como a tratei quando chegou aqui. É que eu não esperava sua visita...

— Disponha! Não precisa pedir perdão. É compreensível que você não esperasse a minha visita — replicou ela, fixando os olhos nos meus.

— Desejo-lhe melhoras! Agora tenho que ir — completou, saindo da enfermaria a passos rápidos, antes mesmo que eu pudesse agradecer.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 12

O e-mail

Carol

Cheguei em casa, tomei banho, comi alguma coisa e fui para o computador tentar trabalhar um pouco na minha dissertação de mestrado, mas não consegui. A visão dos belos olhos azuis de Henri não saía de minha mente. Eu nunca tinha olhado tão profundamente nos olhos dele até aquele dia e isso mexera comigo.

Para mim, olhar nos olhos de Henri foi quase hipnotizante. Os olhos dele demonstraram uma mistura de sensações contraditórias, tais como sinceridade, ternura, dor e ingenuidade. Sensações que mexeram com meu coração e deixaram-me perdida, confusa entre a compaixão e o amor, a

pena e a raiva, a certeza e a dúvida, pois eu esperava ver nos olhos dele algo que indicasse que ele tinha de fato me enganado, mas não vi. E a verdade é que ele tinha sido sempre sincero comigo, até mesmo avisando-me, frente à sua hospitalização, que não poderia me dar carona. A única falha, a única mentira era não ter me contado que era cadeirante, fato com o qual eu tentava erroneamente justificar, embora não houvesse justificativa, o preconceito que sentia por ele. Mas eu mesma começava a me questionar: será que ele realmente me enviou um e-mail contando tudo? Se enviou, por que não o recebi?

Encucada com esta história do e-mail, eu lembrei-me que ele havia dito que enviara o e-mail contando a verdade sobre si há cerca de um ano e meio. Então, comecei a pesquisar na minha caixa de e-mail todos os e-mails enviados por ele entre maio e julho de 2007 que contivessem um anexo,

PERIGOSAS ACHERON

afinal ele dissera que, juntamente com o e-mail, enviara uma fotografia sua.

Pensei que, se esse tal e-mail realmente existisse, seria uma tarefa árdua encontrá-lo. Afinal, a minha caixa de e-mails era sempre um caos total. Eu tinha cerca de sete mil mensagens não lidas, sendo a enorme maioria de propagandas, correntes e notícias que eu quase nunca abria e que sempre entulhavam a caixa de entrada, impedindo-me, às vezes, de notar os e-mails mais importantes e urgentes. Apesar disso, não foi muito difícil de encontrar o que eu procurava. Após uns quinze minutos de busca, encontrei um e-mail não lido enviado por ele, contendo um anexo no formato .jpg e datado de 16 de junho de 2007, apenas cinco dias antes de seu aniversário.

Munida de uma grande curiosidade para saber o que ele tinha me dito e, principalmente, para conhecer toda a história dele, abri o e-mail e li:

“Querida Carol,

Sei que acabamos de conversar como sempre fazemos, mas eu preciso contar-lhe uma coisa que não tive coragem de contar lá no chat.

Nós estamos nos relacionando há mais ou menos um ano na internet. Nunca nos vimos pessoalmente; mas, desde o início, sempre gostei de conversar com você. Saiba que você é uma pessoa impressionante e que eu a amo verdadeiramente com todo o meu coração. Acho que você já sabe disso, pois eu já deixei transparecer isso para você nas entrelinhas daquela poesia que lhe enviei ontem pelo chat. Pelo que tenho notado, você parece estar começando a gostar de mim também.

Amá-la e ser amado por você é um sonho doce que será maravilhoso se tornar-se realidade. Mas eu não quero que esse sentimento que está nascendo entre nós se fortaleça com omissões,

PERIGOSAS ACHERON

gostaria que ele se fortalecesse com a verdade e com a confiança mútua.

É por isso que eu preciso contar para você agora que, há mais ou menos dezoito anos e meio, eu sofri um acidente de carro e fiquei tetraplégico. É óbvio que a deficiência me trouxe limitações, mas eu tento minimizá-las o máximo que eu posso e tenho uma relativa independência: moro sozinho, trabalho, estudo, cuido de mim mesmo, dentre outras coisas como qualquer pessoa considerada normal.

Imagino que a sua curiosidade agora seja em relação à sexualidade. Muitas pessoas acreditam erroneamente que pessoas como eu são assexuadas, mas não é verdade. As pessoas com deficiência são capazes de ter vida sexual. Elas têm desejos sexuais como as outras pessoas e podem satisfazer seu par sexualmente.

Infelizmente, não posso deixar de lembrar do preconceito. É ele uma das grandes dificuldades das pessoas com deficiência, inclusive no que concerne aos relacionamentos amorosos. Muitas vezes, mesmo desconhecendo as pessoas com deficiência, as pessoas nos rejeitam e não querem se aproximar como se tivéssemos uma doença contagiosa, como se fôssemos inferiores. Abomino o preconceito; mas, infelizmente, muitas vezes, sou obrigado a deparar-me com ele.

Apesar disso, você tem todo o direito de escolher o que quer: ficar comigo (aceitando-me do jeito que eu sou) ou não querer ficar comigo por causa da tetraplegia. Seja qual for a sua decisão, eu vou aceitá-la. Assim, peço que responda a este e-mail, enviando-me sua decisão, seja ela a de ficar comigo ou a de terminar definitivamente nosso relacionamento. Ouso pedir mais uma coisa: se a resposta for negativa, basta dizer que não quer

ficar comigo e também não precisa me encontrar mais no chat amanhã de noite. Não é necessário dar-me nenhum tipo de justificativa (eu prefiro assim).

Como as fotos que já enviei para você mostram apenas meu rosto (além daquela foto antiga na praia), envio agora em anexo para você uma foto minha de corpo inteiro, na cadeira de rodas.

Aguardo, o quanto antes, uma resposta sua!

Beijos,

Henri.”

O e-mail era longo e mais parecia uma carta, embora não revelasse como ele se tornou tetraplégico, que era o que eu tinha mais curiosidade de saber naquele momento. Em anexo, havia mesmo uma foto de Henri na cadeira de rodas. Ele parecia estar numa praça ou parque (era um lugar verde, com muitas plantas), vestia jeans e uma camiseta cinza largos, calçava tênis com

PERIGOSAS ACHERON

velcro e trazia um belo sorriso nos lábios. Parecia feliz. *“Ele era feliz? Era feliz, apesar da deficiência?”*, comecei a me perguntar.

Lembrei-me, em seguida, que ele tinha dito que eu tinha respondido ao e-mail, mas isso não aconteceu; porque, até então, eu nunca tinha lido aquele e-mail. Comecei a me perguntar o que eu poderia ter enviado para ele por e-mail que o fez interpretar como uma resposta positiva à sua revelação, como uma aceitação. Eu não me lembrava. Então, pesquisei os e-mails que eu tinha enviado no período de 16 a 21 de junho de 2007 e encontrei dois destinados a ele, um enviado no dia 17 e outro no dia 21. Este último era uma mensagem de feliz aniversário, então me restava o do dia 17. Abri-o e li:

“Henri,

Tenho pensado muito em suas palavras e, quanto mais eu penso, mais tenho certeza de que o amo.

Eu o amo muito e quero ficar com você.

Beijos carinhosos,

Carol.”

Só então, dei-me conta de que foi este e-mail meu que causara todo o mal-entendido. Nele, eu me referia à poesia cheia de amor e carinho que ele me enviara um dia antes e não ao e-mail no qual ele me contava que era cadeirante. Como eu não me referi claramente à poesia, ele pensou que eu estava me referindo ao outro e-mail. Ele pensava que eu o tinha aceitado, ele tinha ido para o encontro acreditando que eu ficaria com ele. O baque, a dor que eu lhe causara era maior do que eu calculara. Além disso, ele não tinha mentido para mim e tinha sido acusado injustamente.

Diante disso, senti uma vontade urgente de conversar com ele, contar que, finalmente, tinha percebido que ele não era o mentiroso que eu tanto o acusara de ser e também esclarecer algumas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coisas. Mas esta conversa não podia esperar até segunda, não queria tê-la no trabalho. Queria que fosse em um ambiente que não tivéssemos que nos preocupar com o trabalho.

Decidi, então, visitá-lo no domingo na casa de seus pais. Pensei em ir no sábado, mas achei que, como era o dia em que ele deixaria o internamento, certamente estaria cansado e precisando repousar. Assim, no sábado de manhã, fui à oficina, peguei o carro, passei no hospital em que trabalhávamos e peguei o endereço de Henri no sistema de cadastro de funcionários.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 13

Visita inesperada

Henri

No domingo à tarde, meus pais tinham ido ao clube e eu, só de short e com a sonda, encontrava-me sentado à mesa da cozinha, lendo um livro. Por volta das 15h, escutei a campainha tocar, aproximei-me da porta e perguntei:

— Quem é?

— Ana Carolina Silva Amys — replicou.

— Aguarde uns quinze minutos que eu abro a porta para a senhorita, certo? — pedi.

— Certo. Eu espero.

Vesti (o mais rápido que pude) uma calça de malha e uma camiseta regata e abri a porta da casa para ela, dando graças a Deus pelo fato de meus

pais terem esquecido de colocar o cadeado no portão da grade que dava acesso à casa.

— Boa tarde, Henri! — ela saudou-me com um sorriso.

— Boa tarde! — repliquei. — Como chegou aqui? Quero dizer: como conseguiu meu endereço? — perguntei confuso.

— No sistema do hospital — respondeu.

— Eu não esperava que viesse... — admiti sem jeito.

— Eu sei; mas eu precisava visitá-lo, saber se você está melhor — disse em voz baixa, pois parecia estar com vergonha.

— Se está aqui porque está se sentindo culpada, não precisa perder seu tempo comigo. Já disse a você que aquela queda não foi o motivo da minha internação e que você não é a única culpada por ela, que eu também tive culpa. Então... — disse em voz baixa, mas a verdade é que, naquele dia, eu não

PERIGOSAS NACIONAIS

estava com muita paciência para vê-la e ouvi-la acusar-me de mentiroso e para a discriminação tácita a qual ela me submetia. Eu a amava e era difícil estar perto sem estar realmente perto e sofrer com o preconceito de quem se ama. Eu queria, precisava esquecê-la e estar o mais longe possível dela era a melhor forma de começar, mesmo que tivesse que olhar para ela todos os dias úteis da semana.

— Não, não é só por isso! Eu também queria... conversar. Nós... podemos conversar? — pediu timidamente.

Suspirei e respondi, cedendo à vontade dela:

— Sim. Nós podemos conversar. — E puxei a porta, afastando um pouco a cadeira de rodas para que ela entrasse.

— Está quente hoje. Será que podemos conversar lá fora? Na pracinha? — ela sugeriu sem jeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lá fora? — balbuciei, imaginando os obstáculos que certamente iria encontrar; pois, desde que tinha chegado a Jequié, tinha sempre saído de carro e não tinha, de fato, “rodado” pelas ruas da cidade. Eu sabia que a cidade em que nasci não tinha ruas e calçadas inclusivas e, pelo pouco que eu observara, não tinha mudado muita coisa em vinte anos. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria que enfrentar as ruas de Jequié (mesmo tendo carro), mas não gostaria que a primeira vez fosse com Carol. Logo com ela! Todavia, resignei-me, suspirei novamente e resolvi aceitar:

— Está bem, lá fora, na pracinha.

A distância entre o que chamávamos de pracinha e a casa de meus pais era mínima. Na realidade, tratava-se de uma rua larga (onde meus pais moravam), com formato meio irregular, que se dividia em duas por um jardim central, que tinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

árvores antigas e alguns bancos de madeira envelhecida.

Nos (mais ou menos) vinte metros que separavam a casa de meus pais da pracinha, rodei sobre um calçamento irregular, cheio de altos e baixos, com alguns paralelepípedos quase soltos e tive um pouco de dificuldade para conseguir me desvencilhar quando uma das rodinhas de rodízio da cadeira de rodas caiu em um buraco. Carol caminhava ao meu lado, calada durante todo o percurso, o rosto sério, o olhar perdido. Em alguns momentos, até parecia triste ou arrependida. Eu não sabia se ela queria manter-se alheia às minhas dificuldades, se tinha se arrependido de vir visitar-me ou se, simplesmente, não as notava. Eu gostaria de saber o que ela estava pensando, mas apreciava ter conseguido vencer o percurso sem nenhum auxílio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A dificuldade tornou-se maior quando cheguei ao jardim central. Não havia rampa de acesso e o meio-fio era alto, eu não conseguia transpô-lo. Voltei o rosto para Carol e disse:

— Não dá... Não é acessível...

— Perdoe-me! Eu não me atentei para isso... — pediu sem saber o que fazer. — Posso... Posso ajudá-lo? — ofereceu-se por fim.

— Pode — respondi. Não havia outra alternativa, a não ser retornar à casa de meus pais.

— O que preciso fazer para ajudá-lo a transpor o degrau?

— Você precisa inclinar a cadeira até apoiar estas pequenas rodinhas sobre o degrau — apontei para as rodinhas de rodízio — e obter a firmeza necessária para impulsionar as rodas maiores e transpor o degrau. Não é difícil, mas é necessário um pouco de cuidado para eu não cair no chão — expliquei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Carol iniciou as manobras necessárias para me ajudar a transpor o degrau e, enquanto fazia isso, comentou:

— Como você deve saber, Jequié não é uma cidade muito inclusiva. Atualmente, no Centro, há algumas rampas, mas elas só se tornaram realidade depois que um vereador cadeirante foi eleito. Mesmo assim, penso que ainda faltam rampas no Centro. Nos bairros, não há qualquer acessibilidade nas ruas... Se você observar, na pista do Mandacaru até o Centro há algumas rampas, mas elas não são adequadas e muitas delas estão quebradas. Não há táxi ou ônibus adaptados. Bem, só vi um único coletivo adaptado, mas faz tempo, nem sei se ele ainda está rodando. Se você tivesse que rodar de cadeira de rodas, certamente teria que competir com os carros, dificilmente conseguiria rodar na calçada.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu já percebi que, se não tivesse carro, ia ter enormes dificuldades para sair de casa — disse. — Mas não sabia que você prestava atenção em acessibilidade. Você é tão... — Eu ia dizer “você é tão preconceituosa”; mas, como estávamos conversando amigavelmente, interrompi-me. Ela não pareceu notar o que eu quase falei e que, de alguma forma, ficou expresso no ar e admitiu:

— Não, de fato, nunca prestei muita atenção na questão da acessibilidade, apesar de ver uma ou outra propaganda na televisão. Eu comecei a prestar a atenção nisso recentemente, quando começamos a trabalhar juntos; porque comecei a pensar nas dificuldades que você enfrentaria se precisasse sair sem o carro. Acho que uma das coisas que me levaram a pensar nisso foi o fato de ter ficado praticamente uma semana sem carro. O sistema de transporte coletivo de Jequié não é bom, o sol é escaldante... Enfim, eu mesma enfrentei

PERIGOSAS ACHERON

algumas dificuldades e, se não fosse as suas caronas, teria enfrentado mais dificuldades ainda.

— E você já pegou seu carro na oficina? — perguntei, desviando o rumo da conversa.

— Já, sim. Retirei-o ontem — replicou.

— Por que está aqui agora? Por que veio me visitar? — perguntei, mudando completamente de assunto.

— Eu vim ver como você está. Se não foi por causa da queda, por que você foi hospitalizado? — perguntou em voz baixa.

— Tive uma infecção urinária e disflexia autonômica. A disflexia autonômica é como uma espécie de alerta que o corpo dá de que há algo errado em algum lugar abaixo do nível da lesão. E a infecção urinária costuma ocorrer com mais frequência em pessoas que tiveram uma lesão medular — esclareci.

— Por quê? — perguntou-me com interesse.

— Porque a lesão causa a perda de sincronia entre os esfíncteres da bexiga e da uretra. Alguns tendem a reter as necessidades fisiológicas, outros tendem a ter incontinência. Isso vai depender do nível de lesão — expliquei.

— E com você como é? Você tem tendência a reter ou a ter incontinência? — perguntou curiosa.

— A ter incontinência. Minha lesão foi ao nível das vértebras cervicais C6 e C7. Mas com a reabilitação consegui ter um controle. Mas não posso deixar a bexiga ficar cheia demais e preciso ter horários para ir ao banheiro — tornei a explicar meio envergonhado.

— E como você... urina? — perguntou meio envergonhada e eu respondi também meio sem graça, pousando os olhos no chão:

— No início, quando eu ainda não tinha controle, eu usava um coletor de urina, que é semelhante a uma camisinha conectada a uma mangueirinha que

PERIGOSAS ACHERON

conduz a um saco, onde a urina é armazenada. Esses dias, eu estou usando esse coletor o tempo todo por causa da infecção urinária, mas geralmente o uso apenas para dormir. Durante o dia, faço cateterismo de alívio, que é a introdução de um cateter na uretra para a retirada da urina antes que a bexiga fique cheia.

Depois que eu respondi as perguntas de Carol, houve um longo momento de silêncio entre nós. Imaginei que ela ia se erguer do banco, me xingar e ir embora. Já estava pensando no que fazer para sair dali quando ela, finalmente, ergueu os olhos e disse:

— Obrigada por me explicar! Eu não tinha ideia de que as coisas eram assim... Aliás, eu nunca tinha tido contato com uma pessoa com deficiência antes, com um cadeirante... Eu não sabia nada sobre vocês e...

Ela interrompeu e eu disse:

— As pessoas com deficiência no Brasil são muitas, mas elas são tratadas como invisíveis. Ninguém nos vê ou sabe como vivemos. Somos pessoas como as outras, mas muitas pessoas, quando nos veem, nos olham como ET, como se fôssemos anormais. Isso tudo reforça o preconceito. As pessoas com deficiência precisam de uma maior visibilidade, de mais respeito e de ter seu valor reconhecido.

Houve um novo silêncio entre nós, durante o qual, embora estivesse com os lábios cerrados, Carol mostrou-se bastante inquieta. Cruzou e descruzou as pernas umas duas vezes, mexeu nos próprios cabelos, ajeitou o vestido volante longo e branco que usava e, por fim, quebrando o silêncio, disse:

— Eu também vim pedir perdão a você. Fiz uma busca na minha caixa de e-mails e encontrei a mensagem na qual você me conta que é PERIGOSAS ACHERON

tetraplégico. Ela estava entre sete mil e-mails não lidos de propagandas, correntes, notícias, etc. Minha caixa de e-mails é um caos, sempre vive lotada. Então, não o tinha visto. O que você pensou ser uma resposta a ele, na verdade, era um comentário sobre a poesia que você tinha me enviado no dia anterior. Foi tudo um grande mal-entendido... Perdoe-me. Eu não devia tê-lo acusado de mentiroso sem ter certeza.

— Está perdoada — disse com sinceridade. — Talvez, eu devesse ter contado tudo a você pelo chat, ter enfrentado em tempo real a sua reação, ter contado mais cedo ou na primeira vez em que conversamos. Mas a verdade é que eu não gosto de conversar com uma pessoa pela internet e ir dizendo logo de cara “oi, eu sou um tetraplégico” ou “oi, sou um tetra”. Porque eu não sou só isso, eu sou muito mais do que isso. Não me limito ou me resumo à minha deficiência. A deficiência é uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

condição que permeia a minha vida, mas eu não me restrinjo a ela. Sou uma pessoa que tem uma deficiência, mas que também tem muitas capacidades, que tem sonhos e também já deve desilusões, que acumulou muitas vitórias (dentre as quais, ter sobrevivido), mas também enfrentou e enfrenta muitas dificuldades. Prefiro dizer “oi, sou Henri” e aí, com a continuidade, a pessoa vai me conhecendo e descobrindo que eu tenho uma deficiência, mas que ela não me impede de lutar pelas coisas que eu quero e também de ser feliz — expliquei.

— E você é feliz mesmo estando em uma cadeira de rodas? Sente-se uma pessoa realizada? — perguntou com uma expressão surpresa em seu belo rosto.

— Sim, eu sou feliz e sinto-me realizado. Consegui muitas coisas que desejei e quero

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguir outras que ainda desejo, dentre as quais casar e ter filhos — repliquei convicto.

— Acha mesmo que alguém pode amá-lo ao ponto de casar com você? Pelo pouco que sei, pessoas como você nem podem ter filhos... — ela duvidou, o que me causou uma dor momentânea no coração.

— Senhorita Ana Carolina, o fato de a senhorita ter me rejeitado não quer dizer que não haja uma mulher no mundo que possa vir a me amar. Ter filhos pode ser algo mais difícil, mas não creio ser impossível... Muitos fazem inseminação artificial... — rebati em voz baixa, porém dura.

Carol não rebateu. Acho que não tinha argumentos para isso, então apenas pediu:

— Por favor, não me chame mais de senhoria Ana Carolina! Chame-me apenas de Carol como antes!

PERIGOSAS ACHERON

— Ufa, graças a Deus! Já não suportava mais ter que usar de tanta formalidade para me dirigir a você e não via a hora de acabar com isso! — admiti.

Neste momento, antes que eu ou Carol pudéssemos falar alguma coisa, Amanda apareceu acompanhada de uma moça e aproximou-se de mim:

— Henri! Há quanto tempo! — disse Amanda, segurando-me pelos ombros e dando-me um grande e molhado beijo na testa.

— Oi, Amanda! Tudo bem com você? — perguntei, sorrindo. Apesar dos seus quarenta e dois anos, Amanda continuava bonita, mesmo não apresentando mais o corpo perfeito e esguio de vinte anos atrás. Ela continuava com seu belo sorriso, seus olhos cor de mel possuíam a mesma sedutora vivacidade e, embora ela já não fosse magra (também não estava gorda) e apresentasse

algumas gordurinhas evidentes, continuava a ter cintura fina, quadris largos, seios fartos. Eram os cabelos que mais tinham sofrido mudanças. De longos e negros, agora se encontravam curtos e avermelhados num corte chanel. Avançada como sempre, usava um conjunto de saia justa (um pouco acima do joelho) e blusa tomara que caia, deixando seus ombros nus. Fazia vinte anos que não a via e não pensava que pudesse vê-la de novo, muito menos que ainda a acharia bonita quando a visse.

— Está tudo bem sim! — respondeu, retribuindo o sorriso. — E você? O que está fazendo aqui? Veio passear ou voltou para ficar? — perguntou.

— Um pouco de cada coisa — respondi evasivamente, pois não queria ficar contando coisas da minha vida para ela.

— Você parece muito bem! Praticamente não envelheceu nestes vinte anos! — Ela observou,

tentando ser educada; mas, para mim, ela encontrou uma forma educada de me chamar de velho.

Eu não quis retribuir e admiti:

— Você continua muito bonita!

— Obrigada! Mas não tão bonita quanto esta moça aqui! — disse ela, puxando a moça para perto de si. — É Ramona! Minha filha mais velha! Tem dezenove anos e é ainda mais bonita do que eu era na idade dela! E já está na faculdade! — Amanda agora falava como mãe, uma mãe claramente orgulhosa de sua filha.

— Ela é tão bonita quanto você — observei. Ramona era mesmo a cara da mãe. Fisicamente, não lembrava em nada o pai, Ramon, um dos meus melhores amigos naquela época. — É um prazer conhecê-la, Ramona!

— O prazer é meu — disse Ramona séria, com evidente incômodo por estar ali, no meio da conversa com uma pessoa desconhecida.

Só então Amanda notou Carol (de quem eu também tinha me esquecido momentaneamente, admito), que se encontrava com “cara de paisagem” e parecia ainda mais incomodada do que Ramona. Posso jurar que ela estava com ímpetos de sair dali e, a depender do instante em que o fizesse, o faria sem que ninguém notasse. Não entendi por que ela não tinha ido embora quando me dei conta de que tinha sido desatencioso com ela enquanto Amanda falava comigo.

— E você, meu bem, como se chama? — Amanda perguntou para Carol.

— Ana Carolina — Carol respondeu.

Amanda voltou-se novamente para mim, deu-me mais um sorriso e disse:

— Bem, eu tenho que ir. Foi um prazer rever você e conhecer a sua enfermeira! Ramon vai ficar muito feliz em saber como você está bem!

— Tchau! — respondi, sentindo-me aliviado por Amanda e sua filha irem embora. Afinal, ela também me trazia lembranças desagradáveis.

Ao ver que Amanda tinha se afastado, pensei no fato de que ela tinha se referido a Carol como minha enfermeira e, com um suspiro, murmurei:

— Certas coisas nunca mudam.

— Quem é essa mulher? Ela se referiu a mim como sua enfermeira! É maluca, é? Só porque eu estou aqui com você não significa que sou sua enfermeira! Que loucura! O fato de você ser cadeirante quer dizer que você é dependente de uma enfermeira? — Carol falava baixo, mas estava muito revoltada. Entendi o que ela estava sentindo; pois, ainda que “de fora”, ela tinha vivenciado um pouco do preconceito, um preconceito parecido com o que ela demonstrou sentir e, intimamente, solidarizei-me com ela. Apesar disso, sabia que

tinha que ser duro com ela no intuito de ajudá-la a ser menos preconceituosa:

— Olhe, Carol, Amanda foi preconceituosa, sim. Mas você não agiu diferente dela quando disse, em nosso primeiro e último encontro, que “não tinha vocação para enfermeira”. Além disso, ela até pode pensar as mesmas coisas que você, mas nunca me disse metade das coisas que você já me disse. Você só ficou ofendida agora; porque, de certo modo, o preconceito dirigido a mim a atingiu indiretamente.

Carol curvou-se, apoiou os cotovelos nos joelhos e cobriu o rosto com as mãos, permanecendo assim por alguns instantes. Parecia refletir. Confesso que até me senti um pouco arrependido do que eu dissera, mas também sabia que fora necessário eu ter dito aquilo.

— Você tem razão — começou ela com um suspiro, a respiração meio descompassada, parecia nervosa. — Eu sou preconceituosa e fui muito

PERIGOSAS ACHERON

estúpida com você na primeira vez que o vi. Não devia ter falado todas aquelas coisas, deveria apenas ter dito que não quero ficar com você, que não o amo, mas... estava com raiva de você por... por... — Ela olhou rapidamente para mim e encarou o chão de pedras antes de continuar: — por você ser um cadeirante, por não ser o homem que eu imaginei que fosse. Fui impulsiva. Queria ferir você, puni-lo.

— E conseguiu. Conseguiu até abalar a minha autoestima, a qual eu levei vários anos para restabelecer depois do acidente — admiti. — Não faça esse tipo de coisa com outra pessoa, pois ela pode não ter a mesma autoconfiança e demorar um pouco mais para perceber que nada do que você falou é verdade, que é puro preconceito — completei.

— Eu sinto muito! — ela murmurou, apoiando o queixo nas mãos. — Mas, por favor, me fale quem PERIGOSAS ACHERON

é aquela mulher! — pediu, por fim.

— Eu conto, mas não aqui no meio da rua — respondi. Carol ergueu-se e me perguntou com um olhar confuso:

— Para onde quer ir?

— Quero voltar para a casa de meus pais — repliquei. — Será que você pode me ajudar a descer o degrau? — pedi.

— Claro. Como faço isso? — ela concordou em ajudar-me.

— A cadeira tem que descer o degrau de costas. Ou seja: se para subir, as rodinhas de rodízio são as primeiras a galgar o degrau; para descer, as primeiras a transpô-lo são as rodas grandes.

Carol ajudou-me a transpor o degrau, agradeceu a ajuda e ela caminhou ao meu lado com as mãos unidas e os dedos cruzados durante todo o curto percurso entre a pracinha e a casa de meus

PERIGOSAS NACIONAIS

pais. Como estava calor, chegando lá, levei-a à varanda.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 14

Amanda, Leno e outras coisas mais

Carol

Durante todo o percurso entre a pracinha e a casa dos pais de Henri, eu sentia-me agoniada. Lembrava-me de todas as coisas que ele me disse e que eu sei que merecia ouvir e sentia-me envergonhada. Ao mesmo tempo que eu queria estar ali com ele, queria estar há vários quilômetros de distância dele. Ao mesmo tempo que eu não queria ficar com ele, não entendia por que ele me atraía tanto. Além disso, queria saber quem era Amanda e por que ele se desfizera em sorrisos para ela.

Quando entramos na casa dos seus pais, Henri me conduziu a uma varanda nos fundos da casa. Era espaçosa, aconchegante e fresca, apropriada para uma conversa em uma tarde tão quente quanto aquela. Acomodei-me numa antiga cadeira de ferro com uma almofada forrada de courvin vermelho e ele posicionou sua cadeira ao lado de uma poltrona, bem à minha frente. Ficamos calados, olhando um para o outro. Ele parecia indeciso, parecia avaliar se devia me contar ou não quem era Amanda. Por fim, fixou um olhar decidido em mim e disse:

— Amanda é a minha ex-noiva.

— E você é apaixonado por ela — concluí.

— Não, não sou. Gostei muito dela sim. Mas, olhando de hoje, acho que não a amava de verdade, acho... que só gostava dela — ele respondeu rapidamente. Senti sinceridade em sua voz e resolvi perguntar:

— E por que ficou tão empolgado quando a viu? Desfazendo-se em sorrisos, olhando-a de cima a baixo, como se quisesse devorá-la com os olhos?

— Não estava empolgado, só fui educado e não pude deixar de perceber que ela ainda continua muito bonita aos quarenta e dois anos — esclareceu. Novamente, seu tom de voz era sincero.

— Não sabia que você preferia mulheres mais velhas — observei.

— Não é uma preferência. Se eu só gostasse de mulheres mais velhas, não teria me interessado por você que é dez anos mais nova que eu. Além disso, ela é só três anos mais velha! Não é uma diferença grande! — rebateu.

— Por que vocês terminaram? — perguntei curiosa.

— Eu e Amanda íamos nos casar. Já estava tudo pronto, faltava apenas uma semana para o casamento quando eu sofri o acidente e fiquei

tetraplégico. Amanda terminou tudo comigo, me deixou. Ia ser um casamento conjunto: eu e Amanda, Leno e Estela. Eu... fiquei muito mal na época... Estava tendo que lidar com uma nova realidade, uma nova vida, eu tinha me tornado outra pessoa. De uma hora para outra, era outro Henri, com um novo corpo. Quando isso aconteceu, minha autoestima foi para o chão... Aquele foi o momento que mais precisei de carinho, de apoio e levei um fora da pessoa que eu tinha escolhido para me casar. Foi extremamente difícil para mim, pensei que não ia aguentar tudo aquilo. Demorou muito para eu me restabelecer psicologicamente. Apesar disso, não deixei que meu irmão adiasse o casamento por minha causa, além disso Estela já estava grávida... Amanda casou grávida com um dos meus melhores amigos na época, três meses depois de ter terminado tudo comigo. Acho que isso me ajudou a esquecê-la; pois, se ela me amasse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de verdade, não teria me abandonado no momento em que mais precisei, nem teria se casado tão rápido. — Henri relatou a história toda com os olhos pousados no chão, apenas em alguns breves momentos dirigiu-me olhares furtivos, como se não estivesse confortável em me revelar tudo aquilo.

— Lamento muito — disse com sinceridade.

— Não lamente. Apesar de tudo o que eu sofri, foi melhor assim. Eu não teria sido feliz com ela — afirmou. Desta vez, ele encarava-me com tanta convicção que eu percebi que ele estava seguro do que dizia.

— E o filho que ela estava esperando é seu? — perguntei com indiscrição.

— Não, claro que não — ele negou veementemente.

— Como pode ter tanta certeza? — questionei.

— Simples: eu não transei com ela — revelou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Como eu olhei para ele com um misto de incredulidade e surpresa, ele esclareceu, sustentando meu olhar com os seus belos olhos azuis:

— Vamos, não me olhe assim! Você sabe que, há vinte anos, não era tão comum namorados dormirem juntos como hoje. Ela dizia que queria se casar virgem e eu respeitei. Jamais ia forçá-la a algo que ela não quisesse! Só que, pelo jeito, ela não manteve a regra com Ramon, o homem com quem se casou e vive até hoje. Foi melhor assim. Ela é feliz. Eu e ela não seríamos felizes juntos.

— E você não me contou como foi que você se acidentou... — lembrei. Eu estava muito curiosa para saber.

— Não gosto de falar sobre isso e também já faz tanto tempo... Lembrar e falar do acidente não vai mudar nada do que aconteceu. — Ele se esquivou

PERIGOSAS ACHERON

de falar e, repentinamente, pareceu tocado por um grande desconforto.

Percebi que tinha lhe feito muitas perguntas pessoais (algumas até muito íntimas) e ele tinha respondido a todas sem se esquivar; contudo, agora, parecia ter chegado ao seu limite. Apesar disso, ousei fazer ainda mais uma pergunta:

— No nosso primeiro dia de trabalho juntos, nós discutimos bastante e eu disse, várias vezes, que o odiava. Em uma dessas vezes, você rebateu o que eu disse, dizendo que me amava. É verdade isso? Você me ama mesmo?

Henri fixou em mim um olhar de surpresa e sofrimento e perguntou:

— Por que está fazendo isso? Por que essa pergunta agora? Você já não me magoou o suficiente?

— Eu me arrependo por tê-lo magoado tanto e é justamente por isso que estou perguntando, para

PERIGOSAS ACHERON

tentar não o magoar mais — justifiquei. Embora minha justificativa não fosse mentira, ela não correspondia a toda verdade. A verdade completa incluía o fato de que eu queria saber se ele realmente me amava.

— Sim, é verdade. Eu a amo. Ainda — ele admitiu com a voz firme e os olhos fitos em mim. Todavia, logo em seguida, ele assegurou com igual firmeza: — Mas não se preocupe. Eu vou te esquecer.

Naquele momento, diante daquele olhar firme e decidido, eu enxerguei nos olhos de Henri todo o amor que ele sentia por mim e também toda a sua determinação em me esquecer completamente. Senti-me perdida, um brinquedo entre dois sentimentos opostos: o prazer de sentir-me amada por ele e o alívio diante da determinação dele em esquecer-me. Sei que parece piegas, mas eu o desejava, sentia uma forte atração por ele, mas não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o aceitava por sua deficiência. O meu preconceito idiota fizera-o sofrer, mas agora torturava-me no embate entre opostos que se digladiavam dentro de mim.

— Eu... eu sinto... sinto muito... mas eu não sinto a mesma coisa. Eu não... não o amo — repliquei por fim.

Ao contrário da de Henri, minha voz mostrava-se insegura, oscilante, cada palavra parecia pesada, difícil de ser pronunciada. Ele atribuiu minha dificuldade à culpa e a um possível medo de que ele usasse essa culpa contra mim.

— Você se sente tão culpada; porque, lá no fundo, em seu íntimo, você sabe que o preconceito é um sentimento mesquinho, pequeno, que pode até destruir a sua própria felicidade. E parece que está com medo de que eu use sua culpa contra você. Não vou fazer isso, não vou usar a sua culpa para forçá-la a ficar comigo.

PERIGOSAS ACHERON

Antes que eu pudesse responder, ouvimos alguém bater à porta que separava a cozinha da varanda. Olhei na direção dela e Henri respondeu:

— Entre!

A porta se abriu e eu fiquei perplexa com o que vi: Heleno, o irmão gêmeo de Henri, parado à porta com um largo sorriso nos lábios:

— Estou atrapalhando alguma coisa? — Heleno perguntou, olhando para o irmão.

— Não, não está — replicou Henri, retribuindo o sorriso.

Heleno sorriu novamente e atravessou a varanda para sentar-se no braço da poltrona que se encontrava ao lado da cadeira de Henri. Ele era um homem muito bonito: alto, porte atlético, pernas grossas e braços fortes, ambos evidenciados pelo short e camiseta regata que usava. Os cabelos negros, ornados por óculos escuros, os olhos azuis cor de anil, os lábios... Enfim, todo o rosto era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fisicamente idêntico ao de Henri, embora houvesse diferenças inerentes ao jeito de ser de cada um.

Era esse contraste entre as semelhanças que me fascinava. Heleno era a exuberância da beleza, da força e da vivacidade. Henri era a expressão da timidez e, ao mesmo tempo, da determinação e da perseverança. Não sei ao certo; mas, talvez, fossem estas características psicológicas, aliadas a um sorriso ingênuo e a um brilho misterioso no olhar, em contraposição ao sorriso irreverente e ao olhar brincalhão de Heleno, que fizessem com que eu me sentisse irresistivelmente atraída por ele, apesar de seu corpo magro, da barriguinha disfarçada pelas roupas largas e dos pés bastante inchados. Embora Heleno fosse inegavelmente mais bonito e menos sofrido, era Henri que despertava o meu desejo e eu não entendia como podia desejar alguém que não podia mais andar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu aproveitei que estava voltando do clube e passei aqui para vê-lo. Como você está? — Heleno perguntou com um sorriso.

— Eu estou bem. O susto já passou — Henri replicou, novamente retribuindo o sorriso do irmão.

— Namorada nova? — perguntou Heleno, olhando para mim sem saber quem eu era. E eu estava tão entretida em observar as semelhanças e as diferenças entre eles que estava completamente alheia a conversa de ambos.

— Não, não — negou Henri. — Ela é... é minha colega de trabalho. Veio me visitar — explicou meio embaraçado.

— E você nem me apresentou à moça. — lembrou Heleno.

— Ah, é mesmo. Esqueci-me — disse Henri. — Leno, esta é Carol. Carol, este é Leno, o meu irmão gêmeo, de quem lhe falei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É um prazer conhecê-la, Carol — disse-me Heleno, mas eu estava perdida em pensamentos e não respondi.

Percebendo meu deslize, Henri me chamou:

— Carol. Carol. Carol.

— Hã? — respondi, retornando à realidade.

— Carol, Leno está cumprimentando você!

— Prazer em conhecê-la, Carol — repetiu Heleno.

— O prazer é meu — respondi, dando um sorriso meio sem graça.

— Acho que você ficou meio chocada com a semelhança entre nós dois. Não sabia que Henri é gêmeo? — Heleno perguntou.

— Eu sabia, mas fiquei meio surpresa mesmo assim — admiti.

— Um dia, ela viu você no supermercado e achou que fosse eu — revelou Henri.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso prova que continuamos iguaizinhos! — disse Heleno, sorrindo e beijando a face direita de Henri. — Bem, meu irmãozinho caçula, eu tenho que ir! Estela e as crianças estão esperando no carro! — completou, erguendo-se.

— Caçula? — Estranhei.

— É. Nasci primeiro! — esclareceu Heleno.

— Grande diferença! — provocou Henri.

Heleno gargalhou e, pondo-se sobre a soleira da porta, disse:

— Foi realmente um prazer conhecê-la! Irmãozinho, aproveite que a mamãe e o papai ainda não chegaram do clube e namore mais um pouquinho! Tchau para vocês!

Heleno atravessou a soleira da porta, cerrou-a e saiu a passos apressados. Não pude deixar de acompanhá-lo com os olhos e imaginar que, se Henri não tivesse sofrido o acidente, seria tão belo quanto ele.

PERIGOSAS ACHERON

— Cuidado para não se afogar com a própria baba! — brincou Henri com um sorriso, embora seus olhos encerrassem, nesse momento, um brilho taciturno.

— Não exagere! Só achei seu irmão bonito — rebati. — Mas também não pude deixar de pensar que, se você não tivesse sofrido o acidente, seria tão bonito quanto ele — completei.

— E você quase acabou com o que me restou de beleza com aquele tombo — observou Henri em tom de brincadeira e apontando o ferimento em sua testa.

Repentinamente, senti-me novamente culpada, arregalei os olhos, encarei-o e pedi:

— Perdoe-me. Eu não avaliei as consequências do que fiz.

— Esqueça! O tombo não acabou com o que resta de beleza em mim. Além disso, nada garante que, se eu não tivesse sofrido o acidente, eu seria

tão bonito quanto ele. Embora muito parecidos fisicamente, somos pessoas diferentes: ele sempre foi extrovertido, brincalhão, sempre gostou de academia e, por isso, mantém um corpo bonito. Nunca gostei de academia, sempre fui mais tímido, mais calado, nunca tive um corpo como o dele... Sempre era mais gordinho. Depois do acidente emagreci bastante, perdi massa muscular e, como não sou muito amante de exercícios físicos, faço natação. No início do trauma, eu passei boa parte do tempo me questionando: “E se eu não tivesse sofrido o acidente?”. Mas só tenho certeza de uma coisa: minha vida seria diferente, eu seria uma pessoa diferente. Você pode até pensar que não, mas eu aprendi muito com tudo isso, me tornei uma pessoa mais humana. Enfim, uma pessoa melhor, mais bonita. Não falo de beleza exterior, falo de beleza interior. A verdadeira beleza está aqui. — Henri apontou para o próprio coração. — É ela que

PERIGOSAS ACHERON

realmente vale a pena. Ela não é passageira, não se deteriora e, com o tempo, só aumenta! — completou.

Naquele momento, admirei a eloquência e a paixão com as quais Henri falava, mas estava tão atordoada com os sentimentos contraditórios que eu trazia em meu peito, dividida entre a vontade crescente de tocá-lo e o ímpeto de afastar-me dele, que não fui capaz de refletir sobre suas palavras, lembrei apenas da brincadeira de Heleno ao se referir a um namoro entre nós e coloquei-me na defensiva, rebatendo:

— Se você pensa que vai me conquistar ou me convencer a ficar com você com essa cantada camuflada, você perdeu seu tempo, porque eu não...

— Eu não estava cantando você, Carol! Estava só falando de mim mesmo! — ele rebateu, indignado. — Poxa! Será que tudo o que eu falo com você, você tem que interpretar errado e achar

que estou querendo forçar um namoro com você? Eu não quero ter nada com você! Eu quero amar e ser amado, pois tenho esse direito! E você não me ama! Então, estou convicto de que não há mais nenhuma possibilidade de relacionamento amoroso entre nós! — completou, fuzilando-me com o olhar.

— Bem, já são 16h30. Eu tenho que ir — disse, erguendo-me e ignorando as últimas palavras de Henri.

Henri suspirou e mudou de assunto ao agradecer-me:

— Obrigado pela visita. Eu vou acompanhá-la até a porta.

Enquanto caminhava de volta para a casa de meus pais, comecei a pensar nas palavras de Henri, aquelas que eu tinha erroneamente interpretado como uma cantada, e percebi que eu estava errada e ele certo. Aquelas palavras não eram um subterfúgio para a realização de uma conquista

PERIGOSAS NACIONAIS

amorosa. Eram, na realidade, uma espécie de desabafo, ele falava de si, do que era antes do acidente e do que se tornara. E eu fui burra o bastante para não compreender isso e recriminá-lo mais uma vez.

Nas duas semanas seguintes, nós nos limitamos a falar de trabalho e dificilmente olhamo-nos nos olhos. Henri parecia temer que eu interpretasse mal qualquer um de seus gestos e eu... Bem, eu tinha vergonha de ter sido tão burra.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 15

Mudança

Carol

O clima entre mim e Henri continuava pesado, estranho. A conversa era monossilábica e bastante limitada aos afazeres do trabalho. Ele estava nitidamente ressabiado com a minha atitude na casa dele e evitava deliberadamente falar comigo e, principalmente, olhar para mim. Sempre que a palavra era necessária, seus olhos continuavam fitos no computador ou pousavam com insistência no chão.

Em um desses dias, foi necessário que trabalhássemos o dia inteiro para terminarmos de preparar o material para a apresentação sobre o

Núcleo de Bioética e o CEP, que seria realizada, daí a dois dias, para toda a comunidade do hospital.

Como todos que trabalham dois períodos no hospital, fomos almoçar no refeitório. Todavia, almoçamos separados. Henri almoçou com Jonas Rantero, o diretor do hospital, e eu almocei sozinha em uma mesa próxima. Devido a esta proximidade e ao fato de já ser 13h (o que deixava o refeitório mais vazio), pude ouvir a conversa deles, embora eu soubesse que era errado fazer isso. Em meu favor, digo apenas que não os estava espionando, ouvi a conversa deles, porque o som de suas vozes chegou até mim, mas também não nego meu interesse em ouvi-la.

— Como está, Jonas? — perguntou Henri, sorrindo.

— Eu estou bem. Ansioso para sair de férias, o que deve acontecer dentro de quinze dias. Só estou esperando pela sua palestra e pela primeira reunião

da Comissão de Implantação do Núcleo de Bioética e do CEP. E você, Henri? Como está? Já se adaptou ao hospital? Já se readaptou à vida em Jequié?

— Eu estou me adaptando ao hospital, estou gostando de trabalhar aqui; mas não sei se vou querer ficar depois que meu trabalho tiver acabado. Quanto a Jequié, é a minha cidade natal, gosto daqui, mas detesto o excesso de calor. Acho que nunca vou me acostumar. Contudo, acho que as coisas vão ficar um pouco mais fáceis para mim. Acabo de mudar para a minha casa — replicou Henri.

— E como é a sua casa? Está a seu gosto? — perguntou Jonas.

— Ela é totalmente adaptada às minhas necessidades, à minha deficiência para que eu possa morar sozinho e manter minha independência. Mas... — respondeu Henri reticente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas? — indagou Jonas.

— Mas eu acho a casa grande demais para mim sozinho. Quando eu comprei a casa, eu ia me casar... Enfim, formar uma família, ter filhos... Mas agora... — confessou Henri, demonstrando uma leve insegurança que eu não percebera quando ele estava comigo.

— Mas agora o quê? Se você se casar, a casa não vai ser mais tão grande. É tudo uma questão de perspectiva — rebateu Jonas.

— Eu nem sei se vou me casar um dia — lembrou Henri.

— Ninguém tem certeza se vai ou não se casar algum dia. Alguns se casam, outros não — completou Jonas.

— No meu caso, é mais difícil. A mulher tem que gostar de mim, independente da minha deficiência, tem que me aceitar como eu sou. Isso não é tão fácil assim — afirmou Henri.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, mas a deficiência não é um obstáculo para o casamento. Veja, por exemplo, o caso de Adriano, meu irmão. Ele é paraplégico, cinco anos mais novo do que eu, e casado há cinco anos com Lara que também é paraplégica. Eu, que não tenho deficiência nenhuma, tenho trinta e cinco anos e ainda não me casei. Já fiquei para tio — rebateu Jonas.

— Se você tem trinta e cinco e já ficou para tio, imagine eu que tenho trinta e nove? — indagou Henri, sorrindo. — Além disso, se a moça é cadeirante, é mais fácil em relação à questão de um aceitar o outro — disse ele, olhando para o suco de laranja à sua frente.

— Sim, concordo. Mas foi um estardalhaço em ambas as famílias quando Lara engravidou — revelou Jonas.

— Por quê? — perguntou Henri, fitando Jonas.

— As duas famílias, tanto a nossa quanto a dela, os recriminaram muito. Diziam que era arriscada a gravidez, que era uma irresponsabilidade, que eles não teriam condições de criar a criança. E, no entanto, a gravidez foi tranquila, Larissa é uma criança saudável, ativa, brinca, pula como qualquer criança e é criada pelos pais. Adriano e Lara são ótimos pais e pensam até em tentar ter um segundo filho — relatou Jonas.

— Que bom! Fico muito feliz com isso! — disse Henri, fitando Jonas com um sorriso nos lábios. — Eles fizeram inseminação artificial? — perguntou ele.

— Não. Conceberam pelo método natural mesmo. É mais difícil, mas com eles deu certo — respondeu Jonas. — Você sabe que isso é possível, não sabe?

— Sei, sei — replicou Henri com a voz sumida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabe do que você precisa para preencher sua casa? Uma namorada! Por que não arranja uma namorada? — sugeriu Jonas com um sorriso malicioso.

— Tenho pensado nisso — admitiu Henri, terminando de tomar o suco de laranja.

— Eis ali uma boa alternativa para você! — cochichou Jonas novamente com um sorriso malicioso nos lábios.

Henri olhou ao seu redor. Neste momento, além da mesa em que eles estavam, só havia mais duas mesas ocupadas. Dois rapazes estavam sentados a uma mesa ao pé da janela e que se encontrava distante da deles. Eu continuava a sentar-me sozinha à mesa. Já tinha terminado o almoço, mas bebericava muito lentamente um suco de cacau no intuito de continuar a escutar a conversa deles.

— Quem? Não vejo ninguém... — indagou Henri confuso.

PERIGOSAS ACHERON

— Tem certeza de que não vê ninguém? — tornou Jonas, sorrindo.

— Tenho — Henri afirmou.

Jonas suspirou e declarou:

— Acho que Carol é uma boa opção para você. Vocês já se conheciam antes de trabalharem juntos, parecem se dar bem, parecem se gostar e... — Jonas interrompeu quando Henri olhou-o com uma mistura de surpresa e indignação no olhar; mas, logo em seguida, completou: — O que foi? Já “rola” alguma coisa entre vocês?

— Não! Claro que não! Nem poderia! Carol me odeia! — Henri rebateu movido pelo ímpeto do momento e acabou falando mais do que gostaria.

— Ela odeia você?! Como assim? Vocês não estão se dando bem no trabalho? — Preocupou-se Jonas.

— Não, não é isso! — afirmou Henri. — É que... é que... não há nenhuma possibilidade de um PERIGOSAS ACHERON

envolvimento que não seja estritamente profissional — completou Henri, sendo bastante evasivo em sua resposta, mas tentando ser convincente. — E você? Já que está solteiro, por que não se candidata a namorado de Carol? — tornou ele com naturalidade. Ao ouvir isso, pensei: *se ele me amasse como diz, não faria tal coisa!* Mas, depois de algumas reflexões, imaginei que ele poderia pensar que me ver com outro poderia fazer com que ele me esquecesse mais rapidamente, com que ele relegasse nosso namoro virtual a um passado distante, morto e bem enterrado.

— Ah, não! Estou solteiro, mas não estou totalmente sozinho! Estou saindo com Malu. Estamos nos conhecendo, não estamos namorando ainda; mas, se tudo der certo, pretendo iniciar um relacionamento sério com ela e até casar.

— Malu é aquela médica do departamento de lesão medular? — ele perguntou em busca de

PERIGOSAS ACHERON

confirmação.

— Ela mesma! — confirmou Jonas.

— Fico feliz por vocês. Espero sinceramente que o romance de vocês termine em casamento — disse Henri.

— Voltando ao assunto, por que você não aluga um quarto da sua casa já que está achando-a muito grande?

— Alugar um quarto? Como assim? — Henri não compreendeu.

— Ora! Da forma mais fácil possível! Como um pensionato! Você estabelece as regras, faz um contrato e traz um jovem universitário para morar com você — esclareceu Jonas.

— Isso não é exequível, pois não moro próximo à universidade. Mas tudo bem! Se um dia me aparecer um rapaz legal, que queira dividir a casa e que aceite as regras, eu aceito dividir a casa em que eu moro com ele. Mas, ao mesmo tempo, eu penso

PERIGOSAS NACIONAIS

que, do jeito que estão as coisas hoje, com tanta violência e criminalidade, é melhor que eu fique sozinho mesmo, que me acostume com a casa grande; pois, pelo menos assim, evito problemas futuros — tornou Henri. — Mas vamos falar de você! Por que não tenta convidar Malu para sair de férias com você? Assim, o relacionamento de vocês pode engrenar, se tornar mais sério...

— É o que eu estou pensando em fazer — admitiu Jonas.

Neste momento, percebi que a conversa iria concentrar-se em Jonas e, como não era meu objetivo bisbilhotar a vida dele e nem os levar a perceber que eu estava escutando tudo o que falavam, ergui-me da mesa e fui para a sala trabalhar. Henri retornou dez minutos depois com um sorriso no rosto que se desfez no momento em que os olhos dele encontraram acidentalmente os meus.

PERIGOSAS ACHERON

— Boa tarde — disse ele, adentrando a sala e afastando seus olhos dos meus.

— Boa tarde — respondi, observando-o colocar-se à frente do computador e permanecer calado.

Eu não estava suportando mais aquele clima pesado e não sabia como livrar-me dele, como quebrar o silêncio que se estabelecera cruelmente entre nós por minha culpa. Tive, então, uma ideia, da qual logo pus em prática a primeira parte para não me arriscar a desistir dela se fosse refletir sobre suas implicações:

— Henri? — chamei.

— O que é? — perguntou, mantendo os olhos fixos no computador.

— Dá para olhar para mim quando falo com você? — pedi.

— Para você ficar delirando e achar que eu estou te “cantando” só por olhar para você? Não, não vale a pena! — ele negou com um sorriso irônico

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu não tive a oportunidade de contemplar, pois ele não se voltou para mim. Ele sorria para si mesmo.

— Olhe, eu sei que exagerei. Reconheço que você não estava me “cantando” lá na sua casa e prometo tentar não ser tão paranoica. Enfim, peço-lhe desculpas — admiti. — Agora, por favor, olhe para mim quando eu estiver falando com você.

Henri suspirou, olhou fixamente para mim e perguntou:

— O que você quer, Carol?

— Eu estava pensando se... Bem, na realidade, eu quero que você... — Atrapalhei-me, pois eu tinha medo de levar um não.

— Seja direta! — sugeriu Henri.

— Você quer almoçar comigo, depois de amanhã, após o término da palestra? — perguntei, sendo o mais direta que consegui.

PERIGOSAS ACHERON

— O que disse? — Estranhou Henri, franzindo a sobancelha.

— Perguntei se você quer almoçar comigo depois da palestra — repeti.

— Tem certeza de que esse convite é para mim?

— Ele duvidou do que eu estava dizendo.

— É, sim. E por que não seria? — indaguei.

— Talvez, porque seja eu o cara a quem você disse coisas horríveis há menos de um mês e, não contente com isso, tornou a dizer coisas horríveis para mim quando começamos a trabalhar juntos — ele replicou, fuzilando-me com o olhar. O azul de seus olhos tinha a agudez de um punhal e parecia transpassar-me.

— Você não consegue me perdoar, não é? — perguntei.

— Não é isso. Eu já a perdoei. De coração, Deus sabe que a perdoei. Mesmo que não acredite, não guardo nenhum tipo de mágoa de você. Mas não

PERIGOSAS NACIONAIS

quero ser humilhado de novo. É só uma questão de autodefesa — ele rebateu com sinceridade no olhar.

— Então, aceite meu convite. Eu não quero machucá-lo novamente — afirmei.

Henri piscou os olhos várias vezes e permaneceu alguns instantes calado como se reavaliasse o meu convite para, logo depois, replicar num tom de voz que deixava transparecer sua relutância:

— Está bem! Depois de amanhã, quando sairmos do trabalho, vamos almoçar juntos.

— Então, já que vamos almoçar juntos, podemos pensar um pouco no meio ambiente e no aquecimento global e vir para o trabalho em um carro só — sugeri. — Posso passar na casa de seus pais para pegar você? — perguntei. Como sabem, eu tinha conhecimento de que ele mudara de casa, mas não desejava que ele soubesse que eu escutara sua conversa com Jonas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estou morando mais com meus pais. Estou morando sozinho em minha casa agora — ele relatou. — Mas eu prefiro dirigir, ir no meu carro. Posso passar na sua casa e pegar você? — ele propôs.

— Pode, sim. Mas... — concordei reticente, desistindo de falar o que eu tinha em mente.

— Mas o quê? — ele perguntou curioso.

— A sua... deficiência o impede de pegar carona comigo? — perguntei, olhando para ele no intuito de tentar enxergar nos olhos dele a resposta.

— Não, não impede — ele afirmou. — É que eu prezo muito a minha autonomia, gosto de dirigir e sou chato mesmo — explicou.

— Pelo menos, você é sincero.

— Sou e só vou almoçar com você num restaurante que seja acessível.

— Não se preocupe. É claro que nós vamos a um restaurante acessível — assegurei.

PERIGOSAS ACHERON

Ao final do dia, estava me sentindo bem melhor por vê-lo dirigir o olhar para mim, pois já era um grande progresso em relação ao clima pesado que havia se instalado entre nós, embora ele ainda continuasse bastante calado. Restava-me apenas esperar pela palestra e pelo almoço.

CAPÍTULO 16

Almoço

Henri

Finalmente chegara o dia da palestra, ou seja, o dia de apresentar para todo o hospital, funcionários e clientes, em que consiste e qual a importância de um Núcleo de Bioética e de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). A palestra estava prevista para iniciar-se às 9h30, mas houve um atraso e ela começou às 10h. Procurei ser conciso; mas, ao mesmo tempo, claro o bastante. Então, embora ambos os temas da palestra fossem extensos, falei apenas uma hora no total (trinta minutos para cada tema) e depois tivemos mais trinta minutos para as perguntas da plateia e as minhas respostas às indagações. As perguntas mais frequentes estavam

relacionadas ao Representante dos Usuários e sua importância para a manutenção do pluralismo e do caráter de órgão de controle social do CEP. Muitos questionaram por que era necessário a participação de um cliente/paciente do hospital dentre os pareceristas do CEP.

Os questionamentos se findaram às 11h40 e, como tínhamos trabalhado mais intensamente nos últimos dias, eu e Carol saímos mais cedo para almoçar. Quando entramos no meu carro, olhei para ela e perguntei aonde iríamos. Ela replicou informando o nome e o endereço do restaurante e eu guiei o carro até lá.

— Bem, o restaurante tem rampa, mas não há uma vaga específica para estacionamento de carros de pessoas com deficiência... — observei.

— Perdoe-me! Eu não pensei nisso e aqui em Jequié nem todos os lugares são adaptados... — justificou-se Carol.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupe! Eu sei que, para quem não é cadeirante, certas coisas escapam, ou seja, não são notadas — disse no intuito de tranquilizá-la. — Mas, mesmo não tendo uma vaga específica para estacionamento, o passeio e a entrada do estabelecimento são rebaixados e dá para entrar no restaurante sem problemas — completei.

— Ainda bem! — Carol murmurou.

Entramos no restaurante e Carol começou a caminhar em direção ao canto mais distante e escondido do salão. Estranhei a atitude dela e, quando chegamos a uma das últimas mesas, perguntei:

— Por que quis sentar-se aqui no fundo do restaurante?

— Por nada — ela tentou fugir da pergunta.

— Carol... — comecei, mas interrompi quando ela completou:

— Aqui nós temos mais privacidade.

PERIGOSAS ACHERON

— Em suma, você me convidou para almoçar com você, mas não quer ser vista com um cadeirante, não é?

— Sim. Quero dizer: não. Mas... — ela interrompeu, pois percebeu que eu tinha notado o preconceito escondido em sua atitude.

— Por que você me convidou para almoçar com você se tem vergonha de ser vista comigo? — tornei a perguntar.

— Não é vergonha, é que... eu só não quero que as pessoas pensem que... que estamos namorando — tentou se justificar.

— E só é permitido a uma pessoa ir a um restaurante com o namorado ou a namorada? Não se pode ir com um amigo ou com um colega de trabalho? — indaguei.

— Sim, é. Mas... — tentou argumentar.

— Se você me convidou para almoçar para me humilhar novamente, sinto muito, mas eu não sou

obrigado a suportar isso... — disse, já manobrando a cadeira de rodas para ir embora.

— Não vá! Eu não quero humilhá-lo. Não era esse o meu objetivo ao convidá-lo para almoçar. Eu só... queria confraternizar — Carol pediu com os olhos cheios de angústia. — Perdoe-me. Eu sou preconceituosa, sim. Mas tenho tentado lutar contra isso. Enfim, pelo menos, tornar-me menos preconceituosa, mas é difícil, não é de uma hora para outra... — argumentou.

— Confraternizar o quê? Por que está tentando ser menos preconceituosa? — perguntei com um misto de curiosidade e revolta.

— Confraternizar pelo fato de a palestra ter dado tão certo, pelas pessoas terem se interessado tanto. Eu sabia que ia dar certo, pois você é muito talentoso. Eu não quero mais machucá-lo, Henri. E imagino que acabar com o preconceito que sinto é a melhor forma de fazer isso — respondeu com

sinceridade na voz e um olhar tão doce que seria capaz de convencer a qualquer pessoa com um mínimo de sensibilidade.

Confesso que, ao ouvir estas palavras, fiquei meio desarmado, minhas defesas contra ela se arrefeceram e eu me vi suspirando e dizendo com os olhos fitos em Carol:

— Perdoe-me! Fui muito duro com você; mas, desde que... desde que você... me disse todas aquelas coisas horríveis, eu sempre fico na defensiva.

— Não precisa pedir perdão. Eu entendo a sua posição — Carol afirmou, cravando os olhos na superfície da mesa para, em seguida, erguê-los, exibindo um brilho envolvente em seus olhos cor de mogno, e dizer: — Bem, vamos almoçar!

— Vamos! — repliquei, manobrando a cadeira.

Eu tinha me entretido tanto na conversa que eu e Carol travamos que não tinha percebido que o

PERIGOSAS ACHERON

balcão self-service do restaurante era alto e, portanto, eu jamais conseguiria me servir. Pego de surpresa, não soube como reagir. Fiquei parado ali, próximo ao balcão, sem saber o que fazer. Ir embora, dando uma desculpa qualquer ou ficar e pedir ajuda a Carol: ambas as alternativas pareciam difíceis para mim.

Se eu fosse embora, certamente, minha atitude seria interpretada como grosseria e a justificativa que eu daria a Carol, seja ela qual fosse, acabaria soando como uma grande mentira ou covardia. E eu não me sentia nem um pouco à vontade para pedir ajuda a ela (não para uma coisa como essa) depois de tudo o que tinha acontecido e também depois da conversa que tínhamos acabado de ter, na qual eu fora ríspido com ela. Eu ainda estava preso a estes questionamentos quando ela me libertou deles, chamando-me:

— Henri?

— Hã?

— Você não vai se servir? — Carol perguntou, já com uma bandeja com seu prato nas mãos.

Eu não sabia o que fazer, o que dizer. Olhei para o balcão bem à minha frente, olhei para ela e consegui murmurar apenas:

— Eu... não posso. É muito alto para mim.

— Eu não tinha notado isso. Perdoe-me! — ela pediu sem graça e, abaixando os olhos para o próprio prato, perguntou: — Eu posso ajudá-lo?

— Pode — repliquei.

— Eu só vou pesar o meu prato e colocá-lo na mesa. Enquanto isso, você tenta dar uma olhada nas comidas do balcão e, quando eu voltar, você me diz o que você quer comer, certo? — disse Carol.

— Certo — concordei ainda um pouco constrangido com a situação.

— Pronto — disse ela ao retornar. Expliquei a ela o que eu queria comer e as respectivas

quantidades e ela pediu:

— Você pode ir para a mesa e ficar olhando o meu prato?

— Claro — respondi já movimentando a cadeira de rodas em direção à mesa.

Instantes depois, Carol retornou à mesa trazendo o meu prato e, após colocá-lo à minha frente, disse:

— Vamos almoçar?

— Muito obrigado pela ajuda! — agradei. — Vamos almoçar sim — completei.

— Não há de que agradecer. O erro foi meu. Eu prometi que almoçaríamos num restaurante adaptado e, no entanto, trouxe-o a um parcialmente adaptado — disse Carol, iniciando o almoço.

— Estou em Jequié há pouco mais de um mês, mas a impressão que tenho é de que a maioria das coisas aqui é assim: parcialmente adaptadas ou parecem ser adaptadas e, quando você vai constatar, não são. Há tantas rampas por aí que, se

PERIGOSAS NACIONAIS

eu fosse utilizar, provavelmente despencaria ou levaria um grande tombo, porque são inclinadas demais e/ou lisas demais — relatei minha impressão, alternando olhares entre Carol e o prato.

— E, por falar em adaptação, está gostando de sua casa? — perguntou-me.

— Sim, claro que sim — afirmei com total certeza.

— E você não se sente solitário morando sozinho? — indagou.

— Bem, a casa é grande para mim sozinho, pois comprei-a para casar com Amanda e isso me faz sentir falta do meu apartamento em São Paulo, que é pequeno, perfeito para mim. Mas eu não me sinto solitário, porque a casa é grande ou porque moro sozinho. Sinto-me solitário por outro motivo... — respondi reticente, pois não tinha vontade de dar prosseguimento àquela conversa, queria fugir dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se a casa é grande, por que não convida um irmão seu para morar com você? Por que se sente solitário? — ela indagou, fixando o olhar em mim como se quisesse captar todas as minhas reações.

Meneei a cabeça negativamente e afirmei:

— Não dá. Todos os meus irmãos são casados. Sinto-me solitário, porque sinto falta de ter uma família... Mas não quero conversar sobre esse assunto com você. Já sei o que você pensa sobre ele e não concordo.

— E por que não convida um de seus sobrinhos?
— tornou ela.

— Não, não tenho intimidade com nenhum deles. Nem os conhecia quando retornei à Jequié e não preciso que ninguém tome conta de mim. Se é isso que está pensando... — rebati, fuzilando-a com os olhos, desejando intimá-la a finalizar esse tipo de pergunta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estou dizendo que você precisa de uma babá. Estou dizendo que precisa de companhia. Você me parece tão fechado, introvertido... — rebateu, devolvendo-me o olhar.

— Eu sou assim. É o meu jeito. Nunca fui muito bom para me relacionar com as pessoas — afirmei já um pouco chateado com o rumo da conversa.

— Mas, se encontrasse alguém para dividir a casa, para alugar um quarto de sua casa como se faz num pensionato, você alugaria? — perguntou, fitando o prato.

Respirei fundo e repliquei mais para me livrar daquele assunto do que por qualquer outra coisa:

— Bem, se eu conhecesse bem a pessoa, se tudo fosse realizado mediante um contrato e se a pessoa se submetesse às minhas regras, alugaria sim. Mas eu não quero criar problemas para a minha vida e, como sei que não vai aparecer uma pessoa assim, prefiro permanecer sozinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E se você... me alugasse um quarto de sua casa? — perguntou Carol em voz baixa e sumida como se estivesse bastante envergonhada.

Eu quase não acreditei no que ouvi. Num primeiro momento, achei que eu escutara mal ou tinha delirado, um delírio de homem apaixonado que sofre, mas cujo coração ainda fantasia e reluta em esquecer a mulher amada, atirando-se ao abismo sem fundo de um tênue fio de esperança que nunca vai se realizar. Era assim que eu me sentia naquele momento, pois não compreendia a atitude de Carol. Perguntava-me se ela fazia isso ingenuamente ou se era com o intuito de machucar-me cada vez mais. Sabia apenas que ela me deixava cada vez mais confuso e que estava ficando cada vez mais difícil esquecê-la.

— O que disse? — perguntei, tentando conter a estranheza que sentia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Perguntei se você alugaria um quarto para mim — repetiu ela em voz calma e serena.

— Está doida? — explodi, embora falasse em voz baixa.

— Não — ela afirmou objetivamente.

— Carol, você disse várias vezes que me odeia, afirmou que não queria me ver nunca mais e agora quer morar na minha casa? Não acha que está chegando perto demais para alguém que queria “me ver pelas costas”? — indaguei com um misto de indignação e surpresa na voz.

— Eu não o odeio, Henri. Eu disse isso em um momento de muita raiva — ela afirmou num tom sincero. — Não o odeio, mas também não o amo. Não posso amá-lo, mas acho que podemos ser amigos. Você é interessante, inteligente, gosto de conversar com você... Enfim, acho que você daria um bom amigo — completou.

PERIGOSAS ACHERON

— Não passa pela sua cabeça que eu posso não querer ser seu amigo? — perguntei, questionando a mim mesmo como conviver e ser apenas amigo de uma mulher a quem eu amava e queria como namorada, esposa. Afinal, já estava sendo difícil para eu trabalhar com ela.

— Não creio que você pense assim — afirmou. — Eu não vou atrapalhar a sua vida, você nem vai notar que estou em sua casa. Eu morava com uma amiga na casa dela, dividia a casa, pagava aluguel, mas tive que voltar para a casa de meus pais quando ela se casou — insistiu.

— Carol, isso é um absurdo! Você nem quer ser vista comigo e agora quer morar na minha casa? As pessoas vão falar, sabia? Você tem estômago para aguentar? Para não se importar? Vão dizer que somos um casal... — adverti. Eu não me importaria nem um pouco se fôssemos morar na mesma casa e as pessoas comentassem, mas eu sabia que,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

provavelmente, Carol se importaria e temia que ela me culpasse pelos comentários, pois isso me machucaria mais. Infelizmente ou felizmente (não sei), parece que, quando amamos, ficamos mais sensíveis e é esta sensibilidade aflorada que faz com que nos machuquemos facilmente quando ouvimos algum comentário da pessoa amada que não nos agrada.

— Ninguém precisa saber que estamos morando na mesma casa! Só mesmo a minha família: meus pais e meus irmãos — afirmou com cara de quem falava algo óbvio.

— Primeira coisa: sua família vai pensar que somos um casal. Segunda: mais cedo ou mais tarde, as pessoas vão saber e vão falar — tornei a advertir já meio incomodado com a situação.

Ela deu um sorriso indefinível e replicou como se estivesse vencendo um combate, como se estivesse certa de que estava me dobrando:

PERIGOSAS ACHERON

— Fique tranquilo! Minha família não vai contestar! Ninguém vai achar que somos um casal! Todo mundo vai achar que eu estou fazendo uma boa ação quando souber que estou indo morar com um tetraplégico. É como se eu estivesse indo ser sua “dama de companhia”.

Respirei fundo, já farto daquela conversa. De fato, ela vencera-me, não pelos absurdos que acabara de me dizer e sim pelo cansaço, pela insistência. Então, cravei duramente os olhos nela e disse:

— É verdade! A maioria das pessoas vai achar que você está fazendo uma caridade. E é isso que você quer, não é? Já que você quer tanto ir morar na minha casa, eu vou permitir, mas preste bem atenção no que eu vou dizer: eu não preciso de dama de companhia, não quero e não vou aceitar que se meta na minha vida, você terá que obedecer as minhas regras e... — Fiz uma pausa, sorri

PERIGOSAS NACIONAIS

ironicamente e completei: — Coloque na sua cabecinha que eu não desenvolvi asas de anjo quando fiquei tetraplégico. — Não ia adiantar repetir para ela que essa crença de que as pessoas com deficiência são assexuadas é um mito gerado pelo preconceito, pois eu já havia dito e ela não demonstrou acreditar.

— Não se preocupe, Henri. Tudo vai dar certo. Ah! E a propósito: não estou querendo parecer a boa samaritana, só estou querendo ter um pouco mais de liberdade, a que eu perdi quando voltei para casa de meus pais — Carol afirmou com um sorriso vitorioso nos lábios.

— Que Deus a ouça! — murmurei descrente.

— E, já que vou morar na sua casa, você se importaria de mostrá-la para mim? — perguntou.

— Claro que não — concordei. — Se você quiser, posso fazer isso quando sairmos daqui.

— Quero, sim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cerca de quinze minutos depois, terminamos o almoço, pedi a conta e, embora ela insistisse em pagar (argumentando que fora ela quem me convidara), paguei, entramos no carro e levei-a até minha casa.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 17

A casa

Carol

Eu estava me sentindo vitoriosa! Meu plano tinha dado certo! Henri tinha permitido que eu fosse morar na casa dele e, embora nem eu mesma soubesse o objetivo desse plano (eu realmente não sabia por que estava fazendo isso), encontrava-me muito contente com seu sucesso. Naquele momento, não me preocupei com a forma como as coisas aconteceriam dali para frente.

— Pronto! Chegamos! — disse Henri, parando à frente de uma casa que ficava numa das ruas próximas à casa de seus pais.

À primeira vista, a casa era envolta por um muro branco que possuía dois portões: um largo (que

dava acesso à garagem) e um menor, mas amplo o suficiente para que Henri passasse com folga na cadeira de rodas.

— Não prefere guardar logo o carro na garagem?
— perguntei.

— Não. Vou ter que levar você para casa depois
— replicou.

— Pode guardar seu carro na garagem. Eu vou a pé para casa. É sempre bom andar um pouco — garanti.

— Para quem pode, é — ele murmurou, encarando-me.

— Perdoo-me! Eu... — Comecei com medo de tê-lo ofendido, o que poderia fazê-lo voltar atrás e impedir-me de morar em sua casa.

Ele suspirou, fez um gesto de dispensa com uma das mãos e disse:

— Esqueça! Deixe para lá. Não me ofendeu. É que... estou um pouco nervoso. Só isso. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Mudando de assunto, ele perguntou: — Tem certeza de que quer ir a pé para casa?

— Tenho, sim — confirmei. — Sou eu quem o deixa nervoso, não é? — perguntei, retomando o assunto, apesar do perigo que ele representava para o meu plano.

— Sim. Na maioria das vezes, é sim — ele confirmou, abrindo o portão com um pequeno controle remoto e fechando-o assim que o carro adentrou a garagem.

— Sinto muito.

— Esqueça! — tornou ele, montando a cadeira de rodas para transferir-se do carro para ela.

A garagem era coberta, ampla e estendia-se ao longo de toda a lateral direita da casa, de modo que cabia tranquilamente até uns três carros. A casa era separada do muro por um jardim com antigas roseiras e grama. Uma rampa com inclinação suave conduzia à casa.

PERIGOSAS ACHERON

A casa era bastante espaçosa, mas não era exageradamente grande como eu pensei. Podia ser grande para uma pessoa sozinha; mas, na verdade, não era nem grande, nem pequena. Tinha um tamanho razoável. A porta da frente conduzia à sala, que era mobiliada apenas com uma poltrona dupla e um pequeno *rack*, no qual jaziam uma televisão de 20 polegadas e um aparelho de DVD. Da sala, ele mostrou-me um quarto vazio e disse-me:

— Este será o seu quarto. Você pode mobiliá-lo como você quiser. Como ele não tem suíte, você terá que usar o banheiro social.

— Não tem problema — assegurei.

Ele manobrou a cadeira de rodas e abriu uma porta até então cerrada e disse:

— Este é o meu quarto.

Estaquei à soleira da porta, repentinamente intimidada. Ele percebeu e disse:

— Se quiser, você pode entrar.

Eu não disse nada. Transpus a soleira da porta e observei ao meu redor. Seu quarto era simples. Possuía uma cama de casal, um guarda-roupa de duas portas, uma estante com livros e algumas gavetas e um divã. Na parede contígua à cama, havia uma porta.

— Lá é o meu banheiro privativo — disse Henri, rodando a cadeira de rodas em direção à porta. Segui-o e deparei-me com um banheiro adaptado com várias barras de apoio próximas ao sanitário, à pia e ao chuveiro, banco articulado, torneiras tipo alavanca e suporte para sabonete, xampu e condicionador em altura acessível. A um lado, ficava uma cadeira de banho.

— O que é aquilo? — perguntei, apontando para o banco articulado.

— Um banco articulado. Utilizo para tomar banho — Henri explicou. — O banheiro social é PERIGOSAS ACHERON

adaptado como este. Preferi adaptar os dois por via das dúvidas — completou.

Do banheiro privativo de Henri, passamos rapidamente pelo banheiro social e fomos à ampla cozinha, a qual possuía uma mesa de quatro lugares, uma pia e um número considerável de eletrodomésticos para facilitar a vida dele. Em seguida, ele mostrou-me a área de serviço, que também possuía vários eletrodomésticos com o intuito de facilitar-lhe a vida.

Entre a cozinha e a área de serviço, havia uma varanda aconchegante que continha as cadeiras retiradas da mesa da cozinha e duas cadeiras de bambu com almofadas coloridas. Adiante, encontrava-se o quintal, que possuía duas partes: uma pavimentada e outra repleta de plantas. Nesta última, havia caminhos de cimento pelos quais era possível que Henri rodasse entre as árvores e roseiras. Próximo a uma árvore, mas já na parte

PERIGOSAS ACHERON

pavimentada, havia um balanço de aspecto antigo e pintado de branco.

Perdi-me contemplando o quintal, perguntando-me quando Henri o percorria, o que pensava ao fazê-lo e, se alguma vez, já tinha utilizado o balanço e como o utilizava se era tetraplégico. Fiquei alguns minutos entregue a esse enleio e, ao despertar dele, percebi que Henri se acomodara entre as cadeiras. Olhei para ele e ele fez menção para que eu me sentasse em uma das cadeiras de bambu. Obedeci e ele disse, interpretando minha reação como arrependimento:

— Você pode desistir se quiser. Nada a impede.

— Não estou arrependida — garanti.

— Então, precisa ter ciência das regras daqui de casa — ele declarou.

— Pode falar — disse decidida.

— Se vai morar aqui, teremos que fazer uma espécie de contrato. As contas terão que ser

divididas... — ele interrompeu.

— Sem problemas — afirmei.

— Segunda e sexta-feira, uma diarista vem arrumar a casa e também faz a janta para os dias da semana. Eu pego, esquento e como. No café da manhã, como é mais simples, eu sempre me viro. Não almoço em casa, almoço com meus pais e, às vezes, lá no hospital. Meus pais gostam de minha companhia na hora do almoço e é uma forma de eu estar com eles, então prefiro assim. Veja como você quer fazer. Se vai fazer a mesma coisa: se virar com o café da manhã, almoçar fora e jantar aqui ou se vai adotar outra rotina. Quando usar alguma panela, louça ou talher, sempre lave, não deixe sujo. Não gosto de pia cheia de pratos. Nesta casa há áreas privativas e comuns. Meu quarto e meu banheiro são áreas privativas minhas, seu quarto é uma área privativa sua. As áreas comuns são a sala, a cozinha, o banheiro social, a área de

PERIGOSAS ACHERON

serviço, esta varanda e o quintal. Isso quer dizer que não vou incomodá-la em seu quarto e não quero ser incomodado no meu. Você pode trazer seus namorados aqui, mas eu não quero nada fora do lugar ou quebrado e, nos dias de semana, quero absoluto silêncio a partir das 22h, pois eu acordo cedo. Nos finais de semana, absoluto silêncio a partir das 23h. Além disso, não quero nada que possa ser desrespeitoso ou comprometer minha paz e minha tranquilidade. Você entendeu tudo? — Henri relatou todas as regras e eu repliquei:

— Entendi tudo. Quanto à questão da comida, prefiro fazer como você faz, mas tenho uma sugestão.

— Qual? — Henri perguntou.

Antes que eu pudesse responder, meu celular tocou.

— Oi, Walmir! Há quanto tempo! Também senti saudades de você! — disse enquanto fazia sinal

para que Henri aguardasse.

Ao notar que eu estava ao telefone com um possível pretendente, ele fez que sim com a cabeça e dirigiu-se para a sala. Notei o seu gesto e fiquei imaginando se seria apenas uma atitude educada para deixar-me à vontade ao telefone ou se ver-me marcando um encontro com outro homem o machucava.

Embora não entendesse por que Walmir me procurara quase dois meses depois do réveillon, conversei com ele de bom grado e não pensei duas vezes em aceitar sair com ele naquele mesmo dia, às 20h. Quando cheguei à sala, encontrei Henri olhando os dedos das mãos como quem os avaliava. Notando minha presença, ele dirigiu-me um olhar sem graça como se não estivesse à vontade em sua própria casa e perguntou:

— Qual é a sua sugestão?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, se termos que nos virar com o café da manhã e esquentar a janta, podemos estabelecer um esquema de alternância, ou seja: um dia eu ajeito o café e esquento a janta e no outro você faz isso. Você concorda? — expliquei.

— Por mim, tudo bem — ele replicou, dando de ombros.

— E quando eu posso me mudar? — perguntei.

— Quando você quiser. Só me avise antes, certo? — ele replicou.

— Pode ser na próxima sexta-feira? — perguntei.

— Pode — ele replicou, fazendo um gesto como se não se importasse.

Acertamos o valor do aluguel e como ele seria pago e, ao sair de lá, ao invés de pensar no fato de estar indo morar com Henri e os motivos que me levaram a isso (os quais nem eu conhecia), estava

PERIGOSAS ACHERON

tão empolgada em reencontrar Walmir, que só conseguia pensar nisso.

CAPÍTULO 18

Desabafo

Henri

Eu deveria ter passado o restante daquela tarde elaborando meu relatório de pós-doutorado. Não consegui. Carol e suas intenções não saíam da minha cabeça, pois eu não conseguia compreendê-la e, muito menos, o que ela estava fazendo. Só sabia que eu poderia sair machucado disso tudo e, mesmo assim, não conseguia me afastar dela.

Eu a amava e esse amor, ao invés de extinguir-se como eu desejava, convulsionava o meu peito, conduzia-me a fazer coisas incoerentes. Por que Carol queria morar na minha casa se não me amava? Por que marcava um encontro com outro homem bem na minha frente? Ela parecia querer

PERIGOSAS NACIONAIS

me machucar cada vez mais e eu estava fornecendo facilmente as oportunidades para que ela fizesse isso. Onde estava aquela mulher doce e maravilhosa com quem eu namorara pela internet? Em muitos aspectos, a Carol da internet parecia ser tão diferente da Carol com quem eu trabalhava e mesmo assim eu a amava. Eram as duas faces de uma mesma mulher. A mulher que eu conhecia e amava e a mulher que eu não conhecia, que me surpreendia a cada momento e que, mesmo assim, eu ainda amava.

Eu estava perdido... Irremediavelmente perdido...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 19

Encontro com Walmir

Carol

Eu tinha muitas expectativas ao reencontrar Walmir, apesar de ele ter me telefonado quase dois meses depois do réveillon. Logo que atendi ao telefonema dele, achei estranho ele ter me procurado. Pensei que ele nem se lembrasse mais de mim; mas, quando me lembrei dos dias que passamos juntos em Ilhéus, aceitei prontamente seu convite para jantar e não pude conter o entusiasmo. Meu entusiasmo era tanto que nem consegui ocultá-lo de Henri, mesmo não tendo mais intenção de feri-lo.

Às 20h em ponto, Walmir apanhou-me em casa.

— Boa noite, gata! — disse Walmir, inclinando-se para me beijar quando entrei no carro dele.

Não pude resistir, correspon-di ao tórrido beijo com o qual ele percorreu meus lábios, minha língua e todo o interior da minha boca. Era um beijo brutal, selvagem, sedento de desejo. Quando ele findou, eu sentia-me como se ele tivesse roubado todo o ar de meus pulmões.

— Boa noite, Walmir! — retribuí a saudação com esforço. — Há quanto tempo! — observei.

— É o trabalho, gata! — replicou ele.

— Imagino!

— E você, o que tem feito? — perguntou ele, olhando-me de soslaio.

— Tenho trabalhado bastante também — afirmei.

A conversa acabou aí. Parecia que não tínhamos mais assunto. Chegamos ao restaurante, pedimos a comida e, enquanto esperávamos que os pratos

PERIGOSAS ACHERON

chegassem, ele tentou reiniciar a conversa, segurando minha mão com força:

— Faz bastante tempo que não nos encontramos... Que tal se fôssemos a um motel colocar a “conversa” em dia, nos entendermos do jeito que nos entendemos lá em Ilhéus?

— Hoje? — perguntei meio sem jeito.

Apesar da expectativa e de ainda sentir desejo por Walmir, não sei por que, eu não sentia mais vontade de estar com ele, de ir para a cama com ele, mas não queria lhe dizer isso, pois eu desejava que continuássemos nos encontrando. Eu estava me sentindo muito confusa sobre tudo o que estava acontecendo em minha vida (sobre o que eu estava fazendo, as atitudes que eu estava tomando e, sobretudo, em relação a Henri), que eu pensava que encontrar Walmir era a forma mais rápida e mais acertada de sair da confusão em que eu me encontrava. Eu queria me apaixonar por Walmir e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desejá-lo loucamente, mas nem o desejo que eu senti outrora permanecia com igual intensidade. Meu coração clamava para que eu largasse tudo, saísse dali naquele momento e nunca mais o visse. Meu cérebro dizia que a melhor forma de resolver minhas contradições interiores era ficar.

— Sim, hoje! É o dia perfeito! — afirmou Valmir.

— Hã? — perguntei, pois estava tão absorta em meus pensamentos que não o ouvira.

— Eu disse que hoje é o dia perfeito para irmos a um motel — repetiu Walmir.

— Não, hoje não — Neguei.

— Por que não? — perguntou ele.

— Porque... porque hoje eu estou muito cansada. Tive uma semana cheia e preciso descansar — argumentei meio atrapalhada.

— E na sexta-feira? — perguntou ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na sexta não dá. Tenho um compromisso — tornei a negar.

— Que compromisso? — indagou ele, curioso.

— Vou me mudar — respondi.

— Hum! Vai morar sozinha? Isso é bom... — indagou ele, antevendo uma resposta.

— Não, vou dividir uma casa com um colega de trabalho.

— Você está se amasiando e já está querendo “chifrar” o dito cujo? — perguntou ele com sorriso vitorioso nos lábios.

— De onde você tirou isso? — perguntei chocada.

— Benzinho, eu não tenho nada contra. Não me importo em ser seu amante — ele afirmou com um sorriso libidinoso nos lábios.

— Francamente, Walmir! Eu não faria esse tipo de coisa! — rebati indignada, erguendo-me no

PERIGOSAS ACHERON

exato momento em que a comida acabava de chegar.

— Calma, benzinho! — disse ele, puxando-me para que me sentasse novamente. — Conte-me qual é o “lance”!

— Eu estou indo dividir a casa com um cadeirante e não tenho nada com ele — revelei.

— Hum! Então, poderemos dormir juntos na sua casa e o aleijado terá a oportunidade de se recordar de algo que não pode mais fazer! — comentou Walmir com um sorriso malicioso no rosto.

— Bem, não sei se é uma boa ideia — comentei constrangida.

— Claro que é uma boa ideia! Ele não pode impedir você de transar só porque você mora na casa dele e ele não pode mais transar! — ele rebateu.

— É claro que ele não vai impedir, mas sei lá...
— afirmei sem saber como justificar meu

PERIGOSAS NACIONAIS

posicionamento, pois não queria contar que eu e Henri tivemos um namoro virtual.

— Que tal na próxima quarta na sua casa? —
Walmir insistiu.

Tive vontade de despachá-lo naquele momento, mas a minha mente dizia que eu não devia fazer isso, que eu precisava dele para sair da confusão de sentimentos e pensamentos na qual me encontrava. Então, repliquei, terminando de comer:

— Ligue para mim na semana que vem e combinamos alguma coisa. Certo?

— Certo — Walmir concordou relutante.

Quando Walmir parou o carro à frente da casa de meus pais, puxou-me para si com bastante impetuosidade e beijou-me tão selvagemente que parecia quer devorar-me inteira. Enquanto seus lábios tomavam ferozmente os meus, suas mãos percorriam meu corpo das pernas aos seios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rapidamente, ele tomou meus seios em suas mãos e começou a apertá-los.

— Calma! Contenha-se! Estamos na porta da casa de meus pais! — pedi meio sem saber como me livrar de suas mãos.

Ao ouvir isso, ele soltou-me e afirmou:

— Esse é só um aperitivo para o nosso próximo encontro!

— Eu sei — murmurei, saindo apressadamente do carro. — Tchau! — completei, entrando rapidamente em casa e sem esperar que ele me respondesse.

Ao fechar o portão da casa de meus pais, recostei-me ao mesmo, suspirei e murmurei:

— Meu Deus! O que eu faço da minha vida?

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 20

Manhã de sábado

Henri

Eu não conseguia sentir-me animado naquele sábado depois de uma noite maldormida, a primeira que Carol passou em minha casa. Levantei-me como se não tivesse tido sequer dez minutos de sono, sentia-me cansado. Se pudesse, não levantaria da cama, mas era preciso. Levantei-me, fiz minha rotina, tomei meu banho e fui para a cozinha preparar o café.

Com o café pronto, coloquei à mesa e comecei a comer. Instantes depois, Carol surgiu à soleira da passagem entre a sala e a cozinha, recostou-se à parede e saudou-me em voz baixa e com um semblante cansado:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia, Henri!

— Bom dia, Carol! — retribuí sem ânimo. — Quer tomar café? — ofereci, olhando para ela.

Antes que ela me respondesse, um rapaz bastante jovem (devia ter uns dezenove anos), alto, magro, de cabelos castanhos, olhos amendoados e tristes, incrustados num rosto que mesclava ingenuidade e abandono, surgiu atrás dela. Imaginei que seria o homem com quem Carol marcara um encontro na última quarta-feira. Certamente, era o seu namorado. Ao ver a maneira carinhosa com a qual ele a fitava, senti meu sangue fugir das minhas veias, empalideci. Minha cabeça parecia querer girar e meus ombros pareciam suportar um peso sobre-humano. Apoiei o queixo em uma das mãos no intuito de me sentir melhor e os encarei.

— Henri, este é Emílio. Emílio, este é Henri — Carol nos apresentou, alternando o olhar entre mim e ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É um prazer conhecê-lo, Emílio — esforcei-me para dizer; mas, mesmo assim, minha voz saiu baixa, sumida como se quisesse extinguir-se.

— O prazer é meu, Henri! Afinal, já ouvi falar muito de você! — disse ele e, antes que eu pudesse perguntar quem lhe falara de mim, ele voltou-se para Carol e disse: — Carolzinha, tenho que ir. Estou atrasado! — Após beijá-la efusivamente no rosto, saiu em disparada pela porta como qualquer rapaz da idade dele.

— Emílio é meu... — começou Carol, mas eu fiz um gesto com a mão para que ela não continuasse e disse:

— Não precisa me explicar nada.

Ela, então, sorriu e perguntou:

— O convite para o café ainda está de pé?

— Claro — repliquei.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 21

Manhã de sábado com outros olhos

Carol

Naquele sábado, acordei exausta. Nunca pensei que arrumar o quarto fosse me causar tanto cansaço e ainda tive sorte por contar com a ajuda de Emílio. Após tomar um banho, caí na cama e, literalmente, “apaguei”. Nem vi quando ele também saiu do banho e se deitou ao meu lado na cama.

Na noite anterior, eu estava tão entretida com a arrumação do quarto que nem vi quando Henri chegou de seu jantar com Heleno. Ele parecia tão fechado e distante que não se deu ao trabalho de avisar-me. Estávamos na mesma casa (uma casa

que não era tão grande), mas ele permanecia no quarto de tal modo que a última vez que eu o tinha visto fora no trabalho.

Naquela manhã de sábado, encostada à parede que separa a sala da cozinha, olhei para ele, contemplei seu semblante, seus cabelos molhados e revoltos emoldurando um belo rosto com olhos de um azul límpido e profundo, lábios róseos e atraentes e nariz perfeito. Apesar de uma sombra de intenso cansaço pairar sobre seu rosto, via-se contraditoriamente, nesta manhã, toda a beleza de seu rosto.

Ignorante, não pude deixar de lamentar silenciosamente aquela perda, a perda de um homem bonito e inteligente para a paralisia. Inerte, ele jazia ali, condenado eternamente a uma cadeira de rodas, a ter uma vida sem os prazeres do amor, sem poder constituir uma família e ter filhos. Imaginei que aquele era um dos muitos modos de

PERIGOSAS ACHERON

ter a vida ceifada; mas só algum tempo depois é que fui perceber que estava completamente equivocada. Todavia, não pude deixar de sentir uma deliciosa sensação de satisfação quando ele me convidou para o café. Sensação que se ampliou quando ele disse que eu não precisava explicar quem era Emílio, deixando claro, desse modo, que ele sabia de quem se tratava. A reação dele fez-me sentir subitamente aliviada, pois não eu precisava recordar aquela história sórdida mais uma vez.

Também não pude deixar de notar que, repentinamente, Henri ficara tão pálido como se fosse desfalecer. Assim, ao sentar com ele à mesa para tomar o café, perguntei preocupada:

— O que aconteceu?

— Nada — ele respondeu bastante objetivo.

— Tem certeza? Você está tão pálido... — insisti.

— Tenho. Não aconteceu nada — ele reafirmou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como não aconteceu nada? Você parecia que ia desmaiar... — tornei a insistir.

— As pessoas, às vezes, se sentem mal repentinamente e depois voltam a se sentir bem de novo. Isso não é diferente comigo só porque estou numa cadeira de rodas — Henri afirmou, fugindo do problema e já nitidamente irritado.

— Certo, certo. Já não está mais aqui quem falou! — repliquei, erguendo as mãos como se me rendesse. — Da próxima vez que você estiver da cor de papel, vou fingir que não estou vendo — completei.

Henri encarou-me estreitando o olhar como se considerasse a possibilidade de revidar ou não minha provocação; mas, por fim, disse:

— E, da próxima vez que você me provocar, vou fingir que não estou escutando.

— Melhor assim — concluí, erguendo-me. — Quer ajuda para lavar a louça? — ofereci.

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Hoje, eu preparei o café, vou esquentar o jantar e lavar os pratos. Amanhã, você faz isso e eu folgo. Lembra que combinamos isso? — perguntou e eu balancei a cabeça afirmativamente. — Então, alguém tinha que começar e eu preferi começar — finalizou.

— Certo — repliquei, indo ao banheiro escovar os dentes.

Durante a manhã, passamos boa parte do tempo sem trocar nenhuma palavra. Todavia, observei que ele mesmo lavou a louça (não era muita e ele não colocou na lavadora de pratos), que se fechou no quarto por, pelo menos, trinta minutos e, quando saiu de lá, trazia um notebook e sentou-se à mesa da cozinha, começando a trabalhar em seguida. Eu, que até então usava o notebook no sofá da sala, ergui-me com o notebook nas mãos, aproximei-me da mesa e perguntei:

— Posso?

— Pode — Henri respondeu em voz baixa e balançou afirmativamente a cabeça, porém sem olhar para mim.

Sentei-me e comecei a trabalhar na minha dissertação. Novo silêncio vocal, só o “tec, tec” das teclas dos dois notebooks pareciam conversar entre si como conversávamos antes. Cheguei à conclusão de que elas se entendiam melhor do que eu e ele.

Após cerca de uma hora, notei que Henri movia o corpo com certa constância, mudando sempre de posição. Curiosa, parei meu trabalho e perguntei:

— Henri, por que fica movimentando seu corpo constantemente?

Ele parou, pousou seus belos olhos de um azul profundo sobre mim, piscou-os, evidenciando suas longas pestanas, e explicou:

— Existem partes do meu corpo que eu sinto, ou seja, partes em que a sensibilidade está preservada. Existem também partes que eu não sinto. A falta de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sensibilidade e a imobilidade favorecem o aparecimento de feridas em algumas partes do corpo, onde a camada de tecido entre a pele e os ossos é mais fina. Por isso, é essencial sempre trocar de posição, para que estas feridas não aconteçam.

— Lá no trabalho, notei que você mudava de posição, mas não que era algo tão constante... — observei.

— Talvez, porque lá você não fique tão perto de mim. Olhe, se a minha movimentação constante a incomoda, eu posso ir para o quarto sem nenhum problema — disse, fazendo menção de fechar o notebook.

— Não, não está incomodando. Só perguntei por curiosidade. Assim como tenho curiosidade em saber por que seus pés sempre ficam apoiados na cadeira de rodas — afirmei.

PERIGOSAS ACHERON

— Como os meus pés não se mexem e não sustentam mais o peso do meu corpo, eles têm tendência a inchar e se eles não ficarem apoiados, eles deformam, perdem a forma normal dos pés — explicou naturalmente.

— Meu Deus! — exclamei num murmúrio.

Ao ouvir isso, Henri, que acabara de retomar seu trabalho, tornou a pará-lo e cravou-me olhos de indignação e revolta, mas não disse nada. Reconhecendo meu erro, pedi:

— Perdoe-me! Eu não...

Henri suspirou e replicou ainda indignado:

— Esqueça!

— Mas eu não... — tentei novamente.

Henri tornou a suspirar, voltou os olhos para o teto como se buscasse forças em algum lugar e afirmou:

— Carol, eu disse que responderia suas perguntas sobre mim e vou continuar respondendo,
PERIGOSAS ACHERON

mas eu NÃO fiz isso para ser alvo da sua piedade. Eu não quero e não preciso da sua pena! Eu não sou o pobre coitado que você pensa que eu sou. Estou tentando lhe mostrar isso, mas parece que você não vê! Parece que, a cada dia que passa, ao invés de você jogar fora seus preconceitos em relação a mim, você os reforça! Eu devo mesmo ter tendência ao masoquismo por deixar você vir morar aqui.

— Se você está tentando acabar com o meu preconceito com o intuito de que eu fique com você, você pode desistir, porque eu não quero você e... — comecei, cometendo novamente o erro de achar que ele estava tentando conquistar-me.

— Meu Deus, Carol! — Foi a vez de Henri murmurar. — Eu sei que você não me quer! Já me conformei com isso! E não estou tentando conquistá-la! — afirmou, fechando o notebook e dirigindo-se ao seu quarto, onde se fechou.

— Burra! Burra! Burra! — xinguei-me, chutando o ar. — Eu tinha que estragar tudo? Agora, praticamente expulsei-o da mesa da casa dele e o ofendi!

Daquele momento até mais ou menos a hora do almoço, eu não vi mais Henri. Ao meio-dia, ele deixou o quarto e foi almoçar na casa de seus pais. Eu estava na cozinha e ele, visivelmente magoado, não disse nem “tchau”. Saí logo depois para ir almoçar na casa de meus pais. Retornei às 13h30, ele retornou às 15h. Eu estava trabalhando no notebook na mesa da cozinha. Ele atravessou novamente a sala, não olhou na direção da cozinha e não falou comigo. Instantes depois ouvi barulho de água: ele tomava banho.

Talvez devido ao que acontecera naquela manhã, talvez devido à curiosidade (eu sou uma pessoa bastante curiosa) e, talvez, devido à atração que ele despertava em mim (e que eu me empenhava em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

negar veementemente até para mim mesma), naquele instante, não consegui pensar em outra coisa senão em imaginá-lo tomando banho: como seria seu corpo magro (como desejei naquele momento poder contemplar sua nudez!), como a água do banho e a espuma do sabonete o tocavam, como se postava naquele banco articulado, como tomava banho, em que pensava enquanto fazia isso... Eu não sabia, mas desejava saber.

Henri só deixou o quarto às 19h30. Esquentou o jantar e eu sentei-me à sua frente na mesa. Nenhuma palavra preencheu o vazio entre nós, nem dele, nem minha. Contudo, antes de começar a comer, ergui o olhar para ele e dei com olhos meigos que me fitavam pacientemente, embora não parecessem esperar resposta alguma.

— Boa noite! — murmurei, encantada por seu olhar doce.

— Boa noite! — replicou com voz baixa.

PERIGOSAS ACHERON

O jantar prosseguiu em silêncio. Não pronunciámos mais nenhuma palavra. Ao terminar, ergui-me e fui escovar os dentes no banheiro. Cerca de trinta minutos depois, Henri deixou a cozinha, fechou-se no quarto e eu só o vi no dia seguinte no café da manhã.

CAPÍTULO 22

Pensamentos sob as águas

Henri

Naquela tarde de sábado, quando fui tomar banho, ainda estava sob o efeito dos acontecimentos daquele dia. A presença de Carol na minha casa não completara nem vinte e quatro horas e eu já me sentia mais machucado. Meu amor por ela tornara-se um punhal cravado em meu peito que eu mesmo estava afundando... com minhas próprias mãos.

O fato de Carol ter trazido, já na primeira noite que passara em minha casa, um homem para dormir com ela e o olhar de piedade que ela pousara sobre

mim quando respondi às perguntas mostravam seu desprezo por minha pessoa e o seu escárnio por meu amor. Ela sabia do meu amor por ela e sentia prazer em usar isso para me ferir. E o meu amor me tornava idiota, masoquista. Eu deveria despejá-la da minha casa o quanto antes, ou melhor, nunca deveria ter permitido que ela viesse morar comigo. Mas meu coração, cego de amor, não pensava assim.

No banho, sentado ao banco articulado, enquanto a água acariciava meus cabelos e meu corpo, levando consigo o xampu e o sabonete que os cobriam, recostei a cabeça na parede, fechei os olhos e recordei-me do moço que estava com ela: jovem, alto, bonito, a imagem da perfeição. Abri os olhos e, instintivamente, contemplei meu próprio corpo magro e branco feito papel, minhas pernas finas e descarnadas, minha barriga levemente saliente e meus pés inchados. Por fim, apalpei meu

PERIGOSAS NACIONAIS

rosto e senti as marcas de expressão que começavam a se aprofundar, as rugas que começavam a se formar. Trinta e nove anos e sozinho. Eu que quis, que sonhei tanto com uma família! Pelo jeito, eu iria permanecer sozinho... como sempre.

Talvez as palavras de Tércio fossem verdade... Mas já fazia muito tempo para ficar de luto. Vinte anos! Tanto e tão pouco tempo...! E eu não estava arrependido do que fiz! Faria tudo de novo, apesar de tudo! Eu nunca me arrependeria! Tinha valido a pena!

Carol não gostava de mim! Era um fato irremediável! E eu tinha que aceitar isso! Eu precisava dar a volta por cima. Ela não era a única mulher do mundo e nem todas as mulheres pensavam como ela. E eu não era o pior dos homens, não era o inútil que ela imaginava que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fosse. Se, ao menos, pudesse fazê-la perceber isso...
Mas não podia!

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 23

O relógio e a revelação

Henri

Era uma quarta à noite. Carol tinha saído para um de seus encontros. Eu estava sozinho em casa e, por isso, sentia-me suficientemente à vontade para ficar só de short e assistir televisão na sala.

Devia ser umas 21h quando alguém tocou a campainha. Respondi um “já estou indo” em voz alta para que pudesse ser ouvido, troquei de roupa (coloquei uma calça de malha e uma camiseta), abri a porta e dei com Emílio.

— Boa noite, Henri! — ele me saudou com um sorriso.

— Boa noite, Emílio! — Eu esforcei-me para retribuir o sorriso e o “boa noite” e movimenteiei a

PERIGOSAS NACIONAIS

cadeira de rodas até o portão no intuito de abri-lo.

Assim que Emílio adentrou a minha casa e sentou-se ao sofá, perguntou:

— Carol, está aqui?

— Não, não está. Ela saiu para um encontro. Pensei que tinha sido com você — repliquei, encarando-o.

— Encontro comigo? — indagou Emílio, estranhando a minha afirmação.

— Sim. Você não é o namorado dela? — perguntei.

— Não. Claro que não — Emílio afirmou. — Eu sou o filho dela. Você não sabia disso? — revelou.

— Filho de Carol? Carol tem filho? — perguntei atônito.

— Sim. Tem e sou eu — ele tornou a confirmar. — Eu pensei que você soubesse, porque eu namoro Kaliandra, sua sobrinha.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, eu não sabia. Eu nunca o vi com ela. Se bem que a vejo pouco, na verdade — admiti.

— Leno fala muito de você! — ele observou.

— Imagino! — afirmei, sorrindo aliviado pelo fato de Emílio ser filho de Carol. Pelo menos, ela não tinha colocado um pretendente em sua cama na primeira noite em que dormiu em minha casa.

— Bem, não entendo por que Carol não lhe contou. Só espero que ela não fique zangada comigo por contar — disse Emílio.

— Perdoe-me, mas vocês não parecem mãe e filho — observei.

— De fato, nossa relação não é de mãe e filho. Ela é só minha mãe biológica. Quem me criou foi a minha avó Thamara. Para mim, é ela que é a minha mãe, é ela a quem chamo de mãe. Minha relação com Carol se aproxima mais da relação irmão-irmã. Ela me teve muito nova e me trata como um irmão. E eu acho que é isso que eu sou na verdade — ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

concordou com minha observação e explicou como era sua relação com Carol.

Fiquei calado, ainda absorvendo a surpresa de saber que Carol tinha um filho, mas fui interrompido pelo próprio Emílio que se ergueu do sofá e perguntou:

— Eu preciso ir. Então, poderia me fazer um favor, Henri?

— Se tiver ao meu alcance, faço sim — afirmei com boa vontade.

Emílio tirou o relógio de Carol do bolso e estendeu-o para mim, pedindo:

— Você poderia entregar esse relógio para Carol? Ela esqueceu lá em casa hoje.

Recebi o relógio das mãos de Emílio, coloquei-o no bolso e repliquei:

— Pode ficar tranquilo! Eu entrego o relógio para Carol.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigado! — agradeceu Emílio, caminhando para a porta. Neste exato momento, Carol adentrou a sala e a primeira coisa que disse foi para ele:

— O que você está fazendo aqui?

— Eu vim trazer o relógio que você esqueceu lá em casa hoje — Emílio replicou.

— Bem, obrigada!

— Disponha! Mas agora eu tenho que ir! — disse Emílio, já pisando a soleira da porta. — Tenham uma boa-noite! — completou.

— Boa noite! — Eu e Carol respondemos ao mesmo tempo.

Quando Emílio se foi, retirei o relógio do bolso, coloquei-o sobre o assento do sofá e indaguei:

— Carol, posso lhe fazer uma pergunta?

— Pode — respondeu Carol, sentando-se no sofá e pegando o relógio.

— Por que você nunca me disse que tinha um filho? Que Emílio é seu filho? — perguntei em voz

baixa, olhando para ela.

— Olhe, Henri, se você for me recriminar por isso, eu... — ela começou e, em seguida, levantou-se do sofá.

— Eu não estou recriminando você e também não faria isso — garanti. — É que eu pensei que ele era... seu namorado! — revelei.

Carol riu e esclareceu:

— Não, meu namorado não! Meu filho! Eu não traria um namorado para dormir aqui comigo na primeira noite em sua casa. Além disso, não me interesse por homens tão novos! Naquele dia, pensei que você soubesse que Emílio é meu filho, pois você disse que eu não precisava explicar nada!

— Eu disse isso, porque você não precisa me dar satisfações sobre os seus relacionamentos amorosos — afirmei. — E quanto ao pai dele? Por que você teve um filho tão jovem? Por que vocês não ficaram juntos? — perguntei curioso.

Carol ficou boquiaberta, inerte no sofá como se tivesse tomado um grande susto. Ela não sabia o que responder e eu arrependi-me das perguntas que fiz ao dar-me conta de que eu tinha feito perguntas muito pessoais. Tive ímpetos de dizer-lhe que não precisava me responder aquelas perguntas, mas minha curiosidade tapou-me a boca, manteve-me esperando, pois ansiava avidamente por uma resposta que não veio. Ela esquivou-se com educação:

— Eu... só posso dizer que Emílio não é fruto do amor. É só isso que eu posso dizer — ela murmurou sem jeito, evitando encarar-me.

— Eu... não devia... ter feito perguntas tão pessoais. Perdoe-me! — pedi constrangido.

— Bem, pelo menos agora, você tem mais um motivo para não gostar de mim e me esquecer definitivamente — comentou Carol, erguendo-se e fazendo menção de dirigir-se ao banheiro.

— Que motivo? — indaguei sem saber a que ela se referia.

— Ao fato de eu ser mãe solteira e de não responder às suas perguntas. Muita gente não se casa com pessoas como eu — ela replicou, olhando-me com os olhos límpidos como quem não carrega nenhuma mágoa.

— Não. Você está enganada! Os motivos para eu te esquecer são você não gostar de mim e ter me rejeitado — afirmei em voz baixa, embora pronunciasse as palavras com dureza. — Eu não sou preconceituoso! Se estivéssemos juntos, se você me amasse e não tivesse me rejeitado, o fato de você ser mãe solteira e de não ter respondido às minhas perguntas não seria obstáculo para continuarmos juntos! Isso não mataria meu amor por você, pois eu confiaria em você. Eu saberia esperar o momento em que você finalmente pudesse me dar as respostas às minhas perguntas!

PERIGOSAS NACIONAIS

— suavizei o tom de voz, pois notei sua expressão angustiada.

— Você tem razão, Henri! O problema não é você, sou eu — ela afirmou, encaminhando-se para o banheiro.

Neste momento, eu senti pena dela, apesar de este ser um sentimento triste. Para mim, este sempre foi o sentimento da imobilidade, um vazio, um buraco que se forma no peito quando não podemos fazer alguma coisa por alguém que necessita de ajuda ou quando não há mais nada a fazer diante de algo que não podemos mudar, mas que gostaríamos que fosse diferente. Pensei em pedir perdão por ter sido duro com ela, mas não o fiz. Contive-me, pois eu sabia que ela precisava daquilo. Por mais que me doesse ver sua angústia, eu sabia que não podia pedir perdão para o seu bem e para o meu também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 24

Teatro

Carol

Jequié não tinha cinema e as peças de teatro não eram constantes, apesar de haver um teatro. Apesar disso, quando as peças de teatro chegavam à cidade ou eram feitas aqui, não se apresentavam no teatro, apresentavam-se no Centro de Cultura. Sempre pensei em Jequié como uma cidade de grande potencial cultural, só que esse potencial cultural continuava bruto, inexplorado, pouco aproveitado e até desvalorizado. Quando caminhava pelas ruas, eu olhava para as casas e me perguntava: *Quantos escritores, quantos poetas se escondem no íntimo destas casas? Quantos livros nunca publicados, desconhecidos, ignorados, têm como únicas*

leitoras as traças? Será que elas ficam mais cultas ao consumir esses livros ou já estão entediadas diante de tantos sonhos, tantas histórias perdidas, mofadas no fundo de caixas e armários? Perguntas sem respostas... Perguntas para as quais nunca receberei respostas, mas que sempre guardarei comigo, angustiando meu coração.

Foram estas inquietações que me fizeram convidar Walmir para assistir à clássica peça de teatro “Romeu e Julieta”, de Shakespeare, que acabava de estreiar na cidade. Apesar de amplamente conhecida, esta é uma história que conquista e emociona por sua poesia e transcende os séculos, sempre merecendo ser lida ou assistida... enfim, vista.

Walmir aceitou rapidamente o meu convite, mas deixou claro que seu intuito não era assistir à peça, e sim, levar-me a um motel depois. Era uma sexta-feira de meados de março. Já fazia mais de um mês

PERIGOSAS NACIONAIS

que estávamos saindo juntos e ele ainda não tinha conseguido o que conseguira tão facilmente em Ilhéus. A verdade é que eu não tinha mais nenhum interesse nele. Ele era bonito, mas essa não era a única coisa que eu desejava num homem. Eu não sabia ainda, não tinha notado, mas eu queria muito mais do que isso.

Estar com Walmir era maçante, não tínhamos assunto, não tínhamos praticamente nada em comum (infelizmente, o preconceito era uma característica comum a nós dois, tenho que admitir) e, quanto mais impaciente ele ficava, mais eu me perguntava o que estava fazendo com ele. Eu pensava em acabar com isso, parar de vê-lo e arrumar outro “ficante”, se é que posso chamá-lo assim, pois até dos beijos eu tentava me esquivar, embora nunca conseguisse me esquivar deles e das “mãos bobas” que, sem pedir licença, sempre

PERIGOSAS ACHERON

percorriam todo o meu corpo, até as partes mais íntimas.

Eu pensava também em arrumar um namorado sério, mas isso não era muito fácil para mim. Sempre tive dificuldade para me relacionar com as pessoas, essa era a verdade. Walmir era meu escudo contra a confusão de sentimentos que morava dentro de mim. Se eu abrisse mão dele, como, quando e onde arranjaria outro?

Eu estava sentada ao sofá esperando por Walmir quando Henri deixou o quarto todo arrumado. Seus olhos emitiam faíscas de tão brilhantes que estavam e seu sorriso era franco, aberto.

— Você parece muito feliz — comentei, sorrindo, mas não era um sorriso à altura do dele, o meu era pálido e entediado, pois eu já antevia a ladainha repetitiva de Walmir.

— Eu sou um homem feliz, Carol! Como todo mundo, tenho altos e baixos, mas sou um homem

PERIGOSAS ACHERON

muito feliz! — afirmou, fixando seu olhar de luz ofuscante em mim.

Desviei o olhar e, contemplando meus próprios pés, indaguei:

— Posso perguntar para onde você vai assim todo arrumado?

— Vou ao teatro assistir Romeu e Julieta — replicou sem demora.

— Eu também vou — revelei, erguendo os olhos para ele novamente.

— Que bom! — ele exclamou. — Quer uma carona? — perguntou. Imagino que, na verdade, ele quis me convidar para ir com ele, mas como não teve coragem (ou não se sentiu à vontade para fazer isso ou achou que eu interpretaria mal sua atitude), essa foi a sua maneira de me convidar para acompanhá-lo.

— Agradeço a oferta, mas não posso aceitá-la. Eu vou com Walmir. Estou esperando que ele

PERIGOSAS ACHERON

venha me apanhar. — Não aceitei. No fundo, bem lá no fundo mesmo, num lugar dentro de mim que eu nem sabia que existia, lamentei não o ter convidado para ir comigo. Seria muito mais agradável do que estar com Walmir. Todavia, naquele momento, não havia como voltar atrás.

— Ah! — murmurou ele. Eu gostaria muito de escrever aqui que notei um grande desapontamento na voz dele, mas estaria mentindo. Não notei nada, nenhum tipo de desapontamento, nem pequeno, nem grande. — Bem, então, tchau! De antemão, desejo que você se divirta bastante — comentou com um sorriso, já atravessando a soleira da porta.

Walmir chegou poucos instantes depois, tanto que, quando adentramos o *foyer* do Centro de Cultura, Henri ainda estava lá, conversando com Jonas, Malu, Adriano e Lara, o irmão e a cunhada cadeirantes de Jonas. Ao passar perto deles, fiz

menção de aproximar-me e cumprimentá-los, mas Walmir puxou-me pelo braço e disse:

— Você não vai me matar de vergonha, cumprimentando esse bando de aleijados na frente de todo mundo.

Naquele momento, apesar de estar sendo literalmente (embora discretamente) arrastada pelo braço, procurei por Henri no intuito de verificar se ele tinha visto ou não a cena que acabara de acontecer e não me surpreendi quando o vi sério, com os olhos cravados em mim e em Walmir. E, então, eu soube que ele tinha visto toda a cena e que também tinha escutado as palavras absurdas que tinham sido pronunciadas por Walmir.

Adentramos o auditório do Centro de Cultura e estávamos nos sentando nas poltronas quando, após uma olhadela ao redor, Walmir exibiu um olhar preocupado, quase aflito, tirou o celular do bolso,

encarou-o, mexeu em algumas teclas, obviamente simulando ter recebido uma mensagem e disse:

— Tenho que ir. Aconteceu uma urgência no trabalho.

— E eu? Como eu fico? — perguntei meio desconfiada.

— Ah! Pegue carona com seu amiguinho aleijado! — replicou ele visivelmente contrariado.

Walmir saiu tão apressado que eu nem tive tempo de rebatê-lo ou argumentar. Repentinamente, eu me vi sozinha e sem carro e a minha primeira atitude foi olhar na direção que ele olhara antes de ficar nervoso e sair apressado. Não vi nada além de um grupo de moças, ainda de pé, conversando animadamente. Embora estivesse desconfiada e bastante zangada, naquele momento eu não sabia que, entre aquelas moças, encontrava-se a namorada dele, a oficial, e que eu nada mais era do que um mero passatempo, alguém que ele usava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para se divertir, ou melhor, estava tentando usar. Afinal, ele não estava conseguindo, não da forma como queria.

Olhei novamente ao meu redor, desta vez procurando por Henri. Ele ainda não tinha entrado. Sentei-me no banco, encolhi-me instintivamente e comecei a imaginar o que eu faria para voltar para casa caso ele também tivesse ido embora. Quando a peça estava prestes a começar, Henri entrou no auditório acompanhado de Jonas, Malu, Adriano e Lara e acomodou-se no lugar destinado aos cadeirantes.

Henri não me viu, mas eu o vi e observei-o durante toda a peça. Notei seus olhares atentos, sua expressão de dor (nos momentos mais românticos), de distração e de tristeza e também seu sorriso. Notei também que, em alguns momentos, ele conversava com a moça à sua frente e que ela parecia bastante receptiva.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando a peça se aproximou do fim, comecei a concentrar-me mais nele por medo de perder a carona que eu ainda nem tinha conseguido. Todavia, por um instante, desviei o olhar para erguer-me e aplaudir os atores e, ao retomar o olhar, ele já não estava mais lá. As pessoas começaram a deixar o local se espremendo, se acotovelando, cada um querendo sair mais rápido do que o outro.

Espremi-me entre as pessoas, recebi e dei cotoveladas e empurrões, passei por frestas humanas e, quando pude, saí correndo. Eu não queria ser deixada ali, tão longe de casa, e ter que voltar a pé às 22h30. Eu estava com medo, essa era a verdade.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 25

Quase

Henri

Eu gostei do espetáculo. Romeu e Julieta é sempre uma boa história, mas sua atmosfera de amor trágico mexeu com o meu coração machucado. Só que, no meu caso, o que impedia a minha felicidade, não era a inimizade entre duas famílias, e sim, o preconceito. O preconceito que morava no coração de Carol e fê-la me rejeitar e ceder a coisas absurdas. Por que ela não enfrentou o namorado e me cumprimentou? Isso eu nunca poderia mudar.

O amor irrealizado do casal Shakespeariano fez-me questionar se algum dia eu seria amado verdadeiramente e trouxe-me a tristeza em muitos

momentos, mas meu amor-próprio e minha autoconfiança suplantaram esse sentimento e lembraram-me de que ainda era possível ser amado, que um dia eu poderia encontrar a mulher certa. A conversa alegre, porém desinteressada, da moça logo à minha frente era uma prova disso. Embora não tenha sido uma paquera, ela, em nenhum momento, mostrou-se envergonhada em conversar comigo e emitiu opiniões bastante espirituosas em relação à peça.

Apesar disso, preferi deixar o auditório pouco antes dos aplausos no intuito de evitar o tumulto de pessoas na saída. Desse modo, consegui chegar ao estacionamento tranquilamente. Eu estava me transferindo da cadeira de rodas para o carro quando Carol parou perto de mim ofegante e até um pouco descabelada.

— Henri? — ela murmurou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi — repliquei de saco cheio dela. Sem olhar em sua direção, finalizei a transferência para o carro.

— Será que você... que você poderia... me dar uma carona? — perguntou-me ainda ofegante e bastante sem graça com o pedido.

— E o seu namorado? — perguntei, encarando-a duramente.

— Ele me largou aqui antes que a peça começasse — respondeu sincera.

— Vamos! Entre — disse, novamente sentindo pena dela.

Carol entrou no carro, voltou-se para mim com um olhar estranho, aflito, mas nada disse.

— Lamento que você o tenha escolhido para si — murmurei tomado por uma impulsividade momentânea e dando a partida no carro.

— Não, eu não o escolhi. E ele não é meu namorado. É apenas um ficante e eu não vou me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casar com ele, se é isso que quer saber — Carol replicou evidentemente contrariada. — Você só está dizendo isso, porque eu não escolhi você — completou determinada a me ferir.

— Não, isso não é verdade. Eu já me conformei com o fato de ter sido rejeitado por você. Mas eu realmente acho que você merecia alguém melhor do que ele! A maneira como ele a proibiu de me cumprimentar foi... terrível! Ele a segurou pelo braço e arrastou-a com grosseria como se você fosse um objeto, uma propriedade dele. Por mais que você tenha me magoado, acho que você não merece isso — repliquei calmamente, pois não queria feri-la.

— Eu sei. Foi mesmo terrível! — admitiu com um semblante bastante triste.

— E por que você cedeu? Por que deixou que ele a arrastasse? Por que não se soltou? — perguntei,

PERIGOSAS ACHERON

olhando fixamente para ela, enquanto o carro já se aproximava de casa.

— Eu fiquei sem ação — respondeu. — Eu simplesmente não sabia como reagir. Eu não tive forças... Eu... — completou ela, começando a ficar nervosa.

— Tudo bem! Esqueça isso! Não estou cobrando nada de você! — disse, percebendo seu crescente nervosismo. Definitivamente, Walmir a tinha magoado e ela não parecia estar bem.

— Obrigada! Obrigada por tudo! — Carol me agradeceu com os olhos arregalados.

— Por que não pensa em arrumar um namorado que a ame? Que a faça feliz? — perguntei com sinceridade.

Carol deu um sorriso irônico e, encarando-me, perguntou:

— Você tem noção do que está sugerindo? Como é que você diz que me ama e sugere que eu arranje

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um homem que me ame se não está se referindo a você mesmo? Isso é algo bastante ilógico, não acha?

— Não, não é ilógico e eu tenho perfeita noção do que eu sugeri. E isso acontece, porque eu a amo o bastante para desejar que você seja feliz, mesmo que não seja comigo — esclareci, olhando-a com toda a sinceridade que meus olhos eram capazes de expressar.

— Eu não sei o que dizer — murmurou, enquanto eu estacionava o carro na garagem.

— Não diga nada. Esqueça o que eu acabei de dizer — pedi, abrindo a porta do carro.

Carol balançou afirmativamente a cabeça e, permanecendo sentada no carro enquanto eu providenciava minha transferência, disse:

— Não é tão fácil assim para eu arrumar um namorado. E eu prefiro estar com ele a ficar sem ninguém.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não comentei nada. Achei um absurdo a afirmação dela! Indaguei a mim mesmo como alguém poderia se valorizar tão pouco, se subestimar a tal ponto e pensei: “Carol o ama! Ela o ama! Não há outra explicação!”.

Pela primeira vez, desde quando comecei a dar-lhe carona, Carol esperou que eu me transferisse do carro para a cadeira e me acompanhou pela curta distância entre a garagem e a sala de estar. Até então, ela sempre me deixava para trás. Imaginei as razões pelas quais ela pode ter feito isso e surgiram duas perguntas à minha mente: *Será que ela só fez isso porque não há ninguém olhando? Ou por que está carente?* Perguntas que só ela poderia responder e que eu não me senti à vontade para perguntar.

— Muito obrigada pela carona! Você salvou a minha vida! — Carol agradeceu ao adentrar a sala de estar.

PERIGOSAS ACHERON

— Não seja exagerada, Carol! Foi só uma carona! — Eu ri e repliquei: — Tenha uma boa-noite! — Em seguida, adentrei o meu quarto.

— Boa noite, Henri! — murmurou parada no meio da sala.

Entrei no quarto, despi-me e, no exato momento em que abri o chuveiro, escutei o barulho do outro chuveiro que também se abria. Tomávamos banho ao mesmo tempo... tão juntos e tão separados.

Quando findei o banho, era tarde e sentia-me tão exausto por causa do excessivo calor do verão jequieense que não tive forças para me vestir; mas, antes de adormecer, peguei o notebook que estava em uma das prateleiras atrás da minha cama, coloquei sobre uma almofada e registrei, numa espécie de diário virtual, as impressões que tive sobre Carol naquela noite e também o meu desespero, o desespero de alguém que desejava ardentemente esquecer a mulher amada, mas estava

PERIGOSAS NACIONAIS

cada vez mais se apaixonando por ela, apesar de tudo que já havia se passado, apesar do preconceito que ela sentia. A situação estava ficando mais e mais difícil para mim e o meu sofrimento masoquista, insano, estava se tornando maior. Até quando eu iria suportar? Eu não sabia...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 26

Sonhos ou pesadelos?

Carol

Naquela noite, eu estava abalada. Muitas coisas vinham à minha mente e se misturavam, machucavam-me, deixavam-me confusa. Eu me lembrava da atitude de Walmir e suspeitava de uma possível traição, sentia novamente o medo de não conseguir a carona percorrer-me o corpo, lembrava-me das palavras de Henri, da sinceridade em seus olhos e das palavras que ele me falara, mas me pedira para eu esquecer. Palavras estas que eram, sem dúvida, a mais bela declaração de amor que alguém já me fizera, mas que eu tinha que esquecer por causa do meu preconceito, da minha ignorância, da minha falta de aceitação do que era

diferente. E, justamente porque eram para serem esquecidas, é que estas palavras continuavam sendo repetidas em minha mente como se ele acabasse de pronunciá-las e, às vezes, como se ele as sussurrasse em meu ouvido, evidenciando, cada vez mais, a minha burrice.

Agitada, fiquei rolando na cama por muito tempo até adormecer e ter sonhos (ou pesadelos, se preferir assim) muito estranhos. No primeiro sonho, Walmir arrastava-me, puxando-me pelo pulso, por uma rua lotada e, por fim, jogava-me no chão, dizendo que eu não era boa o suficiente para ele e que, por isso, não era a única, era uma dentre muitas e não tinha nenhuma importância para ele.

No segundo sonho, Henri estava diante de mim, de pé, sem nenhuma deficiência e extremamente belo. Ele sorria para mim e me chamava, oferecendo-me a mão. Todavia, no exato momento em que eu ia tocar-lhe, eu percebia que ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

continuava lá, porém encontrava-se na cadeira de rodas. Ao vê-lo assim, eu recuava, não aceitava mais sua mão, ia embora e deixava-o sozinho.

No terceiro sonho, Walmir deixou-me sozinha no meio da noite em uma estrada escura. Senti MUITO medo e comecei a caminhar sem rumo, sem saber como retornar para casa. Após muito tempo de exaustiva caminhada, percebi que um carro se aproximava. Era Henri. Gritei por ele e pedi sua ajuda. Ele reduziu a velocidade de seu carro, quase parando e olhando ao redor, inclusive na minha direção, mas não me viu. Seu olhar pareceu passar através de mim, eu estava invisível aos olhos dele. Por fim, ele fez um movimento de cabeça, indicando que se enganara, que não ouvira nada e seguiu com o carro. Permaneci sozinha no meio da estrada, perdida na noite escura.

Acordei deste sonho às três da manhã, gritando e com lágrimas nos olhos. Eu estava bastante

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assustada com os sonhos e não sabia o que pensar. Porém, instantes depois, ouvi um leve ruído e, em seguida, a voz de Henri perguntar em um sussurro:

— Carol, está tudo bem com você?

— Eu... estou... bem. Foi só... um pesadelo — expliquei sem saber o que fazer. Questionei-me se deveria abrir a porta para ele, continuar a conversa ou finalizá-la ali mesmo. Estava muito indecisa e acabei permanecendo inerte. — Perdoe-me por ter acordado você.

— Não tem problema. O importante é que você está bem — ele replicou com a voz baixa e calma. — Bem, se precisar de alguma coisa, é só chamar! Como sabe, estou no quarto ao lado — disse carinhosamente. Pela primeira vez, desde que descobri que ele era cadeirante, senti vontade de correr para ele, abraçá-lo, aconchegar-me em seu abraço, mas não fiz isso. Meu preconceito não deixou.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigada! — agradezi sem jeito.

— Disponha! — ele murmurou e, logo depois, ouvi o ruído da cadeira de rodas se afastando.

Apesar de não ter olhado para Henri, de não o ter tocado, o fato de saber que ele estava ali tão perto e que, ao contrário do sonho, ele notou minha angústia e veio em meu socorro aconchegou meu coração, fez com que eu me sentisse protegida e adormecesse rapidamente. Mesmo assim, os meus sonhos, naquela noite, continuaram conturbados. Algo tinha mexido profundamente comigo e eu não sabia exatamente o que era.

CAPÍTULO 27

Manhã de domingo

Henri

Apesar do calor de Jequié e de eu não ser muito tolerante a altas temperaturas (o que é um grande desafio para mim), prometi a mim mesmo que deveria me lembrar de sempre dormir vestido quando não estivesse sozinho em casa, o que seria praticamente sempre, pois Carol estava morando em minha casa. Confesso que, por muitos motivos, acabei não cumprindo a promessa que fiz a mim mesmo. Mas, na madrugada daquele domingo, afirmei que o faria; pois, ao acordar com o grito de Carol, fiquei tão preocupado que vesti um roupão às pressas, mas não o amarrei como devia. Quando percebi, depois de já ter conversado e me despedido

dela, que estava praticamente despido à porta de seu quarto, dei graças a Deus por ela não ter aberto a porta. Nem queria imaginar o que ela poderia ter pensado se me visse daquele jeito.

Acordei tarde naquele domingo e, como Carol ainda não tinha despertado, apesar de ser o dia de ela preparar o café da manhã, preparei o café e comecei a tomá-lo.

Carol deixou o quarto cerca de trinta minutos depois. Tinha os olhos inchados, o rosto amassado e pálido e não parecia bem.

— Bom dia, Carol! — saudei-a com um sorriso nos lábios.

— Bom dia, Henri! — replicou, esforçando-se para sorrir.

— Tudo bem com você? — perguntei, fitando-a nos olhos.

— Sim, estou bem. Eu só... tive muitos pesadelos. A noite passada foi muito conturbada

para mim — respondeu, sustentando meu olhar.

— Eu tenho certeza de que seus pesadelos não vão acontecer de verdade. Fique tranquila! — afirmei.

— Como pode dizer isso se não sabe como eles foram? — perguntou ainda me olhando nos olhos.

— Intuição — repliquei com convicção.

— Ah, e os homens tem intuição?! — duvidou, tornando seu olhar duro, inquisidor.

— Todos, eu não sei. Só sei que eu tenho — afirmei, desviando o olhar dela para concentrar-me no pão integral à minha frente.

— Então, quer dizer que, depois que você virou cadeirante, começou a intuir? — perguntou Carol em tom de deboche.

Olhei para Carol sério, magoado, e perguntei, esclarecendo:

— Por que você faz isso comigo? Sempre que acha que há algo “anormal” em mim, atribui à PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha deficiência! Ela é parte de mim, mas eu não me restrinjo a ela! Sou bem mais do que ela! E, para a sua informação, eu sempre fui intuitivo... Desde que me entendo por gente, sou assim. Isso não me torna menos homem que os outros homens, se é isso que você pensa!

— Perdoe-me! Foi uma brincadeira infeliz! Eu realmente não estou num dos meus melhores dias...

— Carol pediu, justificando-se e, ao contemplar a mesa mais detidamente, lembrou-se de que era ela quem deveria ter preparado o café e exclamou: — Meu Deus!

— O que foi? — perguntei ainda irritado.

— Só agora me lembrei de que era a minha vez de preparar o café — replicou. — Perdoe-me! Eu não quis... romper o nosso acordo — completou.

— Eu sei que não. Percebi que não foi intencional — afirmei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada por ter se preocupado comigo ontem à noite e... perdoe-me! Sei que o acordei... — Olhou-me com um olhar indeciso, oscilante.

— Disponha! E não há problema em me chamar se precisar... — disse sincero.

— Obrigada! — ela agradeceu com os olhos baixos como se, na realidade, não quisesse agradecer ou se não acreditasse que poderia precisar de minha ajuda um dia.

Neste momento, a campainha tocou e Carol ergueu-se em silêncio para atender. Ao abrir a porta, deu com Leno:

— Bom dia! — ele saudou-a.

— Bom dia! — ela replicou sem saber o que fazer.

— Bem, desculpe-me se estou atrapalhando alguma coisa! Eu não sabia... Não imaginei que... Bem, diga a Henri que eu volto num momento

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

menos... mais... propício — disse Leno bastante embaraçado.

— Não! — Carol negou a plenos pulmões. — Você não está atrapalhando nada! Não é o que está pensando... Nós... nós estávamos apenas...

— Dividindo a mesa e não a cama — completei, chegando à sala e ouvindo a última afirmação de Carol a ponto de completá-la. — Entre, Leno! Eu já estava mesmo com saudades de você, irmãozinho! — disse, sorrindo e aproximando-me da porta.

Pela primeira vez, Leno entrou na minha casa sem jeito, com a clara impressão de (e ainda acreditando) ter interrompido algo. Acho que ele pensava que eu e Carol estávamos mantendo segredo em relação a um relacionamento que não existia. Olhou para Carol novamente, claramente desconfortável, mas não falou, continuou calado. Percebendo isso, ela disse-me:

PERIGOSAS ACHERON

— Bem, já que hoje seria o meu dia de preparar o café, eu vou lavar a louça e você pode conversar com seu irmão tranquilamente, certo?

— Certo — aceitei prontamente, já notando que Leno não queria conversar ali na sala ou em meu quarto. Isso estava escrito nos olhos dele e, antes que eu pudesse fazer qualquer sugestão, ele propôs:

— Está nublado hoje. Vamos conversar próximo ao balanço, sob a árvore?

— Vamos — concordei.

Leno sentou-se ao balanço e eu posicionei-me bem ao lado dele, dizendo:

— Que bom que você veio! Faz tempo que não nos vemos de verdade... para conversar!

— É mesmo! Tenho tido muito trabalho, mas não me esqueço de você, Henri! — disse com o olhar fixo em mim.

— Eu também tenho tido muito trabalho, mas também não me esqueço de você, Leno! — afirmei

com sinceridade, sustentando o olhar dele.

— Mas parece que há muitas novidades por aqui para você me contar! — disse ele com um sorriso maroto, embalando-se no balanço. E eu não pude me furtar de sentir saudade de quando eu também me balançava naquele balanço, mas não externei estas lembranças, limitando-me ao assunto e respondendo:

— Está enganado. Não há grandes novidades por aqui.

— Não está mesmo “rolando” nada entre você e Carol? — Leno perguntou com um sorriso malicioso como se o que ele vira fosse uma confirmação.

— Não, não está — afirmei.

— Mas “rola” uma paquera, um “clima” entre vocês, não “rola”? — insistiu, sabendo que era fácil para ele arrancar as verdades de mim, assim como

também era fácil para eu arrancar as verdades dele. Nossa sintonia era perfeita.

Suspirei vencido e perguntei:

— Tem tempo para ouvir toda a história?

— Tenho, claro que tenho. Vim passar a manhã com o meu irmãozinho caçula! — afirmou. — Sabia! Eu sabia que há algo entre vocês! — comemorou.

— Não, não há! — tornei a afirmar para, em seguida, perguntar: — Lembra-se daquela moça que eu lhe falei que namorava pela internet e que me rejeitou no primeiro encontro?

— Sim. Você me disse que a amava e que estava sofrendo com a rejeição; mas, pelo jeito, você a esqueceu bem rapidinho, não é? — disse Leno, sorrindo.

— Não! — neguei veementemente e, em seguida, completei: — Como eu gostaria que isso

fosse verdade! Mas a verdade é que a moça da internet e Carol são a mesma pessoa!

— Ela voltou atrás, então? Se arrependeu? — perguntou.

— Não. O que você acha que é “clima”, paquera, é o meu amor por ela que eu tento conter a todo custo. Mas ela não sente nada por mim, já me disse isso um milhão de vezes! — revelei. — E o pior é que, na coincidência mais bizarra do mundo, ela trabalha no mesmo hospital que eu e no mesmo setor. Resumindo a história: trabalhamos juntos e eu sou o chefe dela — completei, olhando Leno com um olhar aflito.

— É uma coincidência realmente bizarra! — afirmou. — Mas, se é assim, o que essa mulher está fazendo aqui? — perguntou claramente espantado.

— É que ela me convenceu a deixá-la morar aqui, ou seja, ela me convenceu a permitir que ela dividisse a casa comigo. E não me pergunte como

PERIGOSAS NACIONAIS

ela fez isso, pois eu não sei explicar — relatei
ciente da insanidade da situação.

— Espere aí, deixe-me ver se eu entendi: ela já
deixou claro que não gosta de você e mesmo assim
quis morar com você. Você a ama, mas sabe que
ela não o ama e, mesmo assim, permitiu que ela
viesse morar aqui com você. É isso? — perguntou
Leno chocado.

— É — confirmei objetivo.

— Vocês são dois loucos! — declarou em voz
alta. Parecia até que ele desejava que Carol ouvisse.

— Eu sei — concordei.

— O que você espera conseguir com isso? — ele
me perguntou, preocupado.

— Eu não sei... De início, acho que esperava que
a proximidade me fizesse esquecê-la mais
rapidamente por estar convivendo diretamente com
o enorme preconceito que ela nutre por mim. Mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não está funcionando! Estou cada vez mais... apaixonado! — admiti com bastante sinceridade.

— E por que você não a coloca para fora? Manda que ela retorne ao lugar de onde veio? — Leno perguntou, olhando fixamente para mim.

Neste exato momento, Carol postou-se à porta da cozinha e chamou-me:

— Henri?

— Sim?

— Eu estou indo à casa de meus pais e só volto no final da tarde.

— Certo. Tenha um bom domingo!

— Você também! — ela retribuiu, sorrindo. — Bem, tchau para vocês! — despediu-se, já deixando a porta da cozinha.

— Tchau! — respondemos eu e Leno ao mesmo tempo, pouco antes de Carol desaparecer dentro da casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E então? — perguntou Leno, buscando a resposta para suas últimas perguntas.

— Eu não posso colocá-la para fora daqui! Eu... não... consigo! — admiti.

— Se quiser, posso falar com ela e... — ofereceu-se Leno.

— Não, não faça isso! Esse é um problema meu. Eu é que tenho que resolver! E não conte essa história para ninguém, por favor! — rebati. — Além disso, não quero causar um mal-estar na sua família.

— Mal-estar na minha família? Como assim?

— Você sabia que ela é mãe de Emílio, que namora Kaliandra? — perguntei.

— Mas eu conheci os pais dele! São Thamara e Augusto! — Leno rebateu.

— Esses são os pais de Carol. Ela é a mãe de Emílio, a mãe biológica. Thamara e Augusto criaram o neto, são os pais de criação.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não sabia... Mas isso não vem ao caso — replicou Leno perplexo. — Mas qual será o real motivo para ela querer vir morar com você? — perguntou.

— Não faço ideia!

— Na minha opinião, só há duas explicações possíveis para o comportamento dela: ou ela realmente gosta de você e, por algum motivo, não quer admitir ou ela quer se vingar de você por algum motivo — opinou Leno, fitando-me com os olhos preocupados.

— Bem, eu apostaria na vingança. Ela não aceita o fato de eu ser cadeirante — disse bastante calmo.

— Não sei como consegue falar isso tão calmo! — Leno censurou-me. — E você mentiu para ela? — perguntou-me ele.

— Você quer o quê? Que eu trema de medo dela? Não, não farei isso! Se ela quiser se vingar, vou enfrentá-la, tentar mostrar-lhe que as coisas
PERIGOSAS ACHERON

não são como ela pensa! — rebati. — E não menti para ela. Eu mandei um e-mail contando que era cadeirante cerca de um ano depois de termos começado a namorar, conversar (enfim, como queira chamar) pela internet — revelei.

— Por que não falou em tempo real no chat? Por que demorou tanto para contar? — perguntou-me Leno surpreso.

— Porque eu temia uma rejeição e queria que ela gostasse de mim. Não quis conhecê-la e falar: “Oi, sou cadeirante!”. É verdade, é, mas não é só isso. Sou BEM mais do que isso! Por que todo o resto tem que ser ignorado diante do fato de que sou cadeirante? Quando você vê a pessoa presencialmente é uma coisa, quando é pela internet é outra — respondi com a cabeça baixa; pois, apesar de ele ser meu irmão gêmeo, de termos uma sintonia muito boa, de já termos dividido muita coisa, eu não estava me sentindo confortável

com aquela conversa. Eu estava falando de coisas, sentimentos, que ele não entendia por não vivenciar o preconceito como eu.

— Rejeição? Pensei que tivesse autoconfiança e autoestima elevadas — Leno observou. — Além disso, é justo enganar uma pessoa por um ano? E qual é a diferença entre relacionamento virtual e relacionamento presencial se, no relacionamento virtual, você acaba tendo que se mostrar também; que, se você quiser que o relacionamento tenha futuro, você não poderá continuar fantasiando, terá que se mostrar como é? — perguntou indignado.

— Sim, minha autoestima e minha autoconfiança são elevadas e levei anos para conseguir fazer com que elas ficassem assim; mas elas, às vezes, sofrem abalos! Sou um ser humano como outro qualquer! — lembrei-o. — E eu não estava enganando Carol! Em nenhum momento, eu disse que andava! Eu omiti o fato de ser cadeirante por um ano, eu

PERIGOSAS ACHERON

reconheço! Mas eu não sabia como contar! E relacionamento virtual é diferente de relacionamento presencial sim! Pessoalmente, você pode utilizar “várias armas” para conquistar uma pessoa! Na internet, na grande maioria das vezes, você só conta com as palavras! Mas isso não implica sempre em fantasia! No meu caso, posso não ter dado ênfase à minha aparência externa, mas fui verdadeiro, sincero. Eu mostrei para ela o que há aqui — esclareci meio indignado, apontando para o meu próprio coração.

— Bem, eu acho que não compreendo certas coisas que você falou e espero não compreender nunca! Afinal, eu não desejo tornar-me cadeirante, nem namorar pela internet — Leno admitiu, suspirando. — Mas não vou crucificar você por causa disso. Imagino que seja muito difícil ser rejeitado por quem se ama e isso já aconteceu com você duas vezes. Só torço para que isso não

PERIGOSAS ACHERON

aconteça de novo e/ou que você não se machuque ainda mais! — completou, já mais resignado com minha atitude e minhas palavras.

— Obrigado! — agradei. — E também torço para que você nunca vivencie as experiências de dor pelas quais eu passei. Acho que, no fundo, elas me tornaram mais experiente nestes aspectos! — completei, sorrindo.

— É verdade! Mas, em relação à criação de filhos, eu sou muito mais experiente, pois eu já tenho os meus e você ainda vai ter os seus — Leno afirmou com um sorriso nos lábios.

— Eu sei — murmurei, perguntando-me se, algum dia, eu teria a oportunidade de ter um filho ou uma filha.

— Bem, eu tenho que ir. Hoje, eu e minha família almoçaremos na casa da minha sogra — disse Leno, erguendo-se do balanço e olhando para

PERIGOSAS NACIONAIS

mim. — Quer uma carona até a casa de nossos pais? — ele ofereceu.

— Não, obrigado! Sei que as ruas de Jequié não têm boa acessibilidade; mas, como a casa de nossos pais é bem próxima daqui e eu não vou a nenhum lugar depois, quero ir e voltar cadeirando. Quero experimentar as ruas mais de perto.

— E se a cadeira cair em algum buraco? Como vai fazer, já que estará sozinho? — Leno me olhou com os olhos cheios de preocupação.

— Bem, eu sei me virar melhor do que você imagina e, em última instância, peço ajuda a alguém — afirmei convicto do que falava.

— Bem, se você pensa assim, quem sou eu para contrariá-lo? — indagou, sorrindo e caminhando ao meu lado enquanto deixávamos o quintal. — Mas tome cuidado com a rua e com esse seu relacionamento esdrúxulo com Carol —

PERIGOSAS ACHERON

aconselhou-me enquanto seus olhos assumiam uma expressão séria.

— Não se preocupe! Sei me cuidar muito bem!
— afirmei com um sorriso convincente nos lábios.

Quando ganhamos a rua, ele beijou-me a testa paternalmente, entrou no carro e partiu. Eu fui cadeirando até a casa de meus pais. A experiência não foi nada agradável. Meio-fio, calçadas altas e de tamanhos diversos, ruas com paralelepípedos soltos, irregulares, buracos, areia... Enfim, foi difícil, apesar de ser uma curta distância, tanto que preferi não me demorar na casa de meus pais e retornar logo.

Para completar, estava muito quente. Eu já estava a ponto de desmaiar e estava me sentindo usurpado em meu direito de ir e vir, afinal as ruas, as calçadas eram simplesmente horríveis! Não eram feitas para quem tem qualquer tipo de limitação física. Cheguei em casa, despi-me e enfiei-me sob

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um delicioso banho frio. Quando saí da água, vesti apenas um short, liguei o ventilador, sentei-me à cama e comecei a ler no intuito de esquecer, pelo menos momentaneamente, aquela humilhação.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 28

Um livro ou uma desculpa?

Carol

Mesmo tendo dito a Henri que só retornaria da casa de meus pais no final da tarde, resolvi voltar às 15h. A casa estava muito quieta e eu imaginei que ele ainda não tivesse chegado. Peguei a toalha e fui tomar banho. Só percebi que ele estava em casa quando ouvi um leve barulho em seu quarto. Vesti-me e lembrei de que, desde o dia anterior, estava querendo saber se ele tinha e podia me emprestar algum livro que falasse sobre bioética, conceito de risco e proteção, mas esqueci-me disso porque Walmir me largou sozinha no Centro de Cultura.

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensei que Henri poderia estar dormindo ou estar descansando e não querer ser incomodado, mas enchi-me de coragem, dei duas batidinhas de leve na porta e murmurei seu nome:

— Henri?

— Sim? — respondeu prontamente, porém seu tom de voz era displicente e indicava que ele não estava a fim de conversar.

— Eu... poderia... falar com você um minutinho?

— perguntei, já me arrependendo de tê-lo incomodado.

— Um momento — respondeu conciso, o que, em minha opinião, era mais uma prova de seu descontentamento em relação à minha interrupção.

Suspirei e pensei em desistir; mas, antes mesmo de concluir o pensamento, ele disse:

— Pode entrar.

— Hã? — Estranhei.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu disse que você pode entrar — repetiu calmamente.

Pousei a mão sobre a maçaneta e pressionei-a para baixo, fazendo a porta se abrir. Então, posicionei-me na soleira sem saber o que fazer e encarei-o silenciosamente. Apesar do ventilador ligado, Henri estava coberto por um lençol que o envolvia até o pescoço. Só um de seus pés estava à mostra. Ao seu lado na cama, havia um livro, *Middlesex*, de Jeffrey Eugenides.

Percebendo meu olhar sobre si, Henri também tomou a liberdade de percorrer meu corpo com olhos. Eu estava com um vestido longo, porém de tecido bastante fino, apropriado para ficar em casa no calor de Jequié, e a impressão que eu tive era de que seu incisivo olhar azul pudesse atravessar o vestido e contemplar a intimidade de meu corpo.

— E então? O que deseja me perguntar? — indagou ele sem mostrar nenhum descontentamento

e deixando claro, através de seu sorriso largo e de seu olhar, que ele percebera que eu o contemplei detalhadamente e que, por isso, olhara-me tão insistentemente. Ou seja, não era nenhum tipo de interesse, e sim, uma forma de me desafiar.

— Quero saber se você tem e se pode me emprestar algum livro que trate de bioética, conceito de risco e proteção — respondi.

— Tenho e empresto para você sim... Deixe-me pensar... — disse Henri, olhando para a estante como se estivesse procurando o livro com os olhos.

— Está na segunda prateleira de baixo para cima. É o terceiro da minha esquerda para a direita. Você pode pegá-lo? É mais rápido para você do que para mim — falou com um sorriso sincero nos lábios.

— Posso sim — afirmei. — Licença! — disse ao terminar de entrar no quarto. — É esse? — perguntei ao tocar num livro que se encontrava na posição que ele falou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, é esse — confirmou.

— Não acha que está muito quente para você estar assim todo coberto? — indaguei curiosa.

— Sim, está. Mas como não estou adequadamente vestido, prefiro me cobrir — explicou.

— Você está nu? — perguntei sem conseguir conter a curiosidade.

Henri riu e replicou:

— Não, não estou. Estou só de short por causa do calor.

— A maioria dos homens anda só de short até na rua — comentei.

— Eu não sou como a maioria dos homens. Sou tímido, não me sinto à vontade em expor meu corpo — rebateu.

— Começou a agir assim depois que se tornou cadeirante? — perguntei impulsivamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Eu sempre fui tímido. Você tem mania de sempre atribuir tudo que há em mim que considera fora dos padrões como produto do fato de eu ter me tornado cadeirante, mas as coisas não são assim! É verdade que o corpo muda, que a vida muda, mas muita coisa permanece também! — rebateu.

— E a foto só de sunga que você me enviou? — perguntei ainda mais curiosa.

— Eu estava numa praia, as pessoas geralmente ficam de roupa de banho nas praias. Mas eu já era tímido naquela época — disse irritado.

— É, agora, você só quis mostrar um dos pés! — brinquei.

Henri sorriu, mas não disse nada, permanecendo em silêncio. Eu continuei:

— A sola de seu pé parece tão fininha! É mais fina do que a minha!

PERIGOSAS ACHERON

— Claro! Tem vinte anos que eu não ando! — comentou, sorrindo.

Caminhei para a porta, já fazendo menção de sair do quarto de Henri, quando meus olhos pousaram novamente sobre o livro *Middlesex*. Surpresa, perguntei:

— Você está lendo isso aí? Quero dizer: você lê esse tipo de livro?

— Sim, eu leio este tipo de livro e estou gostando bastante deste — confirmou ele para, em seguida, perguntar: — Por quê?

— Porque você é tão... inteligente, tão nerd, que pensei que você só lesse livros técnico-científicos. Não imaginei que você lesse romance.

Henri tornou a rir, um riso quente, sedutor e disse com um olhar matreiro:

— Não sou tão inteligente, tão nerd assim! E eu gosto, sim, de ler romance! E muito! É uma ótima maneira de descansar, descontrair, esquecer os PERIGOSAS ACHERON

problemas. Não dá para ficar ligado em trabalho vinte e quatro horas por dia! Isso seria insano! Ler alguns romances sempre é parte do meu descanso.

— E esse é... bom? — perguntei; pois, até então, não tinha ouvido falar do livro e o seu nome era um tanto quanto sugestivo.

— Sim, é sim. Ele até ganhou alguns prêmios e tem ótima crítica — respondeu sério.

— E sobre o que ele é? — perguntei mal contendo a curiosidade.

— É a história em primeira pessoa de um intersexual, um pseudo-hermafrodita masculino — relatou, parecendo querer se desvencilhar de nossa conversa.

— Parece interessante... — murmurei, já sem graça por notar que ele queria me ver fora dali o quanto antes. “Por que será?”, pensei.

— E é — confirmou com um sorriso pálido. — Agora, se me der licença... — interrompeu quando

PERIGOSAS ACHERON

pousei rapidamente os olhos sobre ele, surpresa; pois, apesar de notar seu descontentamento com minha presença, eu não imaginava que ele ia me despachar tão rapidamente. Mas, logo em seguida, ele completou bastante embaraçado: — Perdoe-me o mau jeito! Eu não estou querendo colocá-la para fora de meu quarto, estou apenas pedindo que me deixe sozinho. É que está muito quente hoje e está muito desconfortável ficar assim todo coberto, pois posso me sentir mal e... e, além disso, não é apropriado você ficar aqui...

— Por que não é apropriado? — perguntei em tom de desafio, já me aproximando da porta.

— Porque você tem um namorado e eu... — ele interrompeu, parando abruptamente como se tivesse se arrependido de falar.

— Ficante, ou seja, não tenho nenhum tipo de compromisso com ele — garanti. — E você? — indaguei curiosa para ver o que ele responderia

PERIGOSAS NACIONAIS

Henri sorriu, balançou a cabeça e respondeu evasivamente:

— E eu... eu não lhe devo mais satisfação sobre a minha vida pessoal.

— Certo — disse, saindo do quarto, fechando a porta atrás de mim e pensando que ele, certamente, já devia ter uma nova namorada. Mas quem seria ela? Será que ela sabia que ele era cadeirante? Será que não se importava?

Dei os primeiros passos em direção ao meu quarto quando estaquei, perguntando-me se ele retirara o lençol de cima do próprio corpo assim que cerrei a porta. Extremamente curiosa, voltei, inclinei-me para a fechadura e observei, mas só consegui ver parte da janela à frente, um fragmento das prateleiras e a extremidade da cama sobre a qual eu podia notar uma parte emaranhada do lençol que o cobrira instantes antes.

PERIGOSAS ACHERON

Henri pareceu sentir minha presença ou deve ter ouvido os meus passos retornando (acredito mais nessa última hipótese). O fato é que, no exato momento em que eu tentava observá-lo através da fechadura, ele perguntou:

— Carol, precisa de algo?

Ao escutar estas palavras, tomei um susto tão grande que deixei o livro cair ao chão, comprovando que eu estava diante da porta. Assim, restou-me apenas responder sem abrir a porta, mesmo estando bastante desconcertada:

— Eu? Eu não... Eu... — Respirei fundo, tentando me acalmar e não me denunciar ainda mais. — Eu estava aqui... diante da porta... folheando o livro e... eu... eu me assustei quando você falou comigo e... e derrubei o seu livro — relatei. — Perdoe-me! Eu não tive a intenção de... de derrubá-lo! Eu... — Na realidade, no fundo de meu íntimo, eu sabia que estava pedindo perdão por

PERIGOSAS ACHERON

tentar espioná-lo e não por ter deixado que o livro caísse ao chão.

— Não se preocupe, Carol! O livro não é de vidro, não quebra! — disse ele brincando. Ele parecia estar de bom humor. Então, comecei a imaginar se tinha sido naquele dia que tinha arranjado uma namorada. E como seria ela?

Naquela noite, esquentei o jantar, fiz uma salada e bati novamente à porta do quarto de Henri para avisá-lo de que o jantar estava pronto. Rapidamente, ele deixou o quarto, vestindo calça de malha e camiseta regata e sentou-se à mesa, mas seu humor não parecia mais o mesmo, ele parecia entediado, de “saco cheio”.

— O que aconteceu? De tarde, você parecia tão bem-humorado e agora parece chateado... — observei. — Eu fiz ou disse algo que o magoou? — perguntei por fim.

— Não foi você. Na verdade, você e o livro me tiraram do tédio de tarde... Achei engraçado a sua curiosidade... Mas, agora à noite, eu voltei a pensar... — respondeu evasivamente e de olhos baixos, concentrando-se na comida como se não quisesse contar o que acontecera.

— Mas o que, de fato, aconteceu? — perguntei, sentindo meu coração gelar e surpreendendo-me com a súbita preocupação que sentia.

— Eu fui e voltei cadeirando da casa de meus pais hoje e as calçadas e ruas estão horríveis... Enfim, não são inclusivas e eu me sinto como se... como se meu direito de ir e vir fosse tirado de mim — respondeu, encarando-me com os olhos vidrados em mim como se tentasse me fazer entender.

— Eu sinto muito! Imagino que deve ser muito difícil... viver assim. É por isso que eu não fiquei com você... — interrompi ao notar que ele me fitava, indignado. — Perdoe-me! Eu não me dei PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conta do que estava dizendo. Eu não quis ofendê-lo. De verdade.

— Você nunca quer me ofender, mas ofende. Você só vê o lado negativo das coisas! Nas entrelinhas, você acaba de dizer que pessoas como eu devem ser abandonadas e isso não é verdade! Não sou inferior a você ou a qualquer pessoa por ter uma deficiência! Enfrento muitos obstáculos, sim, chateio-me com eles, mas tenho força suficiente para vencê-los como venci os de hoje! Sinceramente, eu não sei o que você está fazendo aqui, já que me odeia tanto, que tem tanto nojo de mim — ele reclamou com toda a razão, deixou a mesa sem terminar de comer e fechou-se no quarto. Resultado: só o vi no dia seguinte.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 29

Esclarecimento

Henri

No dia seguinte, acordei mais cedo e preparei o café no intuito de ter o mínimo de contato possível com Carol, todavia ela também acordou mais cedo e, assim que comecei a comer, ela sentou-se à minha frente, saudando-me:

— Bom dia, Henri!

— Bom dia! — retribuí objetivamente, preferindo não conversar, mas tive a impressão de que Carol ia insistir em falar.

— Sobre ontem de noite, eu... — ela começou, mas eu a interrompi e disse:

— Prefiro não falar sobre ontem à noite.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas eu preciso... — ela insistiu, mas tornei a interrompê-la:

— Se vai me discriminar, dizer que não ficou comigo por causa dos obstáculos que tenho que enfrentar, eu tenho o direito de me negar a ouvir.

— Não. Ontem, você deu a entender que deseja... que eu vá embora. Eu quero saber... se é isso... que você realmente quer. Se for, eu... — ela recomeçou, porém desta vez tinha a voz trêmula e parecia falar com dificuldade.

— Para mim, é indiferente. Se quiser ir embora, vá. Se quer ficar, fique. Só não quero ser insultado novamente — disse, dando de ombros e expressando toda a indiferença que era capaz de demonstrar. Na verdade, eu estava muito indeciso, mas não queria deixar transparecer. Minha cabeça afirmava que essa era a chance de mandá-la embora, de esquecê-la completamente, porém meu

PERIGOSAS ACHERON

coração cegamente apaixonado clamava para que eu a deixasse ficar em minha casa.

— Então, eu posso... permanecer aqui? — ela perguntou com os olhos baixos e gestos indecisos que demonstravam toda a sua insegurança naquele momento.

— Se é o que você quer... — respondi, mas não continuei a frase. Prefери deixá-la suspensa e dirigi-me ao quarto, onde terminei de me arrumar para o trabalho.

Iniciou-se assim mais uma semana em que não conversávamos em casa, limitando-nos ao “bom dia” e ao “boa noite” no momento em que nos encontrávamos para as refeições. Também não havia olhares diretos; pelo menos, não da minha parte. No trabalho, também nos limitamos a falar apenas o essencial e só sobre trabalho.

No meio da semana, embora ainda estivesse de férias, Jonas esteve no hospital e passou na sala em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu e Carol trabalhávamos.

— Olá, garotos! Bom dia! — saudou-nos ao entrar na sala.

— Bom dia! — eu e Carol respondemos ao mesmo tempo, mas, em seguida, perguntei: — O que faz aqui, moço? Não está de férias?

— Esta é minha última semana de férias, mas eu vim com Adriano visitar um amigo que está internado aqui e resolvi vir ver você — Jonas explicou. — Não quer tomar um chá conosco?

— Claro — aceitei prontamente.

Já na cantina do hospital, Jonas indagou:

— Aconteceu alguma?

— Como assim?

— É que você está tão quieto, tão sério, parece que está chateado... — Jonas esclareceu reticente.

— Eu e Carol só... nos desentendemos. Só isso — afirmei.

PERIGOSAS ACHERON

— Vocês estão falando daquela moça lá do teatro, que ia cumprimentar vocês, mas o namorado a impediu? — Adriano perguntou.

— Sim, dela mesma. De Carol — confirmou Jonas.

— Você é louco por ela, mas ela tem namorado, não é, Henri? — Adriano me perguntou.

Fiquei surpreso com a constatação de Adriano. Tive vontade de negar, mentir, mas preferi não o fazer, já que os considerava meus amigos. Então, preferi confirmar, mas não diretamente:

— Isso é tão óbvio assim?

— É, sim. Pela maneira como vocês se olham, principalmente você... — respondeu Adriano.

— Por que não me contou que é apaixonado por Carol? — indagou Jonas. — Estou me sentindo uma anta! Eu coloquei vocês para trabalharem juntos, percebia que havia algo diferente entre

PERIGOSAS NACIONAIS

vocês, mas não... “saquei” que você realmente gostava dela — completou, fazendo uma careta.

— Já era de se esperar que você não “sacasse”, Jon! Você é muito distraído! — disse Adriano, rindo, e, em seguida, voltando-se para mim perguntou: — O problema é ela ter um namorado?

— Ela diz que Walmir não é um namorado, é um *ficante* — frisei sem saber por quê.

— Então, já que é assim, por que ela não abre mão do ficante e fica com você? — perguntou Adriano, encarando-me como se fosse fácil.

— Não é simples assim. Ela me odeia — afirmei, meneando a cabeça negativamente.

— Você a ama e ela o odeia? Na verdade, desde a primeira vez que você me disse que ela o odeia, eu não entendi o porquê. Por que ela o odeia? — Jonas indagou, fixando um olhar inquisidor sobre mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Bem, na verdade, eu não sei se odiar é a palavra certa — tentei suavizar as coisas, pois tinha medo de prejudicar Carol de algum modo, afinal Jonas era o diretor do hospital. — Ela... Bem, ela é preconceituosa... Ela não quer nada comigo porque sou cadeirante — confessei por fim sem enxergar outra saída naquele momento.

Jonas e Adriano se entreolharam surpresos e, por fim, Adriano perguntou:

— E você tentou conversar com ela? Mostrar que o preconceito nada mais é do que uma ideia errada que fazemos de algo que não conhecemos? Falou com ela que a deficiência física não impede que vocês sejam felizes juntos? Que você pode, sim, fazê-la feliz?

— Sim, mais de uma vez! Ela é uma pessoa legal, mas é muito cheia de preconceitos, se preocupa muito com o que as pessoas pensam e falam... Ela não se convenceu... Às vezes, eu

PERIGOSAS ACHERON

percebo que ela está tentando ser legal, que ela se esforça, mas não há como ela gostar de mim; pelo menos não, pensando as coisas que pensa! — respondi de olhos baixos, sem conseguir encará-los, pois, naquele momento, ao dar-me conta de que tentei sem sucesso convencer Carol várias vezes de que não era o inválido que ela pensava, eu me senti um grande fracassado.

— Então, não vale a pena, Henri! Esqueça-a e procure uma mulher que realmente possa amá-lo como você é! — sentenciou Adriano, terminando seu chá.

— Não é tão fácil assim — murmurei.

— Se você quiser, posso devolvê-la ao setor financeiro e dar-lhe outra secretária — ofereceu-se Jonas.

— Não faça isso! Meus problemas com ela são pessoais e não profissionais! Ela é uma excelente profissional, trabalhamos muito bem juntos! Não

PERIGOSAS NACIONAIS

acho que devo misturar problemas pessoais com o trabalho — rebati, rejeitando veementemente a ideia enquanto meu coração se apertava sob a possibilidade de afastar-me de Carol.

— Tem certeza? — Jonas perguntou, duvidando do que eu dissera.

— Tenho sim — confirmei — E, mudando de assunto, como estão você e Malu? — perguntei, voltando-me para Jonas.

— Finalmente engatamos um namoro e estamos muito bem juntos! — respondeu Jonas, dando um grande sorriso que evidenciava toda a sua felicidade.

— É, parece que dessa vez Jon desencalha! — observou Adriano com um sorriso nos lábios e contemplando o relógio. — Bem, a conversa está ótima, mas eu tenho que ir. Tenho um cliente agora, às 10h30.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Perdoe-me a curiosidade, mas você também é enfermeiro como Jonas? — perguntei.

— Não. Eu sou Engenheiro Civil e Lara é arquiteta. Juntos, temos um escritório de engenharia e arquitetura — ele respondeu.

— Que bom! Seus projetos devem ser sempre acessíveis! — comentei.

— Nem sempre. Os públicos são, sim. Os particulares têm que respeitar o gosto do cliente e muita gente aprecia escadas com designers modernos. Mas nós sempre seguimos as normas da ABNT para os diversos ambientes — Adriano explicou. — Bem, eu realmente tenho que ir — completou, já manobrando a cadeira de rodas.

— Bem, eu também vou indo, pois não quero passar os últimos dias de minhas férias no hospital e quero arrumar as malas para viajar novamente com Malu — disse Jonas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que bom! Para onde vão? — perguntei curioso.

— Vamos passar os próximos três dias em Ilhéus — revelou Jonas.

— Tenha uma boa viagem! — desejei, também manobrando a minha cadeira de rodas. — Também tenho que trabalhar! Foi um prazer ver vocês! — disse, já me dirigindo ao corredor.

— Também foi bom rever você! — responderam Jonas e Adriano em uníssono.

E eu voltei ao trabalho e ao mesmo clima, quase sem palavras, com Carol.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 30

Difícil de conter

Carol

Na quarta-feira, embora não tivesse com nenhuma vontade, saí novamente com Walmir. Fomos a um restaurante e, após o jantar, ele anunciou com um sorriso indecente nos lábios:

— Agora, nós vamos para um hotelzinho.

— Eu prefiro ir para casa — afirmei.

— Até quando vai ficar me enrolando, dando uma de virgenzinha, de puritana? — ele perguntou com a voz dura, o olhar incisivo como se eu fosse a presa e ele o predador.

— Eu... eu ainda... ainda não me sinto à vontade... para isso — dei uma desculpa esfarrapada no intuito de disfarçar a repulsa.

— É engraçado como você ficou à vontade bem rapidinho lá em Ilhéus e nos conhecíamos bem menos, não é?

Naquele momento, tive vontade de encarar Walmir e dizer que, por isso mesmo, eu não queria ir para a cama com ele, que alguma coisa tinha mudado em mim e também conosco, que conhecê-lo melhor me fez ter a certeza de que não gostava dele, que não daríamos certo juntos e que, por estes motivos, eu não conseguia mais transar com ele, que eu tinha perdido completamente o interesse sexual por ele, que era melhor pararmos por ali, que eu estava precisando de um tempo para refletir o que estava acontecendo comigo, mas não falei nada! Fui suficientemente estúpida para permanecer calada e escutá-lo concluir:

— Então, nós vamos para o hotel!

— Não! — afirmei com a voz mais elevada que o normal. — Você ainda não me explicou direito

por que me deixou sozinha lá no teatro! — cobreí, pois foi a única coisa que consegui pensar para tentar me desvencilhar de dividir a cama com ele.

— Expliquei sim! Disse que tive uma emergência no trabalho! — ele rebateu e, em seguida, completou: — Estamos apenas saindo sem compromisso e não devo nenhum tipo de satisfação a você!

— Você nem me contou em que e onde trabalha! — lembrei com um mal disfarçado tom de cobrança na voz.

— Isso não vem ao caso agora, gata! — disse evasivo.

— Mas eu quero saber! — exigi.

— Sou o gerente e herdeiro da rede de Supermercados Brisalar. — revelou. — Vamos para o hotel! — tornou a insistir.

— Não, hoje não — tornei a negar. — Estou... cansada e com dor de cabeça. Não vai dar. — A
PERIGOSAS ACHERON

desculpa esfarrapada quase me escapou, mas eu consegui pronunciá-la.

Walmir segurou meu pulso, olhou-me franzindo a sobrelancelha como se me analisasse e, após mais ou menos um minuto (um dos mais longos da minha vida), ele disse:

— Está certo então. Mas, na próxima sexta-feira, daqui a dois dias, nós vamos assistir a um filminho na sua casa.

Respirei aliviada por um instante e, sem pensar no que aquilo podia significar, disse:

— Certo. Eu vou falar com Henri e ver se ele não vai utilizar a sala na sexta-feira de noite.

— Eu tenho certeza de que o nosso amigo aleijadinho não vai utilizar a sala na sexta à noite. Aposto que ele nunca a usa. Nós sabemos que não há por que ele usar... — afirmou Walmir com um sorriso debochado nos lábios. A maneira depreciativa e extremamente preconceituosa com a

PERIGOSAS ACHERON

qual ele se referia a Henri me incomodava, apesar de meu próprio preconceito, mas eu não disse nada! Não rebati! Apenas fiquei calada, embora soubesse, apesar da minha implicância com Henri, que aquele tipo de humilhação não era correto com ninguém, muito menos com ele.

Walmir levou-me para casa e, antes que eu descesse do carro, deu-me um beijo opressivo na boca e apertou meus seios até quase machucá-los, dizendo com um sorriso entre malicioso e cruel ao se despedir de mim:

— Mal posso esperar por nosso filminho na sexta!

— Até sexta! — murmurei entredentes, pois, na verdade, não queria dizer nada, não aguentava nem mais olhar na cara dele.

Entrei em casa meio preocupada, sem entender o que Walmir realmente estava planejando para a próxima sexta-feira. Olhei ao redor: nenhum sinal,
PERIGOSAS ACHERON

nenhum barulho, nenhum murmúrio... Nada! Olhei para o relógio, eram 22h20. Pensei que Henri devia estar dormindo. Fui direto para o banho.

Enquanto a água caía em cima de mim, eu me lembrava da maquinação de Walmir, do seu semblante de malícia e crueldade, da forma como apertou meu pulso ao decidir o que faria diante de mais uma de minhas muitas recusas em fazer sexo com ele. Ele estava com raiva de mim, muita raiva mesmo, e queria me humilhar. Por algum motivo, ele também não gostava de Henri. Não sei se por mero preconceito, por intolerância ou se por perceber minha confusão de sentimentos em relação a Henri. Mas Walmir parecia tão fútil. Será que era capaz de perceber isso? Será que isso era algo tão perceptível assim? E, se fosse, quem mais percebia? O próprio Henri não parecia perceber ou percebia e não fazia nada por já ter desistido de mim?

Naquela noite, enquanto enxugava meu corpo de encontro à toalha felpuda e macia e sentia-me a pior das pessoas, tive a certeza de que não deveria continuar com aquilo, que Walmir certamente planejava humilhar a mim e a Henri juntos, que deveria telefonar para ele no dia seguinte e acabar com tudo. Mas eu não fiz isso, deixei as coisas acontecerem, pois ainda estava convencida de que meu relacionamento com Walmir ajudar-me-ia a acabar com meu atordoamento, minha confusão de sentimentos em relação a Henri quando, na verdade, só estava tornando as coisas mais confusas e difíceis ainda para mim.

E, em algum lugar dentro de mim, eu sabia que merecia o que Walmir ia fazer comigo. Afinal, eu o estava usando, estava brincando com ele, com os seus desejos e tinha feito coisas em minha vida das quais não me orgulhava como rejeitar por muito tempo o meu próprio filho, odiar a quem (de certa

PERIGOSAS ACHERON

forma) salvou a minha vida, ir para a cama com alguns homens sem gostar deles e por pura raiva de mim e do que tinha me acontecido, maltratar e humilhar Henri várias vezes por meu preconceito e ainda obrigá-lo a conviver comigo.

Eu, certamente, merecia a ira de Walmir, mas... e Henri? Henri merecia?

Deixei o banheiro e dirigi-me ao meu quarto. Antes, porém, ao passar à porta do quarto de Henri, ouvi o barulho de um notebook sendo desligado.

No dia seguinte, no café da manhã, consultei Henri sobre a possibilidade de usar a sala de estar para ver um filme com Walmir e ele não tentou impedir, embora (em alguns momentos, principalmente naqueles em que eu pensava nos potenciais riscos disso) eu torcesse para que isso acontecesse.

— É possível sim! — ele respondeu com um sorriso que parecia forçado, apesar de eu não poder

PERIGOSAS ACHERON

afirmar isso, mas esta foi a impressão que eu tive.

— Você não se incomoda mesmo? — perguntei.

Ele balançou a cabeça negativamente e disse:

— Ele não é o seu namor... ficante? — Balancei a cabeça afirmativamente. — Então? É natural que vocês queiram ficar juntos, fazer coisas juntos... — Ao notar minha cara de surpresa, ele completou, sorrindo: — Também sou homem, já namorei e sei como são essas coisas. Lembra-se?

Henri deu um novo sorriso que, desta vez, pareceu-me tão sincero, tão desarmado que, imediatamente, fez-me questionar a mim mesma em pensamento: Ele já me esqueceu? Será? Parece tão sincero, parece que está me empurrando para Walmir! No intuito de saber a verdade, provoquei:

— Já namorou? Não namora mais?

Ele riu e respondeu:

— Eu não disse isso! Só não estou namorando no momento, mas isso não quer dizer que eu não

queira ou não vá namorar novamente. Só não sou tão rápido como você — ele terminou com uma clara referência ao meu relacionamento com Walmir.

— Pensei que você estivesse namorando, pelo que você falou comigo no domingo.

— Não. Eu só disse que não devo satisfações a você em relação à minha vida pessoal. Isso quer dizer que não vou informá-la quando isso acontecer. Só isso — explicou, causando-me um súbito gelo no coração e uma sensação mórbida de exclusão. — Mas, voltando ao seu assunto, a que horas vocês vão precisar da sala? — ele perguntou.

— Bem, Walmir deve chegar às oito da noite. Eu pensei em pedir uma pizza e... — Por algum motivo que desconheço, não consegui terminar a frase, o que certamente deu a entender a Henri que eu pretendia fazer algo mais além de simplesmente comer uma pizza e ver um filme com Walmir. E a

verdade era que Walmir pretendia sim fazer algo mais naquela noite. Eu não. A simples ideia desse algo mais revirava-me o estômago e deixava-me aflita.

Henri suspirou parecendo resignado e disse, contemplando fixamente a xícara de café à sua frente:

— Não se preocupe. Antes das oito da noite, eu me recolho ao meu quarto e deixo a casa para vocês. Não vou incomodá-los. Garanto!

— Obrigada! — agradei com um sorriso forçado, porém sem nenhum tipo de empolgação, já que, na verdade, o que realmente havia em mim era certo temor do que estava por vir.

— Disponha! — disse ele com um quase sorriso nos lábios. — Sei que você faria a mesma coisa se fosse comigo — murmurou.

— Com você? Como assim? — perguntei estupefata, sem entender o que ele realmente quis

dizer.

— É, comigo. Se eu trouxesse alguém aqui — ele explicou em voz baixa como se estivesse envergonhado.

— Ah... — murmurei, arregalando os olhos, surpresa, pois, na minha grande ignorância, eu achava que ele não podia ter um relacionamento íntimo (algo que passasse de beijos e “amassos”) com uma mulher.

E a única coisa boa de tê-lo consultado sobre a possibilidade de usar a sala de estar para assistir a um filme com Walmir foi ter voltado “as boas” com ele, ainda que por tão pouco tempo.

CAPÍTULO 31

Um telefonema

Henri

Devia ser umas 10h30 da manhã. Eu e Carol estávamos terminando de preparar mais uma reunião do Núcleo de Bioética e Conselho de Ética (futuro CEP) do hospital quando o telefone tocou.

— Núcleo de Bioética e Conselho de Ética do Hospital Santa Mônica, bom dia! — atendi.

— Bom dia, Henri! — saudou-me Jonas, reconhecendo a minha voz. — Desde que retornei ao trabalho, ainda não o vi! — ele observou.

— É mesmo! Mas amanhã tem a reunião do Conselho de Ética, lembra-se? Aí nos veremos! — lembrei-o.

— É mesmo! Eu tinha me esquecido! A que horas será? — ele indagou.

— Às nove da manhã na sala de reuniões do Núcleo de Bioética — respondi. — Que bom que ligou para saber o horário!

— Mas eu não liguei para saber o horário da reunião! — ele afirmou.

— Não? — Estranhei.

— Não. Preciso falar com Carol — disse Jonas.

— Vou passar o telefone para ela então.

— Não. Dá para você pedir a ela para vir falar comigo aqui em minha sala agora? — ele perguntou com a voz calma.

— Dá, dá sim — afirmei; mas, não sei por que, fiquei preocupado. Ou melhor, eu sabia, só não queria admitir. Desde aquela conversa que tive com Jonas e Adriano, fiquei preocupado, pensando se as minhas palavras, se a confissão de meus sentimentos em relação à Carol, poderiam

PERIGOSAS NACIONAIS

prejudicá-la de alguma forma, pois Jonas pareceu não gostar dessa situação incomum que tinha se formado entre mim e ela.

— Obrigado! — ele agradeceu. — Diga a ela que a estou esperando. Tchau, Henri! — despediu-se e desligou o telefone antes que eu pudesse dizer “disponha”.

Voltei-me para Carol, contemplei seu rosto calmo enquanto ela trabalhava no computador e chamei-a:

— Carol?

— Sim? — Ela olhou para mim e sorriu. Tirei os óculos, só então me dando conta de que eles estavam sujos, e comecei a limpá-los. Eu sempre fazia isso quando estava preocupado e estava de óculos.

— Jonas quer falar com você agora — disse sem olhar para ela, tentando concentrar-me em meus óculos.

PERIGOSAS ACHERON

— Agora? — Ela se surpreendeu. — E o que ele quer comigo?

— Sim, agora — respondi, ignorando a outra pergunta, pois não queria respondê-la. Intimamente, tinha pedido a Deus que ela não me fizesse essa pergunta, mas ela fez e eu já começava a sentir um pouco de culpa, embora não soubesse de fato o que Jonas desejava.

— E o que ele quer comigo? — ela insistiu, encarando-me e empalidecendo. Parecia estar com medo de ser demitida.

— Não sei — respondi e me senti muito mal, pois eu me senti como se estivesse mentindo para Carol pela primeira vez, já que mesmo não sabendo ao certo o que Jonas queria, eu tinha uma ideia do que era e me arrependia cada vez mais de ter admitido que a amava.

Carol ergueu-se, olhou mais uma vez para mim, desta vez com um olhar acusador, e saiu sem dizer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nada. Voltou cerca de quinze minutos depois, olhou para mim com raiva e disse com o tom de voz alterado, ríspido:

— Precisamos conversar!

— Fale! — disse sem olhar para ela, mexendo num livro sobre a escrivadinha e já esperando pelo pior.

— Em casa! — ela rebateu com um tom de voz bastante agressivo e não disse mais nada. Só voltou a falar comigo em casa.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 32

A oferta

Carol

Quando cheguei ao gabinete de Jonas, nem precisei esperar. Geórgia, sua secretária, disse que ele já me aguardava e que eu podia entrar. Aproximei-me da porta e bati. Senti todos os pelos do meu corpo se arrepiarem enquanto o Rio Amazonas parecia brotar em forma de suor de minhas mãos e pés. Ele ia me demitir! Henri tinha, finalmente, dado queixa de mim a ele! Eu estava desempregada! Estas certezas pairavam em minha mente, consumindo-a.

— Entre! — exclamou Jonas logo depois de minhas batidas à porta.

PERIGOSAS NACIONAIS

Entrei e fiquei parada junto à porta, sentindo-me muito desconfortável naquela situação. Eu nunca tinha sido demitida de um emprego antes. Aquela seria a primeira vez e eu não sabia como reagir.

— Bom dia, Carol! Sente-se! — saudou-me Jonas, sorrindo, e apontando a cadeira à sua frente.

— Bom dia, Jonas! — retribuí a saudação bastante sem graça.

— Você deve estar curiosa em saber por que a chamei aqui — ele começou a falar ainda sorrindo.

— Sim. Estou — disse, alternando o olhar entre ele e o tapete que jazia sob meus pés.

— Mas também imagino que você já deve ter uma ideia do motivo — ele continuou encarando-me com um sorriso nos lábios.

— Sim. Eu tenho — admiti, embora temesse o resultado dessa admissão. Mas achei que mentir seria pior.

PERIGOSAS ACHERON

— Então, imagino que este envolvimento entre você e Henri... — Jonas começou novamente, mas eu o interrompi.

— Não sei o que ele lhe disse, mas nós não temos um envolvimento. Ele diz que me ama, mas é um sentimento que eu não posso retribuir — rebati bastante séria.

— Sim. E, por isso mesmo, você não deseja retornar ao seu antigo cargo no setor de finanças? Seria melhor para vocês dois, não seria? Posso colocar Mércia no seu lugar — Jonas indagou sugestivo.

— Olhe, como eu disse, eu não sei o que Henri lhe disse, mas prefiro ficar onde estou. O Núcleo de Bioética e o Conselho de Ética tem relação com a minha formação profissional, com o tema da minha dissertação... Enfim, gosto de trabalhar lá. Quero continuar trabalhando lá. E tanto eu quanto Henri sabemos ser profissionais, não trazemos nossa vida

pessoal para o trabalho — argumentei da melhor forma que consegui, apesar do meu crescente nervosismo, neguei-me a retornar ao setor de finanças e deixei bem claro que queria permanecer onde estava.

— Tem certeza de que é isso que você quer? — Jonas duvidou.

— Tenho. Tenho sim — afirmei séria.

— Está certo — Jonas concordou, sério. — Mas tentem não brigar, certo? — completou com um meio sorriso nos lábios. Certamente, ele estava tentando brincar comigo para afastar o clima pesado que se formara ao longo de nossa breve conversa, mas eu estava bastante irritada para corresponder.

— Nós não brigamos — afirmei e tive vontade de completar “mas também não namoramos como você e Malu”, mas não fiz isso. Eu não queria arriscar meu emprego. — Posso voltar ao meu

PERIGOSAS ACHERON

trabalho? — perguntei, encarando-o com o olhar duro.

— Pode! — Jonas afirmou rapidamente como se estivesse meio arrependido do que fizera e desejasse loucamente me ver fora dali.

Saí de lá com prazer, embora a minha ira já estivesse voltada para outra pessoa e eu já ansiava o momento de confrontá-lo.

CAPÍTULO 33

Em casa!

Henri

Senti-me numa perseguição policial e eu era o perseguido! Naquele dia, ao entrar no carro para ir almoçar na casa de meus pais, percebi que Carol não parava de me encarar com uma raiva ardente e deliberada e eu nem sabia o que realmente tinha acontecido, porque ela não disse nada quando voltou à sala depois de conversar com Jonas e eu não quis piorar as coisas ligando para ele para perguntar.

Quando dei a partida no carro, Carol também deu a partida no dela e começou a me seguir, ou melhor, parecia estar me perseguindo de muito perto como se quisesse me meter medo e só se

desvencilhou de mim quando foi obrigada a entrar na Avenida Beira Rio para se dirigir à casa de seus pais. Respirei aliviado, achando que tinha me livrado daquilo e que a raiva dela ia passar rapidamente, mas estava enganado. Quando cheguei em casa após o almoço, ela já estava lá, sentada no sofá com os braços e as pernas cruzadas e o semblante mais irado do mundo. Seus olhos cor de mogno pareciam em chamas ao me atingir enquanto ela rugia:

— Vamos! Fale!

— Eu não estou entendendo. O que aconteceu?

— perguntei em voz baixa, tentando manter-me calmo.

— Sou eu quem deve lhe fazer esta pergunta! — exclamou ríspidamente, com a voz elevada.

Minha paciência começou a se esgotar. Naquele dia, eu já não estava muito paciente mesmo, pois sabia que, no dia seguinte, ela (a mulher que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amava) ia dormir com outro cara na minha casa, no quarto ao lado e eu não podia (nem ia) fazer nada para impedir e ainda tinha que fingir uma indiferença que, na realidade, eu não sentia. Então, disse em voz baixa, mas fui duro:

— Se está querendo me intimidar, me meter medo com esse seu chique aí, perdeu seu tempo, pois eu não tenho medo de você. Se você quis ou está querendo me assustar, tentando provocar um acidente de carro que envolvesse nós dois, alerta que já sofri um, já fraturei a coluna e já cheguei a um nível de sofrimento bastante grande e consegui superar. Estou aqui! Então, a menos que queira me matar, é melhor não fazer mais isso, pois eu não tenho tanto a perder quanto você. Agora, se você quer conversar ou me perguntar alguma coisa, se acalme e me faça a pergunta educadamente. Se não for assim, sinto muito, mas não vou ouvi-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Carol suspirou lentamente, resignando-se, obrigando-se a recuperar a calma e, curvando-se sobre si mesma para colocar a cabeça entre as mãos, exclamou com a voz sumida:

— Você se queixou de mim para o diretor do hospital!

— Eu não fiz isso! — afirmei.

— Se você quer me detonar, fale logo, assuma!
— ela rebateu em voz baixa, porém dura e cheia de raiva.

— Eu não quero detonar você. Se quisesse, já o teria feito quando você me proporcionou uma queda! Isso sim, seria detonar, pois você poderia ter sido demitida por justa causa! — garanti, contemplando Carol e sua postura encolhida, nervosa, derivada de uma raiva que ela tinha dificuldades para conter.

— E o que você fez então? — perguntou ainda na mesma posição.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não fiz nada! — afirmei para, em seguida, completar: — Eu só... admiti que... gostava de você, mas deixei claro que você não gosta de mim. Só admiti porque não gosto de mentir. E é por isso que estou sendo sincero com você agora.

— E você se fez de coitadinho, de indefeso e aproveitou para pedir a ele para me tirar do seu caminho! — concluiu ainda estática.

— Não! Eu não fiz isso! — rebati veementemente. — E eu não me faço de coitadinho e tampouco sou indefeso! Pare de me subestimar por causa da minha deficiência! Quantas vezes vou ter que lhe dizer que a deficiência é uma característica e que eu não me resumo a ela? Que eu sou mais do que ela? — completei, esforçando-me para não me exaltar também.

Carol não respondeu, permaneceu calada, encolhida e estática como se fosse uma estátua. Então, eu continuei:

PERIGOSAS ACHERON

— Olhe para mim! — pedi e, em seguida, Carol endireitou o corpo e voltou para mim os olhos vidrados de lágrimas não derramadas. — Se eu quisesse prejudicar você, detoná-la, já o teria feito. Assumo que não deveria ter admitido meus sentimentos em relação a você para Jonas. Foi um erro do qual me arrependo. Na ocasião, ele me perguntou se eu desejava que você mudasse de setor e eu respondi que não. Talvez, ele quisesse apenas saber como você se sente a respeito, se você não desejava mudar de setor! Quando ele me perguntou, falei por mim; mas não podia, nem posso, falar por você! — completei com sinceridade.

— Tem ideia de quanto medo eu senti de perder o emprego? — Carol perguntou em voz rouca como se pudesse chorar a qualquer momento.

— Sim, eu tenho. Deve ser semelhante ao medo que várias vezes senti de não ser contratado para

PERIGOSAS ACHERON

um emprego por ser cadeirante. E o pior é que o medo sempre se concretizava! E eu só consegui arrumar um emprego, porque passei num concurso num hospital que tratava de pessoas como eu — afirmei em voz baixa e comedida.

— Eu... sinto muito — disse ela, tirando os olhos de mim e pousando-os sobre o chão.

— Eu também sinto muito pelo medo pelo qual passou. Acredite: eu não lhe desejo mal. Ao contrário, como já lhe disse uma vez, desejo sinceramente que você seja feliz, embora eu saiba que não será comigo — afirmei com ternura na voz, uma ternura que jamais poderia demonstrar a ela de verdade.

— Obrigada! — ela murmurou, erguendo-se com um gesto de indiferença como se não acreditasse muito nas minhas palavras e estivesse agradecendo apenas por obrigação. Esta displicência inflamou a

minha irritação contida e eu resolvi provocá-la um pouquinho:

— Eu só não entendo por que você não aproveitou esta oportunidade de deixar de trabalhar comigo e por que quis morar aqui se você me odeia tanto e quer se livrar de mim com tanta veemência.

Ao ouvir isso, Carol estacou, voltou-se para mim, olhou-me de cima a baixo, franziu as sobrancelhas até que elas quase se encontraram, deu um sorriso irônico e replicou pouco antes de se virar novamente e caminhar para o banheiro:

— No dia em que descobrir o motivo, me conte!

Antes que eu pudesse manifestar qualquer tipo de reação, a porta do banheiro fechou-se atrás dela e, logo depois, ela começou a tomar banho (ouvi o barulho do chuveiro), deixando-me atônito na sala, questionando a mim mesmo: Carol debochou de mim ou ela é maluca o suficiente para também não conhecer os motivos das próprias ações?

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem conhecer a resposta para este enigma, resolvi fechar-me também em meu quarto e tomar banho. No jantar, embora a resposta de Carol tenha me acompanhado até aquele momento sem dar espaço para que meu cérebro refletisse sobre outra coisa e sem que eu conseguisse uma explicação plausível para o que eu ouvi, preferi não relembrar o episódio daquela tarde, pois suspeitava que só pioraria as coisas para mim, que eu só me sentiria ainda mais apaixonado por ela do que já estava. Então, contive o ímpeto de voltar ao assunto e comi calado, embora não sentisse nenhuma fome.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 34

O filminho

Carol

No dia seguinte, Walmir chegou à casa de Henri, às 20h10. A pizza tinha sido entregue há poucos instantes e estava quente e apetitosa. Diferente do que costumava ser, jantamos em silêncio, pois ele encontrava-se estranhamente quieto. Esta aparente calma inicial fez com que eu começasse a temer ainda mais aquela situação.

Quando terminamos de jantar, Walmir entregou-me uma mídia de DVD sem nenhum tipo de identificação. A situação ficava cada vez mais bizarra e eu cada vez mais insegura. Reuni todas as minhas forças e perguntei:

— Que filme é esse? Onde o alugou?

— Relaxe, gata! Prefiro fazer uma surpresa! Você vai gostar! — Walmir afirmou com um sorriso indecente nos lábios e uma confiança que parecia inabalável.

Olhei para ele tentando demonstrar indiferença e não respondi. Coloquei a mídia no DVD, peguei o controle remoto e sentei na pontinha do sofá, o mais distante dele que pude. Não tive tempo de evitar ou protestar. Walmir puxou-me pelo pulso para perto dele e passou o braço em volta de minha cintura. Com alguma dificuldade, soltei meu pulso de sua mão e, disfarçando a dor e a repulsa que sentia, apontei o controle remoto para o aparelho de DVD, fazendo com que a mídia começasse a ser lida.

Embora eu já esperasse pelo pior, fiquei surpresa com o que vi. Walmir trouxera um filme pornográfico com o intuito de induzir-me a dormir

PERIGOSAS NACIONAIS

com ele e eu não sabia o que fazer para livrar-me daquela situação.

— Gostou do filme que eu escolhi, gata?

— Não acho que este seja um filme apropriado para nossa situação — argumentei.

— Não venha dar uma de puritana novamente! Claro que é apropriado para o que vamos fazer! Não venha dizer que nunca fez isso, porque não é verdade! Você não reclamou quando dormiu comigo no réveillon! — rebateu minhas palavras vigorosamente.

— Não, não reclamei, mas... mas hoje eu vejo que fomos muito precipitados! Nós não devíamos ter... feito isso! — tentei argumentar.

— Devíamos sim! Eu estava a fim, você estava a fim! — ele discordou, indo para cima de mim e puxando a minha blusa até livrar-se dela.

— Tudo bem então. Mas aqui e agora não é o momento para recomeçarmos — afirmei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que não? Por que você está na casa de seu amiguinho aleijadinho? — ele indagou com um riso maldoso. Eu preferi ignorar a pergunta dele e não responder. Afinal, eu não estava numa posição muito favorável para dizer o que eu pensava, pois ele estava me subjugando aos poucos. Ele já tinha conseguido tirar a minha blusa e estava com as mãos fortemente pousadas sobre minhas coxas, prestes a forçar-me a deitar as costas no sofá.

Diante da minha recusa em responder, ele riu e recomeçou em voz mais alta. Penso que seu intuito era fazer-se ouvir por Henri.

— Não seja por isso! Não me importo que ele observe enquanto “nos amamos”. Vamos! Chame seu amigo aleijadinho! Já que ele não pode mais fazer nada mesmo, creio que ele adorará ver o que você pode fazer, ver o que ele perdeu, o que ele não pode desfrutar! Mas eu posso!

PERIGOSAS ACHERON

— Não seja vulgar! Não vou fazer isso aqui! — rebati com a voz nitidamente rancorosa.

— Por que não? — Ele riu e empurrou-me os ombros de modo que deitei as costas no sofá com um baque surdo.

— Porque não. Aqui não é o lugar e este não é o momento! — afirmei num tom de voz impositivo.

— Ah, deixe-me adivinhar! — disse Walmir com uma ironia declarada na voz. — Você se solidariza com seu amiguinho aleijado e não quer transar na casa dele, porque ele não pode transar! — Ele deu uma grande risada para recomeçar com a voz ainda mais alta: — Você se solidariza com ele, mas eu não! Essa é a casa dele e daí? Se ele quiser, ele pode vir olhar! — Ele me fulminou com o olhar e começou a se debruçar sobre mim, rindo com ironia antes de completar: — Vamos dar uma ajudinha a ele! Vamos chamá-lo! — E começou a berrar enquanto me estreitava mais e mais contra o sofá.

— Aleijadinho, venha cá! Venha observar o que vamos fazer! Venha recordar, aleijadinho!

Eu rezava para que Henri estivesse adormecido em um sono profundo ou que não ouvisse os berros de Walmir ou que simplesmente os ignorasse. A situação estava cada vez mais complicada, Walmir parecia querer me forçar a dormir com ele ali e, enquanto fazia isso, agitava o sofá e o meu corpo juntos.

Acho que eu estava muito nervosa, enojada com a situação e que tinha comido muita pizza e bebido refrigerante demais. Estes fatores combinados provocaram-me um enjoo incontável. Meu estômago parecia ter vida própria e estava extremamente revoltado contra mim, querendo jogar todos os meus erros de chofre em minha cara. Parecia uma rebelião, pois os movimentos peristálticos do meu esôfago eram intensos, só que em sentido contrário, a saliva inundava a minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

boca, meu nariz reclamava do cheiro do perfume importado de Walmir e era extremamente difícil falar. A custo, balbuciei entredentes, tentando evitar o pior:

— Saia de cima de mim! Agora!

— Não saio! — ele afirmou com a voz rude, mas mudou de ideia rapidamente assim que comecei a engulhar.

Na pressa de livrar-me de Walmir e de tudo aquilo e correr para o banheiro, atrapalhei-me e caí ao chão. Levantei-me o mais rápido que pude, tentando correr para o banheiro, mas não suportei. Vomitei na cozinha, a poucos metros do banheiro.

Ajoelhada na cozinha ante o vômito, sentindo-me realmente mal física e psicologicamente por tudo, olhei para a sala e me deparei com Walmir atônito, com cara de arrependido, e resolvi tentar disseminar a culpa em seu coração:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Satisfeito agora com o resultado de sua pressão?

— Eu não entendo! Como isso pode ser culpa minha? — indagou com o tom de voz arrependido.

— Você me pressionou demais! — afirmei duramente.

— Perdoe-me então! — ele pediu com a face indistinta. Eu não consegui perceber o que ele realmente estava sentindo naquele momento.

Não respondi verbalmente. Estava com tanta raiva de Walmir que apenas balancei a cabeça afirmativamente.

— Bem, então, depois eu ligo para você para combinarmos outra coisa — disse, caminhando para a porta. — Desculpe aí novamente — ele tornou a pedir ao atingir a soleira da porta. Dei de ombros e não respondi, ignorando-o.

Quando Walmir se foi, ergui-me e com balde, rodo e muito desinfetante limpei toda a cozinha.

PERIGOSAS ACHERON

Em seguida, tomei um banho e, ao retornar para o quarto envolta na toalha, passei à porta do quarto de Henri e novamente ouvi o som quase imperceptível de um notebook sendo desligado. Ele estaria acordado? Ouvira tudo o que aconteceu?

CAPÍTULO 35

Antes que mais alguém pergunte...

Henri

Antes que mais alguém pergunte: sim, eu ouvi tudo do início ao fim! Cada palavra, cada enfrentamento entre Carol e Walmir e cada ofensa dirigida a mim! As vozes eram perfeitamente audíveis; às vezes, até altas demais! Mas não fiz nada, não podia, não devia fazer! Se achas que eu devia intervir, pergunto-te: de que adiantaria? Iria resultar em mais ofensas ou talvez num confronto verbal, o que só pioraria as coisas! Além disso, não acho correto meter-me no relacionamento dos outros e não creio que, embora ameaçasse, ele fosse

forçá-la a dormir com ele sem que esta fosse a vontade dela; pelo menos, não em minha casa, não com uma testemunha que pudesse depor contra ele.

Posso parecer cruel, mas acho que, apesar de demonstrar estar acuada, Carol, de alguma forma, apreciava aquela situação. Do contrário, por que ela se submeteria àquilo? No final, depois que ela vomitou, imaginei que ela fosse despachá-lo definitivamente após acusá-lo. Mas ela não fez isso! Pareceu assentir ao que ele dizia e perdoá-lo silenciosamente, com um gesto talvez. Será que ela não tinha amor-próprio ou amava-o tão louca e desmedidamente que era capaz de se submeter a uma situação humilhante como aquela? Ela certamente merecia algo melhor, merecia ser amada de verdade e ser feliz. Mas será que ela enxergava que não era amada por Walmir? Afirmo que ele não a amava! Se ele a amasse, não a trataria assim... como um objeto, um brinquedo. E não seria eu, não

PERIGOSAS ACHERON

podia ser eu, a pessoa a alertá-la. Se eu tentasse, ela acharia que eu estava tentando convencê-la a ficar comigo e eu, naquele momento, jamais faria isso, pois imaginava que ela estava perdida para mim, que ela jamais conseguiria aceitar-me e amar-me com a deficiência que eu tenho. Ela já me provara isso e eu também ansiava encontrar alguém que me amasse como eu sou.

Na manhã seguinte, fazia pena olhar para Carol. Ela estava extremamente pálida e triste, profundas olheiras roxas marcavam sua bela face, os olhos cor de mogno perderam completamente o brilho, pareciam embaçados, seus cabelos estavam desarrumados, opacos e pareciam não estar completamente secos. Ela sentou-se à mesa à minha frente em silêncio, apoiou os pulsos na mesa, deixando as palmas das mãos para cima, um dos pulsos trazia uma mancha roxa. Ela sofria, a mulher que eu amava sofria e eu não via nada que

PERIGOSAS ACHERON

eu pudesse fazer para ajudar. Senti-me muito mal com isso.

— Bom dia, Carol! — saudei-a, fitando-a.

— Bom dia, Henri! — respondeu com a voz muito rouca, sumida, os olhos no chão. Parecia ter dificuldade para falar, parecia que queria chorar, mas não chorou.

— Tudo bem com você? — perguntei, olhando fixamente para ela.

— Não — respondeu objetiva, com muita tristeza em sua voz.

— Sinto muito — murmurei com sinceridade sem encará-la desta vez. Doía-me vê-la assim.

— Ontem... — Começou ela com a voz falha. — Você... ouviu? — perguntou finalmente.

— Ouvi tudo — confessei, recebendo sobre mim o peso de seu olhar angustiado e inquisidor, embora creio que ela já fizesse ideia de que eu tinha escutado tudo devido ao tom elevado em que ela e

PERIGOSAS NACIONAIS

Walmir (principalmente ele) discutiram naquela noite. — Eu não estava espionando vocês. Eu só não tive como não ouvir — garanti.

— Eu sei disso — afirmou. — Perdoe-me! — pediu com os olhos presos no tampo da mesa.

— Perdoá-la pelo quê? — perguntei sério.

— Não ouviu as ofensas que Walmir bradou contra você? — perguntou incrédula.

— Sim. Ouvi tudo, cada palavra que ele disse — confirmei enfático para completar em seguida: — As ofensas foram dele para mim, não de você para mim. Não tem que me pedir perdão.

— Eu o trouxe aqui — afirmou, tocando de leve a alça da xícara ainda vazia à sua frente.

— Eu permiti que você o trouxesse — lembrei-lhe. — Não vai comer? — perguntei.

— Não tenho fome — resmungou.

Olhei para a mancha roxa em seu pulso e perguntei:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele machucou você?

Carol balançou a cabeça negativamente e seus olhos encontraram os meus sobre a mancha em seu pulso antes que ela explicasse:

— Não. Só apertou meu pulso um pouco forte demais.

— Eu sinto muito, mas achei que não deveria me meter em seu relacionamento — disse, sentindo-me repentinamente culpado pela mancha roxa em seu braço, embora eu continuasse convicto (e ainda continuo) de que agi corretamente.

— E não deve! — afirmou. — Ontem, eu perdi as contas de quantas vezes pedi a Deus para que você não ouvisse aquelas coisas ou fosse controlado a ponto de não se manifestar para revidar todas aquelas ofensas de Walmir — confessou, alternando o olhar entre mim e a xícara ainda vazia.

PERIGOSAS ACHERON

— Tome pelo menos uma xícara de leite — sugeri. — Por que pediu a Deus que eu não revidasse? — perguntei curioso.

— Porque seria pior! Walmir quer me humilhar, está com muita raiva de mim, porque... — ela interrompeu abruptamente. — Ele também tem raiva de você, mas não sei o porquê — completou, finalmente colocando café e leite na xícara.

— Ciúmes de você? — indaguei.

— Não, não creio. Ele sabe que você não pode... — Carol interrompeu novamente, desviando o olhar, constrangida para depois completar: — Acho que é só... preconceito mesmo. Ele quer tripudiar sobre você só porque você é... — ela tornou a interromper, tomando um gole de café com leite, para suavizar em seguida: — só porque você não pode mais andar.

Ergui os ombros, indicando indiferença, pois a minha deficiência não me tornava o inválido que

PERIGOSAS ACHERON

ela e Walmir pensavam que eu era e já estava cansado de dizer a ela que eu era um homem como outro qualquer, pois ela não se convencia disso e, pelo jeito, a única forma de convencê-la seria provar-lhe isto e isto jamais aconteceria. Momentaneamente resignado (mas não conformado) com a imagem incapacitada que ela fazia de mim, perguntei encarando Carol com insistência:

— E por que Walmir quer humilhá-la?

— Porque eu estou me negando a... — ela parou envergonhada, arrependida do que ia dizer, como se conversasse com uma criança.

Esperei alguns instantes para ver se Carol continuava, mas ela parecia querer abortar a conversa antes de concluí-la, entregando-se à distração de circundar a borda da xícara com o dedo indicador. Quando percebi que ela não prosseguiria, conclui:

— Você está se negando a dormir com ele.

Carol olhou para mim assustada como se nunca imaginasse que eu fosse capaz de dizer aquela frase e vacilou ao confirmar:

— É... sim... Eu...

Não pude conter um riso sarcástico de seu embaraço e, descumprindo a promessa que fiz a mim mesmo, tentei novamente:

— Não sou assexuado como você pensa! O fato de eu possuir uma deficiência não quer dizer que excluí a palavra “sexo” do meu vocabulário! Você tocou no assunto como se eu nem soubesse o que é isso!

— Eu... É que... Você... — Carol continuava incrédula, embaraçada e, apesar de sua palidez e aparente fraqueza, resolvi ir mais fundo, tentar compreender o que estava acontecendo entre eles; embora, teoricamente, isso não fosse da minha conta. O problema (meu problema para ser mais PERIGOSAS ACHERON

exato) era que eu a amava cada vez mais e, apesar de saber que ela definitivamente não gostava de mim, eu estava fracassando em minhas tentativas de esquecê-la, o que fazia com que eu, infelizmente, me sentisse atraído pelo que acontecia com ela.

— Você está se negando a dormir com ele, mas já fez isso no último réveillon.

Carol não respondeu verbalmente. Manteve a cabeça baixa, mas meneou-a afirmativamente e, em seguida, tomou o último gole de leite com café da xícara.

— E por que tem se negado a dormir com ele agora? — perguntei, abaixando os olhos, consciente de que estava fazendo uma pergunta bastante íntima para o tipo de relacionamento que tínhamos, que não chegava a ser uma amizade. Ao contrário, parecia mais um confronto com alguns períodos de trégua.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei... — disse ela, pousando um par de olhos cor de mogno bastante confuso sobre mim e depois os voltando para a mesa para traçar com o dedo pequenos corações sobre o tampo dela, enquanto parecia refletir: — Na verdade, é como se... se, de repente, as coisas mudassem... como se eu enxergasse as coisas de forma diferente... Eu nunca fui uma... meretriz, mas... dormi com alguns homens em minha vida... Não sou... uma pessoa muito sociável... Foram poucos, mas eu dormi e... não foi por amor. Houve vários motivos para isso, mas não amor. Nunca... associei sexo a amor! Nunca quis fazer isso! Para mim, sempre foram coisas distintas... Só que, de uma hora para outra, eu me vi... necessitando ser amada para fazer sexo! É por isso que tenho repellido Walmir. Não quero mais... fazer sexo sem amor e sei que Walmir não me ama. Então, eu não quero fazer sexo com ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Carol confessou-me tudo isso enquanto desenhava com o dedo indicador os corações sobre a mesa. Em nenhum momento ela ergueu os olhos para mim, o que me deixou grato; pois, a cada palavra que eu ouvia, ficava mais claro em minha mente que ela amava Walmir loucamente e sofria por não ser amada por ele, por ser tratada com desprezo. A dor de amor que eu sentia por ela, ela sentia por ele! Não pude evitar encolher-me em minha cadeira de rodas. Ao perceber que minhas mãos estavam trêmulas de frustração e dor (uma dor psicológica abrasadora, que parecia rasgar minha alma em duas), retirei-as lenta e disfarçadamente da mesa para que ela não percebesse e, como não podia evitar que meu rosto transparecesse o choque de minha recente constatação, manobrei a cadeira de rodas o mais rápido que pude em direção ao meu quarto e disse:

PERIGOSAS ACHERON

— Espero que se sinta melhor logo. Não se preocupe com a louça! É a minha vez de lavar. Daqui a, mais ou menos, meia hora eu cuido disso.

— Certo — Carol disse e a impressão que eu tive é que ela desabafara mais para si mesma do que para mim. Não percebi indícios de movimento ou de estranhamento em sua voz por minha reação. E não sei por quanto tempo ela ainda ficou ali naquela posição, desenhando os corações com os dedos. Sei apenas que, quando retornei já recomposto, quarenta minutos depois, ela não estava mais lá e toda a louça estava lavada, enxuta e devidamente guardada no armário e não havia sinal dela na casa. Devia estar fechada em seu quarto.

Por volta das 10h, Leno veio convidar-me para almoçar em sua casa, especificando que, na noite anterior, tinha feito o mesmo convite aos nossos pais e que eles tinham aceitado, mas tinha tentado

ligar para mim para me convidar também e não tinha conseguido.

— Meu celular estava desligado — revelei.

— Por quê? — perguntou ele sem muita curiosidade.

— Desliguei para carregar e esqueci-me de ligá-lo novamente — menti, pois eu tinha desligado o telefone celular para que ele não tocasse enquanto Walmir estivesse com Carol, pois não queria que minha presença fosse abertamente notada por ele, preferia que fosse apenas presumida. — Agradeço o convite, mas quero ficar em casa hoje. Já ia ligar para a mamãe para falar que não vou almoçar lá hoje. — Eu já não era uma pessoa sociável e a verdade era que os acontecimentos da noite anterior, embora o alvo direto não tenha sido eu, tinham tirado meu ânimo para qualquer coisa. Eu não estava com saco para reuniões de família, mas

não podia contar tudo a ele. Aqueles problemas da noite anterior não eram meus!

— Ah. Às vezes, também me esqueço de ligar o celular — ele observou crédulo. — Mas por que não quer ir almoçar lá em casa? — perguntou insatisfeito.

— Porque não estou com vontade de sair de casa. Estou cansado, entediado com o calor — expliquei. Eu não menti, pois eu realmente sentia-me cansado e entediado com o excessivo calor de Jequié, mas esta não era a principal motivação para eu não querer sair, o que significava que eu disse uma meia verdade.

— Não há como convencê-lo, irmãozinho? — perguntou Leno com um resquício de esperança nos olhos.

— Não, não há — afirmei sério, olhando fixamente para Leno para que ele percebesse que minha resolução era inabalável.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E a moça? — perguntou Leno com uma expressão indefinível.

— Moça? — Estranhei sem captar que ele se referia a Carol.

— Sim, Carol — explicou. — Você ainda está com ela? — perguntou como se estivesse se referindo a um namoro.

— Leno, eu não estou com ela, não há um relacionamento entre nós! Ela só... mora na mesma casa que eu, não comigo! — afirmei categoricamente.

— Que seja! — disse Leno com um suspiro de rendição. — E cadê ela?

— Está aí. Acho que no quarto, não sei ao certo — disse, tentando demonstrar indiferença.

— Vamos conversar lá no balanço? — propôs Leno. Ele parecia gostar do balanço tanto quanto eu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos — concordei. Mas, assim que chegamos à porta da cozinha, visualizamos Carol lá no balanço. Ela não estava no quarto como pensei. — Vamos conversar aqui na sala mesmo? — propus.

— Vamos — Leno concordou com um sorriso no rosto. — O que há com ela? Parece muito triste... — indagou, percebendo, mesmo à distância, que havia algo de errado com Carol.

Neste momento, alguém adentrou o portão da casa (que eu deixara sem cadeado, quando fui receber Leno) e tocou a campainha. Atendi e deparei-me com uma linda moça: alta, morena, magra, corpo escultural, cabelos longos e encaracolados, olhos castanho-esverdeados e uma grande aliança na mão direita. Ao ver-me, ela não disfarçou o espanto:

— Bom dia! — saudei-a com um sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom dia! — ela retribuiu confusa. — Oxe! Senhor Leno, o que faz por aqui? O que aconteceu ao senhor? Como foi parar nessa... — interrompeu sem jeito e, apontando para a cadeira de rodas, ela completou: — aí? É temporário, não?

Acredite! Eu fiquei tão sem jeito com a confusão dela que minha reação foi rir. Tive uma baita crise de riso antes de explicar a situação e deixá-la entrar. Ela ficou ainda mais constrangida e manteve-se em silêncio até que eu terminasse de falar:

— Eu sou Henri. Leno é meu irmão gêmeo. Eu sofri um acidente e a lesão não é temporária — disse, repetindo o gesto dela e apontando para a cadeira de rodas.

— Ah! Perdoe-me! Eu o confundi. — Eu sou Belanira, irmã de Carol — apresentou. Achei o nome estranho, antigo e Carol me explicou um tempo depois que, apesar de ser a caçula, Belanira

PERIGOSAS ACHERON

herdara seu nome da avó materna. — Ela está morando aqui, não está? — perguntou.

— É um prazer conhecê-la, Belanira! — disse, sorrindo. — Carol mora aqui sim — confirmei. — Como conhece meu irmão? — perguntei.

— Igualmente — Belanira respondeu sem sorrir. Parecia ser uma pessoa muito séria e metódica. — Ele é o sogro do meu irmão Emílio — disse por fim, referindo-se a Emílio como um irmão e não como um sobrinho.

— Ah... — murmurei.

— Posso falar com Carol? — indagou.

— Claro. Ela está no quintal, no balanço — afirmei, aumentando o ângulo de abertura da porta e revelando Leno que, até este momento, estava oculto na sala, rindo silenciosamente.

— Bel? — ele saudou-a.

— Senhor Leno! — Belanira saudou-o com um sorriso de familiaridade e depois completou,
PERIGOSAS ACHERON

alternando o olhar entre mim e ele: — É impressionante a semelhança entre vocês! — Em seguida, ela dirigiu-se para onde Carol se encontrava.

— Eu não conhecia nenhum dos irmãos de Carol — observei.

— Pelo que sei, ela só tem dois irmãos: Belanira, que é a caçula, e Rodrigo, que é o mais velho de todos. Ele deve ter uns trinta e dois anos e já é casado, tem filhos. Bel está noiva, casa-se daqui a dois meses. Tem Emílio, que é o namorado de Kali e que, até então, eu não sabia que era filho de Carol. E, por incrível que pareça, vim conhecer Carol naquele dia, lá na casa de nossos pais. Ela parece que é meio rebelde, parece que é uma pessoa difícil — Leno explicou, mas não foi muito esclarecedor.

— Rebelde? Difícil? Como assim? — perguntei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi um comentário que ouvi uma vez, antes mesmo de conhecê-la de fato. Mas você deve saber disso melhor do que eu, afinal é você que convive com ela, não eu. — Ele deu de ombros, esquivando-se da pergunta.

Suspirei e ele retomou o assunto interrompido pela chegada de Belanira:

— O que há com ela? Parece bastante triste...

— Ela e o namorado se desentenderam — disse sem pensar muito.

— E você quer ficar em casa com esperanças de consolá-la e fazê-la desistir do namorado — concluiu Leno sério.

— Não, claro que não! — rebati veementemente.

— E é por isso que você nem quer sair de casa hoje, para ter oportunidades de sobra para consolá-la! — insistiu com um sorriso (entre malicioso e irônico) nos lábios.

PERIGOSAS ACHERON

— Não. É bem provável que eu fique sozinho. Ela costuma passar os domingos com a família dela — tornei a rebater com sinceridade; pois, até este momento, eu realmente achava que ela fosse sair e passar o restante do dia com os pais.

— Então, tomara que isso aconteça! Que você fique sozinho! — desejou Leno, pronunciando as palavras com força como se isso fosse capaz de tornar seus desejos reais. — Mas eu não gosto de ver você no meio disso, no meio desse relacionamento dela! Não gosto de ver você servindo de amiguinho e confidente quando, na realidade, você está sofrendo e se martirizando com isso! — afirmou num tom de voz oscilante entre a raiva e a aflição.

— Eu não estou no meio do relacionamento dela! Não estou me fazendo de amiguinho confidente para vencê-la pelo cansaço! — rebati. — A situação não é tão simples como pensa! —

completei, começando a ficar irritado com o irmão que eu mais amava, com o que mais me compreendia e que, no início de nossa existência, tinha sido parte de mim, ou melhor, tínhamos sido um só! Isso me doía! Doía o fato de ele não conseguir compreender-me agora.

— Sei que não é simples! Mas se tornaria mais fácil se você a tirasse daqui, se a mandasse de volta à casa dela, se você se colocasse o mais distante possível dela! — Leno insistiu visivelmente angustiado com a percepção de minha irritação crescente. — Poxa, Henri! Você sempre me pareceu mais seguro de si, mais racional, mais autoconfiante! Nunca pensei que pudesse se abalar assim! — completou desafiador. Acho que ele tinha decidido deixar-me irritado.

Respirei fundo, tentando mandar a irritação embora e pedi:

— Responda umas perguntas minhas, certo?

— Certo — concordou prontamente, embora parecesse não entender o que eu estava querendo fazer.

— Você... — eu não sabia como colocar em palavras o que eu estava querendo perguntar — gostaria de ficar longe de Estela? Gostaria de magoá-la ou de vê-la magoada? O que faria se não pudesse tocá-la? — Assim que consegui continuar a frase, disparei todas as perguntas no intuito de que ele não tivesse tempo de me replicar e respondesse tudo de uma só vez.

— Não! Claro que não! Não posso imaginar ficar longe de Estela, não poder tocá-la e jamais a magoaria ou seria indiferente se ela fosse magoada, pois eu a amo incondicionalmente! — afirmou. Seus olhos, neste momento, estavam imbuídos de uma certeza cristalina.

Tentei ao máximo acalmar-me e abaixei a voz para confessar:

— É assim que eu me sinto em relação a Carol. Eu a amo incondicionalmente, apesar de ter sido rejeitado por ela. É um sentimento muito forte, difícil de controlar! Por mais que meu cérebro diga para mim “mande-a embora”, eu não consigo! Eu não a convidei, não sei por que ela veio, mas não consigo mandá-la embora, mesmo que nunca a tenha tocado, mesmo que desconheça a textura de sua pele, é difícil manter-me longe dela! Vê-la triste como está hoje ou a perspectiva de causar-lhe algum tipo de mágoa mandando-a embora, causa uma dor profunda no meu coração! A diferença entre mim e você é que o seu amor é correspondido e o meu, não.

— E você realmente nunca a tocou? Nem de leve? — Leno pareceu surpreso.

— Não. Nem de leve e não pretendo fazê-lo — afirmei.

— Por quê? — perguntou ainda mais surpreso.

— Porque eu imagino que seria ainda mais difícil de lidar com meu amor não correspondido — respondi com sinceridade.

— E ela não sente mesmo nada por você? — indagou com um olhar entre curioso e esperançoso.

— Não, não sente. Hoje mesmo, ela confessou-se apaixonada pelo namorado/ficante e disse que não era correspondida. Fiquei imaginando como a vida é irônica! Eu estou aqui, perto dela, sofrendo por amá-la sem ser correspondido, enquanto ela sofre por amar a outro e também não é correspondida! — revelei de olhos baixos, optando deliberadamente para não ver a expressão dos olhos de Leno, pois eu tinha certeza de que ele estava me considerando um louco.

— Você está perdido, meu irmão! Perdido! E eu lamento tanto! — exclamou Leno e seu tom de voz era muito sentido. — Eu vi você sofrendo tanto por causa daquele acidente e, principalmente, por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Amanda tê-lo abandonado! Vi você passar dezessete anos de sua vida recusando-se a conhecer outra mulher, a iniciar outro relacionamento com medo de se apaixonar e se machucar novamente! Mas eu sabia que não era justo, nem certo, você ficar sozinho com medo de outra desilusão amorosa e exultei quando você disse que tinha mudado de ideia! Mas você sofreu outra desilusão amorosa e, se Deus não tiver pena de você, você terá outra ainda maior e ainda está caminhando para ela de braços abertos! — ele lembrou, angustiado.

— Tenho tentado esquecê-la, mas não tenho conseguido! — afirmei.

Neste exato momento, interrompemos nossa conversa, pois ouvimos passos que se aproximavam pela rampa que dava acesso ao quintal. Era Belanira que retornava desacompanhada.

— Bem, eu já vou indo — disse ela séria, parando sobre a soleira da porta.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu a acompanho até a porta —disse também sério.

— Tchau, tchau! — disse ela, olhando para nós dois (como se nos comparasse) ao se postar sobre a soleira da porta de entrada da casa.

— Para onde vai? — perguntou Leno a Belanira.

— Vou para a casa de João — disse ela, voltando seus olhos esverdeados para Leno. João era o noivo dela que morava no Centro da cidade. Como Leno morava no bairro São Luís, teria que passar no Centro para chegar em casa.

— Quer uma carona? Eu só vou pegar meus pais e Emílio e deixo-a na casa de seu noivo — propôs Leno.

— Quero sim — ela aceitou. — Então, vou ligar para João e dizer que ele não precisa mais vir me buscar.

Enquanto Belanira telefonava para o noivo, posicionada na porta, mais para fora do que para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dentro da minha casa, Leno abraçou-me e cochichou ao meu ouvido:

— Espero sinceramente que você consiga o que deseja ou que aconteça o que for melhor para você. Não fique zangado comigo não — pediu. — Falo essas coisas, porque o amo muito e você merece muito ser feliz! — justificou-se.

— Eu sei. Obrigado! — agradei. — Mas você também sabe que, embora eu me irrite com você às vezes, eu não consigo ficar muito tempo irritado com você e também o amo e, por isso, compreendo sua preocupação, mesmo que você não compreenda meu ponto de vista — cochichei em seu ouvido antes que ele se afastasse após beijar-me a testa num gesto paternal.

Quando eles foram embora, não me contive e fui ver Carol lá no balanço.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 36

Constrangimento?

Carol

Definitivamente, eu não entendi o que aconteceu! Eu e Henri estávamos conversando normalmente, amigavelmente, sem farpas e eu até me sentia melhor quando ele direcionou a conversa para o assunto sexo. Relutei de início, afinal eu não me sentia à vontade com ele para falar sobre isso, sobre minhas experiências; porque, naquela época, eu acreditava que ele jamais poderia estar intimamente com uma mulher e, contraditoriamente, achava que era um grande pecado que um homem atraente como ele não pudesse ter um relacionamento íntimo. Mas ele insistiu e, quando finalmente cedi, quando relacionei sexo e amor, ele literalmente

fugiu! Não entendi! Imaginei que ele ficara constrangido ao recordar-se das experiências sexuais que tivera e que se lamentava por aquelas que eu pensava que ele não mais podia ter. Pensei que ele, ao contrário do que eu presumia, não associava sexo a amor e que, embora dissesse que me amava, nunca tivera planos de ir para cama comigo. Também me questionei se o fato de saber que eu já dormira com alguns homens, inclusive com Walmir, incomodava-o.

Sem conseguir tirar uma conclusão imediata, lavei a louça que ele prometera lavar depois e, quando ia para o meu quarto, lembrei-me do balanço e de como Henri o olhara com o olhar saudosos no dia em que estivera ali com Heleno. Momentaneamente esquecida dos acontecimentos da noite anterior e tomada de curiosidade sobre a reação de Henri, pensei que ali, um lugar que ele evidentemente gostava (embora eu desconhecesse o

PERIGOSAS ACHERON

motivo), seria mais fácil compreender sua reação. Então, fui para o quintal e comecei a embalar levemente meu corpo naquele balanço e, à medida que fazia isso, as lembranças da última noite e daquela manhã começaram a se misturar na minha cabeça e eu comecei a ter dificuldade para raciocinar.

Algum tempo depois, sobressaltei-me quando Bel apareceu junto a mim e sentou-se ao meu lado no balanço.

— Como entrou aqui? — perguntei, estranhando vê-la ali ao meu lado. Ela era muito certinha, muito metódica, não era próprio dela tentar me espionar.

— Seu senhorio abriu a porta para mim — respondeu com um sorriso meigo.

— Ah. Não esperava que viesse aqui — disse sem ânimo.

— Mamãe está tentando ligar para você desde cedo, mas seu celular está desligado. Aí, ela me

pediu para vir ver se você está bem — relatou sincera. — Você parece triste. Aconteceu alguma coisa? — indagou com um leve traço de preocupação no olhar.

— Eu e Walmir não estamos nos entendendo muito bem — confessei, mas não contei o que de fato acontecera na noite passada.

— Bem, eu acho que você já devia tê-lo largado há muito tempo. Ou melhor, não devia ter nem começado isso lá em Ilhéus. Você tem que se valorizar mais, procurar um homem que a ame de verdade! — minha irmã mais nova passou-me o sermão.

— É fácil para você dizer isso quando não foi com você que aconteceu o que aconteceu comigo! — alfinetei.

— Ô, Carol! Todos nós sabemos o quanto foi duro para você passar por tudo aquilo, até Emílio sabe; mas isso não é motivo para você não se

PERIGOSAS ACHERON

valorizar — Bel me lembrou. Em geral, ela era mais racional do que eu.

— Eu sei, eu sei — murmurei com impaciência.

— Pelo que você me disse, o rapaz que você namorava pela internet parecia gostar de você — lembrou-me como eu se pudesse me esquecer disso.

— Não deu certo — disse, procurando ser mais evasiva possível, pois ela não sabia por que não tinha dado certo, nem que o rapaz em questão era Henri e que ele estava bem perto de mim.

— E o irmão de Leno? — sugeri e, de imediato, não consegui captar de quem ela falava. Tinha me distraído, recordando-me de meu fatídico primeiro encontro com Henri.

— Quem? — perguntei meio “boiando”.

— Refiro-me ao belo cadeirante lá em cima, o seu senhorio, o irmão do senhor Heleno, sogro de Emílio — explicou detalhadamente.

— Ah... Henrique — murmurei, pronunciando o nome todo no intuito de tentar evitar demonstrar uma intimidade que, naquele momento, parecia-me desnecessário evidenciar. — Sem chances — disse e tive medo de ela perguntar o motivo, pois não queria dizer que era por causa da deficiência dele. Eu tinha vergonha de admitir meu preconceito.

— Por que não me falou que ele e Leno são irmãos gêmeos? — perguntou. Dei graças a Deus por ela estar mais interessada no parentesco entre os gêmeos bonitões.

— Conheci Heleno há pouco tempo e, há pouco tempo, soube que ele é o sogro de Emílio. Você sabe que, na verdade, não desempenho o papel de mãe de Emílio e não costumo participar muito das questões da vida pessoal dele.

— Quer dizer que conheceu primeiro o outro? — ela se surpreendeu, seus olhos se arregalaram, sua boca se entreabriu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Henrique é meu chefe no trabalho — procurei não mentir, mas fui o mais concisa que pude.

— Ah... E você divide a casa com seu chefe! Que bizarro! E seria ainda mais bizarro se, um dia, você viesse a se casar com ele! O parentesco seria ainda mais bizarro! — Ela riu. — Mas eu imagino que você jamais se casaria com ele... — completou reticente.

— Por quê? — perguntei surpresa com a declaração dela, afinal ela parecia mais “mente aberta” do que eu.

— Porque eu não sei se ele pode... — interrompeu envergonhada. — Bem, não sei se ele pode dormir com uma mulher e imagino que você não se contentaria apenas com beijos — completou sincera.

— Ah... — murmurei.

— Nunca perguntou para ele?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenho intimidade para fazer esse tipo de pergunta a ele — respondi. Acho que na verdade, eu não tinha era coragem de fazer essa pergunta, pois tinha medo de que ele dissesse que não, apesar de ele já ter dado várias dicas de que era capaz. Se era, por que nunca o tinha visto com nenhuma mulher? Por que ele nunca trouxera nenhuma para casa desde que eu estava lá? Se era possível que ele tivesse uma relação sexual, como seria, já que seu corpo era imóvel dos mamilos para baixo? Todas essas perguntas assolavam sempre a minha cabeça e ressoaram com ainda mais intensidade em meu cérebro naquele momento.

— Ah... — murmurou. — Não quer aproveitar e me acompanhar até em casa?

— Não, não vou sair de casa hoje. Sabe? Esse desentendimento com Walmir me deixou meio chateada. Não sou uma boa companhia hoje. Daqui

PERIGOSAS ACHERON

a pouco eu subo e ligo para a mamãe — esquivei-me.

— E o que você vai comer? — Bel se preocupou.

— Eu peço uma pizza ou eu mesma faço alguma coisa. Quero curar eu mesma o meu azedume, tentar responder às minhas dúvidas — expliquei.

— Dúvidas? Que dúvidas? — ela me perguntou curiosa.

Só então percebi que tinha falado demais (minhas dúvidas eram em relação a Henri, sua reação e a confusão que ele provocava em mim, mas não queria contá-las para Bel) e, para contornar isso, menti:

— Dúvidas referentes a se devo ou não permanecer com Walmir... Enfim, se devo ou não seguir o conselho de minha irmã caçula.

— Espero que siga meu conselho — disse ela, erguendo-se. — Não vai mesmo para casa comigo? — indagou por fim.

— Não. Como eu disse, prefiro ficar — reafirmei.

— Você prefere ficar com seu chefe bastante atraente — corrigiu-me ela, olhando-me maliciosamente.

— Não, não vou ficar com ele. Vou ficar sozinha. Logo, ele irá almoçar na casa dos pais dele — neguei convicta do que dizia e encarando-a tão impetuosamente que ela se encolheu envergonhada, mas recuperou-se rapidamente e, fazendo um gesto de descaso para a minha atitude, completou: — Bem, eu tenho mesmo que ir! João vai passar lá em casa daqui a pouco para me pegar. Como estou?

— Linda como sempre! — afirmei. Minha irmã era mesmo linda, parecia uma modelo! Era tão diferente de mim fisicamente... Tão linda e eu tão... tão comum! Sem nada que chamasse a atenção, que me destacasse... Embora agora eu já tivesse superado essa minha percepção, conseguindo até

PERIGOSAS ACHERON

enxergar a beleza sutil que havia em mim, naquela época, eu me achava feia e me perguntava por que tantas coisas difíceis tinham acontecido na minha vida, por que tinha que ser assim comigo.

— Obrigada! — disse Bel, girando e fazendo seu vestido floral branco e amarelo esvoaçar.

— Vai almoçar com seu noivo hoje? — perguntei com pouco interesse, pois também não conhecia o noivo dela pessoalmente. Eu fazia questão de ausentar-me o máximo da vida da minha família nos últimos tempos.

— Sim, eu vou! E vamos passar a tarde juntos na casa da família dele — revelou, sorrindo ante a expectativa que parecia agitá-la um pouco.

— Bem, então, só posso desejar-lhe um ótimo sábado — desejei sem muito entusiasmo.

— Com certeza será um ótimo sábado. — Ela tornou a sorrir e girar em minha frente, mas depois parou, encarou-me por um bom tempo como se me

avaliasse, apertou os olhos e disse como se soubesse a extensão das minhas preocupações: — Mas, Carol, se precisar de mim, se precisar de qualquer coisa, me procure, ligue para mim. Sempre estarei pronta para ajudá-la!

— Eu sei, Bel! Sei que posso contar com você! Agradeço muito a sua disposição, mas também estou certa de que não precisarei de nada — agradei, sorrindo, tentando aparentar o semblante mais confiante que podia imaginar projetando em meu rosto.

— Então, fique com Deus! — disse ela já se afastando.

— Vá com Deus você também! — disse, aumentando um pouco o tom de voz para que ela me ouvisse.

Depois que Bel partiu, entreguei-me às minhas conjecturas sobre a noite passada, sobre o que Walmir queria fazer comigo, sobre a confusão que

PERIGOSAS ACHERON

Henri provocava em mim, sobre as últimas reações dele e sobre o que eu devia fazer diante de tudo isso. Mas eu não fiquei muito tempo sozinha para refletir sobre tudo isso. Cerca de vinte minutos depois, Henri descia a rampa lentamente, a cadeira rodando como se estivesse quase parando, como se, a cada toque na cadeira, ele meditasse se devia estar realmente fazendo aquilo. Por que esta reação? Por que ele estava fazendo aquilo? Eu mesma não sabia como reagir àquilo. Então, firmei os pés no chão, interrompendo o embalo do balanço e esperei estática por ele.

Ao se aproximar do balanço, Henri tornou a olhá-lo saudoso e, com uma das mãos, tocou-lhe a lateral, começando a embalar-me muito suavemente como uma brisa. Sua mão estava tão próxima de mim, mas eu não ousei tocá-la. Desde que o conheci, nunca o tinha tocado; inicialmente, por repulsa, confesso; depois que comecei a me

PERIGOSAS ACHERON

sentir tão confusa, por medo do que poderia sentir se o fizesse. A oportunidade de tocá-lo, de sentir a textura de sua pele, estava ali, diante de mim, e eu a rejeitei conscientemente. Eu não me mexi, deixei que ele conduzisse o balanço, enquanto o silêncio predominava entre nós entrecortado apenas pelo rangido das engrenagens do antigo brinquedo.

— Você está bem? — sussurrou como se temesse me incomodar.

Balancei a cabeça afirmativamente. A sensação de estar com Henri ali naquele momento, de ser embalada por ele, era tão reconfortante, parecia tão surreal, tão inacreditável, apesar de ser algo tão simples, que eu não me senti no direito de quebrá-la.

— Por que não foi com sua irmã? — indagou distraído com o movimento do balanço.

— Não quis. Não tenho vontade de sair de casa hoje. Meu... humor não está dos melhores —

PERIGOSAS ACHERON

respondi por fim, porém com a voz baixa, tentando manter o encanto daquele momento.

— Ah... — murmurou com um tom decepcionado na voz.

— O que foi? — perguntei, erguendo as sobrancelhas, achando que ele estava lamentando algo.

— Nada — negou objetivamente.

— Fale! — pedi, encarando-o com insistência.

— É que... eu também não vou sair... Pensei que ia ficar sozinho... — hesitou com a voz ainda muito baixa.

— Ah! — murmurei, compreendendo que ele tinha planejado passar o sábado sozinho e que eu, sem querer, havia frustrado os planos dele. — Perdoe-me! Eu não sabia! Se quiser, posso sair para que você tenha sua privacidade — ofereci.

— Não é necessário. Posso conseguir a privacidade que desejo no meu quarto. Você não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

precisa sair de casa por causa disso — garantiu. — Eu só... me surpreendi de você não ter saído. Só isso.

— Minha irmã ficou chocada com a semelhança entre você e seu irmão gêmeo — comentei.

— Sim, eu percebi. Acho que, se Leno não estivesse aqui na hora, ela não acreditaria que somos pessoas diferentes! — Ele riu.

— Seu gêmeo estava aí? — perguntei.

— Sim, chegou um pouco antes de sua irmã — confirmou, parando de embalar-me para deslizar o dedo indicador sobre os ornamentos em ferro no balanço branco e antigo.

O silêncio voltou até nós por longos dois minutos e, desta vez, eu o interrompi no intuito de ganhar coragem para indagar:

— Posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro — concordou prontamente, esboçando um sorriso nos lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que você... olha tão saudoso para esse balanço? Por que o colocou aqui se não pode utilizá-lo?

— Você me fez duas perguntas ao invés de apenas uma... — observou, olhando-me nos olhos. Perguntei-me se ele usaria isso como pretexto para não satisfazer a minha curiosidade; mas, como se ouvisse meus pensamentos, redarguiu: — Não se preocupe, vou respondê-las. Era só uma observação.

Balancei a cabeça afirmativamente e ele prosseguiu:

— Eu não coloquei o balanço aqui. Ele já estava aqui quando comprei a casa. E eu já o utilizei sim, antes do acidente. As lembranças das quais sinto falta são dessa época, não de agora.

— O balanço parece bastante antigo — comentei, contemplando sua estrutura branca de ferro em estilo clássico e toda ornamentada.

PERIGOSAS ACHERON

— Pelo jeito, é sim — concordou, sorrindo.

— E que lembranças são essas? — perguntei curiosa e indiscreta, assumo.

O sorriso morreu em seus lábios e ele pousou os olhos no chão por um longo tempo, coçou o queixo, voltou a embalar-me no balanço e, por fim, transpôs os olhos para mim e respondeu com uma expressão que parecia enxergar o passado, não a mim:

— Eu... gostava de vir aqui. Sentar-me aí no balanço, fincar os pés no cimento e embalar-me, às vezes, rapidamente e, às vezes, muito lentamente. Vinha por prazer, para abstrair ou para pensar, quando estava triste para tentar esquecer, quando estava alegre para dar vazão à minha alegria e... — interrompeu.

— E? — indaguei.

— Às vezes, vinha aqui com Leno. Éramos jovens, ficávamos competindo para ver quem

PERIGOSAS ACHERON

embalava o balanço mais rápido. Acho que ele gosta do balanço também... Algumas vezes, também vim com Amanda.

— Você sente saudades por que namorava aqui com Amanda?! — perguntei, tentando conter a indignação que, repentinamente, assolou meu peito.

— Também. Mas esse não é o único, nem o principal motivo de minha saudade. Os outros motivos são muito mais fortes! — afirmou com uma expressão dura, parecendo notar minha indignação. — Lembro-me das vezes que vim aqui com ela, não por estar com ela, por ser ela a namorada, e sim, porque eu achava muito... romântico namorar em um balanço. Ela nem gostava muito de namorar comigo aqui... Sempre dizia que isso era uma infantilidade, que balanço era coisa de criança e eu discordava — justificou-se, apesar de eu não ter pedido nenhuma justificativa. Era como se ele quisesse deixar bem

PERIGOSAS ACHERON

claro para mim que não gostava mais dela há muito tempo e eu não entendia por que ele fazia isso. — Você não gosta dela mesmo, não é? — perguntou ele por fim, esquadrinhando-me como se quisesse registrar minha reação à pergunta.

Procurei parecer o mais indiferente que pude, mas não fiz questão de esconder meus sentimentos em relação a Amanda:

— Não, não gosto dela.

Henri deu de ombros e começou a olhar o quintal à nossa volta. Escolhi continuar a conversa:

— E hoje? — perguntei.

— Hoje? — repetiu maquinalmente o que eu dissera sem compreender o que estava perguntando.

— Sim, hoje, na atualidade, como usa o balanço? — perguntei, olhando fixamente para ele.

Antes de responder, Henri voltou os olhos para o chão por um instante como se procurasse forças para me responder; mas, logo depois, ergueu o

PERIGOSAS ACHERON

rosto com a expressão decidida, os olhos azuis faiscando a luminosidade solar e buscando os meus para prendê-los. Em seguida, respondeu:

— Eu não uso. É necessário auxílio dos pés para fazer o balanço se mexer. Meus pés não se movem mais. Além disso, como o balanço não é fixo, uma transferência seria arriscada, pois não há estabilidade suficiente. Eu poderia cair e a queda machucaria mais do que a da clínica, pois o chão daqui é de cimento grosso.

— Perdoe-me! Só agora percebi como minha pergunta foi idiota! — falei sem graça.

— Não, não foi. É uma pergunta normal. Se houvesse um jeito sem tantos riscos, usaria o balanço — disse ele condescendente. — Bem, agora tenho que subir e pensar no que preparar para comermos. Eu já não era bom na cozinha antes e agora é um pouco mais complicado, pois minha coordenação motora não é mais tão boa, então... —

Ele manobrou a cadeira de rodas para se afastar de mim.

— Como eu achei que ia ficar sozinha aqui, pensei em pedir uma pizza; mas eu posso ajudá-lo na cozinha também, se quiser — ofereci.

Henri parou a manobra que estava fazendo, olhou-me novamente e disse:

— É, uma pizza de vez em quando não faz mal não. Tem o número de alguma pizzeria? — perguntou com um sorriso.

— Tenho sim — respondi, erguendo-me do balanço.

Pedimos a pizza. Eu quis pagar, ele não deixou. Sentamos e almoçamos em silêncio, sem mais nenhum tipo de conversa. Quando o almoço se findou, fiz menção de lavar os pratos, os copos e o liquidificador (onde ele tinha batido o suco de duas polpas de cacau), mas ele não permitiu, dizendo:

— Não. Eu lavo. Hoje é meu dia, lembra-se?

— Pelo que eu sei, o almoço não faz parte de nosso combinado e eu posso muito bem ajudá-lo — rebati.

— Eu sei, mas uma refeição a mais ou a menos não faz diferença — garantiu com um olhar convincente.

— Bem, se prefere assim... — desisti de insistir.

— Prefiro — afirmou sério. — Vá descansar. Eu estou mesmo querendo ficar um pouco sozinho.

Ao ouvir isso, virei-me para ele e perguntei:

— Eu disse ou fiz algo de errado?

— Não. Não fez. É que eu gosto de ficar sozinho, estou acostumado a isso e, desde que você veio para cá, ou melhor, desde que eu vim para cá, para Jequié, meus momentos sozinho tornaram-se mais raros — explicou sem olhar para mim, colocando os pratos na pia.

Optei por não dizer nada, não responder, pois também não sabia como responder. Apenas olhei-o

PERIGOSAS NACIONAIS

por mais alguns instantes em silêncio enquanto ele começava a lavar os pratos, escovei os dentes e fui para o meu quarto com mais um questionamento na cabeça: ele dissera que me amava e, no entanto, agora parecia estar incomodado com minha presença. Será que ele ainda me amava ou já tinha me esquecido?

Com mais uma questão (dentre muitas) em minha cabeça, preferi encerrar-me no meu quarto, de onde só saí para ir ao banheiro (dando graças a Deus que Henri estava fechado no quarto dele) e na hora do jantar.

Durante a tarde, tentei reler *Lucíola*, de José de Alencar; mas, apesar do clima triste no início do livro que, de certa forma, lembrava-me o momento que eu estava vivendo, não consegui me concentrar muito nele. As minhas preocupações e os meus questionamentos sempre se intrometiam nas linhas

PERIGOSAS ACHERON

de José de Alencar e me deixavam meio atordoada entre a ficção e a realidade.

Devia ser, mais ou menos, 18h quando meu celular tocou. Era Walmir. Protelei entre atender ou não. Atendi, procurando ser o mais indiferente possível:

— Alô?

— Boa noite, gata! É Walmir — disse num tom de voz que me irritou.

— Sei disso — afirmei.

— E por que não disse meu nome? — indagou.

Como não respondi, ele concluiu:

— Ainda está chateada comigo.

— Um pouco. — Suavizei sem saber o porquê.

— Também não foi tão ruim assim e, se você fosse mais “boazinha”... — começou a falar e não parecia nada arrependido naquele momento.

— Você não estava em meu lugar para saber como foi ruim e não devia ter ofendido Henri. Ele

PERIGOSAS NACIONAIS

não tem nada a ver com nosso... relacionamento — comecei a ficar com raiva.

— O aleijadinho se queixou com você? — perguntou num tom de voz maldoso.

— Não. Ele não se queixou de nada. Mas não acho correto meter outras pessoas nessa nossa história — rebati com fúria na voz.

— Calma, calma, gata! — disse, mas podia ouvir seu riso de escárnio.

Respirei fundo e me calei. Ele continuou:

— Vamos sair na quarta, à noite? Prometo tratá-la melhor...

— Não. Prometa tratar-me bem! — exigi ainda com um resquício de fúria na voz.

— Que seja! — ele deu uma resposta meio evasiva. — Mas prometa ser mais “boazinha” comigo! — pediu.

— Depende do que você considera “boazinha” — rebati.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você sabe o que estou querendo dizer — afirmou num tom de voz sugestivo.

— Sei — afirmei com dureza na voz.

Walmir esperou que eu promettesse, mas eu não fiz isso. Ficamos calados, disputando quem rompia o silêncio primeiro. Imagino que ele pensava que eu não iria resistir e acabaria prometendo ceder, dormir com ele, mas eu resisti. Não estava mesmo interessada em fazer isso. Por fim, ele se cansou e perguntou:

— Vai?

— Onde? — indaguei impaciente.

— Sair comigo na quarta, à noite — esclareceu.

— Vou — afirmei com a voz dura.

— Então, pego você na quarta, às 19h30, certo?

— propôs. Seu riso de vitória era evidente.

— Certo — confirmei. A má vontade na minha voz era clara.

PERIGOSAS ACHERON

— Tchau, gata! — despediu-se. Eu não respondi, desligando o telefone.

Ao desligar o telefone, eu estava com tanta raiva que as lágrimas começaram a fugir de meus olhos e molhar minha face. Senti vontade de gritar de ódio. Ódio de mim mesma, ódio de Walmir, ódio dessa situação... Mas não gritei. Henri estava ali no quarto ao lado, iria ouvir e ficar alarmado. Sufoquei o grito em minha garganta, preendi em meus olhos as lágrimas que ainda não tinham caído e fui tomar banho no intuito de apagar os sinais desta revolta psicológica do meu rosto. No jantar, embora eu continuasse entristecida, os vestígios materiais desta revolta já tinham desaparecido de meu rosto e Henri nada notou.

CAPÍTULO 37

Buscas

Henri

Naquela noite, convenci a mim mesmo de que eu deveria fazer algo mais efetivo para esquecer Carol. Tentar não olhar para ela, não ver seus encantos, procurar falar o mínimo, evitar sentir o prazer que sua voz provocava em meus ouvidos era extremamente difícil e, definitivamente, não estava surtindo efeito; pois evitar estas coisas tornara-se humanamente impossível, já que ela estava comigo no trabalho e também em minha casa, embora eu procurasse passar o máximo de tempo possível fechado em meu quarto. A cada dia que se passava, eu sentia-me mais e mais um asno por deixá-la vir morar em minha casa! Eu já estava quase certo de

que eu era masoquista e ela sádica quando tive uma ideia e resolvi pô-la em prática imediatamente.

Eu conhecera Carol num site de relacionamentos na internet e me apaixonara por ela, mesmo sem nunca tê-la visto. Se eu consegui me apaixonar por ela durante nossas conversas pelo chat por quase três anos, talvez a melhor forma de a esquecer fosse encontrar outra moça na internet e contar, o mais breve possível, que eu era um cadeirante, mesmo que afastasse muitas delas logo no início por causa de um preconceito estúpido. Por outro lado, fazendo isso, estaria selecionando mulheres interessantes e sem preconceito até conseguir chegar a mais interessante para mim, alguém a quem eu viesse a amar e que realmente pudesse me amar, me aceitar como sou.

Sei que tudo isso parece frio, mecânico, planejado como se nós não fôssemos mais humanos, como se fôssemos virtuais ou se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tivéssemos nos transformado em nossos próprios computadores. Mas era algo muito mais complexo. O ser humano é extremamente complexo e, por isso mesmo, o relacionamento pela internet não é simples ou uma fantasia como muitos acreditam. Os relacionamentos pela internet têm tudo que os relacionamentos cara a cara têm, exceto o contato físico, e ainda tem algo mais, algo difícil de explicar. Uma sedução inerente ao fato de você não ver e/ou não tocar a outra pessoa, a liberdade de falar sobre os próprios sentimentos, o mistério que isso traz (que, reconheço, pode ser muito perigoso se uma das pessoas for mal-intencionada)... Enfim, tudo isso pode converter-se em uma atmosfera encantadora, inebriante e muito romântica... O que eu sentia por Carol era prova disso.

Decidi que não devia esperar mais, que tinha que recomeçar as buscas naquela noite...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 38

Noite de quarta-feira

Carol

Quarta-feira de noite, 19h20. Eu esperava por Walmir e estava tão apreensiva com o que poderia acontecer que me sentia arrependida por não ter recusado o convite para sair, por não ter terminado tudo como me aconselhara Bel e o meu próprio coração que, naquele momento, batia revoltado, convulsionado em meu peito como se quisesse fugir de mim, de minha própria burrice.

Pontualmente, às 19h30, Walmir parou o carro à porta da casa. Olhei ao redor, nenhum sinal de Henri. Depois do jantar, ele se fechou no quarto e mal me desejou boa noite. Então, não fazia sentido procurá-lo com os olhos para desejar-lhe bons

sonhos. Eu nunca tinha feito isso até então. Definitivamente, não fazia sentido esta minha necessidade de me despedir dele! Isso devia ser reflexo do medo que eu estava sentindo, só podia ser.

Entrei no carro de Walmir em silêncio, torturando-me como um animal deve torturar-se ao perceber que está indo para o abate. Percebi um meio sorriso de prazer nos lábios dele. Acho que ele gostava de me ver-me sofrer, de me ver apreensiva e, por incrível que pareça, esse brilho de maldade nos olhos dele tornava-o ainda mais belo do que era. Estava claro que ele não gostava de mim, eu era uma distração.

— Boa noite, gata! — ele me saudou com os olhos faiscando maliciosamente.

— Boa noite, Walmir! — murmurei com a voz sumida.

PERIGOSAS NACIONAIS

Walmir levou-me a um restaurante italiano, um dos mais caros de Jequié. Ao olhar o menu, estremeci: os pratos eram todos bastante caros. Fiquei calada, sem graça, sem saber o que pedir.

— O que foi, gata? — perguntou com um sorriso pretensioso alargando seus lábios.

— É tudo tão caro! — exclamei em voz baixa. — Eu não sei o que pedir...

— Isso não é problema! Peça o que quiser! O mais caro se preferir! Pagarei com prazer... — afirmou com sinceridade na voz.

— Mas... — tentei argumentar.

— Não se preocupe com isso! — garantiu. — Você merece um bom jantar depois do que aconteceu! — disse ele, referindo-se aos acontecimentos de sábado em voz baixa, com uma certa displicência na voz que fazia parecer como se tudo aquilo tivesse acontecido há muitos anos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah... — murmurei e escolhi um canelone. Ele escolheu um carpaccio.

Jantamos em silêncio, não conversamos em nenhum momento e, tampouco, Walmir sequer mencionou o desejo de levar-me para a cama. Senti-me aliviada, libertada, segura e já podia sorrir livremente de novo! Voltamos cedo. Às 21h, ele parou o carro na porta da casa de Henri e apenas tocou meus lábios com os seus num “selinho” que me deixou lisonjeada antes de perguntar:

— Nos vemos novamente na sexta-feira?

— Claro — respondi derretida, descendo do carro.

— Às 20h está bom para você? — ele me perguntou com um sorriso malicioso nos lábios; embora, naquele momento, eu estivesse tão inebriada com sua aparente delicadeza que não tenha percebido sua malícia.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, está! — confirmei com um novo sorriso nos lábios enquanto postava-me à sua frente, já fora do carro.

— Então, até lá! — disse ele, arrancando o carro com impetuosidade.

Entrei em casa feliz e aliviada! Tão feliz e tomada por uma impetuosidade tão grande que, certa de que Henri não apareceria, já comecei a despir-me na sala mesmo. Passei para o banho sem roupa, com a toalha na mão, suspirando como uma boba e acreditando que, se Walmir continuasse a agir assim, eu me apaixonaria por ele inevitavelmente, mesmo que demorasse um pouco, e toda essa confusão e estas indagações desapareceriam de meu coração e de minha mente. Seria só uma questão de tempo até que Henri, seu jeito, sua presença, seu olhar, deixassem de ser inquietantes e não exercessem mais nenhum tipo de fascínio sobre mim. Então, eu não precisaria mais

PERIGOSAS ACHERON

tentar compreender o porquê disso tudo e não teria mais nenhum tipo de curiosidade sobre ele. Por fim, ele voltaria a ser um rosto indistinto em meio a tantos que passavam por mim na rua ou nos corredores do hospital.

Quando saí do banho, ao passar à frente da porta do quarto de Henri, não pude me conter. Suspirei e pensei: *“Se tudo der certo, se Walmir continuar assim, você não me intrigará mais e logo não estarei mais aqui. Você será apenas uma vaga lembrança de um devaneio virtual. Nada além disso”*. Neste exato momento, fui puxada de meus pensamentos pelo som de um notebook que desligava. O notebook de Henri. Pela primeira vez desde que começara a ouvi-lo, ignorei-o solenemente e parti para o meu quarto, fazendo questão de pisar o chão com passos ruidosos para que ele ouvisse, para que ele tomasse consciência de minha felicidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

No dia seguinte, não acordei mais tão empolgada, mas ainda estava cheia de esperanças de que tudo o que eu imaginei pudesse se tornar realidade, embora meu coração se apertasse um pouco a cada vez que eu rememorava meu desejo. Era como se ele estivesse com medo de perder a instigante curiosidade que Henri exercia sobre mim. Tentei ignorar meu coração, mas as coisas não aconteceram como eu desejei...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 39

Um toque...

Henri

Durante todo o restante da semana, Carol parecia estar muito feliz e confesso que isso provocava sentimentos contraditórios em meu coração desde a quarta-feira à noite quando ela chegou em casa suspirando apaixonada. Na quinta-feira de manhã, quando entrei na cozinha, ela tinha um sorriso largo ao saudar-me, a voz transparente de felicidade:

— Bom dia, Henri!

— Bom dia, Carol! — pronunciei as palavras em voz baixa, pois eu não compartilhava de sua alegria e, como eu antevia o motivo, meu coração parecia que ia ruir a qualquer momento. — Vejo que está feliz hoje — obriguei-me a comentar, uma vez que

eu queria comprovar de uma vez por todas minhas suspeitas.

— Sim, eu estou! E muito! — ela confirmou com um novo sorriso que deixava seu rosto ainda mais belo. Seus olhos de mogno pareciam resplandecer. — Parece que eu e Walmir vamos, finalmente, nos acertar!

— Fico muito feliz com isso — afirmei em voz baixa com um sorriso forçado no rosto. Senti meu coração rasgar. Tinha sido uma tortura pronunciar aquelas palavras, esboçar aquele sorriso; o qual, imagino, deve ter sido mais parecido com o esgar dos lábios após uma mordida acidental em arame farpado do que com um sorriso propriamente dito.

— Obrigada! — ela agradeceu, retribuindo o sorriso. Será que não percebeu que, naquele momento, eu não estava sendo verdadeiro? Que eu não conseguia ser verdadeiro? Acho que sua felicidade a cegava.

— Quero muito que seja feliz — murmurei com a voz sumida, porém sincera. Constatar que essa felicidade não seria comigo era mais doloroso do que eu pensava.

— Eu sei disso — confirmou ainda sorrindo. Parecia uma boba de tanto sorrir e o pior era que ela era uma boba linda! — No final das contas, apesar de tudo o que aconteceu, você tem sido um bom amigo — observou.

Ouvir esta declaração foi difícil. Eu não queria ser apenas seu amigo, desejava mais do que isso, mas sabia que Carol não gostava de mim e que, por isso, meu desejo nunca se realizaria. Ao ouvir as palavras “bom amigo” senti-me mais uma vez excluído, completamente descartado. Ela não me via como um homem, jamais me veria. Eu tinha que esquecê-la rápido, antes que o sofrimento causado por perdê-la se tornasse insuportável.

Definitivamente, eu tinha que investir mais em minhas buscas pela internet.

Aquela declaração foi uma espécie de tapa em meu rosto. Olhei para ela abalado. Não sei que cara eu tinha, mas tenho certeza de que meu olhar era de dor. Tentei falar, não consegui, suspirei. Carol brincava embasbacada com a alça da xícara e mal ergueu os olhos. Manobrei a cadeira de rodas e afastei-me entristecido. Quando cheguei à porta de meu quarto, ela indagou-me:

— Não vai terminar seu café?

— Não — afirmei estacado à porta sem voltar-me para ela, pois não queria que ela visse minha cara de descontentamento.

— Você praticamente não comeu — ela, enfim, observou.

— Estou sem fome — murmurei, sentindo-me a pior das pessoas, pois eu deveria estar realmente feliz com a felicidade de Carol, com o fato de ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ter se acertado com Walmir, mas eu não estava! Eu me sentia um egoísta! Não estava certo não conseguir aceitar o fato de que ela seria feliz com outra pessoa. Eu teria que engolir isso se não conseguisse aceitar! Teria que me conformar e, se ficasse muito difícil mostrar indiferença, teria que reunir todas as minhas forças e pedir que ela saísse da minha casa.

Entrei no quarto o mais rápido que pude para que Carol não tentasse me fazer outra pergunta e fechei a porta com força. Odiei-me por isso! Afinal, era a prova cabal de que eu estava descontente, mas ela não pareceu notar em nenhum momento.

Escovei os dentes às pressas e fui para o trabalho antes do que de costume, sem me despedir de Carol. Cheguei lá às 6h30 e cerquei-me do máximo de trabalho que pude. Quando ela chegou meia hora mais tarde, saudou-me indagando com um sorriso nos lábios:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia, Henri! O que deu em você hoje?

— Bom dia! — retribuí a saudação imóvel como uma pedra só para não ter que olhar para ela, para sua felicidade tão evidente. — Como? — perguntei, fingindo não saber do que ela falava.

— Você está tão apressado hoje... Não comeu, saiu sem que eu me desse conta e parece ter chegado bem mais cedo ao trabalho... — observou.

“Estou fugindo de você, de sua felicidade; porque, embora eu saiba racionalmente que você a merece e que você não gosta de mim, vê-la feliz com outro homem me machuca”, foi o que tive vontade de responder, mas não fiz isso. Eu era covarde ou orgulhoso (o que preferir) para admitir minha fraqueza.

— Só estou com muito trabalho — disse em voz baixa e ainda imóvel, tentando justificar meu comportamento.

PERIGOSAS ACHERON

— Nós estamos com muito trabalho, eu sei — ela corrigiu-me. — Mas não há nada que não possamos resolver juntos dentro de uns dois dias. Não precisa ficar tão desesperado! — completou e estava certa. Mas o “juntos” é que era o problema! E estar perto de uma Carol comprometida estava me deixando desesperado.

Não respondi para evitar ao máximo ouvir a voz de Carol, interagir com ela. O dia seguinte foi pior, pois era sexta-feira e ela ia sair com Walmir novamente. Pela alegria dela, imaginei que aconteceriam novos acertos entre ela e Walmir. E aconteceram, mas não os que eu previa, nem os que ela desejava...



A sexta-feira à noite enfim tinha chegado. Carol saiu às 20h com Walmir e eu tranquei-me no quarto, entregando-me às minhas buscas na internet

e pensando em ir dormir mais cedo para não ver a sua alegria quando ela chegasse. Eu não desejava mal a ela, queria de verdade sua felicidade, mas não estava sabendo lidar com meu amor rejeitado, o que estava me deixando louco. O meu cérebro lutava homericamente com o meu coração, sem perspectiva de vitória de nenhum dos lados.

Algo... curiosidade, senso de autoproteção (ou até de autopunição), preocupação... Um desses sentimentos, ou até mesmo um pouco de cada um deles, fez com que eu não fosse dormir mais cedo, com que eu ficasse acordado até que ela chegasse e ela estava demorando.

Eram 23h30 e eu já começava a achar que Carol finalmente tinha cedido e dormido com Walmir quando ela entrou em casa chorando e sem nenhum barulho de carro aparente. Inicialmente, pensei que não fosse nada de mais e preferi não interferir: era um choro bem baixinho, só dava para ouvir um ou

PERIGOSAS ACHERON

outro gemido. Todavia, depois que ela tomou banho, seu choro se intensificou, tornou-se alto, prolongado, sentido, entrecortado de muitos soluços e gemidos.

Minha preocupação com Carol tornou-se tão insuportável que nem me dei conta de que estava só de short. Transferi-me o mais rápido que pude para a cadeira de rodas e bati à porta do quarto dela, rezando para que tudo estivesse bem e perguntando o mais brandamente possível:

— Carol, está tudo bem com você?

Carol abriu a porta. Tinha os cabelos molhados caídos por suas costas e seus ombros, os lábios trêmulos, os olhos vermelhos e embaçados, o rosto descomposto e úmido de lágrimas, o corpo coberto por uma camisola de alças delgadas, longa, folgada, mas de um pano fino, quase transparente, em vários tons de azul e cinza que parecia cintilar à luz do quarto e mostrar um vislumbre de suas formas

cheias, porém arredondadas. As linhas desfiadas das alças e da bainha e algumas partes mais finas do pano evidenciavam que a camisola, embora fosse muito bonita, era velha e desgastada. Nem esse detalhe, nem a profunda tristeza que marcava seu rosto em um rio de lágrimas, conseguia ofuscar sua beleza, seu semblante angelical de mártir. Eu nunca a vira tão bela, nem tão triste.

Ela meneou a cabeça negativamente e abriu a porta fazendo menção para que eu entrasse em seu quarto. O choro a sufocava e eu não sabia o que falar. Entrei no quarto preocupado, intimidado. Apesar da situação, eu sentia-me como se estivesse invadindo a privacidade dela. De certa forma, acho que era isso que estava acontecendo. Era uma invasão consentida. A sua tristeza fê-la permitir esta invasão.

Carol sentou-se à beira da cama e eu, num gesto impensado, posicionei a cadeira de rodas de um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

modo em que me coloquei bem próximo a ela, quase ao seu lado.

— Carol, o que aconteceu? — perguntei com a aflição tomando conta de mim, fazendo meu coração estremecer.

— Eu... Eu não... Eu... — ela não conseguia falar, os soluços a interrompiam, seus lábios e suas mãos tremiam, seu olhar transbordava de angústia.

— Calma! Respire fundo e me conte devagar — pedi com brandura.

Após respirar longamente e tentar conter o choro, ela tentou novamente:

— Eu pensei que finalmente... Eu pensei que eu e Walmir... que nós íamos nos acertar... Você sabe, ter alguma coisa mais séria... Na quarta-feira, ele foi tão gentil... que eu pensei... pensei que tudo ia dar certo. Ele não tentou... fazer sexo comigo... nem mencionou o assunto... Mas hoje... — ela

PERIGOSAS ACHERON

interrompeu. O choro aumentou até que ela não conseguiu mais falar.

— O que aconteceu hoje? Ele forçou você a alguma coisa? — disparei ansioso. Meu coração parecia querer saltar do meu peito num golpe surdo e senti que meus olhos se arregalaram.

Carol tornou a balançar a cabeça negativamente, disparou um olhar vago pelo quarto pouco antes pousar as mãos com as palmas voltadas para cima, exibindo manchas roxas nos pulsos, e concentrou-se nelas para responder:

— Ele... não forçou, mas cheguei a pensar que forçaria... Tive... medo. Ele me levou direto para um hotel. A minha sorte é que era um hotel, e não, um motel propriamente dito. Vim... andando... depois que tudo acabou. — Ela respirou fundo novamente. — Ele queria a todo custo... fazer sexo comigo... Insistiu... tentou me convencer... apertou meus pulsos... Quando eu expliquei que... que não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

queria mais agir como antes... que preferia ir para a cama com ele quando tivéssemos algo mais sério... quando nos gostássemos de verdade e pretendêssemos... pretendêssemos nos casar... ele começou a rir! Perguntou se eu não me enxergava! — Ela tornou a suspirar, pousou as mãos nos joelhos e completou, encarando-me com os olhos coalhados de lágrimas: — Ele disse que... que jamais... se casaria com uma prostituta como eu! Alguém que se... deita com qualquer um... Uma mulher medíocre... feia... sem nenhum atrativo... com as pernas deformadas por cicatrizes... manca... que mal consegue andar direito...

O rosto dela se contraiu. Embora eu percebesse que ela mancava um pouquinho, não sabia da existência de nenhuma cicatriz. Será que ela se deu conta, naquele momento, que nunca tinha falado sobre isso comigo?

PERIGOSAS ACHERON

— Ele disse que eu só sirvo para sexo... que não... não sirvo para casamento... para ter uma família... que eu sou uma vagabunda... que ninguém será... capaz de me amar do... jeito que eu sou! Enfim, ele disse que o máximo que eu posso ser... de um homem é amante e... que... ele nunca deixaria sua... noiva bela e virgem por... por uma piranha como eu... E o pior... o pior é que tudo isso é... verdade! Eu sou... tudo isso mesmo!

Carol, enfim, parou de falar, abaixando a cabeça de encontro ao peito. Chorava muito. Através da sombra que se formou em seu rosto, pude perceber que seus lábios tremiam incontrolavelmente, assim como suas mãos. Instintivamente, no intuito de acalmá-la, toquei sua mão levemente. Sua mão estava fria, molhada, mas a pele era macia. O toque... o contato de nossas mãos foi indescritível, terno, aconchegante... Eu não tinha vontade de soltar-lhe a mão que, aos poucos, aquecia-se no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

calor da minha. A sensação era tão intensa que parecia que nossas peles tinham se fundido, nosso sangue se misturado e nossas artérias e veias se unido para conectar nossos corações.

Ficamos assim por um instante, calados e conectados por uma sensação indescritível e eu tive novamente a certeza, a certeza de que eu já tinha antes mesmo de tocá-la pela primeira vez: que ela era a mulher da minha vida e que eu estava irremediavelmente perdido por nunca poder tê-la. Sob o impacto dessa confirmação, soltei-lhe a mão sobre o joelho e ela a retraiu ao regaço como se eu a repudiasse e suas lágrimas redobram sobre seu rosto belo, porém martirizado. Não pude resistir: acariciei-lhe o rosto suavemente, a sensação de entrelace entre nós foi se intensificando e toquei-lhe o ombro num gesto de quase abraço enquanto murmurava fitando em seus olhos de mogno obscurecidos pela dor:

PERIGOSAS ACHERON

— Oh, Carol! Eu sei e você sabe que as ofensas que ele disse não são verdade! Não passa de um monte de bobagens! Esqueça estas ofensas! Você é uma pessoa legal e decente...

Ao ouvir-me dizer isso, ela soltou um riso irônico e abafado como se discordasse de mim, mas não falou. Eu continuei impelindo-a para mim com toques suaves enquanto continuava a acariciar-lhe o rosto.

— Eu tenho certeza de que você é uma boa moça! Conheço-a o suficiente para afirmar isso!

Ao ouvir isso, impelida por mim, ela ergueu-se, sentou-se no meu colo e abraçou-me fortemente como se temesse algo.

— Eu tenho certeza de que, um dia, você será muito feliz, que encontrará um homem que a ame do jeito que você é e a quem você também ame e vocês se casarão, terão filhos! Enfim, serão uma família feliz! A família que você sonha! — falava PERIGOSAS ACHERON

com toda sinceridade. Sua respiração quente e entrecortada, junto à minha orelha, mexia violentamente comigo. — E mais uma coisa: nunca, nunca mesmo, deixe que as pessoas façam você pensar que é inferior a elas! Porque não é! Ninguém é inferior a ninguém! Aceite-se! Seja feliz como você é, valorize-se! O homem que a amará de verdade aceitará você e seu corpo do jeito que ele é! E você é uma mulher muito bonita! Só você não percebe isso!

Quando terminei de falar, Carol findou o abraço, mas permaneceu em meu colo, com as mãos pousadas sobre meu pescoço, o rosto a poucos centímetros do meu, sua respiração descompassada quase se misturando com a minha (que estava ficando cada vez mais convulsionada) e os olhos prendendo-me com um olhar indefinível.

Não resisti. Toquei seus lábios com os meus suavemente, provocando-os, instigando-os a se

PERIGOSAS ACHERON

abrirem até que nossas bocas se fundissem, até que nossas línguas se entrelaçassem num longo beijo e eu pudesse percorrer toda a extensão de sua boca com minha língua. Percebi as partes sensíveis do meu corpo e os braços dela se eletrizarem. Senti nossos corações baterem conjuntamente até que um breve lampejo de consciência assomasse em meu cérebro e me obrigasse a findar o beijo antes que eu começasse a fazer algo mais, algo que não seria correto fazer. Não naquele momento, não se ela não me amava.

Ao findar o beijo, afastei-a um pouco de mim, mas mantive-a no meu colo. Contemplei-a com avidez, com meu amor louco, difícil de refrear, e percebi que, durante o beijo, uma das alças de sua camisola havia caído, revelando um seio alvo completamente desnudo, com o bico entumecido. Fitei-lhe o rosto, ela parecia entorpecida, confusa demais para notar isso. O mais suavemente que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pude, ergui a alça da camisola, acariciando-lhe o braço, ocultando-lhe o seio por mais que eu tivesse vontade de continuar a contemplá-lo e, finalmente, tocá-lo, beijá-lo... Feito isso, manobrei a cadeira com ela nos meus braços e murmurei enquanto a colocava na cama:

— Durma, Carol! Você se sentirá melhor amanhã!

Não esperei que ela respondesse. Girei a cadeira o mais rápido que pude, fechei a porta atrás de mim e fui para o meu quarto. Demorei a dormir; mas, quando finalmente consegui, sonhei que a tinha em meus braços, que ela era minha...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 40

Um toque... sensações

Carol

Naquela noite, quando cheguei em casa, estava dilacerada, sentindo-me a pior das pessoas do mundo. Não conseguia controlar a torrente de lágrimas que insistia em abandonar meus olhos. Imaginei que Henri estivesse dormindo... Senti medo de acordá-lo, de incomodá-lo e que ele me odiasse por meu comportamento idiota e incontido. Nunca imaginei que ele fosse tão... legal, tão gentil a ponto de vir me consolar. Também não imaginei que ele pudesse ser tão atraente, tão sexy mesmo estando em uma cadeira de rodas.

Apesar da minha angústia, através das minhas lágrimas, pude notar a preocupação em seu rosto

perfeito, o pesar em seus olhos muito azuis e a beleza despretensiosa de seus cabelos desalinhados, do corpo quase inteiramente nu, coberto apenas por diminuto short negro, evidenciando o corpo magro, muito branco, porém garboso: os músculos dos braços, o peito magro coberto por uma penugem negra e sedosa e as pernas finas e já desprovidas de músculos fortes e a barriguinha saliente que, embora não fossem características físicas consideradas bonitas, no conjunto de seu corpo, conferiam-lhe um charme peculiar, exótico. Enfim, para mim, seu corpo era bastante sexy e eu sentia-me muito atraída por ele.

Quando ele me tomou nos braços e beijou-me, envolvendo-me com o calor de seu corpo, a sensação foi indescritível! Seu corpo era quente e aconchegante, seu beijo era inocente e sensual, fazendo o desejo borbulhar dentro de mim e o meu corpo inteiro reagir intensamente, pedindo,

PERIGOSAS ACHERON

ansiando pela prolongação daquele momento e também pela consumação de algo mais íntimo. Paradoxalmente, o mesmo contato físico que provocou em mim estas sensações ardentes trouxe-me também as sensações de segurança e proteção. Naquele momento, eu soube que era ele o escolhido do meu coração e do meu corpo, embora minha mente ainda insistisse em rejeitá-lo com base em um estúpido preconceito.

É uma luta desleal aquela que nosso coração trava com nossa mente, uma vez que as razões do coração são sentimentais e as da mente geralmente racionais. No meu caso, as razões do coração eram sentimentais e motivadas pelas reações do meu corpo ao dele. As razões da minha mente, ao contrário do que era de se esperar, não eram racionais, eram baseadas em um preconceito fundado em razões ilógicas, fruto do desconhecimento, da discriminação contra o

PERIGOSAS ACHERON

diferente e dos ranços da desumanização da sociedade.

No momento em que Henri me afastou de si, senti como se uma parte de mim me tivesse sido tirada e, de tão aturdida que estava, não consegui pronunciar uma única palavra sequer, muito menos um agradecimento por seu inebriante carinho e conforto.

Colocada na cama por ele, não demorei a adormecer, mas meu sono foi inquieto, conturbado, perpassado de acontecimentos reais e imagens sem sentido provenientes dos devaneios próprios do sono. Em meus sonhos, trechos de meu relacionamento com Walmir se confundiam com trechos de minha convivência com Henri. Em muitos momentos, eu revivia o meu primeiro encontro com Henri e o consolo que ele me dera naquela noite para, em seguida, uma pessoa que, aos poucos, deixava a proteção de uma névoa e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mostrava ser ele mesmo ou o seu gêmeo mostrar-me os transtornos de viver com ele, tais como não poder consumir o casamento, nunca ter filhos, ter que depender sempre de lugares acessíveis, tê-lo sempre dependente de mim, ter sempre que ajudá-lo em coisas que ele não pudesse fazer sozinho, não poder caminhar de mãos dadas pela rua como um casal comum. Enfim, coisas passíveis de solução com algumas adequações minhas e do poder público; mas, para as quais, durante o meu sono, eu não via soluções viáveis.

Acordei às nove da manhã e dirigi-me à cozinha para tomar café extremamente envergonhada, esperando não o encontrar lá devido ao horário. Mas ele estava à mesa e ainda tomava seu café. Seus cabelos estavam molhados e levemente despenteados e ele parecia ter se levantado há pouco tempo.

PERIGOSAS ACHERON

Ao perceber minha aproximação, Henri ergueu os olhos da xícara de café com leite que bebericava e, corando fortemente, pousou os olhos em mim por ínfimos instante para, em seguida, grudá-los ao tampo da mesa. Surpreendeu-me ver que ele estava bastante envergonhado. Eu não sei se eu tinha as faces avermelhadas, mas senti que elas inflamavam como se estivessem sendo consumidas pelo fogo.

— Bom dia! — murmurei em voz baixa, sentando-me à cadeira à frente dele.

— Bom dia! — respondeu inerte.

Houve alguns instantes de silêncio entre nós até que ele começou a falar:

— Ontem... Eu... Eu não devia... Desculpe-me!
— Ele tinha um olhar arrependido, oscilante entre mim e o tampo da mesa. Eu nunca o vira tão constrangido. — Eu sei que passei dos limites... Não era a minha intenção... Eu não queria... Eu não quis... me aproveitar de você... Não quis...

desrespeitá-la! Eu só quis... consolá-la! — Nesse momento, ele não mais me olhava. Tinha os olhos fixos na mesa e um semblante arrependido. — Perdoe-me! Você estava tão... tão perto... que eu não consegui resistir! Juro... que não quis desrespeitá-la! Prometo... prometo nunca mais beijá-la! Nunca mais... tocar você! Perdoe-me! — Ele se desculpou muito sem jeito.

Fiquei em silêncio por alguns instantes e cerrei os olhos sem saber o que dizer. Tornei a abri-los sem saber o que responder, apenas segui um impulso repentino: toquei os dedos de sua mão que jaziam sobre a mesa. Henri estremeceu e moveu a mão muito lentamente de modo que sua palma ficou voltada para cima. Ele parecia indeciso entre aceitar o meu gesto ou retirar a mão timidamente, mas não a retirou. Com minha mão ainda sobre a dele e sentindo que a dele começava a ficar gelada em função de seu nervosismo, entrelacei meus

PERIGOSAS ACHERON

dedos nos dele num suave aperto com o intuito de esquentá-los e demonstrar todo o meu carinho inaudito. Ele disparou-me um olhar confuso, interrogativo e eu finalmente suspirei ofegante, reunindo forças suficientes para responder:

— Eu sei... Sei que não quis me desrespeitar, que só quis me consolar e só tenho a lhe agradecer por isso! Muito obrigada! Suas palavras me ajudaram muito! Sinto-me bem melhor!

— Você vai superar, tenho certeza! — garantiu, alternando o olhar entre meu rosto e nossas mãos unidas. — Eu sei... o que é ter uma decepção amorosa. Você o esquecerá e encontrará alguém que ame e que a ame.

Ao ouvir estas palavras, encarei-o espantada e puxei minha mão da sua num reflexo, numa negativa muda de que amava Walmir. Só a simples cogitação de que eu poderia amá-lo fez com que eu me retraísse automaticamente como se tivesse

levado um choque. Ele olhou-me confuso, sem entender a minha reação. Tentei explicar:

— Você entendeu errado, Henri. Eu não amo Walmir, nunca o amei e, por isso, não precisarei esquecê-lo. Eu só me sentia... — interrompi envergonhada. — atraída por ele, pela beleza dele. Mas esse meu interesse por ele não durou muito. Faz algum tempo que ele já não me desperta nenhum interesse — finalizei.

Ele me olhou com estranheza, unindo as sobrancelhas e puxando os braços da mesa, mantendo apenas as mãos na borda da mesma antes de me perguntar:

— E por que você estava tão magoada ontem? Por que ficou tanto tempo com Walmir se não sente nada por ele?

— Eu estava magoada, porque ele me humilhou, por causa das coisas que ele me disse, e não por causa de um amor não correspondido — afirmei,
PERIGOSAS ACHERON

olhando fixamente em seus olhos para que ele notasse minha sinceridade. Embora eu estivesse ignorando solenemente sua segunda pergunta, eu mesma não sabia por que era tão importante para mim lhe mostrar que eu estava sendo sincera, apesar de estar lhe dando apenas parte da resposta que ele pedia.

— E por que ficou tanto tempo com Walmir se não gosta dele? — ele insistiu com os olhos de um azul-escuro, intrigado como se eu tivesse feito algo absolutamente ilógico e, de qualquer ponto de vista (exceto o meu), era mesmo.

Como responder? Como dizer a verdade? Como admitir que fiquei com Walmir para tentar acabar com a confusão que ele, Henri, provocava em mim e que eu queria combatê-la, arrancá-la de mim? Que eu mesma não admitia, movida por um preconceito idiota e irracional, que eu sentisse algo por ele, exceto pena, devido à sua deficiência? Eu

PERIGOSAS ACHERON

não queria admitir que ele mexia comigo e, muito menos, revelar que não aceitava isso. Um novo repúdio iria machucá-lo muito e eu não queria machucá-lo novamente, principalmente agora que ele me viu machucada e tinha tido a chance provocar-me ainda mais dor e não o fizera. Ao contrário, consolara-me.

— Bem, se não se importa, essa é uma pergunta que eu não gostaria de responder. — Eu não disse a verdade, mas também não menti. Ele olhou fixamente para mim, avaliando minhas reações como se tentasse decifrar a resposta através de meus olhos. Acho que ele acabou concluindo que eu mentira em relação à pergunta anterior e que, diferente do que tinha afirmado, eu amava Walmir. Mas ele não tornou a insistir, suspirou como se recriminasse a si mesmo pela pergunta e pediu:

— Perdoe-me! Eu não devia ter feito essa pergunta! Eu não tenho o direito de lhe fazer

PERIGOSAS ACHERON

perguntas de foro íntimo.

— Não há de quê perdoá-lo! — garanti. — Você foi maravilhoso comigo, consolou-me quando eu me sentia tão humilhada! — completei com um sorriso sem graça nos lábios e, em seguida, baixe os olhos ao tampo da mesa que, neste momento, parecia representar o imenso obstáculo entre nós e disse: — Eu me sinto tão mal quando me lembro o quanto humilhei você... Eu me arrependo tanto... Eu poderia ter dito simplesmente que não o queria... Assim, não o magoaria...

— Sim. Você poderia ter dito apenas que não me queria ou até ter impedido nosso encontro se fosse mais criteriosa ao olhar seu e-mail — concordou. A lembrança do mal que eu lhe causara trouxera tensão à sua face e ele cravou os dentes com ânsia nos lábios inferiores como se fosse rasgá-los.

— Eu sinto muito. Quem o consolou? — perguntei curiosa.

— Ninguém. Quem iria me consolar? — indagou surpreso com a minha pergunta.

— Seus pais? — supus, encarando-o com um olhar investigativo.

Henri balançou a cabeça negativamente e explicou:

— Não daria certo. Eles não sabiam que eu tinha saído para encontrar uma “namorada virtual” e seria complicado explicar que essa “namorada virtual” tinha me dado um grande fora. Meus pais são maravilhosos. São, juntamente com Leno, as pessoas que eu mais amo em minha vida. Sei o que eles passaram, o sofrimento que enfrentaram e as coisas que tiveram que abrir mão para cuidar de mim quando sofri o acidente, para que eu sobrevivesse, para que eu estivesse aqui agora, conversando com você. Por mais que eu os ame, sei que meu amor nunca se comparará ao amor que eles demonstraram ter por mim — relatou com os

olhos brilhantes, embebidos de um amor puro e sincero. — Mas creio que, pelos tabus que ainda há em torno da deficiência e, principalmente, em torno da sexualidade da pessoa com deficiência e considerando também a época em que eles foram criados (na qual nem se falava em inclusão), o fato é que eles não me veem como um homem adulto no que concerne aos relacionamentos íntimos. Para eles é como se eu tivesse voltado a ser criança quando sofri o acidente, ou seja, para eles, sou assexuado. Então, eu não queria chocá-los. Preferi vivenciar minha dor toda sozinho. No dia seguinte, após o almoço, acabei desabafando com Leno, não por minha vontade, mas por insistência dele. Ainda estava me sentindo MUITO mal, mas o pior já tinha passado.

Seus olhos já não me encaravam. Enquanto ele falava, pareciam presos em uma linha que seus

dedos tentavam arrancar de sua camiseta regata bege.

— E você é? — perguntei impulsivamente. Se tivesse pensado, não teria perguntado, mas as três palavrinhas escapuliram da minha boca antes que eu pudesse contê-las.

— O quê? — perguntou ele, arregalando os olhos para mim como se eu tivesse lhe dado um susto.

— Assexuado? — completei já que não podia mais suprimir a pergunta. Todavia, tive medo de que ele ficasse chateado comigo.

Para minha surpresa, Henri riu e me respondeu com outra pergunta:

— Você ainda acredita nesta lenda?

Olhei para seus belos olhos e encontrei neles o brilho divertido de uma malícia despretensiosa. Ele não queria me recriminar por minha falta de tato e pelo preconceito que me tornava ignorante. Contudo, sua reação foi tão inesperada para mim

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu não soube como reagir e murmurei inconsequentemente em voz baixa e áspera:

— Depois daquele beijo...

Eu ia dizer que, depois daquele beijo, era meio difícil acreditar que ele fosse assexuado, mas ele interpretou o som da minha voz como uma queixa e concluiu que eu achara o beijo ruim:

— Foi tão ruim assim? — perguntou, torcendo os lábios como quem toma um chá amargo. — Faz tempo que eu não beijo, mas não pensei tinha achado tão ruim. — Em seguida, virou o rosto para sua esquerda e pousou os olhos na própria cadeira de rodas para brincar com o aro propulsor da roda esquerda. Ele parecia bastante constrangido.

— Não foi tão ruim assim — afirmei indecisa se deveria admitir que achara o beijo maravilhoso, o melhor que eu já tinha recebido, ou se deixava ele pensar que eu tinha detestado o beijo.

PERIGOSAS ACHERON

Ele balançou a cabeça negativamente em um gesto de completa descrença. Tinha a expressão muito tensa e arrependida, mas eu não pude ver o que diziam seus olhos, pois eles estavam firmemente pregados à cadeira de rodas. Temi que ele fosse manobrar a cadeira e trancar-se no quarto magoado e eu não queria isso, não depois do carinho com que ele me tratara na noite anterior.

Relutei alguns instantes, mas deixei que a impulsividade tomasse conta de mim. Era o melhor a fazer naquele momento. Eu precisava mostrar-lhe que estava sendo verdadeira e estava tendo problemas para fazer isso. Então, debrucei-me sobre a mesa e agarrei os dedos de sua mão direita que ainda permaneciam fincados à beirada da mesma. Ele parecia não querer soltá-la, mas eu insisti, enfiando aos poucos meus dedos sob os dele até que se soltaram completamente e eu os entrelacei nos meus novamente, puxando sua mão

com suavidade até que ele voltasse a olhar para mim.

— Henri, o beijo não foi ruim — afirmei. Ele me olhou com um olhar de dúvida, franzindo o cenho como se não acreditasse em minhas palavras. — Sério. O beijo não foi ruim — reafirmei. — Eu só não... não amo você — completei, baixando os olhos para nossas mãos unidas. Eu não queria encará-lo neste momento. Eu não queria que meus olhos me traíssem, pois eu já não tinha certeza do que sentia. O beijo acirrara o embate louco entre o preconceito e a inclinação que eu sentia por ele. Estes dois sentimentos tão discrepantes se digladiavam dia e noite dentro mim, deixando-me torturada.

— Eu sei, eu sei — murmurou com a voz muito baixa e os olhos entristecidos.

Engoli em seco, incapaz de pronunciar uma única palavra que fosse de alento para ele e senti-

PERIGOSAS ACHERON

me culpada. Enquanto eu tentava digerir minha culpa na esperança vã que o ácido clorídrico, que começava a corroer meu estômago tomado pelo nervosismo, também a corroesse, percebi que ele tirava os olhos de mim e lançava-os cheios de confusão para nossas mãos, enquanto a dor ainda marcava seu rosto.

— E você é capaz de me perdoar? — ele me perguntou, contemplando com um olhar incerto nossas mãos ainda entrelaçadas como as de um casal.

— Pelo quê? — perguntei, tentando furtar-me a acreditar que ele estava mesmo tentando se desculpar por aquele beijo.

— Pelo beijo. Você estava tão perto que eu não resisti, perdi o meu autocontrole completamente. Perdoe-me! — O rubor retornou à sua bela face.

— Não precisa pedir perdão! Eu entendo! — respondi o mais suavemente que pude, desta vez

PERIGOSAS ACHERON

fixando os olhos nele com firmeza, pois estava sendo totalmente sincera. — E aí? Há quanto tempo você não beijava? — perguntei num tom de brincadeira e com um sorriso no rosto para disfarçar a minha grande curiosidade. Se ele realmente não era assexuado, quantas namoradas ele já teve? Como foram os relacionamentos? Eram estas as novas questões que começavam a se formar na minha cabeça, embora não excluíssem as outras.

Henri não encarou minha pergunta como uma brincadeira. Olhou-me sério por longos momentos como se estivesse me avaliando ou se questionando se devia ou não me responder. Até cheguei a pensar que ele ia me censurar, mas, por fim, ele respondeu:

— Quando se sofre uma lesão medular como eu sofri, a vida muda completamente. Você passa a ser outra pessoa. É como se você nascesse para outra vida. O corpo muda, a forma como você sente as

PERIGOSAS ACHERON

coisas muda. Há mudanças nas funções fisiológicas do corpo e sua cabeça também muda. Enfim, você muda por completo. No início, é MUITO difícil aceitar essas mudanças. A adaptação à nova vida é lenta e, às vezes, é difícil, pois há expectativas que você não alcança; mas, ao mesmo tempo, é uma alegria incomparável a cada conquista, à medida que vamos readquirindo a independência perdida. — Ele começou a falar de si, do que sentiu na reabilitação e eu não entendia bem o porquê de toda essa explicação, pois não fora isso que eu lhe perguntara, mas permaneci calada, sem interrompê-lo, sem quebrar seu olhar azul imerso em mim. — Eu passei por tudo isso, tornei-me um cadeirante e, ao mesmo tempo, perdi a mulher que eu amava e com quem ia me casar. Foi... — Neste momento, ele fez uma breve pausa, estreitou os olhos num gesto de dor, mas continuou: — muito difícil, muito doloroso e isso tornou minha recuperação

PERIGOSAS ACHERON

mais difícil em todos os sentidos. Quando eu me recuperei, restou-me profundas cicatrizes aqui. — Ele tocou com a mão cerrada o peito no lugar do coração. — Decidi que não queria mais nenhum envolvimento amoroso não por incapacidade como você pode imaginar, e sim, por medo de me machucar. Eu me recusava a correr o risco de ter outra desilusão amorosa. Então, mantive-me celibatário por quinze anos. Meus amigos casaram, tiveram filhos e eu mantive-me completamente solitário.

Não aguentei de curiosidade e interrompi-o para me certificar do que ele realmente dissera:

— Completamente sozinho?

— Sim, completamente sozinho. E eu era muito feliz assim. Até hoje, gosto de ficar sozinho. Eu me sinto muito bem só comigo mesmo. Acho que já percebeu isso — confirmou. — Mas, de uns cinco anos para cá, comecei a me sentir como se a minha

solidão fosse grande demais para mim, como se ela me sufocasse e, como desde muito jovem sempre tive vontade de ter uma família (casar, ter filhos) e, até então, eu tinha refreado esse desejo, resolvi mudar de ideia e tentar encontrar alguém... — Ele fez uma rápida pausa, moveu os olhos para nossas mãos ainda unidas e começou a puxar a sua muito lentamente, desentrelaçando nossos dedos muito vagarosamente à medida que falava. Parecia estar tão absorto neste gesto que suas palavras eram apenas um sussurro; mas, ainda assim, eu as conseguia ouvir com clareza: —... alguém a quem eu amasse e que me amasse do jeito que eu sou. Alguém com quem pudesse construir uma família e ser feliz. Logo depois, conheci você e acabei caindo no que eu mais temi todo esse tempo: em uma desilusão amorosa mais complicada do que a primeira, apesar de a situação ser outra. Irônico, não? Passei boa parte de minha vida tentando evitar

PERIGOSAS ACHERON

o inevitável! — completou com um sorriso sardônico, soltando totalmente minha mão e manobrando a cadeira para dirigir-se ao quarto.

— Por que é mais complicada? — perguntei contrariada. Como a desilusão que eu causara a ele podia ser pior do que a que Amanda causara se ela se recusara a ficar ao lado dele quando ele mais precisara? Eu não o tinha abandonado numa cama de hospital! Ela, sim, tinha feito isso! Eu não conseguia disfarçar minha ira.

Henri voltou-se para mim com uma expressão entediada como se a resposta à minha pergunta fosse óbvia demais e respondeu com um suspiro:

— Porque sou obrigado a conviver com você dia e noite e... — interrompeu, negando a si mesmo a oportunidade de continuar. Irada, fitei-o da cabeça aos pés e, só então, notei que, exceto na última noite, aquela era a primeira vez que o via de short. O short que ele vestia naquela manhã era mais

comprido que o da noite anterior. Era azul-claro com um friso lateral azul-marinho e findava-se um pouco acima da metade de sua coxa magra, porém atraente. Era a primeira vez, em uma situação normal, que ele parecia não se preocupar em esconder as pernas de mim.

— E? — perguntei num tom desafiador.

— E talvez porque eu a ame mais do que amei Amanda — completou com um tom de voz oscilante entre desafiador e provocante. Ele parecia não estar contente em completar sua resposta à minha pergunta. E eu pretendia irritá-lo mais com a minha pergunta seguinte, mas eu precisava saber o motivo:

— O que foi isso que hoje você resolveu vestir um short ao invés de uma calça?

— Bem, ontem de noite, fiquei tão preocupado com você que não me lembrei de vestir uma camiseta e uma calça. Pulei para a cadeira o mais

rápido que pude e fui ver o que tinha acontecido com você. Então, agora que você já viu minhas pernas finas mesmo, não há mais motivos para eu ficar o tempo todo de calça em casa. O calor é INSUPORTÁVEL! Não sei se um dia me acostumarei com o calor excessivo de Jequié — admitiu com sinceridade ressaltando a palavra insuportável.

— Você sente calor nas pernas? Pensei que você fosse totalmente paralisado dos mamilos para baixo! — perguntei, arregalando os olhos tamanha era a surpresa que tomou conta de mim.

Henri fez uma meia negativa com a cabeça como se lamentasse minha total ignorância e, manobrando a cadeira novamente, colocou-se junto à mesa, bem ao meu lado.

— Feche os olhos — pediu em um tom doce que contrastava com o gesto que ele acabara de fazer.

— Para quê? — perguntei curiosa.

— Você verá. Confie em mim — garantiu num tom suave.

Fechei os olhos e ele tomou com delicadeza a minha mão esquerda, que se encontrava sobre meu joelho, de modo a colocar meu braço estirado sobre a mesa com a face interna e a palma voltada para cima. Em seguida, ele tocou meu braço e perguntou em voz baixa:

— Sente?

— Sinto. Você está traçando com o dedo uma linha na face interna de meu antebraço — respondi num murmúrio. A sensação do toque suave de seu dedo em minha pele era difícil de descrever: era sutil, porém impactante. Eu sentia uma espécie de eletricidade estática percorrendo minha pele, arrepiando os pelos de meus braços, provocando sensações de prazer como se realmente se tratasse de uma carícia sensual ou um jogo de sedução. Eu ia perguntar como ele fazia aquilo quando ele

PERIGOSAS ACHERON

começou a falar com a voz sussurrante, sem parar de aplicar seus dedos à minha pele numa carícia velada:

— Comigo é... diferente! Há partes de meu corpo, abaixo do nível da lesão, em que eu não tenho nenhum tipo de sensibilidade. Elas nem suam! Outras, eu sou capaz de sentir, eu tenho alguma sensibilidade, mas não sou capaz de saber em que local do meu corpo elas estão. Outras ainda eu sou capaz de sentir e consigo determinar exatamente em que local do meu corpo elas se encontram. Na parte do meu corpo acima da lesão, a minha sensibilidade é bastante aumentada a ponto de um simples toque ser capaz de me causar... prazer. — Ele fez uma pausa para afirmar em seguida: — A forma como hoje eu sinto o mundo é diferente, mas sou capaz de senti-lo com intensidade. — E, afastando sua mão de meu braço, completou: — Isso quer dizer que, nas partes de

PERIGOSAS ACHERON

minhas pernas onde há alguma sensibilidade, eu sinto, sim, calor como qualquer outra pessoa.

Num reflexo, inclinei a cabeça para frente e abri os olhos. Nossos rostos estavam bastante próximos. Os olhos de Henri tinham um brilho azul intenso e terno, seus lábios estavam entreabertos como se esperassem um beijo, mas sua respiração era tranquila, compassada. Ficamos presos um nos olhos do outro por um longo momento até que eu arfei e cerrei novamente os olhos no intuito de esconder minha ânsia por um beijo. Ele deu uma habilidosa guinada na cadeira de rodas e só então eu abri os olhos e vi que ele já tocava a maçaneta em forma de alavanca da porta de seu quarto.

— Henri? — chamei-o.

— Sim? — ele respondeu, permanecendo parado à porta do quarto, mas não se virou para mim.

— Você não... quer... almoçar comigo amanhã?
— convidei insegura.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não acho que seria uma boa ideia — rebateu num tom de voz sério.

— Eu queria agradecê-lo pelo que fez por mim ontem à noite — arrisquei, sabendo que ele não estava inclinado a aceitar meu convite.

— Não precisa agradecer. Esqueça a noite passada! Eu não fiz nada que mereça agradecimento — afirmou. Seu tom de voz era duro, nem parecia a voz de quem quase me seduzira (propositalmente ou não) há poucos instantes atrás.

— E então não pode simplesmente almoçar comigo? — insisti novamente. Ele balançou a cabeça negativamente, ainda de costas para mim, mas não falou. — Eu queria... estava com vontade de cozinhar, mas não gostaria de fazer isso só para mim — completei, já sem esperanças de que ele aceitasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Surpreendentemente, ele manobrou a cadeira de modo que pudesse olhar para mim de frente e dirigiu-me um olhar investigativo, porém descrente, enquanto perguntava-me:

— E você cozinha?

— Cozinho, apesar de não ser uma de minhas atividades preferidas — respondi com sinceridade, encarando-o.

Henri sustentou meu olhar por alguns minutos como se avaliasse se eu estava sendo sincera ou não e, por fim, perguntou com um sorriso malicioso no rosto:

— Se eu aceitar almoçar com você amanhã, você vai cozinhar?

— Sim, se você almoçar comigo, eu irei cozinhar — confirmei séria.

— Ah, eu quero ver isso! — afirmou com um sorriso iluminando seu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se importa se não for algo como essas comidas mais naturebas que você gosta de comer? — perguntei repentinamente meio preocupada, pois ele geralmente optava por saladas, comidas ricas em fibras. Não era muito comum vê-lo optando por comer massa.

— Não, não tem. Opto por comidas mais naturais, porque meu organismo funciona melhor assim. Mas nada impede que eu varie um pouco de vez em quando. Só não devo fazer isso sempre e, quando fizer, devo me controlar — garantiu.

— Então, eu posso fazer uma torta salgada? — perguntei.

— Pode. Já faz bastante tempo que eu comi uma torta salgada pela última vez — afirmou sincero.

— Bem, então, estamos combinados? — perguntei para me certificar de que tinha conseguido o que desejava.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, estamos — respondeu, voltando-se para a porta e abrindo-a.

Quando Henri se fechou no quarto, peguei-me recordando cada palavra que ele dissera sobre a forma como sentia o mundo e, pela primeira vez desde que descobrira que ele era um cadeirante, tive vontade de explorar seu corpo, tocá-lo com carícias para descobrir as áreas de mais e menos sensibilidade e perceber o prazer estampado em seus belos olhos azuis. Definitivamente, a confusão, o embate homérico que havia em meu peito tornava-se cada vez mais intenso agora que eu conhecia a textura de sua pele e não a provar novamente me parecia impossível.

CAPÍTULO 41

Autorrecriações

Henri

Como eu fui capaz de tocá-la daquele jeito quando, na verdade, eu devia esquecê-la?

Entrei no quarto chateado com a minha impulsividade! Eu tinha tocado Carol, beijado sua boca na noite anterior e estava muito difícil conter-me para não me aproximar dela, não a tocar de novo. Eu sentia-me um grande fracassado! Quando ela me perguntou se eu sentia calor nas pernas, eu poderia ter respondido simplesmente que sim! Eu não precisava ter corrido até ela, acariciado-lhe o braço e explicado sobre minha sensibilidade numa tentativa patética de aplacar meu desejo de tocá-la e de fazê-la perceber minha existência, sentir a

intensidade do meu amor e do meu desejo. Mas ela pareceu não notar. Quando abriu os olhos, ficou me olhando com um olhar de pura curiosidade como se eu fosse uma mera experiência de laboratório para depois fechá-los de novo ofegante como se repudiasse a situação. É claro que ela repudiava! Ela estava sendo tocada por alguém que não gostava!

Imaginei que, por eu tê-la consolado na noite anterior, Carol se sentira obrigada a suportar o meu toque e, diante da cara de bobo alegre apaixonado que eu provavelmente devo ter feito, ela sentiu-se forçada a convidar-me para almoçar e, pior ainda, a cozinhar para mim! E eu ainda consegui tornar a situação pior quando aceitei! Eu NÃO devia ter aceitado! Eu só podia estar completamente maluco, pois ela não me amava (ela já me falara isso tantas vezes!) e eu sabia que precisava esquecê-la e que a melhor forma de fazer isso era colocar-me a

PERIGOSAS ACHERON

quilômetros de distância dela. Todavia, eu fazia justamente o contrário! Eu estava estreitando cada vez mais a distância que havia entre nós... Até que ponto eu aguentaria isso? Foi o que eu me perguntei. Pensei que talvez Leno tivesse mesmo razão...

Em meio às minhas autorrecriações e lamentações, o meu celular tocou, afastando-me delas momentaneamente, mas só por alguns instantes:

— Oi, Lê! — atendi, procurando mostrar-me animado, pois sabia que era Leno e que ele identificaria qualquer vestígio de descontentamento em minha voz. Fazia tempo que não nos tratávamos de “Lê” e “Ri” como fazíamos nos primórdios de nossa infância feliz. Nossa ligação era tão forte que quase podíamos sentir um ao outro e, geralmente, concordávamos em tudo. Bem, ultimamente vínhamos discordando em uma coisa: Carol. Mas

PERIGOSAS ACHERON

tentei afastá-la de minha mente o máximo possível para parecer mais animado, apesar de poucos instantes atrás estar quase arrancando meus próprios cabelos de raiva de minha idiotice.

— Oi, Ri! — ele retribuiu, parecendo não notar meu esforço para parecer sentir o que eu não sentia. Ou será que ele também estava fingindo? Era uma incógnita, pelo menos neste momento. — Tudo bem com você? — perguntou.

— Tudo — respondi objetivo. — E com você? — devolvi a pergunta.

— Também está tudo bem comigo — afirmou. — Estou ligando para convidá-lo para almoçar conosco amanhã. Eu vou chamar o pai e a mãe também. — Ele convidou e, só então, me lembrei que era a segunda vez que ele me fazia esse convite e que, pela segunda vez, eu iria rejeitá-lo.

— Amanhã? — perguntei para confirmar.

— Sim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vai dar, Lê — disse, sentindo-me mal por rejeitar novamente o convite.

— Por quê? — perguntou. Seu tom de voz era sério e eu sentia que ele não estava contente com a minha resposta.

— Já tenho um compromisso. — Tentei ser evasivo, embora não soubesse se iria conseguir não contar a ele. — Mas, se fosse algo para hoje, eu aceitaria — completei no intuito de quebrar um pouco de sua seriedade.

— Já? E qual é? — perguntou bem direto e incisivo como se já soubesse a resposta.

Não respondi. Não sabia como e o que responder. Não queria mentir.

— É Carol, não é? Você vai ficar com ela! — concluiu alarmado.

— Não vou ficar com ela, vou apenas almoçar com ela — admiti, ressaltando a diferença entre uma coisa e outra.

PERIGOSAS ACHERON

— E que diferença faz? — perguntou irritado.

— Há diferença, sim! Eu só vou almoçar com Carol, não vou nem chegar perto dela! — garanti. Será que eu ainda podia garantir isso? Estava cada vez mais difícil ficar perto dela sem tocá-la.

Leno suspirou e disse:

— Henri, se ela também o amasse, eu seria a primeira pessoa a ficar feliz e apoiar o relacionamento de vocês! Meu irmão, quero muito, desejo muito que você seja feliz, que tenha a família que sempre sonhou! — Este era um dos muitos sonhos que compartilhávamos quando éramos mais jovens e ele conseguira realizá-lo, mas eu não. — Mas Carol não ama você! Ela já deixou isso muito claro! — Ele me lembrou e eu senti uma pontada no meu peito como se uma faca o adentrasse cortando meu coração ao meio, mais uma vez. — Não se humilhe mais, Ri! Ela não o quer, meu irmão! — pediu com voz penosa. —

Afastese dela antes que você se machuque ainda mais! — Ele me aconselhou. Eu estava começando a me conscientizar de que eu já estava perdido, que ia me machucar ainda mais e não conseguia lutar contra isso. Parecia inevitável, era como um destino selado. Eu podia sentir isso. Será que ele também podia?

Inspirei esgotado ante o alerta de Leno. Ele estava certo. Eu sabia disso, mas também sabia que o melhor caminho seria negar esta verdade patente:

— Não seja tão dramático, Leno! Eu não vou me machucar! Sou um homem, não uma criança. Sei me defender! — afirmei com o tom de voz mais seguro que pude pronunciar.

— Não duvido de que seja homem, Henri! Ao contrário do pai e da mãe, sei perfeitamente que você não é uma criança, que é um homem adulto, sente, pensa e age como tal. Mas me questiono se você é capaz de se defender de si mesmo, do amor

que sente por Carol. Na minha opinião, o problema não é a sua deficiência, nem ela. O problema é amar e não ser correspondido! E qualquer pessoa pode passar por isso, independente de quem seja! — garantiu. A sinceridade em sua voz era palpável e eu conhecia muito bem meu irmão para atestar isso mesmo que ele não o demonstrasse, afinal um dia, em nosso desenvolvimento embrionário, tínhamos sido um só.

— Eu sei que esse é o problema e um dia me livrarei dele. Só não sei como. *Ainda* — prometi, enfatizando a palavra “ainda” no intuito de indicar que era algo provisório. Mas será que eu poderia cumprir essa promessa? Eu não tinha certeza. Não tinha certeza disso, nem de que resposta deveria dar às outras perguntas que se formavam em minha mente.

Leno suspirou como se estivesse diante de algo irremediável e propôs:

— E hoje à noite? Está livre?

— Completamente livre! — Sorri feliz por dizer isso.

— Então, aceita jantar comigo e com a minha família hoje? — me perguntou como se duvidasse de minha resposta.

— Claro que aceito! — afirmei, tentando novamente parecer bastante animado. Eu não queria mentir para meu irmão, mas também não queria parecer distante e a verdade é que, pelo menos para mim, quando se chega a uma certeza e não se tem uma família é como se os programas de família não fizessem sentido, pois você se sente uma figura à parte, alguém que não se enquadra naquele ambiente, que está sobrando e que não devia estar ali. Era assim que eu me sentia sempre que tinha que fazer alguma coisa com a minha família ou com parte dela: eu estava sempre deslocado e não fazia parte dela. Não sei se eles

PERIGOSAS ACHERON

percebiam isso, mas eu percebia e, honestamente, não sei por que eles insistiam em me convidar. Incapacidade de percepção? Pena por minha solidão e/ou deficiência? Ou apenas um senso (genético) de família? Difícil responder.

Desligamos o telefone em seguida e nem sei como nos despedimos tão entretido eu fiquei em imaginar como seria a minha noite naquele programa de família. Devo ter pensado nisso por uma meia hora e, quando abandonei meus pensamentos, dei-me conta de que era preciso avisar para Carol que não jantaria em casa e que, por isso, não esquentaria o jantar, apesar de ser o meu dia.

Saí do quarto lamentando ter que incomodar Carol em seu quarto para avisá-la disso, mas me surpreendi ao dar com ela na cozinha. Parecia estar fazendo uma massa, pois misturava algo com as mãos em uma tigela:

— Carol? — chamei-a.

— Hã? — ela me respondeu, voltando os olhos para mim como se acabasse de deixar um longo momento de abstração.

— Só quero avisá-la de que vou sair esta noite. Então, não vou jantar aqui — avisei sério com o tom mais duro que pude.

— Ah... certo — ela murmurou em voz baixa, os lábios semiabertos e os olhos fixos em mim como se estivesse surpresa com minhas palavras e esperasse um complemento, que eu dissesse aonde ia.

Dei de ombros, manobrei a cadeira e voltei para o quarto em silêncio. Eu não ia contar-lhe aonde iria. Eu não devia nenhum tipo de satisfação a ela.

Fui à casa de Leno, às 19h. Chegando lá, toda a família dele estava reunida, até mesmo Emílio estava lá. Bem, se ela ficasse sabendo onde eu fui, seria por ele, não por mim. O jantar iniciou-se logo

e não foi muito demorado, apesar da conversa estar bastante animada, não por mim, e sim, pelos outros, pois eu raramente conseguia inserir-me na conversa não por falta de esforço meu ou deles. Eu simplesmente não tinha assunto e não conseguia contornar isso.

Após o jantar, eu e Leno fomos para a ampla varanda nos fundos de sua casa e conversamos sobre coisas banais, nossas lembranças de infância, o fato de sermos confundidos por quase todo mundo (mamãe e papai nos distinguiam pelo temperamento), os namoros concomitantes (eu com Amanda, ele com Estela), meu acidente (uma parte da qual não gosto de me recordar) e Carol. Tudo o que conversamos me pareceu um *flashback*, pois nada foi abordado com intensidade, algumas coisas foram apenas mencionadas, até mesmo meu amor por Carol, pois nós (eu principalmente) nos sentíamos desconfortáveis de falar sobre isso tendo

Emílio e Kaliandra apenas a uns cinco metros de nós, sentados em um forte clima de romantismo num banco no quintal, à luz da lua.

Apesar de tudo, foi bom passar aquela noite com Leno, estar perto dele, mesmo com o grande ponto de discordância que havia entre nós.

Cheguei em casa às 21h e dei com Carol sentada ao sofá, dividida entre um livro e a televisão (não sei como ela conseguia fazer isso, mas fazia). Apesar de parecer bem entretida, ela pousou os olhos em mim enquanto eu passava pela soleira da porta, mas não disse nada.

— Boa noite! — saudei, passando perto do sofá onde ela se encontrava.

— Boa noite! — sussurrou e eu fechei a porta do meu quarto atrás de mim.

Fui direto para o banho. Enquanto a água caía sobre meu corpo, os acontecimentos e pensamentos do dia assomavam à minha mente como que

PERIGOSAS ACHERON

arrancados do íntimo de um oceano profundo e, à medida que eu aplicava o sabão em meu corpo e a água o expulsava de minha pele ensaboada, concluí que deveria investir mais em minhas buscas na internet, ignorar o grande número de “nãos” que eu vinha recebendo sempre que revelava que era cadeirante e tentar até encontrar alguém, alguém que pudesse vir a me amar e a me fazer esquecer Carol.

Naquela noite, eu nem precisei ir tão fundo nas minhas buscas na internet para encontrar Rosa. Ela me encontrou.

CAPÍTULO 42

Balançando

Carol

Domingo para mim é sempre um dia meio estranho. É contraditório. É, ao mesmo tempo, início e fim. Ele é sempre marcado por uma maresia, um resquício de cansaço que fica no corpo e parece resistir ao final de semana. Aquele domingo, no entanto, foi isso tudo e muito mais...

Acordei intrigada. Não sei o porquê, afinal isso não me afetava (ou não deveria afetar), mas eu sonhei, naquela noite de sábado para domingo, que Henri tinha arranjado uma namorada e a trouxe para casa, para dormir com ele em seu quarto. No sonho, eu podia ver o que eles faziam no quarto, mas eles não faziam nada, não se relacionavam

como um casal. De início, eles pareceram não me ver; mas, quando pensei em me afastar, Henri voltou-se para mim, encarou-me com uma fúria chamejante em seu olhar azul, apontou o dedo para mim e afirmou:

— *Você é a culpada de tudo isso. De tudo* — enfatizou colérico.

Acordei sobressaltada e coloquei a mão sobre o peito. Meu coração estava dolorido e descompassado. Será que aquele sonho era consequência da saída de Henri? Ele estava mesmo de namorada nova? Era provável e tudo era realmente culpa minha.

Logo esqueci o sobressalto quando me lembrei de que precisava terminar o almoço que começara a preparar no dia anterior. Precisava me levantar e ser rápida! Mas assim que me pus de pé, uma indagação atravessou meus pensamentos: tinha sido uma boa ideia convidar Henri para almoçar

comigo? Ou este almoço ia apenas aumentar a confusão que jazia em mim e o embate surdo entre o preconceito e a atração magnética que eu sentia por ele? Naquele momento minha única alternativa era esperar para ver.

No café da manhã, Henri parecia bastante animado, o sorriso prevalecia em seu rosto. Não pude conter a minha curiosidade e perguntei:

— Como foi sua noite?

— Foi bastante agradável. Mais agradável do que eu imaginei que fosse! — respondeu com sinceridade na voz e um amplo sorriso no rosto.

— Fico feliz por você — murmurei, embora eu reconheça que, naquele momento, eu não devia parecer a mais animada das criaturas.

— Obrigado! — agradeceu. O sorriso ainda fixo no rosto. — Quer ajuda com o almoço, já que vamos almoçar aqui? — ofereceu com um olhar que parecia transpassar-me.

— Não, obrigada! — agradei, mas recusei. — Prefiro utilizar o suspense a meu favor — garanti.

— Como queira — afirmou com indiferença. Ele tinha acabado seu café da manhã e estava retornando para o quarto. Ele estava me esquecendo ou já não me amava mais. Isso ficava cada vez mais evidente e eu não sabia por que isso me incomodava. Seria egoísmo não o amar e querer que, de algum modo, seu coração ficasse preso a mim.

O almoço também foi soturno e transcorreu em silêncio. Era como se fôssemos dois estranhos dividindo uma mesa. Não havia nenhum assunto que pudesse nos unir.

Quando o almoço finalmente terminou, Henri se ofereceu para ajudar com a limpeza da cozinha e, como eu estava cansada por fazer a torta salgada e lavar toda a louça que eu tinha sujado enquanto a fazia, aceitei de bom grado sua ajuda. Ele disse que

PERIGOSAS ACHERON

preferia lavar os pratos. Concordei e comecei a enxugá-los em silêncio assim que ele os colocava no escorredor.

— Sua torta estava muito gostosa — elogiou Henri, quebrando o silêncio do nada.

— Não precisa mentir para me agradar — afirmei. Para mim, estava claro que ele não tinha gostado da torta.

— Mas eu não estou mentindo! Eu realmente gostei da torta! Estou sendo sincero! — garantiu, olhando fixamente para mim com os olhos azuis translúcidos embebidos de sinceridade. — Perdoe-me se fui rude por não elogiar no momento apropriado! É que... esses dias... desde ontem de noite... — começou, mas interrompeu.

— O que aconteceu? — perguntei com um estranhamento tomando conta de mim.

— Nada — afirmou com o rosto sério. — É que, desde ontem de noite, eu estou meio perdido em PERIGOSAS ACHERON

lembranças. Quando mergulho nelas, fico um pouco alheio a tudo... Demoro um pouco para vir à tona. Quando eu era criança, minha mãe fazia uma torta parecida com a sua. Então, quando provei sua torta, afundei novamente em lembranças e desliguei-me do mundo exterior — relatou com olhos e voz sinceros. — Perdoe-me! Eu me desliguei e esqueci de você, de agradecê-la! — disse profundamente arrependido.

— Não há de que se desculpar! — afirmei com sinceridade, guardando o último prato no armário.

— Obrigado! — agradeceu e postou-se à soleira da porta, contemplando algo ao longe, através da chuva fina que ornava a paisagem. Pela direção, imaginei que era o balanço.

Aproximei-me de Henri e toquei seu ombro. Ele estremeceu e voltou o rosto para mim com uma expressão vacilante entre assustado e surpreso. Retirei a mão imediatamente e perguntei:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Machuquei você?

— Não. É que... — hesitou antes de falar. — meus ombros são bastante sensíveis. A sensibilidade é... grande — completou, parecendo constrangido.

— Perdoe-me! — disse sem graça. — Doeu? — perguntei meio preocupada.

— Não — afirmou com convicção, tirando os olhos de mim e voltando a fixar o ponto onde antes concentrara a sua atenção. — É que seu toque é... — ele interrompeu e eu esperei pelo que considerava o pior: — provocante para mim — completou e o seu tom de voz era sério, quase uma confissão a julgar pelo fato de ser um murmúrio e de ele parecer bastante constrangido.

Não aguentei e comecei a rir. Henri não compreendeu e voltou os olhos para mim com a irritação começando a brotar deles:

— Ei, por que isso é engraçado?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porque eu não imaginei que você ia dizer que meu toque era provocante. Pensei que ia dizer algo como incômodo, desagradável, áspero. Não imaginei que podia ser algo agradável para você pela forma como me olhou — expliquei com sinceridade.

— Ah! — murmurou sem emoção. — É que eu me surpreendi — esclareceu.

— Em que estava pensando? — perguntei curiosa, observando que ele voltava novamente a fitar com intensidade algum ponto próximo ao balanço ou o próprio balanço.

— Mais lembranças... Quando eu era adolescente, adorava sentir a chuva fina caindo em meu rosto, molhando minha face... E também tem as lembranças do balanço, que eu já lhe contei. Olho para o quintal agora e essas lembranças vêm à minha mente... — respondeu em um tom saudoso e

PERIGOSAS ACHERON

baixo. Seu olhar era distante, parecia realmente perdido.

— Mas nada o impede de reviver estas lembranças, não é? — perguntei sem avaliar o que estava dizendo.

— Bem, o balanço tem restrições sim. Já lhe expliquei isso. Mas a chuva não — afirmou.

— Então, por que não dá um passeio pela chuva? — perguntei sem entender por que ele hesitava.

— Não estou muito inclinado a molhar a cadeira de rodas — revelou sério, com o semblante pensativo.

— E se você for na cadeira de banho? — sugeri.

Ele balançou a cabeça negativamente e replicou:

— Ela não é apropriada para este tipo de coisa.

— Posso lhe propor uma coisa? — perguntei. Uma ideia acabara de emergir à minha mente.

— Pode — afirmou, dando de ombros e inclinando levemente o lábio inferior para baixo

num gesto de indiferença. Acho que ele não acreditava que eu pudesse ter uma ideia útil.

— A chuva não está forte. É só um chuvisco. Você poderia ir até lá nesta cadeira mesmo. Aí eu firmo o balanço e você se transfere para ele. Depois eu coloco sua cadeira naquela área ali — Ao fundo do quintal havia uma área de serviço. — e ficamos um pouco no balanço. Quando você quiser voltar, eu pego sua cadeira, você se transfere de volta para ela e retornamos para casa — propus séria.

Henri me olhou longamente. Seus olhos estavam fixos em mim como se tentassem descobrir ou perceber se eu estava tentando sacanear com ele ou causar-lhe algum mal. Por fim, respirou fundo e indagou:

— Não vai fazer nenhuma brincadeira de mau gosto comigo, vai?

— Não, claro que não! Eu jamais faria mal a você conscientemente — afirmei, totalmente

PERIGOSAS ACHERON

sincera com ele. — Prometo isso a você! — garanti com firmeza na voz.

Ele ficou calado por alguns momentos e depois perguntou com um olhar oscilando entre o desejo de ir, o medo de que algo pudesse dar errado e a desconfiança em relação às minhas intenções:

— Você sabe que eu fico mais vulnerável sem a cadeira, não sabe? É como se ela... fosse parte de mim...

— Eu sei — afirmei, antes de completar: — Não sou tão má assim!

— Não estou dizendo que você é má — disse em voz baixa e terna.

— Eu sei — tornei a afirmar. — Vai ou não vai? — perguntei por fim.

— Vou — afirmou decidido.

Descemos a rampa um ao lado do outro em silêncio. No colo, ele trazia a tábua de transferência. O chuveiro caía calma e

compassadamente. Era o único ruído que ouvíamos — além do barulho dos meus pés no cimento e do rodar da cadeira de rodas de Henri — e era tão doce e cadenciado que parecia música aos meus ouvidos.

Quando chegamos ao balanço, sentei-me nele pesadamente, fincando com força os pés no chão até que ele ficasse o mais firme possível e não se movesse. Olhei para Henri e perguntei:

— Acha que o balanço está firme o suficiente para você fazer a transferência?

Ele aproximou-se mais do balanço, tocou o assento como se o tivesse testando e respondeu com os olhos sobre mim:

— Acho.

Em seguida, Henri colocou a tábua de transferência e passou lentamente da cadeira de rodas para o balanço. Esperei até que ele parecesse estar sentado corretamente e devidamente seguro e perguntei:

— Você está seguro? Posso colocar a cadeira de rodas na área de serviço?

— Pode — respondeu, confirmando sua afirmação ao menear positivamente a cabeça.

Eu me levantei vagorosamente para que Henri não se assustasse e conduzi a cadeira (juntamente com a tábua de transferência) até a área de serviço. Retornei ao balanço e, somente pouco antes de me sentar, é que percebi que ele havia se sentado o mais longe possível de mim. Resolvi respeitar a distância que ele estabelecera entre nós e sentei-me.

O balanço continuava imóvel. Olhei para baixo. As longas e imóveis pernas de Henri pendiam do balanço até seus pés tocarem o chão. Vistas deste ângulo, as pernas dele pareceriam mais magras e não pude evitar de lembrar das pernas grossas e atléticas de Heleno na primeira vez que o vi. As pernas de ambos eram, ao mesmo tempo, tão parecidas e tão diferentes! Quão belas as pernas de

PERIGOSAS ACHERON

Henri poderiam ser! E, mesmo assim, não eram feias, eram só finas e, de algum modo, continuavam atraentes. Apesar disso, não pude evitar de sentir pena dele, pena pelo que ele tinha perdido por causa do acidente.

Ergui os olhos para Henri abalada com a pena que assomara dentro de mim e contemplei seu rosto. Ele tinha os olhos cerrados, os cabelos revoltos pelo vento, a face úmida pelas tímidas gotas de água do chuveiro e um imenso sorriso de felicidade nos lábios. Era encantadoramente, inesquecivelmente belo e inocente ao mesmo tempo. Tive vontade de murmurar seu nome, mas imaginei que isso iria arrancá-lo de seu mágico enleio e conscientizei-me de que tal atitude seria um grande pecado.

Limitei-me a contemplar esta bela cena até que Henri abrisse vagarosamente os olhos e despejasse sobre mim o bálsamo de um olhar sincero e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agradecido. Meu coração estremeceu e eu propus ainda presa pelos olhos dele:

— Vamos balançar um pouquinho?

— Não vejo como — murmurou.

— Eu vejo — afirmei em voz muito baixa. — Se segure — completei e, em seguida, toquei as pernas dele com delicadeza, trazendo-as para o meu colo. — Avise-me se você se sentir incomodado com alguma coisa. Vou embalar o balanço lentamente para que você sinta o movimento — disse por fim.

Ficamos alguns minutos assim, movendo-nos para frente e para trás num movimento lento e ritmado. Henri voltara a cerrar os olhos, entregando-se às suas lembranças com um sorriso meigo destinado ao passado. Ele era feliz! Suas pernas e pés jaziam macios e tépidos no meu colo e ele não pareceu sentir que eu os acariciava distraidamente.

PERIGOSAS ACHERON

Ele tornou a abrir os olhos novamente e eu cessei automaticamente os carinhos. Ele não podia senti-los, mas poderia vê-los e não compreender minha atitude. Nem eu mesma compreendia! Eu não sabia por que tinha feito isso! Certamente, estava ficando mais confusa a cada dia! E, antes que eu tentasse raciocinar com clareza e ser o mais fria possível, ouvi-me propor novamente:

— Vamos mudar de posição?

— Mudar de posição? — indagou sem entender.

— Sim. Você vem para mais perto de mim e eu coloco suas pernas do outro lado — expliquei.

— Minhas pernas são pesadas e estão incomodando você — concluiu, ocupando-se de retirar uma de suas pernas de cima do meu colo e já se preparando para mover a outra quando eu neguei:

— Não, não é isso! Garanto! Eu só quero mudar de posição para que possamos trocar de perspectiva

PERIGOSAS NACIONAIS

— justifiquei por fim.

— Não creio que há muita diferença de perspectiva entre o lugar que você se encontra e o que eu me encontro — afirmou com um olhar pensativo como se tentasse perscrutar as razões da minha proposição.

— Isso só vamos saber se mudarmos — disse. — A menos que você não se sinta à vontade para mudar de posição.

— Preocupo-me um pouco apenas com o controle do balanço enquanto eu me movo — admitiu, retirando a outra perna do meu colo.

— Eu estou com os pés bem firmes do chão. Só vou levantar quando você já estiver do meu lado e, mesmo assim, quando eu tiver a certeza de que posso fazer isso sem que haja risco de você cair — garanti, olhando para ele com toda a sinceridade que eu podia expressar através de meus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Henri foi movendo-se lentamente pelo balanço até que estivesse ao meu lado. Enquanto ele fazia isso, eu mantinha meus pés cravados no chão e o olhar oscilante entre ele e o céu repleto de nuvens espessas e cinzentas que ofertavam uma promessa incerta de chuva para o final do dia. Atrás de nós, irradiavam vida três grandes roseiras, explodindo em rosas, uma romãzeira repleta de frutos e flores e uma pitangueira com algumas pitangas esparsas, formando um cenário agreste, porém belo e romântico.

Quando ele se juntou a mim, os pingos de chuva tornaram-se mais numerosos, molhando mais os meus cabelos, balancei-os num reflexo automático, exatamente da mesma forma como costume balançá-los sempre que eles me incomodam. Sem que eu quisesse, eles chocaram-se rapidamente contra o braço de Henri. Ele permaneceu calado,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não se queixou, mas eu não pude furtar-me a pedir desculpas:

— Perdoe-me! Não foi minha intenção bater os cabelos em você! — disse sem voltar meus olhos para ele enquanto remexia em meus cabelos numa luta perdida contra o vento que tentava esvoaçá-los. — Meus cabelos devem estar uma merda! Meio molhados, meio secos e muito embaraçados! — reclamei mais por hábito do que por qualquer outra coisa, apesar de eu estar realmente incomodada, e também no intuito de quebrar o silêncio que se formara novamente entre nós e parecia mais sólido do que um *iceberg*.

— Não precisa pedir perdão! — falou num tom alegre com se estivesse sorrindo. Voltei o rosto para ele e ele tomou uma mecha de meus cabelos em suas mãos e disse: — Não diga isso de seus cabelos! Eles são tão lindos!

PERIGOSAS ACHERON

Seu tom de voz era apaixonado e sincero, seus olhos espelhavam seus sentimentos de forma tão doce e tão pura, que era impossível para mim desvencilhar-me da profundidade infinita de seu olhar azul.

Mesmo sem tirar seus olhos de foco, notei que seus lábios foram tomados por um leve estremecimento que parecia convidar para o beijo. Não sei quanto tempo ficamos assim. Perdi a noção do tempo naquele olhar e quase a encontrei naqueles lábios quando minhas pernas amoleceram e o balanço resvalou levemente, impulsionando-o de encontro a mim. Nossas testas se encontram num baque surdo de osso contra osso e eu agarrei-lhe os ombros no intuito de ajudá-lo a recuperar o equilíbrio que eu mesma tinha perdido.

Com a testa ainda grudada à minha pela batida, Henri arregalou os olhos e entreabriu os lábios com uma expressão constrangida. Todavia, eu não pude

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me conter e comecei a gargalhar, o que fê-lo gargalhar também. Ao findar o riso, nossas respirações estavam descompassadas, nossas testas ainda coladas e apenas um fio de ar separava nossas bocas como se nosso hálito e nossa respiração estivessem se fundindo num só. Por fim, ele apoiou-se no recosto do balanço e afastou-se visivelmente incomodado.

— Perdoe-me! Eu não quis me chocar contra você. Foi sem querer. Não pude evitar — disse com a voz sumida.

— Sou eu que tenho que lhe pedir perdão, Henri! Eu me distraí e acabei perdendo o controle do balanço. Você pode me perdoar? — assumi a responsabilidade.

— Não há de que perdoá-la — afirmou ele, tocando a própria testa.

— Está doendo? — perguntei, apontando para sua testa.

PERIGOSAS ACHERON

— Um pouquinho só. E a sua? — admitiu Henri, tirando a mão da testa para passá-la nos cabelos e movimentá-los como grandes ondas negras.

— Também dói só um pouquinho — afirmei com um sorriso. — Quer balançar mais um pouquinho? — ofereci.

— Você não queria mudar de posição? — indagou ele, dirigindo seu olhar perscrutador para mim.

— Queria, mas... — interrompi, desviando os olhos dele; pois, na realidade, o que eu queria era experimentar estar mais perto dele. — Quer dar mais uma balançada? — ofereci, enquanto mexia na barra de meu vestido longo, esquecendo de minha cicatriz.

— Quero — Henri aceitou prontamente, sem disfarçar o olhar que voltara para a minha cicatriz.

Diante da resposta positiva de Henri, soltei a barra de meu vestido, ocultando novamente a

PERIGOSAS ACHERON

minha cicatriz e peguei delicadamente as pernas dele e coloquei-as sobre o balanço, em sentido oposto ao que nos encontrávamos. Ele não disse nada, parecia absorto em pensamentos e completamente entregue a mim. Neste momento, os chuviscos começaram a se tornar mais esparsos e silenciosos e o único barulho que se ouvia era novamente o ranger do balanço.

— Onde conseguiu aquela cicatriz? — Henri me perguntou de supetão.

— Hã? — indaguei surpresa.

— Perguntei onde conseguiu aquela cicatriz em sua perna — explicou sério, contemplando as nuvens que pareciam formar estranhos desenhos no céu.

— Foi num acidente, mas eu não gosto de falar sobre isso — cortei o assunto em um tom sério.

Henri ergueu levemente os ombros em sinal de que não mais perguntaria nada sobre a minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cicatriz e tornou a fechar os olhos, entregando-se novamente ao balanço, ao momento e às lembranças. Fiquei ali ao lado dele, sentindo seu corpo ao lado do meu, tão perto e tão distante (distância criada por mim mesma), tão desejado e tão repudiado, aprofundando ainda mais minha confusão interior, tornando-a uma ferida aberta e magoada enquanto os últimos pingos de chuva pousavam sobre o solo e as folhas das plantas atrás de nós.

— Espere um momento! — disse, levantando do balanço com todo cuidado para não incomodá-lo.

— Aonde vai? — perguntou Henri, abrindo os olhos.

— Volto já — afirmei, já caminhando em direção à casa.

Retornei o mais rápido que pude e, mesmo assim, encontrei Henri com um olhar vidrado e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bastante aflito. Respirei fundo e sentei-me novamente ao seu lado:

— Você pode, por favor, pegar minha cadeira de rodas lá na área de serviço para mim? — pediu ele com a face pálida e um tom de voz rouco e sumido.

— Daqui a pouco, eu pego. Acalme-se! Eu não ia largar você aqui — garanti, fitando seu rosto no intuito de tranquilizá-lo, mas ainda podia ver o súbito temor que tomara conta de seus olhos.

— Por um momento, eu pensei que você quis fazer isso sim — admitiu ele com a voz tímida e abaixando os olhos.

— Não, jamais faria uma maldade dessas com você — reafirmei, tomando sua mão e apertando-a com gentileza até que pudesse lhe transmitir alguma segurança sobre os meus atos. — Eu só fui pegar isso. — Ergui a máquina fotográfica para que ele pudesse vê-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que foi pegar isso? — perguntou ainda descontente.

— Bem, já que o chuvisco já passou, podemos registrar esse momento — respondi.

— Para quê? — perguntou ainda com um tom de irritação na voz.

— Quanto tempo fazia que você não se sentava neste balanço? — perguntei no intuito de atenuar sua irritação.

— Vinte anos — afirmou objetivo.

— Então? Fazia vinte anos que você não desfrutava do balanço e você gosta tanto dele! Agora que está aqui, vou registrar esse momento! — disse com um sorriso nos lábios. — Vamos! Sorria que eu vou tentar tirar uma foto de nós dois aqui — completei, aproximando minha cabeça da dele.

Após bater a primeira foto, percebi que Henri tinha permanecido sério e ameacei:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se você não sorrir na próxima foto, vou ser obrigada a fazer cosquinhas em você!

— Você não é doida de fazer isso! — rebateu.

— Ah, não? — questionei, erguendo-me, colocando a máquina fotográfica sobre a cadeira de rodas e retornando ao balanço.

Henri surpreendeu-se quando me sentei ao lado dele no balanço e não pôde conter o riso quando comecei a fazer cócegas em suas axilas.

— Pare! — pediu, gargalhando já com a respiração um pouco descompassada.

— Bem, acho que agora já posso tirar as fotos que desejo! — afirmei, parando de fazer cócegas nele.

Tiramos várias fotos juntos, batidas por mim e também programadas na máquina fotográfica. Estas últimas não ficaram muito boas, pois eu trouxe a cadeira de rodas dele à frente do balanço (porém à maior distância possível dele) e posicionei a

PERIGOSAS ACHERON

máquina sobre ela. A altura insuficiente da cadeira só comprometeu o ângulo destas fotos, mas não as arruinou completamente.

Tirei também umas fotos de Henri sozinho no balanço e ele, ao retornar para a cadeira de rodas, também tirou fotos minhas no balanço. Findadas as fotos, sentei-me novamente no balanço e ele posicionou a cadeira junto a mim para que pudéssemos vê-las:

— Vou mandar imprimir algumas dessas fotos na Estrelas Fotos.

— Não faça isso! — Henri pediu com o semblante levemente preocupado.

— Por que não? — Estranhei, olhando para ele.

Henri suspirou e explicou:

— Olhe, você até pode imprimir algumas dessas fotos, mas na Estrelas não, certo? É que as Empresas Estrelas Cinefotos e Equipamentos Digitais pertencem a Leno e, se ele chegar a ver

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estas fotos, ele vai interpretá-las errado e vai “encher meu saco” até cansar!

— Seu irmão não gosta de mim, não é? — concluí.

— Não, não é isso! Ele não tem nada contra você! O problema é que ele acha que você ainda pode me machucar. Então, ele pensa que eu devo manter a maior distância possível de você — esclareceu.

— E você concorda com ele — supus.

— Em parte apenas — disse objetivo.

— Como assim? — perguntei.

— Por exemplo: na opinião de Leno, não deveríamos fazer algo como o que fizemos hoje, ou seja, estar aqui juntos, sozinhos. Eu não tenho objeções a isso, mas não entendo os seus motivos — respondeu, fitando as próprias pernas.

— Meus motivos? Como assim? — perguntei, estranhando um pouco as palavras de Henri.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, seus motivos. Por que está sendo legal comigo agora? Por que me proporcionou essa tarde agradável? — indagou Henri com uma sombra de tristeza em seus olhos.

Dei de ombros e respondi displicente, sem imaginar o impacto de minha resposta aparentemente inocente:

— Ora! Porque você foi legal comigo na sexta-feira à noite e eu estou retribuindo.

— Você fez tudo isso como retribuição? — indagou indignado.

— Sim — confirmei meio sem jeito.

— Ah, Carol! Eu disse que não fiz nada que merecesse retribuição! Eu não queria nenhuma retribuição! Faria o que fiz por você ou por qualquer pessoa! Você só estava precisando de umas palavras de apoio e eu as disse! Só isso! — lamentou com a voz alterada. — Se for para se sentir obrigada a ser legal comigo, a retribuir algo

que não tem retribuição, prefiro que me trate como antes! — completou revoltado.

— Então, você prefere a indiferença? — provoquei, olhando para ele irritada e com um tom de escárnio na voz.

— Se é isso que você sente por mim, prefiro sim — rebateu. A contrariedade era marcante em sua voz.

— Se é o que quer, é o que terá — afirmei tomada por uma súbita raiva de Henri, o que me fez levantar abruptamente do balanço, percorrer rapidamente o quintal e adentrar em casa, fechando-me no quarto em seguida.

Ao chegar em meu quarto, surpreendi-me com o fato de que já eram 17h. Então, dirigi-me ao banheiro para tomar um banho. Durante o banho, não pude deixar de refletir sobre o que acontecera naquela tarde, que começara de forma tão pacífica, fora até engraçada e inesperada em alguns

PERIGOSAS ACHERON

momentos, mas acabara mal, com mais um desentendimento entre mim e Henri. Por que ele dissera que teria feito por qualquer pessoa o que fizera por mim naquela sexta-feira em que me consolara das humilhações que sofri? Será que beijaria e ofereceria seu colo a qualquer mulher que ele fosse consolar? Ele dizia que me amava e, no entanto, em muitos momentos, tratava-me com descaso! Por que ele agia assim? Era só um meio de tentar me esquecer ou ele me odiava pelo que eu o fiz passar? Estes fatos e a confusão borbulhante de sentimentos dentro de mim levaram-me a questionar se eu não deveria me afastar um pouco dele ou de todos por alguns dias, se não seria interessante que eu ficasse um tempo a sós comigo mesma no intuito de tentar tornar as coisas mais claras. Mas preferi não me decidir de imediato.

O jantar foi péssimo. Mal nos saudamos com um boa-noite e não conversamos. Quando Henri

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

terminou de comer, repetiu maquinalmente o “boa noite”, recolheu-se ao quarto e eu só voltei a vê-lo, novamente sério e carrancudo, no café da manhã de segunda-feira.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 43

Retribuição?

Henri

Retribuição?! Carol fez tudo aquilo, foi legal comigo em retribuição? Eu a consolei, é verdade, mas nunca quis nenhum tipo de retribuição! Pensei ter deixado isso BEM claro! Senti-me estranhamente mal quando percebi que todos aqueles momentos felizes que passei ao lado dela à tarde não tiveram o mesmo sentido para ela! O que era um prazer genuíno para mim, não passava de uma mera obrigação para ela, uma espécie de “pagamento de dívida” que, na realidade, nem existia!

Eu me senti um grande idiota! Eu sabia que ela não tinha nenhum sentimento por mim, que não

compartilhava do grande amor que eu sentia por ela, mas não imaginei que ela não fosse capaz de dispensar-me um só gesto de gentileza voluntariamente. Talvez Leno tivesse razão! Talvez fosse mesmo melhor ficar longe dela, mas eu ainda não sabia como fazer isso.

Pior: eu sabia que os próximos dias iriam ser bastante difíceis; pois, em nenhum momento, Carol disfarçaria o seu descontentamento e o seu enfado em relação a mim. Mas, apesar de meu sofrimento em relação aos sentimentos dela, era isso que eu preferia. Assim, ela estava sendo verdadeira e meu coração não começaria a inundar-se de falsas esperanças que fariam, certamente, com que eu me afogasse num oceano revolto de tristeza e autodepreciação.

Naquela noite de domingo, jantamos juntos como era nosso costume, mas o jantar foi apagado, vazio de diálogo e de qualquer outra coisa. A sensação

PERIGOSAS ACHERON

que tive é que não estávamos lá de verdade, que éramos meros autômatos, bonecos cumprindo uma rotina, embora a expressão no rosto de Carol não ocultasse uma raiva latente dentro dela, prestes a explodir contra mim. E como eu desejei que ela explodisse! Que me detonasse logo de uma vez! Estava cada vez mais difícil suportar o sofrimento de tê-la tão perto, ao alcance de minhas mãos, de meus lábios, de meu corpo e ter apenas as migalhas de sua pena, de seu senso de obrigação! Eu não queria isso para mim! Naquele momento, eu queria que ela terminasse de estraçalhar meu coração, meu ser inteiro e, feito isso, se afastasse definitivamente para que eu tentasse me refazer das cinzas; pois, da forma como as coisas estavam, eu me sentia torturado dia após dia.

Depois do jantar, escovei os dentes e mergulhei na internet em busca de Rosa. Revoltado, queria contar-lhe logo que sou um cadeirante e receber

PERIGOSAS ACHERON

logo um “fora” dela. Isso não me afetaria, não mais do que a rejeição de Carol já me afetava.

Rosa entrou no chat cerca de trinta minutos depois de mim e saudou-me com um boa-noite. Nas poucas vezes em que já tinha conversado com ela, percebi que era inteligente e espirituosa, embora não tivéssemos conversado muita coisa sobre o aspecto pessoal. Eu preferi assim para evitar e/ou retardar um possível envolvimento emocional e ela concordou. Era muito fácil conversar com ela. Ela tinha acabado de sair de um relacionamento e, mesmo afirmando não estar completamente apaixonada pelo antigo namorado, contou-me que estava muito confusa e que isso a fazia sofrer.

Diante da aparente honestidade de Rosa, preferi ser sincero com ela e contei-lhe que não estava saindo de um relacionamento, mas estava perdidamente apaixonado por uma mulher que não me amava e recusava meus sentimentos e que

PERIGOSAS ACHERON

estava procurando alguém na internet no intuito de esquecê-la definitivamente. Ela disse-me que entendia a minha atitude e que também queria esquecer seu relacionamento malsucedido e que acreditava que poderíamos ajudar um ao outro ou até nos apaixonarmos. Concordei com ela naquele momento; todavia, naquela noite de domingo, eu estava determinado a pôr à prova as palavras dela.

— Boa noite, Rosa! — retribuí a saudação quando ela desejou-me boa noite. — Como você está? — perguntei.

— Muito bem, graças a Deus! — ela respondeu, colocando uma carinha de sorriso do lado da resposta. — E você, Henri, como está? — perguntou.

— Eu estou meio chateado — confessei.

— O que aconteceu, meu querido? — perguntou.

— Nada que mereça ser mencionado — esquivei-me. — Não é nada importante — garanti.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, a contrariedade vai passar logo, não vai?

— Acho que vai sim — afirmei, embora soubesse que não era verdade, não com Carol tão perto de mim, mas eu não queria que ela soubesse como era complicada e embaraçosa minha situação em relação a Carol.

— E sobre o que você quer conversar esta noite, querido? — perguntou, colocando novamente uma carinha alegre ao lado de suas palavras.

Antes de responder à pergunta de Rosa, respirei fundo e pensei em como contar que era cadeirante da forma mais natural possível para não acirrar o preconceito se ela fosse preconceituosa:

— Na verdade, hoje eu gostaria de contar uma coisa para você. — Eu escrevi.

— O quê? — perguntou instantaneamente.

— Que eu sou um cadeirante. — Escrevi, enviei e esperei a rejeição por escrito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E daí? — Ela retrucou.

— Como assim “E daí?”? Você entendeu o que eu escrevi? — perguntei muito surpreso com a resposta.

— Entendi. Você disse que é cadeirante.

— Estou falando sério. Sou cadeirante mesmo, de verdade — adverti.

— Certo, eu entendi — afirmou.

— E você entende que meu objetivo aqui é que futuramente possamos evoluir para algo mais... íntimo do que uma amizade? Para um relacionamento afetivo entre homem e mulher? — indaguei ainda descrente da pronta aceitação dela.

— Sim, entendo. E o meu objetivo também é esse — garantiu. — Gostaria de experimentar o seu colo... Deve ser uma delícia! — completou como se soubesse que eu ainda duvidava de sua sinceridade.

— Bem, a última moça que se sentou em meu colo depois que me tornei cadeirante não disse que

PERIGOSAS ACHERON

tinha gostado, nem que não tinha gostado — admiti, embora a última moça a se sentar no meu colo depois que eu me tornei cadeirante fora também a primeira a fazer isso e se tratava de Carol. Mas ela não precisava saber disso.

— Ela deve ser uma GRANDE retardada — Rosa afirmou, enfatizando a palavra grande ao digitá-la com letras maiúsculas.

— Não, ela não é uma retardada — defendi Carol numa atitude impensada.

— Você gosta dela, não é? — concluiu Rosa.

— Gosto, infelizmente — assumi.

— Ela é a mesma garota pela qual você está apaixonado, não é? — Rosa concluiu novamente.

— Sim, é — admiti.

— Hum... Acho que vou ser estepe.

— Eu lamento, Rosa, se a fiz sentir assim! — E eu lamentava mesmo. — Mas meu objetivo não é torná-la um estepe, é torná-la única se você quiser

realmente isso, se me desejar! Está sendo difícil esquecer a outra moça, mas eu conseguirei. Não sei quanto tempo vai demorar; mas, se realmente me quiser e tiver paciência, eu conseguirei — afirmei com o coração dividido entre meu amor por Carol e o horizonte novo que Rosa me oferecia.

— Você é uma pessoa muito doce, Henri. — Ela me elogiou. — Mas não me prometa nada agora, pois talvez você não possa cumprir — alertou com razão.

— E você é uma pessoa surpreendente e encantadora! — Eu elogiei-a também. — Posso lhe fazer uma pergunta mais íntima? — indaguei.

— Claro que pode! — afirmou receptiva. — Qual é a pergunta?

— Você acha que eu posso ser sexualmente atraente para você? — perguntei.

— Sim, eu acho — afirmou. — Eu imagino que você seja bastante atraente para mim. — Parecia

estar certa do que falava.

— Obrigado! — agradecei.

— Não precisa agradecer. É a verdade! — afirmou.

Quando terminei de conversar com Rosa, eu ainda estava chateado com Carol, mas tenho que admitir que ela me fez um grande bem. Eu estava com a autoestima tão abalada que começava a acreditar que ninguém me aceitaria do jeito que sou e que nenhuma mulher seria capaz de se sentir atraída por mim. Rosa não só aceitou a minha deficiência prontamente como também afirmou que poderia sentir-se atraída por mim. Foi tão bom ter a perspectiva de ser desejado que eu desejei amar Rosa, e não, Carol.

A semana transcorreu normal, apesar de eu e Carol praticamente não conversarmos, trocando apenas palavras essenciais em casa e no trabalho. E, se eu praticamente não conversei com Carol,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nesta semana conversei bastante com Rosa, que parecia cada vez mais animada com nossas conversas. Eu estava feliz por conversar com ela e, principalmente, por sua receptividade a mim, mas não estava tão animado quanto ela, embora eu me esforçasse para compartilhar da mesma empolgação ou, pelo menos, para parecer compartilhar, pois eu sabia o quanto doía ser magoado e odiaria magoá-la, ainda que involuntariamente.

Na quarta-feira, durante nossa conversa, Rosa comunicou-me que iria fazer uma viagem a trabalho no dia seguinte (quinta-feira) e só retornaria na próxima quarta-feira. Eu não sabia em que ela trabalhava (segundo o acordo que fizemos quando iniciamos nossa conversa pela internet, os detalhes pessoais seriam omitidos) e também não perguntei, mas desejei sinceramente que ela fizesse uma boa viagem e afirmei que sentiria saudades, o que também era verdade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 44

Novamente Ilhéus

Carol

Pensei durante toda a semana e decidi que devia mesmo me afastar de Henri, de tudo e de todos por uns dias no intuito de esclarecer ou tornar mais amena a grande confusão que havia dentro de mim. Eu queria pôr um fim a esse embate gigantesco e cada vez mais profundo entre o preconceito e a atração que eu sentia por ele. Como eu não entendia o que estava acontecendo comigo, eu não me importava qual desses sentimentos venceria. Eu só queria livrar-me do conflito interior.

Perdi muito tempo decidindo para onde iria; mas, devido ao pouco tempo de que eu dispunha (da tarde de sexta-feira até domingo), optei ir para

Ilhéus, embora, no início, eu não me sentisse nada tentada a ir para lá, pois foi lá que eu conheci Walmir. Mas Ilhéus não era tão distante (cerca de cinco horas de ônibus) e tinha belas praias, sendo, portanto, a minha escolhida.

Na quinta-feira de noite, no momento do jantar, após vários dias sem praticamente conversarmos, comuniquei a Henri que iria viajar no dia seguinte:

— Henri? — chamei-o, fazendo-o erguer os olhos do prato.

— Sim? — respondeu monossilabicamente.

— Amanhã, eu vou viajar — revelei e, como ele arregalou os olhos e arqueou as sobrancelhas em sinal de surpresa, expliquei: — Vou passar o final de semana em Ilhéus. Estou precisando pensar sobre tudo o que aconteceu — expliquei o mais evasiva possível.

— Você vai tentar esquecer Walmir em Ilhéus? — perguntou curioso.

— Na verdade, não é bem esquecer Walmir. É tentar apagar nosso breve relacionamento da minha cabeça. Sei que Ilhéus não é o lugar mais indicado para fazer isso, mas é onde estão as praias mais próximas e eu tenho pouco tempo — esclareci, pousando os olhos no chão; pois, apesar de estar contando apenas parte da verdade, eu me sentia como se estivesse mentindo para Henri.

— Bem, eu só posso desejar que você faça uma boa viagem e que alcance o seu intento — disse Henri, encarando-me. Eu podia sentir o peso de seus grandes olhos azuis sobre mim.

— E mais uma coisa: meu pai vai me levar na rodoviária com o meu carro. Então, vou deixar que o meu carro fique na casa de meus pais para que ele ou minha mãe me peguem na rodoviária no domingo. Vou para Ilhéus no ônibus das 16h30 e retornarei no das 18h. Como, no domingo, chegarei muito tarde em Jequié, vou passar a noite na casa

de meus pais e só vou retornar para cá na segunda à tarde — expliquei, pousando meu olhar com igual peso sobre Henri. Ele deu de ombros e replicou monossilabicamente com uma expressão de indiferença que preenchia seu olhar e todo o seu semblante:

— Certo.

— Bem, boa noite! Até amanhã então — despedi-me e adentrei o banheiro, onde escovei os dentes e esperei até que ele se recolhesse ao seu quarto para que eu pudesse recolher-me ao meu, onde arrumei uma pequena valise com poucas roupas para três dias e, em seguida, deitei-me para dormir.

O dia seguinte, a sexta-feira de minha viagem, transcorreu praticamente como nos outros dias. Um dia velado pelo silêncio, vazio de palavras entre mim e Henri e com um clima estranho, tão pesado e tão doloroso que era praticamente palpável a dor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que esta situação era capaz de causar a meu coração.

Eu não queria que meu relacionamento com Henri continuasse assim, porém tudo parecia indicar que esse clima ruim só se aprofundaria, tornando-se um abismo sem fim, mais uma situação mal resolvida entre nós, motivando-me ainda mais a realizar a viagem para Ilhéus, para longe de tudo e de todos por um final de semana.

Na tarde de sexta-feira, passei em casa para tomar banho e me arrumar para a viagem. Finda a arrumação, quando deixei o quarto com a valise em mãos para deixar a casa, pegar o carro e viajar, deparei-me com Henri assistindo televisão sentado ao sofá da sala e com a cadeira de rodas bem ao seu lado.

Eu não esperava despedir-me dele para viajar, tanto que estaquei no meio da sala, perto do sofá e murmurei quase que automaticamente:

PERIGOSAS ACHERON

— Bem, estou indo, Henri!

Henri dirigiu-me um sorriso iluminado, quente, que me fez concentrar nele, em suas belas feições, em seus cabelos úmidos de um banho recém-tomado, em seus braços fortes, em suas pernas magras parcialmente ocultas por um short na metade da coxa e em seus lábios róseos tão convidativos, que o tornavam bastante atraente.

— Desejo-lhe uma boa viagem! Vá com Deus! Aproveite para descansar! — aconselhou-me ele, movendo seus lábios como se me convidasse a beijá-los e, em seguida, completou: — Espero que você consiga o que deseja!

Eu não resisti! Aproximei-me de Henri, inclinei-me e beijei-lhe a face direita suavemente. Ao perceber minha aproximação, ele arregalou os olhos e arqueou as sobrancelhas em sinal de surpresa; mas, poucos instantes após o beijo, antes que eu pudesse afastar-me, acariciou em silêncio a

PERIGOSAS ACHERON

minha face. Se ele não esperava o beijo, eu também não esperava a carícia, o que me fez estacar de pé, ao lado dele, por alguns instantes até que eu recuperasse o domínio de mim e saísse quase correndo porta afora para não me atrasar. Por um ínfimo momento, eu quase me arrependi do que ia fazer.

Para tentar evitar semelhanças com o réveillon, ocasião em que conheci Walmir, preferi não ficar na casa de meu irmão Rodrigo. Optei ficar em um dos hotéis próximos da Praia da Avenida, uma das praias do Centro de Ilhéus.

A Praia da Avenida não era a melhor, nem a mais bonita de Ilhéus, pois era uma praia urbana (central) e sofria com a atividade antrópica. A praias mais distantes da área urbana eram mais bonitas e algumas até paradisíacas. Mas escolhi a Praia da Avenida devido à sua acessibilidade aos restaurantes, aos outros pontos turísticos de Ilhéus

PERIGOSAS NACIONAIS

(como a Casa de Jorge Amado, a Igreja de São Sebastião, etc.) e, principalmente, ao cinema.

Na sexta-feira, cheguei a Ilhéus às 21h30, fiz o *check in* e saí para comer. Devido ao cansaço, ao adiantado da hora e pelo preparo ser mais rápido, optei por um sanduíche. Voltei para o hotel, tomei um banho e fiquei na janela do quarto, observando a lua e as estrelas no céu negro, porém iluminado.

Foi inevitável lembrar de Henri, porém foi uma lembrança diferente, quase um delírio. Embebida no romantismo da beleza do céu noturno, senti como se ele entrasse no quarto caminhando e, abraçando-me por trás, beijasse sensualmente o meu pescoço. A sensação foi tão real que me abracei em busca de seus braços e não encontrei nada além de meu próprio corpo e, mesmo assim, voltei o rosto para trás, contemplando toda a extensão do quarto para me certificar de que estava totalmente sozinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Só então, lembrei-me de que Henri jamais caminharia até mim. Pelo menos, não com as próprias pernas e, talvez, nem voluntariamente, pois eu o tinha rejeitado cruelmente por causa da sua deficiência. Além disso, se fosse da vontade dele estar comigo em Ilhéus certamente não seria ali, num hotel não adaptado, num quarto pequeno e apertado com banheiro também não adaptado, onde ele não poderia circular com a cadeira de rodas e, fatalmente, seria obrigado a permanecer todo o tempo acamado e sem poder sair. Diante desta constatação, percebi como era banal meu delírio e como era grande minha rejeição a ele. Imaginá-lo da forma como ele não podia ser era uma prova clara de minha não aceitação e de meu preconceito idiota, mesmo sabendo que ele era um homem inteligente, sensível, interessante e, quiçá, ainda apaixonado por mim.

PERIGOSAS ACHERON

Revoltada comigo mesma, deitei-me na cama e sonhei com Walmir. No sonho, revivi o dia em que o nosso relacionamento acabou e todas as coisas horríveis que ele me disse. Ao longo da noite, este sonho foi se repetindo mais e mais, mesclando-se com o pesadelo do momento mais horrível de minha vida e que me abandonara desde que eu conhecera Henri pela internet; mas que, naquela noite, parecia ter voltado com força total para destruir-me psicologicamente como fazia antes de eu conhecê-lo, antes que eu tivesse o alento de um amor que eu mesmo rejeitava por pura ignorância.

Acordei sobressaltada e coberta de suor às cinco da manhã. Como era cedo, tomei um banho e fiquei passando os canais da televisão no intuito de encontrar um programa que afastasse aqueles pesadelos de minha mente. Não encontrei. Peguei o celular e sintonizei numa rádio local, num desses programas de músicas antigas. Estava terminando a

PERIGOSAS ACHERON

música *Guerra dos Meninos*, de Roberto Carlos e, em seguida, começou *Always On My Mind*, de Elvis Presley.

Os primeiros versos da música de Elvis (*Maybe I didn't treat you / Quite as good as I should have / Maybe I didn't love you / Quite as often as I could have*¹) remeteram-me diretamente a Henri e a forma como muitas vezes eu o tratava. Senti raiva de mim mesma, senti vontade de sair correndo e também de chorar, pois eu não conseguia lutar contra mim mesma, contra o meu preconceito exacerbado que só proporcionava infelicidade a mim e a ele. Eu não conseguia fazer com que os dois sentimentos (inclinação e preconceito) que se digladiavam dentro de mim ffindassem a querela e, na impossibilidade de conter a raiva ou sair correndo, restou-me chorar. Chorei até adormecer novamente e acordei às oito horas ao som de um dos *hits* do axé *music*/pagode: *Dança do Maxixe*.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ergui-me de um salto, desliguei o celular, lavei as mãos e fui para o café da manhã.

Findo o café da manhã, escovei os dentes e fui passear no comércio central de Ilhéus. Não tinha pretensão de comprar nada, só queria me distrair. Entrei em algumas lojas, mas não comprei nada para mim. Passando à frente de uma livraria, não resisti e decidi entrar. Lá, lembrei-me de Henri e senti um desejo irresistível de comprar alguma coisa para ele. Mas não sabia ao certo do que ele gostava em termos de literatura e as opções de livros de bioética eram reduzidas a único título que eu não sabia se ele possuía ou não. Resultado: fiquei cerca de trinta minutos em um grande impasse sobre o que comprar para ele e acabei optando por um livro de autoajuda chamado “O Sentido da Vida”, do autor americano Bradley Trevor.

PERIGOSAS ACHERON

Paguei o livro e estava pedindo para embalá-lo para presente quando meu celular tocou:

— Olá, Rodrigo! — saudei o meu irmão.

— Olá, sumida! Mamãe me falou que você veio para Ilhéus e não quis ficar aqui em casa...

— E ela falou que eu não quis ficar na sua casa, porque eu não queria nada que me lembrasse de Walmir? — perguntei.

— Falou sim — confirmou. — E é por isso que eu estou ligando para convidar você para almoçar comigo e com minha família no Vesúvio hoje. O que acha?

— Acho ótimo! — aceitei.

— Ao meio-dia está bom para você? — indagou.

— Claro — afirmei, recebendo o pacote das mãos da vendedora.

Saí da loja e regressei ao hotel. Pontualmente ao meio-dia, estávamos todos no Vesúvio, sentados bem próximos à famosa estátua de Jorge Amado. O

PERIGOSAS NACIONAIS

almoço foi agradável, regado à comida típica baiana e a uma conversa animada.

Findado o almoço, enquanto Rodrigo e Cecília permaneciam sentados à mesa, tomando água de coco em clima romântico, eu e as filhas deles, Regina (doze anos) e Clara (dez anos), tiramos fotos ao lado da estátua de Jorge Amado e na escadaria da Catedral de São Sebastião.

Por volta das 14h, eles foram embora e eu retornei ao hotel, não sem antes constatar mais uma vez que Ilhéus respirava o clima cálido das obras de Jorge Amado e também um clima de romance próprio dos casais apaixonados. Adentrei o quarto de hotel mais confusa do que nunca e, num impulso, quase liguei para Henri para saber como ele estava, mas não fiz isso. Tal atitude podia deixar claro para ele meus conflitos internos não resolvidos ou confundi-lo também. Optei então por

PERIGOSAS ACHERON

escovar os dentes e, em seguida, ver um pouco de televisão.

Às 15h, coloquei um vestido longo e esvoaçante, um chapéu com abas largas, passei protetor solar e fui caminhar na praia. Caminhei por cerca de duas horas sobre a areia. Cheguei até bem perto do Porto de Ilhéus e depois comecei a seguir o caminho de volta pela praia. Às 17h, resolvi atravessar a vegetação que separava a praia da avenida para ir ao cinema. Quando cheguei lá, o céu começava a tingir-se com traços discretos de rosa e roxo.

Comprei uma entrada para o filme das 19h30, intitulado “Quem quer ser um milionário?”, mas não me diverti como esperava. Apesar de sua qualidade, não consegui prestar atenção no filme e, durante as quase duas horas de sua exibição, meu corpo estava grudado ao assento da sala de exibição do filme, mas minha mente viajou por muitos lugares: por meus dilemas pessoais, meus conflitos

internos, meu passado e até para casa, para perto de Henri, embora eu não quisesse admitir isso.

Findado o filme, deixei o cinema mais vazia do que entrei. Era frustrante não saber do que, de fato, se tratava o filme depois de passar tanto tempo olhando para uma tela imensa sem vê-la. Mais frustrante ainda era constatar que o meu conflito interior (preconceito idiota *versus* inclinação irresistível por Henri) só se aprofundava, pois não se passara um período do dia desde que eu chegara a Ilhéus sem que eu me lembrasse dele (e, em alguns momentos, até o desejasse) e sem que o preconceito que eu sentia aparecesse para estragar a lembrança e deixar-me confusa e torturada.

Entrei na primeira lanchonete que encontrei no caminho de volta para o hotel. Comi um hambúrguer com suco de laranja e, enquanto seguia para o hotel, observava um fio longínquo e quase

invisível de água do mar que parecia chicotear ao sabor da atração da lua cheia.

Tomei banho e, após deixar minha valise pré-arrumada para o retorno a Jequié no dia seguinte, mergulhei em um novo sonho conturbado, no qual os meus conflitos interiores continuavam a entrelaçar-se com episódios do meu passado que eu gostaria de esquecer como o meu primeiro encontro com Henri. No dia seguinte, acordei tarde, tomei café e fui à praia. Lá, sentei-me à sombra de uma árvore na grama, fiquei bebericando a água de um coco e contemplando o mar no intuito de que o movimento de suas ondas levasse consigo os meus conflitos interiores, mas isso não aconteceu.

Ao contrário, com suas variações de cor e tonalidade, as ondas do mar tornaram ainda mais vívidas as minhas lembranças do azul dos olhos de Henri, principalmente quando eu o rejeitava e seus olhos assumiam um tom mais escuro e revoltado de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

azul como as ondas do mar contra o vento daquela tarde. Eu não podia ficar com ele, pois jamais conseguiria lidar com as suas limitações, mas também estava ficando difícil não ficar perto dele. Dilema cruel! Preconceito imbecil, inclinação irrefreável! Eu, algoz de mim mesma! Vim buscar respostas de mim mesma e, incompetente, retornava sem elas! Como eu podia ser uma pessoa TÃO contraditória?

Apesar disso, interrompi minha contemplação do mar apenas para almoçar e findei-a as 15h30 quando me dirigi ao hotel, sob indolentes pingos de chuva, para arrumar-me para retornar à Jequié. Às 17h, Rodrigo e a família chegaram ao hotel para me levar à rodoviária. Fiz o *check out* e lá fui eu para umas quatro ou cinco horas de viagem de volta a Jequié. Esse “as” não é craseado?

Cheguei à casa de meus pais quase 23h. Estava extremamente exausta e, apesar de ter tomado

PERIGOSAS ACHERON

remédio para não enjoar, encontrava-me enjoada. Tomei um banho, comi um pedaço de bolo, escovei os dentes e capotei na cama. Já estava bem grogue quando Bel pediu para ver as fotos e escolher aquelas que iriam ser reveladas, tanto que nem pestanejei e permiti, pedindo apenas que não apagasse as fotos da máquina, pois eu desejava baixá-las também em meu computador.

Na segunda-feira, acordei ainda bastante cansada, peguei o meu carro e fui trabalhar. Cheguei às 7h15 e surpreendi-me por não encontrar Henri lá.

1 Em tradução livre: Talvez eu não tenha tratado você / tão bem quanto eu deveria. / Talvez eu não tenha amado você / tanto quanto eu poderia.

CAPÍTULO 45

O vazio e o ônibus

Henri

Acreditem, meu final de semana foi completamente vazio! É claro que, naquela época, eu não admiti isso para mim mesmo e, muito menos, para Carol. Assim que ela saiu de casa, senti como se um buraco negro tivesse se instalado lá dentro e começasse a sugar tudo, inclusive o tempo, que parecia ter parado ou deixado de existir. Passei vinte anos de minha vida morando sozinho, passando meus finais de semana em completa solidão (só eu, meus livros e, nos últimos dez anos, meu computador) e nunca vivi um final de semana TÃO longo e difícil de passar!

Mergulhei no relatório do pós-doutorado no intuito de esquecer Carol, esquecer o vazio que ela havia deixado e avançar bastante na redação dele. Mas tive dificuldades de concentração (o buraco negro sugou até isso de mim) e meu trabalho não rendeu o que eu esperava.

Para completar, eu estava literalmente preso em casa, só podia ir à casa de meus pais; pois, na sexta-feira à tarde, eu deixara o carro na concessionária para fazer revisão e, quando telefonei no sábado, informaram-me de que, devido à grande demanda de serviço daquele final de semana, só poderiam aprontar meu carro na terça-feira. Na segunda e na terça-feira, eu teria que ir para o trabalho de ônibus. Mas não me preocupei com isso. Nada, além da ausência de Carol, permanecia muito tempo em minha mente.

Em cada momento do dia, eu pensava no que ela estaria fazendo em Ilhéus, como estaria feliz e se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

divertindo, em quantas pessoas (e até possíveis pretendentes) ela poderia estar conhecendo. Eu não tinha inveja do que ela estava vivenciando. Ao contrário, estava feliz por ela estar se descontraindo, aproveitando a vida, mas assumo que tinha um pouco de ciúme de quem ela poderia conhecer lá, embora soubesse que ela jamais olharia para mim como um homem capaz de fazê-la feliz pessoal e sexualmente. Prova disso era o fato de ela não ter me telefonado nem uma única vez neste final de semana, nem para dizer como tinha sido a viagem de ônibus ou que estava bem.

Na noite de domingo, decidi ir dormir mais cedo; pois, por precaução, deveria sair mais cedo de casa para pegar um ônibus para o hospital onde eu trabalhava. Então, como estava bem quente, tomei um banho, sequei-me e deitei-me sem roupa no intuito de aplacar um pouco o calor e secar melhor o corpo.

PERIGOSAS ACHERON

Deitado de barriga para cima, fiquei contemplando o teto de gesso branco e liso de minha casa e imaginando como poderia ter sido se Carol não tivesse me rejeitado. Adormeci imaginando que, se as coisas fossem diferentes (se ela pensasse diferente), ela poderia estar ali, abraçada comigo, num entrelace amoroso; mas, ironicamente, em meus sonhos, revivi a brutal rejeição dela a mim em nosso primeiro encontro.

Acordei sobressaltado às cinco horas, ainda despido na mesma posição em que me deitei. Corri para o banheiro, tomei banho, me arrumei, tomei café, escovei os dentes, peguei minha bolsa e, às 5h45, deixei minha casa a caminho do ponto de ônibus.

Às 6h30 passou um micro-ônibus não adaptado e nem parou (não havia outra pessoa no ponto de ônibus além de mim). Resolvi aguardar o próximo ônibus na esperança de que fosse adaptado. O PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

próximo ônibus, também não adaptado, passou às 7h e eu dei sinal para parar. O motorista parou e eu perguntei a que horas passava o ônibus adaptado para o Hospital Santa Mônica. Ele me informou que desconhecia a existência de ônibus adaptado para aquela linha e que conhecia apenas a existência de um único ônibus adaptado na empresa e que o mesmo se encontrava quebrado. Agradei a informação e o ônibus se foi.

Instantaneamente, fiquei atônito, sem saber o que fazer. Já estava no horário do trabalho, não havia ainda nenhum táxi nas proximidades e o pior de tudo: eu estava sem dinheiro. O final do mês se aproximava e, com minhas despesas e os custos da reforma/adaptação da casa, eu estava completamente desprevenido. Restava-me apenas o dinheiro da revisão do carro e eu não podia gastá-lo. Resultado: tirei minhas luvas da bolsa e decidi ir tocando as rodas da cadeira até o trabalho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Confesso que foi extremamente penoso e extenuante. A distância do Mandacaru para o hospital era grande, o sol já estava forte quando eu saí de casa e ficava cada vez mais intenso à medida que os minutos se passavam. Era impraticável rodar sobre as calçadas, pois elas não tinham rampas e eram irregulares. Tive que rodar o tempo todo junto aos carros e essa proximidade, além de perigosa, era aflitiva, fazia-me imaginar que, a qualquer momento, eu poderia ser atropelado. Além disso as ruas eram extremamente irregulares e muitas tinham buracos. Os rodízios de minha cadeira de rodas se prenderam em muitos deles e, às vezes, era muito difícil livrar-me deles, o que me custava muito tempo. Temi várias vezes que a cadeira de rodas ficasse presa num buraco e, nas vezes em que isso aconteceu, algumas pessoas que passaram por mim, ajudaram-me caridosamente. Difícil também foi subir algumas ladeiras ou ruas mais inclinadas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tocando a cadeira de rodas, o que exigiu de mim muito fôlego e esforço braçal.

Cheguei ao hospital, às 8h05, já no limite máximo de minhas forças.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 46

Preocupação

Carol

Eu já estava arrependida e me sentindo culpada por não ter ligado para Henri pelo menos uma vez no final de semana em que passei em Ilhéus. O que teria acontecido com ele? Será que ele estava bem? Será que estava doente? Por que ele não tinha ido trabalhar? Por que não tinha me avisado que não ia? Quando ele foi internado, ele me avisou que não iria trabalhar. Eu já estava considerando a possibilidade de ligar para o telefone celular dele ou até mesmo para a casa de seus pais quando, às 8h15, a porta se abriu e ele entrou na sala.

Henri estava em um estado deplorável: sua pele branca estava bastante avermelhada e queimada de

PERIGOSAS NACIONAIS

sol, seu corpo estava completamente banhado de suor, sua camisa grudava-se ao tronco, seus cabelos estavam totalmente desgrenhados, sua respiração era difícil, seus lábios e mãos tremiam e ele parecia que ia desfalecer a qualquer momento.

— Você chegou cedo para amanhã — disse ao vê-lo adentrar a sala do Núcleo de Bioética.

Henri não respondeu, apenas fez um breve gesto afirmativo com a cabeça, foi até sua escrivaninha, apoiou os cotovelos na mesa e colocou a cabeça entre as mãos, respirando muito descompassadamente.

Confesso que fiquei alarmada com a situação em que Henri se encontrava. Instintivamente, ergui-me, peguei o copo dele, enchi de água e ofereci-lhe:

— Quer água?

Henri tornou a balançar a cabeça afirmativamente e agradeceu com a voz sumida:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigado! — Após longos momentos nos quais eu o contemplava sem saber o que estava acontecendo com ele, ele pediu com a voz entrecortada: — Você... poderia... ligar o ar... condicionado... para mim?

— Claro, claro! — respondi, erguendo-me rapidamente para atendê-lo.

Após ligar o ar condicionado, retornei para perto dele e, após alguns instantes de mais contemplação, perguntei:

— Você quer que eu chame um médico? Você está passando mal...

Henri balançou a cabeça negativamente e rejeitou a hipótese ainda com a voz fraca:

— Não. Eu já... estou melhor. Acho... que não corro... mais o risco... de desmaiar. Só preciso... repousar... um pouco. — Só então, pegou o copo de água e tomou o primeiro gole com a mão ainda trêmula.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem certeza? — perguntei preocupada.

Ele fez que sim com a cabeça e eu perguntei:

— O que aconteceu com você?

Henri ainda respirava descompassadamente; mas, após um novo gole de água, respondeu com dificuldade:

— Vim... de casa... até aqui... sem carro.

Eu não consegui acreditar no que ouvi e busquei uma confirmação mais objetiva:

— Você quer dizer que você veio a pé de casa até aqui? Ou melhor, você está me dizendo que veio cadeirando de casa até aqui? — perguntei chocada.

— Sim — murmurou e, só naquele momento, pareceu ter forças para retirar as luvas de courvin que protegiam suas mãos.

— Por que você fez isso? Está louco? Onde está seu carro? — aflita, bombardeei-o com estas perguntas.

PERIGOSAS ACHERON

— O carro... está na revisão e, nesta cidade, não há... ônibus adaptado. Não... tinha outro... meio... para vir... trabalhar — respondeu ele, fitando as próprias mãos.

As mãos de Henri eram grossas, mas não o suficiente para suportar um trajeto tão longo em cadeiras de rodas sem se machucar, o que fez com que elas apresentassem bolhas e com que algumas linhas de suas palmas se abrissem em cortes superficiais; os quais, em sua maioria, não sangravam, mas ardiam segundo ele me relatou algum tempo depois.

Impulsiva, tomei suas mãos nas minhas e comecei a investigá-las enquanto proferi uma afirmativa bastante óbvia:

— Suas mãos estão machucadas.

Bastante surpreso com esta atitude minha, Henri concordou com um gesto de cabeça, mas não disse uma única palavra. Então, eu afirmei, fixando meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhar no dele no intuito de conhecer sua reação ao que eu iria falar:

— Você não precisava ter passado por isso! Bastava ter me ligado e dito: “Carol, preciso de uma carona sua hoje”. Se tivesse feito isso, eu teria pegado você em casa e você não precisaria passar por isso agora!

Henri desprendeu as mãos das minhas, desviou o olhar, fez um gesto negativo com a cabeça e, depois de tomar o último gole de água do copo, murmurou já com a respiração próxima do normal:

— Você não tem nenhum tipo... de obrigação comigo.

— Não é questão de obrigação, Henri! Não me custava nada pegar você em casa! Quantas vezes você já fez isso por mim! — rebati.

— É diferente — murmurou.

— Diferente por quê? — perguntei sem entender a perspectiva dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Você não me pediu carona, eu lhe ofereci... Se eu tivesse... telefonado para você, estaria pedindo carona... e... você se sentiria obrigada... a atender ao meu pedido — respondeu ainda ofegante, indo para o banheiro.

Henri fechou-se no banheiro e eu sentei-me à minha escrivaninha ainda atônita com o que eu acabara de presenciar. Dei-me conta de que ele tinha tantas reservas contra mim, acreditava tanto em minha rejeição contra ele, em meu ódio, que era impensável para ele pedir-me uma carona. Embora eu ainda continuasse perdida em minha luta interior entre o meu estúpido preconceito e a inclinação que sentia por ele, eu sentia-me muito mal com o fato de ele encontrar-se sempre na defensiva em relação a mim.

Quando emergi de minhas reflexões, percebi que já fazia tempo que Henri fechara-se no banheiro e ainda não tinha retornado. Preocupada com o que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

poderia ter acontecido lá dentro, levantei-me de um salto da cadeira e, ainda que eu tencionasse bater à porta, na minha impulsividade, acabei impulsionando a maçaneta da porta para baixo e, como ela não estava trancada, abriu-se à minha frente.

Henri estava sem camisa diante do espelho e tentava ajeitar os cabelos com os dedos. Ao ouvir o barulho da porta que se abria, ele voltou-me os olhos arregalados de surpresa e perguntou num tom suave, apesar do contexto ríspido e da evidente preocupação que demonstrava ao falar:

— Está doida? E se eu estivesse fazendo um cateterismo?

— Mas não está — respondi, dando de ombros, mas passando os olhos brevemente sobre os pelos de seu peito nu antes de voltar para a sala para fazer algo que eu nunca imaginara fazer antes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, você vai deixar a porta escancarada? — perguntou fazendo menção de manobrar a cadeira para ir fechar a porta; porém, antes que ele colocasse em prática sua intenção, eu estava de volta, trazendo um pente nas mãos e, antes que ele se desse conta do que eu ia fazer, corri o pente por seus cabelos.

— O que é isso? — perguntou claramente indignado com a minha atitude, segurando a minha mão e fazendo-me parar o que eu iniciara.

— Um pente — afirmei o óbvio.

— Eu sei que é um pente. Só não sei de quem ele é e o que você pensa que está fazendo — rebateu com os olhos coléricos em uma postura defensiva.

— O pente é meu e eu estava começando a pentear seus cabelos, já que você estava fazendo isso com seus dedos — expliquei com o máximo de suavidade que consegui imprimir em minha voz.

PERIGOSAS ACHERON

— Carol, você está insinuando que eu não sou capaz de pentear meus próprios cabelos? — indagou, encarando-me através do espelho com um olhar magoado.

— Não, eu não estou insinuando nada! — garanti, sustentando, também através do espelho, o olhar dele. — Eu percebi que você não tinha um pente e, como trago sempre um pente na bolsa, resolvi pegá-lo para pentear seus cabelos. Mas eu não tenho piolhos, nem ia matar você com um pente! — esclareci ainda com os olhos nos dele e a mão presa entre a dele e o pente. — Você fica sempre na defensiva em relação a tudo que eu faço! — reclamei.

Ao ouvir isso, Henri riu um riso cansado e depois perguntou com um sorriso nos lábios e o olhar mais desanuviado:

— Eu sei que você não tem piolhos, nem vai me matar com um pente, mas peço que se coloque em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu lugar. O que você faria se uma pessoa a machucasse profundamente e depois tentasse pentear seus cabelos? Como você reagiria?

Contemplei o belo rosto de Henri longamente, desentrelacei minha mão da dele, deixando meu pente em sua mão e, pousando as minhas em seus ombros nus, antes de dizer:

— Tem razão! Eu também ficaria na defensiva, mas saiba que eu me arrependo do que fiz com você. Se fosse hoje, agiria diferente, apenas diria que não posso ficar com você, não o magoaria.

Enquanto eu falava, Henri colocou a mão que segurava meu pente em seu colo, cerrou os olhos e começou a suspirar compassadamente. Quando terminei de falar, ele pediu num murmúrio:

— Por favor, não faça isso!

— O quê? — indaguei.

— Por favor, tire as mãos dos meus ombros! — pediu.

PERIGOSAS ACHERON

— Por quê? — perguntei.

— Meus ombros são bastante sensíveis e o toque de suas mãos mexe comigo, me excita. Por favor, pare de me provocar! — pediu ele com calma.

Eu não resisti à perspectiva de mexer com Henri, excitá-lo, pois essa possibilidade também mexia comigo. Então, ao invés de retirar minhas mãos, resolvi acariciar-lhe os ombros e o pescoço. A reação corporal dele foi imediata: ele moveu levemente os ombros, os pelos de seus braços se eriçaram, seus lábios entreabriram-se... Ele estava mesmo excitado. Esta constatação encheu-me de um súbito prazer, o prazer de ser capaz de excitá-lo (apesar de tudo que eu fizera contra ele) e fez-me rir de contentamento e sussurrar ao ouvido dele:

— E não é que você se excita mesmo?

Ao ouvir meu riso e meu comentário, Henri interpretou errado minha atitude e achou que eu estava fazendo chacota dele. Olhei novamente para

PERIGOSAS NACIONAIS

sua fisionomia no espelho e notei a sua brusca alteração: ao invés de uma expressão de prazer, seu belo rosto e seus olhos traziam uma expressão de mágoa e dor e seus lábios, crispados de angústia, proferiram o seguinte queixume:

— Por que faz isso comigo? Por que você só me magoa? O que eu fiz contra você para você me humilhar, fazer chacota de mim assim? Poxa! Tudo em mim é motivo para você rir da minha cara! Será que você não percebe que sou uma pessoa, que tenho sentimentos e que mereço respeito?

Fiquei momentaneamente sem ação, apenas retirei minhas mãos dos ombros de Henri e permaneci ali, parada atrás dele, sem dizer uma só palavra. Diante de minha reação, ele contentou-se em observar-me, aparentemente sem entender minha reação, e esperar que eu abandonasse o meu torpor.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não quis fazer chacota de você, nem o humilhar — afirmei por fim, passando as mãos sobre meus próprios cabelos.

Henri balançou negativamente a cabeça como quem não acreditava em minhas palavras, mas não afirmou isso claramente, apenas disse calma e pausadamente:

— Carol, por favor, deixe-me sozinho! O que as pessoas vão pensar se alguém entrar na sala e nos encontrar aqui, juntos dentro do banheiro, eu sem camisa?

Eu estava tão desnorteada que não contestei Henri. Toquei minhas têmporas no intuito de conter uma dor de cabeça que sobreveio à repreensão dele e saí do banheiro confusa, sem saber como reagir. Eu não sabia mais como lidar com ele. Tudo o que eu fazia era considerado por ele como uma ameaça, uma afronta e isso era consequência do meu preconceito contra ele, da forma cruel com a qual

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu o tratara e, por isso, não devia ressentir-me, mas eu me ressentia; pois, dentro de mim, havia também aquela irresistível inclinação para ele que nem eu mesma entendia. Cabeça e coração queriam coisas diferentes e martirizavam-me acima do limite das minhas forças. Naquele momento, perguntei-me até onde e quando eu seria capaz de suportar aquilo.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 47

Pais

Henri

Quando retornei do banheiro, Carol estava debruçada sobre sua escrivaninha com a cabeça entre as mãos e um semblante de dor no rosto. Ao vê-la assim, senti-me um pouco culpado e até me arrependi do que tinha dito, mas não pude deixar de considerar que ela não agia da mesma forma em relação a mim. Mesmo assim, meu amor falou mais alto e eu me preocupei com ela a ponto de perguntar:

— Carol, você está bem?

— Estou. É só uma dor de cabeça — afirmou sem olhar para mim.

Eu amava tanto Carol e me senti tão mal por vê-la daquele jeito que olhei para ela e ouvi-me dizendo sem pensar:

— Carol, perdoe-me se fui rude com você! Essa... não era a minha intenção. É que você já me magoou tanto que, às vezes, sou mais duro com você do que gostaria. Perdoe-me!

— Não há de que você me pedir perdão, Henri — admitiu em voz baixa, mas não tornou a justificar-se por sua atitude.

Então, retornei à minha escrivaninha e telefonei para a recepção do hospital e conversei com Ariela sobre minha ausência à hora marcada com Cleyson:

— *Hospital de Reabilitação Santa Mônica, Recepção, Ariela, bom dia!*

— Ariela, bom dia! É Henri. Eu tinha uma hora marcada com Cleyson, às seis e meia da manhã de hoje, no final do plantão dele, mas tive uns

problemas e não deu para vir mais cedo. Ele deixou algum recado para mim? — perguntei.

— Ele disse para você ir fazer o curativo no ambulatório como tem feito e remarcar a avaliação para quinta à tarde.

— Certo, Ariela. Obrigado! — agradei e desliguei. Ao fazer isso, percebi que os olhos curiosos de Carol estavam sobre mim e que seus lábios ensaiavam uma pergunta:

— Henri, você está bem? Por que marcou hora com Cleyson?

— Estou. Não é nada de mais — respondi evasivamente, pois não me sentia à vontade para revelar que estava com uma úlcera de pressão. — Volto já! — completei e saí o mais rápido possível para não dar a ela ensejo de perguntar-me aonde eu iria.

Fui ao ambulatório do hospital trocar o curativo da úlcera de pressão. Lá chegando, esperei um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pouco até ser atendido por Tatiana, a enfermeira de plantão, que já me conhecia e já tinha feito o curativo várias vezes. Só que, naquele dia, ao trocar o curativo, ela informou-me que a úlcera de pressão não tinha melhorado. Ao contrário tinha aumentado de tamanho e estava no grau três.

— O que você tem feito, Henri? Não tem tomado os devidos cuidados? — Tatiana me questionou.

— Tatiana, eu tomo todos os cuidados de higiene, mas ainda não me adaptei ao calor de Jequié e vim hoje para o trabalho tocando as rodas da cadeira — afirmei, embora não admiti que muitas coisas (inclusive meu amor por Carol) fizeram-me esquecer que tenho que estar sempre atento e com um cuidado redobrado à integridade de minha pele.

— Onde você mora? — Tatiana me perguntou para poder avaliar a distância que eu percorrera.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lá no Mandacaru — respondi bastante objetivo.

— Você veio cadeirando lá do Mandacaru até o hospital? Está louco? — indagou.

— Não. Foi necessidade mesmo — garanti.

— Bem, vou ligar agora para Ariela e ver se há como agendar para Cleyson ver você amanhã de tarde — concluiu Tatiana.

Saí de lá com o curativo trocado e com a consulta com Cleyson alterada de quinta-feira de tarde para a terça-feira (no dia seguinte) às 16h. Retornei à sala do Núcleo de Bioética e imagino que, ao adentrá-la, minha cara devia estar horrível, pois Carol me olhou e perguntou:

— Aconteceu alguma coisa?

— Não — menti. — Por quê? — perguntei em seguida, evitando encará-la e, para isso, sentei-me à escrivaninha e fixei os olhos no monitor do computador.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você parece... — Carol fez uma pausa como se estivesse escolhendo as palavras; mas, instantes depois, pareceu decidir-se e completou: — abatido.

Balancei negativamente a cabeça, mas não respondi. Carol concluiu então que era ainda por causa de sua atitude no banheiro e murmurou:

— Você ainda está muito magoado comigo por causa do que eu fiz e disse no banheiro, mas juro que não era minha intenção magoar você.

— Não é nada com você. Fique tranquila! — garanti, olhando-a nos olhos e pareceu-me, pela primeira vez, que em seus belos olhos de mogno havia preocupação, preocupação comigo. Será que ela se preocupava comigo? A ideia me parecia tão surreal que concluí que estava imaginando coisas.

— E o que é então? — perguntou.

— Nada — menti novamente e fiquei com a consciência doendo, pois odiava mentir. Apesar

PERIGOSAS ACHERON

disso, tinha vergonha de admitir para ela que estava com uma úlcera de pressão.

Quando o expediente se findou, Carol aproximou-se de mim com a bolsa em volta de si e chamou-me:

— Vamos para casa, Henri?

Não respondi verbalmente, apenas balancei a cabeça positivamente e a segui pelos corredores. Enquanto caminhávamos um ao lado do outro, Carol perguntou-me:

— Quando você vai pegar seu carro na concessionária?

— Amanhã, no início da tarde — revelei.

— Então, eu lhe darei carona e lhe levarei à concessionária.

— Obrigado — agradei meio sem jeito.

Chegamos ao carro de Carol e, para minha surpresa, ela esperou pacientemente até que eu fizesse a transferência, o que foi mais difícil, pois

PERIGOSAS NACIONAIS

eu estava sem a tábua de transferência. Em vários momentos, ela me ofereceu ajuda, a qual recusei veementemente todas as vezes, apesar de reconhecer intimamente (para mim mesmo) que eu precisava de ajuda. A verdade é que eu não me sentia à vontade para aceitar nada que viesse dela, pois, em situações como esta, aflorava à minha mente uma frase que ela dissera em nosso primeiro encontro: “Eu não tenho vocação para ser enfermeira”. Diante de uma rejeição tão grande, eu não poderia solicitar nenhum tipo de ajuda ou colaboração que viesse dela.

Enquanto dirigia, Carol disse-me, olhando para o trânsito à sua frente:

— Eu só vou passar na Estrelas Fotos para pegar as fotos da minha viagem que Bel deixou lá pela manhã para imprimir e levo você para a casa de seus pais. Depois vou para a casa de meus pais,

PERIGOSAS ACHERON

almoço, pego minha valise, pego você na casa de seus pais e, então, vamos para casa. Certo?

— Por favor, não mude sua rotina por minha causa! — pedi, contemplando-a de perfil. — Não quero atrapalhar sua vida! — completei e senti um dor no coração ao pronunciar essas palavras, pois era isso que eu iria ser, um estorvo ao qual ela se sentiria obrigada a carregar por pena, enquanto eu não tivesse meu carro de volta.

— Fique tranquilo. Eu não estou mudando nada na minha rotina por sua causa. Acho que é você que acabou modificando sua rotina quando eu fui morar na sua casa — afirmou Carol, parando o carro à frente da empresa de Leno. Eu não a contestei, pois ela realmente tinha alterado a minha rotina quando se mudara para a minha casa, apesar de eu já estar totalmente acostumado com a sua presença lá a ponto de sentir desesperadamente a sua ausência, ainda que por tão pouco tempo, e de não querer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

admitir isso para ela. — Volto já! — disse ela, dirigindo-me seu belo olhar de mogno e deixando o carro.

Carol retornou rapidamente com o pacote nas mãos, entrou no carro e, antes de dar a partida, pediu-me:

— Segura para mim?

— Claro — respondi, recebendo o pacote de suas mãos.

— Estou doida para saber que fotos foram impressas — comentou, olhando para o trânsito movimentado à sua frente.

— Ué, você não sabe? — Estranhei, encarando-a.

— Não. Foi Bel quem escolheu as fotos que seriam reveladas — respondeu, rindo e dirigindo um olhar para mim.

— Geralmente é o dono das fotos quem as escolhe. — Observei, olhando para ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, é verdade! Sou eu quem geralmente escolhe as fotos para imprimir. Mas, desta vez, enjoei bastante na viagem, cheguei em casa muito cansada e Bel pediu para vê-las e escolher as que seriam impressas. Estava TÃO grogue que deixei! — justificou, novamente dispensando-me um olhar.

— Ah! — murmurei enquanto ela parava o carro na porta da casa de meus pais.

— Bem, chegamos — Carol afirmou. — Posso pegar você aqui dentro de mais ou menos uma hora? — perguntou.

— Olha, Carol, primeiramente MUITO obrigado mesmo pela carona! Seria MUITO difícil mesmo para mim se eu tivesse que vir cadeirando do hospital até aqui sob este sol escaldante. Eu... acho que não aguentaria — admiti. — Segundo, você não precisa vir me buscar aqui. A minha casa é bem perto. Posso ir sozinho — completei, olhando nos olhos dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Eu faço questão de vir buscar você — rebateu, erguendo-se do carro e, antes que eu pudesse argumentar, minha mãe apareceu na porta e se aproximou de nós.

— Meu anjo! Você veio com uma amiga! — disse minha mãe, aproximando-se mais.

— Boa tarde! — Carol saudou-a com um sorriso nos lábios, após retirar a minha cadeira de rodas do porta-malas do carro.

— Ah! Você é a moça que foi visitar o meu menino no hospital quando ele estava com infecção urinária! — Minha mãe lembrou-se, enquanto eu (com a cadeira já armada) fazia menção de iniciar uma transferência sem tábua. — Espere, filho, que eu vou chamar seu pai para pegar você! — completou ela, retornando para dentro de casa.

— Seu pai sempre pega você no carro? — Carol me perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Hoje é porque minha mãe percebeu que eu estou sem a tábua de transferência, mas eles me superprotegem um pouco na medida em que eu não consigo impedir essa superproteção — expliquei um pouco constrangido. — Eu falei para você que a minha tetraplegia afetou um pouco a percepção de meus pais em relação a mim — completei já sem graça e entregando o pacote de fotos de volta para ela.

— Sim, eu me lembro — confirmou séria como se estivesse avaliando a situação, enquanto sentava-se novamente no banco do motorista do carro.

Meus pais retornaram em seguida e meu pai tomou-me nos braços, conduzindo-me para dentro de casa, mas eu consegui perceber que minha mãe convenceu Carol a almoçar conosco.

Fui conduzido por meu pai ao banheiro e, de lá, para a mesa de almoço, onde minha mãe e Carol nos aguardavam. O almoço foi agradável, apesar de

PERIGOSAS ACHERON

conversarmos sobre coisas sem importância e de, durante todo o tempo, eu ser tratado como uma criança, o que me deixava constrangido em relação a Carol; pois ela não me via como um homem e isso reforçaria mais seus pensamentos preconceituosos, embora eu soubesse que essa não era a intenção de meus pais e que eles não faziam isso para me prejudicar, e sim, por me amar demais e não conseguirem compreender que sexualidade não é incompatível com deficiência.

Findado o almoço, meu pai tornou a pegar-me no colo e colocou-me no lugar do carona no carro de Carol. Ela sentou-se ao meu lado e telefonou para a sua mãe em viva-voz:

— Mãe? É Carol.

— *Oi, filha!* — disse Thamara.

— Mãe, estou passando aí em cinco minutos. A senhora pode me entregar minha valise na porta?

— *Não vai almoçar?* — perguntou Thamara.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já almocei. Fui convidada para almoçar pela mãe de um amigo. Foi um convite relâmpago, não deu para avisar com antecedência — explicou.

— *Certo, Carol. Eu lhe entrego a valise na porta*
— Thamara concordou.

— Obrigada, mãe! — agradeceu, desligou o telefone celular e, em seguida, olhou para mim, perguntando: — Você se importa que eu vá pegar minha valise na casa de meus pais antes de irmos para casa? Serão só cinco minutinhos...

— Não, não me importo. Você é quem manda!
— concordei e a verdade é que eu não estava em posição de discordar.

— Então, vamos, “anjo”! — disse Carol com um sorriso malicioso e enfatizando vocalmente a palavra “anjo” em tom de ironia.

Olhei para Carol, franzi o cenho e pedi:

— Por favor, Carol, não faça chacota!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estou fazendo chacota. Só acho engraçado sua mãe achar que você é um anjo! — afirmou.

— Você me acha uma pessoa bastante desprezível, não é? — presumi entristecido com o juízo que Carol fazia de mim. — E sei lá, talvez, você tenha razão... Mas minha mãe me vê com os olhos de mãe, com os olhos de uma superproteção exagerada e não vê meus defeitos — completei enquanto ela começava a manobrar o carro para ir à casa de seus pais.

— Não, Henri. Agora é você que está fazendo um juízo errado de mim. Eu brinquei com você usando a palavra “anjo”, porque eu acho que, mesmo não podendo satisfazer uma mulher, você não é totalmente assexuado. Alguém totalmente assexuado não beija do jeito que você beija! — explicou, já guiando o carro em direção à casa de seus pais.

PERIGOSAS ACHERON

É óbvio que as palavras dela me deixaram magoado! Tão magoado que preferi não responder, até porque não ia adiantar. Eu só iria me desgastar ainda mais do que já me desgastara naquele dia. Por mais que eu deixasse claro que não era assexuado, pelo jeito ela nunca ia entender isso.

Carol parou o carro à frente da casa de seus pais e sua mãe aproximou-se do carro com a valise em uma das mãos e saudou-nos:

— Boa tarde!

— Boa tarde! — Eu e Carol respondemos ao mesmo tempo.

— Heleno, que surpresa! — exclamou Thamara ao ver-me.

Eu sorri e respondi:

— Eu não sou Heleno. Sou Henrique, irmão gêmeo dele.

— Nossa! Vocês são idênticos! Só prestando MUITA atenção é que dá para perceber que você é PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um pouco mais magro que ele e tem um sotaque um pouquinho diferente. Eu nunca o vi por aqui — observou Thamara, sorrindo.

Fisicamente, Thamara não se pareceria com Carol. Parecia-se com Belanira. Era alta, esguia, morena, de cabelos negros e encaracolados na altura dos ombros e olhos claros. Só o sorriso lembrava o de Carol.

— Eu morei vinte anos em São Paulo — revelei.

— E voltou para ficar — Thamara concluiu.

— Não. Estou apenas de passagem. Vou retornar para São Paulo assim que terminar o trabalho que vim fazer aqui — revelei.

— Você deixou a família em São Paulo? — Thamara perguntou-me.

— Não, não sou casado e não tenho família — admiti.

— É na casa dele que estou morando, mãe — disse Carol.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, ele é o cade... — Thamara interrompeu constrangida ao perceber que eu a olhava.

— Sim, eu sou cadeirante — afirmei, sorrindo.

— Eu não sabia. Perdoe-me!

— Não há de que perdoar. Eu sou feliz assim! — garanti, sorrindo e estava sendo verdadeiro, pois eu estava vivo e tinha minha independência, apesar do grave acidente que sofri.

— Bem, mãe, nós temos que ir — disse Carol.

— Então, vão com Deus! — desejou Thamara.

— Foi um prazer conhecê-lo, Henrique! — disse ela, estendendo-me a mão.

Toquei timidamente a mão de Thamara e disse:

— O prazer foi meu.

Thamara sorriu sem nenhum traço de constrangimento no rosto e disse:

— Tchau!

— Tchau! — Eu e Carol retribuímos a um só tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Carol deu a partida no carro em direção à minha casa e agradeceu-me:

— Obrigada por não recriminar minha mãe por causa do que ela falou!

— Não tinha por que fazer isso. Além do mais, eu não tenho vergonha de ser cadeirante. Eu assumo o que eu sou — afirmei.

— Eu o admiro por isso — Carol disse, embora eu não acreditasse nisso. — E você vai mesmo voltar para São Paulo depois da implantação completa do Núcleo de Bioética e do CEP?

— Sim, eu vou. Já está decidido — afirmei, olhando fixamente para o seu perfil.

Neste momento, ela voltou um olhar indefinível para mim e perguntou-me:

— E a sua família? Seus pais e irmãos?

— Eles vivem muito bem sem mim — garanti, dando de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas você fará falta ao Núcleo de Bioética e ao CEP.

— Não, não farei. Qualquer um que tem participado das reuniões do núcleo poderá coordená-lo. Você poderá coordená-lo. Depois que terminar o mestrado, estará pronta para isso! Eu vou sugerir seu nome na última reunião da qual participarei — rebati convicto do que dizia. — Você pode comemorar por antecipação. Não vou voltar atrás! E nós nunca mais nos veremos! — garanti, embora a perspectiva de nunca mais vê-la doesse em meu coração.

Carol dispensou-me outro olhar indefinível, mas não disse nada. Acho que, naquele momento, ela não se sentiu à vontade para externar toda a sua felicidade pela iminência de minha partida.

Instantes depois, entrávamos em casa e, antes que eu pudesse adentrar meu quarto, Carol pediu,

PERIGOSAS ACHERON

abrindo um compartimento na parte da frente de sua valise:

— Espere!

Parei a cadeira de rodas, manobrei-a e, encarando Carol, esperei sem entender o motivo de seu pedido. Ela retirou de sua valise um embrulho vermelho metálico, ornado com uma fita da mesma cor, e estendeu-o a mim, dizendo:

— Eu trouxe para você de Ilhéus.

— Um presente? — indaguei sem acreditar no que via e ouvia. Se ela me odiava, por que tinha trazido um presente para mim?

— Não é um presente. É uma pequena lembrança — esclareceu, mas eu ainda continuava sem entender a atitude dela. — Pegue! É seu! — sugeriu, já ao meu lado, tocando minha face com um beijo suave.

Envergonhado, tomei o embrulho e o abri, deparando-me com o livro “O sentido da vida” e

PERIGOSAS ACHERON

com uma pequena dedicatória, em letra grande e bonita, na contracapa:

“De Carol para Henri, uma pequena lembrança de Ilhéus.

Ilhéus-Bahia-Brasil, 04 de abril de 2009”

— Por que me deu este livro, Carol? — perguntei confuso, embora eu quisesse mesmo saber o motivo do beijo.

— Não gostou? Como eu não sabia que livro você gostaria de ler, optei por comprar esse.

— Não é isso que eu quero saber, Carol. Eu quero saber por que você está me dando um presente — esclareci.

— Porque eu me lembrei de você lá e senti vontade de comprar alguma coisa para você — disse sem nenhuma reação.

— Obrigado! — agradei timidamente, pois a explicação dela, embora parecesse convincente, não o era para mim, mas eu não quis insistir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não quer ver as fotos comigo? — ofereceu com um olhar que parecia esperançoso.

— Você quer que eu veja as fotos com você? — perguntei sem acreditar. Eu estava estupefato com a reação dela naquela tarde.

— Quero — Carol afirmou, encarando-me. — Venha ver as fotos comigo! — pediu por fim.

Eu balancei a cabeça afirmativamente, Carol sentou-se à beirada do sofá e eu posicionei minha cadeira de rodas de modo que ficasse relativamente perto dela. Ela abriu o pacote com as fotografias e começou a passá-las de modo que eu pudesse vê-las também:

— Você já foi em Ilhéus, Henri? — Carol indagou quando tinha nas mãos uma bela fotografia do mar.

— Você se esqueceu que eu vim para a Bahia de avião e que desci lá? — indaguei, fitando-a. — Foi você quem tirou esta foto?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Fui eu — confirmou, sustentando meu olhar com os olhos de mogno reluzentes. — Mas não foi isso que eu quis perguntar. O que eu quero mesmo saber é se você já foi a Ilhéus a passeio.

— Sim, já. Antes do acidente.

— Sabe, lá em Ilhéus, teve um momento em que eu me dei conta de que não estava em um hotel acessível. Então, comecei a pensar em como pessoas como você viajam... Imagino que deve ser... um pouco difícil — disse Carol, escolhendo as palavras para falar. Imagino que, naquele momento, ela não quisesse me magoar.

— Sim, é um pouco mais difícil, pois nem todos os lugares e hotéis são adaptados e os que são adaptados geralmente são mais caros, mas viajamos como qualquer pessoa. Eu mesmo já viajei algumas vezes — afirmei, oscilando o meu olhar entre a fotografia e o olhar dela que estava tão intenso que

PERIGOSAS ACHERON

eu tinha medo de perder-me nele e não conseguir me controlar.

— Aonde você foi? — perguntou.

— Em vinte anos, eu já fui há alguns lugares! — respondi evasivo, pensando em não responder à pergunta, mas depois voltei atrás e completei: — A primeira viagem que fiz foi seis anos depois da lesão e, como queria ir para longe, uni este desejo a minha vontade de praticar o meu inglês. Passei uma semana na Inglaterra e, de lá, fui para a Holanda, que também acho linda, e passei mais uma semana. Depois só viajei pelo Brasil mesmo: Curitiba, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Fortaleza.

— Nossa! Você deve ter conhecido lugares muito bonitos! — exclamou, sorrindo. — Com quem você foi?

— Sim, eu conheci lugares lindos — afirmei para, em seguida, dar de ombros e responder: — Em todas as vezes, eu fui sozinho. Não preciso de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acompanhantes para viajar. Posso viajar sozinho como qualquer pessoa.

Carol não disse nada, apenas permaneceu calada, passando mais uma foto como se não soubesse ou não quisesse falar mais nada. Então, enchi-me de coragem e perguntei:

— Carol, por que você... me beijou?

— Eu beijei você?! — perguntou com um tom de estranhamento na voz.

— Sim. No momento em que me deu o livro de presente. Por quê? — esclareci meio chateado; pois, se ela já não mais se recordara do beijo, ele definitivamente não significara nada para ela.

— Ah! Aquele beijinho? Foi só... — Carol interrompeu, movendo os ombros num movimento que, para mim, significava indiferença. — um gesto de atenção, amizade. Você não está pensando que eu...? — Ela fixou um olhar sério em mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, eu não estou pensando em nada, Carol. Eu já estou cansado de saber que você não quer nada comigo, que você não gosta de mim, que me odeia e é por isso que eu não entendi o porquê daquele beijo. Eu nem devia ter perguntado o motivo, pois é evidente que era algum tipo de ironia sua! — rebati irritado, sustentando com fúria o olhar dela que passava de sério a ofendido.

— Aquele beijinho não foi uma ironia! — afirmou, passando mais uma foto e encontrando, com um olhar que parecia surpreso, uma das fotos em que estávamos juntos no balanço.

— Carol! O que eu pedi a você? Que você não imprimisse essas fotos na Estrelas Fotos! E você fez justamente o contrário! Poxa! Não dá para você atender a um único pedido meu? — repreendi-a realmente magoado. — Certamente, Leno vai me cobrar explicações!

PERIGOSAS ACHERON

— Primeira coisa: eu já tinha até decidido não imprimir estas fotos nossas no balanço, mas baixei para o computador e esqueci-me de apagá-las da câmera fotográfica. Como você já sabe, não fui eu quem escolheu as fotos para impressão, foi Bel. Então, ninguém tem culpa pelo que aconteceu. Além disso, como ele vai adivinhar que estas fotos foram impressas lá? Ele olha todas as fotos que são impressas lá? E você tem que dar satisfação de tudo que faz para ele? E se tivéssemos nos agarrado? E daí? O que ele teria a ver com isso? — Carol protestou bastante irritada.

Como Carol realmente não tinha culpa da impressão das fotos, concentrei-me em tentar explicar-lhe o transtorno que este fato iria causar-me:

— Sim, Carol, você não teve culpa. Concordo. E meu irmão não olha todas as fotos que são impressas lá. Mas lembre-se de que somos gêmeos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e as pessoas que imprimiram a foto podem ter comentado ou até mostrado a Leno a suposta foto dele (que, na verdade, é minha) com outra mulher. Quanto a dever satisfações a ele, não, eu não devo satisfações a Leno sobre o que eu faço com você, nem com qualquer outra mulher. Aliás, nem a ele, nem a ninguém. Sou um homem adulto, independente e dono do meu nariz. Mas ele é meu irmão, nos amamos, temos uma grande amizade e não vou mentir para ele.

— Mas gostaria que eu omitisse a foto! — Carol tornou a falar.

— Não seria omissão. Só não gostaria que ninguém a visse! — afirmei já chateado. — Mas, se você deseja o contrário, vá em frente! Divulgue-a! Coloque-a na internet, em um *outdoor* no meio da rua ou onde você quiser! — concluí, manobrando minha cadeira de rodas para ir para o quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está me desafiando, Henri? — esbravejou e eu não respondi. — Henri! Eu estou falando com você! Responda-me! — Carol exigiu com o rosto contraído e a voz alterada.

Segurei a maçaneta da porta, suspirei e retruquei com sinceridade:

— Carol, eu não estou em condições de brigar com você agora. Eu realmente preciso tomar um bom banho e cair na cama. Então, você é livre para fazer a interpretação que desejar.

Dito isto, entrei em meu quarto, fechei a porta, tomei um bom banho, vesti apenas a cueca, deitei-me na cama e adormeci. Já era noite quando eu acordei com Carol batendo na porta e perguntando:

— Henri, você não vai jantar hoje?

— Vou — confirmei, erguendo-me para colocar um short e uma camiseta. — Você tem noção de que horas são? — perguntei ainda sonolento.

— São 19h30 — Carol respondeu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigado — agradei.

Quando abri a porta do quarto, encontrei Carol na soleira com um ar meio assustado:

— Você está bem, Henri?

— Sim — afirmei sem ter muita certeza do que dizia.

— Você está com cara de sono.

— Dormi a tarde toda e acordei agora com você me chamando para jantar. Estava MUITO cansado. Acho que vou demorar a dormir esta noite — expliquei.

Após o jantar, desejei uma boa-noite a Carol, recolhi-me ao meu quarto, escovei os dentes e fui acessar a internet. Como Rosa ainda estava viajando, dediquei-me à pesquisa de alguns artigos para o meu relatório de pós-doutorado. Parei à meia-noite, tomei um pouco de água (eu sempre trazia para o quarto uma garrafinha com água para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu não ter que ir à cozinha no meio da noite) e deitei-me para dormir.

O sono demorou muito a chegar e foi inevitável pensar em uma série de coisas: no meu amor por Carol que, ao invés de extinguir-se, fortalecia-se cada vez mais; na forma como ela me tratava, às vezes, doce, quase carinhosa e outras cheia de preconceito e de uma espécie de raiva imotivada; no porquê ela morava comigo se me odiava tanto (vingança?); em Rosa, tão carinhosa e compreensiva, a pessoa com quem talvez eu pudesse ser feliz se pudesse amá-la, mas não podia; no fato de ter ido cadeirando para o trabalho naquele dia, o que esgotara as minhas forças; no que iria me acontecer já que a úlcera de pressão piorara ao invés de melhorar (será que meu organismo estava se autossabotando por causa de meus conflitos emocionais?). Meu corpo cedeu ao

PERIGOSAS ACHERON

sono às quatro da manhã e acordei às seis com o despertador do meu telefone celular.

Tomei o café da manhã com Carol e fui para o trabalho de carona com ela. O clima continuava ruim entre nós, depois daquela discussão na tarde do dia anterior; mas, mesmo assim e praticamente sem conversarmos, almoçamos juntos no hospital e ela levou-me à concessionária, onde peguei meu carro e retornei para o hospital para a consulta com Cleyson.

Após esperar cerca de uma hora para ser atendido, chegou a minha vez de consultar-me com Cleyson.

— Boa tarde, Henri! — Cleyson saudou-me quando entrei em seu consultório.

— Boa tarde, Cleyson! — retribuí.

— Fui informado que sua úlcera de pressão piorou — Cleyson começou.

— Sim, é verdade — admiti.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos avaliá-la! — disse Cleyson, erguendo-se.

A avaliação de Cleyson foi bastante criteriosa e cuidadosa e, depois de findá-la, ele concluiu:

— A úlcera de pressão está em grau 3. Vou passar alguns exames para você fazer amanhã. Vou solicitar urgência nos resultados e você deve trazê-los para mim no dia 13, logo depois do feriado da Páscoa. Se você estiver em condições de ser operado, vamos realizar o fechamento desta úlcera de pressão já no dia seguinte, na terça-feira.

— Certo — concordei.

Nos dias que se seguiram, conciliei exames e trabalho, apesar de não ter sido algo muito fácil. Carol notava o meu ir e vir e perguntava, mas eu sempre dava respostas evasivas, mesmo sabendo que teria que contar a ela, porque ela morava na minha casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Como eu iria precisar de um táxi na terça-feira (se fosse passar mesmo pela cirurgia) e para retornar para casa quando saísse do internamento, escolhi a forma mais simples de contar: faria isso na quinta-feira de manhã quando pedisse a indicação de um serviço de táxi que tivesse disponibilidade em transportar cadeirantes.

— Carol, você conhece algum serviço de táxi ou tem um número de algum taxista? — perguntei-lhe de manhã bem cedo assim que chegamos ao trabalho.

— Sim, conheço — afirmou.

— E eles transportam cadeirantes? — indaguei.

— Nunca perguntei, mas creio que sim. Por quê? — perguntou por fim.

— Porque é provável que eu vá precisar de um táxi na terça-feira — respondi sem ter coragem de encará-la, embora sentisse que seus olhos de mogno estavam sobre mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Por quê? — tornou a perguntar. Eu sentia a força de seu olhar sobre mim, parecia querer me transpassar.

— Porque é bem provável que eu passe por um procedimento cirúrgico nesta data — revelei, encarando minhas próprias mãos para não a encarar.

Carol puxou sua cadeira para perto de mim, sentou-se, tocou minhas mãos para atrair meus olhos para si e perguntou-me com a voz baixa e calma:

— É por isso que você está numa correria nos últimos dias?

— Sim — admiti.

— Que tipo de cirurgia você vai fazer? Está doente?

— Eu não me considero doente. A cirurgia é para fechar uma úlcera de pressão — revelei. — Úlceras de pressão são lesões na pele, feridas, classificadas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em quatro graus de acordo com o nível de comprometimento dos tecidos. Pessoas que ficam muito tempo numa mesma posição e têm limitações de movimentos têm mais propensão de desenvolvê-las. Eu estou com uma úlcera de pressão grau três, na qual há a destruição dos tecidos moles e necrose do tecido subcutâneo. Como o tratamento convencional não está resolvendo muito para mim, é provável que eu seja submetido à cirurgia — expliquei, desviando o olhar para nossas mãos unidas e, pela primeira vez, senti uma grande vontade de desvencilhar minhas mãos das dela, pois não me sentia confortável relatando-lhe essas coisas.

— Sua família já sabe disso? — Carol perguntou-me e eu voltei os olhos para o seu rosto, identificando automaticamente a pena que havia neles. Eu odiava que ela sentisse pena de mim!

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Eu não quero que saiba! — afirmei. — Por favor, não conte a ninguém! Ninguém mesmo! Não fale nada do que acabei de lhe contar aqui para ninguém! Guarde esse segredo meu! Por favor! — pedi, fixando o rosto dela que assumia uma feição preocupada.

— Por que você não quer que ninguém saiba?

— Porque eu não quero mais ver minha mãe sofrer ou chorar por minha causa. A primeira vez que eu tive uma úlcera de pressão, logo depois da lesão, ela ficou desesperada, achou que eu ia morrer. Não quero que isso aconteça de novo! — expliquei ainda fitando-a.

— E você corre risco de morte? — Carol me perguntou com os olhos arregalados.

— Bem, toda úlcera de pressão não tratada pode levar à morte. Se a úlcera que eu tenho continuar como está e piorar, corro risco de morte, mas isso não vai acontecer — afirmei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sinto muito, Henri! — Carol disse, apertando levemente as minhas mãos.

— Não sinta! Não quero sua pena!

— Não seja orgulhoso! — retrucou.

— Não estou sendo orgulhoso, só estou me resguardando. Eu me lembro de tudo o que você me disse em nosso primeiro encontro, sabia? — contra-argUMENTEI.

Carol não respondeu, apenas soltou uma de suas mãos das minhas e fechou-a fortemente, enrijecendo o pulso e contraindo a própria face.

— Você promete que vai guardar segredo? — perguntei, olhando para ela fixamente.

— Prometo — respondeu com um suspiro.

— Obrigado! — agradei, desviando os olhos. — Quais os números de telefone dos serviços de táxi? — indaguei, tirando o telefone celular do bolso para armazenar os números nele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Para que mesmo você quer os números? — Carol questionou.

— Ora, para quê? — indignei-me. — Eu provavelmente vou fazer uma cirurgia e posso até vir dirigindo, mas não quero deixar o carro aqui durante todo o tempo em que estiver internado e não sei se é recomendado voltar para casa dirigindo, pois precisarei de repouso para me recuperar — esclareci. — Mas se não quer fornecer os números, pesquiso no 102 na internet. Aliás, era isso que eu deveria ter feito.

— Não é necessário. Eu trago você para a cirurgia e levo você para casa quando você sair do internamento — Carol afirmou, olhando para mim.

— Você não precisa fazer isso e nem eu estou pedindo que você faça. Você não tem nenhum tipo de obrigação para comigo! — rebati sem ter coragem de encontrar o olhar dela, pois eu tinha medo de que pudesse ver pena neles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei que não tenho nenhum tipo de obrigação com você e sei também que você não está me pedindo nada. Mas eu quero fazer isso! Não me custa nada! Eu já venho mesmo para cá todos os dias! É só dar-lhe carona! — Carol argumentou, libertando minhas mãos da sua e mantendo seus olhos sobre mim. Como as suas palavras me convenceram, permiti-me encontrar seus olhos e, ao contrário do que eu imaginava, neste momento, encontrei neles apenas a tenacidade de sua decisão.

— Está bem. Aceito sua carona — disse por fim.

— Hoje à noite você me informa que horas terei que trazê-lo para a cirurgia? — perguntou em voz baixa, erguendo-se da cadeira.

— Sim, informo e, mais uma vez, agradeço sua boa vontade — murmurei.

— Disponha! — afirmou, deixando a sala em que trabalhávamos.

PERIGOSAS ACHERON

De tarde, tive outra consulta com Cleyson, na qual entreguei os exames e a cirurgia foi marcada para a próxima quarta-feira às quatro da tarde, horário este que comuniquei para Carol à noite, durante o jantar.

— Certo, sem problema — respondeu quando lhe comuniquei o horário, apesar de este ser distante de seu horário de trabalho.

Findado o jantar, arrumei a cozinha, fui para o meu quarto, escovei os dentes e entrei na internet para conversar com Rosa, afinal aquele era o dia em que ela voltara de viagem e retomariíamos nossos encontros virtuais. Todavia, na verdade, seria uma conversa para marcar uma nova interrupção, pois logo eu seria operado e, provavelmente, passaria algumas semanas no hospital sem acesso à internet. Ao pensar nisso, senti como se o destino conspirasse contra nosso relacionamento virtual e a favor desse meu amor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

insano por Carol, apesar de eu imaginar que também passaria sem vê-la o tempo em que estivesse internado.

Quando entrei no chat, Rosa já estava lá me esperando:

— Boa noite, Rosa! — saudei-a.

— Boa noite, Henri!

— Como você está? Como foi sua viagem, querida? — indaguei ansioso para saber as novidades da vida dela.

— Eu estou bem. Eu não atingi o meu objetivo com a viagem, mas foi tudo bem — respondeu. — E você? Como está?

— Bem, eu lamento que você não tenha conseguido atingir seu objetivo, mas faço votos que ainda o consiga, se é o que realmente quer — desejei.

— É sim — afirmou. — Mas conte-me como você está!

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou bem, mas bastante ansioso, pois na terça-feira vou passar por uma cirurgia — relatei.

— Ah, certo — respondeu displicentemente, o que me surpreendeu, pois imaginei que ela fosse me fazer um monte de perguntas.

— E eu imagino que terei que ficar algumas semanas sem conversar com você.

— É, vamos ficar um bom tempo sem conversar, mas talvez isso seja bom — disse Rosa.

— Você já está arrependida de conversar comigo — concluí.

— Não, não é isso, Henri — garantiu.

— Rosa, eu entendo que você não goste de mim e até prefiro assim, pois me odiaria se fizesse você sofrer, pois ainda amo a outra moça. Também vou entender se você preferir não conversar mais comigo — afirmei.

— Mas eu gosto de você, Henri! Pensei em você durante toda a minha viagem! Só não sei se é da
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

forma como você merece ser amado. E não estou querendo pôr um ponto final em nossas conversas, mas eu estou realmente muito confusa — Rosa revelou, deixando-me preocupado.

— Rosa, eu me sinto lisonjeado com o seu carinho e não quero machucá-la. Eu já fui muito machucado e não quero que você passe pelo mesmo tipo de dor que eu passei — afirmei martirizado com a possibilidade de ela vir a me amar, um amor que eu não poderia retribuir, pelo menos não enquanto amasse Carol. — Por que está confusa? — perguntei.

— Porque não podemos continuar assim! E eu não sei o que fazer! Quanto mais eu busco uma solução, mais difícil se torna encontrá-la.

— Do que você está falando, Rosa? — indaguei.
— Agora é você quem está me deixando confuso
— assumi sem saber ao que ela estava se referindo.

PERIGOSAS ACHERON

— Perdoe-me! É que eu mesma estou confusa. Há coisas sobre mim que você não sabe e que eu preciso contar, mas não sei como fazer isso. E imagino que você não vai nem querer olhar na minha cara quando souber — disse bastante evasiva.

Rosa estava me deixando cada vez mais confuso e, no meio de tudo isso, eu imaginei que ela também tivesse algum tipo de deficiência e não tivesse me contado. Então, garanti:

— Rosa, eu não sou uma pessoa preconceituosa. Não vou fazer com você o que fizeram comigo. Não vou magoá-la da forma como Carol me magoou.

— Ela é uma retardada que não merece seu amor — afirmou. — Mas não é esse o meu problema — negou.

— Por favor, não fale assim de Carol. Ela não é uma retardada — defendi Carol, pois não

PERIGOSAS ACHERON

aguentava que falassem mal dela. — Então, por que não me conta qual é o problema? — sugeri.

— Este não é o momento. Não estou preparada. Acho que esse tempo que passaremos sem nos falar será proveitoso para nós dois. Eu refletirei sobre a melhor forma de lhe contar a verdade e você refletirá sobre seu relacionamento com Carol: se ela realmente merece seu amor e se vocês algum dia se acertarão.

— Você não está entendendo, Rosa. Não sou eu que não quero ficar com Carol, é ela que não me quer e não me ama! Só me resta esquecê-la! — garanti.

— Então, use o tempo que terá para esquecê-la e, quem sabe, tudo se resolverá — Rosa afirmou.

— Eu tenho tentado esquecê-la, mas é difícil — argumentei.

— Bem, haja o que houver, mesmo que você me odeie um dia, saiba que, apesar de tudo, você foi e
PERIGOSAS ACHERON

é a melhor coisa que já aconteceu na minha vida — afirmou.

Fiquei perplexo ao ouvir isso. Era a declaração de amor mais bonita que alguém já tinha me feito em toda a minha vida e tinha partido de uma mulher que nunca tinha me visto pessoalmente, que eu também nunca vira e que eu ainda não conhecia direito. Era algo muito complicado para mim! A mulher de quem eu gostaria de ouvir isso estava tão perto e nem sequer sentia um pouco de simpatia por mim. Como as circunstâncias da vida eram loucas e imprevisíveis! Foi o que eu pensei.

— Eu não sei o que dizer. — Foi o que eu digitei, após um longo período de silêncio virtual entre nós.

— Não diga nada. Eu sei o que está pensando — afirmou. — Mande-me um e-mail quando puder conversar e eu estarei aqui. Desejo a você toda a

sorte do mundo na cirurgia! — completou e desconectou do chat em seguida.

Naquela noite, pela primeira vez, Rosa me tirou o sono e eu demorei a dormir, não por amá-la (motivo pelo qual, muitas vezes, Carol tirou-me o sono), mas por deixar-me intrigado, sem saber as reais intenções dela e o que, de fato, ela me escondia. Eu só saberia depois que me restabelecesse da cirurgia. Iria demorar um pouco. O sono venceu-me de madrugada e adormeci. A minha sorte é que, no dia seguinte, começava a minha licença para tratamento de saúde e eu não precisava acordar cedo para ir trabalhar. Levantei-me às 9h, encontrei o café da manhã na mesa e um bilhete de Carol, que já tinha saído há bastante tempo para trabalhar.

*“Henri, seu café está na mesa. Retorno logo após o almoço. Tenha um bom-dia e descanse. Abraço,
Carol”.*

Sentei-me à mesa para tomar café e, enquanto comia, continuei a pensar em Rosa. Ela tinha realmente me deixado intrigado: primeiro ela disse-me que gostava de mim, depois afirmou que não sabia se era da forma como eu merecia ser amado e, por fim, declarou que eu tinha sido e era a melhor coisa que tinha acontecido na vida dela... Que confusão! Ela estava apaixonada por mim ou estava apenas entusiasmada? Quando eu saberia o que se passava com ela?

CAPÍTULO 48

Cirurgia

Carol

Confesso que eu fiquei arrasada! Até então, eu não sabia o que era úlcera de pressão; mas, ao ouvir Henri referir-se a riscos, senti-me muito mal. Meu coração foi inundado de preocupação e a impressão que eu tive era de que ele ia explodir dentro do meu peito. Ao final da conversa, tive que sair um pouco da sala, caminhar pelos corredores do hospital e tentar me distrair. Não aguentava mais ficar ali e, se ficasse, provavelmente, iria desabar. Mas por quê? Por que se o que eu sentia era apenas uma atração? Por que se eu não o amava? Eu estava cada vez mais confusa!

Retornei à sala do Núcleo de Bioética cerca de vinte minutos depois. Ao fechar a porta sobre mim, Henri olhou-me com um olhar de desconfiança e pediu:

— Perdoe-me se as coisas que eu falei para você sobre a úlcera de pressão chocaram você. Eu não imaginei que você fosse tão frágil.

— Não. Não é o que está pensando. Não sou tão frágil como você pensa — neguei, embora não quisesse admitir a verdade.

— Agradeço sua boa vontade, mas acho melhor você não me dar a carona que me ofereceu — disse, voltando atrás em relação à carona.

— Não. Eu faço questão de trazer você para o hospital! — insisti. — Será que eu não posso nem ir falar com uma amiga em outro setor que você acha que estou implicando com você? — menti, pois não achei outra desculpa mais convincente naquele momento.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está bem! Não está mais aqui quem falou! — disse Henri, erguendo as mãos como se estivesse se rendendo.

Olhei para Henri rapidamente e voltei a trabalhar sem dizer nada. Na tarde daquele dia, ele consultou-se novamente com Cleyson e a cirurgia foi marcada para às 16h da próxima quarta-feira.

Quando levei Henri ao hospital para a realização da cirurgia, parei o carro no estacionamento do hospital às 14h30, ele abriu a porta do lado do carona e, após transferir-se para a cadeira de rodas, olhou-me, sorriu e agradeceu-me:

— Muito obrigado pela carona! Você não sabe o bem que me fez.

— Não fiz nada de mais, Henri! Você me deu carona MUITAS vezes! — frisei.

— Bem, eu tenho que ir agora — disse ele, manobrando a cadeira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso acompanhá-lo até o hospital? — indaguei.

— Se é o que você quer, pode sim — afirmou com um semblante que me pareceu confuso.

— Sim, é o que quero — afirmei.

Caminhamos lado a lado e em silêncio até a porta do hospital quando Henri voltou-se para mim, estendeu-me a mão e disse:

— Obrigado.

— Está tão ansioso assim para se ver livre de mim? — perguntei, rindo em um tom claro de brincadeira.

— Não. Por quê? — Henri compreendeu que eu estava brincando e perguntou-me rindo também.

— Eu... — interrompi e ele fixou os olhos em mim, esperando — gostaria de acompanhá-lo hoje até o quarto e amanhã até momento da sua entrada no centro cirúrgico — expliquei por fim, antes de perguntar: — Posso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se é o que você quer, claro que pode. Só não entendo o porquê — falou sério. Eu não lhe expliquei o motivo de querer acompanhá-lo naquele instante e no dia seguinte até o centro cirúrgico, pois nem eu mesma sabia o real motivo disso. E ele não me perguntou, nem insistiu no assunto. Calou-se e entrou no hospital seguido por mim. Acho que ele estava gostando de estar acompanhado.

Da recepção, fomos direcionados ao quarto no qual Henri deveria ficar internado até a realização da cirurgia. Então, despedi-me dele e, no dia seguinte, retornei cerca de duas horas antes do horário marcado para o procedimento. Instantes depois, o enfermeiro de plantão abriu a porta do quarto e nos informou que Henri deveria tomar banho, vestir o avental cirúrgico e esperar ali para ser levado ao centro cirúrgico.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você pode me dar licença para que eu possa... tomar banho e trocar de roupa? — pediu Henri com os olhos pousados no chão em uma indicação clara de embaraço.

— Claro — afirmei, dirigindo-me à porta do quarto. — Se precisar de algo, é só me chamar — ofereci.

— Obrigado — agradeceu sem entusiasmo e eu cerrei a porta atrás de mim.

Esperei cerca de quarenta e cinco minutos sentada em um banco no corredor. Acho que as pessoas que me conheciam e me cumprimentavam ao passar se perguntavam: “Ué, o que Carol está fazendo aqui?”, mas ninguém chegou a externar isso. Deduzi por seus rostos interrogativos que me perscrutavam ao passar por mim.

Findados os quarenta e cinco minutos sem que Henri se manifestasse ou me chamasse, bati à porta e, abrindo uma tênue fresta, indaguei:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Henri, já posso entrar?

— Já — respondeu objetivo.

Adentrei o quarto cautelosa e meio sem jeito, pois teria que evitar ao máximo as oportunidades de chateá-lo, as quais eram sempre muitas. Mas Henri também parecia estar de muito bom humor naquela tarde ou esforçava-se por transmitir esta impressão, tanto que sorriu ao me ver entrar novamente no quarto.

— Pensei que já tinha ido embora — observou ainda sorrindo e deitado de lado na cama, vestido com o avental cirúrgico e coberto com o lençol até a cintura.

— Não. Eu vou acompanhá-lo até o momento em que você entrar na sala de cirurgia — afirmei. Ao ouvir isso, ele dirigiu-me um olhar repleto de surpresa e estranhamento por minha atitude, mas novamente não me perguntou nada e eu, mais uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vez, fingi não perceber seu olhar, pois também não sabia explicar.

Houve um momento de silêncio entre nós que me pareceu interminável e no qual nos olhávamos mútua e ansiosamente como se esperássemos que o outro quebrasse o silêncio. Por fim, eu o quebrei perguntando:

— Por que está deitado de lado?

— Por causa da úlcera de pressão. Estou evitando, o máximo que posso, pressioná-la — explicou com os seus belos olhos azuis fitos em mim.

— Posso ver sua úlcera de pressão? — pedi, encontrando seu olhar com o meu.

— Eu não acho apropriado. Não é algo bonito de se ver e, além disso, ela... — ele interrompeu.

— Vamos, Henri! Deixe-me ver a úlcera! Eu preciso ver o que realmente há com você! — insisti ainda com o olhar ligado ao dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por quê? Para que você quer ver a úlcera de pressão? — perguntou ficando sério repentinamente.

— Porque eu estou preocupada com você e nem sei como é essa ferida que precisa ser fechada em uma cirurgia. Isso me angustia muito, sabia? — respondi totalmente sincera.

— Tem certeza de que é isso que você realmente quer? — perguntou com um suspiro como se ainda meditasse se atenderia ao meu pedido ou não.

— Tenho sim — afirmei.

— Certo — disse, incrédulo.

— Vai me deixar ver a sua úlcera de pressão? — perguntei sem saber o que significava a resposta que ele me dera.

— Se é o que você quer... — respondeu displicente.

— É sim — reafirmei.

PERIGOSAS ACHERON

— Então, dê a volta na cama e erga o lençol só um pouquinho. Não quero exhibir minha nudez para você — disse Henri e eu percebi que o tinha deixado nervoso ao pedir para ver a úlcera de pressão. Quase voltei atrás; mas, pelo que eu conhecia dele, seria pior se eu desistisse naquele momento.

Permaneci em silêncio para não o irritar mais e fiz exatamente o que mandou: dei a volta na cama, ergui um pouquinho o lençol e deparei-me com uma ferida em carne viva de tamanho médio na região sacral de suas nádegas. Confesso que não esperava o que vi. Fiquei assustada e paralisada por alguns momentos como se estivesse congelada. Como aquilo deveria ser incômodo.

Aos poucos, fui desviando os olhos da úlcera de pressão (até então meus olhos estavam grudados nela, estáticos) e percorrendo as outras partes desnudas do corpo de Henri, as quais eu podia ver

PERIGOSAS ACHERON

do ângulo em que eu estava. Vi que, próxima à úlcera, havia uma cicatriz em suas nádegas, que seus cabelos negros estavam secos e magnificamente desalinhados, que seu pescoço era escultural e convidava ao toque e ao ósculo, que suas costas eram amplas e másculas, que suas pernas magras eram esguias e estavam muito juntas para ocultar mais sobre sua nudez e que seus pés eram grandes, muito brancos e de pele delicada.

Ao dar-me conta que observava os pés dele como se fosse uma podólatra (eu não era), lembrei-me de que o vi tantas vezes de sandália ou descalço e nunca sequer notara seus pés e que, naquela situação, cada detalhe do seu corpo nu parecia saltar aos meus olhos e encantar-me com a sua beleza como se mostrasse que, apesar da úlcera de pressão (que me preocupava), ele continuava a ser extremamente atraente para mim, prendendo-me cada vez mais junto a si.

— Meu Deus! — murmurei em parte pelo estado da úlcera de pressão e em parte pela constatação de que era cada vez mais difícil para eu ficar longe dele.

Henri não respondeu. Eu abaixei o lençol, ocultando novamente o pouco que pude ver de sua nudez, e dei a volta na cama para postar-me novamente à frente dele. Feito isso, percebi que ele tinha os olhos franzidos e fechados, num semblante quase de dor, e a face corada como se estivesse envergonhado.

— Henri, está sentindo alguma coisa?

Henri abriu os olhos, assumindo uma expressão de surpresa e exclamou:

— Você não foi embora?

— Não. Por que iria? — indaguei, estranhando a surpresa dele.

— Pensei que sairia correndo daqui com nojo de mim ao ver o estado da úlcera — confessou com a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

voz calma.

— Não, não faria isso — afirmei. — Mas como você aguenta? Está em carne viva! — indaguei, olhando-o nos olhos.

— Não tenho sensibilidade na região sacral. Não sinto dor lá — afirmou novamente com a voz calma.

— Mas você tinha os olhos fechados e seu rosto estava corado — relatei.

— Eu estava envergonhado, porque você estava me vendo sem roupa — confessou.

— Eu não vi nada além do que você me permitiu ver. Só vi seu bumbum, suas pernas e suas costas. Nada além disso — assegurei com os olhos presos aos dele no intuito de demonstrar-lhe a minha sinceridade.

— Muito obrigado por respeitar a minha vontade — agradeceu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não precisa agradecer. Nunca faria com você algo que não quisesse — afirmei. — As amarras de seu avental estão abertas — observei.

— Eu sei. É que elas ficam nas costas e não é muito fácil de amarrar — relatou.

— Posso amarrá-las para você? — ofereci.

— Pode. — Ele aceitou. Eu aproximei-me dele, curvei-me, deixando meu decote em “V” acima de sua cabeça, e amarrei as fitas do avental. Enquanto fazia isso, tive a impressão de que ele olhava meu decote, mas não me importei. A esta altura, eu queria mesmo era que ele olhasse; todavia, ao me afastar dele, ele tinha um olhar impassível de candura que não parecia ter visto ou percebido nada.

— Obrigado — agradeceu por fim.

— Depois da cirurgia, você liga para mim para me dizer como está? — pedi.

PERIGOSAS ACHERON

Henri olhou para mim sério, com uma expressão que indagava “Por que essa preocupação comigo agora?”, mas ele não verbalizou a pergunta, apenas explicou:

— Olhe, Carol, é muito provável que eu receba uma anestesia geral, então eu não sei se terei condições de ligar para você. Mas prometo que, amanhã de manhã, assim que for possível, eu lhe telefono.

— Está bem. Obrigada — concordei. Neste momento, a porta do quarto abriu-se e um enfermeiro entrou para levá-lo para a sala de cirurgia. Então, impulsivamente, aproximei-me de Henri, beijei-lhe a testa e disse: — Estou torcendo para tudo dar certo na cirurgia! — E saí do quarto, não antes de perceber novamente o olhar surpreso e confuso dele.

Aguardei na sala de espera até que a cirurgia terminasse e Henri fosse conduzido ao quarto. Foi

PERIGOSAS ACHERON

uma longa espera que me pareceu interminável e imensamente desgastante. Os minutos e os segundos se recusavam a passar e eu senti-me aliviada quando, finalmente, ele deixou a sala de observação pós-cirúrgica e foi levado para o quarto. Estava adormecido e foi acomodado na cama pelo enfermeiro, Cleyson e o anestesista.

— Carol! — Cleyson surpreendeu-se ao me ver.

— Olá, Cleyson! Como ele está? Como foi a cirurgia? — indaguei ansiosa.

— Henri está bem, Carol. E a cirurgia foi um sucesso. Seu namorado é um homem muito forte — respondeu Cleyson.

— Henri não é meu namorado, Cleyson! — rebati veementemente. — Nós somos só amigos — afirmei.

— Uma amizade colorida — Cleyson brincou.

— Não. É em preto e branco mesmo — devolvi a brincadeira.

— Não é o que parece, pelo jeito que vocês se olham — comentou.

Mas, desta vez, eu o ignorei e perguntei:

— Posso ficar com ele?

— Não é necessário. Ele está bem e dormirá a noite inteira. Henri precisa descansar para se restabelecer e creio que você também, pois está com o semblante cansado. Volte amanhã de manhã para vê-lo — Cleyson respondeu, já deixando o quarto.

— Certo — concordei. — Tenham uma boa-noite! — desejei aos três homens que estavam deixando o quarto: Cleyson, o enfermeiro e o anestesista.

— Boa noite! — responderam os três a um só tempo.

Aproximei-me do leito em que Henri se encontrava adormecido de braços e contemplei-lhe o rosto angelical entregue aos sonhos, tão belo e tão

inocente! Num impulso, acariciei-lhe os cabelos e beijei-lhe novamente a testa, mas seu sono era profundo e ele não manifestou nenhuma reação aos meus gestos.

Retornei para casa, que se tornara vazia, imensa e triste sem Henri. O silêncio que reinava nela era confortável e aconchegante quando ele estava lá; mas, naquele momento, sem ele, era mortal e induzia a uma solidão dolorosa que quase me levou às lágrimas. Por que eu me sentia assim?

Com essa sensação ruim no peito, tomei banho, vesti-me e dirigi-me à cozinha; mas, ao passar à frente da porta do quarto de Henri, senti uma vontade irresistível de adentrá-lo. Aproximei-me cautelosa como se ele estivesse lá e toquei levemente a maçaneta que se abriu revelando-me o quarto dele.

Novamente deixei-me invadir pela impulsividade e adentrei o quarto de Henri, o mundo dele, seu

PERIGOSAS ACHERON

ambiente, com suas coisas, seu cheiro, sua personalidade. Olhei-o completamente, inclusive o banheiro, e não toquei em nada, exceto por uma camiseta que jazia dobrada sobre sua cama, que peguei, acariciei como se fosse ele próprio e devolvi ao lugar onde se encontrava como se nunca fora tocada.

Quando fechei a porta do quarto de Henri, o telefone tocou. Atendi. Era a voz de Henri, ou melhor, uma voz idêntica à dele, exceto pelo sotaque: a voz de Heleno.

— Boa noite, Carol! — saudou-me Heleno.

— Boa noite, Heleno! — retribuí a saudação.

— Deixe-me falar com Henri! — pediu.

— Ele não está.

— Ele não está? — Heleno indagou com um tom de voz oscilando entre a dúvida e a preocupação.

— Passei a tarde toda ligando aí e para o celular dele e não consegui falar. O celular dele continua

desligado e agora você atende ao telefone fixo e diz que ele não está — reclamou.

— É, de fato, de tarde não tinha ninguém em casa — desviei do assunto. — Mas falo para ele que você ligou — afirmei me sentindo culpada, achando que deveria falar a verdade para Heleno, mas tinha prometido para Henri que não contaria a ninguém sobre a cirurgia de fechamento da úlcera de pressão e iria cumprir a promessa.

— Você está mentindo para mim, não é? — Heleno indagou com um tom de voz irritado.

— Você está fazendo um juízo errado de mim — rebati mesmo sabendo que não estava mentindo para ele, mas omitindo a verdade.

— Olhe, Carol, eu não tenho nada contra você! De verdade, não tenho. Mas sei o quanto você machucou Henri e não quero que o machuque de novo — afirmou com um tom de voz duro.

— Heleno, eu sei que machuquei muito Henri e me arrependo disso de verdade — disse com um suspiro. — E não pretendo fazer isso de novo! — assegurei.

Heleno deu um longo suspiro, um suspiro que mais parecia de derrota ou de rendição e disse:

— Bem, já que você não vai me dizer onde ele está, peça a ele para me ligar assim que chegar. Não sei porquê, mas estou preocupado com ele. Preciso ouvir a voz de meu irmão.

— Henri está bem, Heleno. Pode ficar tranquilo que ele está bem — afirmei, tocada com o amor que Heleno demonstrava pelo irmão e tentando transmitir uma segurança que eu não tinha; pois, embora eu soubesse que ele estava bem, só o fato de ele ainda estar em processo de recuperação pós-cirurgia já me deixava preocupada.

— Está bem. Obrigado — respondeu e desligou o telefone em seguida.

Naquela noite, preferi não jantar. Preparei um sanduíche para mim e sentei-me à mesa. Enquanto comia e tomava uma caneca de leite com café, comecei a refletir sobre tudo o que sentia e sobre o que estava acontecendo comigo.

Eu não conseguia parar de pensar em Henri. Queria estar perto dele, tocá-lo, acariciá-lo e a lembrança do beijo na boca que ele me dera fazia-me desejá-lo ainda mais. Mas eu também me preocupava com o bem-estar dele, queria vê-lo com saúde, não queria machucá-lo nunca mais. Ao contrário, queria vê-lo feliz, sorrindo e tinha vontade de participar da vida dele, compartilhar seus momentos mais íntimos e a minha vida parecia incompleta sem ele. Eu o amava, constatei estupefata. Mas o preconceito ainda gritava dentro de mim.

Eu não conseguia me imaginar vivendo com alguém que eu acreditava, erroneamente, ser um
PERIGOSAS ACHERON

meio homem, alguém com quem eu achava que não poderia ter um relacionamento íntimo de fato, alguém que não poderia me dar uma família. Preocupava-me ficar limitada a ir sempre aos mesmos lugares devido à falta de acessibilidade, com a possibilidade de ter que enfrentar obstáculos ao lado dele e com o fato de ele vir a depender de mim em algum momento. Além disso, eu tinha medo do que as pessoas iam falar, do que pensariam se eu ficasse com ele... Eu achava que não teria coragem e força para enfrentar a sociedade e o próprio preconceito que havia dentro de mim.

Eu me sentia perdida. Eu o queria, mas não o queria. Eu sentia uma vontade irresistível de estar com ele, mas era frustrante não saber o que fazer com ele, não enxergar a possibilidade de dar prazer a ele e sentir prazer com ele. Ele era bonito e atraente, seu jeito tímido seduzia-me, mas vê-lo na

PERIGOSAS ACHERON

cadeira de rodas passava-me uma sensação de dependência, fragilidade, incapacidade. Eu estava perdida em contradições, minhas próprias contradições, e presa em minha fraqueza e estupidez. Como eu seria feliz desse jeito? Amando e repudiando a mesma pessoa? Eu sabia que estava estragando a minha felicidade e perdendo a pessoa que eu amava, pois eu sabia que ele estava se esforçando ao máximo para esquecer-se de mim.

Minha estupidez molhou meu rosto de lágrimas insensatas, lágrimas de confusão, de contradição, de amor por Henri, de ódio de mim devido ao meu preconceito, de frustração por esta situação que me parecia sem solução.

Sem encontrar nenhuma solução plausível ao meu ridículo dilema, fui dormir sozinha naquela casa, antes acolhedora, agora imensa e assustadora. Acordei num pulo, sobressaltada, na manhã seguinte. Tomei um banho rápido e o café da

PERIGOSAS ACHERON

manhã e corri ao hospital para visitar Henri. Cheguei lá por volta das 7h30 e ele dormia tranquilamente. Sua respiração era calma e suave. Não o acordei, pois sabia que ele precisava muito repousar. Sentei-me em uma cadeira à frente de sua cama e concentrei-me em contemplar seu sono de anjo.

Às 8h30, Henri despertou ainda sonolento. Piscou os olhos várias vezes, evidenciando seus belos cílios negros, antes de fixar suas brilhantes e arregaladas safiras oculares sobre mim e perguntar-me como se não acreditasse:

— Carol?

— Sim, Henri. Sou eu — confirmei, erguendo-me para aproximar-me dele. — Você está bem? — indaguei.

— Sim, eu estou me recuperando, mas estou bem — respondeu em voz baixa. — Não imaginei que a veria aqui — revelou ainda se mostrando surpreso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu... queria ver você, saber como está — justifiquei-me um pouco embaraçada.

— Bem, obrigado pela atenção — agradeceu-me timidamente. — Faz tempo que você está aí? — perguntou.

— Não tanto. Estou aqui desde umas 7h30 da manhã. Tem mais ou menos uma hora — especifiquei. — Imagino que você deve estar com fome. Quer que eu peça a um enfermeiro para trazer algo para você comer? — ofereci.

— Não, não é necessário. Eu tomei o café da manhã mais cedo, logo depois do banho — respondeu, recusando minha oferta.

— Você já está levantando da cama para tomar banho? — perguntei animada.

— Não. Ainda não. Um enfermeiro me deu um banho no leito e depois trouxe o café da manhã para mim. Ainda não posso fazer esforço físico

PERIGOSAS ACHERON

para que os pontos não se rompam e a cicatrização seja boa — Henri explicou corando.

— E por falar nisso, eu posso ver como ficou o fechamento da úlcera de pressão? — pedi meio sem graça.

— Bem, eu não entendo por que tanta curiosidade... Eu não devia deixar, porque eu acabo me expondo para você e eu fico com medo de você não respeitar a minha privacidade, de um dia querer me machucar novamente e comentar o que viu de forma pejorativa; mas, já que eu deixei você ver quando a úlcera estava aberta, vou deixar agora — desabafou, evidenciando que não se encontrava com o humor tão dócil como no dia anterior. — Mas, por favor, não levante o lençol além do necessário! — pediu.

Não vou mentir e dizer que as palavras de Henri não me ofenderam. Ofenderam sim. Meu coração estremeceu de dor justamente quando eu acabava

PERIGOSAS ACHERON

de descobrir que o amava, mas não fiquei chateada com ele. Eu sabia que merecia cada uma daquelas palavras! Assim, fiz como ele me pediu. Levantei o lençol apenas o suficiente para ver a grande área costurada em suas nádegas, embora sentisse uma imensa vontade de despi-lo completamente e contemplar-lhe o corpo nu, um corpo que eu mesma não me permitia tocar e fazê-lo meu, mesmo desejando-o.

— Você vai ficar com uma cicatriz semelhante a um T no bumbum — observei, cobrindo-o novamente com o lençol.

— Eu sabia que ia ficar com a cicatriz, só não sabia que era em forma de T — retrucou, sorrindo.

— Pode ficar tranquilo. Eu não vou expor sua intimidade e não pretendo machucá-lo mais do que já machuquei — garanti.

— Obrigado! — agradeceu-me com um novo sorriso em seu rosto de anjo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando você vai voltar para casa? — indaguei curiosa e com muita vontade que fosse logo.

— Imagino que dentro de duas ou três semanas — respondeu sério.

— Isso tudo?! — exclamei horrorizada.

— Pensei que estava gostando da perspectiva de ficar longe de mim por um tempo — disse com os olhos fixos em mim.

— Não! É horrível ficar sozinha lá — confessei.

— Você está com medo de ficar sozinha? — indagou.

— Não, não é isso — neguei e fiz uma pausa, pensando em como dizer que sentia falta dele sem evidenciar meus sentimentos. — É que você faz falta lá! A casa é a sua cara, tudo lembra você. É como estar num local incompleto, em que falta alguma coisa. Enfim, falta você lá! — expliquei, sustentando o olhar dele sobre mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas, quando iniciei a reforma da casa, eu não pensei apenas em mim. Eu ainda acreditava que ficaríamos juntos, então muita coisa do que fiz lá foi... — Ele fez uma pausa momentânea, mas prosseguiu: — pensando em você, para que a casa também se parecesse com você. Bem, mudei algumas coisas que não estavam feitas quando você me rejeitou, mas muita coisa lá foi idealizada pensando em você e para você — concluiu a confissão e eu entreabri os lábios para falar, mas ele fez um gesto de pausa com uma das mãos e disse: — Antes que você me lembre pela enésima vez que não gosta de mim, lembro que sei disso e afirmo que não tenho nenhum tipo de esperança, nem estou lhe cobrando nada. Eu sei que, infelizmente, você nunca olhará para mim como um homem que possa fazê-la feliz. Só estou falando isso agora no intuito de que você se sinta

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

melhor em minha casa, já que, pelo seu relato, está pouco à vontade lá sem mim — explicou.

— Muito obrigada. Eu não sabia... — agradeceu sem jeito. — E lamento por tudo, por toda dor e transtorno que lhe causei — afirmei.

— Não lamente. Não adianta lamentar pelo que não pode ser mudado — disse com um olhar triste, porém decidido.

— Quer que eu traga algo para ajudá-lo a passar o tempo aqui? — perguntei-lhe com boa vontade.

— Amanhã, quando vier trabalhar, se puder trazer um livro para eu ler, agradeço.

— Que livro você quer e onde o encontro? — indaguei.

— Feliz Ano Novo, de Rubem Fonseca. Está na primeira gaveta da direita da minha escrivaninha — especificou.

— Trago hoje mesmo, logo depois do almoço — garanti com os meus olhos encontrando os dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Não precisa ser hoje. Posso esperar até amanhã — afirmou, sustentando o meu olhar como se estivesse avaliando se a minha disponibilidade era real ou se eu estava me sentindo obrigada àquilo.

— Não, faço questão de trazer o livro hoje e, antes que me pergunte, não será incômodo nenhum. Terei prazer em trazê-lo para você hoje — assegurei, mudando de assunto em seguida: — Ih, eu já ia me esquecendo de falar que seu irmão telefonou para casa ontem de noite! — lembrei.

— Qual? Leno? — perguntou.

— Sim, Heleno. Ele disse que ligou a tarde inteira ontem para o seu celular e para a casa, mas ninguém atendeu. Ele me pareceu bastante preocupado com você e eu só não disse onde estava, porque você me pediu para não falar nada. Então, respeitei seu pedido, mas senti-me até um pouco mal por não ter contado a verdade, embora

PERIGOSAS ACHERON

não tenha mentido, apenas omitido, o que se passou com você — relatei sincera.

— Obrigado por ter atendido ao meu pedido! — agradeceu. — Bem, agora que a cirurgia já passou e já estou em recuperação, se alguém da minha família perguntar, você pode falar que estou aqui — completou. — Agora, se não for pedir muito, você poderia pegar meu celular, colocar no viva-voz e ligar para Leno para mim? — pediu.

— Claro que posso fazer isso — afirmei, sorrindo. — Onde está seu celular? — perguntei.

— No primeiro bolso da minha mochila, que está dentro daquele armário ali — disse ele, apontando para o armário.

Peguei o telefone celular de Henri, fiz o que ele me pediu e fiquei observando a conversa entre ele e Heleno:

— Henri, finalmente! Onde você estava ontem? — Heleno atendeu.

— Bom dia, Leno! — saudou Henri, ignorando a afoiteza do irmão.

— *Bom dia, Henri!* — Heleno retribuiu a saudação. — *Onde você estava ontem?* — insistiu na pergunta.

— No mesmo local que estou agora: no Hospital Santa Mônica — Henri respondeu.

— *Trabalhando?* — Estranhou Heleno.

— Não. Ontem, eu fiz uma cirurgia para fechamento de uma úlcera de pressão, por isso não estava acessível — Henri explicou.

— *Mas você está bem? Por que não me contou?*
— Heleno perguntou preocupado. — *E eu liguei para sua casa ontem e aquela sua... sua “amiguinha” não me disse nada!* — ele exclamou com um misto de ironia e indignação na voz.

— Calma, Leno! — pediu Henri. — Não julgue Carol sem saber a verdade. Fui eu quem fez com que ela promettesse não falar nada para ninguém,
PERIGOSAS ACHERON

nem para você! E eu fiz isso, porque não queria que ninguém se preocupasse comigo sem necessidade! — Ele me defendeu e explicou-se. Fiquei pasma com a postura dele enquanto conversava com o irmão ao telefone. Era como se eu não estivesse ali e ele me defendia! Repentinamente, vi-me questionando: será que eu faria o mesmo que ele? Será que, se alguém o acusasse para me defender, eu o defenderia e assumiria a minha culpa? Recordei-me do preconceito que sentia e assumi para mim mesma que não, mas não pude deixar de admirar a sinceridade, a coragem e a força dele. Estas duas últimas características, com certeza, eu não tinha. Apesar de toda a minha estupidez, cheguei à conclusão que eu precisava mudar, pelo menos neste aspecto.

— *Será mesmo que não preciso me preocupar?*

— Heleno indagou. — *Vou aí agora ver como você está!* — concluiu, desligando o telefone.

— Acho que seu irmão está chateado comigo — comentei enquanto guardava o celular de Henri.

— Bem, pelo que eu conheço de Leno, é uma chateação momentânea. Ele achou que você mentiu para ele, mas logo passa. Eu já afirmei que a culpa foi minha — Henri explicou. — Ele é meio superprotetor.

— Mas isso não é meio incoerente? Você tem o mesmo tipo de preocupação com ele? — questionei.

— Não. Ele é adulto, bem resolvido e dono do próprio nariz. Só que, embora saiba que eu sou tão adulto, bem resolvido e dono do meu próprio nariz tanto quanto ele, por causa da minha deficiência, ele acredita que eu sou, de alguma forma, mais frágil do que ele — explicou o posicionamento do irmão.

— E você é? — perguntei instantaneamente antes mesmo de pensar se deveria ou não perguntar,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas Henri não se mostrou intimidado e respondeu normalmente:

— Bem, eu tenho uma limitação física e isso requer que eu tenha mais cuidados com a saúde e tenha também uma vida mais regrada. Mas eu não sou mais frágil psicologicamente. Já passei por muito sofrimento e por muitos obstáculos e consegui superá-los. Neste aspecto, eu acho que sou até mais forte do que Leno. Ele não passou pelo que eu passei e espero que nunca passe. A preocupação dele é porque eu amei e não fui correspondido, mas isso acontece com qualquer pessoa, não é só comigo. E não é consequência da minha deficiência!

— Mesmo sabendo que eu não quis você, porque é... porque tem uma deficiência, você acha que a rejeição não foi por causa da sua deficiência? — indaguei perplexa.

PERIGOSAS ACHERON

Henri meneou a cabeça negativamente e explicou:

— Não foi isso que eu disse! Eu disse que amar e não ser amado pode acontecer com qualquer pessoa e que isso não é uma situação reservada apenas a quem tem uma deficiência. Muitas pessoas com deficiência casam, tem filhos... Enfim, constituem família. Eu não consegui isso ainda e pode ser até que nunca consiga; mas, se não conseguir, é porque não tinha mesmo que ter uma família. É mais difícil por causa do preconceito, mas uma deficiência não impede ninguém de ter relacionamentos afetivos.

Henri falou tudo isso com bastante naturalidade, porém com sentimento. Era palpável o desejo dele de ter uma família e, embora naquela época eu não acreditasse na efetividade de um casamento com um cadeirante, senti-me tocada por suas palavras. Senti-me mal; pois eu pensava que poderíamos ser a felicidade um do outro se tudo fosse diferente, se

PERIGOSAS ACHERON

ele não tivesse uma deficiência, se o meu passado não tivesse me marcado para sempre, se o meu preconceito idiota e estúpido não me impedisse de dizer tudo o que sentia e, principalmente, de ser feliz.

Antes que eu pudesse falar ou perguntar mais alguma coisa, Heleno entrou no quarto, saudando-nos:

— Bom dia!

—Bom dia! — eu e Henri cumprimentamos ao mesmo tempo.

— Bem, irmãozinho, você me deixou preocupado ontem — Heleno disse, aproximando-se de Henri.

Como eu não queria me sentir uma intrusa na conversa dos gêmeos e precisava aproveitar a folga que eu tirara naquela manhã para passar no supermercado para comprar comida para abastecer a casa, despedi-me:

— Henri, já que seu irmão está aqui, eu vou ao supermercado e volto após o almoço para trazer seu livro. Certo?

— Não precisa pressa em reação ao livro, Carol — tornou a dizer. — E quanto a minha parte na feira, você pode ir ao meu quarto e...

Não o deixei continuar, erguendo a mão em sinal de pausa e afirmando em seguida:

— Não. Você não vai ajudar a pagar algo que não vai consumir. Às 14h, eu volto e trago seu livro.

Neste momento, Heleno voltou-se para mim com um olhar de surpresa, mas não disse nada. Eu não esperei que Henri falasse e, já pisando na soleira da porta para sair e fechá-la atrás de mim, despedi-me sem esperar réplica:

— Tchau! Tchau!

Eu não demorei no supermercado. Comprei o essencial e parti para casa. Estava ansiosa. Ansiosa

PERIGOSAS ACHERON

para procurar o livro de Henri e, com isso, adentrar no mundo dele, conhecer parte de seus segredos. Ansiosa para voltar ao hospital e estar com ele novamente.

Na tentativa vã de conter a minha ansiedade, almocei e escovei os dentes primeiro e, depois, fui pegar o livro “Feliz Ano Velho”. Não foi difícil encontrá-lo. O livro estava mesmo na primeira gaveta da direita da escrivaninha de Henri. Curiosa, não resisti e passei os olhos na gaveta. Em seu interior estavam mais dois livros (A menina que roubava livros, de Markus Zusak, e *The Birth of Bioethics*, de Albert R. Jonsen), um caderno, um estojo escolar e, escondida no fundo, uma fotografia. Uma fotomontagem de nós dois juntos feita por ele antes que nos conhecêssemos pessoalmente. Lembrei-me de quando ele a enviara para mim, do castelo de sonhos que construí para mim naquela época e das fotografias que tinha

PERIGOSAS ACHERON

tirado com ele no balanço recentemente. Num impulso, li a inscrição que havia atrás da fotomontagem:

“Henri e Carol: uma esperança de felicidade.”

Será que, antes mesmo de nos conhecermos, Henri tinha dúvidas de que podíamos dar certo, mesmo ouvindo todos os dias minhas juras de amor? Foi o que eu me questionei naquele momento e cheguei à conclusão de que sim. Ele duvidava do meu amor por ele ou, de alguma forma, pareceu prever o que eu fiz. Mas isso não pareceu minimizar nele a dor da rejeição. Certamente, ele duvidava, mas queria acreditar no meu amor e isso feriu seu coração brutalmente. Noutro impulso, tomei uma das fotografias que tirei com ele no balanço e coloquei dentro no livro, numa resposta muda e inconsciente ao escrito na outra fotografia. Com essa nova fotografia, eu queria dizer com um gesto e uma imagem (embora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nem mesmo eu soubesse disso naquele momento)
que ainda havia esperança para nós.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 49

Uma pergunta estranha

Henri

Preparei-me para o sermão no exato momento em que Leno adentrou o quarto de hospital onde eu me encontrava, mas esse só veio depois que Carol saiu e que ele se certificou de que eu estava mesmo bem, o que me deixou mais aliviado, porque meu irmão tinha sido coerente e não tinha exposto suas recriminações na frente dela.

— Você está mesmo bem, Henri? — perguntou-me Leno com os olhos fixos nos meus como se investigasse a minha alma para descobrir se eu não estava lhe escondendo nada.

— Estou sim. Pode ficar tranquilo. Correu tudo bem na cirurgia e agora eu só preciso repousar para

me recuperar totalmente — garanti, sustentando o olhar insistente dele para mostrar-lhe que estava sendo totalmente sincero.

— Mas eu continuo preocupado com você! — observou.

— Por quê? — indaguei sem compreender.

— Porque você ainda não desistiu de Carol! — afirmou ele. — Ela não o quer de verdade! Ela só quer brincar com você! Afaste-se dela, afaste-a de você! Se continuar com isso, poderá se machucar muito e eu não quero vê-lo sofrer ainda mais por causa disso! Ela não merece que você sofra por ela! — alertou-me exaltado.

— Está errado, Leno! Eu não tenho mais esperanças em relação à Carol! — afirmei e, naquela época, estava desiludido mesmo.

— E o que ela estava fazendo aqui então? — perguntou.

— Ela veio me dizer que você tinha ligado e estava preocupado comigo. Só isso! — afirmei e não me senti mentir, porque imaginava que era esse o real motivo pelo qual ela tinha ido me ver.

— E por que ela simplesmente não telefonou? — Leno insistiu.

— Imagino que pelo mesmo motivo pelo qual você não conseguiu me ligar ontem: meu celular estava desligado. Liguei-o para telefonar para você hoje! — expliquei-lhe da forma mais convincente que podia.

— E por que ela simplesmente não ligou para a recepção do hospital e deixou o recado? — ele continuava implicando.

— Ah! Sei lá! Pergunte a ela! — Chatee-me.

— E por que contou para ela que ia fazer a cirurgia e não me contou?

— Porque ela mora em minha casa e eu não podia simplesmente sumir de casa por três semanas

sem dar nenhum tipo de aviso. Só por isso. E, mesmo assim, só contei na véspera — rebati.

— É, mas eu não acredito que seu relacionamento com Carol seja tão despretensioso assim! Aquela foto de vocês dois no balanço pareceu-me mais a foto de um casal de namorados do que outra coisa! — falou Leno, concentrando novamente seu olhar irritado e preocupado em mim. — Você está tentando a todo custo conquistá-la, não está? — indagou ele por fim.

— Não, não estou — neguei para esclarecer em seguida: — Estou tentando a todo custo esquecer-la! — afirmei sem mencionar que, ao invés de esquecer-la, estava amando-a ainda mais. — Aquela foto foi ideia dela. Eu tinha saudades de me sentar e ser embalado no balanço. Ela me proporcionou isso e quis registrar o momento — revelei.

— E com que intuito ela fez isso? — perguntou desconfiado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nesse momento, ao vislumbrar o único motivo que me parecia plausível para a atitude de Carol naquele dia no balanço, senti-me como se fosse atingido por um punhal, mas repliquei com raiva e lágrimas quentes fugindo de meus olhos:

— Por pena! Que outro motivo ela teria para fazer isso? Ela percebeu que eu gosto do balanço e me ajudou a desfrutar um pouco dele por pena, caridade! Porque eu não posso mais fazer isso sozinho!

— Perdoe-me, meu irmão! Eu o machuquei e o deixei nervoso! Perdoe-me! Eu cheguei aqui preocupado e chateado por não ter sido avisado da úlcera de pressão, nem da cirurgia e reagi como se você não estivesse ainda em recuperação! Eu sei que não há desculpa para isso! Você está precisando repousar e eu estava estressando você!

— Ele se autorrecriminou com um olhar triste e represado de lágrimas.

PERIGOSAS ACHERON

O amor entre mim e meu irmão era tão grande e nossa ligação tão intensa que eu entendia perfeitamente os sentimentos e a posição dele. Assim como eu tinha certeza de que ele entendia os meus sentimentos e as minhas atitudes, que faria o mesmo por sua amada; mas que, de tanto se preocupar comigo, não queria aceitar e ver viabilidade em meus sentimentos e atitudes em relação à Carol.

— Sim, você me machucou, mas eu o perdoo. Só peço que não faça isso novamente. — Eu perdoei-o sinceramente antes de lembrá-lo: — Eu não sou nenhuma criança desprotegida, Leno. Sou um homem adulto como você. Eu sei o que faço e também como me defender! E, caso Carol me machuque novamente, eu sei que serei o único culpado por isso e que terei que ter forças para lutar contra essa nova desilusão amorosa e que, por mais que eu sofra e chore, eu superarei. Já superei tantos

PERIGOSAS ACHERON

obstáculos em minha vida para continuar a viver!
Posso muito bem superar mais outro!

Percebi pela expressão facial e pelo olhar de Leno que as minhas palavras o intimidaram e o fizeram sentir-se culpado por eu ter ficado agitado, o que não era muito bom para um pós-operatório. Bastante preocupado, ele recomeçou a pedir-me perdão:

— Perdoe-me, meu irmão! Perdoe-me! Você sabe que eu nunca o magoaria conscientemente, não sabe? Sabe o quanto eu o amo, não sabe? — indagou ele, aproximando-se de mim. — Bem, eu acho que eu não devia ter vindo aqui. Eu só o feri hoje com meus alertas — concluiu muito entristecido.

— Não! Gostei de sua visita e agradeço por ela! — rebati, tomando uma das mãos dele entre as minhas. — Agradeço sua preocupação! Eu também o amo e sei que se preocupa comigo, assim como
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu também me preocupo com você, embora eu ache que, às vezes, sua preocupação é um pouco exagerada, pois eu sei me cuidar muito bem! — afirmei.

— Perdoe-me se, às vezes, eu me intrometo em sua vida, mas é que... eu já o vi sofrer tanto que... que tenho medo que sofra novamente — confessou, olhando para nossas mãos unidas, o sinal de nossa união, de nossa ligação.

— Não se preocupe comigo! Se eu tiver que sofrer novamente, seja por Carol ou por qualquer outro motivo, ninguém terá como impedir — afirmei pouco antes do telefone celular de Leno tocar e ele atender.

Era Estela que o chamava para buscá-la no cabeleireiro e retornarem à casa. Com um brilho intenso no olhar, Leno garantiu a ela que a buscaria logo e, ao finalizar o telefonema, voltou-se para mim e disse:

PERIGOSAS ACHERON

— Tenho que ir! Estela me espera!

— Vejo em seus olhos o brilho de um amor tão intenso quanto o que eu sinto por Carol — observei.

— De fato. Somos gêmeos idênticos e nos parecemos em muitas coisas! E eu também acho que nosso amor tem a mesma intensidade, pois vejo a forma como você olha para Carol, mas há uma diferença crucial aí, uma diferença que não depende de nenhum de nós dois — concordou, encarando-me.

— Eu sei. Você é correspondido e eu não — completei bastante contundente para mostrar a Leno que eu estava plenamente consciente da minha situação em relação à Carol.

Lembro-me de que, depois que Leno se foi, o almoço e alguns remédios não demoraram a chegar e que, após escovar os dentes, adormeci num sono profundo e, por isso, acordei meio atordado às

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

14h30 e dei com Carol sentada à poltrona (que ficava junto à parede oposta a qual se encontrava a minha cama), trabalhando com o notebook ao colo.

— Carol? — perguntei tomado por um grande estranhamento, pois ainda me questionava se ela estava mesmo ali ou se eu ainda estava sonhando.

— Oi, Henri! Boa tarde! — Carol saudou-me, retirando os olhos da tela do notebook, pousando-os em mim e, em seguida, sorrindo. Seu sorriso era lindo, cheio de vida. Seus olhos de mogno traziam um brilho chamejante. Ela estava inexplicavelmente linda naquela tarde ou o bobo apaixonado que eu era, naquele momento, estava mais bobo do que de costume e eu não pude evitar de embeber meu olhar por vários minutos nela.

Percebendo que eu a olhava insistentemente, Carol sorriu novamente e perguntou-me:

— O que foi, Henri? Algo errado?

PERIGOSAS ACHERON

— Não — neguei. — É que... — Pensei no que dizer e optei, não por mentir, mas por dizer uma meia verdade: — eu não imaginava encontrá-la aqui quando acordasse.

— Eu disse que traria seu livro hoje à tarde, não disse? — indagou ainda sorrindo.

— Disse. Mas não pensei que levasse isso a sério — afirmei.

— Pois ei-lo aqui! — disse ela, fechando o notebook, retirando o livro da bolsa e entregando-o a mim.

— Obrigado! — agradei e ela retornou para o notebook, perguntando:

— Esse livro é daquele autor que ficou cadeirante num mergulho?

— Não, não. — Sorri. — Este que estou lendo é *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca. O livro a que você se refere é *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva. Eu já o li também. Logo depois que

PERIGOSAS ACHERON

sofri a lesão. Ele me ajudou a aceitar a minha condição.

— E você tem o livro *Feliz Ano Velho*? — perguntou interessada.

— Tenho. Mas o deixei em São Paulo — respondi. — Por quê? — perguntei-lhe. Será que ela estava interessada em lê-lo?

— Por nada — Carol respondeu-me evasiva. — Você faz objeção a que eu trabalhe um pouquinho na minha dissertação aqui? — perguntou por fim.

— Não, claro que não. Eu mesmo, se pudesse, trabalharia no meu relatório de pós-doutorado — afirmei.

Enquanto Carol trabalhava no computador, eu tentava concentrar-me nos contos engraçados e, algumas vezes, picantes de *Feliz Ano Novo*; mas, não sei por que, naquela tarde, estava mais difícil conviver com ela sem externar o meu amor. Talvez porque eu não soubesse de fato o motivo pelo qual

ela estava ali comigo, pois imaginava que ela jamais me visitasse constantemente no hospital e, muito menos, passasse um tempo comigo lá.

Após cerca de quinze minutos concentrada, escrevendo a sua dissertação, Carol parou o que estava fazendo, inclinou o monitor do notebook para si como se fosse fechá-lo ou desejasse (de algum modo) se proteger, olhou-me com um olhar inquisidor e chamou-me:

— Henri?

— Sim? — indaguei, erguendo os olhos do livro para pousá-los nela e contemplar diretamente sua postura (até então eu a contemplava disfarçadamente, de esguelha).

— E se eu gostasse de você? — perguntou com a voz acelerada, quase incompreensível. Embora eu a entendesse, duvidei que realmente a tivesse entendido pelo teor da pergunta.

— Como? — indaguei, antevendo uma pergunta que nada tinha a ver com o que eu entendera de suas palavras anteriores.

Repentinamente, Carol pareceu-me nervosa. Sua face cobriu-se de um leve tom avermelhado e ela suspirou, como se já estivesse se arrependendo da pergunta, antes de esclarecer:

— Perguntei: e se eu gostasse de você? — Seus olhos se encontraram com os meus e algo em meu olhar (talvez a confusão que tomara minha mente diante da pergunta) fez com que ela se empenhasse mais em esclarecer a pergunta: — Bem, a pergunta é: e se eu gostasse de você, não de agora, mas de antes, da época em que conversávamos pelo chat, antes de nos encontrarmos?

— Não, você não gostava de mim antes. Se gostasse, não teria feito o que fez comigo em nosso primeiro encontro — afirmei. E, como eu continuava sem saber por que ela me perguntara

aquilo, indaguei: — Mas por que está me perguntando isso agora?

Carol ficou pensativa por um momento e depois respondeu hesitante:

— É que eu... por um instante eu... eu me peguei pensando se... em como seria se tivéssemos ficado juntos.

— Ah, é isso que você quer saber! — exclamei, sentindo-me esclarecido. — Seria uma vida como a de qualquer outro casal — afirmei, olhando para ela com firmeza.

— Como a de qualquer outro casal? Com você preso para sempre numa cama ou numa cadeira de rodas? Acho difícil... — indagou num tom irônico. Definitivamente, ela não acreditava que eu pudesse ter uma família. Ela não achava que eu ainda tivesse esse direito e essa capacidade.

— É, você não gostava de mim antes, não gosta agora e nunca vai gostar — murmurei para, em
PERIGOSAS ACHERON

seguida, aumentar um pouco o tom de voz e afirmar: — Eu discordo de você, mas não quero estragar a minha tarde discutindo isso quando sei que não vou conseguir demovê-la de suas convicções a meu respeito.

Carol fuzilou-me com os olhos, mas não respondeu, apesar de eu ter certeza de que ela tinha ouvido tudo o que eu falara. Tive uma imensa vontade de perguntar o que ela estava fazendo ali e mandá-la embora, embora daquele quarto de hospital, da minha casa, da minha vida e nunca mais vê-la, mas não fiz nada disso. Eu a amava, amava cada vez mais e queria (mesmo sabendo que não deveria) tê-la perto de mim. Eu precisava dela perto de mim!

Senti raiva de mim mesmo, de minha idiotice, de minha tendência ao masoquismo e tive vontade de chorar. Nervoso, passei as páginas do livro que tinha nas mãos com impaciência como se pudesse

PERIGOSAS ACHERON

descarregar nele a frustração que estava sentindo; mas, ao fazer isso, acabei por encontrar uma fotomontagem de nós dois que eu fizera e uma fotografia nossa no balanço, esta última certamente colocada ali por Carol. Elas não eram um prenúncio de felicidade, eram uma ironia, um lembrete de que o amor que eu sentia nunca se realizaria, nunca iria além daquelas imagens no papel.

Estas fotografias e a situação em que me encontrava estavam me deixando mais emotivo. Já tinha chorado na frente de Leno. Não queria fazer isso na frente de Carol. Não queria que ela achasse que eu era ainda mais fraco do que ela já pensava que eu era. Então, para me acalmar, fechei os olhos e comecei a me recordar (desejando que ela se aplicasse a mim) de um trecho de uma música antiga que meus pais costumavam ouvir quando eu era criança:

“Se você perdeu

*Um amor como eu
Alguém que você nunca
Jamais entendeu...
Pra que lamentar
O que aconteceu
Há um outro alguém
Esperando você...
Há um alguém
Na multidão
Que vai lhe adorar
Com devoção.”*

Fiquei repetindo esse trecho mentalmente de olhos fechados (não me lembrava o restante da música) e prometendo a mim mesmo, até me acalmar, que iria baixá-la da internet assim que voltasse a utilizar o computador; mas, antes que eu pudesse abrir os olhos por mim mesmo, fui interrompido por Carol que me perguntava, já bem próxima a mim e com o olhar preocupado:

— Você está bem, Henri? Você estava com os olhos fechados... bem apertados, com uma cara de dor...

Respirei fundo para expulsar o nervosismo que subitamente começava a querer tomar conta de mim novamente e respondi:

— Eu estou bem. Só estava... combatendo a raiva — preferi ser sincero.

— De mim? — indagou.

— Sim — confirmei mais sincero ainda e esperei que ela fosse embora.

— Entendo — disse séria, limitando-se a retornar à poltrona e sentar-se muda, guardando o notebook na bolsa.

“É uma questão de minutos até que Carol vá embora e deixe-me sozinho”. Foi o que eu pensei ao contemplar o que ela fazia; mas, para minha surpresa, após arrumar todo seu material, ela permaneceu lá, imóvel e muda, alternando olhares

PERIGOSAS NACIONAIS

entre mim e o chão. Eu não conseguia entendê-la e isso me angustiava!

Uns quinze minutos depois, começou a minha sucessão de visitas. Os primeiros a chegar foram meus pais que ficaram até às 17h30. Depois recebi visitas rápidas de Emílio (o filho de Carol) e Kaliandra (a filha de Leno) e de todos os meus irmãos, inclusive Leno, que me pareceu sem graça por causa de nossa conversa naquela manhã.

Às 17h40, todos já tinham ido embora e eu me sentia cansado de ver tantas pessoas em um período tão curto de tempo. Até Carol, que durante todas as visitas tinha se mantido em silêncio, demonstrava cansaço.

— Bem, Henri, eu acho que já vou... — começou Carol, afastando-se da parede na qual se encontrava apoiada; mas, antes que ela concluísse suas palavras, uma visita inesperada adentrou a porta.

PERIGOSAS ACHERON

Amanda e Ramon postaram-se à porta. Amanda sorridente e linda como sempre, vestida com uma calça jeans muito justa e uma blusa de alça verde-limão, também justa ao corpo, evidenciando um generoso decote e metade das costas nuas. Ramon, ao contrário, não parecia nada à vontade naquela situação e nem passara da soleira da porta. Eu não via meu ex-melhor amigo desde o acidente, desde que ele e minha ex-noiva se tornaram namorados. Quando o vi naquele fim de tarde, tive a certeza de que ele achava que eu os odiava, mas isso não era verdade.

— Olá! — saudei-os sorrindo e o meu sorriso era sincero.

Carol fechou a cara e sentou-se na poltrona, cruzando os braços e permanecendo em silêncio. Ela não gostava mesmo de Amanda, embora eu não achasse que o simples fato de ser chamada de enfermeira fosse motivo para tanto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olá! — retribuíram Amanda e Ramon. Ela esfuziante, ele muito constrangido.

Senti-me mal por ver Ramon assim. Eu gostava dele de verdade e ele sempre fora um bom amigo até se apaixonar por Amanda. Confesso que, no início, senti muita raiva dele, mas já fazia tanto tempo e todos os sentimentos negativos tinham se dissipado e eu tinha percebido que fora melhor que eles ficassem juntos. Eles eram verdadeiramente feitos um para o outro.

— Ramon, há quanto tempo não nos vemos! Entre, por favor! — pedi, sorrindo com total sinceridade.

— Obrigado! — agradeceu-me ainda tímido. — Como você está? — perguntou-me como se duvidasse da minha alegria em vê-lo.

— Bem. Estou me recuperando. Não foi nada grave! — afirmei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Imagino que você já esteja acostumado. Afinal, deve ser difícil ser paralítico e depender dos outros para viver — Amanda expôs um de seus pensamentos preconceituosos.

As palavras de Amanda me atingiram, não nego; mas eu não quis ser ríspido. Então, dei um sorriso irônico e afirmei com toda a veemência de que fui capaz:

— Eu não moro em hospitais, nem dependo de ninguém para viver.

— Não? E o seu cão de guarda? — Amanda indagou. Ela parecia estar procurando uma briga que eu não estava disposto a comprar.

— Quem? — indaguei alerta, mas sem compreender ainda a quem Amanda se referia.

— Aquela ali, Camila, sua enfermeira particular — respondeu Amanda, apontando para Carol que, neste momento, trazia a fúria nos olhos; mas permanecia inacreditavelmente em silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela se chama Carolina — salientei bem o nome — e não é minha enfermeira, nem tampouco meu cão de guarda — rebati contrariado.

— E o que ela é sua então? — indagou, fuzilando Carol com um olhar provocativo. Definitivamente, ela também odiava Carol e eu não fazia ideia do motivo.

— Amanda, não seja indelicada! Não vê que ela é a namorada dele — repreendeu-a Ramon ainda mais sem graça. — Perdoe-nos, Henri! Amanda, às vezes, é muito cabeça-dura!

— Ora, Ramon! Não vê que ele não tem condições de ter uma namorada! — tornou Amanda num tom irritadiço, alternando o olhar entre mim e Carol.

Ignorei as palavras preconceituosas de Amanda e, procurando não encontrar o olhar colérico e o semblante de raiva de Carol, voltei-me para Ramon, dizendo:

— Amanda foi muito injusta com Carol e bastante preconceituosa comigo. Ela, sim, deveria pedir perdão a nós dois. Mas você não fez nada! Não tem que pedir perdão!

— E você conseguiu me perdoar pelo que eu fiz?! — Ramon surpreendeu-se. — Eu era seu melhor amigo e casei-me com sua ex-noiva... Imagino que me odeie! — ele lembrou.

— Quando aconteceu, quando Amanda me deixou e ficou com você, senti raiva, mas hoje vejo que foi o melhor que aconteceu a mim e também a vocês dois. Não tenho mais qualquer tipo de ressentimento. Sou feliz como estou e não me arrependo de estar como estou. Não precisa se sentir culpado ou constrangido diante de mim. Está tudo bem de verdade — afirmei convicto.

— Você não sabe o quanto eu me culpei! Quanto tempo eu fiquei pensando que tinha causado a sua infelicidade! Quanto tempo temi encontrar você e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ser rechaçado. Nunca pensei que fosse assim — Ramon confidenciou ainda bastante surpreso e com o olhar sobre mim como se capitasse a sinceridade em meu olhar. — Se passasse pela minha cabeça que você não me odiaria, teria entrado em contato com você antes, pois minha amizade por você é sincera — afirmou.

— Minha amizade por você também é sincera — afirmei, erguendo uma de minhas mãos para Ramon.

Ele apertou minha mão e disse:

— Obrigado.

— Disponha.

— Bem, faço votos que se recupere totalmente logo! — desejou Ramon. — Agora, temos que ir! — anunciou. — Amanda, peça desculpa a Henri e a Carolina! — completou ele, dirigindo-se a Amanda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não disse nada de que devesse pedir perdão!

— Amanda rebateu de má vontade.

— Disse sim! Vamos logo com isso, pois precisamos ir para casa! — insistiu Ramon.

Amanda suspirou e rendeu-se:

— Perdoe-me, Henri! Perdoe-me, Carolina! — pediu e eu senti uma nota de desdém em sua voz ao pronunciar o nome de Carol.

— Está desculpada — respondemos eu e Carol ao mesmo tempo, embora eu notasse pelo som da voz dela que ela estava fazendo um esforço supremo.

Ramon voltou-se para Carol, sorriu e disse:

— Carolina, foi um prazer conhecê-la!

— O prazer foi meu, Ramon — Carol afirmou com o tom de voz mais brando.

— Vamos, Amanda? — indagou Ramon, colocando a mão na cintura da esposa.

— Vamos — respondeu Amanda.

PERIGOSAS ACHERON

— Tchau! — disseram Ramon e Amanda ao mesmo tempo enquanto atravessavam a soleira da porta.

— Tchau! — Eu e Carol retribuímos.

Quando ficamos novamente sozinhos no quarto, Carol colocou o rosto entre as mãos como se fosse chorar e, antes que ela pudesse dizer algo, perguntei:

— Você está bem, Carol?

— Como você acha que um cão de guarda se sente? — perguntou irônica. — Por que você mandou avisar aquela mulher? Por que permitiu que ela viesse aqui? — indagou com a voz sumida.

— Eu não mandei avisá-la, nem podia impedi-la de vir aqui! — afirmei. — Sinto muito que ela também tenha machucado você — completei.

— Hoje, ela me chamou de cão de guarda! Do que vai me chamar da próxima vez? — indagou aparentemente angustiada. — E você ainda fica

completamente embasbacado quando a vê! — completou ela.

— Eu não fico embasbacado quando a vejo! Admiro sua beleza, apenas isso — afirmei sincero.

— Ela me odeia! Tem ciúmes de você, embora não o queira — Carol afirmou irritada.

— Então, ela está perdendo o tempo dela odiando e sentindo ciúmes de você, pois você também não me quer — rebati, voltando meu olhar para o teto.

— E você quase se ofereceu para ela, praticamente despido sob esse lençol, vestido apenas com uma bata que mais revela do que esconde — completou.

Arregalei os olhos para Carol atônito com o que ouvi e afirmei ironizando:

— Eu não me ofereci para Amanda. Respeito Ramon e, além disso, não faria isso nem se estivesse sozinho com ela e se ela não fosse casada!

Eu não a amo! Mas também não tenho bola de cristal para adivinhar que ela viria aqui! Além disso, pelo que eu saiba, é este o tipo de vestimenta que uma pessoa hospitalizada no Santa Mônica costuma utilizar. Pelo jeito, agora você quer instituir o terno e a gravata como vestimenta padrão dos internados aqui!

Carol enfrentou o meu olhar e não respondeu. Eu aproveitei para completar:

— Você é que me parece estar com ciúmes agora!

— Não tenho ciúmes de você! — Carol garantiu.

— Só estou relatando minhas observações!

— Suas observações estão equivocadas! — rebati, olhando novamente para o teto.

— Bem, pelo jeito, nunca vamos nos entender!

— afirmou ela, erguendo-se para ir embora.

— Pelo jeito, não — concordei. Nisso nós concordávamos. — Obrigado pela companhia! —

agradei ao vê-la pressionar a maçaneta da porta para baixo, abrindo-a.

— Disponha! — disse Carol prestes a fechar a porta sobre si. — Tchau! Até amanhã! — completou ela, olhando-me nos olhos.

Mas eu não acreditei que ela fosse voltar...

CAPÍTULO 50

Cão de guarda?

Carol

Confesso que tive ímpetos de voar no cabelo daquela perua! Acho que, só não fiz isso, porque sabia que Henri precisava de repouso e eu estava me esforçando ao máximo para que ele não se estressasse. Quem ela achava que era ao me reduzir a um cão de guarda? Amanda era cretina demais! Sem dúvida, ela se achava superior a mim e a Henri. E o pior de tudo era ver a forma como ele olhava para ela! Olhos de cobiça, de desejo! Ele olhava diferente para mim. E a verdade é que, mesmo sendo mais de dez anos mais nova que ela, meu corpo não tinha a metade das curvas do dela e

a forma física de seu corpo era muito melhor que a do meu!

Isso me fez questionar se Henri realmente me amava como dizia ou se sua afirmação era só uma fachada para esconder o amor que ainda sentia por Amanda. Como ele podia me amar se a desejava fisicamente? Se não olhava para mim como olhava para ela? Se ele não a amava, por que pareceu tão feliz com a visita dela como se a esperasse?

Essas indagações só faziam aumentar as minhas dúvidas e a minha raiva! Tive tanta vontade que o chão se abrisse e o buraco então formado me engolisse para sempre! Recordei-me que, naquela tarde, eu tinha lhe perguntado como seria se eu o amasse e ele me respondeu que eu não o amei no passado, não o amava no presente e nunca iria amá-lo! Como ele podia amar uma pessoa e estar tão certo (e conformado) de que a pessoa amada (no caso eu) jamais seria capaz de amá-lo? Reconheço

PERIGOSAS NACIONAIS

que afirmei muitas vezes que não o amava e que cometi muitos erros com ele, mas será que essas coisas eram suficientes para garantir a ele a total certeza de que eu nunca poderia amá-lo? Naquele momento, a minha resposta foi não. E isso significava que ele estava fazendo o possível para esquecer-me.

Senti-me MUITO angustiada, porque havia apenas um dia que eu constataria que o amava, apesar do meu preconceito idiota, e não sabia como lidar com o embate furioso entre o meu amor e o meu preconceito. E agora ainda tinha que lidar com a incredulidade de Henri em relação aos meus sentimentos, mesmo sem saber da existência deles, o que deixava claro que ele, para se proteger de uma possível mágoa, não se permitiria nenhum tipo de envolvimento comigo. Para piorar, eu nem sabia que tipo de envolvimento ele poderia ter comigo, se ele se permitisse isso.

PERIGOSAS ACHERON

Minhas reflexões avançaram e eu cheguei à conclusão de que estes motivos tornavam o meu amor por Henri impossível de se realizar, fadado ao esquecimento, à minha repressão íntima e a um sofrimento que começava, aos poucos, se manifestar. Desse jeito, por meus embates pessoais e pela incredulidade dele, eu nunca poderia revelar-lhe meu amor. Aliás, depois da cena daquela tarde e da minha lembrança do primeiro encontro entre Henri e Amanda (que eu presenciei na primeira vez que fui à casa dos pais dele), eu já não podia ter certeza se ele realmente me amava ou se eu era apenas um subterfúgio para ele tentar esquecê-la.

Lembrei-me da minha crescente dificuldade de ficar longe de Henri. Eu estava passando cada vez mais tempo com ele e, a cada dia que se passava, minhas possibilidades ficavam cada vez mais restritas a isso: estar perto dele, mas não realmente perto dele. Ou seja, eu estava perto dele, mas não

PERIGOSAS ACHERON

podia tocá-lo, acariciá-lo e cada gesto de carinho meu era entendido por ele como pena ou mais uma forma de humilhá-lo. Era horrível estar sempre com ele e não ser realmente dele... Era como... como um... cão de guarda... sempre com o dono, mas nunca realmente parte da família dele!

Surpresa, constatei que aquela perua egocêntrica da Amanda podia estar com a razão: eu realmente estava parecendo um cão de guarda de Henri. Ou melhor, uma cadela de guarda! E acho que ele não demoraria a perceber isso e achar muito estranho. Será que eu conseguiria evitar isso e me afastar? Achei difícil. Eu me encontrava cada vez mais presa a ele e era difícil reagir contra isso.

CAPÍTULO 51

Volta para casa

Henri

Depois de mais de duas semanas de internação, eu já estava entediado! É claro que, logo depois do acidente, passei um tempo muito maior no hospital; mas, com o tempo, me desacostumei a isso. Era incômodo e maçante.

Com o passar dos dias, os visitantes foram diminuindo, o que não achei de todo ruim, pois me permitiu ter um pouco mais de privacidade. Os visitantes fiéis eram Leno, meus pais e Carol. Esta era a mais fiel, passava os dias praticamente inteiros comigo quando não estava trabalhando e só retornava para casa entre 19h e 20h. Eu não compreendia por que ela estava agindo assim, nem

PERIGOSAS NACIONAIS

ela me explicava; mas, na maioria das vezes, nos dávamos bem. É claro que também trocávamos farpas de vez em quando, mas isso se tornara quase impossível de não acontecer. Afinal, um não compreendia os motivos no outro, nem se preocupava em dar explicações e, por isso, não concordávamos em relação a muitas coisas.

O Dia do Trabalho se aproximava e eu não queria passar o feriadão no hospital totalmente sozinho, pois minha família inteira ia viajar. Eu imaginava que até Carol fosse viajar. E eu preferia ficar sozinho em casa e repousar no meu próprio mundo.

Na quarta-feira de manhã (29 de abril de 2009), durante a visita de Cleyson, eu estava usando todos os argumentos possíveis para tentar convencê-lo a dar-me alta no dia seguinte, quando completasse dezesseis dias que eu fora operado.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas você mesmo não disse que a cicatrização estava indo muito bem, que provavelmente eu estaria totalmente curado mais depressa do que o previsto, Cleyson? — insistia com Cleyson quando Carol adentrou o quarto como fazia todas as manhãs.

— Sim, é por isso mesmo que quero mantê-lo aqui. Quero que tudo continue indo bem. Além disso, você mesmo admitiu que toda a sua família vai viajar. Não há quem cuide de você, Henri! Eu não quero arriscar vê-lo piorar! — rebateu Cleyson irredutível.

— Cleyson, eu não quero passar o feriado no hospital! Será ainda mais entediante! Eu já posso me cuidar sozinho! Prometo não fazer nenhum esforço desnecessário! Confie em mim! — tornei a argumentar.

— Não, Henri! Não vou lhe dar alta sem que haja alguém para auxiliá-lo! E, por favor, não insista

PERIGOSAS ACHERON

mais, pois eu não vou lhe dar alta! — sentenciou Cleyson.

— Eu cuido dele — afirmou Carol parada à soleira da porta. Surpresos com esta declaração, eu e Cleyson olhamos para ela.

— Não vai viajar no feriado, Carol? — perguntou Cleyson.

— Não, não vou e posso muito bem cuidar de Henri — Carol afirmou séria.

— Não acho que essa seja uma boa ideia — afirmei.

Cleyson olhou para mim e disse:

— Bem, se Carol se dispõe a cuidar de você e você deseja tanto sair do hospital, eu acho que essa pode ser uma boa ideia sim. A menos que você tenha mudado de ideia e prefira ficar no hospital; o que, a meu ver, também é uma boa ideia.

Olhei para Carol, que se encontrava bem atrás de Cleyson, e notei que ela sinalizou indicando que eu

PERIGOSAS ACHERON

aceitasse ser cuidado por ela. Então, respirei fundo e aceitei:

— Está bem. Carol vai cuidar de mim.

— Então, amanhã de manhã, por volta das 11h, antes de eu viajar, eu venho aqui e dou-lhe alta. Mas, na segunda-feira de manhã, quero vê-lo para saber como está. Carol, cuide bem dele, está bem?

— Cleyson concluiu, já ao lado de Carol na soleira da porta.

— Cuido. Pode ter certeza disso — afirmou Carol com bastante convicção no tom de voz, adentrando o quarto e fechando a porta atrás de si.

— Bem, eu só vim dar-lhe bom dia! Mas fico feliz, porque você irá receber alta amanhã.

— Bom dia, Carol! — saudei-a. — Obrigado por ter me ajudado a conseguir a promessa de alta, mas você não precisa deixar de viajar por minha causa. Sei me cuidar. — Liberei-a da obrigação de cuidar de mim.

— Eu realmente não vou viajar, Henri — Carol assegurou. — E eu já percebi que você sabe se cuidar sozinho.

— Não precisa se ocupar em cuidar de mim. Eu me cuido sozinho — reafirmei minha intenção.

— Não, Henri. Eu realmente vou cuidar de você como prometi a Cleyson; pois, se algo lhe acontecer, se você piorar, eu me sentirei MUITO mal se não tiver cuidado de você. Além disso, seria uma irresponsabilidade e Cleyson poderia cobrar a minha promessa! — ela rebateu, encarando-me séria. Em seus olhos, a pretensão de cuidar de mim era clara.

— Mas Carol... Não há necessidade! —reafirmei.

— Eu acho que há. Bem, tenho que ir trabalhar agora — finalizou Carol, deixando o meu quarto para ir ao trabalho.

Carol passou a tarde e o início da noite daquela quarta-feira comigo, mas eu preferi não insistir para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ela me deixasse cuidar de mim mesmo sozinho. Achei que, se fizesse isso, ela poderia voltar atrás na palavra dada a Cleyson de que cuidaria de mim.

Na quinta-feira, voltamos para minha casa por volta das 13h30. Confesso que, ao adentrá-la com Carol empurrando a minha cadeira de rodas, senti-me inseguro; pois não sabia como lidar com ela agora que ela estava, oficialmente, cuidando de mim. Mesmo assim, eu não podia ficar inerte no meio da sala e apenas esperar que ela continuasse a conduzir-me, tinha que seguir minha vida o mais independentemente possível. Então, disse a ela que iria ao meu quarto para tomar banho:

— Vou tomar um banho.

— Eu ajudo você.

— Não! — rebati meio exaltado ante a perspectiva de ela me dar um banho.

— Eu disse que ia cuidar de você, não disse? — rebateu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, mas eu dispenso a parte do banho —
afirmei.

— Mas eu não.

— Carol, sério, não é necessário — tentei
novamente.

— É necessário sim — afirmou. — Você não é o
primeiro homem que eu vou ver sem roupa.

— Eu sei que não. Mas tem a ver com o fato de
eu não querer tirar a roupa para você — disse, já
constrangido.

Carol sorriu, balançou a cabeça numa negativa e
afirmou:

— Você não vai tirar a roupa para mim. Vai tirar
a roupa para tomar banho. É diferente!

— O motivo é diferente, mas a situação é a
mesma: estar sem roupa diante de você. E eu sou
bastante tímido — lembrei.

— Ah, Henri! Faça um esforço! — pediu por
fim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho alguma escolha? — indaguei cansado de rebater.

— Não, não tem — afirmou. — Você se importa se eu colocar um short e uma blusa mais curta para poder ajudar você a tomar banho? Não quero molhar a roupa... — perguntou.

— Não, por que me importaria? — perguntei, encarando-a.

— Por causa da minha imensa cicatriz.

— Claro que não me importo com isso! Não me lembro nem que ela existe! Não sou uma pessoa preconceituosa! — assegurei.

— Espere-me aí — disse, disparando para seu quarto.

Instantes depois, Carol retornou vestida com um pequeno shortinho laranja e uma blusinha de alça branca curta e justaposta ao corpo. Tentei disfarçar e não olhar para ela, mas ela estava muito atraente, incrivelmente linda e deliciosa e eu não consegui:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhei para ela com desejo. Mas não foi assim que ela interpretou meus olhares. Será que ela achava que eu não poderia olhar para ela com interesse?

— O que foi? A visão da cicatriz o incomoda? — indagou.

— Não, claro que não — garanti.

— Então, vamos ao banho? — convidou ela, empurrando minha cadeira de rodas enquanto eu abria a porta do meu quarto.

— É, vamos — disse eu nada animado.

Em meu quarto, Carol ajudou-me a fazer a transferência para o divã, onde me deitei suavemente.

— Tem certeza de que precisa fazer isso? — indaguei numa última tentativa de acabar com a ideia de ela me ajudar no banho.

— Tenho — reafirmou. — Vou começar pelos seus sapatos — avisou.

PERIGOSAS ACHERON

— É, pelo pé é menos traumático — disse, exagerando.

— Prefere que eu comece pela calça? — brincou.

— Não, claro que não! — respondi sério para que ela não se empolgasse com a brincadeira.

Carol tirou meus sapatos, minhas meias e fez menção de tirar minha camisa, mas eu recusei, dizendo:

— Não, eu mesmo tiro! Não seria esforço.

— Mas você está deitado e terá que se sentar para tirar a camisa. Não acho que seja muito bom você abusar e ficar muito sentado por mais que o processo de cicatrização esteja indo bem — Carol argumentou.

— Tem razão — admiti.

— Vou tirar sua camisa — avisou e eu dei de ombros.

Carol debruçou-se e tirou minha camisa com muita suavidade, quase como um carinho,

PERIGOSAS ACHERON

desnudando meu tórax, o que me deixou envergonhado, embora ela já tivesse me visto sem camisa. Em seguida, ela abriu o botão da minha calça de jeans leve e me afligi, pensando *“É agora que ela vai me despir por completo e depois jogar na minha cara que eu sou um inválido”*. Este pensamento deixou minha respiração acelerada e eu não pude conter duas grossas lágrimas que rolaram dos meus olhos. Odiei-me por minha fraqueza tão evidente.

Ergui a mão para enxugar a minha face; mas, antes que eu pudesse alcançar meu intento, Carol voltou-se para mim com uma expressão indefinível no olhar e contemplou-me por, mais ou menos, um minuto, tempo este que me pareceu interminável. Em seguida, ela aproximou-se cada vez mais de mim, tocou-me a face e beijou-me.

O beijo de Carol começou tímido. Ela roçou seus lábios nos meus com pequenos beijinhos até que

PERIGOSAS ACHERON

minha boca se abrisse de desejo por um contato mais íntimo e ela pudesse penetrá-la com a língua. Era impossível não corresponder a um beijo tão quente e suave. Eu me vi em êxtase, completamente imerso naquele beijo, correspondendo com intensidade a cada movimento de seus lábios, de sua língua, de sua boca de tal forma que parecíamos estar numa fina sintonia, onde o que se passava com um era perfeitamente sentido em igual proporção pelo outro. Não sei por quanto tempo durou o beijo. Mas sei que ele me tocou a tal ponto que me deixou sem fôlego e ainda mais confuso a ponto de perguntar-lhe:

— Por que fez isso?

— Bem, esta foi a minha maneira de lhe dizer que... não precisa ficar triste pelo momento que está vivendo agora e que, apesar de tudo, você é um homem bonito e atraente, qualquer mulher se sentiria atraída por você — Carol respondeu

PERIGOSAS NACIONAIS

evasiva. — Além disso, você beija maravilhosamente bem! O melhor beijo que já recebi de alguém foi o seu! — completou, parecendo sincera quanto ao beijo, embora eu duvidasse de sua sinceridade em relação às outras palavras que ela dissera.

— Eu me lembro bem das coisas que você me disse, Carol. Elas ressoam até hoje em meus ouvidos com tal nitidez que é como se você tivesse acabado de dizê-las para mim. Você disse “não tenho vocação para ser enfermeira”. E, no entanto, está aqui agora se propondo a me ajudar num momento de convalescença, a me ajudar a tomar banho! Questiono-me por que você está fazendo isso. Qual a sua motivação? O que vai ganhar com isso? E não acredito que você me ache bonito e atraente! Você me rejeitou, não pode me achar tudo isso! Beijou-me por pena ou por que está carente ou

PERIGOSAS ACHERON

sei lá por que motivo, mas não o fez por gostar de mim! — rebati nervoso.

Quando terminei de falar, Carol estava estática e branca como cera. Vendo-a assim, arrependi-me de tudo o que dissera a ela mesmo sabendo que merecia ouvir muitas das coisas que eu falara.

— Perdoe-me! Eu não quis ofendê-la; mas como você já me magoou muito, nem sempre consigo me conter. Estou nervoso, cansado, estressado com tudo isso, com o fato de ter que ficar na cama para que o local de fechamento da úlcera cicatrize completamente. Deixe-me sozinho! Sou uma péssima companhia! — pedi sincero, ainda contemplando-a imóvel diante de mim.

— Admito que cometi muitos erros e fui... — Ela parou um momento, procurando a palavra certa. — muito cruel com você. Reconheço que mereço muito do que você falou aqui agora, mas está sendo injusto comigo ao insinuar que me ofereci para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cuidar de você esperando ganhar algo com isso. Eu NÃO quero ganhar nada com isso, NENHUM interesse escuso me motiva a isso! — A voz de Carol estava alterada: trêmula, exaltada. Eu a havia ferido muito mais do que imaginara.

Ela saiu do meu quarto em seguida, batendo a porta com uma fúria evidente e eu pensei que ela não mais voltaria, que deixaria minha casa. Por um lado, essa possibilidade deixou-me feliz, pois eu finalmente poderia parar de olhar para o amor da minha vida, o que era um constante lembrete de que ela estava ali, mas era permanentemente inatingível para mim. Por outro, olhar para ela, de algum modo, aplacava um pouco a dor de não poder tê-la. Era bastante complicado e eu estava muito confuso...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 52

A revelação do óbvio

Carol

— Você voltou? — Henri indagou estupefato ao ver-me entrar novamente em seu quarto cerca de trinta minutos depois de deixá-lo furioso.

— Voltei — respondi séria.

Confesso que, quando saí do quarto de Henri, estava tão furiosa que senti vontade de ir embora daquela casa e deixá-lo lá sozinho para que “se virasse”, mas não fiz isso. Eu não conseguia mais ficar longe dele por mais difícil e/ou impossível que tivesse se tornado nosso relacionamento, uma vez que eu mesma criei meios para que ele nunca desse certo. Além disso, eu tinha assumido com Cleyson o compromisso de cuidar dele.

— Por quê? — perguntou com descrença quando retornei.

Henri continuava no lugar onde eu o deixara: deitado sem camisa no divã. Só havia mudado de posição, mas estava lá. Conhecendo um pouco sobre ele como eu já conhecia, imaginei que ele não tinha saído dali apenas porque estava sendo obrigado a restringir seus movimentos para curar-se.

Ao ouvir sua pergunta, pensei um momento no intuito de encontrar uma resposta que não envolvesse meus sentimentos (eu não podia confessá-los), nem o compromisso com Cleyson, pois isso o levaria a crer erroneamente que esse era o único motivo para eu não ter ido embora. Não encontrando outro motivo plausível, preferi mentir:

— Não sei — afirmei, dando de ombros e aproximando-me dele para continuar o trabalho interrompido. Desta vez, porém, Henri deu um

PERIGOSAS ACHERON

suspiro entristecido, mas não ofereceu nenhum tipo de resistência.

Aos poucos, fui retirando as roupas de Henri, revelando seu belo corpo, sua intimidade. À medida que eu avançava, suas faces ficavam mais e mais coradas e, pela cor, eu podia jurar que também queimavam como fogo, mas eu não me senti à vontade para tocar-lhe o rosto. Ele estava envergonhado demais para eu forçar a situação e tocá-lo de uma forma que ele certamente não compreenderia e, embora meus olhos estivessem ávidos de desejo e curiosidade, preferi não contemplar abertamente sua nudez, pois sabia que isso o deixaria ainda mais envergonhado. Mas eu não sou de ferro e olhei-o disfarçadamente.

Acho que Henri não tinha muita noção da própria beleza. Apesar de suas costas ligeiramente curvadas (nunca ficavam eretas por causa da tetraplegia), ele era um homem muito bonito. O azul de seus olhos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contrastava perfeitamente com o negro de seus cabelos e dos pelos que cobriam seu peito. Seus traços faciais tinham a perfeição da inocência. Sua pele branca era macia e sedosa, seus braços eram fortes, seus ombros largos e convidativos ao abraço, seus lábios róseos pareciam pedir um beijo, seu peito era amplo e aconchegante e suas pernas, embora inertes e magras, eram esguias e firmes de modo que até a sua discreta barriguinha parecia harmonizar-se ao conjunto de sua forma física comum, porém máscula e bastante atraente para mim.

Após tomar os cuidados necessários para que Henri não machucasse o local da cirurgia (o que me permitiu constatar mais uma vez que ele tinha belas ancas) e ainda meio perdida na contemplação disfarçada de sua nudez, ajudei-o a passar para a cadeira de banho e conduzi-o ao banheiro, onde o

PERIGOSAS ACHERON

ajudei novamente a passar para o banco articulado no qual ele tomava banho.

— Deixe-me começar o banho sozinho! — pediu Henri.

— Mas você não deve fazer esforço — lembrei-lhe com o olhar fixo nele.

— Dê-me um pouco de privacidade, está bem? — ele tornou a pedir. — Prometo que não farei nenhum esforço e que chamarei você no momento de lavar as partes do meu corpo que me conduziriam a algum esforço — prometeu.

— Certo — concordei, fazendo menção de afastar-me. — Posso ficar no seu quarto para ouvi-lo me chamar mais facilmente? — perguntei-lhe por fim.

— Claro — respondeu-me ele, cerrando os olhos, abrindo a torneira do chuveiro e mergulhando na água, o que o deixava ainda mais sensual. Tive vontade de jogar-me sob a água com ele, mas não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fiz isso. Cerca de cinco minutos depois, ele chamou-me em voz baixa como se esperasse (ou desejasse) que eu não ouvisse:

— Carol?

— Estou aqui — disse, apressando-me para postar-me diante dele.

— Bem, você só precisa me ajudar com as minhas costas e com as minhas pernas... — disse ele — do joelho para baixo — frisou.

— Certo — concordei, inclinando-me para lavar-lhe as costas.

Enquanto eu lavava as costas de Henri, ele manteve os olhos cerrados e o corpo totalmente inerte como se estivesse bem distante dali. Não me importei com essa aparente indiferença e, assim que terminei, ajoelhei-me diante dele para lavar-lhe as pernas.

Henri ouviu o som de meus joelhos tocando o chão e abriu os olhos, exclamando chocado:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh, Carol! Não faça isso!

Embora entendesse o motivo de sua indignação, rebati começando a lavar-lhe as pernas com delicadeza:

— Ah, Henri! Faça-me o favor! Você está reagindo com uma donzela prestes a perder a virgindade!

— Coloque-se no meu lugar, Carol! Se você estivesse despida, gostaria que alguém a olhasse do ângulo que você está me olhando agora? — ele insistiu.

Eu, que até então permanecia de olhos baixos e olhando fixamente para as pernas dele, ergui os olhos e encarei-o, olhando-o sob o ângulo no qual ele temia ser visto e respondi sincera:

— Depende de quem fosse.

Henri suspirou e comentou:

— Temos perspectivas diferentes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu já estou terminando, Henri, e não pretendo “atacá-lo”, se é disso que tem medo. Além disso, eu já o vi totalmente desnudo mesmo. Que diferença faz o ângulo pelo qual estou vendo novamente? — provoquei ainda com os olhos sobre ele.

— Eu não tenho medo que você me “ataque”. Já desejei muito que isso acontecesse, mas hoje vejo que não é possível — admitiu, esquivando-se da pergunta e preferi não cobrar a resposta.

— E eu já desejei que algo como isso aqui acontecesse — revelei.

— Como? — indagou enquanto eu me erguia do chão.

— Eu disse que já desejei vê-lo despido. Na verdade, desejei tomar banho com você também — expliquei-lhe, abaixando os olhos para o chão, já sem ter coragem de encará-lo.

— Quando? — indagou com o tom de voz oscilando entre a surpresa e a incredulidade.

PERIGOSAS ACHERON

— Quando ainda conversávamos pela internet — respondi, ocultando parte da verdade, pois eu ainda nutria esse desejo.

— E como se sente realizando um sonho quando já não o deseja mais? — perguntou-me ele irônico.

Dei de ombros e não respondi. Ele não insistiu. Em seguida, eu o levei de volta para o quarto, ajudei-o a passar para a cama e secar o próprio corpo. No início, ele relutou dizendo que era capaz de se secar sozinho, mas eu insisti e ele acabou deixando que eu o secasse por completo.

Sequei o corpo de Henri com muita suavidade, sem esfregar a toalha (eu sabia que isso não era bom para ele), mais como se fosse uma carícia do que o ato de enxugar a água do corpo. Ele cerrou os olhos e deixou-se levar. Comecei pelos cabelos: tentei ajeitá-los com os dedos, encostei a toalha neles absorvendo o excesso de água. Passei ao rosto lindo, ao pescoço macio, aos ombros deliciosos,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aos braços fortes, ao peito amplo com pelos sedosos, ao abdome relaxado pela posição, às costas curvilíneas, ao bumbum marcado, à intimidade exposta (já sem grande resistência por parte dele), às pernas esguias e inertes e terminei nos pés igualmente inertes.

Durante todo esse processo de secagem/carícia de seu corpo, Henri não emitiu nenhum som e sua expressão manteve-se impassível, apenas sua face manifestara alguma reação corando e aquecendo-se, indicando que, embora não mais protestasse, ele ainda se sentia envergonhado, mas não consegui perceber se ele sentira algum tipo de prazer, o que me frustrou um pouco, já que esta também era a minha intenção inicial. Por fim, perguntei-lhe com um suspiro de derrota:

— Que roupa é confortável para você e não incomoda o local da cirurgia?

PERIGOSAS ACHERON

— Depois eu penso nisso. Agora, deixe-me um pouco sozinho — pediu ainda com os olhos cerrados.

— Prefere ficar despido? — indaguei.

— Não é isso. Apenas quero ficar um pouquinho assim para o corpo terminar de secar — respondeu.

— Acha que não fiz o trabalho direito? — questionei.

— Não, não é isso. Estou certo de que fez um bom trabalho e que foi bastante cuidadosa e eu agradeço por isso. De verdade. Mas, toda pessoa, quando toma banho, após se secar, sente uma sensação de frescor na pele como se a pele ainda conservasse um pouco de umidade. Sente isso?

— Sim — confirmei ainda sem entender.

— Essa sensação é agradável e logo desaparece. A pele seca. Em vocês andantes, a pele seca mais rápido, porque vocês estão em constante atividade: andam, sentam, levantam. Pessoas como eu, não

podem fazer isso e a umidade da pele, embora às vezes seja agradável, pode favorecer a ocorrência de úlceras de pressão. Por isso, após o banho, eu sempre fico uns dez minutos na cama, sem roupa, esperando a pele secar totalmente, o que favorece também a manutenção da integridade da pele, que deve ser verificada sempre — explicou.

— E como você verifica a integridade de sua pele? — perguntei curiosa.

— Bem, como morava sozinho há anos e não tenho olhos nas costas, lá em São Paulo, eu tinha um espelho no teto — respondeu apontando para o teto.

— Ah! E serve para outros usos também — observei em voz baixa e ele deu de ombros como se não se importasse. — E como você faz aqui, já que não tem espelho no teto? — indaguei curiosa.

— Bem, quando eu planejei a reforma da casa, eu imaginei que você... que nós... Bem... enfim...

PERIGOSAS NACIONAIS

você sabe... Depois eu estava tão... tão magoado... que não me importei em não colocar espelho. Enfim... acabei... relaxando... me descuidando e... consegui uma úlcera de pressão. A minha condição... não... perdoa relaxo — explicou envergonhado como se medisse cada palavra antes de pronunciá-la.

— Eu sinto muito — murmurei.

— Não sinta. Deixe-me um momento sozinho — rebateu sério. Parecia contrariado.

— Quem observa a integridade de sua pele, já que não tem o espelho? — perguntei.

— Ninguém — admitiu.

— Se quiser, enquanto eu estiver aqui, posso olhar para você — ofereci-me.

— Não acho que seja apropriado. — Ele não aceitou.

— Por que não? — questionei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porque, além de preservar a integridade da minha pele, preciso preservar também a minha sanidade mental e a minha integridade emocional — explicou descontente com a conversa. — Agora, se me der licença... — instou.

— Claro — disse, caminhando para a porta. Antes de sair e fechar a porta sobre mim, vi que ele mudou de posição, pegou o notebook, ligou-o, usou-o rapidamente, desligou-o e devolveu-o ao criado-mudo.

Fui para o meu quarto, tomei banho e troquei de roupa, pois eu tinha me molhado um pouco ajudando Henri em seu banho. Em seguida, voltei ao quarto dele e, como percebi que ele tinha adormecido, preferi deixá-lo assim, não o acordei, apenas coloquei um lençol atravessando sua cintura para ocultar-lhe a nudez e retornei para meu quarto, onde continuei a leitura de Feliz Ano Novo, que eu

PERIGOSAS ACHERON

tinha comprado na internet e chegara dois dias antes.

Retornei ao quarto de Henri, às 16h, trazendo nas mãos um copo d'água e uma cartela de comprimidos. Ele ainda dormia; mas, desta vez, deveria acordá-lo, pois era hora de um dos medicamentos que ele estava tomando.

— Henri! — chamei, colocando o copo d'água e a cartela de comprimidos no criado-mudo. Ele não respondeu. — Henri! — tornei a chamar com o tom de voz um pouco mais alto e novamente não obtive resposta. — Henri, Henri! Vamos! Você precisa acordar agora para tomar um remédio! — insisti.

— Hummm! Deixe-me dormir mais um pouquinho! — pediu ainda bastante sonolento.

— Não dá, Henri! Vamos! — pedi novamente e, desta vez, ele voltou a não responder.

Eu já estava cansada de insistir. Então, no intuito de fazê-lo despertar mais rapidamente, puxei o

PERIGOSAS ACHERON

lençol que eu mesmo colocara sobre ele, desnudando-o.

— Meu Deus! — exclamei atônita e com a voz elevada.

Ao ouvir minha exclamação, Henri despertou assustado, os olhos arregalados, os movimentos bruscos. Arrependida de minha reação desmedida, tentei contê-lo sem muito sucesso no início:

— Calma, calma! Não é nada! Não faça nenhum movimento brusco! Não é bom para você!

Henri pareceu não me ouvir. Queria saber o que acontecera, mudou de posição e concentrava esforços para sentar-se na cama com uma rapidez maior do que a que deveria empregar quando voltou a olhar para o próprio corpo meio retorcido (em meio à tentativa de se sentar) e exclamou com as faces tão vermelhas como um tomate bem maduro:

— Ai, meu Deus! Perdoe-me! Eu não...

— Calma! Não precisa ficar assim! — pedi, fixando meus olhos nos dele, profundamente envergonhados. — Minha reação foi desproporcional — afirmei.

— Devolva-me o lençol! — pediu com a voz angustiada.

Eu não respondi. Limitei-me a cobri-lo novamente com o lençol e a ajudá-lo a endireitar seu corpo logo depois de me certificar de que nenhum ponto da sutura da cirurgia se rompera com os movimentos bruscos que ele fizera.

— Perdoe-me! Eu não quis... não foi minha intenção desrespeitá-la! — pediu bastante envergonhado, a face escarlate, a voz trêmula.

— Não há de que pedir perdão, Henri! Você está em sua casa, na sua cama! Não me desrespeitou de forma alguma! — garanti, fitando-o novamente e entregando-lhe o copo d'água e o comprimido, que ele engoliu rapidamente, tomando a água em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seguida. — Eu é que lhe devo desculpas, pois minha reação foi desmedida! — admiti, observando-o pousar o copo vazio sobre o criado-mudo. — É que eu pensava que você não era capaz de ter uma ereção por causa da tetraplegia e, como eu achava que era algo impossível para você, choquei-me ao ver que é possível — assumi minha ignorância.

Henri respirou fundo, fechando os olhos ainda constrangido, mas não respondeu. Aproveitei que ele fechara os olhos para investigar com o olhar o lençol no intuito de saber se seu corpo já havia se acalmado. Tudo indicava que ainda não totalmente, mas estava a caminho disso. Depois fitei novamente seu rosto, tomei coragem e perguntei-lhe bastante embaraçada:

— Por que nunca me contou... que você é capaz... que pode fazer sexo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu falei para você que não sou assexuado — disse ainda com os olhos fechados, concentrado.

— Não é a mesma coisa! Eu pensei que você se interessava por mulheres, mas não que era capaz de... — interrompi quando vi que Henri abria os olhos e os arregalava instantaneamente para mim como se ficasse indignado muito rapidamente:

— O que você queria? Que eu me virasse para você e dissesse: “se o seu problema é sexo, eu tenho ereções frequentes”? Você queria que eu agisse assim com você?

— Não, claro que não — neguei. — É só que não sei como se diz algo assim a alguém — admiti minha incompetência. — E... as suas ereções... são frequentes mesmo? — perguntei envergonhada.

— São. Logo depois do acidente, na UTI, eu já tinha ereções — respondeu, desviando o olhar como se estivesse um pouco envergonhado de estar

PERIGOSAS ACHERON

relevando sua intimidade para mim. Mas eu não me intimidei a ponto de parar de fazer perguntas a ele.

— Posso fazer uma pergunta para você? — pedi e, mesmo sabendo que ele sempre me responderia qualquer pergunta sobre sua condição como prometera em uma de nossas primeiras conversas, pedi também: — Promete que vai me responder?

— Prometo. Lembra-se que eu prometi que responderia todas as perguntas que você me fizesse sobre minha condição? — lembrou-me, reforçando seu compromisso como se lesse minha mente.

— Lembro-me — afirmei para, logo em seguida, perguntar: — E a... ejaculação... é comum? Você ejacula? — perguntei bastante envergonhada.

— Não, não é comum. É bastante raro eu ejacular naturalmente — respondeu com seu olhar triste, porém sincero, encontrando o meu.

— Então, você não pode ter filhos — concluí. — Você não produz espermatozoides? — perguntei.

Henri fez uma meia negativa com a cabeça e depois explicou:

— Não é que não possa ter filhos. Mas é difícil ter filhos por meios naturais. O esperma é eliminado pela urina. A maioria dos homens com lesão medular tem filhos por inseminação artificial. Bem, há um método de estimulação da ejaculação com o uso de massagedor na glândula do pênis, mas não sei até que ponto ele pode ser utilizado concomitantemente com o coito. Mas tenho amigos que usaram este método e obtiveram resultado.

— Obrigada por explicar — agradeceu.

— Disponha — murmurou ele, abaixando os olhos e encontrando o próprio corpo ainda despido, envolto apenas com o lençol. — Agora, se me der licença, preciso me vestir — pediu ainda com os olhos sobre si.

— Eu vou ajudá-lo a se vestir. Mas gostaria de fazer mais uma pergunta antes. Posso? —

perguntei.

Henri olhou nos meus olhos. Os seus belos olhos azuis safira eram profundos e transmitiam-me calma e segurança. Ele entreabriu os lábios para falar, mas não o fez. Apenas assentiu, com um gesto de cabeça, permitindo que eu fizesse a pergunta.

— E no sexo, o que muda? Quando você transa hoje, você tem as mesmas sensações, sente o mesmo prazer que sentia quando transava antes da lesão medular?

— Sinto muito, mas eu não posso responder a essa pergunta — murmurou, afastando seu olhar, que se tornara subitamente tímido, do meu.

— Mas você me prometeu que responderia todas as minhas perguntas sobre sua... sua deficiência... sua condição! Você mesmo acaba de lembrar da promessa e agora está tentando quebrá-la! — cobreí indignada, com a voz um pouco alterada.

— Mas eu não estou quebrando a promessa que lhe fiz! — garantiu-me ele. — Só não posso responder a essa pergunta específica! Não... tenho subsídios para respondê-la! — rebateu. Seu tom de voz era sincero e seus olhos estavam novamente nos meus, indicando sinceridade e fazendo-me compreender o que ele estava querendo dizer:

— Você não teve nenhuma experiência sexual antes do acidente? — perguntei.

— Não, não tive — confirmou com os olhos oscilantes entre mim e a superfície da cama. — Amanda foi minha primeira namorada e ela dizia-me que queria casar virgem. Então, enquanto estivemos juntos, eu também me mantive virgem.

— Olhando para a cara dela hoje, vê-se que ela nunca teve a pretensão de conservar-se virgem — concluí, lembrando-me de seu jeito e suas roupas. Como Henri pode ter gostado de uma mulher fútil daquela? Foi o que me questionei.

— Ela não gostava de mim de verdade como você também não gosta. Só isso! — afirmou com um sorriso triste em seus belos lábios.

Henri defendeu Amanda e eu dei de ombros. Eu não gostava dela e vice-versa. A hostilidade entre nós duas era declarada e eu não tinha que fingir que gostava dela ou que acreditava em sua pretensa inocência. Suspirei e pedi:

— Pode me contar então o que sente quando transa? Como você sente prazer?

Henri arregalou seus belos olhos cor de safira e pediu:

— Por favor, pare de me fazer perguntas que não posso responder!

— Por quê? Está com medo que eu peça para você descrever suas transas em detalhes? — provoquei.

— Não. Porque eu nunca estive intimamente com uma mulher — revelou. — E pare de fingir

que não sabe disso! — pediu com a voz baixa, porém exasperada.

— Você é virgem? — perguntei-lhe incrédula, afinal ele não era nenhum garotinho. Tinha trinta e nove anos!

— Sou — confirmou. — Mas não me olhe com essa cara! Como se acabasse de ver um ET! — pediu por fim.

— Perdoe-me! Mas por quê? Por que se mantém virgem se pode transar? — perguntei sem compreender. — Você tem medo de não conseguir? — supus.

— Não tenho medo. É só falta de oportunidade, falta de encontrar a pessoa certa! — garantiu, olhando em meus olhos. O seu olhar azul era sincero. — Como eu já lhe falei, depois do acidente, eu estava muito machucado emocionalmente pelo que teria que enfrentar e por Amanda ter me deixado. Eu não queria me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

machucar novamente, não queria sentir de novo a dor da rejeição e, por isso, preferi não me envolver com nenhuma mulher. Passei muitos anos feliz assim! Quando resolvi me relacionar novamente, encontrei você — explicou.

— E não tem pressa para deixar de ser virgem?
— perguntei.

Henri riu e respondeu com os olhos fitos em mim e um semblante brincalhão:

— Não, não tenho. Eu tinha quando era adolescente. Hoje, não tenho mais. Cheguei a uma etapa em minha vida em que não me preocupo com o imediatismo de algo, nem com a quantidade. Preocupo-me com a qualidade e em desfrutar o momento — afirmou.

— Mas por que você não fez sexo ocasional como muita gente faz? — perguntei, ainda duvidando de sua virtude, embora ela estivesse evidente em seu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porque eu acredito em fazer amor e não em fazer apenas sexo. Só quero sexo com amor! Para mim, não tem sentido essas duas coisas separadas. Tenho vontade de fazer sexo, sim, e sei que conseguirei fazer isso e que será maravilhoso, mas eu só quero fazer isso com uma mulher que me ame e a quem eu também ame — explicou.

— É, hoje, eu entendo você. Eu não consigo mais... fazer sexo só por prazer, por diversão, por atração. A sensação que tenho é que estou esperando pelo amor verdadeiro para fazer isso novamente — confessei sincera diante de um par de olhos lindos, inocentes e atentos. — Bem, é estranho falar essas coisas para você sabendo que você é... tão inexperiente — admiti.

— Bem, eu não vejo nada de diferente — murmurou, contemplando o chão, claramente envergonhado.

PERIGOSAS ACHERON

— Imagino que você deve me achar uma GRANDE idiota, uma babaca sem noção e até ter muito ódio de mim por passar todo esse tempo achando que você não era capaz de ter uma... uma relação sexual, por achar que você era um... meio homem — comentei. — Meu Deus! E eu bradei isso a plenos pulmões em nosso primeiro encontro! Meu Deus, o que eu fiz! — Recordei-me de minha mais vergonhosa mancada. — Você deve sentir tanto ódio de mim que nunca conseguirá me perdoar! — concluí horrorizada comigo mesma.

— Bem, se eu não tivesse perdoado você e a odiasse como pensa, você não estaria aqui comigo agora; mas suas palavras ainda me doem MUITO! Não sei quando aquele... nosso... primeiro encontro vai deixar de doer... Talvez nunca — Henri afirmou, deixando-me, por um lado, aliviada e até feliz (ele não me odiava! Isso era MUITO bom!) e, por outro, mortificada: a dor que eu provoquei nele

PERIGOSAS ACHERON

poderia não ter fim e isso era terrível e assustador e reduzia ainda mais as chances de que um dia ficássemos juntos, mesmo que eu superasse a minha estupidez sem tamanho!

— Preconceito idiota! — murmurei numa voz quase inaudível como um resmungo, desviando ainda mais meu pensamento das palavras que ele continuava a falar.

— O que disse? — perguntou com os olhos tomados de uma súbita curiosidade e um belo sorriso nos lábios que me deixaram em dúvida sobre suas pretensões naquele momento.

— Eu disse que ainda me sinto uma idiota — respondi e era verdade, embora não fosse toda a verdade. — Mas eu fico MUITO feliz por você! Você pode mesmo ter uma esposa! Ter uma família! É um homem de verdade, afinal de contas! E tenho certeza de que encontrará uma mulher que

o aceite, apesar de suas limitações físicas — exultei sem olhar para ele.

Somente quando nossos olhares se encontraram é que percebi o quanto meu comentário tinha sido preconceituoso e quanto eu o tinha ferido com isso. Todavia, ele reagiu ao meu comentário infeliz com um sorriso irônico nos lábios e toda a resignação que podia imprimir à sua voz, embora não houvesse de fato resignação nela, e sim, uma revolta contida, disfarçada:

— Eu sempre fui... um homem de verdade! Nunca deixei de sê-lo, mesmo nos momentos mais críticos após o acidente e isso não se deve ao fato de eu poder ter uma ereção. Isso se deve a quem eu sou! Mesmo que se eu não pudesse ter uma ereção; ainda assim, eu seria um homem de verdade! Quanto a poder ter uma esposa, uma família, isso é novidade para *você*! E, mesmo assim, porque *você* não quis acreditar em mim! — ele falava dando

PERIGOSAS ACHERON

ênfase à palavra “você”. — Não é uma capacidade que eu conquistei agora! — completou, afastando os olhos dos meus como se recuasse ante algo que não quisesse ver.

— Perdoe-me! Eu sou realmente idiota e o magoei mesmo quando não tinha intenção disso. Talvez, seu irmão tenha razão em relação ao fato de eu ser nociva a você — admiti.

— Eu a perdoo, mas deixe-me sozinho! — pediu, parecendo incomodado.

— Vou ajudá-lo a se vestir e, então, o deixarei sozinho — disse. Era quase uma promessa. Eu estava me sentindo bastante culpada por tê-lo magoado novamente.

Eu ajudei Henri a se vestir e, durante todo esse processo, ele permaneceu calado, de olhos fechados e praticamente imóvel. Na verdade, eu não o ajudei a se vestir, eu o vesti. Ele estava tão chateado que,

como não podia vestir-se sozinho, preferiu ser vestido.

Quando Henri estava pronto, ele murmurou um “muito obrigado” e eu saí do quarto, ciente de minha burrice, fechando a porta atrás de mim.

Entrei em meu quarto bastante chateada comigo mesma. Eu havia piorado as coisas, embora soubesse que o fato de Henri poder ter uma relação sexual não mudava muita coisa em nosso convívio ou talvez até o tornasse mais complicado. Eu não precisava mais fazer conjecturas a respeito de até onde ele poderia ir em um relacionamento íntimo. Agora, eu sabia que ele podia fazer sexo e isso era bom; pois, quem sabe um dia (se eu superasse meus preconceitos tolos e ele ainda me quisesse), nós poderíamos ter um relacionamento amoroso. Eu só não sabia exatamente em que posições ele poderia fazer sexo e se sentiria prazer como um homem

sem tetraplegia; mas imaginava que poderíamos descobrir essas coisas juntos.

No entanto, saber que a única coisa que me mantinha afastada dele era o meu preconceito idiota deixava-me ainda mais confusa e o nosso convívio ainda pior. Por que eu tinha um medo patético e irracional de possíveis obstáculos a enfrentar? Por que eu me preocupava com o que os outros iam falar e como nos olhariam se estivéssemos juntos? Por que eu temia ter que lidar com o preconceito dos outros em relação a nós? Por que eu sentia pânico de uma dor que não tinha experimentado? Por que me sentia mal ao imaginá-lo sempre naquela cadeira de rodas? Por que minha primeira reação à queda de uma de minhas barreiras mentais a ficar com ele tinha sido jogar o meu preconceito na cara dele, feri-lo?

Percebi que estava sendo muito egocêntrica e que, em todas estas perguntas que assolavam à

PERIGOSAS ACHERON

minha mente, eu só considerava os obstáculos pelos quais eu teria que passar, o quanto eu ficaria magoada se fosse vítima de preconceito por estar com ele. Em nenhum momento, eu considerei os sentimentos dele, como ele se sentiria se estivéssemos juntos e eu me esquivasse dele numa situação de preconceito. Eu o machucaria muito. Será que eu conseguiria superar minhas fraquezas idiotas se ele quisesse ficar comigo, se eu conseguisse confessar (e fazê-lo acreditar) em meu amor? Eu não tinha certeza.

Como lidar com um amor tão contraditório? Será que o melhor a fazer não seria afastar-me de Henri o mais rápido possível pelo bem da integridade emocional minha e dele? Isso era algo no qual eu precisava pensar com cuidado...

Do quarto de Henri, ouvi novamente o som do notebook sendo ligado. Olhei do “Feliz Ano Novo” para o meu notebook e do meu notebook para o

PERIGOSAS ACHERON

“Feliz Ano Novo”. Ambos me chamavam com apelos insistentes: o do prazer e o do dever. Achei mais razoável ceder ao do dever e, em questão de minutos, meu notebook era ligado e a Carol pesquisadora surgia de dentro de meu cérebro para se sobrepor à Carol confusa e torturada desde que eu descobri que o amava. Todavia, um minuto antes de entregar-me à minha dissertação de corpo e alma, pensei que, se o nosso primeiro encontro tivesse sido diferente, se a minha rejeição a ele não tivesse sido tão contundente, talvez as coisas fossem diferentes.

CAPÍTULO 53

O óbvio e o nada

Henri

Droga! Eu sou mesmo um GRANDE tolo! Como pude pensar, mesmo por alguns minutos, que Carol mudaria de atitude em relação a mim, que ela me aceitaria só por saber que eu posso ter relações sexuais? Como pude sorrir pateticamente e achar que ela cairia em meus braços? E o pior: ela deve ter percebido minha estupidez claramente, tanto que, em seguida, como uma cobra que destila o próprio veneno em sua vítima, ela impingiu-me mais uma grande dose do seu preconceito cruel ao afirmar que eu era “um homem de verdade” como se, alguma vez em minha vida, eu tivesse deixado de sê-lo. Se não tivesse de repouso tinha

abandonado o meu quarto o mais rápido possível!
Que raiva que eu senti dela naquele momento!

Imaginei que Carol nunca superaria o preconceito e a repulsa que sentia em relação à minha deficiência, em relação a mim. E eu me vi perdido, amando cada vez mais uma mulher que nunca me amaria, que só me veria com pena ou deboche e eu não sabia como lidar com aquilo. Ela exercia um fascínio muito grande sobre mim, eu ficava como bobo perto dela e, quando falava as coisas que ela merecia ouvir, geralmente sentia-me culpado depois. Era horrível, degradante, amar assim sozinho, sem ser correspondido!

Quando me recordei de que Carol conhecera, até certo ponto, minha intimidade, vendo meu corpo nu por vários ângulos, ajudando-me com o banho e as roupas, percebendo que eu sou capaz de ter relações sexuais, temi o que ela poderia fazer com essas informações, o quanto ela poderia me

PERIGOSAS ACHERON

machucar se utilizasse essas informações para me ferir. Mas será que ela me odiava também a ponto de me ferir assim, de forma tão cruel?

Recordei-me que tinha perguntado a Carol qual era a sua motivação para querer cuidar de mim e que ela não tinha me respondido. Questionei-me se ela desejava me humilhar e se eu suportaria, mais uma vez, passar por uma humilhação semelhante à de nosso primeiro encontro e constatei que não; provavelmente, eu não suportaria. Amá-la e ser brutalmente rejeitado arruinara totalmente minha capacidade de combater de forma eficaz o preconceito dela contra mim.

Sem saber o que fazer diante desta situação, preferi trabalhar um pouco. Peguei meu notebook, coloquei-me numa posição que não pressionasse o local da cirurgia e trabalhei um pouco em meu relatório de pós-doutorado. Não muito tempo depois, Carol retornou ao meu quarto perguntando-

PERIGOSAS NACIONAIS

me se eu queria que ela trouxesse o meu jantar na cama ou preferia tentar comer à mesa da cozinha. Preferi tentar comer à mesa.

Carol jantou comigo. Iniciamos o jantar em silêncio e permanecemos assim por muito tempo até que eu tive a infeliz ideia de quebrar o silêncio:

— Carol... — comecei.

— Sim? — indagou, erguendo seus belos olhos de mogno que, até então, estavam sobre a comida.

— Agradeço muito o que tem feito por mim e a sua companhia lá no hospital, mas eu acho que não é mais necessário. Eu estou muito bem e posso me virar sozinho. Você não precisa mais me ajudar com nada — agradei, expliquei e, ao mesmo tempo, dispensei a ajuda dela. Minha voz fora constrangida e eu percebi instantaneamente a mistura de confusão e irritação que assomou ao rosto dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Henri, eu assumi um compromisso perante Cleyson! Eu me comprometi a cuidar de você! Tem noção do que isso significa?

— Tenho — afirmei. — E garanto que, se me acontecer alguma coisa, se eu piorar ou sei lá o que possa vir a acontecer comigo, eu nunca a culparei ou a responsabilizarei por nada! Prometo isso a você! — garanti a ela, contemplando seu olhos que pareciam assumir uma mistura de dor e ofensa.

— E o que pode vir a acontecer a você? Não se sente bem? — indagou ainda com os olhos fixos aos meus como se estivessem unidos por um único cordão de náilon.

— Reafirmo que estou bem. É só uma suposição! — rebati. — Não se preocupe!

— Não vou romper meu compromisso com Cleyson — disse Carol por fim.

— Olhe, Carol, ele não vai saber! Não precisa saber!

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Não posso fazer isso! Pois eu não conseguiria conviver com isso, com essa mentira — Carol explicou, encarando suas mãos que seguravam os talheres que, parados já a um tempo em seu prato, pareciam esperar que ela voltasse a comer.

— E eu não estou conseguindo conviver com isso! — afirmei no tom mais firme que minha voz podia produzir.

— Do que está falando? — Carol perguntou, apertando os olhos e curvando as sobrancelhas para baixo como se tentasse entender antes que eu explicasse.

— Desta situação que estamos vivendo. Não dá! É difícil! Você entrou a tal ponto em minha intimidade que... — interrompi sem saber o que dizer. Deveria admitir que a situação em que nos encontrávamos tornava ainda mais difícil amá-la e não a ter, que isso estava me machucando

PERIGOSAS ACHERON

profundamente e que eu temia que ela me magoasse mais usando o que ela conhecia de minha intimidade? Refleti confuso; mas, antes que eu terminasse as minhas reflexões e começasse a falar, ela se antecipou e garantiu:

— Ah, então, o que o está incomodando é o fato de eu conhecer a sua intimidade. Não se preocupe! Não vou usar isso para machucar você.

Suspirei e me afastei de Carol, movendo a cadeira de rodas em direção ao meu quarto. Ela não entendia o que eu queria dizer; pois, para mim, ela não me amava, tanto que se ergueu rapidamente e conduziu-me ela mesma ao quarto e esperou-me escovar os dentes para depois ajudar-me a retornar à cama. Tudo para ela era uma obrigação, o cumprimento do compromisso que assumira perante Cleyson. Eu acreditava que ela não me amava, não era capaz de sentir o que eu sentia. Então, a meu ver, nada daquilo era incômodo para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela. Parecia mais automático do que qualquer outra coisa.

Já na cama, liguei o notebook e entrei no chat para esperar por Rosa. Ela entrou cerca de 30 minutos depois:

— Olá, Henri! Boa noite! Como você está? — saudou-me ela, colocando um sorrisinho após meu nome. Imaginei que estivesse feliz em conversar comigo de novo.

— Bem. Ainda me recuperando. E você como está? — perguntei.

— Estou bem — afirmou. — Só um pouco confusa.

— Confusa com o quê? — perguntei e confesso que eu estava bastante curioso.

— Nada que eu consiga explicar a você agora, Henri — replicou evasiva. — Eu estava sentindo falta de conversar com você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu também estava com saudades de conversar com você, Rosa! — disse. E era verdade. Eu nunca me estressara por conversar com ela, ao contrário das vezes em que conversava com Carol. Não ter meu amor correspondido me estressava.

— Você está se recuperando mais rápido do que eu pensava!

— É verdade, mas eu... — parei hesitante, pensando se devia ou não contar a ela que estava sob os cuidados de Carol.

— Continue... — pediu.

— Estou sob os cuidados da moça de quem eu gosto — completei, decidindo-me pela verdade.

— E? — indagou.

— Eu não sei se é correto desabafar com você. Não quero magoá-la. Não quero magoá-la como ela me magoa — respondi indeciso sobre o que devia fazer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como ela o magoa? — perguntou. Perguntei-me qual era o interesse dela nisso. Solidariedade? Masoquismo?

— Não acho que devo falar sobre isso com você — disse, fugindo da pergunta.

— Não se preocupe comigo. Acima de tudo, estou aqui para ouvi-lo — afirmou.

Boa samaritana? Será? E, se fosse, eu teria o direito de magoá-la, sabendo que ela tinha me dito que eu era a melhor coisa que havia acontecido na vida dela?

— Não é algo que ela faça intencionalmente. Aliás, não sei por que ela está cuidando de mim. Talvez remorso por ter me magoado muito em nosso primeiro encontro. O problema é que isso está sendo muito difícil para mim. A proximidade dela... é difícil. É difícil querer alguém que está TÃO perto de você, mas você não pode ter! —

PERIGOSAS ACHERON

confessei, já me arrependendo de ter contado tudo a ela.

— E é dela que você realmente gosta? É a ela que você ama? — Rosa perguntou-me. Será que ela queria saber se eu estava tendo êxito em extinguir meu amor por Carol?

— Você quer saber se estou tendo êxito em minhas estratégias de esquecê-la? — indaguei.

— Bem, esqueça a minha pergunta. Acho que ainda não tenho direito de fazê-la a você. Quem sabe um dia. — Rosa liberou-me da pergunta, o que achei estranho. Mas Rosa era estranha: passiva demais, compreensiva demais. Será que era real? — E se ela... se essa moça gostar de você? — perguntou.

Instantaneamente, eu me vi negando isso com um gesto de cabeça como se ela pudesse me enxergar. Mas, ao recordar-me de que ela não podia, escrevi:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Ela não me ama.

— Como pode ter certeza? — indagou. — Talvez ela apenas não saiba como dizer isso a você ou não saiba lidar com o que sente. Nunca pensou nisso? — supôs. Ela estava defendendo as atitudes de Carol?

— Rosa, ela já me deu muitas provas de que não me ama. Seria insanidade minha se, depois de todas essas provas, eu acreditasse que ela seria capaz de sentir alguma coisa por mim — expliquei-lhe, balançando novamente a cabeça num gesto de negação como se ela pudesse me ver.

— A retardada perdeu você por burrice e incompetência — Rosa comentou.

— Eu a perdi, porque ela não me ama — a corriji.

— Não se pode perder aquilo que não se tem, Henri — observou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem razão. Eu nunca a tive. Então, não a perdi — concordei com Rosa para acrescentar em seguida: — Mas meu coração era dela. Eu era dela, não no sentido físico, mas no sentido de que eu me considerava dela.

— Eu lamento muito e desejo sinceramente sua felicidade.

— Rosa, você... — hesitei e escrevi as reticências para que ela notasse minha hesitação. — você me quer? — completei a pergunta por fim.

— Quero — afirmou. — Mas há muitas coisas sobre mim que você não sabe e não sei se seria fácil para você aceitar.

— A que coisas você se refere? — perguntei ao mesmo tempo curioso e preocupado.

— Bem, eu prefiro contar a você pessoalmente. Mas garanto que não é nada que inflija a lei — brincou e eu coloquei uma carinha de riso em resposta. Mas, logo depois, eu disse:

PERIGOSAS ACHERON

— Já é tarde e eu não posso ficar muito tempo na mesma posição. Nos falamos amanhã no mesmo horário, Rosa?

— Claro que sim. Nos vemos amanhã então — concordou, colocou uma carinha de sorriso após o “então” e, em seguida, desconectou-se do chat.

CAPÍTULO 54

Adormecer

Carol

Eu estava me sentindo cada vez mais perdida com esse embate interior entre o amor que sentia por Henri e o preconceito que eu tinha contra a sua condição. Houve momentos em que desejei correr para ele, abraçá-lo, beijá-lo... Mas também houve momentos em que eu desejei sair dali e nunca mais voltar, simplesmente sucumbir silenciosamente à minha própria estupidez. Todavia, eu não podia fazer isso, embora parecesse ser a coisa mais certa a fazer, pois tinha assumido o compromisso de cuidar de Henri e também se tornara muito difícil para eu manter-me afastada dele. Meu coração impulsionava-me veementemente para ele.

Apesar de tudo isso, eu não queria manter o clima pesado que se formara entre nós desde que descobri que ele podia ter relações sexuais e que, mesmo tentando ser legal, acabei discriminando-o de forma grotesca. Eu sabia que o clima ruim o machucava e era opressor para mim também.

Pensei no assunto durante todo o sábado e concluí que a melhor maneira de estar ao lado de Henri e, ao mesmo tempo, reduzir a probabilidade de magoá-lo com algum comentário idiota seria propor-lhe que assistíssemos a um filme juntos.

Quando entrei em seu quarto, Henri parecia ter acabado de ligar o notebook e encontrava-se absorvido em ler seus e-mails e apagar *spams*, tanto que não reagiu à minha presença.

— Henri? — chamei-o, fixando os olhos nele, após uns minutos de espera.

— Hã? — Foi a resposta dele, sem retirar os olhos do notebook, claramente decidido a me
PERIGOSAS ACHERON

ignorar. Essa seria a estratégia dele agora? Ignorar-me? Eu preferia que ele me ferisse, me ofendesse, ao invés de tratar-me com indiferença.

— Você quer assistir a um filme comigo? — indaguei, já esperando ganhar um não como resposta. O descontentamento dele era cada vez mais claro em seu rosto.

— Como você bem sabe, ainda não posso ficar muito tempo sentado — respondeu displicentemente.

Eu não tinha pensado nisso e, de imediato, não sabia como reagir. Fiquei longos minutos em silêncio refletindo sobre o que responder. Mas, por fim, ocorreu-me algo:

— Nós podíamos assistir ao filme aqui em seu quarto.

— O quê? — indagou Henri sobressaltado, encarando-me com os olhos arregalados.

— É tão... repulsiva assim... a ideia de assistir a um filme comigo? — indaguei desorientada com a reação dele.

Henri respirou fundo. Seu semblante pareceu-me entediado como se ele fosse replicar a mesma coisa pela milionésima vez, mas respondeu-me:

— Não acho que isso seja apropriado.

De fato, Henri já tinha dito isso um milhão de vezes; mas, na maioria das vezes em que dizia isso, acabava reconsiderando. Tentei compeli-lo a reconsiderar novamente, argumentando:

— Prometo falar o mínimo possível.

— O problema, Carol, não é o quanto você fala, mas o que você fala e, o que é pior, também o que você pensa! — exclamou, franzindo o cenho em mais um sinal evidente de descontentamento. Pensei em não continuar insistindo, mas era intenso o meu desejo de estar perto dele, apesar das suas pretensões em afastar-se de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lamento por isso — afirmei com sinceridade.
— Ajude-me a pensar de forma diferente, a mudar!
— Este meu pedido era igualmente verdadeiro.

Henri encarou-me com incredulidade e perguntou-me, o estranhamento referente ao meu pedido arranhando sua bela voz:

— Por que está me pedindo isso?
— Porque eu não quero mais machucá-lo — afirmei.

— Ah, certo — murmurou irônico e incrédulo.
— E aí? Você vai assistir ao filme comigo ou não? — cobre uma resposta, olhando fixamente para Henri. Ele encarou-me com igual intensidade; mas, aos poucos, seus olhos assumiram uma expressão de indecisão e, por fim, ele cedeu ao meu desejo:

— Vou — replicou, digitou algo no notebook e, em seguida, desligou-o, devolvendo-o ao criado-mudo ao lado de sua cama.

PERIGOSAS ACHERON

— E eu posso trazer uma cadeira para cá? —
perguntei-lhe meio sem jeito.

— Não é necessário. Você pode assistir ao filme aqui na cama comigo — disse ele, pousando uma das mãos ao seu lado na cama como se estivesse indicando o lugar no qual eu deveria me sentar.

Confesso que fiquei muito surpresa com a atitude de Henri. Nunca imaginei que ele fosse me permitir estar ao seu lado, em sua cama. Minha perplexidade foi tamanha que arregalei os olhos e entreabri os lábios involuntária e automaticamente ao ouvir suas palavras. Eu devo ter ficado com cara de idiota, mas ele achou que era medo e afirmou:

— Se quer assistir ao filme comigo, não faça essa cara! Eu não vou agarrar você!

Balancei a cabeça positivamente e fui buscar a mídia de DVD. Quando retornei ao quarto, ele perguntou numa curiosidade comedida:

— Que filme vamos assistir?

— “*The Lake House*” ou “A Casa do Lago” — respondi. — Você já o assistiu? — perguntei.

— Não, ainda não — respondeu. — E você? — perguntou-me.

— Assistirei pela segunda vez com você. Gosto do filme. É uma história de amor na qual o maior obstáculo é o tempo — respondi. — Como gostaria do áudio e/ou legenda do filme? — perguntei.

— Se não se importar, eu gostaria de áudio e legenda em inglês. É sempre bom exercitar um pouco o inglês — sugeriu.

— Bem, neste aspecto, nós concordamos totalmente — afirmei e era verdade. Eu também gostava de exercitar o meu inglês assistindo a filmes estrangeiros.

Com a mídia colocada no aparelho de DVD, o áudio e o som escolhidos, peguei o controle remoto e sentei-me à beirada da cama de Henri, no lado oposto ao que ele estava e a uma boa distância dele.

Ele deitou-se de lado e concentrou-se no filme, mudando de posição com frequência. A cada vez que ele fazia menção de mudar de posição, eu sempre pausava o filme e o ajudava. Ele mostrava-se um pouco constrangido com a minha ajuda, mas não a rejeitava, dizendo sempre “obrigado” quando eu terminava de ajudá-lo.

Confesso que não estava muito atenta ao filme, apesar de gostar verdadeiramente dele. Minha atenção estava dividida entre as cenas e os meus olhares furtivos para Henri. Era impossível não olhar para ele! Ele tinha um magnetismo... Exercia uma atração tão forte sobre mim que eu tinha que ter cuidado para não ficar só olhando para ele. Como aquela noite estava bastante quente, ele vestia apenas um short branco muito curto. Tinha seus braços, pernas e peito nus, os cabelos revoltos, os olhos azuis safira brilhando intensamente e um sorriso ingênuo que me dava vontade de correr para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele e abraçá-lo ternamente, mas também me despertava o desejo de beijá-lo voluptuosamente.

Em um dos momentos em que Henri pegou-me olhando-o com insistência, sorriu com tal intensidade, que parecia que todo o seu ser sorria para mim, e perguntou-me:

— O que foi?

Eu estava tão absorta naquela atmosfera apaixonante, tão absorta nele que não soube responder, apenas balancei minha perna que jazia pendurada para fora da cama, encolhi o corpo apoiado numa beirada ínfima do colchão e gaguejei:

— É que... Eu é... Eu não...

Eu não disse coisa com coisa de tão aparvalhada que me encontrava e Henri deu outro sorriso, julgando, creio eu por sua resposta, compreender o que eu desejava e disse:

PERIGOSAS ACHERON

— Fique à vontade, Carol! Deite na cama. Relaxe! Aja como se estivesse em sua própria cama. Eu não vou “atacar” você!

Quase pedi que ele me “atacasse”, mas preferi não responder nada. Do jeito que eu estava, se respondesse, certamente cometeria um ato falho que me denunciaria e eu não seria capaz de encontrar uma desculpa convincente para dissuadi-lo da verdade que gritava dentro de mim: que eu não conseguia viver sem ele, mas não conseguia acabar com meu preconceito idiota que não me permitia conviver com a deficiência dele. Mas eu segui o seu conselho: deitei-me em sua cama, relaxei, estiquei meu corpo. Assim, eu me sentia mais perto dele e tinha mais forças para me conter. Mas continuei a alternar meus olhares entre o filme e ele e fechei os olhos.

CAPÍTULO 55

Acordar

Henri

Fiz questão de concentrar-me ao máximo no filme para tentar esquecer-me de que Carol estava bem ao meu lado, até porque, muitas vezes, senti seu olhar sobre mim. Até mesmo nas vezes em que ela me ajudou a mudar de posição, mantive os olhos baixos e não a encarei. Esta foi a melhor maneira que encontrei para lidar com o fato de que a mulher que eu amava estava na minha cama e eu nem sequer podia tocá-la.

Lembro-me de que olhei para Carol somente uma vez, quando faltava uns trinta minutos para o filme terminar, e notei que ela estava agoniada por estar numa ínfima extremidade da minha cama e

intimidada demais para avançar sem que eu permitisse e/ou garantisse que não a tocaria. Quando eu assegurei-lhe que poderia deitar-se e que eu não a tocaria, ela relaxou e adormeceu profundamente.

Chamei seu nome, tentei acordar Carol várias vezes, mas não obtive sucesso. E ela era tão linda dormindo... Parecia desfazer-se de toda a sua implicância, de todo o seu preconceito... Enfim, ela parecia despir-se de tudo que fazia com que ela me rejeitasse e assumia uma aura de pureza, somada a um belo rosto angelical. Definitivamente, ela parecia um anjo que optara por minha cama ao invés de uma nuvem para repousar. Completava o visual angelical sua camisola de algodão branco quase infantil, com o tecido ornado de pequenas rosas azuis, alças estreitas, babado azul bebê na barra e um farto decote que me permitiu ver o ápice do sutiã branco e simples (sem rendas ou detalhes)

que acomodava seus seios e a curva dos mesmos em seu busto.

Confesso que tive muita dificuldade para conter meu desejo de tocá-la, acariciá-la, mas consegui suplantar meus impulsos e não a toquei. Ao contrário, mesmo sabendo que corria o risco de cair (o que não seria bom para o meu processo de recuperação), recolhi-me à extremidade da cama. Também tive dificuldade para começar a dormir e para conciliar o sono, pois acordava a todo momento como se fosse para me certificar de que Carol estava realmente ali, ao meu lado. Quando consegui realmente dormir, já eram umas duas da madrugada.

Acordei por volta das oito e Carol ainda dormia. Não resisti: permaneci na cama, a alguma distância dela, imerso na contemplação de seu sono de anjo, mudando de posição apenas quando necessário e com muito cuidado para que não fosse um

PERIGOSAS ACHERON

movimento brusco (pela minha própria recuperação) ou barulhento (para não a acordar).

Carol acordou por volta das nove. Abriu e piscou os olhos lentamente, movendo seus fartos cílios até que, por fim, seus despertos olhos de mogno fixaram-se em mim e ela indagou:

— Faz muito tempo que o filme acabou?

— Faz *muito* tempo! — respondi, sorrindo e dando ênfase ao “muito”.

— Tem noção de que horas são? — perguntou, parecendo perdida.

— São nove da manhã de domingo.

— Meu Deus! Eu dormi aqui? Na sua cama? — indagou num murmúrio.

— Sim, você dormiu na minha cama — confirmei.

— Por que você não me chutou para fora da sua cama? — Carol perguntou-me. Todo o seu semblante era questionador: as sobrancelhas

PERIGOSAS NACIONAIS

arqueadas, os olhos inquisidores, os lábios entreabertos... tudo parecia indicar sua surpresa.

Eu sorri e repliquei:

— Bem, se dependesse de eu chutar você para que saísse da minha cama, você passaria a eternidade deitada aí.

Carol pareceu chocar-se com as minhas palavras e, após olhar para as minhas pernas imóveis, pediu:

— Perdoe-me, Henri! Eu não quis ofendê-lo! Eu falei sem pensar e... — Ela estava tão constrangida que nem terminou de falar.

Eu ri novamente e expliquei:

— Você não me ofendeu, Carol! O fato de eu não poder mais andar não quer dizer que você ou qualquer outra pessoa não possa utilizar verbos relacionados ao movimento das pernas em relação a mim. Você pode usar qualquer verbo... Quero que me trate como trata qualquer pessoa!

PERIGOSAS ACHERON

Carol iniciou um meneio afirmativo com a cabeça, mas parou antes de concluí-lo e disse:

— Você poderia ter me empurrado para fora da cama.

— Eu não faria nada que pudesse machucá-la, Carol — garanti. — Se eu não estivesse mais em recuperação, passaria para a cadeira de rodas, pegaria você no colo e a levaria para a sua cama.

— E, pelo jeito, sou eu quem deve tê-lo chutado e empurrado em sua própria cama... Você está na beirada — disse observando a distância entre nós na cama.

— Não. Você não me chutou, nem me empurrou. Pelo menos não que eu sentisse. Eu é que preferi me encolher, pois não queria atrapalhar seu sono — respondi, sendo o mais sincero que pude.

Carol olhou-me com surpresa no olhar como se não entendesse minha atitude. Sua expressão era tão linda, tão ingênua que não resisti: sorri e

PERIGOSAS ACHERON

estiquei o braço no intuito de acariciar-lhe a face, mas contive-me a poucos milímetros de suas bochechas, cerrando minha mão e puxando meu braço vagorosamente para não parecer uma indelicadeza ou falta de respeito. Em seguida, baixei os olhos sem saber como justificar minha atitude impulsiva de querer tocá-la. Não sei por que, mas Carol moveu seu corpo na cama de modo a colocar-se mais próxima de mim, esticou o braço e tocou minha face, acariciando-a e executando o gesto de carinho que eu tinha impedido a mim mesmo de fazer.

— Por quê? — perguntou-me Carol, ainda acariciando meu rosto e fixando seu chamejante olhar de mogno em mim.

— Por quê?! — repeti sem saber o que ela perguntava.

— Sim. Por que se encolheu para me dar tanto espaço em sua cama? — refez a pergunta, desta vez

bem mais clara.

— Porque... eu... ainda gosto de você, Carol, e não queria que você se sentisse incomodada com a minha presença — murmurei em voz muito baixa. Logo que comecei a falar, pensei que não seria capaz de terminar.

— Eu... — começou Carol com um semblante indefinível. Eu não sabia se queria denotar raiva, aborrecimento, constrangimento, pena, enfado... Enfim, mas eu sabia o que ela queria dizer: queria lembrar-me de que não me amava. Então, interrompi-a, erguendo uma das mãos em sinal para que ela parasse, e disse:

— Não precisa dizer nada. Eu... sei que você não me ama. Não precisa repetir mais uma vez... Eu não estou lhe cobrando nada.

Carol não parou de acariciar minha face, mas seus olhos encheram-se de lágrimas. Preocupado, pedi:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Perdoe-me! Eu não devia ter dito isso.

Carol entreabriu os lábios como se fosse falar, mas nenhuma palavra deixou sua boca. Ao invés disso, seus olhos (até então fixos nos meus) percorreram todo o meu corpo insistentemente: meu rosto, pescoço, peito, abdome, pernas e pés. Isso me causou um súbito constrangimento, pois eu sabia que ela estava comparando meu corpo magro, feio, encurvado e ornado por uma barriguinha com o corpo atlético e perfeito que Leno deixava evidente através de suas roupas justas.

— Por favor, não me olhe assim! Não me compare com Leno, pois não há comparação possível.

Carol meneou a cabeça negativamente e, apontando para a minha perna, perguntou-me:

— Que saco branco é aquele saindo de dentro do seu short?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Instintivamente, levei a mão à perna para apalpar o tal saco ao qual Carol se referia e respondi meio sem jeito:

— É um coletor de urina.

— Eu não o vi usar isso desde que voltou do hospital — ela observou.

— Com a reabilitação, eu readquiri um bom controle de minhas funções fisiológicas; mas, se eu ficar apertado, posso não conseguir me conter. Por isso, quando vou ficar mais na cama ou estou muito cansado e pretendo acordar mais tarde no dia seguinte, prefiro colocar o uripen — expliquei, afastando meu rosto de sua mão e, em seguida, com os olhos fixos no teto, completei, sentindo-me envergonhado: — Esta noite eu quis afastar qualquer risco de molhar você.

Não vi a expressão que Carol trazia no rosto ao ouvir minhas palavras. Sei que ela se levantou, deu

PERIGOSAS ACHERON

a volta na cama, curvou-se sobre mim, beijou-me a testa e disse sorrindo num murmúrio:

— Bom dia, Henri! Vou preparar nosso café da manhã.

Confesso que não entendi o motivo do beijo; mas, quando Carol deixou meu quarto, toquei minha testa no local onde ela me beijara e saboreei mais uma vez, em minha lembrança, o calor e a umidade de seus lábios em minha pele e desejei senti-lo novamente e que aquele beijo fosse em meus lábios.

Durante o café da manhã, observei-a com cuidado no intuito de tentar descobrir, sem que ela notasse, o motivo do beijo e também da carícia, mas não obtive êxito. Diante disso, senti ânsia de perguntar-lhe os motivos; mas o medo de que a resposta fosse simplesmente “por pena” e que isso me fizesse sofrer mais me fez conter meu ímpeto e eu permaneci calado durante quase todo o tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

No restante do dia, eu e Carol nos vimos e conversamos somente o necessário. Ela só veio para perto de mim nos momentos em que achou que deveria me ajudar em alguma coisa e praticamente não falou, reforçando minha suspeita de que ela fazia tudo isso unicamente por pena e fazendo com que eu me sentisse um estorvo.

De noite, recolhi-me cedo ao meu quarto e, embora eu desejasse secretamente outra sessão doméstica de cinema, Carol não me propôs nada e creio que também tenha se recolhido cedo ao quarto logo após arrumar a cozinha, pois a casa mergulhou em um profundo silêncio, quebrado apenas pelos toques de meus dedos no teclado do notebook. Quando expliquei (sem contar o motivo) a Rosa que não pude conversar com ela na noite anterior, ela simplesmente respondeu-me:

— Sem problemas. Também não pude conversar com você ontem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Rosa também não explicou o motivo pelo qual não pôde conversar e pareceu-me bastante apática. Eu não sabia por que ela estava assim e, como não me contou, não me senti à vontade para perguntar-lhe. Resultado: naquela noite, nossa conversa durou pouco e eu desliguei o computador perguntando-me se ela estava perdendo o interesse por mim. Não encontrei em mim mesmo uma resposta, mas essa possibilidade não me assustava, pois eu amava Carol e não a ela. O que me assustava era o fato de que ela viesse a me amar (como me pareceu algumas vezes que isso estava começando a acontecer) e eu continuasse a amar Carol.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 56

Frustração

Carol

Frustrada! Eu me sentia MUITO frustrada comigo mesma e com Henri! Eu não planejei dormir na cama dele, simplesmente aconteceu; mas, já que tinha acontecido, eu poderia ter aproveitado a oportunidade e não o fiz!

Senti-me tão incompetente! Que expressão será que eu coloquei em meu rosto para demovê-lo de tocar-me a face? Quando eu toquei-lhe a face, por que ele não retribuiu o toque? Será que ele ainda gostava realmente de mim? E, se não gostava, por que tornou a afirmar que gostava?

E eu me senti TÃO burra... Poderia ter dito a ele que também gostava dele, que o amava, mas tive

dificuldade para começar e ele não me deixou terminar. Mil perguntas assolavam minha mente com a força de um furacão: por que será que ele fez isso? Por que fora tão fácil dizer a ele que o amava no chat, mas eu não conseguira dizê-lo naquele momento? Era tão difícil olhar nos olhos dele e, depois de tudo o que eu fizera, confessar que, apesar de todos os meus erros, eu o amava... E a verdade é que o meu preconceito contra a deficiência dele tolhia minha capacidade de falar e até mesmo a minha inteligência e o meu discernimento.

E o beijo... foi um ato impensado. Eu fiquei muito tempo me questionando se devia tê-lo beijado e como ele tinha interpretado esse ato. Pensei que Henri fosse me perguntar sobre o beijo; mas, quando ficou claro que ele não o faria, tive uma imensa vontade de perguntar, embora não houvesse como perguntar. A única maneira

PERIGOSAS ACHERON

possível seria “*gostou do meu beijo?*” e esta pergunta seria demasiadamente esdrúxula para a nossa situação.

Apesar de tudo isso, cheguei ao final do dia convicta de que Henri, de certa forma, havia me dado uma resposta. Seu jeito mais calado e constrangido que o habitual e o isolamento que se formou entre nós durante o dia indicavam que ele tinha ficado incomodado com a situação e não gostara do beijo.

Eu estava perdendo Henri antes mesmo de tê-lo. Questionei-me por que as coisas tinham que ser assim para mim; pois, justamente no momento em que me descobri completamente apaixonada por ele, tudo indicava que ele começava a esquecer-me e a transpor seus sentimentos por mim para o passado. E a verdade é que, apesar de todas as declarações dele, eu sempre colocava em dúvida seu amor por mim. Será que ele ainda conseguia

me amar depois de tudo o que eu fiz? Será que ele realmente me amou ou esse amor nada mais era do que a mera carência de afeto de um homem muito solitário?

Minhas divagações estavam me deixando cada vez mais confusa. Pensei que talvez a melhor forma de resolver toda essa confusão seria revelar para Henri os meus sentimentos, mas eu não sabia como fazer isso depois de tudo o que eu tinha feito. Só sabia que aquela não era a melhor ocasião. Ele precisava primeiro se restabelecer completamente, o que também me conferia tempo para pensar na melhor forma de contar e não ser mal interpretada, embora eu imaginasse que ele (com toda a razão) não me aceitaria e eu não estava certa se desejava sua aceitação, pois eu não aceitava a sua deficiência e esta fazia parte de seu corpo. Não havia como separar uma coisa da outra. Meu coração dizia que a deficiência não importava, mas meu preconceito

idiota enumerava uma série de obstáculos que eu era covarde demais para tentar transpor.

Durante o restante do feriado prolongado, o clima entre nós melhorou. Henri não se mostrou mais tão fechado comigo: conversávamos sobre vários assuntos, sorriamos e ele até me deu algumas sugestões à construção da minha dissertação de mestrado. Em algumas tardes, eu até ousei trabalhar na dissertação ao lado dele em sua cama, enquanto ele trabalhava um pouco em seu relatório de pós-doutorado, atividade na qual não se demorava muito de uma só vez, alternando sempre entre momentos de trabalho e de descanso, pois tinha sempre que mudar de posição.

Henri concentrava-se bastante quando trabalhava e isto parecia realçar a sua beleza. Seus cabelos revoltos, seu olhar vivo e atento, suas sobrancelhas alternando-se entre franzir-se e arquear-se sob o peso de sua abstração e seus lábios róseos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suavemente cerrados compunham a face ingênua de um anjo completamente alheio à sua sensualidade e às minhas olhadas furtivas. Era, ao mesmo tempo, prazeroso e doloroso para eu estar tão perto de quem desejava (e também tolamente repudiava) sem, nem ao menos, poder fazer-lhe um carinho.

Estávamos assim na tarde de domingo quando me demorei mais em minha contemplação e Henri notou que era observado:

— O que foi? — perguntou-me com os olhos fitos em mim e as sobrancelhas levemente franzidas.

— O que disse? — indaguei, emergindo da minha contemplação.

— Perguntei por que você está olhando insistentemente para mim. Há algo errado comigo? — explicou seu questionamento, olhando ao redor de si como se procurasse algo errado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Claro que não. É que... — interrompi, tentando pensar em algo convincente para responder.

— Sim? — Ele indicou que esperava uma resposta.

— É que eu... estava pensando... em como escrever o próximo... parágrafo da minha dissertação e... e perdi-me em meus pensamentos. Acho... acho que com isso meus olhos... pararam em cima de você. Perdoe-me se... se eu o incomodei — menti e menti mal. Gaguejei tanto que minha resposta evidenciava ser uma grosseira inverdade; mas, por algum motivo, ele pareceu aceitá-la como verdade, embora não soubesse se ele a estava aceitando por conveniência ou por realmente acreditar nela. Se tivesse que apostar, certamente apostaria que ele sabia que eu estava mentindo, mas não quis (desconheço o motivo) prolongar as perguntas.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah... Então, vamos voltar ao trabalho — disse com um sorriso sincero.

Suspirei, fiz um gesto positivo com a cabeça e retomei meu trabalho, pensando que, se eu não fosse tão estúpida, poderia ter aproveitado aquela oportunidade para revelar-lhe meus sentimentos contraditórios. Todavia, mal terminei um parágrafo, tive que parar novamente meu trabalho, pois alguém tocava a campainha. Levantei-me da cama, coloquei meu notebook sobre a escrivaninha de Henri, fui atender e deparei-me com Heleno.

Eu e Heleno trocamos apenas uma saudação de “boa tarde” e seguimos para o quarto de Henri que, neste momento, encontrava-se em seu momento de descanso.

— Olá, irmãozinho! Liguei para o hospital e me informaram que você já estava em casa! Confesso que pensei que você ficaria lá por, pelo menos, mais uma semana! Fico contente por você ter saído.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me senti até mal por viajar sabendo que você continuava no hospital — disse Heleno ainda em pé.

— Não precisava se sentir mal por minha causa. Você tem mesmo que aproveitar a sua vida e a companhia de sua família. Nunca se prenda por minha causa! Além disso, eu estava e estou bem — Henri afirmou sincero. Seus olhos transpareciam toda essa sinceridade.

— Com licença — pedi, interrompendo a conversa deles, pegando o meu notebook e dirigindo-me à porta.

— Fique! — Henri pediu-me.

— Mas... — Eu ia argumentar, mas estava me sentindo tão deslocada que não consegui prosseguir.

— Fique! Não vamos conversar nada que você não possa ouvir.

PERIGOSAS ACHERON

Ao ouvir isso, Heleno disfarçou uma careta e disse:

— É, já que está aí, fique!

Dirigi-me para perto de Henri e sentei-me ao seu lado na cama, sentindo-me muito deslocada. Repentinamente era como se eu necessitasse da proteção de Henri e tive vontade de aproximar-me ainda mais dele, mas não o fiz.

— E como conseguiu alta antes de completar a terceira semana de internamento? Cleyson parecia irreduzível... — perguntou Heleno a Henri.

— Bem, eu insisti muito, quase implorei a Cleyson para me deixar passar o feriado em casa e, além disso, Carol se comprometeu a cuidar de mim — Henri replicou olhando fixamente para o irmão. Era interessante ver aqueles dois rostos idênticos contemplando-se fixa e mutuamente.

— Ela se comprometeu a cuidar de você? — Duvidou Heleno, apontando para mim.

— Sim — respondeu Henri objetivo, balançando a cabeça positivamente para dar ênfase à sua afirmação monossilábica.

— Por que fez isso? Por que se comprometeu a cuidar de meu irmão se já deixou claro que não gosta dele? — Heleno me perguntou.

Fiquei aturdida diante desta pergunta inesperada e abaixei os olhos para me defender dos dois pares de olhos que me encaravam insistentemente. A verdade é que eu não sabia o que responder, pois aquele não era o momento adequado para revelar meus sentimentos por Henri. Então, após um momento de reflexão, ergui os olhos, fixei o rosto de Heleno e revelei parte da verdade com tal convicção que parecia que aquela era a única verdade quando, na realidade, era apenas um fragmento dela:

— Porque eu me coloquei no lugar de Henri. Eu entrei no quarto e deparei-me com ele tentando

PERIGOSAS ACHERON

convencer Cleyson a deixá-lo passar o feriado em casa. Cleyson disse que só deixaria se alguém se compromettesse a cuidar dele. Então, imaginei que, se fosse eu quem estivesse internada, também não gostaria de passar um feriado prolongado sozinha em um hospital. Diante desta constatação, ofereci-me para cuidar dele.

— Bem, então, eu lhe agradeço muito por pensar no bem-estar do meu irmão — agradeceu Heleno para, em seguida, perguntar-me: — Mas, durante o período em que cuidou dele, não fez nada para magoá-lo, não é?

— Não, não fez — Henri respondeu por mim, mas eu senti-me na obrigação de responder também:

— Eu me arrependi da forma como eu rejeitei Henri. Eu não devia tê-lo humilhado, deveria ter sido mais cuidadosa ao dizer que não desejava ficar com ele. Hoje, faço de tudo para não o magoar,

PERIGOSAS ACHERON

pois ele não merece ser magoado. Seu irmão é um anjo, Heleno!

Ao ouvir a palavra “anjo”, Henri olhou para mim surpreso como se desaprovasse as minhas palavras. Heleno, ao contrário do irmão, pareceu aprovar o que disse, balançando a cabeça afirmativamente antes de dizer-me:

— Fico feliz em ouvir isso, Carol. Isso certamente diminuirá um pouco o sofrimento de meu irmão no longo caminho que ele terá que percorrer para esquecer você.

Eu entreabri os lábios para falar, mas, antes que eu pudesse pensar em algo e articulá-lo em palavras, Henri pediu:

— Não vamos falar sobre isso. Este é um assunto desagradável para mim.

— Entendo — concordou Heleno. — Então, conte-me o que fez no feriado — pediu.

— Primeiro, conte-me você como foi seu feriado. Imagino que tenha sido muito mais interessante do que o meu!

Heleno assentiu com um gesto de cabeça e começou a contar sobre seu feriado na praia. Quando terminou, fez Henri relatar sobre seu feriado, tudo o que se passara conosco nestes dias em que estivemos mais juntos e mais íntimos em casa. Henri relatou nossos dias resumidamente, suprimindo os momentos de maior intimidade como os banhos que o ajudei a tomar, o momento em que finalmente percebi que ele não era assexuado e o fato de eu ter dormido uma noite em sua cama.

Findados os relatos, Heleno despediu-se e foi embora. Quando coloquei o cadeado no portão e fechei a porta de casa, retornei ao quarto de Henri para agradecê-lo por ter sido gentil (e até protetor) comigo diante de seu irmão, mas ele estava deitado

e parecia estar cochilando. Então, optei por não interromper seu descanso.

No jantar, Henri estava muito calado, não sorria e parecia entristecido. Tão diferente do contentamento que transparecera pouco antes de seu irmão visitá-lo. Não pude deixar de imaginar que eu o tinha magoado de alguma forma. Revivi em minha memória todo o diálogo que travamos durante a visita de Heleno e não encontrei nenhuma palavra minha que pudesse tê-lo ofendido. Assim, não encontrei outra alternativa, senão perguntar-lhe:

— Henri, aconteceu alguma coisa?

Ele apenas balançou a cabeça negativamente. Não me respondeu.

— Henri, eu o magoei de alguma forma que eu não tenha percebido? — insisti, encarando-o.

Ele tornou a negar com a cabeça; mas, dessa vez, respondeu-me, abaixando os seus belos olhos azuis

para o prato:

— É que o fato de você ainda achar que eu sou assexuado me incomoda.

— De onde tirou isso? — perguntei indignada.

— Você me chamou de anjo — especificou ainda de olhos baixos.

— Ah, isso? — respondi displicentemente. — Eu não utilizei a palavra anjo com conotação sexual, apenas para indicar que você é uma pessoa legal, alguém que não merece ser magoado — expliquei-lhe.

— Mas você não me vê como um homem! — ele exclamou, pousando um par de olhos azuis crispados de dor sobre mim.

Como eu poderia responder a isso? Confessar que o enxergava como um homem sim, que o desejava, que o amava, mas não conseguia aceitar a ideia de que ele tinha uma deficiência? Não, não podia fazer isso! Não naquele momento, pois essa

confissão poderia feri-lo mais e eu ainda não sabia o que fazer ou como lidar com essa contradição de sentimentos que rasgava meu coração e devastava meu peito. Mas também não podia mentir, utilizar-me de uma mentira tão absurda e cruel para ocultar o que sentia. Então, preferi não responder. Não sei como tive forças para tanto, mas cravei os olhos nele e disse:

— Eu não posso responder a isso, pelo menos não agora, não neste momento.

Dito isso, ergui-me, peguei meu prato e meus talheres, coloquei-os na pia e comecei a lavar toda a louca enquanto contemplava, de rabo de olho, a reação de Henri. Ele permaneceu à mesa, colocou o rosto entre as mãos num gesto de profundo arrependimento e, instantes depois, murmurou:

— Perdoe-me, Carol! Esqueça tudo o que eu disse. Eu não tenho o direito de cobrar nada de você. Eu... simplesmente... tenho que aceitar que

PERIGOSAS ACHERON

você não gosta de mim. Perdoe-me! Eu... vou tentar... não fazer mais isso.

Pousei o prato ensaboado que tinha nas mãos na superfície da pia, apoiei minhas mãos com força na beirada da mesma (pois neste momento o chão pareceu fugir de meus pés) e assumi minha culpa:

— Não, Henri. O problema não é você. Sou eu. Sempre fui eu.

— Não. O problema é que eu tenho que me convencer definitivamente que você não gosta de mim e acabar de vez com tudo isso, com essa tortura. Assim que o CEP começar a funcionar, vou voltar para São Paulo e tudo isso vai acabar. Não vamos nunca mais nos ver ou nos falar.

Quando terminou de falar, Henri retirou-se para seu quarto. Planejei conversar com ele depois que eu terminasse de arrumar a cozinha e, sem revelar meus contraditórios sentimentos, tentar dissuadi-lo de ir embora de Jequié. Mas, antes que eu

PERIGOSAS ACHERON

realizasse meu intento, seus pais chegaram para visitá-lo.

Os pais de Henri demoraram-se conversando com o filho e, embora eu não estivesse presente durante a conversa (eu não me senti à vontade para participar dela, pois não era da família), pude perceber o carinho e o cuidado que tinham com ele, apesar de que eles sempre se referiam a Henri como se ele fosse uma pessoa assexuada ou uma criança.

Por amor, Henri parecia resignado a este tipo de tratamento e mostrava-se muito feliz com a presença de seus pais em sua casa. Quando passei à porta de seu quarto para ir assistir televisão na sala, vi que ele sorria alegremente. Decidi, então, conversar com ele depois que seus pais fossem embora.

Às 22h30, os pais de Henri se despediram dele e pediram-me que os acompanhasse até o portão. Lá, após uma breve conversa, na qual eles me

PERIGOSAS ACHERON

agradeceram por estar cuidando de Henri, eles se despediram de mim também e foram embora.

Entrei em casa e, após alguns momentos nos quais tentei escolher as melhores palavras para conversar com Henri, adentrei seu quarto e o encontrei deitado na cama. Para me certificar de que ele estava mesmo adormecido, aproximei-me dele.

De fato, Henri estava adormecido. Sua respiração era tranquila e compassada, seus olhos estavam cerrados, as sobrancelhas relaxadas, os lábios estavam suavemente unidos e seus cabelos negros e lisos caíam em sua face conferindo-lhe um semblante de pura entrega, de total abandono e confiança.

Seu rosto era lindo e convidativo, instigando-me a contemplar o restante de seu corpo. Ergui o lençol e contemplei seu corpo desnudo. Como ele estava deitado de bruços, era possível apenas contemplar

seus braços fortes, o contorno de seus ombros, a curva de suas amplas costas, as ancas másculas, porém ornadas pelos pontos no local da cirurgia, e as longas pernas magras e inertes. Todo ele, seu corpo, seu rosto emanavam uma sensualidade ingênua e despojada da qual ele não parecia ter noção.

Extasiada pela sensualidade natural de Henri, não resisti: acariciei-lhe os cabelos e beijei-lhe a face suavemente no intuito de não o acordar. Todavia, ao ser tocado, ele entreabriu os olhos, bastante sonolento, fitou-me brevemente e perguntou-me:

— Aconteceu alguma coisa?

Eu não imaginara que pudesse acordá-lo com carícias tão suaves. Então, passei alguns segundos boquiaberta sem saber o que responder e, ao mesmo tempo, desejando que ele adormecesse novamente sem esperar por uma resposta minha. Mas seus belos e sonolentos olhos continuaram me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fitando inocentemente, travando uma luta íntima contra o sono que desejava cerrá-los novamente.

— Não, não aconteceu nada. Só vim ver se você precisava de alguma coisa.

— Ah... — murmurou ele. — Não preciso de nada. Mas, mesmo assim, muito obrigado. Tenha uma boa-noite! — Ajeitou-se para entregar-se ao sono novamente.

Ele voltou a dormir rapidamente. Parecia cansado e, provavelmente, não percebeu que eu permaneci em seu quarto por mais alguns momentos, velando extasiada seu sono de anjo.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 57

Sonho ou realidade?

Henri

Até parece que corri uma maratona! Naquela noite de domingo, quando meus pais foram embora, eu me sentia tão cansado que o sono era irresistível. Eu não conseguia manter os olhos abertos. Mal consegui fazer um cateterismo (para o qual acabei tirando toda a roupa) e capotei na cama sem, ao menos, vestir-me. A duras penas, cobri-me parcialmente com um lençol.

Meu sono foi tão pesado naquela noite que aconteceu algo que não consegui distinguir se era realidade ou sonho, embora parecesse algo bastante real: Carol acariciando os meus cabelos, beijando meu rosto e me perguntando se eu precisava de

alguma coisa. A minha noite de sono seguiu com uma série de sonhos confusos e ilógicos, o que reforçava ainda mais minha convicção de que suas carícias foram um sonho, e não realidade. Afinal, se Carol não me amava, porque então ela perderia seu tempo dando-me carinho?

No dia seguinte, despertei às 9h, atordoado pela densa e conturbada noite de sonhos. Incerto quanto à veracidade ou não do sonho com Carol, vasculhei o meu quarto com os olhos. Tudo parado e igual, até o ar parecia estático e o silêncio pesado. A única coisa que se destacava naquele ambiente bastante conhecido para mim era um papel dobrado sobre o criado-mudo. Peguei-o e li avidamente as poucas linhas que ele trazia:

“Henri, bom dia!

Eu fui trabalhar, mas seu café da manhã está pronto sobre a mesa da cozinha. Volto ao meio-dia

para almoçarmos juntos. À tarde, levo você para a consulta com Cleyson.

Cordialmente,

Carol.”

Fiquei meio perdido diante do bilhete. Era estranho. Carol nunca tinha feito isso, nunca pareceu se preocupar comigo, nunca facilitou as coisas para mim e eu sempre tive que me virar sozinho. Não me importava em me virar sozinho, pois sempre preservei minha independência e meu orgulho fazia-me evitar ao máximo solicitar qualquer ajuda dela. Mas fazia alguns dias que ela tinha se tornado mais atenciosa, aproximando-se mais de mim. Será que ela não estava levando muito a sério a promessa de cuidar de mim que fizera a Cleyson? Ou quais eram as pretensões dela com isso? Será que ela queria me machucar novamente e, para me atingir mais profundamente, estava se aproximando um pouco de mim?

Fossem quais fossem as pretensões de Carol, meu coração não estava interessado em saber se elas eram boas ou más, apenas continuava a entregar-se cada vez mais cegamente, o que fez com que minha manhã se arrastasse como se as horas fossem dias e com que o dia só se iluminasse quando ela chegou para almoçar comigo, tanto que não pude conter um sorriso ao vê-la.

À tarde, Carol levou-me ao hospital para uma consulta com Cleyson.

CAPÍTULO 58

Consulta

Carol

Às 15h30, adentrei o consultório de Cleyson no Hospital Santa Mônica, acompanhando Henri. O médico nos recebeu com um sorriso no rosto e convidou-nos a sentar diante de si. Sentei-me e Henri posicionou sua cadeira de rodas à minha direita, onde antes havia uma cadeira que eu afastei para que ele se aproximasse da mesa.

— Boa tarde! — saudou-nos Cleyson.

— Boa tarde! — eu e Henri respondemos ao mesmo tempo e eu continuei em seguida, quase sem dar uma pausa antes de recomeçar a falar:

— Como prometi, cuidei dele o máximo que pude. Fiz tudo que estava ao meu alcance para que

ele continuasse progredindo em sua recuperação.

— Bem, eu percebi. Henri está com uma cara muito melhor do que quando lhe dei alta! Ele parece mais feliz! — replicou Cleyson com um sorriso, alisando o próprio queixo.

Sorri de contentamento. Meu trabalho tinha sido bom e fora devidamente reconhecido.

— Agora, precisamos fazer uma avaliação física para ver como está o processo de cicatrização — Cleyson anunciou com um sorriso amigável nos lábios e Henri olhou instantaneamente para mim e pediu com um desconforto que era evidente em sua face e em seu tom de voz:

— Carol, você poderia me esperar lá fora?

Confesso que tomei um susto com o pedido de Henri. Eu não esperava isso! Imaginei e desejei acompanhá-lo durante toda a consulta, mas não ia discutir isso na frente de Cleyson. Então, mesmo tentando agir com a maior naturalidade possível,

ergui-me atabalhoadamente da cadeira e, tentando sem sucesso fazer uma cara displicente no intuito de encobrir meu descontentamento e minha surpresa diante de seu pedido, pronunciei um “*claro*” arrastado que era mais um gesto com os lábios do que um som, retirando-me em seguida.

A avaliação física demorou cerca de dez minutos; mas, para mim que o aguardava ansiosamente no sofá da sala de espera, pareceu uma eternidade. Em um momento, senti-me tão magoada pela atitude de Henri que senti uma grande vontade, um impulso quase irresistível, de largá-lo lá e voltar para casa sozinha. Mas eu não sou tão má assim e, em seguida, vi que ele tinha todo o direito de fazer isso e muito mais, pois eu já o feri tanto e ele nunca fez nada contra mim. Ao contrário, ele sempre foi muito gentil e compreensivo e o fato de ele me pedir (ele me pediu, não mandou; mas poderia ter mandado) para

PERIGOSAS ACHERON

esperá-lo lá fora não era uma vingança, nem uma forma de machucar-me. Ele podia estar apenas com vergonha de mim.

Eu ainda estava perdida nestas conjecturas quando Henri parou sua cadeira de rodas à minha frente e, com um olhar incerto e um sorriso sem graça, perguntou-me:

— Vamos, Carol?

Balancei a cabeça afirmativamente, ergui-me e comecei a caminhar com Henri bem ao meu lado. Não conversávamos e eu fazia o possível para mostrar-me indiferente a ele, mesmo tendo a consciência de que isso era injusto e irracional.

Quando nos acomodamos no carro e eu dei a partida, Henri abaixou a cabeça, colocou-a entre as mãos e disse:

— Perdoe-me!

— Pelo quê? — perguntei-lhe sem disfarçar o estranhamento que havia em minha voz por ele

estar me pedindo desculpas.

— Por eu não ter deixado que você assistisse à avaliação da minha recuperação da úlcera de pressão. Você ficou magoada... Perdoe-me! Eu não quis fazer isso — ele respondeu, erguendo a cabeça e dirigindo-me um olhar visivelmente constrangido.

— Meu descontentamento foi tão... visível assim? — perguntei-lhe, fitando seus olhos tristes, agora num tom de azul enevoadado.

Henri balançou a cabeça afirmativamente e começou a falar:

— É que é...

— Não, não precisa se justificar — afirmei, interrompendo-o. — Eu não tenho o direito de chatear-me com você por causa disso — admiti.

— Não, deixe-me explicar — pediu e, quando fez um sinal positivo com a cabeça, continuou: — É que é difícil para mim... — interrompeu e eu perguntei:

— Eu pensei que você não sentisse mais vergonha de ficar despido diante de mim. Você ainda sente?

— Sim e não. É... bastante complicado de explicar. É muito difícil para mim, pois, ao ter cuidado de mim, você acabou entrando mais na minha intimidade e... — Henri interrompeu e eu perguntei:

— Mas, se tivéssemos ficado juntos, eu não entraria na sua intimidade da mesma forma?

— Sim e até mais. Contudo, seria diferente, pois você seria a minha namorada. Só que você não gosta de mim e eu continuo... Bem, eu continuo amando você. Perdoe-me, mas esta é a verdade. Amo você e... — interrompeu mais uma vez e eu entreabri os lábios para falar, mas ele fez um gesto de pausa com a mão e prosseguiu: — eu sei que é uma estupidez de minha parte. Tenho lutado desesperadamente para esquecê-la, mas fracasso

PERIGOSAS ACHERON

com tanta proximidade, com tanta intimidade. Eu não estou culpando você. Tenho consciência de que a culpa é minha. — Ele suspirou e tornou a cobrir o rosto com as mãos. — Sim, de fato, você já me viu despido várias vezes, já deve ter dado graças a Deus por não ter ficado com alguém de corpo tão feio, além de paralisado; mas é que, quando isso acontece, eu fico imaginando como teria sido, fico imaginando situações de casal até... até me dar conta de que isso nunca aconteceria de verdade, que você nunca se sentiria atraída por alguém como eu e isso me dói... muito. — Ao terminar, ele retirou as mãos do rosto e voltou-o na direção da janela do carro de modo que eu não pudesse vê-lo.

Confesso que fiquei penalizada e sem saber o que fazer, como reagir diante daquela confissão. Pensei em contar a verdade, dizer que o amava, que queria ficar com ele, embora ainda fosse suficientemente idiota para não aceitar sua

PERIGOSAS ACHERON

deficiência; mas aquele, definitivamente, não era o momento. Minha confissão pareceria falsa, como se fosse motivada por pena ou por algum sentimento de obrigação. Então, apenas toquei-lhe instintivamente o ombro com uma das mãos para confortá-lo e disse:

— Sinto muito, Henri. Sinto muito mesmo.

— Não sinta, Carol. A última coisa que quero de você é pena — rebateu com a voz sumida.

— Mas, pelo menos me diga, como está a sua recuperação? O que Cleyson disse? — perguntei, mudando de assunto.

— Ele disse que minha recuperação está sendo muito boa e até rápida e que, se continuar assim, poderei estar totalmente curado em uns vinte a trinta dias — respondeu com a voz baixa e entristecida.

— Isso é bom, não é? — indaguei um pouco sem jeito por causa de sua resposta triste, embora eu

PERIGOSAS ACHERON

soubesse que esse não era o motivo de sua tristeza, e sim, o fato de que eu continuava magoando-o mesmo sem querer.

— Sim, é sim! — afirmou ainda no mesmo tom de voz apagado e entristecido.



Henri entrou pela porta sério, sem nenhum lampejo de sorriso nos lábios. Eu tinha pedido para ir à consulta com ele; mas, como ele se negou, preferi não insistir. A lembrança da primeira vez que fui a uma consulta com ele e de como acabei, sem querer, magoando-o com isso era muito nítida para eu querer forçá-lo a deixar-me ir. Além disso, era evidente que, se ele não estivesse curado, estava muito próximo disso. Todavia, sua expressão concentrada preocupou-me e não pude deixar de me perguntar instantaneamente: “*Será que há algo errado?*”. Em seguida, encarei-o e perguntei-lhe:

— E aí, Henri? Como foi? O que Cleyson disse?

Henri parou no meio da sala, abriu o mais lindo sorriso que eu já vira em seus lábios e disse:

— Disse que eu, finalmente, estou de alta.

— Que você está totalmente curado? É isso? — indaguei meio confusa.

— Sim, é isso — confirmou com o sorriso extremamente atraente e convidativo em seus lábios como se me chamasse para um beijo.

Não resisti e lancei-me para ele. Quando dei por mim, estava em seu colo, abraçada a ele, com o rosto de encontro a seu pescoço, murmurando:

— Que bom, Henri! Eu realmente fico muito feliz! Torci MUITO por isso! — enfatizei.

— Eu sei e sempre serei grato por sua ajuda, Carol! — disse e, em seguida, completou: — Agora, eu me sinto novamente livre!

Sua voz era tão afável, que ergui a cabeça para olhar para ele. Seu rosto repleto de felicidade

PERIGOSAS NACIONAIS

estava tão próximo ao meu que era quase impossível não o beijar. Instintivamente, aproximei-me ainda mais de seu rosto. Faltavam poucos milímetros para que aquele gesto se transformasse em um beijo de verdade.

— Bem, eu vou colocar você no chão agora. Eu já estou curado, mas não é bom abusar muito — disse Henri, afastando-me de si e colocando-me no chão com tanta naturalidade e controle que me deixou perplexa. Em resposta, apenas consegui balançar a cabeça afirmativamente antes de vê-lo ir para seu quarto e fechar-se lá dentro.

Diante disso, não pude deixar de me questionar: “Será que, justamente agora que o amo cada vez mais, Henri está conseguindo me esquecer? E eu ainda nem sei como acabar com o preconceito que sinto...”.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 59

Mais um encontro

Henri

Durante todo o meu processo de recuperação, conversei bastante com Rosa. Ela sempre me deu apoio e consolo nos momentos em que eu precisei. Era uma verdadeira amiga. Eu gostava realmente dela, mas não como gostava de Carol.

Rosa era tão carinhosa, despretensiosa e afirmava gostar de mim, apesar da minha deficiência e sem exigir nada em troca. Bem, parecia a mulher perfeita para mim, mas só havia um único e grande empecilho: eu não conseguia me apaixonar por ela e amava Carol cada vez mais. Ela agia da forma como eu desejei que Carol agisse comigo e isso fazia com que eu me sentisse culpado por não a

amar. O pior é que eu não escondia dela meus sentimentos e ela sempre dizia que compreendia e isso me doía ainda mais. Sentia-me dando a ela a indiferença que Carol tantas vezes me dera! Era angustiante me perguntar como eu tinha conseguido me apaixonar tão perdidamente por Carol sem ao menos conhecê-la e não conseguia sentir o mesmo por Rosa. Ela era a mulher perfeita, mas eu definitivamente não conseguia ser o homem perfeito.

Às vezes, em nossas conversas, Rosa expressava o desejo de nos encontrarmos pessoalmente. Por um lado, eu achava isso bom; por outro, ficava sempre apreensivo, pois as lembranças de meu encontro com Carol ainda estavam muito vivas em minha mente. A verdade é que, embora a situação fosse completamente diferente, eu tinha medo de ser magoado novamente e, pelas circunstâncias, também de magoá-la. Todavia, nas minhas últimas

PERIGOSAS ACHERON

três semanas de recuperação da úlcera de pressão, sabendo que eu estava cada vez melhor, ela começou a insistir que devíamos nos encontrar.

No início, resisti. Eu não me sentia preparado para encontrar Rosa. Gostaria de estar apaixonado por ela quando isso acontecesse; mas, diante da insistência dela, acabei cedendo e marquei um encontro com ela cerca de uma semana depois que Cleyson disse-me que eu estava totalmente curado da úlcera de pressão.

Para o encontro, combinamos que eu estaria vestido com uma camiseta verde, calça jeans e tênis. Ela estaria usando um vestido evasê de cor preta e sapatilhas e traria consigo um exemplar do livro Iaiá Garcia, de Machado de Assis. Lembro-me de que lhe perguntei por que ela escolhera este livro como um dos elementos que me ajudariam a identificá-la e ela respondeu-me dizendo apenas que era porque gostava do livro, achava-o

PERIGOSAS ACHERON

engraçado, que não tinha nada a ver com o nosso relacionamento e que, independente do que acontecesse, eu sempre me lembrasse que eu era a melhor coisa que tinha acontecido na vida dela, o que me deixou constrangido.

O encontro foi marcado para sábado, dia 30 de maio de 2009, às 18h, no jardim da Catedral de Santo Antônio; onde, há mais de cinco meses atrás, eu tive o fatídico encontro com Carol. Pensei em marcar em outro lugar; mas, definitivamente, aquele era o melhor lugar: público, porém tranquilo.

Temeroso, tive vontade de chegar atrasado ao local do encontro e observar Rosa de longe, mas minha ansiedade e meu senso de pontualidade não me permitiram fazer isso. Cheguei lá às 17h30, posicionei-me à beirada do jardim e fiquei contemplando os últimos raios do sol tingirem o céu de um vermelho arroxado que, aos poucos, foi

PERIGOSAS ACHERON

se transformando em roxo azulado e, finalmente, no céu ainda escuro da lua crescente dos últimos suspiros de maio.

Em muitos momentos, senti-me patético ali parado, esperando Rosa. Ao mesmo tempo, tive ímpetos de sair correndo por medo de ser magoado novamente. Só então me dei conta de que a lembrança do encontro com Carol era traumatizante e fazia minhas mãos tremerem e meu corpo suar frio. Meu cérebro estava em alerta máximo e eu tinha a sensação de que, a qualquer momento, algo errado poderia acontecer.

Às 18h, ninguém apareceu e tive a sensação de estar sendo enganado e de que Rosa não queria se encontrar comigo. Esta sensação repetiu-se às 18h05 e às 18h10, quando decidi que, se ela não chegasse até às 18h20, eu iria embora. Racionalmente, optei por dar essa tolerância por desencargo de consciência e também porque não

PERIGOSAS ACHERON

sabia se havia diferença entre nossos relógios, mas algo dentro de mim gritava: “*Vá embora! Vá embora logo! Não perca tempo!*”.

Eu não fui embora. Às 18h15, ouvi o barulho de passos e não tive coragem de virar-me para ver quem era. Minha respiração quase parou quando notei que os passos cessaram logo atrás de mim. Meu corpo ficou completamente rígido e eu não disse nada. Ela também não falou, o momento de silêncio se prolongava, mas eu não tinha condições emocionais de quebrá-lo. Por fim, ela o quebrou com uma única palavra:

— Henri?

Eu estava ficando louco. O estresse emocional tinha comprometido minha percepção, só podia ser isso; pois a voz de Rosa era idêntica à de... Carol. Voltei-me para a mulher atrás de mim com o cenho franzido e minha surpresa foi tão grande que não pude me furtar de exclamar:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Carol!

— Oi, Henri! — Carol replicou, sorrindo.

— Sinto muito, mas não posso conversar com você agora. Eu estou... estou... estou esp... — interrompi, pois eu não queria que ela soubesse que eu estava esperando alguém, que estava lá para um encontro.

— Você está esperando alguém — ela completou para, em seguida, afirmar: — Eu sei.

— Sabe?! É tão evidente assim o que eu estou fazendo aqui? — indaguei. Era óbvio que era evidente. Para nós dois que tínhamos vivenciado (de formas diferentes) aquele nosso fatídico primeiro encontro era evidente sim; mas eu tinha necessidade de fazer aquela pergunta, uma das perguntas mais idiotas que já fiz na vida.

— Não. É que... — ela ia falar, mas eu a interrompi e concluí:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você percebeu o que eu vim fazer aqui e veio rir da minha cara.

— Não — Carol negou para confessar em seguida: — É a mim que você espera!

— Como é que é? — perguntei chocado.

— Eu sou Rosa. É comigo que você conversava. Veja: eu estou de vestido preto, uso sapatilha e trouxe o livro “Iaiá Garcia”, de Machado de Assis, como combinado — ela relatou com um sorriso sem graça no rosto que interpretei como uma afronta.

Eu estava muito chocado, sem ação, sem saber o que dizer ou como reagir. Após alguns instantes de completa perplexidade, balancei negativamente a cabeça e manobrei a cadeira de rodas para ir embora. Carol pareceu surpresa com minha reação e pediu-me:

— Henri, deixe-me explicar! Você vai entender que eu...

PERIGOSAS ACHERON

Fiz um gesto com a mão para que ela parasse de falar e afirmei com o tom de voz mais duro que consegui articular:

— Não, Carol. Você não precisa me explicar nada! Está tudo bem claro para mim... bem claro mesmo e não vou ficar aqui fazendo papel de idiota para você pisar ainda mais em mim.

— Mas... — ela começou, mas não dei ouvidos. Deixei-a falando sozinha e fui para o meu carro. Lá, ao segurar a manopla no volante, notei que meu corpo estava ainda mais trêmulo devido ao choque; mas, mesmo assim, dirigi até em casa com cuidado e o mais rápido possível, considerando meu estado emocional e as leis de trânsito, de forma que consegui fechar-me em meu quarto pouco antes de Carol adentrar a porta da frente.

Em meu quarto, atirei-me num banho morno na expectativa de acalmar-me; mas minha dor só aumentava quando eu pensava em tudo o que Carol

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha me feito, em sua falta de respeito, em seu ódio injustificado, em sua forma de machucar-me inesperadamente e, principalmente, no amor incondicional que eu tinha por ela e que me fazia sofrer ainda mais. Incontroláveis, as minhas lágrimas fundiram-se com a água do banho e não serviram para aplacar o meu nervosismo e a minha dor.

Quando terminei o banho, fui até minha cama, apoiando-me na parede para fazer a cadeira de banho andar, já que suas rodas são pequenas e ela é feita para ser empurrada e não guiada. Como sempre fazia, posicionei-a ao lado da cama para fazer a transferência para esta última, mas eu estava tão nervoso e trêmulo que calculei mal o movimento e fui de encontro ao chão.

Era o que faltava para completar aquele momento ruim, pois eu não estava conseguindo

PERIGOSAS ACHERON

icar-me para a cama. Definitivamente, eu estava preso ao chão e não tinha como deixá-lo.

CAPÍTULO 60

Oportunidade?

Carol

Confesso que fiquei muito surpresa com a reação de Henri. Não esperava uma aceitação pacífica. Seria idiotice minha acreditar que a receptividade dele seria boa, depois de tudo o que eu fiz com ele, depois de tê-lo magoado tanto.

Eu esperava que ele me rejeitasse, que brigasse comigo, que me humilhasse, que atirasse uma série de verdades inegáveis em minha cara e fosse embora ou, na melhor das hipóteses, que depois de tudo isso, me deixasse explicar tudo, esclarecer meus sentimentos por ele, me perdoasse e me aceitasse como sua namorada após uma boa dose

de justificada relutância. Mas não foi isso o que aconteceu!

Henri não falou, não brigou, não gritou e não me deu nenhuma oportunidade para que eu me explicasse. Ele agiu com extrema indiferença, recusando-se a ter qualquer tipo de reação e impedindo-me de qualquer ação, indo embora tão rapidamente que demorei um pouco para recuperar-me de minha perplexidade.

Quando recuperei o controle de mim mesma, fui o mais rápido possível para casa. Estranhamente, eu tinha sido rejeitada por Henri, mas estava preocupada com ele. Será que ele tinha ido para casa e, se não tivesse ido para lá, para onde então teria ido? Depois de tanta indiferença, como ele estaria sozinho? Ou teria ido procurar Heleno? Algo me dizia que eu precisava encontrá-lo. A sensação ruim que eu trazia em meu peito era meramente a dor da rejeição ou eu estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pressentindo que ele estaria em risco ou se colocaria em risco por causa desse nosso segundo encontro mal interpretado?

Imaginei que meu pressentimento estava equivocando quando entrei em casa e tudo estava tranquilo. O silêncio fora quebrado apenas pelo barulho de um chuveiro sendo ligado poucos instantes depois que eu atravessassei a soleira da porta de entrada. Henri estava em casa, começava a tomar banho e tudo se encontrava bem. Ele era indiferente ao nosso último encontro e isso indicava que ele já não me amava como afirmara amar tantas vezes. Agora, era a minha vez de sofrer sozinha por amor e eu merecia isso e, voluntariamente, agi para que isso acontecesse. Este era o resumo das reflexões que teci enquanto também tomava banho e vestia uma antiga e já bem gasta camisola de renda para tentar dormir.

PERIGOSAS ACHERON

Era cedo, eu reconheço, mas não tinha fome, nem ânimo para coisa alguma. Na verdade, começava a sentir vergonha de Henri, não conseguia imaginar como iria encará-lo mais uma vez e começava a pensar que eu não deveria estar ali. Eu devia mesmo enfiar-me na cama e desaparecer entre os lençóis. Deveria ter ido para a casa de meus pais para nunca mais voltar. Ele não me queria mais, eu o tinha perdido e, portanto, não podia impor minha presença a ele. Já bastava ter que olhar para ele todos os dias no trabalho, fato este que, se a situação continuasse da forma que se encontrava naquela noite, teria que mudar. Certamente, eu teria que pedir a Jonas para mudar de setor e creio que ele iria fazer questão de lembrar que já me oferecera isso e que eu recusara e até me sentira ofendida com sua proposta.

Ainda perdida nestas reflexões, puxei o lençol da cama para deitar-me e, antes que pudesse fazê-lo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvi o baque surdo de algo se chocando com o chão como se caísse ou fosse jogado ao piso. Parei um segundo, avaliando, certificando-me de que o barulho vinha mesmo do quarto de Henri. Quando minha audição confirmou o fato, não pensei, corri para lá sem nem ao menos vestir um robe, pois uma única pergunta pairava em minha mente: “Será que ele está bem?”.

Empurrei a maçaneta da porta do quarto de Henry com violência e, como não esperava encontrá-la destrancada, meu ímpeto me impulsionou para frente, eu perdi o equilíbrio e quase caí na entrada do quarto dele; mas, graças a Deus, não fiz nenhum alarde, tanto que ele só se deu conta de minha chegada depois que eu me apercebi dele.

— Meu Deus! — murmurei ao vê-lo caído ao chão completamente desnudo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se veio tripudiar de mim, pode dar meia volta. Tenho o direito de recusar-me a ouvi-la — afirmou com um tom de voz profundamente amargurado e o corpo completamente imóvel, sem nem mesmo tirar a cabeça do chão.

— Eu não vim... tripudiar — respondi completamente aturdida com a situação.

— Então, volte para seu quarto e deixe-me sozinho — afirmou num tom de voz tão duro que sua afirmação mais parecia uma ordem, algo que eu era obrigada a realizar.

Sacudi a cabeça tentando afastar seu imperioso tom de voz que ainda ressoava repetidamente em minha cabeça e perguntei-lhe:

— Você está bem?

— Até onde sei, nem toda queda mata — respondeu com ironia, ainda sem mover-se.

— E por que você permanece no chão? — indaguei e reconheci que esta era uma pergunta

PERIGOSAS ACHERON

bem idiota. Era óbvio que ele estava encontrando dificuldades para colocar-se na cama.

— Não lhe devo satisfações — afirmou, parecendo fazer um esforço para pronunciar as palavras.

Eu continuava lá na porta do quarto de Henri, paralisada pela situação, uma situação que eu tinha provocado e que não sabia como resolver. Enquanto isso, ele permanecia imóvel no chão, profundamente magoado e talvez até machucado pela queda. Apesar de tudo isso, eu sentia-me atada pela estranheza daquela situação inesperada até que ele mesmo despiu-me do atordoamento e fez-me resoluta ao dizer:

— Vai ficar parada aí a noite inteira? Vá embora! Deixe-me sozinho!

Balancei a cabeça negativamente e respondi bastante séria:

— Não. Não vou ficar aqui parada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Após dizer isso, aproximei-me de Henri e comecei a tentar ajudá-lo a passar do chão para a cama. Constrangido, ele indagou:

— Eu não disse para deixar-me sozinho?

— Eu vou deixá-lo sozinho, mas antes vou ajudá-lo a passar do chão para a cama — respondi. Ao ouvir isso, ele não mais questionou, permaneceu calado e deixou-me ajudá-lo a passar do chão para a cama.

Quando finalmente viu-se sentado à cama, Henri murmurou com a voz trêmula e os olhos baixos enquanto procurava com a mão algo para ocultar a própria nudez:

— Muito obrigado!

Maquinalmente, tomei o lençol que estava aos pés da cama de Henri e, desdobrando-o, cobri-lhe o corpo desnudo.

— Obrigado — murmurou com a voz sumida.

PERIGOSAS ACHERON

Ao ouvir isso, encorajei-me, sentei-me à cama dele e disse:

— Henri, nós temos que conversar!

— Não, não temos — ele negou-se.

— Temos sim. E eu não vou sair daqui até que tenhamos conversado — rebati. Meu tom de voz era sério, porém baixo, e eu tentava manter-me o mais calma possível, já que era evidente que ele estava extremamente nervoso.

— Você disse que ia sair assim que me ajudasse a sentar na cama — lembrou-me ele.

— Eu sei. Mas nossa... situação está insustentável e não podemos adiar essa conversa. Você precisa me ouvir! — respondi, olhando fixamente para ele.

— Não. Você é que deveria me ouvir! Naquele nosso... fatídico primeiro encontro, você me falou um monte de asneiras e eu escutei, engoli tudo calado! Se quer repetir a cena, eu até deixo você

PERIGOSAS ACHERON

repetir se é isso que você quer, mas terá que me ouvir primeiro! Não vou suportar novamente ser humilhado e não ter nem a chance de me defender! — rebateu, erguendo os olhos e me encarando. Seus olhos azuis estavam vidrados de lágrimas que ele não deixava cair.

— Então, fale, Henri. Eu vou ouvi-lo — afirmei entre curiosa e preocupada com o teor de suas palavras, mas sem desprender meus olhos dos dele.

— Sinceramente, Carol, eu não entendo você. Eu me pergunto que mal eu lhe fiz para você me odiar tanto. Você sabe que não lhe enganei, que lhe informei de minha deficiência por e-mail. Reconheço que deveria ter feito isso em uma de nossas conversas pelo chat e assumo que tive medo de uma rejeição imediata. Não tenho culpa de ter me apaixonado por você. Ninguém escolhe por quem se apaixona e garanto a você que, se eu pudesse, arrancaria esse sentimento de dentro de

PERIGOSAS ACHERON

mim, o que me pouparia do sofrimento de amar e não ser amado e pouparia você dos esforços de tentar me expulsar de Jequié. Mas eu não posso fazer isso, não escolhi isso para mim! Assim, como não escolhi ser cadeirante, ninguém escolhe ter uma deficiência! Ninguém diz: “Puxa vida! Eu quero ter uma deficiência!”. Simplesmente acontece! Em um dia, eu andava normalmente, no outro estava em uma cama de hospital e não conseguia mexer nada abaixo do pescoço! Mas o fato de eu ter uma deficiência, de ser um lesado medular C6C7, não significa que sou inferior a você, que deixei de ser uma pessoa e de ter sentimentos. Sou uma pessoa igual a você, tenho limitações sim, mas também tenho potencialidades, sentimentos e um coração que bate aqui no peito — disse Henri, colocando a mão esquerda sobre o peito. Só então que, ao desviar meu olhar para a mão dele sobre o peito, percebi que o seu rosto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava molhado de lágrimas sofridas e silenciosas, que eu não notara antes, pois meu olhar estava perdido na dor torturante de suas palavras. — E este coração, que ainda não tinha se recuperado da dilaceração causada pela dureza de suas palavras em nosso primeiro encontro, foi rasgado novamente por você hoje. Não entendo por que você fez isso! Criou um personagem para me dar esperanças de ser feliz, de ser amado e para me fazer de bobo, para fazer chacota da minha cara! Você deve ter se divertido muito hoje, vendo o idiota aqui parado lá no jardim da Catedral, esperando alguém que nem existe, não é, Carol? Dói muito ser magoado, enganado, ter os próprios sentimentos banalizados, desrespeitados por quem se ama! Eu já sofri muito na vida, Carol, e consegui superar, mas estou cansado, saturado. Não quero a sua pena, mas apelo ao seu senso de humanidade que não me machuque mais! Sei que, como todo mudo, cometi muitos

PERIGOSAS ACHERON

erros, mas não mereço ser penalizado dessa forma por um amor que não escolhi sentir. Peço que tenha um pouco de paciência. No mais tardar em dezembro, estarei deixando Jequié e voltando para São Paulo e você não me verá mais ou terá notícias minhas.

Quando terminou de falar, Henri tinha os lábios e as mãos trêmulas e os olhos desvairados e vermelhos pelas lágrimas que lhe banhavam a face. As lágrimas também chegaram à minha face e eu tomei-lhe uma das mãos num gesto de carinho, mas ele puxou-a para si, tirando-a de minhas mãos para que eu não o tocasse e falhasse na tentativa de consolá-lo.

— Posso falar agora? — perguntei-lhe sem graça, pois estava me sentindo muito mal com aquela situação.

— Pode — murmurou Henri, dando de ombros. Sua voz era baixa e triste como se esperasse ouvir

PERIGOSAS ACHERON

uma série de ofensas.

— Quero ressaltar mais uma vez que eu me arrependo profundamente de todos os meus erros em relação a você, principalmente de todas as ofensas que dirigi a você em nosso primeiro encontro. Se eu pudesse voltar atrás, voltaria; faria tudo diferente e tudo seria diferente também. Mas eu não posso fazer isso, só posso pedir-lhe perdão e tentar remediar o que for possível. Confesso que depois daquele encontro e de descobrir que íamos trabalhar juntos, eu pensei realmente que o odiava e que íamos travar uma guerra. Senti tanta raiva de você que cheguei até a provocar isso quando fiz com que você caísse no trabalho; mas, ao invés de me tratar com raiva, você me tratou com amor. Na mesma semana, você me ofereceu carona como se eu não tivesse machucado você novamente. Diante de todo seu carinho, quando você foi hospitalizado e voltou para casa, senti-me compelida a visitá-lo.

Senti, então, que conversar e estar com você era muito agradável, mas eu não queria admitir isso por causa da sua deficiência. Eu não conseguia aceitá-la, pois só conseguia ver o que você não podia fazer. Quando me mudei para cá, tentei me convencer de que fazia isso para tentar fazer com que você voltasse o mais rápido possível para São Paulo quando, na verdade, o que eu realmente queria era estar perto de você. E, quanto mais eu me sentia atraída por você, mais eu sofria, porque eu não aceitava, não queria gostar de alguém que tivesse uma deficiência. Com o intuito de tentar acabar com a atração que eu sentia por você, envolvi-me com Walmir, fui para Ilhéus, mas nada que eu fiz resolveu. Fiz o possível para tirar você da minha cabeça, mas não consegui. Mas também não conseguia falar que me sentia atraída por você. Pensei em falar pelo chat, mas você tinha me bloqueado... Criei, então, um novo usuário e pensei

PERIGOSAS ACHERON

que você logo perceberia que era eu; mas, como não percebeu, acabei optando por manter-me incógnita, principalmente quando descobri que estava completamente apaixonada por você. Na verdade, acho que sempre amei você, mas não sabia como lidar com esse sentimento e com o preconceito que ainda sinto. Enquanto cuidei de você, eu tentei contar-lhe que o amava, mas não consegui, não tive coragem. Teve um momento, numa das muitas vezes em que estive com você no hospital, que eu cheguei a perguntar-lhe “e se eu o amasse?”; mas, como você se mostrou completamente incrédulo, não tive coragem de confessar meus sentimentos. Insisti nesse novo encontro para confessar meu amor, não para humilhá-lo ou machucá-lo. Desde que descobri que o amo, tenho vivido torturada. Literalmente entre a cruz e a espada! Entre o amor que sinto por você e o preconceito que me devora! Sinto-me perdida,

PERIGOSAS ACHERON

dividida, dilacerada! Eu não estou culpando-o de nada. A culpa é só minha: eu o maltratei, eu o magoei, eu o humilhei, apesar de meu amor! Parece uma contradição, uma loucura, mas eu o amo e o discrimino. Vou sofrer, mas vou compreender se não me quiser. Estou aqui agora confessando a você que o amo e pedindo para que fique comigo, que me aceite apesar de meus inúmeros defeitos e me ajude a acabar com o preconceito que sinto. Eu quero... que sejamos felizes juntos — confessei tudo o que sentia. Quando terminei, estava sufocada pelas lágrimas. Inexplicavelmente, sentia-me muito cansada e, ao mesmo tempo, aliviada por ter revelado toda a verdade para Henri.

Quando terminei de falar, olhei para Henri em busca de uma resposta, mas ele estava tão aturdido que tinha os lábios entreabertos, os olhos arregalados e o corpo estático, só suas mãos davam algum sinal de vida através de um leve

PERIGOSAS ACHERON

estremecimento e do suor que as umedecia e era absorvido pelo lençol que o cobria. Sem saber o que fazer ou o que falar, murmurei o nome dele:

— Henri?

— Hã? — murmurou, balançando a cabeça como se estivesse abandonando o torpor que tomara conta dele.

— Não vai... dizer nada? — perguntei-lhe meio sem jeito, pois sabia que ele tinha sofrido um impacto muito grande naquele dia.

— Eu ouvi mesmo o que acho que ouvi? — indagou, levando uma das mãos à cabeça.

— Sim, ouviu. Eu realmente amo você, mas preciso que me ajude a aceitar a sua deficiência — confirmei, contemplando-lhe o rosto. — Não vai dizer nada? — tornei a perguntar-lhe.

— Eu... eu estou confuso. Não... sei o que dizer ou o que pensar. Eu... sonhei tanto, desejei tanto... que você me amasse que... agora... não me parece

PERIGOSAS NACIONAIS

real... me parece um sonho ou uma miragem... sei lá. Por outro lado, não me parece coerente você dizer que... que me ama, mas não me aceita do jeito que eu sou, não aceita a minha deficiência. — Henri fez uma pausa, respirou profundamente como se lamentasse o que estava falando e, em seguida, prosseguiu: — Quem ama, aceita, compreende e esse... esse não parece ser o seu caso. Fico me questionando se isso é realmente amor... ou se é uma espécie de curiosidade ou pena ou até... culpa, culpa por eu amá-la e você não me amar. Não sei... eu... eu estou realmente muito confuso. E não quero me machucar novamente. Eu só... quero ser feliz e não sei se vamos ser felizes assim... com o preconceito entre nós. Enfim, eu não posso... não posso decidir nada agora. Não estou em condições de fazer isso — Henri replicou em um tom de voz baixo. Ele estava realmente aturdido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você me dá uma resposta amanhã? — perguntei, olhando fixamente para ele.

— Posso tentar, mas não prometo — afirmou. — Eu estou realmente muito confuso — justificou em seguida.

— Eu entendo — aceitei sua resposta. — E você prefere que eu vá para a casa de meus pais até que você se decida? — indaguei, porque achava que devia fazer essa pergunta, embora estivesse torcendo para que ele dissesse que não.

Para minha oculta felicidade, ele balançou a cabeça negativamente e disse:

— Por mim, você pode ficar aqui. Isso não vai afetar a minha decisão. Mas, se quiser ir, também não vou impedi-la.

— Então, se não se importa, eu prefiro ficar — afirmei, sendo bastante sincera.

— Certo — concordou com displicência, parecia imerso em pensamentos.

PERIGOSAS ACHERON

— São 20h. Vamos jantar? — convidei-o. Ser sincera sobre meus sentimentos por ele tinha aberto o meu apetite.

— Bem, eu ainda preciso me vestir e... — Henri parecia querer recusar, apesar de eu saber que ele também não havia jantado.

— Vista-se! É o tempo que eu preparo algo para comermos — sugeri com um leve sorriso nos lábios.

— Certo — ele concordou rapidamente. Devia estar com fome e sem jeito de ir para a cozinha esquentar alguma coisa por minha causa.

— Então, até daqui uns vinte minutos na mesa da cozinha. Certo? — indaguei.

— Certo — confirmou sem nenhuma empolgação.

Cerca de vinte minutos depois, Henri adentrou a cozinha vestindo um short e uma camiseta regata. Cabisbaixo, ele parecia bastante incomodado com o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

silêncio inquebrável que se formara entre nós. Eu também me sentia incomodada, mas sabia que o único meio de resolver esta situação era ele se decidir se iria ou não ficar comigo e era evidente que ele era incapaz de me dar uma resposta naquele momento.

Findado o jantar, ele murmurou:

— Pode ir se deitar. Eu arrumo a cozinha.

— Tem certeza? — perguntei-lhe. — Não quer que eu, pelo menos, o ajude? — ofereci.

— Tenho certeza e não quero a sua ajuda não — negou-se ele para, em seguida, se justificar: — Estou precisando ficar sozinho e quero fazer algo para ver se eu paro de pensar, pois minha cabeça está à beira de uma pane.

— Certo. — Depois de uma explicação tão contundente, eu só podia concordar. Escovei os dentes e fui para o meu quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 61

Questionamentos

Henri

Eu nunca pensei que algo que eu quis tanto fosse me causar tamanho impacto. Desejei tanto, sonhei tanto ser amado por Carol que, quando ela finalmente disse que me amava, eu não soube como reagir. Fiquei chocado com a confissão dela, pois eu não a esperava. É verdade que, desde que moramos na mesma casa, em alguns momentos, ela demonstrou algum tipo de carinho ou até preocupação comigo (como quando cuidou de mim quando tive a úlcera de pressão); mas, em outros momentos, ela se mostrou distante, displicente, fria mesmo, como se não se importasse comigo, me ignorasse e, até mesmo, magoou-me várias vezes.

Para completar, ela disse que me amava, mas ainda continuava com o preconceito em relação à minha deficiência. Como podia ser isso? Como amor e preconceito podiam andar de mãos dadas? Na minha concepção, eles sempre foram incompatíveis, impossíveis de conviver num mesmo coração se fossem ambos destinados à mesma pessoa. Seria Carol uma exceção à regra? Ou o que ela sentia por mim não era amor? Se eu a rejeitasse, conseguiria esquecê-la? Improvável, pois eu já tentava fazer isso há meses sem nenhum sucesso, apenas retrocesso ao sentir meu amor por ela crescer e se tornar cada vez mais forte. E se eu a aceitasse, machucar-me-ia? Muito provável, pois isso suscitava uma outra questão: se não conseguira se desvencilhar do preconceito, ela conseguiria me namorar de modo que fôssemos felizes? Muito difícil... O que eu deveria fazer? Se eu a aceitasse, corria o risco de ser magoado e sofrer com o seu

PERIGOSAS ACHERON

preconceito. Se eu a rejeitasse, certamente eu magoaria a mim mesmo e sofreria com a ausência dela. O que machucaria menos? Qual alternativa denotava menor risco de sofrimento ao meu pobre coração? Sentia-me entre a cruz e a espada!

Eu não conseguia decidir e, por conseguinte, também não conseguia dormir. A ansiedade era minha companheira de vigília e o sono parecia ter me abandonado definitivamente naquela noite. Lembro-me de ter visto o relógio marcar três horas da manhã e a crescente fadiga física e o peso aniquilador em meus olhos não serem suficientes para me fazerem desmaiar em um sono profundo até que tudo começou a ficar desfocado como se, aos poucos, a realidade se afastasse de mim e me atirasse em uma queda interminável durante a qual muitos momentos de minha vida e de meu conturbado “relacionamento” com Carol corriam apressadamente à minha frente como se também

PERIGOSAS ACHERON

fugissem de mim. Quando, finalmente, eu ia chocar-me com o chão, acordei assustado com Carol, sentada ao meu lado na cama com a mão pousada em meu ombro:

— Carol! — exclamei. Os olhos dela encontrando-se com os meus.

— Perdoe-me, Henri! Eu não quis assustá-lo — pediu. — Eu vim ver se você está bem, afinal não me lembro de você já ter acordado tão tarde.

— Que horas são? — perguntei-lhe, bocejando.

— São 9h30 da manhã — respondeu bastante objetiva.

— Nossa! Tudo isso? — murmurei bastante surpreso, passando uma das mãos sobre meu cabelo totalmente arrepiado.

— Sim, tudo isso — Carol confirmou. — Mas você está bem? — perguntou por fim.

— Estou. Eu só... demorei a dormir e, quando finalmente consegui adormecer, não dormi bem —

PERIGOSAS NACIONAIS

respondi, relutando um pouco em admitir que não dormira bem, embora isso, provavelmente, estivesse expresso na minha cara, que devia estar horrível.

— É, você parece cansado — Ela observou, confirmando minha impressão de mim mesmo. — Quer que eu traga o café da manhã para você aqui? — ofereceu-me.

— Não, não é necessário. Tenho condições de tomá-lo na cozinha mesmo — rejeitei a proposta.

— Perdoe-me! Eu... eu não quis... ofender — Carol disse sem graça.

— Não, não ofendeu. E eu não quis ser grosso. Perdoe-me a resposta rude! — pedi, admitindo que minha rejeição à sua oferta fora ríspida.

— Não tem problema. Imagino que a noite passada tenha sido muito difícil para você — afirmou Carol.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, foi sim — admiti. — E ainda não tenho uma resposta para você — completei, respondendo ao que seus olhos me indagavam.

— Não se preocupe com isso agora. Tente descansar. Eu espero sua resposta. Pode ficar tranquilo — garantiu Carol condescendente.

— Obrigado! — agradei enquanto ela erguia-se e caminhava para a porta.

Compreendendo meu evidente desconforto com a situação de indefinição que se estabelecera entre nós, quando cheguei à cozinha para tomar o café da manhã, Carol não se encontrava lá. Como a porta de seu quarto estava cerrada, imaginei que ela estivesse em seu quarto trabalhando em sua dissertação de mestrado.

Tomei o café da manhã, arrumei a cozinha e voltei para o meu quarto, onde escovei os dentes e passei o restante da manhã tentando trabalhar no meu relatório de pós-doutorado; no que não obtive

muito sucesso, uma vez que os questionamentos, as dúvidas e os medos presentes em minha cabeça e em meu coração eram meus companheiros inseparáveis naquela manhã.

Às 13h, almoçamos juntos, mas o clima entre nós continuava desconcertante. Senti que Carol tentava evitar olhar para mim, talvez para tentar poupar-me de olhares inquisitivos e, a meu ver, estranhamente ansiosos (eu não conseguia entender como ela podia desejar uma resposta positiva, uma vez que eu duvidava da veracidade de seu amor); mas, em vários momentos, deparei-me com vários desses mal disfarçados olhares. Isso me afligia muito; pois, embora ela tivesse me magoado várias vezes (algumas das quais intencionalmente), eu a amava demais para tencionar magoá-la de alguma forma.

Eu não tinha ainda uma resposta a dar e não sabia como reagir com meu silêncio, minha indecisão, minha falta de resposta diante dela. Eu

PERIGOSAS ACHERON

tinha medo que, aos olhos dela, isso se parecesse com uma vingança velada quando, na verdade, era um instinto de autoproteção. Então, num impulso para ver-me livre daquele mal-estar, afirmei com a voz oscilante e insegura:

— Hoje, no início da noite, eu lhe darei uma resposta.

— Então, já se decidiu? — presumiu Carol, fixando seus belos e chamejantes olhos de mogno em mim, o que me fez lembrar de sua aparência na noite anterior; algo que, até aquele momento, não fora motivo de um único lampejo de pensamento em minha mente, tamanho fora o impacto de suas reveladoras palavras.

Lembrei-me, então, da camisola gasta e transparente, porém sensualmente atraente, do grande decote, das alças bastante finas, do movimento dos seios desnudos movendo-se para fora do frágil tule enquanto ela me ajudava a voltar

para cama e do modo como ela rapidamente os ajeitou, cobrindo-os parcialmente devido ao decote, dos bicos dos seios rígidos projetados contra o tecido como se fossem transpô-lo, dos cabelos soltos e molhados dispostos ao redor de seu corpo, dos lábios entreabertos (que pareciam ansiar por um beijo) e dos olhos de mogno tão chamejantes em contraste com sua fisionomia preocupada e com a situação desconcertante que se instalava entre nós. Perdido nestas inebriantes lembranças dei-me conta de que nunca vira mulher tão bela, nem em tal estado de seminudez, que me surpreendi por tê-las temporariamente apagado de minha mente devido à preocupação e à confusão que a confissão dela causaram em mim.

— Henri? — chamou-me Carol ao notar-me completamente desligado da realidade.

— Hã? O que foi mesmo que você me perguntou? — indaguei, voltando a mim.

— É que você me disse que, no início da noite, me dará uma resposta. Então, perguntei se você já tem uma resposta — explicou-se sem graça.

— Eu... eu não... não tenho uma resposta ainda, mas tenho pensado nisso sem parar — afirmei embaraçado. — É que eu me sinto... entre a cruz e a espada. Por um lado, eu quero ficar com você; por outro, não quero. Não sei o que fazer ou o que decidir, o que é melhor para nós dois diante de tudo o que aconteceu — completei para, em seguida, assegurar-lhe: — Mas prometo-lhe que, às 18h, vou lhe dar uma resposta.

— Henri, eu não estou pressionando você. Disponha do tempo que quiser para decidir — Carol garantiu.

— Eu sei, mas a pressa é minha. Não podemos continuar nessa indefinição! É uma situação difícil! Sinto que não vou conseguir dormir direito enquanto não lhe der uma resposta e não quero

PERIGOSAS NACIONAIS

passar mais uma noite como a anterior — confessei, sendo bastante sincero.

— Eu... sinto muito — murmurou com o semblante entristecido.

— Não sinta. Se você realmente sente o que diz sentir por mim, devia mesmo me falar. Eu é que acabei ficando um pouco trauma... — interrompi ao dar-me conta do que acabara de fazer: coloquei em dúvida seus sentimentos por mim e praticamente disse que ficara traumatizado diante das decepções que tivera.

Pensei que Carol fosse reagir, dar-me alguma resposta, mas ela simplesmente abaixou a cabeça e permaneceu calada. Diante de sua reação, vi-me pedindo perdão a ela por minhas palavras:

— Perdoe-me, Carol! Eu não quis ofendê-la! Não foi proposital... Eu acabei não pensando no que ia dizer e...

PERIGOSAS ACHERON

Antes que eu pudesse concluir meu pedido de perdão, Carol ergueu os olhos de mogno entristecidos para mim, fez um gesto de pausa e pediu:

— Por favor, Henri, não se desculpe! Eu seria uma hipócrita se não reconhecesse que você tem motivos para duvidar do meu amor por você e também que posso tê-lo traumatizado com minhas atitudes. Não se desculpe!

Dito isto, Carol ergueu-se da mesa e dirigiu-se à pia, onde começou a lavar os pratos em silêncio e de costas para mim. Sem saber o que fazer, encerrei-me novamente em meu quarto e entreguei-me à série de conjecturas sobre entregar-me ao meu amor ou resignar-me a recusá-la e, assim, poupar-me do risco de sofrer com uma nova desilusão amorosa.

Às 18h em ponto, quando o sol inflamava o céu com o vermelho cálido da despedida de mais um

PERIGOSAS ACHERON

dia para entregá-lo à lua minguante sob uma sucessão de tons que corriam rapidamente do róseo ao roxeado e, finalmente, ao azul-escuro (quase negro) daquela noite, Carol adentrou meu quarto com os olhos de mogno oscilantes como se estivesse muito envergonhada por estar ali: na penumbra de meu quarto, à frente da lua minguante que a janela nos apresentava, cobrando-me insegura e em silêncio a resposta.

CAPÍTULO 62

Decisão e decepção

Carol

— Carol? — indagou Henri quando se convenceu de que eu não emitiria nenhuma palavra. Comportamento este que ele atribuiu à situação em que nos encontrávamos, principalmente eu que, pela forma com a qual o tinha tratado, não me achava nem digna de receber uma resposta e, muito menos, de cobrá-la. Todavia, confesso que meu comportamento se deveu muito mais à minha contemplação da aparência de Henri do que à situação que vivenciávamos, embora ela também me deixasse profundamente incomodada.

Henri parecia ter acabado de sair do banho quando adentrei o quarto. Ele encontrava-se

desnudo da cintura para cima e vestia apenas um short negro. Seus cabelos molhados estavam completamente desalinhados, seus olhos eram de um azul profundo e vívido, seus ombros e peito ainda estavam ornados por gotas esparsas de água como se ainda não tivesse se enxugado completamente e, ao seu lado na cama, encontravam-se sua toalha de banho e uma camiseta regata azul ainda dobrada. Era possível sentir seu perfume másculo e envolvente; porém, ao mesmo tempo, delicado e discreto. Tudo nele compunha uma descuidada e atraente beleza.

Após alguns instantes de enlevo, murmurei num esforço profundo de concentração:

— Acho que me adiantei.

— Não, eu é que me atrasei — Henri corrigiu-me com um sorriso nos lábios. — Mas, de qualquer modo, você está aqui agora e eu lhe darei minha resposta — disse num ar de indecisa resignação.

— E, então, o que você decidiu? — perguntei por fim, tentando conter minha crescente ansiedade.

Com um belo sorriso nos lábios, Henri estendeu a mão para mim. Toquei-a com cuidado e ele, aos poucos, fez-me caminhar para si, para sentar-me ao seu lado na cama. Quando me viu instalada ao seu lado, ele entrelaçou mais firmemente seus dedos nos meus e, após contemplá-los por um longo e interminável minuto, mergulhou seus olhos nos meus e murmurou quase ao meu ouvido:

— Carol, eu... eu quero tentar. Eu... quero namorar você, quero que tentemos ser felizes juntos.

Não pude me conter. Sorri com toda a sinceridade da minha alma e, colocando os braços em volta de Henri, murmurei antes de beijar-lhe ardentemente os lábios:

— Isso é maravilhoso, Henri! Sonhei MUITO com isso e também quero que tentemos ser felizes

PERIGOSAS ACHERON

juntos!

Findado o beijo, permaneci abraçada a Henri, sentindo o calor de seu corpo e deliciando-me com a beleza de seu sorriso de sincera felicidade. Era um momento tão intenso, tão bonito, indescritível de tão perfeito, que tive grande pena em interrompê-lo, mas eu precisava fazer isso para deixar claro os termos de nosso namoro. Então, no intuito de que aquele momento não se findasse precocemente, sussurrei na voz audível mais baixa que pude pronunciar:

— Mas vamos devagar, certo, Henri?

— A que está se referindo? — perguntou-me Henri, franzindo o cenho num indicativo de preocupação que quebrou aquele nosso breve momento de felicidade e fez-me notar que, apesar de ter me aceitado, ele temia imensamente magoar-se de novo, o que me fez questionar se eu devia mesmo falar o que tencionava. Como não tinha

tempo para pensar no assunto, conclui que seria mais acertado prosseguir com o que começara:

— Ao nosso namoro. Vamos mantê-lo em segredo por enquanto. Eu preciso que me ajude a me livrar do meu preconceito e não sei se vou conseguir fazer isso com a sociedade nos olhando e apontando.

Henri deu um profundo suspiro de evidente decepção e indagou:

— Você sente vergonha de mim? De namorar comigo?

— Não, não é isso! — assegurei. — Mas você já imaginou o que as pessoas vão dizer e como vão nos olhar quando nos virem juntos como um casal? Quando souberem que estamos namorando? Há muitas “línguas afiadas” por aí e eu quero evitar isso, pois não suportaria — justifiquei-me.

Henri balançou a cabeça negativamente e, com o semblante demudado por uma profunda tristeza,

PERIGOSAS ACHERON

afirmou:

— Carol, não se vence o preconceito escondendo-se dele, mas sim enfrentando-o duramente. Eu sou a prova viva disso! Se eu não enfrentasse o preconceito, estaria até hoje preso em uma cama, sem sair de casa e totalmente dependente de outras pessoas — interrompeu por um minuto e, após uma ligeira reflexão, prosseguiu: — Bem, já que vamos tentar ser felizes juntos, eu vou aceitar o que me pede por enquanto, mas não poderemos continuar assim por toda a vida. Se quiser ficar comigo, terá que me aceitar como sou. Eu vou tentar ajudar você, mas não poderei fazer muita coisa. Afinal, o preconceito está aqui — disse ele, tocando delicadamente a minha têmpora — É você quem tem que o banir daí.

— Certo — concordei e agradei em seguida: — Muito obrigada por sua compreensão, Henri!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Disponha! — replicou ele com um sorriso sem graça.

— Vamos fazer alguma coisa juntos hoje após o jantar? — sugeri no intuito de dispersar a melancolia que o invadira.

— Claro. O que você gostaria? — indagou Henri com um sorriso retornando aos seus lábios.

— Não quer assistir a um filme comigo hoje? Aqui em seu quarto?

— Quero. Só não sei se conseguirei assistir até o fim, pois não dormi bem na noite passada — ele aceitou, mas fez uma ressalva.

— Não tem problema. O que eu quero é estar com você — afirmei.

Após o jantar, eu e Henri nos sentamos em sua cama para assistirmos ao filme “Mensagem para Você”, que já havíamos assistido, mas do qual eu gostava por lembrar-me de nossa história.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto Joe Fox e Kathleen se digladiavam por causa de suas livrarias, Henri era vencido em sua batalha contra o sono, deixando a cama para preparar-se para dormir. Quando ele retornou ao quarto, já pronto para dormir, desliguei a televisão e o aparelho de DVD e, antes que eu pudesse desejar-lhe boa noite, ele já se encontrava adormecido na cama.

Aproximei-me dele, acariciei-lhe os cabelos, o rosto e os ombros, beijando-lhe suavemente os lábios antes de afastar-me.

— Boa noite, meu amor — murmurou Henri já semiconsciente pelo poder do sono.

— Boa noite, meu amor — repeti com um ligeiro carinho em seu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 63

Dúvidas e insegurança

Carol

Durante cerca de três semanas, nosso namoro foi o mais discreto possível em todos os sentidos. Não aparecíamos em público, não íamos para o trabalho juntos, não saíamos juntos e, quando não estávamos a sós, nosso comportamento, um em relação ao outro, não se alterara em nada ao que era antes, talvez só os nossos olhares é despertassem a dúvida em observadores mais atentos como era o caso de Heleno; mas, em suas constantes visitas ao irmão, ele não chegou a fazer uma pergunta direta a nenhum de nós sobre o atual teor de nosso relacionamento e, creio por não ter certeza da veracidade de sua suposição, apenas fez uma

insinuação perante nós e aconselhou Henri a refletir e tomar cuidado antes de tomar qualquer decisão.

Nosso relacionamento também era bastante discreto na intimidade. Não passávamos dos beijos, das carícias comportadas e dos abraços. É bem verdade que eu, às vezes, sentava-me no colo de Henri e, por várias vezes, dormi em sua cama com ele, mas não passávamos do prazer de desfrutar o sono abraçados e do acordar de um de nós com o belo sorriso de contemplação do outro, já desperto. Era tudo um sonho em sua mais bela candura.

Quando eu insinuava que podíamos ir além daquele ingênuo namoro, Henri sempre desconversava e dizia que era um homem à moda antiga, que preferia ir com calma em todas as etapas de nosso relacionamento numa clara alusão ao meu pedido de sigilo em relação ao nosso namoro. Foi inevitável não me questionar sobre a atitude dele. Esta negação a um relacionamento

PERIGOSAS ACHERON

mais íntimo era uma espécie de protesto contra o meu pedido de sigilo? Ou ele, durante o nosso curto período de relacionamento pessoal (não virtual) descobrira que não me desejava, que não sentia atração por mim? Ele tinha uma deficiência, é fato, mas já dera evidências de que podia ter relações sexuais, por que então optava por manter-se casto? Eu não o entendia e a verdade é que isto me angustiava a cada dia em que eu dava um passo no sentido de tornar nosso relacionamento mais íntimo ou de privá-lo de alguma peça de roupa e ele interrompia o momento que vivenciávamos e recusava-se continuar.



Os festejos de São João eram tradicionais no Nordeste do Brasil. Neste período, aconteciam em Jequié uma série de comemorações que a tornavam uma das cidades mais concorridas do interior

PERIGOSAS NACIONAIS

baiano. Como os festejos sempre resultavam em feriado, passaríamos então três dias livres juntos e em casa, pois nenhum de nós planejou participar dos forrós que aconteceriam ou fazer qualquer tipo de viagem. Queríamos estar juntos, namorar e comemorar o aniversário de Henri de forma mais íntima. Pelo menos era isso que deixamos transparecer um ao outro. Achei, portanto, que, com mais tempo livre para ficarmos juntos, eu poderia encontrar um meio de conversar com ele, expor minhas dúvidas e meus medos em relação ao nosso casto relacionamento e, principalmente, em relação a seus sentimentos por mim com mais cuidado e delicadeza a fim de evitar magoá-lo mais uma vez. Eu temia mortalmente incorrer novamente neste erro, pois ele não merecia mais nenhum tipo de sofrimento e magoá-lo machucar-me-ia também devido ao fato de eu amá-lo cada vez mais, apesar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de meu hediondo e injustificado preconceito contra sua deficiência.

No domingo, dia 21 de junho, aniversário de Henri, após o café da manhã, ele foi para o seu quarto, onde tencionava trabalhar em seu relatório de pós-doutorado. Segui-o e, antes que ele apanhasse o notebook, perguntei meio sem jeito:

— Henri, nós podemos conversar?

— Claro! Sobre o que quer conversar? — aceitou ele com um sorriso bastante receptivo no rosto.

Confesso que tamanha receptividade me deixou envergonhada e sem ação e eu encontrei-me de novo sem saber como iniciar aquele diálogo sem magoá-lo.

— Bem, é que, às vezes, eu reflito sobre nosso relacionamento... — interrompi.

— Também faço isso, às vezes — disse Henri numa calma inabalável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E eu... nunca vivi... uma situação... como essa — murmurei extremamente embaraçada, sentando-me ao seu lado na cama.

— Esta também é uma situação nova para mim, Carol. É o meu primeiro namoro após a lesão — disse Henri imperturbável e com um meio sorriso nos lábios.

— E eu tenho... me questionado se... você realmente me ama — murmurei perdida entre as palavras.

— Claro que eu a amo! Você está cansada de saber disso! E eu já lhe dei muitas provas de meu amor — replicou, parecendo surpreso com a minha pergunta, como se eu tivesse perguntado o óbvio e a verdade é que eu perguntara mesmo.

— É que... já temos cerca de um mês e meio juntos e... você sempre... recua diante de alguns carinhos e... — interrompi-me bastante sem jeito.

PERIGOSAS ACHERON

— Carol, o fato de um homem não dormir com uma mulher não significa que ele não a ame e não a deseje. Assim como o fato de um homem dormir com uma mulher nem sempre significa que ele a ama — afirmou Henri com distanciamento como se não estivéssemos falando de nosso relacionamento. — Imagino que você deve saber disso mais do que eu — fez uma clara referência ao fato de eu ter mais experiência do que ele.

— Sim, é verdade. Mas o amor... o amor faz com que as pessoas... bem, faz com que as pessoas desejem... desejem estar juntas mais intimamente e... e eu não noto em você o desejo de... — interrompi bastante envergonhada, abaixei a cabeça, abanei-a negativamente com bastante discrição e murmurei, erguendo-me: — Esqueça! Esta é uma conversa desproposita!

Henri suspirou profundamente, abaixou os olhos para si por um momento, depois ergueu-os,
PERIGOSAS ACHERON

fixando-os em mim, e replicou bastante sincero:

— Carol, não passa pela sua cabeça que, mesmo sendo um homem bem resolvido, eu também tenha minhas inseguranças e medos?

—Você está inseguro? — indaguei muito surpresa. — Você sempre se mostrou bastante seguro sobre esse assunto. Nunca pensei que... — completei ainda estupefata.

— Todo mundo tem algum tipo de insegurança, algum medo, Carol. Isso é inerente ao ser humano. É normal! E eu não sou diferente! Também tenho os meus; embora, em geral, saiba lidar com eles — Henri justificou-se.

— E não está sabendo lidar com eles agora? — indaguei, tornando a sentar-me ao seu lado na cama.

— Confesso que estou me sentindo bastante perdido — confessou com a sinceridade expressa no olhar.

— E quais são suas inseguranças e seus medos?

— perguntei curiosa.

— A primeira insegurança é quanto aos seus sentimentos por mim. Eu não sei se você me ama de verdade e duvido de que o amor e o preconceito referentes à mesma pessoa consigam coexistir em um único coração. Além disso, a primeira vez de um homem é tão especial quanto a de uma mulher. Não se engane a este respeito. Embora muitos digam que não, é importante sim e eu quero que seja um momento especial para mim, realizado com a pessoa que eu amo e que me ama. E, para isso, eu preciso me sentir mais seguro. Outro ponto a considerar é o ato sexual em si. Na época em que me tornei tetraplégico, a sexualidade das pessoas com deficiência era mais cheia de tabus do que é hoje. Não recebi orientações a este respeito em minha reabilitação; mas, curioso como sou, pesquisei, perguntei aos meus amigos cadeirantes

PERIGOSAS ACHERON

que tem vida sexual ativa como é o sexo para nós cadeirantes e percebi que não é tão diferente do sexo para pessoas sem deficiência. Nós só temos que prestar mais atenção a alguns detalhes; mas, mesmo assim, permanece em mim algumas inseguranças que, creio eu, são próprias de alguém que nunca teve nenhum tipo de experiência sexual — revelou Henri, mostrando-se aparentemente calmo, apesar de seus olhos demonstrarem uma certa apreensão. Será que ele temia minha reação ao que falava? Por que ele nunca comentara comigo suas inseguranças e seus medos em relação a um envolvimento mais íntimo?

— A que medos você se refere? Que detalhes precisam ser observados para que façamos amor? — perguntei mal me contendo de tanta curiosidade.

— Eu... tenho medo de não lhe dar prazer e... de não sentir prazer. Eu não sei precisar... até onde vai... a minha sensibilidade, a minha capacidade de

PERIGOSAS ACHERON

ter sensações e isso... me assusta um pouco — confessou Henri visivelmente envergonhado e com o olhar oscilando sempre entre as próprias mãos e o meu rosto.

— Eu acho que é normal se sentir inseguro e ter alguns medos em relação à primeira vez, Henri. E eu penso que você é perfeitamente capaz de sentir prazer e também de me proporcionar prazer; todavia, se não tentarmos sentir este prazer, nunca iremos experimentá-lo. Além disso, tudo é muito novo para mim também. Eu nunca me relacionei com alguém como você antes, em todos os sentidos, não apenas em relação à deficiência. Mas só saberemos o prazer que poderemos proporcionar um ao outro se nos propusermos a experimentá-lo! Quanto ao meu amor por você, tenha certeza de que ele é real. Como Rosa, em nossas conversas virtuais, eu falei para você que você era e é a melhor coisa que aconteceu em minha vida. E isso

PERIGOSAS ACHERON

não vai mudar, porque eu realmente o amo! Eu só preciso aprender a aceitar a sua deficiência — tentei encorajá-lo da melhor forma possível, mantendo meu olhar o tempo todo sobre ele no intuito de deixar evidente a minha sinceridade. Ao fim de minhas palavras, toquei-lhe as mãos numa carícia de conforto e encorajamento.

— Você pensa mesmo assim? — indagou-me Henri com os olhos anuviados pela repentina dúvida que assomou neles.

— Sim, é assim que eu penso, meu amor — confirmei, apertando-lhe mais as mãos.

— E quer mesmo isso? Quer mesmo fazer amor comigo? — indagou-me ele ainda com a dúvida nos olhos.

— Claro que quero! É uma das coisas que eu mais quero na vida — afirmei redundante.

Quando pronunciei estas palavras, Henri puxou-me para si e nos abraçamos apaixonadamente.

Então, ele começou a murmurar quase ao meu ouvido os aspectos que teríamos que observar para fazer amor:

— Bem, inicialmente, será necessário que eu... faça um cateterismo. É importante que minha bexiga esteja totalmente vazia. As preliminares... são muito importantes para mim, mais do que para os homens sem deficiência. Você terá que me acariciar e estimular. Além disso, como não tenho muita mobilidade, teremos que começar com a posição “O Par de Tenazes”, do Kama Sutra, na qual você deverá ficar em cima de mim. De início, teremos que nos contentar com essa posição. Depois creio que meu corpo se acostumará mais com os movimentos do sexo e adquirirá um pouco mais de mobilidade e poderemos tentar outras posições.

— Hummm... Que chique! Você conhece o Kama Sutra! — brinquei, acariciando-lhe uma

PERIGOSAS ACHERON

mecha de cabelos da nuca para dar-lhe a forma de um pequeno cacho.

— Eu lhe disse que tinha pesquisado o assunto!
— replicou Henri, sorrindo e acariciando as minhas costas. — E é o que você realmente quer? Você quer fazer amor comigo? — Inseguro, ele tornou a perguntar-me, enquanto me afastava um pouco de si para olhar-me no rosto.

— Quero! Claro que quero! É uma das coisas que mais quero na vida! — repeti.

CAPÍTULO 64

Cores de meu sol

Henri

Nove horas da manhã. Deixei o banheiro e entrei no quarto. Olhei ao meu redor meio indeciso. Eu realmente queria isso? Queria, queria com todas as minhas forças, com todo o meu coração. Olhei ao meu redor novamente.

A janela estava aberta e as cortinas brancas parcialmente afastadas, balançando com a leve brisa da manhã. Apesar do horário e de estarmos em Jequié, naquele dia, o sol não era ainda intenso. Raios de sol levemente cálidos adentravam o quarto através do movimento das cortinas e ornavam o chão com facho de luz brilhante. Tudo no quarto parecia reluzir.

Olhei para a minha cama... branca, ampla, aconchegante e mais convidativa do que jamais fora para mim! Na ponta da cama, Carol se encontrava sentada. Ela usava um vestido branco e simples, de malha, solto ao redor do corpo, um vestido de ficar em casa. Seus cabelos longos estavam completamente soltos em volta de si e caíam-lhe pelas espáduas e pelas costas em uma doce e bela cascata castanho-escuro. Ela encontrava-se parcialmente de costas para mim, com uma das mãos sobre a cama, os olhos fitos na porta do quarto e, ao ouvir o barulho da minha cadeira de rodas aproximando-se da cama, voltou o rosto para mim, corando suavemente e sorrindo. Um sorriso ingênuo, porém convidativo, que combinava perfeitamente com a intensidade de seus olhos de mogno.

Senti meu rosto queimar de vergonha e desejo. Sentimentos tão opostos que se digladiavam dentro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de mim com tanta força a ponto de me confundirem, o que exigiu de mim um grande esforço de concentração na transferência da cadeira de rodas para a cama para que eu não corresse o risco de ir ao chão.

Carol observou imóvel a minha transferência e, assim que me viu sentado à cabeceira da cama, apoiado ao travesseiro e com as pernas convenientemente estiradas sobre o lençol, ergueu-se ainda de costas para mim, tirou os óculos, colocou-os sobre a minha escrivaninha e, tocando a barra do próprio vestido, foi pouco a pouco me revelando suas pernas, suas nádegas fartas cobertas por uma comportada calcinha de algodão branco, seus quadris largos, a maviosa curva de suas costas, cingida por um sutiã de renda branca. Enfim, começando a revelar-me suas formas cheias, fartas, exuberantes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela mexeu nos cabelos, fazendo com que eles se espalhassem mais sobre suas costas e voltou-se para mim com um sorriso maravilhoso, a perfeita contradição entre a sedução e a ingenuidade, permanecendo alguns segundos aparentemente indecisa sobre qual peça desnudar primeiro para, logo depois, jogar as mãos para trás no intuito de desabotoar o sutiã de renda branco que ornava seus fartos seios e revelá-los para mim completamente desnudos, intumescidos e com os bicos eretos, evidenciando seu crescente nível de excitação.

Em seguida, num movimento suave, porém rápido, Carol tocou as extremidades da própria calcinha, impulsionando-a para baixo de modo de modo que ela transpusesse suas grossas coxas e caísse ao chão, revelando-me os pelos negros e fartos de seu púbis e, por conseguinte, rompendo a última barreira entre meus ávidos olhos e seu corpo completamente despido.

PERIGOSAS ACHERON

Fitei seu rosto. Seu olhar era decidido, sua face enrubescida estava ainda mais bela. Seus lábios entreabertos pareciam ansiar ardentemente por um beijo. Tudo nela parecia recender a desejo. E eu estava tão embevecido na contemplação de suas formas que, quando retornei subitamente a mim, pude sentir o contato macio de seus dedos arrancando-me com urgência o short e a cueca, deixando-me igualmente despido.

Instantes depois, Carol postou-se ao meu lado na cama e entregamo-nos a uma maratona ardente de beijos cada vez mais quentes. Atenta e carinhosa, ela acariciou-me os cabelos, o rosto, beijou-me com fervor o pescoço e a curva entre o pescoço e o ombro. Mordiscou os meus ombros, acariciou-os com os lábios inferiores, percorreu minhas costas, meu peito e minha barriga com excitantes carícias, sugou com os lábios os bicos rígidos e diminutos de meu peito, percorreu cada centímetro de minhas

PERIGOSAS ACHERON

longas e magras pernas e, com as mãos, tocou-me intimamente com carícias suaves, porém tão sensuais, que rapidamente proporcionaram-me a ereção.

Com agilidade, Carol pôs-se sobre mim. Joelhos enterrados nos lençóis, tronco erguido, mãos pousadas na própria coxa, faces vermelhas, lábios sedentos, olhos chamejantes e respiração cada vez mais acelerada à medida que ela se entregava a uma interminável sessão de “vai” e “vem”, arrastando-me em seu vigoroso embalo, ora mais lento, ora mais intenso, mais profundo.

Em alguns momentos, ela tornava o movimento mais sereno e, com as suas, conduzia as minhas mãos até seus seios, os quais eu agarrava, massageava, estimulava até seus bicos ficarem ainda mais rígidos. Em outros momentos, ela curvava-se sobre mim, beijando-me a boca, esfregando os seios em meu peito, acariciando-o

com os cabelos e, sem deixar-me sair dentro de si, colocava-se na posição exata para que eu sugasse seus seios antes de recommençarmos os movimentos mais intensos e profundos.

Era uma sensação indescritível constatar seu prazer através de seus gemidos, seus murmúrios de amor e seus risos. Eu sentia prazer em dar-lhe prazer e era capaz de sentir prazer com o ato sexual em si. Era capaz de sentir o calor em minha pele e de experimentar sensações físicas que eu nunca imaginara sentir... Era maravilhoso constatar que o prazer sexual para mim não era apenas psicológico, mas também poderia ser físico.

Não sei por quanto tempo ficamos assim, perdidos no tempo, entregues a um intenso navegar por infinitos oceanos, a um intenso cavalgar por terras nunca antes por nós alcançadas, nem ao menos imaginadas, até que, num ápice de prazer, retornamos ao meu quarto esplendidamente

iluminado, deitados num abraço de relaxamento sobre a cama, na letargia do contentamento, do desejo aplacado.

Abri os olhos lentamente, contemplei o rosto de Carol que, desperta, parecia contemplar-me também. Não pude deixar de me encantar com a visão de seus olhos e de seus cabelos cingidos por um raio de sol, os quais assumiam uma tonalidade de mel fluído e tão vivo que me deixaram boquiaberto por alguns instantes. Ela entreabriu os lábios para falar, interrompendo em seguida, pois também parecia absorta em mim.

— Oi! — disse timidamente, quebrando o silêncio.

— Oi! — respondeu, sorrindo.

— Eu... dormi? — perguntei-lhe, tocando minha testa e deparando-me com o suor.

— Só alguns minutinhos — respondeu com um novo sorriso nos lábios. — Vamos tomar um
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

banho? Também estou bastante suada — convidou ela.

— Juntos? — indaguei surpreso com as entrelinhas do convite.

— Sim. E por que não? — indagou sugestiva. — Vamos? — tornou a convidar.

— Vamos! — aceitei com um sorriso nos lábios.

Foi esta também a primeira vez que eu tomei banho com Carol: eu no banco articulado, ela em pé, sempre próxima a mim. Em todo o transcurso do banho, aproveitávamos para namorar, nos acariciar, nos beijar, fosse no momento de molhar os cabelos e nossos corpos, no de ensaboá-los e no enxágue. Tudo era motivo de contato físico, de tocarmos intimamente o corpo um do outro, de olhares apaixonados e de prazer. Acho que só não fizemos amor novamente ali, no chuveiro, porque eu temia que o banco articulado não suportasse o peso de duas pessoas.

PERIGOSAS ACHERON

Era meio-dia e meia quando nos sentamos à mesa para almoçar.

— Hmmm, hoje estou com uma fome! — comentei, pois eu realmente estava com mais fome do que de costume.

Carol riu e confessou:

— Também estou com mais fome hoje, mas também depois de tudo o que fizemos!

— É, tem razão! — concordei com um sorriso nos lábios.

Enquanto almoçávamos uma comida bastante simples (arroz, feijão, carne de sol, salada e um cortado de abóbora²), Carol parou um instante, fixou os olhos interrogativos sobre mim e perguntou-me:

— Henri, como foi o sexo para você? Como... você se sentiu?

— Foi... — interrompi, pois não encontrava a palavra adequada. Todavia, a minha hesitação

pareceu preocupar Carol, fazendo surgir uma ruga em sua testa. — Foi a experiência mais... mais intensa e indescritível de minha vida! Nunca tinha vivido ou experimentado algo que se aproximasse disso! Foi... Foi maravilhoso! E eu consegui ter sensações, sentir algum prazer físico, além do psicológico — respondi verdadeiramente animado pela lembrança daquela experiência repleta de significados para mim.

Carol apenas sorriu em resposta e eu indaguei curioso:

— Para você, seria ridiculamente óbvio se eu perguntasse como se sente?

— Não, claro que não — respondeu, sorrindo. — Foi diferente de todas as outras vezes. Muito melhor! Não tem comparação! Eu nunca me senti tão feliz, tão completa! Nunca senti um prazer tão intenso e realizador em toda a minha vida! O amor é mesmo maravilhoso! — confessou por fim e seus

PERIGOSAS ACHERON

olhos traziam em si o brilho da verdade, seu sorriso era de evidente sinceridade.

Diante de uma revelação como essa, eu não sabia como reagir, se devia ou não externar toda a minha efusão. Todavia, na dúvida, preferi conter-me ao máximo e, embora estivesse boquiaberto (uma reação inconsciente devido à surpresa com a confissão de Carol), limitei-me a cerrar os lábios e murmurar:

— Fico feliz que eu tenha conseguido lhe dar prazer!

— Eu também fico feliz por lhe dar prazer e também por nosso amor ter sido consumado — disse Carol, sorrindo enquanto comíamos um pedaço de bolo de tapioca de sobremesa.

— Hmmm! Esse bolo de tapioca está divino! — comentei.

— Que bom que você gostou! Fazia tanto tempo que eu não fazia esse bolo que eu tive medo de ter

perdido a mão — afirmou com mais um sorriso lindo em seus lábios.

— E fazia muito tempo que eu não comia bolo de tapioca! — observei.

— E lá em São Paulo você não sentia falta das comidas baianas? — indagou curiosa.

— Claro que sentia! E muito! Com o tempo me acostumei a morar lá, a gostar de lá, do clima de lá, que é mais ameno que o de Jequié, mas nunca me esqueci do sabor das comidas típicas da Bahia, que refletem o calor e a cultura desta terra — respondi, sorrindo.

No restante daquele dia, éramos só sorrisos um para o outro. Sentíamos-nos como se estivéssemos vivendo um conto de fadas e tudo pareceria indubitavelmente perfeito. Passamos a tarde e a noite amando-nos intensamente e, certamente, se aquele tivesse sido o último dia de nossas vidas, teríamos morrido felizes.

Mas aquele não era o último dia.

2 Cortado de abóbora: espécie de cozido de abóbora madura picada feito na Bahia.

CAPÍTULO 65

Quando as nuvens encobrem o sol

Henri

Eu imaginava que, quando nos entendêssemos intimamente, o preconceito que Carol nutria por mim finalmente acabaria. Contudo, de algum modo que eu não sei explicar, parecia que ele ficara ainda mais forte.

No trabalho, nosso contato era apenas profissional e cada vez mais distante; o que, de todo, eu não achava ruim, pois estávamos em nosso ambiente de trabalho. Contudo, eu achava desnecessária sua indiferença quando nos

encontrávamos nos corredores do hospital e também diante de outras pessoas.

Além disso, incomodava-me a forma como ela sempre me deixava para trás quando íamos para o trabalho no mesmo carro ou quando andávamos na rua. Aliás, ela evitava ao máximo sair à rua comigo.

Em julho de 2009, decidimos passar o feriado da Independência da Bahia na Ilha de Atalaia, em Canavieiras, que era, na minha opinião, uma das mais belas praias do interior do Estado da Bahia. Antes de viajarmos, tive bastante dificuldade para conseguir comprar algumas roupas para mim devido à pouca acessibilidade de Jequié e de muitas de suas lojas, além do grande número de pessoas frenéticas nas ruas por causa da proximidade do feriado. Sugeri então a Carol que fosse comigo, mas ela esquivou-se justificando que se encontrava bastante atarefada com a proximidade de nossa

PERIGOSAS ACHERON

viagem. Sem a ajuda dela, acabei não conseguindo comprar todas as roupas que pretendia. Comprei apenas um short e uma camiseta e ela comprou o restante para mim depois, sem que eu as escolhesse ou experimentasse. Na ocasião, eu preferi acreditar que a recusa dela em acompanhar-me aconteceu em função de uma real sobrecarga de trabalho (no dia em que ela comprou as roupas, fiquei preso numa reunião de trabalho com Jonas até mais tarde) e não do preconceito que ela sentia por mim.

Em Canavieiras, ficamos no único hotel adaptado da ilha e a minha sorte é que fomos de carro, pois tudo lá era meio longe e a cidade não era acessível. Se tivesse que sair cadeirando ou precisasse pagar táxi em todas as vezes que fosse sair do hotel, estaria perdido.

Como deparei-me com uma grande falta de acessibilidade em Canavieiras e com a pouca disponibilidade de Carol em ajudar-me a transpor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os obstáculos, não pude tocar a água do mar. Passamos a maior parte dos três dias em que ficamos lá dentro do quarto do hotel; o que, em si, nem achei ruim, pois ainda estávamos em uma espécie de “lua de mel”.

O quarto em que nos encontrávamos era confortável e tinha vista para a piscina. Todas as manhãs, após o café, ficávamos um bom tempo namorando e, depois de tomar um banho, passeávamos de carro pela orla e pela cidade até a hora do almoço. Em seguida, sentávamos na praça até aproximadamente 14h30, quando retornávamos para o quarto de hotel e para a livre expressão do nosso amor.

Ao final da tarde, quando o sol se tornava mais brando e começava a cair para encontrar-se com o mar, íamos para a praia. Eu cadeirava pelas ruas, pois não dava para rodar pelas calçadas. Nunca andávamos juntos por mais que eu sugerisse (e

PERIGOSAS ACHERON

praticamente pedisse) isso a Carol. Ora Carol deixava-se ficar para trás, ora caminhava a uma boa distância de mim. Confesso que isso me incomodava bastante; porém, mais uma vez, permaneci calado. Fui condescendente mais uma vez.

Assim, quando um de nós chegava a uma entrada mais plana para a praia, sempre tinha que esperar o outro e, então, ela me ajudava a rodar uma curta distância na areia e a posicionar a cadeira de rodas de frente para o mar. Nesta posição, eu recordava-me de quando não havia obstáculos para que eu tomasse um banho de mar, contemplava Carol entrar na água e banhar-se e observava o poético pôr do sol de Canavieiras.

Em um fim de tarde em que a praia estava deserta, talvez, eu tenha deixado transparecer a minha tristeza pela rejeição, pelo preconceito dela e, ao invés de se banhar no mar, Carol preferiu

permanecer junto a mim. Sentou-se no meu colo e trocamos uns beijos, umas carícias e, em meio a um longo abraço, ela murmurou ao meu ouvido:

— Tudo bem, Henri?

— Tudo — respondi monossilabicamente.

— É que você me parece triste... — comentou com um semblante preocupado.

Hesitei em responder a pergunta de Carol. Eu não queria estragar a nossa viagem, mas também não queria mentir e não conseguiria simplesmente ignorar o preconceito dela. Então, optei pela sinceridade e respondi:

— É que me incomoda esse negócio de não andarmos juntos. Você sempre está atrás de mim ou à minha frente, nunca ao meu lado.

Carol deu um suspiro de tédio ao meu ouvido e replicou:

— Henri, eu falei para você que eu ainda preciso me livrar do preconceito. — Após uma breve

PERIGOSAS NACIONAIS

pausa, ela pediu: — Por favor, tenha um pouco de paciência comigo.

Eu apenas fiz que sim com a cabeça; porque, no fundo, achava que ela já tinha tido tempo mais do que suficiente para arrancar o preconceito de dentro de si. Mesmo assim, perguntei-lhe:

— E você me ama... de verdade?

— Que pergunta, Henri! Claro que eu o amo! Amo muito você! Parafraseando, Roberto Carlos, em sua música *Cama e Mesa*, eu diria que “você é o doce que eu mais gosto, meu café completo, a bebida preferida, o prato predileto. (...) Tudo em minha vida” — declarou com os olhos fixos nos meus e a sinceridade expressa em seu rosto, o que me deixou confuso. Apesar disso, a alusão à música de cunho romântico-sensual fez-me achar sua declaração engraçada e não pude conter o riso.

— Eu falo sério, sabia? — ela me interpelou com um sorriso maroto nos lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei, mas achei engraçado você me comparar com comida — repliquei, retribuindo o sorriso.

— Você conhece essa música, não conhece? — perguntou, achando que meu comentário poderia dever-se ao desconhecimento da música.

— Claro que conheço — afirmei para completar em seguida: — E percebo claramente o cunho sensual dos versos que você citou; mas, quando você os citou, minha mente remontou ao sentido literal dos versos e acabei achando engraçado — esclareci.

— Hummm... — disse ela maliciosamente. — Mas eu acho o sentido conotativo daqueles versos muito mais interessante e sugestivo — completou em seguida, beijando-me o pescoço com sensualidade a ponto de fazer-me arrepiar de desejo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Também acho — confessei, observando o céu que já começava a passar do rosa para o roxo e ostentava uma bela lua minguante acima do mar num prenúncio de noite.

Carol sorriu de contentamento e convidou:

— Vamos voltar para o hotel?

— Vamos — concordei.

No hotel, tomamos um banho juntos e, após o jantar lá mesmo (pedimos uma pizza), iniciamos mais uma noite de amor. No dia seguinte, depois do almoço, partimos de Canavieiras de volta a Jequié, onde continuamos na mesma situação, mesmo após essa minha breve e inexpressiva queixa: entre quatro paredes, éramos um casal perfeito, completo, vivendo um idílio, no qual minha deficiência não constituía nenhum obstáculo. À frente das outras pessoas, da sociedade, Carol me ignorava completamente e eu era para ela, quando

PERIGOSAS ACHERON

muito, um mero conhecido que só lhe despertava indiferença.

E esta situação tornava-se cada vez mais incômoda e dolorosa para mim. Amor e rejeição não podiam caminhar juntos. Pelo menos, na minha opinião não.

CAPÍTULO 66

Entrelace

Carol

Era uma situação bastante estranha. Por mais que eu tentasse me desvencilhar do meu preconceito, da não aceitação da deficiência de Henri, eu não conseguia! Já tínhamos dois meses juntos, vivendo como um casal e ainda me era insuportável a ideia de assumir nosso relacionamento perante às outras pessoas. A simples ideia de aparecer com Henri em público e ser alvo de olhares curiosos e perscrutadores deixava-me desconcertada. E o pior doía-me ver que estas atitudes minhas magoavam-no mais e mais, deixando-o frequentemente taciturno, porém calado até então e, embora eu mesma reconhecesse que me encontrava na

eminência de perdê-lo para sempre, eu não conseguia fazer nada contra o meu preconceito. Eu estava nos colocando em uma situação difícil que anunciava um desfecho de muito sofrimento para nós dois.

Desesperada por alguma alternativa que me ajudasse a pôr fim ao preconceito que trazia dentro de mim, em uma noite do início de agosto, quando estávamos abraçados na cama de Henri num leve namorico até o fim do telejornal, perguntei-lhe, olhando fixamente em seus olhos:

— Henri, como foi o seu acidente? Como se tornou cadeirante?

— Eu não gosto de falar sobre isso, Carol — esquivou-se mais uma vez.

— Por que, Henri? — indaguei, embora já previsse a resposta.

— Porque me traz lembranças dolorosas que não gostaria de reviver — justificou-se, abaixando os

PERIGOSAS ACHERON

olhos para as próprias mãos.

— Mas, uma vez, você me disse que me contaria se tivéssemos mais intimidade — insisti, acariciando seus braços, uma vez que eu me encontrava sentada entre as suas pernas e ele tinha os braços ao redor de mim, encerrando-me em um delicioso abraço.

— Sim, eu me lembro, mas... — interrompeu hesitante.

— Mas? — interroguei-o para que ele prosseguisse.

— Mas eu não acho relevante para o nosso relacionamento reviver essa dor agora — concluiu seu pensamento.

— É que eu queria entender como isso aconteceu com você... Penso que isto talvez me ajude a vencer o preconceito... — justifiquei meu ponto de vista e, diante de minha resposta, Henri deu um suspiro de resignação, retirou-me entre suas pernas e,

colocando-me ao seu lado na cama, murmurou vencido:

— Está bem, Carol. Eu vou lhe contar como tudo aconteceu.

— Obrigada, Henri! — agradei, reconhecendo seu esforço no intuito de ajudar-me a combater o preconceito que eu sentia por ele.

— Bem, eu era muito jovem e faltava cerca de uma semana para eu me casar com Amanda e para Leno se casar com Estela. Íamos nos casar juntos. Amanda morava em uma espécie de sítio no bairro Cidade Nova e eu ia lá de carro todas as noites namorar com ela... Analisando os acontecimentos de hoje, vinte anos depois, eu acho que não era muito responsável... — interrompeu perdido em pensamentos para continuar logo em seguida.

— Eu não estava correndo, mas também não estava devagar e não usava o cinto de segurança. Devia ser em torno das dez da noite. Era esse o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

horário que eu costumava deixar a casa dos pais de Amanda. Estava voltando para casa e, repentinamente, uma menina pilotando uma moto entrou na frente de meu carro... Estava TÃO perto... Não dava para frear... Foi uma fração de segundo... Desviei como pude e o meu carro caiu numa ribanceira... Eu fui arremessado para fora do carro e fracturei as vértebras C6 e C7, comprimindo a medula. Mesmo assim, antes de cair, o carro bateu na roda dianteira da moto... Foi tudo tão rápido... Eu não via as coisas com clareza, mas pude perceber que a menina caiu...

À medida que Henri falava, as imagens invadiam a minha cabeça, prostrando-me de tal modo que eu só conseguia murmurar:

— Meu Deus! Meu Deus!

Henri percebeu o meu desespero velado e, arregalando os olhos num misto de surpresa e preocupação por minha reação, perguntou-me:

PERIGOSAS ACHERON

— Quer que eu pare? Você não me parece bem...
Está tão pálida...

Eu não tinha ideia de minha palidez, mas tinha certeza de que precisava ouvir o restante da história e que era forte o bastante para isso, mesmo que as lágrimas comesçassem a molhar vagarosamente a minha face. Então, enquanto Henri acariciava a minha face, enxugando as minhas lágrimas, afirmei:

— Não, não pare! Eu estou bem.

Henri hesitou um pouco como se avaliasse se devia ou não prosseguir falando sobre o acidente, mas logo continuou:

— Eu apaguei com o impacto da pancada. Passei cerca de dois dias em coma e, nesse período, fui submetido a uma cirurgia para descompressão da medula e fixação da coluna. Acordei na UTI dois dias depois completamente imóvel. A imobilidade e a falta de sensibilidade no corpo eram

PERIGOSAS NACIONAIS

aterrorizantes. Questionei-me várias vezes se não era melhor ter morrido; mas logo decidi que, já que não tinha morrido, deveria lutar para tentar viver da melhor forma possível. Este pensamento também me trouxe à memória a lembrança da menina na moto e de sua queda...

— Imagino que você a odiou e a odeia até hoje, afinal ela é a culpada por você estar preso numa cadeira de rodas — opinei.

— Não, eu não a odiei e não a odeio. Ela agiu errado, é verdade, mas não sei por que ela fez isso. Prefiro não a julgar e pensar que ela teve algum motivo para uma atitude tão arriscada — justificou.

— Na verdade, quando acordei, tive medo de que ela tivesse morrido. Se isso acontecesse, acho que me culparia pelo resto da vida. Mas, apesar de termos ido para hospitais diferentes, consegui saber que os ferimentos dela não foram graves e que logo ela deixaria o hospital.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, você sabe quem ela é? — perguntei aterrorizada.

— Não, não faço a menor ideia de quem ela seja ou do porquê de ela ter feito aquilo. Na época, só consegui saber que ela estava bem e que era menor de idade, ou seja, não tinha carteira de motorista para dirigir uma moto, mas eu não quis procurar a justiça e ela também não procurou, senão eu teria sido notificado. Mesmo assim, imagino que, se ela ou a família dela, sei lá, tivesse entrado na justiça, eu teria ganhado — interrompeu e olhou para mim com cara de preocupação. Eu devia estar ainda mais pálida, pois começava a suar frio.

— Continue... — pedi com a voz sumida.

— Tem certeza de que está bem? Parece que você não está nada bem — indagou visivelmente preocupado e eu limitei-me a responder que sim com um gesto de cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Bem, assim que eu tive uma melhora e adquiri condições de viajar, fui transferido para São Paulo, onde fui submetido a uma nova cirurgia e continuei o tratamento. Demorou mais ou menos uns dez a doze meses até eu poder ser transferido para a cadeira de rodas e começar o processo de reabilitação. Fiz a reabilitação toda no Hospital Santa Mônica de lá. Durante este processo me tornei representante dos usuários do hospital no Comitê de Ética Hospitalar de lá e, logo que pude, consegui fazer uma prova de transferência para uma faculdade pública de Ciências Biológicas que ficava próxima ao hospital. Como eu estava recebendo o auxílio-doença do INSS, afinal o trabalho que eu fazia antes, instalar antenas, eu jamais poderia voltar a fazer e ainda consumia uma boa parte do meu dia na fisioterapia do hospital, fui estudando e me mantendo a duras penas com um salário mínimo. Na época, eu morava com a minha

PERIGOSAS ACHERON

mãe numa quitinete tão pequena que praticamente não conseguia me mover com a cadeira de rodas dentro de casa, nem tomar banho independente.

Eu o interrompi, perguntando:

— E Amanda? Ela não o acompanhou? —
perguntei-lhe subitamente esquecida de que ela o abandonara uma semana depois do acidente.

— Como eu já lhe contei quando você foi me visitar na casa de meus pais, ela rompeu comigo uma semana depois do acidente. Então, nesse período, ela já não fazia parte de minha vida e eu ainda não tinha independência suficiente para ficar completamente sozinho, principalmente por causa da quitinete onde eu morava. Durante um bom tempo, me culpei por estar mantendo meus pais separados. Mas, aos poucos, fui me tornando mais e mais independente, formei-me na faculdade, passei no concurso para funcionário de nível superior do hospital, pedi suspensão do auxílio doença,

PERIGOSAS ACHERON

comecei a trabalhar lá na secretaria do recém-criado Comitê de Ética em Pesquisa, aluguei um apartamento melhor e minha mãe pôde retornar para Jequié. Um ano depois, financiei meu próprio apartamento e, cinco anos mais tarde, financiei meu primeiro carro adaptado e nunca deixei de estudar. Enfim, aos poucos, fui me tornando quem sou hoje: um homem independente e bem resolvido — concluiu. — Mas não sei o que aconteceu com aquela menina do acidente. Espero sinceramente que ela esteja bem.

— Não sabe mesmo o que aconteceu com ela ou quem ela é? — insisti com uma lágrima furtiva caindo da extremidade de meu olho.

— Não. Por quê? — perguntou-me com um olhar de evidente estranhamento em relação à minha pergunta.

Entreabri os lábios para falar, mas a minha voz abandonara-me. A única resposta de meu corpo foi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais um par de lágrimas que brotaram de meus olhos e molharam a minha face.

— Meu Deus! Você a conhece! É isso! É por isso que está assim! — Henri concluiu. — Quem é ela, Carol? O que aconteceu com ela? Como ela se recuperou do acidente? Como está agora? — ele me perguntou com os olhos arregalados, o semblante oscilando entre a preocupação e a surpresa.

Eu não respondi, não tinha condições de responder. Ainda entreabri os lábios para tentar falar, mas a minha voz me abandonou. A única reação que tive foi pular da cama e tentar me afastar de Henri; mas, antes que eu me movesse para longe, ele conseguiu tocar meu braço e pediu com um tom de voz doce e súplice:

— Carol, por favor, se sabe alguma coisa sobre ela, me fale! Não me deixe nesta angústia!

PERIGOSAS ACHERON

Perdi-me no olhar azul súplice de Henri e não consegui afastar-me dele. Fiquei imóvel ao seu lado e, por longos minutos, nada disse. Por fim, vencida por seu olhar e por seu toque terno em meu braço, indaguei:

— Você quer mesmo saber a verdade?

— Quero — respondeu decidido sem retirar os olhos dos meus.

— Era... eu. A menina do acidente era eu — revelei bastante envergonhada.

— Você? — ele indagou estupefato com os olhos imóveis como se perdessem a vida.

— Sim, era eu. Eu sou a culpada por você estar preso a uma cadeira de rodas! Sou a culpada por seus vinte anos de sofrimento. Odeie-me. Eu não mereço seu amor, mereço seu ódio — afirmei num tom de voz ríspido e mais alto do que o normal, fazendo menção para me afastar dele enquanto as lágrimas molhavam a minha face como um rio

revolto. Ele, todavia, segurou o meu braço com mais firmeza, porém delicadamente, e afirmou:

— Eu não a odeio. Eu a amo e eu não a culpo pelo que aconteceu. Nunca a culpei, mesmo quando não sabia que você era a moça do acidente. — Após uma breve pausa, ele perguntou-me num tom conclusivo: — Mas você sabia de tudo, não sabia? Sabia que eu era o cara que capotou o carro no acidente, não sabia? Foi por isso que insistiu para eu falar no assunto?

— Não. Eu juro que não sabia. No início, meu interesse em seu acidente era mera curiosidade... mas depois achei que... que se você me falasse sobre ele, poderia... contribuir para a minha luta contra o preconceito que sinto. Mas não pensei... que o seu acidente... era o mesmo que eu tinha vivenciado — garanti entre lágrimas.

Henri balançou a cabeça afirmativamente e, puxando-me delicadamente para que eu me

PERIGOSAS ACHERON

sentasse à beira da cama à sua frente, pediu-me com um tom de angústia na voz:

— Por favor, Carol, me conte o que aconteceu! Eu preciso entender o que aconteceu a você. O que você estava fazendo lá? Por que entrou de moto em minha frente? Você não tinha idade para pilotar uma moto, tinha?

A forma como Henri me bombardeou com tantas perguntas, a expressão de seus olhos e de seus lábios indicavam nervosismo e ansiedade. Imagino que, como eu, ele não esperara aquela situação constrangedora, nem estava preparado para ela. Diante de tamanho constrangimento, cheguei a pensar em mentir para ele, mas percebi a tempo que uma mentira só iria estragar o nosso relacionamento, pois isso indicaria que eu não confiava nele enquanto ele fora totalmente sincero comigo. Então, mesmo me questionando se deveríamos permanecer juntos depois de

PERIGOSAS ACHERON

descobrimos que ele se tornara cadeirante por minha culpa e temendo que ele me rejeitasse após toda a verdade, enxuguei as lágrimas que já derramara e decidi ser sincera com ele.

— Eu tinha ido a outro bairro fazer um trabalho de escola. Naquela época, apesar de minha pouca idade, prezava muito minha independência e, por isso, insisti em ir e voltar sozinha da casa da minha colega. Quando terminamos o trabalho, fiquei conversando com ela e esqueci-me da hora. Só me dei conta de que já devia ter ido embora às seis da tarde, quando já estava tudo escuro — interrompi bruscamente com um soluço irrompendo de minha garganta, ameaçando-me trazer o choro de volta. Olhei para Henri. Seu olhar azul era triste e fixo em mim como se antevisse o que eu ia revelar.

— Comecei o caminho de volta e... — interrompi bastante tensa e, sem conseguir falar, abaixei os olhos para não encontrar os de Henri enquanto

PERIGOSAS ACHERON

novas lágrimas molhavam meu rosto. Ao perceber o nervosismo que tomara conta de mim, ele tocou meu braço e acariciou-o. Em seguida, enlaçou seus dedos nos meus como se estivesse me transmitindo forças para que eu continuasse a contar minha história.

— Eu... eu fui abordada... por três caras. Mas eu não tinha nenhum dinheiro... Então... então, eles me sequestraram... Foi... Foi uma espécie de sequestro relâmpago acho... Eles estavam bêbados e me levaram para... para um matagal lá na Cidade Nova. Lá, eles... eles beberam ainda mais e... me violentaram repetidas vezes. Acho... acho que a minha sorte foi o fato de eles beberem... A uma certa altura... eles... eles apagaram e esqueceram de me amarrar... Eu estava acabada... machucada... com roupas rasgadas... me sentindo... a pior e a mais suja pessoa do mundo... Mas eu percebi que, talvez, aquela... aquela fosse a minha única chance

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de sobreviver... e eu ainda queria viver... Eu não pensei... peguei a moto de um deles e... meu desespero era tanto que... mesmo nunca tendo pilotado nenhuma... consegui dar a partida. Um dos facínoras... de tão bêbado... esquecera a chave na ignição... Mas eu... eu não tinha controle da moto... e acabei entrando de vez na sua frente... Eu não queria machucar ninguém... Eu só queria... me livrar, escapar... daquele inferno. A queda da moto rendeu-me apenas aquelas cicatrizes horríveis em minhas pernas... Você já as conhece... Mas os danos maiores... vieram da violência que sofri... Fiquei internada por uma semana até ter uma melhora em meu estado físico... fazer exames que provassem que eu não contraíra nenhuma doença... mas, psicologicamente, demorei muito a me recuperar... Eu... engravidei naquela noite, mas só fiquei sabendo uns três ou quatro meses depois... Não tomei pílula do dia seguinte. Não quis tirar o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bebê, pois era... era contra minhas crenças religiosas... contra as crenças da minha família... Pode parecer irônico para você, mas... mas eu sofri muito preconceito durante a gravidez. Para a sociedade, minha família preferiu manter o sigilo sobre... sobre o... estupro... Então, na escola, todos me chamavam de piranha e... talvez... talvez eu tenha agido assim. No ano seguinte, mudei de escola e... consegui manter as aparências. Mas eu não... criei, nem dei amor ao meu filho... Passei muitos anos... me sentindo desconfortável com a simples ideia de olhar para ele... Eu não sei qual daqueles monstros é o pai dele... e, durante a violência, não vi o rosto dos agressores. A polícia não encontrou os... estupradores e.. o caso nunca foi solucionado... Meus pais criaram Emílio... Eu... nunca quis... nenhum tipo de aproximação com ele... Recentemente, é que as coisas começaram a mudar e eu... eu finalmente consegui agir de forma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais normal com ele... Ele... sempre foi legal comigo... e eu sempre fui ríspida com ele. Sei que ele não tem culpa, mas é difícil para mim. Ainda é muito difícil... Fiz... tratamento psicológico por muitos anos, mas acho que nunca... me recuperei totalmente. Às vezes, tenho pesadelos... E confesso que, depois do acidente, fiquei sabendo que... que o cara do carro estava mal em outro hospital. Mas eu era muito nova, estava muito machucada e... e não me importei. Eu... eu só pensava em mim, no meu problema e... não estava nem aí se ele vivesse ou... morresse. Para mim, era apenas o responsável... pelas marcas que faziam com que eu me lembrasse... do que tinha me acontecido e... eu... só conseguia não gostar dele, odiá-lo também. Só muito depois... é que eu consegui... enxergar as coisas com clareza, mas aí já era tarde... tarde para procurar saber se... se ele havia sobrevivido... ou não. Perdoe-me! Eu acho que não soube lidar muito

PERIGOSAS ACHERON

bem com a situação... — finalizei desmanchada em lágrimas. Eu tinha preferido contar de uma só vez, mesmo que isso exigisse muito esforço de mim, pois tinha medo de que, se fizesse uma pausa mais longa, não conseguisse terminar de contar toda a história a Henri e eu devia uma explicação a ele.

Confesso que a reação de Henri me surpreendeu. Imaginei que ele fosse ficar muito chateado comigo, mas não foi isso que ele deixou transparecer. Ele apenas puxou-me para si e envolveu-me num abraço carinhoso, protetor, permitindo-se falar apenas após um longo momento de silêncio, no qual eu chorava convulsivamente em seus braços:

— Eu sinto muito, Carol. Lamento que tenha passado por todo esse sofrimento. — A voz Henri era triste e compungida enquanto ele falava, mostrando-me o quanto suas palavras eram sinceras.

Eu não respondi, apenas suspirei ainda chorando em seus braços. Em seguida, Henri acariciou-me as costas, beijou meus cabelos com delicadeza e sussurrou ao meu ouvido:

— Mas nada disso altera o amor que sinto por você. Eu a amo da mesma forma, talvez até mais. Meu amor por você é imenso, sempre será!

Embora estas fossem as palavras que eu mais queria ouvir, senti-me muito mal ao ouvi-las. Henri era tão maravilhoso, tão bom, tão gentil que reafirmou seu amor por mim mesmo ouvindo-me dizer que, logo depois do acidente, fui extremamente egocêntrica, não me importei nem um pouco com o fato de que ele poderia ter morrido, nem tive interesse em saber o que tinha acontecido com ele, se ele conseguira se recuperar ou não. Diante de tal constatação, senti-me subitamente indigna de seu amor e recuei,

PERIGOSAS NACIONAIS

afastando-me de seu corpo e erguendo-me de supetão.

— O que aconteceu? — perguntou-me Henri sem compreender minha reação.

— Nada — afirmei, fazendo uma pausa antes de completar com uma certa hesitação: — Eu só... vou para o meu quarto.

— Por quê? Não vai ficar comigo esta noite? — indagou com a decepção expressa em seu rosto, em seus olhos e no tom de sua voz.

— Não. — Balancei a cabeça negativamente. — Eu preciso pensar, Henri. Essa... nossa conversa... ela acabou... culminando em revelações que eu não esperava, que você não esperava. Então, acho que ambos precisamos pensar... e precisamos fazer isso sozinhos — justifiquei muito embaraçada.

Henri balançou a cabeça assentindo, mas perguntou-me de forma aparentemente

PERIGOSAS ACHERON

despretensiosa, uma vez que seu olhar era o retrato da candura:

— E não vai me dar um beijo de boa noite?

Dei três passos à frente, aproximando-me de Henri e, delicadamente, beijei-lhe a face num beijo inocente e sem nenhuma conotação sensual. Ele não se queixou do beijo; mas, quando me afastei, pude perceber que a decepção em seu olhar se aprofundara.

— Tenha uma boa-noite, Carol! — desejou-me ele resignado, apesar da evidente decepção que demonstrara.

— Tenha uma boa-noite, Henri! — retribuí, atravessando a soleira da porta do quarto dele.

Fechei-me em meu quarto, deitei-me na cama e comecei a pensar em tudo que Henri me contara, em tudo o que eu contara a ele e em todas as circunstâncias nas quais, de alguma forma, nos “esbarramos”. Minhas lembranças fizeram-me

constatar que, há muito tempo, as nossas vidas estavam profundamente entrelaçadas até aquele momento.

Lembrei-me de quando Henri ainda era o “garoto das antenas” e instalara uma antena na casa de meus pais, deixando-me boquiaberta com sua beleza e sua gentileza e constatei que a lembrança que eu tinha de vê-lo caminhando encontrava-se gasta e apagada e que, durante todos esses anos, quando eu me lembrava do “garoto das antenas” apenas como uma atraente lembrança do passado, eu nunca me focara em sua forma de andar ou em seu corpo físico, e sim, na expressão de seus olhos e em seu sorriso. Então, por que agora a lembrança de vê-lo andando parecia-me tão mais importante?

Recordei-me do acidente, de tudo o que conversamos e de como Henri se mostrara bastante compreensivo com o que me acontecera e com a forma com a qual eu reagira a tudo isso. Com este

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pensamento, dei-me conta de que aquele fora um momento decisivo para nós, uma vez que ele alterara permanentemente nossas vidas. Embora não tivéssemos consciência disso quando ele se desenrolou, mesmo de formas e perspectivas diferentes, nós o vivenciamos juntos. Aquele acontecimento, de alguma forma, nos ligava, nos unia numa única lembrança.

Lembrei-me de como o encontrei num site de relacionamentos na internet (apenas com cinco palavras-chave numa busca avançada numa noite aparentemente tediosa — mas na verdade mágica — de domingo) e da forma como rapidamente nos identificamos, como percebemos que tínhamos muitas afinidades e logo nos dedicamos a conversar apenas um com o outro; o que se configurou, pouco tempo depois, numa espécie de namoro virtual, no qual conversávamos sobre tudo e sobre nós (exceto

PERIGOSAS ACHERON

sobre o aspecto profissional), permitindo que nos conhecêssemos melhor.

Era extremamente agradável passar as minhas noites conversando com Henri na internet! Tínhamos muitas coisas em comum e ele compreendia-me de uma forma que ninguém o fazia. Ele era maravilhoso! Um tempo depois, nosso namoro virtual se tornou mais sólido e nos declaramos um ao outro e fizemos grandes planos, inclusive de ficarmos juntos, casarmos. Eu me sentia completamente apaixonada, mas desconhecia o fato de ele ser cadeirante. Então, assim que o vi em uma cadeira de rodas, todo o meu preconceito aflorou, eu surtei, ofendi-o, humilhei-o, maltratei-o... Enfim, fiz tudo o que ele não merecia que eu fizesse, acabei com o nosso relacionamento e acreditei que não o amava.

Recordei-me de quando cheguei ao trabalho no início do ano e descobri que íamos trabalhar juntos,

PERIGOSAS ACHERON

que ele seria meu chefe. Eu, que tinha pensado que jamais o veria, tomei um grande susto ao notar que, a partir daquele momento seria obrigada a olhar para ele todos os dias e, como sua subordinada, a obedecer às suas ordens. Estas lembranças também reviveram em minha memória o momento em que lhe provoquei uma queda, as vezes em que o magoara no trabalho e a forma como ele suportara tudo, punindo-me apenas com o silêncio expresso em um semblante taciturno.

Lembrei-me de quando convenci Henri a deixar-me morar em sua casa. Na época, fiz isso acreditando que não nutria nenhum amor por ele, que era só uma forma de eu tentar apressar o retorno dele para São Paulo quando, na realidade, o que eu desejava era estar perto dele. Foi inevitável não recordar seu expressivo olhar azul, seu sorriso iluminado, a forma como ele mexia com os cabelos, sua maneira de falar e me tocar, seus

PERIGOSAS ACHERON

carinhos, seus beijos, o calor de seu corpo e cada uma das vezes em que fizemos amor. Enfim, era evidente que, mesmo sem querer, Henri fora, aos poucos, me conquistando, resgatando o amor que eu lhe devotava por quem ele era, por sua bondade, inteligência, coerência e sensibilidade, além de seus atributos físicos.

Eu não podia negar que Henri era o homem da minha vida, mas ainda era suficientemente estúpida a ponto de não aceitar a deficiência dele, de discriminá-lo e de sentir-me mal ao ser vista em público com ele. Eu, que devia ter orgulho dele, tinha vergonha de assumir publicamente que o amava e que o namorava. Para piorar as coisas, uma grande sensação de culpa começava a preencher meu coração: ele se tornara um tetraplégico, perdera muitos dos movimentos do corpo e dependeria de uma cadeira de rodas pelo resto da vida por minha causa! Nada disso teria

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecido se eu não tivesse entrado subitamente na frente do carro dele com uma moto. Eu era a única culpada por ele nunca mais poder andar. E me sentia na obrigação de remediar isso ou, ao menos, oferecer-lhe algum tipo de compensação, mas não conseguia imaginar como fazer isso e sentia-me cada vez mais perdida como se eu estivesse diante de uma encruzilhada com vários caminhos: o amor, o preconceito, a culpa e a compensação, mas não soubesse qual o mais correto a sentir ou mesmo se eles estavam ou poderiam estar entrelaçados da mesma forma em que a minha vida estava entrelaçada à de Henri. Deveria eu, portanto, buscar um meio de desentrelaçar as nossas vidas? Procurar caminhos distintos dos dele? Ou deveria tentar desesperadamente fundir estes caminhos no intuito de findar com o meu preconceito e a minha culpa? Ou optar por um deles (independente de qual deles

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fosse) seria a alternativa mais correta para não magoar Henri ainda mais?

Passei boa parte da noite e vários dias que se seguiram pensando sobre estes questionamentos, mas não consegui solucioná-los. No intuito de encontrar as respostas mais acertadas para eles, preferi manter-me distante de Henri. Eu continuava trabalhando com ele e morando em sua casa; mas, durante estes dias, nosso relacionamento praticamente deixou de existir, sendo limitado a “bons dias” e “boas noites” e nada mais do que isso. Durante este período, percebi que ele estava muito triste e imagino que ele tenha pensado que eu desistira dele; mas preferi não explicar meu comportamento, pois tinha certeza de que seria difícil fazê-lo entender as minhas razões, embora elas fossem bastante coerentes para mim. Eu acreditava que o sofrimento dele, naquele

PERIGOSAS ACHERON

momento, seria importante para que fôssemos mais felizes juntos no futuro.

Esta situação perdurou por cerca de oito dias até que eu consegui tomar uma decisão sobre como eu deveria agir. Era um domingo e eu tinha passado a noite de sábado e boa parte do dia na casa de meus pais sem dar nenhum tipo de justificativa a Henri e ele parecia tão triste com o meu afastamento que não cobrava explicações, parecia aguardar uma solução em silêncio.

Deviam ser umas 15h quando entrei em casa e o encontrei no quintal lendo um livro sob a sombra de uma árvore ao lado do balanço. Eu não me contive. Aproximei-me dele silenciosamente, toquei os seus ombros e murmurei ao seu ouvido:

— Senti sua falta, sabia?

Henri voltou o rosto para mim com uma expressão de surpresa e estranhamento, mas logo abriu um belo sorriso e replicou:

— Também senti sua falta, Carol; mas foi você quem se afastou de mim.

— Eu sei, mas precisava pensar sobre as consequências do acidente.

— E por que não deixou isso bem claro? — Henri perguntou-me com um tom de voz magoado.
— Eu estava pensando que você não me queria mais e nem tinha tido a consideração de me falar isso — confessou ele.

Senti-me subitamente arrependida da forma como tinha agido e, colocando-me à frente de Henri, disse:

— Não, meu amor. Eu quero você, sempre vou querer! Eu só não sabia como explicar que precisava pensar sobre as consequências daquele acidente, sobre como remediar o mal que fiz involuntariamente a você.

— Carol, coloque uma coisa na sua cabeça: não foi culpa sua! Você não tem motivo para remediar
PERIGOSAS ACHERON

nada e nem como fazer isso! Prefiro mil vezes a vida que tenho hoje do que a que eu teria se estivesse aí andando e casado com Amanda. Sabe por quê? Porque eu não seria feliz! A minha deficiência não me impede de ser feliz se é o que você pensou — rebateu visivelmente aborrecido com minhas palavras.

— Não, não foi isso que eu pensei — apressei-me a negar.

— Então, o que você pensou? — cobrou exigente.

— Eu não pensei que a sua deficiência o impede de ser feliz, mas pensei que seria melhor para você se pudesse andar — afirmei. — É claro que não associei isso a você se casar com Amanda! — completei, torcendo o nariz só de pensar nisso.

Ao notar minha expressão, Henri riu e afirmou:

— É claro que seria melhor para mim se eu ainda pudesse andar, mas não vou passar a vida

PERIGOSAS ACHERON

lamentando o fato de não poder. E eu sou feliz hoje! Só lamento que você não me aceite como sou!

— Eu já pedi para você me ajudar a acabar com o meu preconceito em relação a você! — rebati num tom mais autoritário do que o que eu desejava para falar estas palavras.

— Carol, acabar com o seu preconceito depende de você, não de mim! Eu não posso obrigar você a sair comigo ou a não se importar com o que as pessoas falam. É uma questão de amor, Carol! Seu amor por mim tem que ser grande ao ponto de você não se importar em sair comigo, não importar com os comentários e os olhares das pessoas. No início, a sensação é ruim, mas depois você se acostuma e nem percebe mais. Se você me ama de verdade, não pode ter vergonha de mim! Se você me ama de verdade, precisa enfrentar o preconceito! É por isso que eu questiono seu amor, porque você não

PERIGOSAS ACHERON

enfrenta o preconceito! Se você se propuser a enfrentar o preconceito, estarei ao seu lado, lhe darei todo apoio necessário! Mas não basta eu querer que você enfrente, é necessário que você queira enfrentá-lo e tome a iniciativa de fazer isso! Se você ficar de braços cruzados esperando seu preconceito sumir ou que eu faça alguma magia, que é algo que eu não posso fazer, nós nunca seremos felizes juntos! — explicou com os seus belos olhos azuis chamejando de esperança de que eu compreendesse o que ele estava me dizendo.

Naquele momento, eu não dei a devida importância a estas palavras, simplesmente toquei-lhe os ombros e prometi, aproximando meu rosto do dele:

— Sei que um dia conseguirei me livrar do preconceito que sinto em relação a você!

— Eu espero que sim! — Ele desejou com um sorriso nos lábios puxando-me para si de modo que

logo sentei-me em seu colo e começamos a nos beijar.

Era muito bom estar no colo de Henri, abraçada a ele, trocando beijos apaixonados, sentindo o calor de seu corpo, nossas respirações descompassadas; mas sugeri que também namorássemos no balanço, ideia que foi rapidamente acatada por ele. Peguei a tábua de transferência e sentei-me no balanço de modo a fazer com que ele ficasse firme para que Henri fizesse a transferência.

Como o balanço era grande, ajudei Henri a colocar as pernas sobre o assento e a deitar a cabeça em meu colo. Assim, enquanto nos balançávamos suavemente, eu podia beijá-lo, acariciá-lo e contemplar seu sorriso e aqueles dois pedacinhos de céu pousados sobre mim. Passamos assim o restante da tarde: no mais belo e poético idílio que se pode imaginar que um casal enamorado vivencie.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tudo parecia tão perfeito...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 67

Rompimento

Henri

Por que, às vezes, nos deparamos com o inesperado? Pergunta difícil de responder... Tanto que eu ainda não encontrei uma resposta plausível para ela mesmo tendo pensado muito sobre isso, muito mesmo. Mais até do que eu gostaria de pensar.

No decorrer de minha estadia em Jequié, comecei a perceber como minha vida estava cada vez mais se entrelaçando com a de Carol. Inicialmente, pensei que se tratasse de mera coincidência; o que, obviamente, deve ser a conclusão mais acertada, além de ser muito mais lógico do que o que vou dizer a seguir.

Quando começamos a nos relacionar intimamente, imaginei que o destino estava querendo nos juntar, conclusão muito própria daqueles que amam, amam tanto que não percebem o óbvio. E o óbvio era que o nosso relacionamento só existia para nós e continuava incógnito para as outras pessoas, até para nossas famílias, mas eu acreditava que isso iria mudar em breve, crença esta somente abalada quando descobrimos que o mesmo acidente mudara drasticamente nossas vidas. Descoberta esta que afastou temporariamente Carol de mim e trouxe-me uma série de indagações.

Tantos encontros seriam apenas coincidência? O destino estaria assim tão determinado a nos unir que entrelaçava nossas vidas até nos piores momentos? Se a resposta a nenhuma destas questões era positiva, qual era então a razão para tantos encontros? Por que nós dois parecíamos estar andando em círculos em sentido convergente um

PERIGOSAS ACHERON

para o outro? Eu não conseguia entender, assim como também não conseguia compreender por que Carol se afastara de mim após descobrirmos que estávamos envolvidos no mesmo acidente se eu nunca a culpei, nem quando desconhecia que se tratava dela? A reação dela a tal descoberta semeara ainda mais dúvidas em meu coração sobre a veracidade de seu amor por mim. E eu já estava começando a me convencer de que tantos entrelaces em nossas vidas nada tinha a ver com coincidência ou destino, e sim, com expiação de pecados, pois o sofrimento que ela me causava por não me amar devia ser uma forma de eu me redimir de todos os meus pecados. Era o meu calvário, o meu purgatório pessoal.

Apesar disso, no momento em que Carol tocou-me os ombros naquela tarde de domingo, estes pensamentos logo foram embora de minha mente como as nuvens cinzentas de um eminente temporal

que rapidamente se desfazem perante os intensos e vívidos raios do sol de verão.

Inicialmente, aquela reconciliação pareceu-me fantástica. Carol parecia disposta a acabar com o seu preconceito e fora muito mais carinhosa do que costumava ser. Todavia, uma semana depois, embora intimamente continuássemos em clima de lua de mel, ela não se mostrava nada inclinada a mudar a situação de obscuridade em que permanecia nosso relacionamento; pois, quando eu a convidava a sair comigo para algum lugar, ela sempre se recusava, dando alguma desculpa estapafúrdia e, quando eu sugeria que devíamos informar nossas famílias sobre nosso relacionamento, ela sempre se esquivava dizendo que ainda não estava preparada, que ainda não era o momento, que ela precisava acabar primeiro com o preconceito que sentia ou dizia “no final de semana”. Quando o final de semana em questão

chegava, ela dizia “no próximo final de semana”. Em suma, o momento nunca era o apropriado ou nunca chegava e nosso relacionamento continuava oculto, inexistente aos olhos dos outros.

Esta atitude de Carol deixava-me magoado, pois era evidente que eu só servia para ir para a cama com ela, apenas para um relacionamento oculto, sem nenhum tipo de compromisso real. Eu não servia para ser seu namorado, seu marido. Todavia, como eu a amava muito, sempre tinha esperanças de uma possível mudança de atitude dela. Só que a minha esperança se prolongava cada vez mais e a mudança na atitude dela, tão almejada por mim, tardava muito a acontecer.

A verdade é que o meu amor me tornava condescendente com o preconceito de Carol, pois eu era consciente de sua existência e do fato de que nossa felicidade juntos dependia de ela superar este sentimento, mas não me cansava de aguardar

passivamente uma mudança nessa situação. O meu imenso amor por ela não me permitia pressioná-la de forma nenhuma, o que me fez aprender tarde demais que a condescendência foi um dos meus maiores erros.

Assim, passamos mais um mês nesta situação insólita. Era uma segunda-feira do início do mês de outubro de 2009. Fomos para o trabalho juntos em meu carro, depois de eu ter passado duas horas e meia do domingo argumentando para Carol as vantagens econômicas e ecológicas de fazermos isso; mas, como sempre, ela não andava junto comigo. Após os primeiros metros de caminhada para o interior do hospital, ela viu Mércia chegar de carro e estacionar três vagas atrás. Então, ao invés de continuar seu caminho a uns cinco metros atrás de mim, voltou para acompanhar a amiga. Como eu sabia que elas não me acompanhariam, segui meu

caminho, sabendo que Carol também logo estaria na sala do Núcleo de Bioética.

Quando cheguei ao Núcleo de Bioética, percebi que tinha esquecido no carro uma pasta com alguns documentos importantes para uma viagem de trabalho (que eu estava prestes a fazer) a Salvador e decidi voltar para buscá-los. Percorri todo o corredor (no qual ficava a sala do núcleo) e, quando ia fazer a curva para entrar no corredor seguinte, percebi que Carol e Mércia estavam lá paradas, conversando e falando sobre mim a uma altura perfeitamente audível do local onde me encontrava.

Elas não me viram e continuaram sua conversa tranquilamente. Eu não tinha o hábito de escutar as conversas dos outros; mas, como falavam de mim, senti-me no direito de escutar.

— E você ainda está morando na casa de Henri?
— perguntou Mércia.

— Sim, estou — confirmou Carol prontamente.

— Então, o namorico de vocês continua firme e forte — concluiu Mércia maliciosamente.

— Que namorico? — indagou Carol contrariada.

— Ah, vamos, Carol! Todo mundo está comentando por aí que você e Henri estão de caso! Assuma, vá! — disse Mércia com um sorriso crítico nos lábios.

— Estão todos loucos então! — afirmou Carol com veemência. — Eu não tenho nada com Henri! Nada! Nenhum tipo de relacionamento!

— Não é isso que dizem os olhares que vocês trocam! Vocês trocam olhares apaixonados, olhares de casal! — disse Mércia, revelando-se bastante observadora.

Carol deu um suspiro de tédio e replicou com firmeza:

— É impressão sua, Mércia! Ele me ama, é louco por mim! Mas eu não o amo! Eu jamais me apaixonaria por um aleijado! Eu tenho é pena dele

por ele gostar de mim! Nada além disso! E, às vezes, por pena, quando ele está muito carente, dou-lhe uns abraços e uns beijinhos, mas sem nenhuma pretensão de ficar com ele. Ele é um coitado preso a uma cadeira de rodas de quem eu tenho muita pena. Só isso.

— E esses abraços e beijinhos que você dá nele são só por pena mesmo ou aí, bem no fundo do coração, você sente alguma coisa por ele? Sente atração pela cadeira de rodas? Afinal, você cuidou dele durante todo o tempo em que ele ficou internado aqui — indagou Mércia, aparentemente duvidando das palavras de Carol.

— Cuidei só por pena, porque era um feriado e não havia ninguém para cuidar dele — afirmou Carol para, em seguida, tornar a confirmar suas palavras. — Fiz por pena e por obrigação.

— Tem certeza? — Mércia tornou a duvidar, mas eu não esperei pela resposta de Carol e retornei

PERIGOSAS ACHERON

para a sala do Núcleo de Bioética. O que eu ouvira já fora suficiente para me machucar profundamente e para convencer-me de que ela não me amava. Quem ama não age, nem fala, daquela forma.

Quando Carol adentrou a sala do Núcleo de Bioética, eu acabara de lavar meu rosto (no intuito de meu acalmar) e estava cruzando a soleira da porta do banheiro em direção à sala.

— Cheguei, Henri! — disse com um sorriso nos lábios. — O que aconteceu? Você está tão pálido... — perguntou-me ela ao olhar em meu rosto.

— Nada. Eu estou bem, é só impressão sua — afirmei, evitando encará-la e posicionando-me junto à minha escrivaninha.

Carol olhou em direção à porta para ver se alguém se aproximava e, como não avistou ninguém, aproximou-se de mim, tocou-me os ombros, acariciando-os e indagou:

— Tem certeza?

A dor em meu coração era tão grande que o toque das mãos de Carol tornara-se profundamente doloroso para mim. Então, retirei cautelosamente suas mãos de meus ombros e pedi, esforçando-me para parecer o mais natural possível:

— Faça um favor para mim.

— Qual? — indagou.

— Esqueci uma pasta preta com uns documentos no carro. Você pode ir lá pegar para mim? — pedi em voz baixa e sem olhar para ela.

— Claro — concordou rapidamente.

Enquanto Carol pegava os documentos no carro, fui rápido: liguei do meu telefone celular para Marcelo Soares, o diretor do Hospital Santa Mônica em São Paulo e solicitei meu retorno. Gastei todo o meu crédito, mas fiquei aliviado em saber que ele ficara muito feliz com a perspectiva do meu retorno. Em seguida, dirigi-me à sala da direção para falar com Jonas. Este, ao contrário,

PERIGOSAS ACHERON

não se mostrou nada receptivo ao meu pedido de retorno para São Paulo:

— Tem certeza de que é isso mesmo que você quer, Henri? — Jonas indagou aparentemente contrariado.

— Tenho. É isso mesmo que eu quero — afirmei. — E você sabia que, desde o início, havia a possibilidade de isso acontecer, de eu querer retornar para São Paulo, não sabia? — indaguei, tentando dissuadi-lo de tentar me convencer a ficar.

— Sabia — Jonas confirmou. — Mas você estava se adaptando tão bem a este hospital, a Jequié! O que vai ser do CEP sem você? — tornou a insistir.

— Os papéis para registro do CEP já estão prontos! Agora, é apenas necessário que você retire meu nome da relação de componentes do CEP e os nomeie a todos! Não há nada que eu possa fazer que Carol também não possa. Ela tem estudado

muito o assunto. Se todos os membros da comissão concordarem, ela pode ficar no meu lugar — garanti, procurando mostrar-me o mais natural possível ao falar de Carol.

— Foi Carol, não foi? É ela quem está mandando você embora, não é? — indagou Jonas com perspicácia.

— Não. Carol não tem nada a ver com isso — menti. — Sou eu que desejo voltar para São Paulo. Eu não consegui me readaptar ao calor de Jequié. Além disso, a cidade não é acessível e já passei algumas dificuldades aqui — tentei justificar, mas não creio que tenha sido muito convincente; pois, apesar dos perrengues que eu passara em Jequié, eu amava a cidade em que nasci e gostava muito de estar perto de minha família, principalmente de meus pais.

— Mas você tem certeza de que é isso que você quer? — indagou Jonas, parecendo duvidar de

PERIGOSAS ACHERON

minha convicção.

— Sim, tenho sim — afirmei, procurando ser o mais convincente possível.

— Então, infelizmente, não posso prendê-lo aqui, embora lamente muito a sua partida, Henri! Você é um bom amigo e um excelente profissional! — concluiu com um sorriso sincero nos lábios.

— Você também é um bom amigo e um excelente profissional, notadamente um excelente administrador! — elogiei com toda a sinceridade, apesar de achar que, às vezes, ele era um pouco precipitado em algumas de suas conclusões.

— Obrigado! — agradeceu ainda sorrindo. — Mas vamos manter contato! — pediu ele.

— Claro que vamos! — afirmei com sinceridade e, após despedir-me dele, retornei à minha sala, onde encontrei Carol esperando-me com os documentos nas mãos.

Apressei-me para dar a Carol as instruções necessárias para a continuação das atividades do Núcleo de Bioética e o futuro funcionamento do CEP após minha partida e ela mostrou-se atônita, sem entender o motivo de minhas recomendações.

— Mas Henri... você vai passar apenas dois dias fora! Não é necessário tudo isso! — argumentou aparentemente desnorteada.

— Não, Carol. Eu estou indo embora daqui, estou voltando para São Paulo — revelei, o mais impassível que pude parecer.

— Não, não pode ser! Não brinque comigo! — Ela se negou a acreditar. — Nós estamos... Você e eu... Você disse que ficaria comigo...— completou ainda mais desnorteada.

— Conversaremos em casa. Aqui não é lugar para esclarecermos as coisas — afirmei, esforçando-me para parecer indiferente. — Agora, limite-se a fazer o que eu digo — disse com o tom

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de voz mais duro que pude articular, embora ser duro com ela me machucasse também.

Assim que nos encontramos em casa, Carol perguntou-me com o semblante perturbado:

— Henri, eu não estou entendendo. O que aconteceu? Você vai mesmo embora?

— Vou embora mesmo e o nosso relacionamento está acabado — afirmei, procurando ser firme, embora me sentisse destruído por dentro.

— Como assim, nosso relacionamento está acabado? Você não me ama? Por que vai embora?

— disse Carol aparentemente perdida com as informações que recebera.

— Eu a amo, Carol. Amo-a muito, muito mais do que gostaria de amar! Mas você não me ama e não dá mais para suportar esta situação — afirmei. Minha voz oscilava um pouco, dando os primeiros sinais externos de minha fraqueza.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas eu o amo! Amo muito! Você sabe disso!
— protestou com o tom de voz súplice e um pouco mais elevado.

— Não. Sempre tive dúvidas sobre a veracidade de seu amor por mim e hoje você me provou que não me ama, que o que sente na verdade não passa de pena de mim! Eu ouvi sua conversa com Mércia. Você afirmou várias vezes que o que sente por mim é pena, que jamais amaria um aleijado! Foi assim que você me chamou! — Fiz uma pausa no intuito de conter a minha indignação e as lágrimas que começavam a rolar por meu rosto. — Eu não quero a sua pena ou a sua caridade! Se não pode me amar, não a quero! Já sofri MUITO por causa desse amor não correspondido! Já rastejei, já me humilhei MUITO por causa desse amor! É a segunda vez que você me magoa mortalmente! Não posso mais suportar isso! — completei, tentando, sem sucesso, conter as lágrimas com as mãos.

PERIGOSAS ACHERON

— Oh, meu amor! Eu disse tudo aquilo da boca para fora. Eu o amo de verdade. Só... só me senti... envergonhada de admitir que estamos juntos. Eu só... não queria... que comentassem — Carol argumentou, aproximando-se de mim e tocando-me o rosto com as mãos.

— Não me toque — afirmei, afastando-a de mim com delicadeza para não a machucar. — E não seja hipócrita! Não me chame de meu amor! Sou o idiota que a ama sem ser amado, que se rastejou no chão por sua causa, mas não sou o seu amor, porque você NÃO me ama! Nunca me amou! Quem ama não se envergonha da pessoa amada e você mesmo acabou de reconhecer que sente vergonha de admitir que estávamos juntos. Quero que você vá embora daqui agora! — Fiz uma pausa, buscando me acalmar e tentar conter o choro que já embargava a minha voz para, em seguida, completar com a voz mais clara: — Quero que vá

PERIGOSAS ACHERON

agora para a casa de seus pais, pois não quero olhar nunca mais para a sua cara. Amanhã, depois que eu sair, você pode vir buscar suas coisas e depois deixe as chaves com os meus pais. Quando eu chegar na sexta-feira, não quero encontrar você, nem nada seu aqui.

Carol encontrava-se sentada ao sofá e também chorava, apesar de fazê-lo de forma silenciosa e bem mais comedida do que eu, o que me fez pensar que seu choro se devia mais ao fato de sentir-se humilhada do que ao efetivo rompimento de nosso relacionamento; uma vez que, para mim, ela não me amava e só ficara comigo por curiosidade e falta de opção. Eu pensava que, se eu não a tivesse deixado, assim que aparecesse um homem sem deficiência que a quisesse (fosse quem fosse), ela me largaria e ficaria com ele.

Em seguida, deixei a sala e fechei-me no quarto. Instantes depois, ouvi a porta de entrada da minha

PERIGOSAS ACHERON

casa se abrir e se fechar e o barulho de um carro partindo. Decidido, dei um suspiro de alívio e dor. Carol acabara de deixar definitivamente a minha vida e o meu coração parecia estar completamente esmigalhado, mas eu estava consciente de que o que eu fizera fora a coisa mais acertada em nosso relacionamento até aquele momento, já que eu me convenci de que os poucos meses de felicidade que eu vivi ao lado dela não passaram de uma fantasia de minha mente, na qual eu me determinara erroneamente a acreditar.

Transtornado, dirigi-me ao banho e, quando o findei, joguei-me na cama, onde avaliei, entre lágrimas, o meu relacionamento com Carol. Não sei quando adormeci; mas sei que, no dia seguinte, acordei completamente despido, ao som do despertador, duas horas e meia antes do horário de viajar. Tomei banho, café e arrumei-me para a viagem. Quando um dos motoristas do hospital

PERIGOSAS ACHERON

chegou para me buscar, coloquei os óculos escuros para disfarçar meus olhos inchados e a cara péssima.

Quando me encontrei instalado no hotel na cidade de Salvador, utilizei a internet sem fio do hotel para comprar minha passagem de avião e telefonei para Leno, pedindo que ele me levasse ao aeroporto de Ilhéus, no domingo.

— Para que você vai a São Paulo? — Heleno perguntou-me desconfiado.

— Eu estou voltando para São Paulo, Leno. E eu quero saber se você pode me levar ao aeroporto no domingo — revelei com firmeza, pois sabia que ele tentaria me dissuadir da decisão de retornar a São Paulo.

— Poder eu posso, mas você não disse que poderia ficar em Jequié? — cobrou Leno.

— Sim. Eu disse, mas decidi voltar para São Paulo — afirmei.

— É por causa de Carol, não é? O que ela fez a você? — Leno perguntou-me desconfiado.

— Não vamos ter esse tipo de conversa agora pelo telefone — rebati energicamente.

— Está certo. Eu vou levá-lo ao aeroporto e vou providenciar o envio de seu carro para São Paulo, assim como o ajudei no envio dele de São Paulo para cá — concordou. — Mas, na sexta-feira de noite, você terá que me explicar tudo e me fazer entender suas razões para retornar para São Paulo — disse ele decidido. Eu conhecia meu irmão gêmeo tão bem que sabia que não havia como eu negar-me a isso.

Retornei para minha casa vazia na quinta-feira, à noite. A ausência de Carol provocava um silêncio mortal e fazia meu coração doer ainda mais profundamente. Compungido, certifiquei-me de que ela retirara todos os seus pertences de minha casa conforme eu lhe ordenara. A casa não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

guardava mais nenhum fio de cabelo dela. Por um lado, respirei aliviado, pois nunca mais a veria em minha vida e, com certeza, após um tempo de intenso sofrimento, esquecê-la-ia completamente. Por outro, suspirei pesaroso, pois eu acabara de perder para sempre o grande amor de minha vida. O meu maior consolo era a certeza de que superaria este período de sofrimento que acabara de iniciar-se.

Na manhã do dia seguinte, acabara de telefonar para o porteiro do prédio em que eu morava em São Paulo para avisar que eu chegaria no domingo e estava arrumando minhas coisas o mais rápido que podia quando Leno chegou para conversar comigo e, inutilmente, tentar me convencer a permanecer em Jequié.

— Bom dia, irmãozinho! — saudou-me Leno com um sorriso forçado nos lábios.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom dia, Leno! — respondi, retribuindo-lhe o sorriso.

— Vamos conversar? — propôs-me ele.

— Vamos; mas, enquanto conversamos, ajude-me a arrumar minhas malas, pois tenho pressa — aceitei sob condições.

— Eu vim para convencê-lo a ficar em Jequié — disse Leno direto para, em seguida, brincar: — Então, não acha melhor arrumarmos o que você já colocou nas malas?

— Não. Deixe de brincadeira, Leno! Você me conhece bem e sabe que não vai conseguir me convencer a ficar. Então, não perca seu tempo tentando — afirmei, sendo mais duro do que deveria, pois imediatamente notei a tristeza invadir seu rosto. — Mas, se você quiser compreender e aceitar os meus motivos, estou pronto a lhe contar por que estou indo embora — prometi suavizando o meu tom de voz para tentar expulsar a tristeza que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tomara conta dele. Mas, como era bem mais extrovertido do que eu, Leno também se recuperava da tristeza mais rapidamente do que eu em situações como esta; tanto que, poucos instantes depois, ele abriu um sorriso e concordou com a minha oferta:

— Certo. Então, conte-me seus motivos para ir embora.

Contei-lhe tudo sobre minha convivência com Carol e meu recente relacionamento com ela. Deixei bem claro que ela tinha qualidades e defeitos e que foi maravilhosa quando cuidou de mim durante meu tratamento de úlcera de pressão mesmo não tendo ainda nenhum tipo de relacionamento comigo, mas que também não podia obrigá-la a me amar e que eu considerava a curiosidade dela em relação à minha sexualidade natural, uma vez que muitas pessoas ainda viam as pessoas com deficiência como assexuadas.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas se já mandou Carol ir embora daqui, por que não fica em Jequié?

— Porque eu a amo muito, tanto a ponto de que o simples fato de a ver pode magoar-me. Eu preciso esquecê-la! Não quero correr o risco de vê-la novamente — afirmei.

— É só você pedir para mudarem-na de setor — disse Leno.

— Não, não vou prejudicá-la profissionalmente por causa de meu amor não correspondido e também o hospital não é tão grande a ponto de dar-me a garantia de que nunca mais a verei em minha vida. Nem Jequié é tão grande a esse ponto, pois nossas vidas estão muito entrelaçadas — rebati.

— Como assim? — questionou-me ele sem compreender o que eu dizia.

— Para você ter uma ideia, a primeira vez que eu vi Carol, eu era noivo de Amanda e nem era cadeirante ainda. Depois, acabei me esbarrando

com ela várias vezes por aí. Além disso, fatalmente, a família dela vai acabar se unindo à nossa, pois o filho dela namora a sua filha. Esqueceu-se disso, Leno? — expliquei-lhe da forma mais clara que pude, embora não tenha me sentido à vontade para revelar em detalhes os pontos de entrelace entre a minha vida e a de Carol.

— Não, não me esqueci disso não. E o filho dela é um excelente rapaz. Faço muito gosto no namoro de Kali e Emílio — afirmou parecendo se convencer perante meus argumentos, todavia perguntou-me: — Mas você deixou-me curioso! Você já tinha interesse nela na época em que era noivo de Amanda?

— Não, claro que não! Ela era uma menina naquela época, pois é dez anos mais nova que eu! Mas instalei uma antena na casa dela naquela época e a vi lá. Desde então, sempre nos esbarramos por aí — afirmei para completar em seguida: —

PERIGOSAS ACHERON

Vamos, Leno! Você sabe tão bem quanto eu que, se ela não me ama, se não sou correspondido em meu amor, a única coisa que posso fazer agora é esquecê-la para que eu possa ser feliz um dia com outra mulher e que eu não posso fazer isso em Jequié. Se fosse possível esquecê-la aqui, eu já a teria esquecido! Voltar para São Paulo é a melhor maneira de eu esquecê-la!

— É, talvez você tenha razão — murmurou Leno.

— Você sabe que eu tenho razão e que estou fazendo o que é melhor para mim — tornei a afirmar. — Mesmo assim, é claro que sentirei saudades de todos, principalmente de você e de nossos pais — garanti com toda a sinceridade de meu coração.

— Tem razão, irmão — concordou Leno por fim.

— E peço que me ajude a fazer com que nossos pais aceitem meu retorno para São Paulo; mas eu

não gostaria que eles e nem nossa família soubessem do meu... caso com Carol; pois eu não quero que eles associem o nosso rompimento à minha deficiência, embora as causas do rompimento tenham sido o preconceito de Carol em relação à minha deficiência e sua falta de amor por mim. O fato é que não quero que meus pais e nem nossa família deixem de acreditar que eu sou assexuado para passarem a acreditar que eu não devo ter relacionamentos amorosos, porque minha condição me impossibilita de ser amado, o que não é verdade — pedi com sinceridade.

— Claro que eu ajudo você! — Leno aceitou rapidamente. — Mas veja as coisas pelo lado bom: se você não ficou com ela, pelo menos deixou de ser donzelo e o fez com alguém que você ama! — observou com um sorriso malicioso nos lábios.

Olhei feio para Leno e perguntei-lhe:

— Como sabia disso?

— Eu conheço você muito bem, meu irmãozinho — disse com um sorriso largo.

— Você tem razão, mas ninguém mais precisa saber disso, viu? — disse, sorrindo maliciosamente.

— Claro que eu não vou sair por aí alardeando que meu irmãozinho caçula agora é um homem sexualmente experiente — brincou ele, rindo.

Não pude deixar de rir e fiquei profundamente agradecido quando soube que, como seu próprio chefe (uma vez que ele tinha seu próprio negócio), Leno tirara o dia de folga para ficar comigo e que estava usando-o para ajudar-me a arrumar as malas também. Dedicado, ele almoçou comigo na casa de meus pais e ajudou-me também a convencê-los de que era melhor para mim que eu retornasse para São Paulo.

Diante de minha eminente partida, minha mãe foi bastante rápida e organizou, naquele mesmo dia, um jantar de despedida para mim com toda a

PERIGOSAS ACHERON

família reunida. Ninguém faltou, nem mesmo aqueles sobrinhos de quem eu mal me recordava dos rostos. Acho que todos eles compareceram mais por curiosidade em relação ao motivo pelo qual eu ia embora do que para despedirem-se de mim. Eu não me sentia à vontade para relatar o real motivo a todos (só Leno o sabia) e, por isso, tive que passar praticamente toda a noite repetindo a mesma frase: “*O trabalho que eu tinha para fazer aqui já se findou. Volto para São Paulo, porque minha vida é lá*”. No final da noite, de tanto ouvirem a mesma e incansável justificativa, acho que todos eles se convenceram disso e muitos até (aqueles com maior tendência à fofoca) se sentiram um pouco decepcionados por minha partida para São Paulo dever-se apenas “*ao fim dos trabalhos que eu tinha para fazer em Jequié*”.

Ao final da noite, como Leno foi o último a ir embora, aproveitei para agradecê-lo por continuar

PERIGOSAS ACHERON

fiel à nossa amizade e ao nosso amor fraterno e não ter revelado a ninguém que, na verdade, eu ia embora de Jequié para esquecer meu amor não correspondido por Carol. Ele respondeu-me que não era necessário agradecê-lo e que fazia isso, porque amava muito seu “irmãozinho caçula”, ao que não pude deixar de responder que “amava muito meu irmãozinho gêmeo”. Todavia, quando me postei na porta da casa de meus pais para vê-lo entrar no carro, encontrei o olhar de Emílio que, ao lado de Kali, olhava-me com um olhar duvidoso. Será que Carol lhe contara alguma coisa ou que ele conhecia a mãe suficientemente bem para suspeitar de algo? Eu nunca teria a resposta para esta pergunta...

Instantes depois, mesmo diante da relutância de meus pais, parti para dormir minha penúltima noite em minha casa. No sábado, fiz os últimos ajustes necessários à viagem, com a qual me ocupei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

também todo o dia seguinte. Só cheguei em meu apartamento na noite do domingo, uma vez que o dia todo fora gasto na viagem de carro até Ilhéus com Leno, nas inúmeras escalas que o avião fez de Ilhéus para São Paulo e no trajeto, feito de táxi, do aeroporto até meu apartamento.

Quando cheguei ao meu apartamento, estava tão cansado física e mentalmente que me limitei a tomar um bom banho, fazer um lanche (que eu comprara no aeroporto) e ir dormir. O cansaço físico devia-se a todo o transcorrer da viagem, mas o cansaço mental era fruto de minha batalha psicológica para não pensar em Carol. Batalha esta que, reconheço, muitas vezes perdi, apesar de meus esforços quase sobre-humanos no intuito de manter meus pensamentos nas coisas que teria para resolver para recomeçar a trabalhar no Hospital Santa Mônica de São Paulo na terça-feira.

PERIGOSAS ACHERON

O cansaço não me permitiu sonhar ou, pelo menos, recordar-me de meus sonhos naquela noite. Todavia, ao despertar na manhã seguinte, senti como se nada tivesse acontecido, como se eu nunca tivesse me separado de Carol e, antes mesmo de abrir os olhos, tateei em busca dela como fazia todas as manhãs quando acordávamos sempre juntos e presenteávamos um ao outro com um sorriso seguido de um beijo de bom dia.

Tudo estava terminado para sempre entre mim e Carol e é óbvio que minhas mãos encontraram apenas a imensidão vazia da cama ao meu redor e meus olhos contemplaram o solitário quarto do meu apartamento em São Paulo, e não, o quarto de minha casa em Jequié, repleto de lembranças de nossas noites e dias de amor.

Foi impossível resistir às lágrimas quentes que abandonavam meus olhos quando me deparei com minha cruel realidade: eu amava perdidamente uma

PERIGOSAS ACHERON

mulher que só conseguia sentir pena de mim e que passara três meses vivendo maritalmente comigo movida apenas por este sentimento. As sensações de abandono e de engano que invadiram o meu peito eram ultrajantes, feriam-me mortalmente e, mesmo estando fisicamente muito distante de Carol, eu não sabia como proceder para esquecê-la, para torná-la apenas uma mera lembrança em minha mente.

— Isso vai ser mais difícil do que eu pensava — murmurei para mim mesmo enquanto enxugava meu rosto com as mãos, pois precisava ouvir alguma voz, mesmo que fosse a minha, no silêncio desolador de meu quarto. — Mas eu tenho que superar. Eu vou superar — disse com a maior convicção que consegui arrancar de meus pensamentos confusos.

CAPÍTULO 68

Sozinha

Carol

Quando Henri deixou-me, eu fiquei magoada e chorei muito ao perdê-lo, mas confesso que pensei que não seria difícil esquecê-lo. A verdade é que nem eu mesma confiava no meu amor e em sua intensidade diante de meu preconceito contra a deficiência dele. Contudo, à medida que as horas passavam, a minha solidão parecia se aprofundar e eu não conseguia desvencilhar-me da lembrança dele.

Sua inteligência, sua independência, nossas conversas, seu olhar azul intenso, a beleza do seu sorriso, a maneira como ele passava a mão nos cabelos, a maneira como ele movia os lábios ao

falar, sua expressão confiante e (ao mesmo tempo) inocente, a forma como se movia, como conduzia a cadeira de rodas, como ele me olhava, a sensualidade e a candura de seu corpo adormecido, a suavidade de sua voz, o aconchego do seu colo, seus beijos, seus carinhos, o calor de sua pele, o toque de suas mãos, o contato de seu corpo com o meu, todas as vezes que fizemos amor e sentimos prazer juntos... Tudo, cada mínimo detalhe de Henri, seja psicológico ou físico, fazia-me uma imensa falta...

Eu sentia uma falta IMENSURÁVEL de Henri e não conseguia compreender e, inicialmente, nem aceitar essa sensação de falta. Nos primeiros dias de nossa separação, atribuí essa sensação ao costume. Eu estava acostumada com sua presença, habituada a conviver com ele não só em casa, mas no trabalho também, por cerca de seis meses. Como a convivência fora contínua por um tempo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

considerável e o rompimento brusco, era como se a minha memória se recusasse a aceitar esta rápida desconexão. Foi o que eu pensei e a verdade é que eu agia como um fio desencapado. Qualquer referência verbal ou acontecimento que me recordasse dele era como se eu fosse rapidamente atingida por um choque elétrico, cujas consequências eu me esforçava para permanecerem internalizadas em mim. Eu estremecia inteiramente por dentro; mas externamente esforçava-me para parecer inabalável. Mas eram os primeiros dias e essas sensações ruins logo se findariam. Assim, eu acreditava.

Na segunda-feira, a situação indefinida em que eu me encontrava no trabalho começou a ser decidida. Quando Jonas chamou-me para conversar, pensei que seria rebaixada ou que, pelo menos, mudaria de função, pois acreditava que ele

PERIGOSAS ACHERON

me atribuía a culpa pelo retorno de Henri a São Paulo. Todavia, não foi isso que aconteceu.

Por sugestão de Henri e em comum acordo com os demais membros da comissão de implantação do CEP, Jonas nomeara-me para a função que era do próprio Henri e colocara uma moça chamada Ariela para assumir a função que eu exercia. Tal fato deixou-me inicialmente sem palavras; mas depois, com muito esforço, consegui balbuciar:

— Mas por que eu?

— Bem, Henri confia muito em sua competência e os demais membros da comissão de implantação do CEP também. Quanto a mim, percebo que você é dedicada no que faz e confio bastante no julgamento de Henri. Se ele acha que você é a pessoa mais indicada para assumir a função dele, eu não posso discordar — Jonas explicou.

Eu estava boquiaberta, paralisada, não sabia o que responder e não respondi de imediato. Apesar

PERIGOSAS ACHERON

de todo o sofrimento que eu lhe infligira, Henri conseguira ser bom comigo e me proporcionara uma função melhor antes de partir, mesmo que já não me amasse ou não me quisesse mais. E isso tocou meu coração, me emocionou; pois, ao invés de tentar me prejudicar (como eu temia), ele me ajudara.

— E aí? Vai aceitar a minha proposta? Vai assumir a função de Henri?

— Sim, eu vou — respondi um pouco insegura.

— Então, eu vou telefonar para Ariela e pedir para ela se transferir para a Sala do Núcleo de Bioética — concluiu Jonas.

— Obrigada! — agradei, erguendo-me.

Retornei à sala do Núcleo de Bioética louca de vontade de agradecer a Henri pela recomendação que fizera em meu favor. Para aplacar meu desejo de agradecer e também de ouvir novamente a sua voz (admito), liguei para seu número de telefone

celular local, mas estava fora de área. Imaginei, então, que ele devia estar usando seu chip de São Paulo: liguei três vezes até que a chamada caísse. Liguei para o telefone de sua casa, mas novamente a chamada caiu sem que ele a atendesse. Resolvi, por fim, enviar-lhe um rápido e-mail de agradecimento, no qual pedia-lhe confirmação de seu recebimento e aguardei a chegada de Ariela.

Ariela era uma mulher baixinha, magrinha, de longos cabelos encaracolados e bastante sorridente. Tinha uns trinta e cinco anos, ostentava uma aliança na mão esquerda e, como tivera paralisia infantil, precisava do auxílio de um par de muletas para se locomover. Apesar disso, mostrava-se muito ativa e não parava quieta enquanto não terminasse todos os seus afazeres.

De início, quando a vi, pensei que Jonas a colocara para trabalhar comigo por causa de sua deficiência, uma vez que ele sabia o quanto eu era

PERIGOSAS ACHERON

preconceituosa e, talvez, achasse que, desta forma, contribuiria para eliminar meu preconceito. Com o tempo, comecei a perceber que, embora este possa ter sido um dos motivos, creio que não fosse o único; pois, já no início de suas atividades ela demonstrava bastante conhecimento sobre seu novo setor de trabalho. Depois ela me contara que cursara, dois anos antes, o mesmo mestrado que eu me encontrava cursando e também defendera uma dissertação cujo tema pertencia ao escopo da Bioética. Concluí que ela estava sendo subaproveitada na recepção do hospital e questionei-me por que eu fora escolhida para trabalhar com Henri e não ela. Aspecto este que, como se lesse meus pensamentos, ela mesma me esclareceu um dia:

— Nunca pensei que fosse trabalhar no Núcleo de Bioética do Hospital.

— Por quê? Você é da área de Bioética... —
indaguei curiosa.

— Porque comecei a trabalhar aqui em fevereiro, faz pouco tempo e a equipe de trabalho do Núcleo de Bioética já estava formada. Nunca pensei que Jonas fosse se lembrar de que eu tenho formação na área.

— Ah... — murmurei para confessar em seguida:
— Eu já estava me questionando por que escolheram a mim e não a você como secretária de Henri.

Ariela não me respondeu, apenas sorriu. Um sorriso que parecia querer dizer que sabia de meu relacionamento com Henri e também de meu preconceito contra ele.

Quanto a Henri, tudo continuava a lembrar-me dele. Sua lembrança era vívida em minha mente e em meu coração independentemente de onde eu me encontrasse: fosse em todos os momentos no
PERIGOSAS ACHERON

trabalho ou até nos que eu passava na casa de meus pais e depois na casa que eu aluguei para morar sozinha, mesmo que ele nunca tivesse ido a esta última. Ver um cadeirante, a simples menção desta palavra, do nome dele ou até qualquer referência a ele causavam-me um grande sofrimento e o martírio de repetidas lembranças. Definitivamente, eu mesma não acreditava que isso iria acontecer, mas estava acontecendo: eu estava sofrendo por amor e sofrendo MUITO!

Todo este sofrimento parecia intensificar-se com o fato de Henri ter me bloqueado no chat, não responder meus e-mails, nem atender nenhum de meus telefonemas, o que me levou até a me preocupar com o bem-estar dele. Por fim, enviava-lhe e-mails e deixava mensagens em seu telefone celular pedindo apenas: *“Por favor, Henri, só quero saber se você está bem. Diga-me como está.”*, mas não obtive nenhum tipo de resposta.

Como último recurso, numa noite de sexta-feira, resolvi telefonar para Heleno mesmo temendo que ele também se recusasse a falar comigo. Todavia, embora não parecesse muito satisfeito com o meu telefonema, ele me atendeu:

— O que você quer, Carol? — Heleno indagou sem, ao menos, saudar-me antes.

Ao ouvir a voz de Heleno, fiquei imediatamente sem ação. Apesar do sotaque ser diferente e de haver pequenas diferenças na forma como falavam, a voz dele era MUITO parecida com a de Henri e eu estava com tanta saudade de meu amado que ouvir o irmão dele falar ao telefone era quase o mesmo que ouvi-lo falar comigo. Emocionada, tive que respirar fundo para me controlar e, só então, perguntar:

— Heleno, eu tenho ligado e enviado e-mails para Henri, mas nunca consigo falar com ele. Estou preocupada... Henri está bem?

Heleno deu um suspiro de tédio e replicou com um tom de voz com o qual parecia se esforçar para ser cordial:

— Henri está bem. Não se preocupe.

— Tem certeza de que ele está bem? — insisti, pois a resposta dele não me convenceu.

— Carol, eu vou ser bem sincero com você. Não o fiz logo, pois tenho muita consideração a Emílio e ao amor que Henri ainda tem por você. Você acha que, depois de tudo que você fez, depois de tê-lo magoado como o magoou, de ter desprezado o amor dele por você só porque ele tem uma deficiência, há motivos para ele querer falar com você? Claro que não! Ele está bem. Falo com ele praticamente todos os dias pela internet. Ele está tentando esquecer você e vai conseguir! Um dia, talvez, ele olhe ou fale com você novamente, mas já vai ter se esquecido de você e você não significará nada mais para ele, não passará de uma

PERIGOSAS ACHERON

mera conhecida! Eu acho que ele deveria ter se recusado a ter qualquer contato com você na primeira vez que você o humilhou. Assim, ele já a teria esquecido! Agora, faça um favor a ele e a você mesma, não o procure nunca mais — Heleno desabafou, falando-me tudo o que achava. Seu tom de voz não era ríspido, e sim, magoado. Ele se magoara com o fato de eu magoar o irmão dele.

— Certo. Obrigada! — Foi tudo o que consegui responder, pois as lágrimas já começavam a molhar meu rosto. A certeza de que nunca mais veria Henri ou ouviria sua voz fez-me chorar copiosamente até adormecer.

Eu era a única culpada por minha desventura. Eu tivera o amor verdadeiro em meus braços e o expulsara de minha vida devido à minha imperdoável ignorância. Despertei destroçada no sábado e ainda não sabia o que fazer com esse amor revoltado em meu peito, digladiando-se contra o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

preconceito que ainda morava dentro de mim, contra a ausência de Henri e contra mim mesma e a minha estupidez.

Os dias se arrastaram sem que eu conseguisse reagir à fúria de sentimentos dentro de mim. Eu me sentia tão arrasada internamente que penso que meu sofrimento estava sendo externado de alguma forma em minha face, pois muitas pessoas, diante de meu estado de total desolação, pareciam olhar-me com pena e/ou surpresa.

Em um dos dias de maior sofrimento para mim; uma vez que, na noite anterior, eu sonhara com Henri, Ariela olhou-me fixamente por alguns minutos e, em seguida, indagou:

— Você está bem, Carol? Está tão pálida... Parece que vai desmaiar.

— Adoraria desmaiar e cair em um estado de inconsciência — murmurei sincera.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que diz isso? É horrível desmaiar! — perguntou-me ela atônita com minha resposta.

— Porque eu cometi a maior burrada de minha vida e não há como consertar — confessei com amargura na voz, fixando o olhar em Ariela. Ela abaixou os olhos e, sem perguntar ao que eu me referia, murmurou:

— Eu sinto muito.

— Eu... posso... fazer... uma pergunta para você? — indaguei bastante embaraçada.

— Claro! — Ela sorriu ao responder-me.

— Você é casada, não é? — indaguei, perguntando-me se teria coragem de continuar e fazer a pergunta que eu realmente queria fazer.

— Sim. Sou casada e tenho dois filhos: um menino com cinco anos e uma menina com dois — respondeu, sorrindo novamente.

— E... você e... — interrompi sem coragem de continuar, mas ela fixou o olhar em mim e indagou:

PERIGOSAS ACHERON

— Eu e?

— É que eu estou com vontade de lhe fazer uma pergunta, mas não quero ofendê-la...— admiti bastante sem graça, pousando os olhos no chão.

— Pergunte. Se é o que eu estou pensando, não vai me ofender — Ariela encorajou-me com esta afirmação e um sorriso nos lábios.

— Bem, existe muito preconceito contra a deficiência... e eu queria saber como você e seu marido lidam com a sua deficiência e o preconceito.

Ariela não pareceu ofendida com a minha pergunta, apenas respirou fundo e começou a contar-me parte de sua história de vida:

— Durante um grande período da minha vida, eu não aceitava a minha deficiência, tinha vergonha de mim mesma e de sair em público. Limitava-me apenas a ir à faculdade. Foi assim até o dia em que eu vi Natan pela primeira vez. Eu pensava que ele

nunca fosse olhar para mim ou perceber que eu existia; pois, na minha concepção, como ele não tinha nenhum tipo de deficiência, podia ter a mulher que quisesse. No início, ele realmente não me notou, mas eu queria que ele me notasse e que me enxergasse como uma mulher como outra qualquer, e não que tivesse pena de mim.

— O que você fez?

— Eu comecei a refletir e a observar que muitas pessoas com deficiência são felizes com pessoas sem deficiência ou com pessoas com deficiência, que a deficiência não impede ninguém de se realizar emocionalmente, sexualmente e profissionalmente. É claro que a sociedade nos impõe muitos obstáculos e que a exclusão ainda se sobrepõe à inclusão, mas não podemos ficar de “braços cruzados” esperando que a mudança chegue às nossas mãos. Temos que lutar contra o preconceito, contra a exclusão e transpor os

PERIGOSAS ACHERON

obstáculos. E a primeira mudança acontece dentro de nós, somos nós que a promovemos. Quando mudei minha maneira de pensar sobre mim mesma, Natan notou-me pela primeira vez.

— E vocês começaram a namorar? — perguntei-lhe sem conseguir disfarçar minha curiosidade.

Ariela riu e respondeu-me:

— Depois de um tempo de amizade, começamos sim. No início, nós nos incomodávamos um pouco com os olhares e os comentários das pessoas. Às vezes, era difícil ver as pessoas apontando um dedo para nós e comentando coisas do tipo “como um homem bonito e perfeito quer uma aleijada?” ou “é um desperdício um homem desses com uma mulher toda torta que não pode nem gerar um bebê”. Já ouvimos muitos comentários preconceituosos desse tipo. Acho que você pode imaginar o estardalhaço que o nosso casamento causou... — interrompeu, esperando uma resposta minha.

— Creio que posso imaginar sim — afirmei um pouco constrangida.

— Bem, não foi muito fácil no início; mas depois, com o tempo, superamos os obstáculos e as pessoas deixaram de se importar com isso. Os famosos não têm os *paparazzi* que os perseguem?

— Ela fez uma pausa e eu confirmei balançando a cabeça afirmativamente. — Eu acredito que nós, pessoas comuns, também temos nossos próprios *paparazzi* particulares. São os desconhecidos, os nossos conhecidos, os nossos vizinhos e até os nossos parentes! Eles apontam o dedo, falam, comentam, criticam; mas com o tempo se acostumam e a nossa história perde o interesse para eles. É tudo uma questão de tempo e paciência. Hoje, tanto tempo depois, ninguém mais se interessa em comentar ou criticar meu relacionamento com Natan. Somos um casal como qualquer outro. As pessoas já se acostumaram

PERIGOSAS ACHERON

conosco e somos tratados com muito mais naturalidade e, quando uma ou outra pessoa aponta para nós na rua ou em qualquer lugar que vamos juntos, não nos sentimos mais nem um pouco incomodados, pois já estamos mais do que convencidos que não somos melhores, nem piores do que os outros casais. Nós só estamos vivendo nossa vida e sendo felizes como todo mundo. E é isso que importa para nós. O preconceito nada mais é do que uma ideia medíocre da qual se ocupam pessoas de mente desocupada — Ariela concluiu com uma firmeza e segurança no olhar que me surpreenderam.

Ariela era tão pequena e parecia tão frágil com suas muletas que creio que ninguém, em um primeiro olhar, atribuir-lhe-ia a força capaz de sobrepujar os obstáculos da própria deficiência e do preconceito. Contudo, naquele momento, diante de mim, ela deixou transparecer o quanto era capaz

disso e também o quanto era inteligente e perspicaz. A postura dela e suas palavras eram uma lição de vida para mim e para a minha própria mediocridade ao deixar-me curvar pelo preconceito, tanto que me senti obrigada a confessar mesmo sem firmeza:

— Eu perguntei essas coisas a você, porque... porque eu e... eu... — interrompi sem saber como começar e deparei-me com os olhos de Ariela, que me contemplavam atentos e na expectativa de que eu terminasse a frase. Mas, ao perceber que eu tinha dificuldade em admitir meu vexame, indagou-me:

— É por causa de Henri, não é?

— Sim, é por causa dele — admiti, engolindo em seco. — Você o conhece? — perguntei-lhe curiosa.

— Sim, eu o conheço. Apesar de muito tímido, ele é uma pessoa muito legal e atenciosa. Lutou e luta muito contra os obstáculos que a vida lhe

impõe — afirmou. — O hospital todo comenta que vocês dois namoravam, mas você o rejeitou. Todavia, nunca vi Henri comentar nenhuma palavra sobre a existência ou não de um relacionamento entre vocês — completou por fim.

— É verdade que tínhamos um relacionamento e eu pedi a ele que o mantivesse em sigilo. Mas eu o perdi — confirmei. — Eu... eu... o amo, mas... não sei como lidar com a deficiência dele. Não consigo suportar os olhares, os comentários, os dedos apontados... — admiti com vergonha de mim mesma.

— Eu posso dar a minha opinião? — perguntou meio sem graça como se relutasse em oferecer algo que eu acabaria por pedir-lhe.

— Sim, claro que pode. Na verdade, eu quero e preciso da sua opinião — afirmei bastante sincera.

— Você tem certeza de que o ama? — Ariela perguntou-me, duvidando do amor que eu acabara

de confessar que sentia por Henri.

— Sim, tenho certeza e acredite que eu tenho sofrido muito com o nosso rompimento. Está sendo torturante — afirmei bastante sincera.

— E o que a tortura mais: não o ter ao seu lado ou os olhares, os comentários, os dedos apontados? — perguntou, olhando fixamente para mim como se estivesse investigando meu semblante no intuito de constatar se eu estava sendo sincera ou não.

— Sem dúvida, é não o ter ao meu lado. Eu preferia os olhares, os comentários, os dedos apontados e tê-lo comigo do que o inferno em que tenho vivido. É como se minha vida não fizesse mais sentido, não consigo imaginar minha vida sem ele — afirmei com toda a segurança de meu coração. Meu pobre coração que sofria e revoltava-se contra a idiotice de minhas ações.

— Eu penso que o que mais chamou a atenção do hospital e fez todo mundo comentar seu

PERIGOSAS ACHERON

romance com Henri foi justamente o fato de você querer mantê-lo em sigilo. A maneira como vocês se olhavam tornava evidente que havia algo entre vocês e tudo mundo percebia isso. E isso despertou a curiosidade de muita gente. Se vocês tivessem assumido o namoro, todo mundo já teria se esquecido dele e parado de comentar — Ariela disse com coerência para, após uma pequena pausa, reafirmar: — Como eu falei para você no início, por ser algo novo e considerado diferente, as pessoas olham, comentam, apontam, mas depois perdem o interesse por cair na rotina e, se em algum momento, alguém comentar novamente, você vai ser forte o suficiente para não se importar e simplesmente ignorar.

— E o que eu faço agora que perdi Henri? Entrego-me ao sofrimento? Sento e choro até que minhas lágrimas se findem para sempre? —

perguntei-lhe com todo fatalismo de meu sofrimento apaixonado.

— Eu a aconselharia a refletir sobre tudo o que sente: seu amor por Henri, os motivos que os separaram, a falta que ele lhe faz agora, os preconceitos que você nutre e também o medo que tem do preconceito. Reflita com bastante calma, coloque na balança, veja o que tem mais peso para você e se ele é realmente o homem da sua vida. Se chegar à conclusão de que é ele quem você realmente quer, vá atrás dele e conte a ele a conclusão à qual chegou. Se você chegar à conclusão de que tudo não passou de um mal-entendido, de que ele não é o homem da sua vida, então, logo o esquecerá definitivamente. Mas não tenha pressa em tomar a sua decisão. Tome uma atitude quando perceber que ela, de fato, é a mais acertada — Ariela aconselhou-me com um tom de voz que me deixava notar a sua calma e sabedoria.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E se eu for atrás dele e ele não me quiser de volta? Estiver com outra? — indaguei estremecendo intimamente de medo de que isso realmente acontecesse, pois Henri era um homem com muitas qualidades fáceis de serem percebidas por quem quer que seja. Eu fui bastante idiota para não dar a ele o valor que ele merecia receber.

— Aí, você precisará reunir todas as suas forças e superar esse amor, pois não poderá passar a vida inteira se lamentando. Todavia, eu creio que, se ele realmente amar você, se você for a mulher da vida dele, ele não se envolverá com outra mulher tão fácil e rapidamente. Se você for a mulher da vida dele, creio que ele estará sofrendo tanto quanto você ou até mais, pois poderá estar se sentindo rejeitado e humilhado — Ariela concluiu com coerência e serenidade, o que me fez gostar ainda mais dela.

PERIGOSAS ACHERON

Então, eu, que também sempre fui tímida e bastante antissocial a ponto de evitar muito contato com as pessoas por me sentir envergonhada em demonstrar meus sentimentos, vi-me sorrindo, totalmente imersa num sentimento de gratidão, e pedindo-lhe:

— Eu posso... lhe dar um abraço... de agradecimento?

— Claro — respondeu prontamente com um imenso sorriso nos lábios e eu a abracei, por alguns instantes, com ternura e um sincero reconhecimento, murmurando:

— Muito obrigada mesmo, Ariela! Você me ajudou MUITO!

— Espero ter ajudado — disse ela humildemente enquanto findávamos o abraço.

Decidi seguir o conselho de Ariela e, nos meses que se seguiram, dediquei-me à reflexão e à observação de minhas reações e também de casais

PERIGOSAS ACHERON

em que pelo menos um dos cônjuges possuía uma deficiência.

Refleti sobre os pontos de entrelace existentes entre a minha vida e a de Henri, sobre todo o nosso relacionamento (tanto a parte virtual, quanto a que vivenciamos pessoalmente), sobre as vezes que o magoei, sobre as atitudes e os sentimentos que eu percebia nele, sobre os meus sentimentos, sobre a deficiência dele e o meu preconceito, sobre o sofrimento que o rompimento de nosso relacionamento me causava e sobre a complexidade da junção de todas essas coisas em nossa convivência.

Enquanto refletia, não me descuidava da observação. Observava o estrago que o sofrimento causava ao meu coração e à minha mente aflita e, quando via alguma pessoa com deficiência e/ou uma pessoa com deficiência e seu (a) cônjuge, em qualquer lugar que fosse, entregava-me a uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

observação tão ávida e insistente que reconheço que, às vezes, ultrapassava os limites da compostura. Certa vez, fixei com tal insistência o olhar em um rapaz cadeirante que ele veio falar comigo, perguntando-me:

— Algum problema, moça? — perguntou com um semblante intrigado.

— Não, nenhum... — respondi reticente.

O rapaz era moreno, forte, cabelos castanho-escuros ondulados e revoltos, olhos negros como carvão. Devia ter mais ou menos a minha idade e, embora não se parecesse fisicamente com Henri, o seu olhar seguro e bem resolvido e a independência que demonstrava possuir faziam-me lembrar de Henri. Todavia ele não se mostrou convencido com a minha resposta e, franzindo o cenho com os olhos estreitados, permaneceu calado, olhando fixamente para mim, claramente esperando uma resposta

PERIGOSAS ACHERON

convvincente. Então, optei por ser verdadeira com ele e admiti:

— Bem, é que... você me lembra meu ex-namorado... Nós rompemos, mas eu ainda o amo. Está sendo... difícil... viver sem ele.

— Eu... sinto muito — disse ele aparentemente arrependido por ter me abordado. — Espero que vocês reatem e sejam felizes — desejou-me com um sorriso sincero, porém desconcertado, nos lábios.

— Obrigada! — agradei com toda a sinceridade de meu coração.

— Tchau! — disse ele, afastando-se com um aceno de mão.

— Tchau! — repeti, também retribuindo o aceno de mão.

Minhas observações mostraram-me que, ao contrário do que eu imaginava, deficiência não era sinônimo de infelicidade, de incapacidade e de

PERIGOSAS ACHERON

dependência total. Eu olhava as pessoas com deficiência no hospital em que trabalhava e nas ruas e, pela primeira vez em minha vida, percebia que eram pessoas como as outras, eram comuns e diferentes, tinham capacidades e limitações, assim como qualquer outra pessoa com ou sem deficiência; pois ninguém é igual, todos somos diferentes e todos temos limitações. Percebi que muitas se deparavam com obstáculos diários para ir e vir (como a falta de rampas de acesso), mas enfrentavam-nos com determinação, eram felizes e decididos, amavam e eram amados. Percebi também que, quando necessitavam da ajuda de seu cônjuge, este não o fazia com um olhar de pena e obrigação, mas com naturalidade e o amor expresso em seus olhos.

A felicidade não tinha nenhum tipo de barreira, mas o meu preconceito estúpido e alienante impedira-me de enxergar o óbvio e, agora, eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perdera para sempre o amor da minha vida e a oportunidade de ser completamente feliz. Todavia o reconhecimento da minha sucessão de erros, além de deixar-me profundamente arrependida, fizera de mim uma pessoa profundamente envergonhada e, em muitos momentos, até deprimida, fazendo-me adiar cada vez mais a minha decisão de procurar Henri e trazendo à minha mente a certeza, cada vez mais forte, de que ele merecia uma mulher muito melhor do que eu para compartilhar sua vida.

Os dias se passavam e eu curvava-me, afundava-me cada vez mais em meu vexame, o qual se aproveitava de meu amor por Henri para proporcionar-me a autopunição que, reconheço, era mais do que merecida.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 69

Surpresa na chuva

Henri

Os primeiros meses que passei sem Carol foram extremamente difíceis. Eu me sentia como se houvesse uma ferida permanente aberta em meu peito, que parecia que nunca cicatrizaria, tamanho era o meu incômodo e inquietude. Entreguei-me completamente ao trabalho e ao meu relatório de pós-doutorado, tornei-me ainda mais antissocial do que já era e raramente saía de casa, cada vez mais consumido pela tristeza e pela solidão que só Carol poderia aplacar; pois eu não conseguia de forma nenhuma acabar com o amor que eu sentia por ela.

O tempo passava e eu continuava me sentindo perdido e mais sozinho do que já fora em toda a

minha vida. Como eu sempre fui tímido, não demonstrava meus sentimentos e passei a evitar qualquer contato em que pudesse transparecer o meu sofrimento. Meus amigos nada perceberam, embora eu recusasse com mais frequência seus convites para almoçar ou jantar.

Às vezes, perplexo com meu próprio sofrimento, obrigava-me a fazer algo diferente de minha rotina. Então, escutava algumas músicas no computador ou ia ao cinema ou escrevia poesias, mas eu sempre acabava ouvindo músicas como “*Love of my life*” e “*It must been love*”, assistindo a filmes dramáticos (nos quais sempre havia uma separação em algum momento do filme) e escrevendo poesias que retratavam meu relacionamento com Carol.

Um dia, cheguei à conclusão que, consciente ou inconscientemente, eu não estava colaborando comigo mesmo para que eu esquecesse Carol de forma menos sofrida. Decidi parar de vez com a

PERIGOSAS ACHERON

quebra de rotina. Dediquei-me ainda mais ao trabalho e concluí o pós-doutorado. De meus antigos hábitos, preservei apenas e até me dediquei mais à poesia; pois, por incrível que pareça, ela funcionava para mim como uma fonte de desabafo, de alívio de minhas dores e, embora o processo de sua construção me causasse uma dor sobre-humana e arrancasse de mim algumas lágrimas, todas as vezes que concluía uma nova poesia, eu me sentia mais leve, mais livre da dor e da angústia que, aos poucos, destruía o meu coração.

Por fim, apesar de todos os meus esforços, não consegui aniquilar o amor que sentia por Carol; mas consegui sepultá-lo nas camadas mais profundas de meu coração de modo que, embora latente dentro de mim, ele já não me incomodava mais. Eu não era capaz de sentir-me feliz, mas também já não sentia dor. A tristeza dissolvera-se num mar de calma e a angústia dera lugar a uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apatia contínua. Eu sentia-me como se vivesse anestesiado e a vida passava diante de meus olhos como um filme em câmera lenta, pelo qual eu já não tinha nenhum tipo de interesse.

Numa noite de sábado do mês de junho de 2010, o frio era intenso, o vento chocava-se contra as janelas de vidro do meu pequeno apartamento e a chuva caía grossa e prolongadamente lá fora. Eram umas 22h30 e eu estava em meu quarto, sentado à cama sob as cobertas com o notebook ao colo, acessando a internet sem nenhum interesse. Reconheço que deveria ter ido dormir, mas estava sem sono e também não estava nada interessado no pesadelo que estava tendo nos últimos dias. Um pesadelo no qual eu revia o acidente que me deixou tetraplégico. Os acontecimentos no pesadelo eram tão nítidos e idênticos como tinham sido na realidade, exceto por um único detalhe: Carol.

PERIGOSAS ACHERON

No pesadelo, ao contrário da realidade, antes de capotar o carro, eu a identificava na moto, podia notar com clareza, em seu corpo, os machucados provenientes do estupro e, logo após o acidente, sentia como se a minha alma se desprendesse do meu corpo e eu fosse capaz de contemplar também os machucados que o acidente lhe causara e o meu próprio corpo bastante ferido e, aparentemente sem vida, caído à ribanceira. Despertava todas as noites do pesadelo como se estivesse sufocando e demorava alguns minutos para que a minha respiração voltasse ao normal e, no mínimo, uma hora para retomar o sono.

Era por isso que, nos últimos dias, eu dormia pior do que já vinha dormindo há meses e deitava-me tão tarde (por volta de meia-noite) com o intuito de despistar o pesadelo, mas não conseguia. Ele sempre vinha, cedo ou tarde; mas, mesmo assim, por algum motivo, eu teimava em retardá-lo numa

PERIGOSAS ACHERON

vã esperança de que ele não viesse. Era nessa vã esperança que eu vagava, àquela hora da noite, sem objetivo, por vários sites na internet, clique após clique, numa fuga desesperada para lugar nenhum, quando o telefone tocou e, mesmo estranhando o horário, atendi:

— Alô?

— Boa noite, Sr. Henrique! É Nildo, o porteiro — respondeu uma voz bastante grave do outro lado da linha, a voz de Rosenildo, o Sr. Nildo, um homem alto, esbelto, negro, de bigodes, cabelos curtos, postura rígida e semblante fechado que, por um motivo completamente diferente do meu, também tinha deixado a Bahia há cerca de vinte anos e escolhido São Paulo como lar. Talvez, quem o visse o tomasse como o mais irascível dos homens; mas, ao contrário do que demonstravam suas feições carrancudas, ele era bastante amigável e o mais prestativo dos porteiros do prédio. Por

PERIGOSAS ACHERON

muitas vezes, ele já tinha me ajudado quando necessitei de seus préstimos.

— Boa noite, Sr. Nildo! — retribuí-lhe a saudação antes de perguntar preocupado devido ao horário da noite já avançada: — Algum problema?

— Perdoe-me se o acordei, Sr. Henri... — recomeçou ele sem jeito, mas eu o interrompi, apressando-me em garantir-lhe:

— Não, o senhor não me acordou. Pode ficar tranquilo.

— Obrigado — agradeceu no tom sério de sempre para revelar em seguida: — É que há aqui uma moça chamada Ana Carolina Silva Amys querendo falar com o senhor.

Eu não acreditei no que meus ouvidos ouviram. Eu só podia estar ouvindo coisas e, provavelmente, logo também estaria vendo coisas, tendo alucinações. Será que meu amor por Carol e os pesadelos estavam me levando à loucura? Será que

eu teria que procurar um psicanalista ou um psiquiatra na próxima semana? Será que, para esquecê-la para sempre, eu teria que fazer tratamento psicológico? Ou teria que conviver pelo resto da minha vida com os fantasmas de um amor dolorosamente rejeitado? Não, definitivamente não. Eu achava que estava finalmente conseguindo superar a dor, mas os pesadelos e o que eu acabara de ouvir provaram-me que não. O que eu faria agora diante da prova cabal de meu desequilíbrio?

— Sr. Henri? Está me ouvindo? — indagou o Sr. Nildo do outro lado da linha, arrancando-me de minhas divagações.

— Sim, estou — confirmei. — Quem o senhor disse que está querendo falar comigo?

— Uma moça chamada Ana Carolina Silva Amys — replicou pacientemente.

Eu ouvira de novo o nome de Carol. Ou eu estava mesmo com sérios problemas causados por PERIGOSAS ACHERON

um amor mal resolvido ou ela estava mesmo lá embaixo querendo falar comigo. Pensei em descer à recepção para constatar se se tratava mesmo de Carol ou era outra pessoa, mas minhas roupas não eram adequadas para isso (apenas um short curto sob as cobertas) e eu não estava com ânimo para trocar de roupa. Então, optei por pedir que a pessoa subisse até meu apartamento, fosse quem fosse.

— Posso mandá-la subir para o seu apartamento?

— indagou o Sr. Nildo, antecipando minhas palavras.

— Sim, pode sim. Obrigado! — concordei, desligando o telefone em seguida.

Senti-me estranhamente apreensivo com a possibilidade de reencontrar Carol quase um ano depois. Minhas mãos suavam frio e eu estava visivelmente agitado. Era questão de minutos até que eu ouvisse o toque da campainha de meu apartamento, mas eu não conseguia parar de rodar

com a cadeira de um lado para o outro e minhas mãos não ficavam paradas.

Quando a campainha finalmente tocou, estaquei como se tivesse sido congelado e, após alguns instantes sem saber o que fazer ou como me portar, o segundo toque da campainha fez com que eu me dirigisse maquinalmente à porta para abri-la.

Ao abrir a porta, deparei-me com Carol à minha frente. Ela estava encharcada de chuva. Seus cabelos longos e soltos pendiam pesados de água, respigando no chão. Sua roupa totalmente negra e ensopada de chuva grudava-se ao seu corpo, que me parecia bem mais magro do que eu me lembrava. Seus olhos estavam fundos e seus lábios arroxeados e trêmulos pelo frio ornavam seu rosto pálido e macerado. A visão dela era fantasmagórica, irreal. Era a mesma mulher, mas não era a mesma mulher. Pisquei para me certificar de que não era uma alucinação, mas ela continuava

PERIGOSAS ACHERON

lá, imóvel à minha frente e eu não sabia o que fazer.

— Henri... — murmurou num tom sumido, quase inaudível, quando percebeu a minha grande indecisão. A voz era a mesma que eu tanto amava, mas encontrava-se claramente oprimida pelo peso de uma tristeza profunda. O que teria acontecido com ela? Esta pergunta pairou imediatamente em minha mente, mas eu tinha consciência de que precisava ser duro com ela ou eu seria novamente facilmente magoado como fora em Jequié.

— O que você quer, Carol? — indaguei, tentando parecer o mais distante possível e sem convidá-la a entrar em meu apartamento.

— Eu... vim pedir que você volte para mim — respondeu num tom de voz oscilante, sumido.

Senti-me imensamente perdido diante daquelas palavras. Eu não sabia como e o que responder. Adoraria reatar nosso relacionamento, afinal eu a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amava muito; mas não suportaria ser magoado novamente, não suportaria o preconceito da mulher que amo, não suportaria seu olhar de vergonha referente à minha condição se fôssemos vistos juntos. Eu queria ser amado e não discriminado. Não queria estar com ela apenas ocultamente para sexo como se estivéssemos fazendo algo errado. Eu desejava a plenitude de nosso relacionamento e não mais me contentaria com um contato físico escuso.

Aquela resposta não era algo simples e não podia ser dada de forma impensada, de supetão numa noite de temporal e sob o impacto do choque que o reencontro com Carol me causara. Necessitava de muita reflexão e até de alguma observação; pois, se eu não conseguia ser feliz sem ela, também não conseguiria ser feliz sendo discriminado por ela. Respirei fundo e esforcei-me para que minha voz parecesse o mais segura possível ao replicar:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Carol, eu não tenho condições de conversar sobre isso agora. Já é tarde e eu estou cansado. E você também não está em condições.

Carol não respondeu, apenas balançou a cabeça afirmativamente. Seus olhos se tornaram ainda mais tristes, cristalizaram-se como se estivessem repletos de lágrimas e fixaram-se em mim como se esperassem alguma coisa. Senti nitidamente meu coração se partir como se fosse uma folha de papel sendo rasgada ao meio. Tive ímpetos de tomá-la nos braços, perguntar o que lhe acontecera, cuidar dela até que ela recuperasse a vivacidade que tivera. Mas não fiz isso, porque sabia que, se o fizesse, poderia estar afundando novamente num oceano de preconceito, no qual eu amava, mas não era amado. Então, contive-me e limitei-me a dizer:

— Vá para seu hotel, descanse e volte amanhã às nove da manhã e, então, conversaremos.

PERIGOSAS ACHERON

Carol tornou a balançar a cabeça afirmativamente, repetindo o mesmo gesto triste que fizera anteriormente e novamente não disse nada.

— Tchau, Carol — disse, sentindo meu coração se rasgar mais uma vez enquanto eu começava a fechar a porta vagarosamente.

— Tchau, Henri — murmurou numa voz quase inaudível e voltou as costas para mim, caminhando num passo cansado até o elevador.

Assim que cerrei completamente a porta, telefonei para o Sr. Nildo e pedi:

— Sr. Nildo. Sou eu, Henri. Peço que me faça um favor.

— Pode falar, Sr. Henri. Em que eu posso ajudá-lo? — replicou o Sr. Nildo prestativo.

— Quando a senhorita Ana Carolina chegar aí embaixo, por favor, coloque-a num táxi para o hotel em que ela está hospedada. Por favor, peço

também que pague o táxi e me telefone avisando o valor e eu descerei com o dinheiro para lhe pagar — pedi confiante na boa vontade do Sr. Nildo.

— Claro, Sr. Henri. Não se preocupe! Farei tudo como me pediu — ele me garantiu e eu desliguei o telefone mais tranquilo. Só me restava agora trocar de roupa e esperar o telefonema dele para tomar o elevador e pagá-lo.

A chuva aumentava e eu contava o barulho das gotas de chuva no vidro da janela do meu quarto ao mesmo tempo em que contemplava freneticamente o passar dos segundos no meu relógio despertador. Eu trocara de roupa há dez minutos e o Sr. Nildo ainda não tinha telefonado avisando-me que já despachara Carol num táxi para o hotel em que ela se encontrava hospedada. Eu estava extremamente ansioso para ver-me longe dela. A simples proximidade dela deixava-me nervoso, com vontade de fazer besteira. A besteira de atirar-me

PERIGOSAS ACHERON

aos braços dela, reatar o relacionamento sem considerar se ela mudara e eu não podia fazer isso. Não suportaria mais ser tão magoado.

Dez minutos depois, o telefone tocou. Respirei aliviado e o atendi ao segundo toque, acreditando-me livre de Carol pelo menos até às 9h do dia seguinte. Triste ilusão desfeita pelas palavras do Sr. Nildo:

— Sr. Henrique... — O Sr. Nildo interrompeu. O seu tom de voz parecia indeciso e eu acho que a indecisão não era relacionada ao fato de ele não conseguir se decidir se me chamava de “Henrique” ou de “Henri”, embora eu já tivesse pedido para ele me chamar de “Henri”, pois eu me identificava muito mais com meu apelido do que com meu nome.

— Sim, sou eu. O senhor já colocou a senhorita Ana Carolina num táxi? Quanto custou? — Eu

estava tão ansioso que o bombardeei com as perguntas.

— Por incrível que pareça, não consegui encontrar nenhum dos taxistas que eu conheço... A chuva aumentou muito e já é tarde... Além disso, ela disse que não está hospedada em nenhum hotel... E ela me parece exausta... — disse o Sr. Nildo sem jeito.

Ao ouvir isso, eu fiquei sem ação. Não sabia o que pensar, nem o que fazer. Demorei alguns minutos tentando me concentrar no intuito de encontrar a melhor resposta, a decisão mais acertada e a única coisa em que conseguia pensar é que, apesar de ter sido muito magoado, eu não podia deixar Carol desamparada. Apesar de tudo, eu ainda a amava. Todavia, a simples perspectiva de tê-la em minha casa era-me devastadora. À beira de completar meus quarenta e um anos, sentia uma ridícula inquietação adolescente misturada com o

PERIGOSAS ACHERON

temor provocado pela experiência de três desilusões amorosas, duas delas provocadas pela própria Carol.

Não teve jeito. Meu senso de humanidade, minha compaixão ou o meu amor insano (ou sei lá que sentimento havia dentro de mim) prevaleceram quando me ouvi dizer, embora ainda um pouco hesitante:

— Então, peça para ela retornar para o meu apartamento.

— Certo, Sr. Henri. Obrigado! — agradeceu o Sr. Nildo, desligando em seguida.

Quando pousei o telefone no gancho e o silêncio novamente preencheu todo o meu apartamento, senti uma sensação incômoda como se a completa ausência de som me afogasse, roubasse-me o ar ou o deixasse pesado a ponto de não poder ser absorvido por meus pulmões ou como se eu fosse um fugitivo prestes a cair novamente nas garras de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu alçoz. Meus músculos se retesaram e eu comecei a suar, embora estivesse frio. Numa reação que beirava o desespero, tirei a camisa, ansiando por uma sensação de liberdade que não obtive quando me privei dela. Constatei assombrado que tinha desenvolvido uma espécie de medo de ser rejeitado por Carol. Eu a queria, a amava; mas, de algum modo, tinha medo dela, de minha reação a ela e isso fazia meus dedos tremerem.

Era só uma noite e eu tinha que superar isso, aparentar calma. Foi o que eu disse a mim mesmo enquanto meus dedos trêmulos abriam a porta para ela após o primeiro toque da campainha. Quando a porta finalmente se abriu e eu dei com Carol com aquele olhar triste e o semblante abatido, trazendo ao seu lado uma pequena mala preta de rodinhas, não consegui falar nada, mantive-me inerte à frente da porta. Não consegui falar, nem a deixei passar até que ela murmurou, quebrando minha atonia:

PERIGOSAS ACHERON

— Muito obrigada, Henri!

Dei de ombros e disse sério:

— Vou pegar uma toalha para você tomar um banho. Você vai ter que dormir no sofá, pois meu apartamento só tem um quarto. Pelas regras do cavalheirismo, eu teria que lhe oferecer a cama e ficar com o sofá, mas vou descartar essas regras e deixá-la com o sofá. Minhas costas não aguentariam o sofá e, provavelmente, amanhã eu estaria mais entrevado do que já sou de tanta dor nas costas.

— Onde fica o banheiro? — indagou. — Sente dor nas costas? — completou, parecendo meio surpresa.

Apontei-lhe o banheiro com um gesto e respondi já manobrando a cadeira de rodas em direção ao quarto:

— Sinto constantemente. São dores crônicas. Convivo com elas. Pensei que tinha percebido isso

PERIGOSAS ACHERON

quando estávamos juntos.

— Não percebi. Perdoe-me! — disse, dirigindo-se ao banheiro.

Quando retornei à sala com a toalha de banho, Carol estava fechada no banheiro. Hesitei entre esperar ali e bater à porta do banheiro e, após um momento de completa indecisão, rendi-me ao impulso e bati à porta.

— Entre. A porta não está trancada — Carol respondeu-me dentro do banheiro. Sua voz era baixa e cansada.

Ao ouvir suas palavras, pensei “*Carol quer me seduzir*” e estaquei automaticamente. Não abri a porta; mas, de imediato, pensei novamente: “*Eu sei o que ela quer fazer. Serei muito idiota se sucumbir à sedução dela, sabendo que é isso que ela quer*”. Diante desta constatação, tomei coragem, empurrei a maçaneta em forma de alavanca para baixo e a porta se abriu.

— Sua toalha... — murmurei despretensiosamente, tentando antever o que ela faria.

Ao contrário do que eu esperava, Carol afastou a cortina de um modo tão discreto que, mesmo se meus olhos estivessem fixos nela (eles fitavam o chão), eu nada conseguiria ver de seu corpo e, com um sorriso apagado e os olhos quebrados, tomou a toalha em uma das mãos e agradeceu-me num tom de voz sumido:

— Muito obrigada!

— Disponha! — respondi e deixei o banheiro sentindo-me confuso e surpreso com o fato de Carol não ter tentado me seduzir, já que ela viera pedir-me que voltasse para ela. Será que essa era uma nova tática dela para me conquistar? Ou ela tinha passado por alguma mudança? Ou tal reação dela não passava de mais um reflexo do cansaço tão evidente em seu rosto?

PERIGOSAS NACIONAIS

Fui para o meu quarto e fiquei com raiva de mim mesmo por agir como uma criança bisbilhoteira: observei Carol pelo buraco da fechadura, o que é imaturo, errado e ridículo. Mas isso me permitiu vê-la deixar o banheiro tremendo de frio, enrolada na toalha, pegar na mala uma calcinha e uma camisola de alça de cor branca e feita de tecido de algodão estampado com pequenas rosinhas, despir a toalha, vestir-se, pentear os cabelos, deitar-se no sofá e enrolar-se na coberta que eu deixara sobre ele. Em instantes, ela pareceu cair num estado de letargia bastante agitada, no qual delirava e se debatia freneticamente, murmurando frases sobre nosso relacionamento:

— Por... favor... me... perdoe... agi... errado... Magoar... eu não tive intenção... Mudei... Minha vida sem você... é impossível. Não... vivo. Errei... Eu não sabia... que o amava... Sinto... sua falta.

PERIGOSAS ACHERON

Perdoe... Eu não sei... mais o que fazer... Quero... que fique... comigo. Perdoe...

Fiquei petrificado diante do delírio febril de Carol. De início, não soube distinguir se ele não passava de um truque para chamar minha atenção e despertar minha compaixão ou se ela realmente estava doente. Eu não sabia o que fazer ou como testar se ela estava sendo verdadeira. De imediato, não me ocorreu nada, tamanho era o nervosismo e a preocupação que se abateram sobre mim; mas, poucos instantes depois, vi-me transpondo a distância entre mim e ela e tocando-lhe a testa. Quando me aproximei, ela pareceu não perceber minha presença e, com a ajuda de um termômetro, constatei que ela estava mesmo ardendo em febre.

Diante de tal constatação, não pensei, agi por impulso. Tomei Carol nos braços, coloquei-a em meu colo, aconcheguei sua cabeça junto ao meu peito e, instantes depois, instalei-a em minha cama.

Durante todo esse processo, ela não despertou e permaneceu delirando. Bastante preocupado, liguei para Fábio, que interrompeu seu descanso e atendeu-me prontamente.

Fábio era um dos meus melhores amigos em São Paulo. Médico cardiologista e cadeirante, devido a uma bala perdida que o tornara paraplégico ainda na infância, era um exemplo de vida, inclusive para mim. Pelo que sabia de sua história, nunca se deixara abater por sua deficiência, sempre fora alegre, extrovertido e bastante sociável. Dono de fartos cabelos cacheados castanho-escuros, brilhantes olhos negros e pele morena clara, era bem-apessoado e tivera várias namoradas até se casar com Ângela e ter dois filhos por inseminação artificial. Ele sempre ralhara amigavelmente comigo por perceber, durante anos, a minha cômoda solidão e o meu receio de tentar arrumar uma namorada por causa da desilusão amorosa que

PERIGOSAS ACHERON

eu sofrera com Amanda. Ele dizia-me sempre: *“Arrume uma namorada, meu amigo! Não faça gosto àqueles que nos consideram assexuados!”* Eu respondia: *“Sei que não somos assexuados, mas estou bem sozinho”*. Eu nunca lhe contara nada sobre Carol e, quando a viu, ele se surpreendeu e regozijou-se, mesmo eu dizendo que não tinha nada com ela:

— Finalmente, você resolveu seguir meu conselho e arrumar uma namorada! — afirmou ele ao avistar Carol pouco depois de eu explicar-lhe que ela tinha vindo visitar-me, mas chegara com uma aparência doentia e agora delirava num sono profundo e agitado, deixando-me preocupado.

— Fábio, ela não é... minha... namorada — embarcei-me ao afirmar. Minha voz falhou, quase negando algo que era verdade, pois realmente não existia mais nada entre mim e Carol.

— Esta não me parece uma resposta convincente — afirmou bastante observador, enquanto começava a examinar Carol.

Respirei fundo e resolvi relatar a verdade. Fábio merecia isso, éramos amigos muito próximos:

— Está bem. Ela foi minha namorada no período em que passei em Jequié — afirmei, ressaltando o verbo “foi” para deixar bem claro que era algo do passado. — E ela veio aqui tentar reatar o relacionamento, mas não reatei.

— Mas logo vocês vão reatar. Ela já está em sua cama — afirmou pouco antes de auscultar o pulmão de Carol.

— Não sei não. Meu... relacionamento com ela era muito complicado. Não sei se desejo reatar não — confessei.

Fábio auscultou o pulmão de Carol, mediu-lhe a temperatura e a pressão arterial, olhou-lhe a garganta e disse:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, de qualquer modo, espero que aconteça o que for melhor para vocês dois. Você sabe o quanto eu torço para que você encontre uma mulher com quem possa ser feliz — desejou Fábio, deixando o meu quarto seguido por mim.

— O que Carol tem? — perguntei ainda preocupado.

— Gripe, mas não é grave. Logo estará curada. É só repousar e tomar os remédios que vou receitar — Fábio respondeu-me, retirando uma caneta e um pequeno receituário do bolso de sua camisa e redigindo rapidamente em letra de forma uma receita com os remédios que deveriam ser ministrados para Carol. Ao findar a redação, ele estendeu-me a receita e disse:

— Há aqui um antipirético, um analgésico, um antitérmico e um descongestionante nasal. Também é bom que ela tenha um pouco de repouso.

PERIGOSAS ACHERON

— Muito obrigado, Fábio! — agradecei, estendendo a mão no intuito de entregar-lhe o dinheiro referente a uma consulta médica em residência. — E perdoe-me por ter atrapalhado a sua noite de sábado.

Fábio fez um gesto de recusa com a mão e garantiu:

— Não tem problema. Eu e Ângela já estamos acostumados. Vida de médico é assim mesmo.

— Mas eu faço questão de pagar. É o seu trabalho — afirmei convicto do que dizia.

— Você é meu amigo, Henri, e eu não saberia cobrar de um amigo — disse ele aparentemente constrangido.

— Eu também dou muito valor à nossa amizade. Mas, já que eu estou com o dinheiro suficiente para pagar a consulta, receba-o e atenda de graça alguém que esteja necessitando da consulta e não possa pagar. Caso algum dia eu precise e não tenha

dinheiro para pagar, aí, você me atenderá de graça, certo? — sugeri a ele.

Fábio aceitou minha sugestão, despediu-se e partiu. Em seguida, pedi os remédios para Carol ao serviço de entrega a domicílio da farmácia da esquina e, em dez minutos, eles chegaram. Então, ministrei a ela os remédios na dose indicada e deitei-me à extremidade oposta da cama de forma que houvesse o maior espaço possível entre nossos corpos.

Não adiantou. Naquela noite dormi pouco e mal. Minhas costas doíam e meu corpo parecia tenso, talvez pela posição em que me encontrava ou pelo fato de estar dividindo, mesmo sem nenhuma pretensão, a cama com Carol. Eu a amava. Isso era algo inegável, mas eu não sabia como lidar com esse sentimento e a nossa realidade. Além disso, os delírios dela me preocupavam e, quando eu conseguia cochilar, despertavam-me rapidamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi assim até às três da manhã, quando ela finalmente se entregou a um sono mais tranquilo e eu consegui finalmente dormir; mas meu sono foi agitado e limitava-se a ser uma mera repetição do que fora aquela noite para mim: o medo do pesadelo, a visão de Carol com um semblante doentio, seus delírios e a visita médica de Fábio. Enfim, tudo isso parecia dançar, desaparecer e reaparecer em meus conturbados sonhos, saturando-me e cansando-me cada vez mais.

Desesperançado de conseguir obter algum descanso, apesar do frio que sentia, levantei-me da cama às 6h30, tomei um banho quente no intuito de relaxar o corpo, vesti-me e, após forçar-me a engolir o café da manhã (eu estava completamente sem fome) e tomar um analgésico, postei-me à escrivaninha em meu quarto, onde continuei a leitura de “Subsolo Infinito” enquanto observava Carol adormecida como um anjo em minha cama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 70

Tolices

Carol

Eu fui realmente muito idiota ou muito arrogante por acreditar que seria fácil, que me bastaria apenas dizer “*vim pedir que você volte para mim*” para que Henri voltasse para mim. Reconheço também que ele seria muito estúpido se me aceitasse pronta e rapidamente depois de tudo o que eu fiz, depois do tanto que eu o magoei e da forma como desconsiderei seus sentimentos.

Outra tolice cavalgar foi ter ido diretamente do aeroporto para a casa dele sem avisar. Na verdade, eu deveria ter ido primeiro para um hotel, ter me recuperado da viagem e, só depois de encontrar-me

revigorada, ter feito uma visita a ele, pedindo-lhe que me aceitasse de volta.

Às vezes, penso que sou a criatura mais contraditória e estranha da face da Terra; pois, embora eu acreditasse piamente que Henri me aceitaria de volta sem pestanejar, também temia que isso não acontecesse e passei cerca de uma hora no aeroporto, indecisa, caminhando de um lado a outro, sem saber como deveria falar com ele, como pedir para que ele voltasse para mim e tentando adivinhar como ele reagiria — se ele sorriria, se mostrar-se-ia surpreso ou que outras emoções estariam expressas em seu rosto —, sem perceber que estava arruinando com a minha saúde e a minha aparência, que já não estavam 100% após quase um ano de merecida autocondenação por ele ter me deixado. A verdade é que, dentro de mim, eu trazia, ao mesmo tempo, a certeza de que ele me aceitaria de volta e o medo da rejeição, embora eu

PERIGOSAS ACHERON

só conseguisse enxergar a certeza da aceitação quando finalmente decidi procurá-lo.

Ao deparar-me com Henri, reparei que, ao verme, ele ficara lívido e sua expressão demonstrava evidente descontentamento e uma espécie de tédio mal disfarçado. Ele despachou-me rapidamente e eu retornei ao andar térreo do prédio com a certeza de que ele não me amava mais e de que o perdera definitivamente. Tal constatação me deprimiu assustadoramente. Senti-me como se um buraco se abrisse sob meus pés e me sugasse vertiginosamente para a queda em um abismo sem fim.

Ao ser convidada a passar a noite em seu apartamento devido à minha total falta de planejamento, eu estava tão chocada com a situação inesperada que eu mesma causara que concluí que Henri fizera isso apenas por pena e, talvez, por um mero senso de obrigação, não por amor.

Traspassada pela dor e revoltada comigo mesma, subi ao apartamento dele como um zumbi. Tudo o que acontecia à minha volta se assemelhava a uma lembrança sem foco ou a um sonho difuso, que não era capaz de despertar em mim qualquer reação, tanto que me lembro vagamente de tê-lo visto sem camisa em ambas as vezes em que me pus à porta de seu apartamento; mas não sabia se era uma visão ou uma fantasia de minha mente confusa e estava tão cansada que a visão de seus belos ombros que, outrora me despertaram ardentes desejos, não foi capaz de causar-me qualquer comoção.

Despertei às dez da manhã do dia seguinte sem saber onde estava. Sabia apenas que tudo me era estranho e que eu não conhecia aquele lugar. Apavorada, dei um pinote na cama e escutei uma risadinha abafada, mas num tom de voz grave e conhecido: a voz de Henri. Instintivamente, olhei na direção da escrivaninha e o avistei: estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

impecavelmente vestido com uma calça jeans, um casaco fechado de tricô verde musgo, que fazia um belo contraste com o azul dos seus olhos, deixando-os num tom escuro entre o azul e o verde. Apesar disso e de estar com os cabelos bem penteados, a expressão de seus olhos e as pequeninas arteríolas vermelhas que ornavam a esclerótica denunciavam um intenso cansaço que destoava do leve sorriso que se desenhava em seus lábios e flexionava suavemente suas sobrancelhas.

— Desculpe-me, mas o seu pinote na cama foi muito engraçado — disse ele, começando a rir novamente.

— Imagino que sim — murmurei num fio de voz, levando as mãos à cabeça, pois esta começava a latejar por causa do impacto proveniente da rapidez dos meus movimentos ao dar o pinote na cama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está sentindo alguma coisa? — perguntou-me preocupado e com o olhar fixo em mim.

— Só dor de cabeça; mas, fora isso, estou bem — respondi, retirando as mãos da cabeça e voltando-me para ele de modo que nossos olhares se encontraram e pareceram se unir num só, criando um silêncio cheio de expectativa e, ao mesmo tempo, de tensão.

— Você se lembra de tudo o que aconteceu ontem à noite? — perguntou-me num tom apreensivo, quebrando o silêncio e a ligação de nossos olhares.

— Nitidamente, só até o momento em que tomei banho e deitei-me no sofá da sua sala — admiti com sinceridade. — Depois... caí numa espécie de sono com sonhos muito confusos... Num deles, havia um... médico cadeirante?! — completei,

PERIGOSAS ACHERON

dando, sem querer, uma entonação que oscilava entre a indagação e o espanto.

— Por que tanto espanto ao mencionar “um médico cadeirante”? — perguntou-me Henri com um olhar inquisitivo e um tom de voz levemente crítico como se esperasse uma resposta preconceituosa.

— Não é o que está pensando. Garanto! — afirmei num tom de voz sincero. — É que eu não sei se isso, se essa visão do médico cadeirante foi um sonho, se era você e, por algum motivo, o enxerguei diferente ou se isso realmente aconteceu — expliquei, tentando disfarçar o meu temor de que ele não acreditasse em minhas palavras.

Henri balançou a cabeça afirmativamente, o que significava que ele acreditara em mim, e disse:

— O “médico cadeirante” é um amigo meu. Seu nome é Fábio e eu o chamei para ver você, pois

estava com uma febre muito alta e delirava bastante.

— Lamento ter dado trabalho a você — disse com sinceridade, olhando para a cama de casal *queen size* e questionando-me como eu fora parar ali, mas sem coragem de perguntar-lhe.

Todavia, Henri percebeu a pergunta implícita em meu gesto e em meu olhar e respondeu:

— Antes que você fique imaginando coisas, eu não aceitei você de volta e não aconteceu nada entre nós dois na última noite. Você não estava em condições e, mesmo se estivesse, não teria acontecido nada. Aliás, você nem teria dormido na minha cama e eu só a dividi com você, porque não estava bem e o sofá também não me faria bem; mas eu me mantive *bem* afastado de você e garanto que nem a toquei — enfatizou muito a palavra “bem”.

Embora eu soubesse que a merecia, aquela resposta, perpassada por uma rejeição expressa no

PERIGOSAS ACHERON

modo como Henri falava e no próprio conteúdo de suas palavras, deixou-me bastante irritada e, afastando-me da cama, concluí num tom ríspido, motivado pela dor de cabeça e pela perda do homem da minha vida devido à minha própria burrice e intolerância:

— Então, você não vai voltar para mim.

— Não foi isso que eu disse, mas também não disse que vou voltar para você — Henri afirmou num tom sério e igualmente ríspido.

— Então, você está esperando que eu me rasteje aos seus pés para me dar um não? Você quer se vingar de mim, é isso? — indaguei, transbordando de raiva por todos os meus poros.

Henri respirou fundo, contendo a tensão expressa em seu olhar e na inflexão de suas sobrancelhas, e limitou-se a dizer:

— Eu vou à cozinha pegar alguma coisa para você comer e, então, conversamos. Teremos aquela

PERIGOSAS NACIONAIS

conversa que tínhamos marcado para hoje.

— Eu vou com você — disse, tentando conter minha fúria e vestindo meu robe enquanto o seguia até a cozinha.

Ao chegar lá, deparei-me com uma mesa sem cadeiras, mas estava muito nervosa para questionar sem brigar. Decidi, então, manter-me inerte junto à mesa; mas Henri, que parecia ter recuperado a calma, esclareceu:

— Como não preciso das cadeiras e não costumo receber muitas visitas, deixo-as num canto da área de serviço. Assim, tenho uma área maior para circular com a cadeira de rodas. Mas eu vou buscar uma cadeira para você.

— Deixe que eu pego. É só você me mostrar onde fica a área de serviço — disse num tom de voz cortante, pois ainda me encontrava bastante nervosa.

PERIGOSAS ACHERON

Henri não me contestou, apenas apontou para a porta logo em frente e começou a rodar pela cozinha, enquanto eu me dirigia à área de serviço. Quando retornei, ele colocara sobre a mesa alguns remédios que eu deveria tomar, pão integral, queijo mozzarella, uma pequena cesta com algumas frutas e encontrava-se num balcão, fazendo um suco de laranja num espremedor de frutas.

— Não... é necessário fazer suco de laranja para mim — murmurei sem graça, estranhando o fato de Henri estar fazendo um suco para mim quando tudo indicava que já não me amava mais.

— Bem, embora ainda não seja cientificamente comprovado, eu acredito que a vitamina C é bom para a gripe e um suco de laranja não vai lhe fazer mal — disse Henri, terminando de fazer o suco.

Limitei-me a balançar a cabeça afirmativamente enquanto Henri trazia-me o suco. Em seguida, sentei-me à mesa e comecei a comer em silêncio.

PERIGOSAS NACIONAIS

Com o semblante aparentemente calmo, ele pôs-se à minha frente, na extremidade oposta da mesa, e disse:

— Bem, acho que agora podemos ter aquela conversa.

Olhei para Henri indecisa, pois tinha medo do resultado daquela conversa, medo de que ele não me aceitasse de volta. Como não sabia o que dizer ou de que forma reagir, eu obriguei-me a olhar para ele, avistando seu olhar de serenidade, e a balançar novamente a cabeça em concordância.

— Antes de mais nada, quero esclarecer duas coisas — Henri começou a falar num tom bastante calmo, porém duro. — Eu não estou querendo que você rasteje aos meus pés. Não pedi isso a você e não vou pedir, assim como não pedi para você vir aqui. Quando resolvi acabar com o nosso... “casinho às escondidas” me conscientizei de que se tratava de um fim definitivo, de que não teria volta.

PERIGOSAS ACHERON

Nunca imaginei que você viria atrás de mim. Quanto a me vingar de você, embora você realmente mereça isso, eu não quero, nunca quis desforrar-me de você. Se quisesse, eu já o teria feito, pois tive oportunidades para isso. Mas nunca faria isso, porque eu a amei muito — concluiu aparentemente absorto em pensamentos, dando início a uma longa pausa em nossa conversa.

— “Casinho às escondidas” — repeti em voz baixa, tomando consciência de que era assim que Henri via o nosso relacionamento e o pior era que eu sabia que eu o fizera vê-lo dessa forma. Essa constatação fez com que a minha dor de cabeça aumentasse e uma lágrima teimosa molhasse minha face. Ao notá-la, virei o rosto em direção oposta a ele para que não a visse.

— Eu queria que nosso relacionamento tivesse sido de fato um namoro, mas... — a voz de Henri oscilou um pouco e ele interrompeu como se sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aparente calma também vacilasse por um momento — foi nisso, num “casinho às escondidas”, que você transformou nosso relacionamento — completou, sem dar nenhum sinal de que percebera a comoção que eu desejara ocultar e iniciando novamente uma longa pausa em nossa conversa.

— Então, sua resposta é não — concluí, voltando meu olhar para Henri, embora eu me encontrasse emocionalmente fragilizada. Eu sentia que meus olhos estavam cheios de lágrimas, pois minha visão estava embaçada e eu piscava os olhos repetidas vezes no intuito de que as lágrimas não se derramassem em minha face.

— Não — Henri negou, abaixando a cabeça num gesto visível de incômodo e fixando o olhar nas próprias mãos que se encontravam em seu colo. Mas, inicialmente, eu não me dei conta deste gesto, pois presumi que ele iria me aceitar de volta e fui invadida por uma súbita alegria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, você vai voltar para mim! — exclamei rindo, terminando de tomar o café da manhã e tomando os remédios destinados a mim.

— Eu não disse isso — afirmou sério, brincando com os próprios dedos como se estivesse alheio à nossa conversa.

— O que você quer dizer com isso? Vai ou não vai voltar para mim? — indaguei, olhando para Henri estarecida e sem compreender qual era o objetivo dele ao deixar-me tão confusa. — Você quer me humilhar? É isso? — completei com a cabeça estourando de dor e a ponto de ter um colapso nervoso.

— Eu estou querendo dizer que eu não posso decidir isso agora. Preciso pensar — replicou ele ainda entretido com os próprios dedos para, em seguida, erguer um olhar triste para mim e garantir: — Mas eu não quero humilhar você. Não é essa a minha intenção. Nunca foi.

PERIGOSAS ACHERON

— Você só está me dando respostas evasivas! —
cobrei chateada.

Henri respirou fundo e, num gesto de contrariedade contrastante com a tristeza expressa em seu olhar, afirmou:

— Passamos bons momentos juntos, Carol. Momentos em que eu realmente fui feliz, mas você também me magoou muito — interrompeu, abaixou a cabeça para contemplar as próprias pernas; mas, instantes depois, ergueu-a, fixou os olhos em mim e afirmou: — Faz vinte e um anos que estou numa cadeira de rodas e isso não vai mudar. Mas isso não me torna inferior ou menos digno de ser feliz do que você ou qualquer outra pessoa que não tenha deficiência. Você me magoou profundamente em nosso primeiro encontro quando me rejeitou. Depois, quando ficamos juntos, você continuou me magoando ao esconder o nosso relacionamento, ao ter vergonha de sair comigo, ao sair andando e me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixar para trás, ao me tratar com indiferença quando não estávamos sozinhos e, por fim, ao afirmar para Mércia que me dava uns beijinhos de vez em quando por pena de mim e que jamais ficaria com alguém como eu! Você não tem noção do quanto tudo isso me machucou! O quanto doeu! Eu não suportaria passar por isso de novo! Para voltar para você, preciso refletir e ter certeza de que não passarei por isso novamente.

— Então, você pode me dar a sua resposta amanhã? — perguntei num tom mais parecido com uma proposta do que com uma pergunta, embora eu compreendesse o quanto o magoara, principalmente depois que concluí que o amava a ponto de não conseguir ser feliz sem ele.

— Não, não posso — negou com convicção, meneando a cabeça negativamente.

— Mas eu volto amanhã para Jequié! — protestei aflita.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sinto muito, mas não posso lhe dar uma resposta agora — reafirmou com a mesma convicção de outrora. Em seguida, deu de ombros e disse como se não se importasse com o meu pedido e com a resposta que ele iria dar-me: — Ah, eu envio a resposta para você por e-mail.

— E você não acha que a resposta que eu estou lhe pedindo é importante demais para ser dada por e-mail? — questionei indignada com a indiferença dele.

— Sim, é sim — Henri concordou com uma seriedade irritante. — E, a depender da resposta, pode modificar bastante as nossas vidas, principalmente a sua — completou, desviando o olhar de mim para fixá-lo à porta da área de serviço.

— A minha?! Como assim? — Estranhei, franzindo o cenho.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim. A sua. Eu não vou voltar para Jequié, Carol. Minha família está lá, é verdade. Mas o meu lugar é aqui. Depois de vinte anos, esta é a minha casa. Quero voltar a Jequié para passear, não para morar — explicou bastante sério e com o semblante muito duro. — Então, caso eu lhe dê uma resposta positiva e você não queira se mudar, não poderemos ficar juntos.

— Você já reparou que, o tempo todo, você dá a entender que não vai me aceitar de volta? — indaguei já desprovida de paciência, atirando minha constatação à face dele.

— Não estou fazendo isso. Estou apenas expondo as implicações do que você me pede — Henri afirmou impassível.

Respirei fundo no intuito de recuperar a calma e pedi argumentando:

— Henri, tenha um pouco de compaixão de mim! Eu não posso ficar aqui esperando você se decidir

se vai ou não me aceitar de volta!

— Você faltou ao trabalho para vir aqui? — indagou ele, me olhando indiferente.

— Não. Eu estou de férias por quinze dias a partir de amanhã, mas não dá para passar os quinze dias aqui — revelei, abaixando a cabeça para, em seguida, admitir: — Os custos com hotel e alimentação seriam muito altos. Eu não posso pagar.

— O problema, então, não é você esperar a resposta. É não poder pagar a estadia e a alimentação. É isso? — concluiu Henri ainda com o semblante duro.

— Sim, é sim — concordei, sentindo-me extenuada, pois a dor de cabeça era tão intensa que prejudicava a minha capacidade de reflexão.

— Então, fique aqui em casa — disse ele em tom sério, voltando a cabeça em direção oposta a que

PERIGOSAS NACIONAIS

me encontrava de modo que não pude contemplar-lhe o semblante.

— Certo — concordei prontamente, pois não estava em condições de refletir.

Instantes depois, Henri voltou o rosto para mim e eu pude constatar pela expressão de seus olhos, pela posição arqueada de suas sobrancelhas e pelo entreabrir e fechar indeciso de seus lábios para convergirem numa única linha reta que ele se surpreendera com a própria atitude e se arrependera dela quase instantaneamente. Pensei que ele fosse voltar atrás naquele momento, mas ele manteve-se firme. Balançou a cabeça afirmativamente num sinal evidente de aceitação forçada de minha resposta e disse, afastando-se de mim:

— Eu vou sair e só volto depois do almoço. Tem comida congelada no congelador. Na hora do almoço, é só você esquentar e comer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não tive nem tempo de agradecer-lhe de tão rápido que Henri colocou-se fora do apartamento. Era como se estivesse fugindo de mim, um náufrago tentando fugir da correnteza que o arrastava. Não encontrei alternativa a não ser resignar-me com a forma indiferente com a qual ele me tratava. Afinal, eu provocara isso.

Com dor de cabeça, limitei-me a trocar de roupa, arrumar a cama de Henri e deitar-me no sofá com um livro nas mãos no intuito de repousar e ler um pouco para que a dor de cabeça passasse.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 71

Minhas próprias contradições

Henri

Eu sou louco, masoquista e preciso de um psiquiatra! Foi o que eu pensei quando me dei conta do que tinha feito. Eu não estava suportando a presença de Carol em minha casa. Ficava nervoso e com as mãos trêmulas, temendo que eu me deixasse conduzir por meu amor cego e imensurável por ela e me submetesse ao seu preconceito contra mim. Eu tinha medo de ser usado, de ser magoado novamente e, no entanto, dera a ela a chance de repetir tudo, de magoar-me novamente. Por que fiz isso? Por que gostava tanto

de sofrer? Era o que eu me questionava enquanto deixava meu apartamento e, de carro, vagava sem rumo pela cidade até a hora do almoço.

À medida que vagava, passando por prédios, centros comerciais, praças... enfim, lugares desprovidos da agitação e do congestionamento típicos dos dias de semana, eu refletia sem parar sobre o que tinha feito e também sobre o pedido de Carol para que reatássemos o relacionamento até que a minha mente, que se encontrava obscura e perturbada desde que a deixara, começou a dar sinais de clareamento em direção à coerência necessária para que eu tomasse a resolução mais acertada em relação à proposta dela.

Cheguei, então, a conclusão de que, apesar do meu desconforto, estes quinze dias em que Carol ficaria na minha casa seriam providenciais, pois este período seria a minha chance de observá-la e até de testá-la para saber se ela mudara ou se

PERIGOSAS ACHERON

continuava sendo a mesma pessoa, se permanecia impregnada pelos mesmos preconceitos ou se, finalmente, conseguira superá-los e enxergar que eu não era inferior a ela e que estar comigo não era motivo de vergonha ou repulsa.

Eu só poderia voltar para Carol se tivesse a certeza da mudança de seu pensamento em relação às pessoas com deficiência e a observação de suas atitudes em várias situações cotidianas seria a melhor forma de comprovar se ela realmente mudara, possibilitando-me dar-lhe a resposta mais justa e acertada possível.

Entrei no restaurante onde costumava almoçar aos domingos sentindo-me muito mais aliviado e animado com esta resolução. Eu finalmente arranjava uma forma de conseguir dar uma resposta a Carol e isso me deixava até mais calmo e menos temeroso em relação à presença dela em meu apartamento. Contudo, eu não podia me deixar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

levar por meu amor desenfreado, nem me permitir seduzir por seus encantos e sua inteligência. Para tanto, eu precisava ter cuidado e lembrar-me sempre que não devia aproximar-me muito dela antes de tomar a decisão final para não cair em tentação e sucumbir aos desejos dela; pois, se ela não tivesse realmente mudado, eu sofreria muito mais do que já sofrera.

Retornei ao meu apartamento por volta das 14h e encontrei Carol adormecida no sofá, segurando com uma das mãos o livro “O Guardião de Memórias”, que jazia sobre sua barriga. Preocupado, lavei as mãos, aproximei-me dela em silêncio e toquei-lhe suavemente a testa para verificar se ela estava com febre.

Apesar da singeleza do toque, Carol despertou, arregalou os olhos com uma expressão de surpresa no rosto e murmurou com um tom de voz baixo, porém doce:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não há melhor forma de ser acordada!

— Como é que é? — perguntei-lhe confuso sem saber ao certo se ela estava se referindo a mim.

— Eu só disse que, para mim, a melhor forma de ser acordada é ser acordada por você. Só isso — esclareceu com um sorriso nos lábios.

— Ah. Você não precisa me agradar — afirmei sério sem me entusiasmar com a declaração dela.

— Eu não quis acordá-la, apenas queria ver se ainda estava com febre — garanti, desviando o olhar de seu semblante que acabara de demudar-se de risonho para taciturno ante a minha declaração.

— E ainda estou? — indagou visivelmente constrangida.

— Não, não está — afirmei o mais breve possível. — E este livro? Desde quando você lê livros com essa temática? — perguntei-lhe, apontando para “O Guardião de Memórias” que ela ainda segurava com uma das mãos.

PERIGOSAS ACHERON

— Faz algum tempo, não sei ao certo. Mas, de qualquer forma, não o comprei por causa da temática, e sim, porque me interessei pelo resumo do livro. Em geral, compro livros com base nos resumos — explicou com sinceridade, sentando-se ao sofá e, imediatamente, levando uma das mãos à cabeça, o que a fez franzir levemente a testa.

— Está sentindo alguma coisa? — perguntei-lhe realmente preocupado.

— Minha cabeça ainda dói um pouquinho, mas sinto-me bem melhor. Não é nada de mais — garantiu, encarando-me com um olhar taciturno e envergonhado.

— Você almoçou? — perguntei-lhe um pouco constrangido, pois percebi que Carol também não estava se sentindo confortável com a minha indiferença a ela, mas eu não podia ceder e mostrar-me receptivo para não correr o risco de ser magoado novamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Carol negou com um aceno de cabeça e perguntei-lhe:

— Por que não fez o que eu lhe disse? Por que não esquentou uma comida no micro-ondas e almoçou?

— Porque eu estava com muita dor de cabeça e porque não acho isso correto. Eu já estou aqui e... não quero... não me sentirei à vontade se... lhe der despesa também com comida — explicou visivelmente constrangida. — Se não se ofender, eu prefiro... sair para comer algo fora — falou, erguendo-se do sofá.

— Não, não me ofendo. Faça o que quiser, não mando em você — afirmei asperamente, dando de ombros. — Você conhece São Paulo? — indaguei com uma ponta de preocupação em meu coração.

— Não, não conheço nada aqui. Você conhece algum restaurante ou lanchonete perto daqui? —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntou pousando o livro sobre a lateral do *rack* da televisão.

— Conheço algumas lanchonetes e um restaurante. O restaurante fica a duas quadras do prédio — respondi com uma angústia nascendo em meu coração e fazendo meu estômago reagir, começando a incendiar-se.

— Bem, vou procurá-lo — Carol afirmou, dirigindo-se para a porta. Por um momento, arrependi-me de não tê-la levado comigo para almoçar.

— Cuidado para não se perder, Carol — alertei, sentindo o meu estômago agitar-se ainda mais e o meu coração gritar de medo de que ela se perdesse na imensa cidade de São Paulo.

— Vou ter que ter muito cuidado mesmo. Sou uma anta em termos de localização — concordou, destrancando a porta para sair.

PERIGOSAS ACHERON

Quando pisou na soleira da porta para sair, Carol voltou o rosto para mim, exibindo um olhar de insegurança e hesitação e indagou, ainda segurando a maçaneta:

— Henri?

— Sim? — perguntei, tentando parecer o mais indiferente possível.

— Você não quer ir almoçar comigo?

— Eu já almocei — confessei, sentindo-me tão culpado que decidi levá-la ao restaurante. — Mas eu levo você no restaurante. Vou pegar o carro, levo você lá e, quando terminar, você me liga que eu vou buscá-la.

— Se não se importar, eu preferia ir a pé. Estou precisando... caminhar um pouco — sugeri sem graça.

Entreabri os lábios para falar, mas não consegui. Essa sugestão de Carol também me deixara sem graça e bastante temeroso; pois muitas das calçadas PERIGOSAS ACHERON

não eram acessíveis e, se eu fosse cadeirando com ela, ela poderia se aproveitar desta situação para humilhar-me mais do que já fizera no passado. Todavia, resolvi aceitar o convite; pois, se ela fizesse isso naquele momento, seria imediatamente dissuadida de voltar para mim e poupar-me-ia de conviver com ela durante quinze dias e criar falsas esperanças. Então, balançando a cabeça afirmativamente, repliquei:

— Certo.

Sáímos juntos, entramos no elevador e logo ganhamos a rua. Ao contrário do que fazia em Jequié, Carol começou a caminhar ao meu lado e eu forcei-me a acreditar que isso devia-se ao fato de ela não conhecer o caminho; pois, mesmo que meu coração afirmasse que ela mudara, eu não poderia acreditar nisso sem ter provas mais concretas.

Depois dos primeiros duzentos metros, encontrei o primeiro obstáculo: havia um desnível na calçada,

PERIGOSAS ACHERON

uma espécie de degrau que eu teria que subir. Apesar de meu evidente descontentamento com a falta de acessibilidade, tentei galgá-lo com a cadeira, mas não consegui. Ele era maior do que eu esperara que fosse. Então, quando percebi que não conseguiria transpô-lo sem ajuda, manobrei a cadeira para rodar pela rua e, assim, contornar o obstáculo.

Dei as costas para Carol para descer à rua; mas, antes que eu fizesse isso, ela tocou-me o ombro e perguntou-me hesitante:

— Você... me permite... que eu o ajude? — Antes que eu respondesse, completou: — É perigoso andar de cadeira de rodas na rua! Você pode ser atropelado.

— Permito — respondi, balançando a cabeça afirmativamente, embora continuasse me sentindo desconfortável com a falta de acessibilidade. — Eu sei que é perigoso, Carol! Quase fui atropelado

duas vezes por causa disso; mas, em alguns lugares, andar de cadeira de rodas na rua é a única opção que se tem para ir e vir — expliquei.

— Meu Deus! Isso é terrível! Perdoe-me... eu não pensei... Eu não queria colocá-lo em perigo... Eu... eu sinto muito... — disse Carol pálida e muito constrangida enquanto se posicionava para ajudar-me a transpor o obstáculo.

— Esqueça e não se preocupe. Você não tem culpa da falta de acessibilidade das ruas — afirmei, fazendo um gesto de esquecimento com uma das mãos para que ela não se constrangesse mais.

Carol pareceu aceitar minhas palavras e ajudou-me a transpor o obstáculo sem mostrar-se aborrecida e, assim que me vi na parte seguinte da calçada, apressei-me a agradecer-lhe:

— Muito obrigado por sua ajuda, Carol!

— Não precisa me agradecer. Não foi nada de mais. Eu é que devo pedir desculpas por incomodá-

lo e fazê-lo sair de casa — disse, voltando a caminhar ao meu lado.

Até chegar ao restaurante, deparamo-nos com mais dois obstáculos que eu não consegui transpor e, em ambos, Carol ajudou-me com presteza e amabilidade. Durante todo o percurso que percorremos juntos, ela pareceu não notar ou não se importar com os olhares curiosos dirigidos a nós dois. Naqueles momentos, ela nem parecia a mesma mulher preconceituosa com a qual eu convivera em Jequié, parecia uma versão aprimorada da mulher que eu tanto amava.

Quando chegamos à porta do restaurante, meio sem jeito, murmurei para Carol, apontando um pequeno jardim do outro lado da rua:

— Eis o restaurante! Vou... esperá-la... naquele jardinzinho.

— Não! Entre comigo no restaurante! Por favor!
— pediu ela, visivelmente insegura, num tom de
PERIGOSAS ACHERON

súplica.

— Bem, você não gosta que as pessoas fiquem olhando para nós e... — interrompi chocado antes de concluir; pois Carol, com uma expressão irritada no rosto, ostentava a mão aberta em sinal de pausa à minha frente.

— Ah, estou pouco ligando para o que pensam! Não devo satisfações do que eu faço ou com quem estou para ninguém aí dentro! — afirmou ela com uma irritação que me deixou surpreso. — Além disso, eu não quero que você se arrisque atravessando a rua — completou.

Respirei fundo e lembrei-lhe duramente:

— Carol, eu não sou nenhum bebê! Moro aqui há mais de vinte anos e sei me cuidar! Além disso, não preciso de babá ou de superproteção por ter uma deficiência.

— Eu sei, desculpe-me! — desculpou-se arrependida, abaixando os olhos para o chão com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma expressão muito triste no rosto, o que fez com que eu me arrependesse de tudo o que acabara de dizer e da rispidez com a qual pronunciara as palavras. — Mas, por favor, sente comigo à mesa! — pediu com um tom súplice na voz.

— Está bem — concordei por fim, entrando com ela no restaurante.

Como se tratava de um restaurante self-service, sentei-me à mesa em que eu costumava me sentar enquanto Carol servia-se, movimentando o prato pelas barras de apoio em volta do balcão térmico, onde ficava uma grande variedade de comida. Ao retornar, Hércio, um dos garçons que eu já conhecia, aproximou-se de nós e perguntou:

— Deseja beber alguma coisa, moça?

— Só um suco de laranja — Carol respondeu, atenta ao prato como se estivesse tentando decidir o que comeria primeiro dentre a pequena quantidade de comida que apanhara para si.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E o senhor, Sr. Henri, deseja mais alguma coisa? — perguntou após anotar o pedido de Carol.

— Uma água de coco, Hércio — respondi.

— Volto já — disse Hércio ao retirar-se.

— Você almoçou aqui? — indagou Carol com um ponta de ressentimento na voz.

— Sim — afirmei objetivamente, sentindo-me um pouco culpado por não tê-la levado para almoçar.

— E você almoça sempre aqui — concluiu enquanto começava a comer.

— Nos domingos — especifiquei.

— Como hoje — completou.

— Sim, como hoje — confirmei receoso do que ela estava imaginando, pois seu tom de voz não era muito amigável.

— E hoje você estava acompanhado — concluiu erroneamente.

— Não, não estava — neguei veementemente.

PERIGOSAS ACHERON

— Mesmo? — duvidou, erguendo os olhos do prato para pousá-los sobre mim como se procurasse desvendar, através de meu semblante, se eu dissera a verdade.

— É verdade — afirmei com sinceridade e convicção. — Desde que... eu terminei nosso... “casinho às escondidas”, eu não me relacionei... com nenhuma outra mulher. — Fiquei embaraçado com a confissão que acabara de fazer.

— Por quê? — perguntou-me Carol, tentando afastar a ruga de descontentamento que aparecera em sua testa quando eu me referi ao nosso relacionamento como um “casinho às escondidas”.

— Porque eu não quero um relacionamento pela metade. Quero um relacionamento em que ambos se entreguem um ao outro. Quero ser amado, mas também quero amar, embora... ainda não me sinta capaz de fazer isso. Se não quero que me façam sofrer, não posso fazer ninguém sofrer —

expliquei, desviando o olhar no intuito de pôr fim à conversa, mas nem precisei esforçar-me para isso. Neste momento, Hércio aproximou-se de nossa mesa, trazendo em uma bandeja o suco de Carol, um coco verde aberto e um suporte de canudos.

Hércio colocou o suporte de canudos no meio da mesa, o suco de laranja diante de Carol e o coco à minha frente. Tirei dois canudos do suporte, introduzi-os num pequeno orifício do coco e comecei a sorver a água, sentindo-me reconfortado com o silêncio que se formara entre nós.

— Você ainda me ama, Henri? — Carol perguntou-me de supetão, terminando a comida, colocando dois canudos no copo do suco de laranja e começando a bebericá-lo.

Fiquei petrificado ao ouvir essa pergunta! Não a esperava de forma nenhuma; pois, de algum modo, acreditava que o fato de eu não lhe dar uma resposta negativa de chofre deixava claro que eu

PERIGOSAS ACHERON

ainda a amava. Além disso, também não me senti confortável para dizer naquele momento: “*Eu ainda amo você*”. Então, imergi completamente todo o meu corpo num longo momento de completa imobilidade, inclusive os meus olhos; pois, à medida que os segundos se arrastavam, a imagem de Carol e sua expectativa por uma resposta iam tornando-se desfocados e começavam a desaparecer do meu campo de visão. Forçando-me a abandonar a inércia que tomara conta de mim, pisquei várias vezes até voltar a contemplar-lhe o rosto ansioso à minha frente e balançar a cabeça numa resposta muda, porém afirmativa.

Confusa com a minha demora e com a forma como eu lhe respondera, Carol duvidou de minha resposta e repetiu sua pergunta:

— Você ainda me ama, Henri?

— Pensei... que isso era... evidente, já que não... lhe dei... uma resposta negativa quando... você

bateu à minha porta e pediu que eu... voltasse para você — respondi com dificuldade, mas sem lhe fazer uma declaração de amor. Eu ainda me sentia temeroso em admitir meus sentimentos por ela.

— Eu também o amo muito, Henri! — Carol declarou, sorrindo e cobrindo minha mão com a sua.

— Mas isso não quer dizer que eu vá voltar para você, Carol — rebati sério, afastando minha mão da dela.

— Por quê? — indagou num semblante que denotava que já conhecia a resposta e que me fez perguntar a mim mesmo se valia a pena responder àquela pergunta. Decidi responder, pois concluí que devia deixar as coisas bem claras para que ela não me acusasse de ser injusto caso minha resposta fosse negativa.

— Porque eu não fui feliz com você — afirmei num tom de voz firme e decidido.

— Eu pensei que, apesar de tudo, tínhamos tido momentos felizes juntos — Carol murmurou num semblante demudado da alegria para a tristeza em poucos instantes.

— Sim, tivemos — confirmei para, em seguida, lembrar: — Mas foram momentos entre quatro paredes. Sempre que estávamos na presença de outras pessoas, você me rejeitava, me humilhava... Era completamente indiferente a mim como se não fôssemos um casal. Isso... me trouxe muita infelicidade, abalou minha autoestima! Não quero passar por isso de novo!

— Eu sinto muito, Henri! E peço, de todo o coração, que me perdoe! — Carol desculpou-se. Seus olhos transpareciam dor e seu semblante retratava um profundo arrependimento. Contemplar estes sentimentos em sua face deixou-me confuso e eu desviei os olhos com uma pergunta formando-se em minha mente: *Carol está sendo sincera ou está*

simulando algo que não sente? Meu coração gritava que ela estava sendo sincera e que sofrera com a minha ausência. Minha mente cética corroía ferozmente meu coração, afirmando que era cedo para ter certeza e tomar decisões.

— Eu já perdooi você, Carol! — afirmei. — Mas eu sou um cadeirante, tenho uma deficiência! Isso não vai mudar! Sempre vou estar sentado em uma cadeira de rodas. E sempre vou ter limitações, mas qualquer pessoa tem limitações. E essas limitações não me impedem de ser feliz, de desenvolver minhas capacidades! — Toquei os braços da minha cadeira de rodas dando leves tapinhas neles para enfatizar o que eu falava, repetindo deliberadamente o gesto que já fizera diante dela antes de nos envolvermos em um relacionamento amoroso presencial.

— Eu sei disso, Henri. Eu nunca mais vou questionar sua capacidade, nem o rejeitar por você

PERIGOSAS ACHERON

ter uma deficiência. Nesse... quase um ano que estamos separados, eu... sofri muito! Eu... realmente amo você! Senti na pele o quanto você me faz falta e percebi o quanto você é importante para mim e como você me fez feliz! Depois de tudo isso, eu finalmente enxerguei que você não precisa andar para me fazer feliz, para que sejamos felizes juntos. Você é capaz de me fazer feliz do jeito que você é e eu o amo do jeito que você é! A cadeira de rodas e as suas limitações são detalhes ínfimos que não atrapalham nem diminuem meu amor por você — afirmou Carol com os olhos fixos em mim numa expressão que, ao mesmo tempo, revelava amor, sinceridade e o sofrimento pelo qual passara. — Reconheço, contudo, que fui muito burra por não ter enxergado isso a tempo e por ter provocado nosso rompimento por causa de um preconceito insano, infundado e, portanto, injustificado. Eu assumo toda a minha culpa por ter perdido você e

PERIGOSAS ACHERON

estou tentando consertar as coisas agora. Só não sei se ainda há tempo para isso... — completou com os lábios trêmulos e, piscando várias vezes, numa tentativa vã de afastar as lágrimas que, lentamente, fugiam-lhe pelo canto dos olhos.

Tive ímpetos de abraçar Carol, consolá-la, acariciar-lhe o rosto, secar-lhe as lágrimas e beijá-la; mas esforcei-me ao máximo e consegui conter-me. Apenas peguei um guardanapo no suporte e ofereci-lhe. Ela aceitou-o e enxugou as próprias lágrimas ainda com o olhar fixo em mim. Comovido, embora tentasse parecer indiferente, vi-me murmurando de forma carinhosa:

— Por favor, não chore!

— Desculpe-me! — disse, parecendo constrangida. — E muito obrigada... por tudo — agradeceu-me por fim.

— Vamos para casa? — propus, ainda tentando esconder o impacto emocional que as palavras dela

PERIGOSAS ACHERON

causaram-me.

— Vamos — concordou, balançando a cabeça afirmativamente num gesto tímido.

Chamei Hércio e pedi a conta, mas Carol não deixou que eu pagasse nem a água de coco que eu tinha tomado, argumentando que ela é quem tinha almoçado; então, ela é quem tinha que pagar a conta e que me ocupara pedindo para que eu a acompanhasse, o que tornava justo que ela pagasse a minha água de coco. Como a água de coco não era cara, cedi às argumentações dela, deixando que ela saldasse a conta e iniciamos a volta para casa. Durante todo o trajeto de retorno, ela ajudou-me em silêncio em todos os momentos em que precisei e, quando finalmente adentramos meu apartamento, ela agradeceu-me com fervor por tê-la acompanhado até o restaurante. Respondi-lhe que não havia feito nada de mais e pedi licença para tomar um banho. Ela aproveitou o ensejo e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntou-me se poderia tomar um banho também, ao que eu respondi que sim.

Acho que começamos a nos preparar para o banho ao mesmo tempo. Todavia, como Carol conta com mais mobilidade, iniciou e concluiu o banho antes de mim. Como eu não tinha hábito de trancar as portas do quarto e do banheiro, elas acabaram ficando entreabertas e, quando dei por mim, ela se encontrava dentro do meu quarto, numa posição que lhe permitia observar-me tomar banho. Contudo, creio que ela não tenha notado que, de onde eu me encontrava, também podia vê-la me observando.

Durante alguns minutos, meditei se deveria fingir que não vi Carol ou se mostrava a ela que eu a tinha visto. Decidi-me pela segunda opção e perguntei-lhe meio sem jeito:

— Carol, você está precisando de alguma coisa?

PERIGOSAS ACHERON

Ao ver-se descoberta, Carol estremeceu, mudou o peso do corpo de uma perna para outra, fez menção de sair do meu quarto, mas parecia tão indecisa que acabou permanecendo no mesmo lugar.

— Eu? Eu... eu... não. É que... Bem, eu... — atrapalhou-se ao tentar me responder.

— Venha cá! — chamei-a, enquanto terminava de enxaguar o meu corpo e começava a secar-me.

Carol ficou bastante constrangida com o meu chamado. Deu um passo à frente e retrocedeu, pareceu querer sair do quarto e estacou, entreabriu os lábios e não falou. Por fim, meneou a cabeça negativamente como se quisesse dizer com esse gesto que não tinha saída e adentrou o meu banheiro colocando-se à minha frente e permanecendo em silêncio.

— Você está precisando de alguma coisa? — indaguei, procurando parecer o mais natural

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

possível, embora eu me sentisse um pouco incomodado por estar despido.

— Eu... eu não — Carol balbuciou sem jeito.

Como eu dera a Carol a oportunidade de inventar uma desculpa para justificar o fato de ela estar me observando tomar banho e ela não a aproveitara, fui direto ao ponto, porém sem intenção de recriminá-la:

— Por que você estava me observando tomar banho? — perguntei em voz baixa e suave.

— Eu é... O fato é que... Eu... — Ela se atrapalhou novamente. Em seguida, respirou fundo, ergueu e abaixou os ombros num gesto de desolação e replicou: — Bem, eu quero que você volte para mim e que sejamos felizes; mas, para isso, precisamos ser sinceros um com o outro, não pode haver mentiras ou meias verdades — interrompeu, olhando para mim em busca de concordância.

PERIGOSAS ACHERON

— Concordo — afirmei, terminando de secar meu corpo e transferindo-me do banco articulado para a cadeira de banho.

— Então, eu estou admitindo que estava olhando você tomar banho, porque... eu gosto de vê-lo sem roupa. Acho seu corpo atraente, bonito — confessou meio sem jeito.

— Carol, você disse que ia ser sincera. Então, não tente “inflar” meu ego no intuito que eu a aceite de volta, pois não vai facilitar as coisas assim para você. Eu tenho plena consciência de que o meu corpo não se encontra dentro dos padrões de beleza da mídia — alertei-a num tom sério e até um pouco ofendido, porque achei que ela estivesse mentindo.

— Henri, eu não estou dizendo que seu corpo se encontra de acordo com os padrões da mídia. Estou dizendo que eu gosto da forma como seu corpo é e que me sinto sexualmente atraída por você. Isso

acontece, porque eu o amo — esclareceu, começando, sem que eu lhe pedisse, a empurrar minha cadeira de banho que, instantes atrás, eu impulsionava tocando as paredes do banheiro.

— Eu não pedi para você empurrar a minha cadeira de banho — observei, enquanto me aproximava da cama para fazer outra transferência, desta vez da cadeira de banho para a cama.

— Perdoe-me! Eu só quis facilitar as coisas para você — justificou.

— Eu sei e agradeço a você por isso, mas não me deixe mal-acostumado, pois pode ser que não fiquemos juntos — argumentei, tentando parecer indiferente às consequências do que eu falava, enquanto concluía a minha transferência para a cama.

— É, eu sei disso — murmurou com um semblante entristecido e a voz sumida. — Perdoe-me por ter invadido sua privacidade! — disse com

PERIGOSAS NACIONAIS

a voz perpassada por arrependimento enquanto caminhava para a porta do quarto e fechava-a atrás de si, deixando-me com um sentimento de culpa por tê-la rechaçado.

Estava sendo muito difícil ter Carol tão perto, mais difícil do que eu jamais sonhara. Não havia nem vinte e quatro horas que ela chegara à minha casa, eu já andava com os nervos à flor da pele e com uma oscilação de humor incomum. Eu era completamente louco por ela, totalmente apaixonado... Meu amor era tão grande que eu não era capaz de contê-lo em meu coração. Ele extrapolava-o, exprimia-se em meu olhar, expressava-se na maneira como eu reagia a ela. Mas o meu temor de ser magoado novamente e a lembrança vívida da dor que ela me causara também eram igualmente poderosos e eu sabia que eles também estavam presentes em meu coração,

PERIGOSAS ACHERON

em meus olhos, na forma como eu a tratava, em meus gestos e nas recentes explosões de humor.

Eu sentia iniciar-se um feroz embate em meu coração: o embate entre o amor — que eu sentia por ela e clamava para que eu a aceitasse de volta — e o temor de ser magoado que, a todo momento, lembrava-me da dor que ela me causara, bradando que eu devia negar-me a reatar com ela, pois isto significaria um sofrimento ainda maior para mim.

CAPÍTULO 72

Águas e encontros no cotidiano

Carol

Eu estava cada vez mais confusa. Cada vez mais, eu me questionava se Henri ainda me amava e, muitas vezes, a resposta que vinha à minha mente era negativa. A forma como ele hesitara e confirmara indiretamente que ainda me amava deixara-me ressabiada. Será que ele ainda me amava? Ou, simplesmente, estava sem jeito para admitir que não? Será que ele estava procurando a melhor forma de me dizer que não era mais possível haver qualquer relacionamento entre nós? Ou aquela era a forma que ele encontrara de

humilhar-me, vingar-se de toda a mágoa que eu lhe causara? Ele nunca me pareceu alguém capaz de vingar-se, mas... e se tivesse mudado?

No restante do domingo, pouco nos falamos. Jantamos juntos, mas foi como se o fizessemos sozinhos. Ambos ficamos de olhos baixos e pouco nos olhamos. O constrangimento que eu causara observando-o tomar banho e ajudando-o a percorrer o caminho do banheiro à sua cama pairava entre nós, embora ele não tivesse se mostrado envergonhado por sua nudez. Todavia, ele se mostrara irritado quando eu o ajudei sem pedir permissão e deixara bem claro que poderíamos não ficar juntos. Ou ele revelara, sem querer, sua intenção de despachar-me?

Na segunda-feira, Henri saiu de casa dizendo-me que voltaria mais tarde, pois iria do trabalho direto para a natação. Fiz que sim com a cabeça e resignei-me a passar o dia todo sozinha, o que

PERIGOSAS ACHERON

posso dizer que aconteceu, pois ele adentrou o apartamento às 16h com os cabelos molhados e revoltos e com alguns lugares molhados na camisa que denunciavam que seu corpo fora seco descuidada ou rapidamente. Seus olhos traziam um azul vívido e brilhante e um sorriso maroto ornava seus lábios como se ele tivesse acabado de vivenciar um momento inesquecível. Por que ele parecia tão feliz? Será que começara a se interessar por outra mulher?

— Boa tarde, Carol! — saudou-me ainda com um sorriso no rosto.

— Boa tarde, Henri! — Tentei retribuir o sorriso, mas sem muito sucesso. — Mas amanhã você vai voltar mais cedo, não é? — perguntei-lhe, rezando para que ele dissesse que sim.

— Não, pois terei que ir ao shopping. — Ele negou e, depois de estudar brevemente o meu rosto (eu não conseguia disfarçar minha curiosidade e

PERIGOSAS ACHERON

meu medo de perdê-lo para sempre), explicou: — Vou comprar uma nova sunga para mim e também algumas roupas. Talvez até chegue mais tarde do que hoje e aproveite para ver um filme numa das salas de cinema e já jante por lá.

— Eu posso ir com você ao shopping e acompanhá-lo à natação depois de amanhã? É que trouxe poucas roupas e vou ficar mais dias do que pensei. Além disso, eu gostaria de ir ao cinema também se não se importar. Como você bem sabe, Jequié não tem cinema, o que torna bastante reduzidas as minhas chances de poder frequentar um. Gostaria também de poder vê-lo nadar — pedi, justificando com sinceridade o meu pedido.

Henri ficou sério e contemplou-me por alguns instantes como se, ao mesmo tempo, investigasse o meu semblante para ver se eu tinha sido sincera consigo e refletisse sobre a melhor decisão a tomar. Por fim, suspirou e disse:

— O shopping é um lugar público, sabia?

— Sei disso — confirmei.

— Na hora de voltar para casa, mandarei uma mensagem para o seu celular e, caso se perca, me telefone, que eu tento encontrá-la.

Eu sabia o que aquilo significava. Henri acreditava que eu ainda tinha vergonha dele e, por isso, não ficaria ao seu lado no shopping. Era esse o motivo do alerta. Ele estava enganado, pois eu mudara e desejava ficar ao seu lado o tempo todo, mas eu também sabia que ele não acreditaria se eu dissesse isso. Ele precisava se convencer disso sozinho.

— Certo — concordei, embora soubesse que não iria precisar daquela recomendação. — E a natação? Vai deixar eu acompanhar você na quarta-feira? — indaguei ansiosa.

— Vou, mas compre um maiô para você e aproveite para nadar um pouquinho também —

PERIGOSAS NACIONAIS

sugeriu ele, após concordar em deixar-me acompanhá-lo à natação.

— Eu não sei nadar, Henri — revelei.

Henri meneou a cabeça, mas não respondeu nada.

No dia seguinte, às 14h, partimos juntos para o shopping. Quando lá chegamos, Henri estacionou o carro, esperei-o e acompanhei-o por todo o estabelecimento, inclusive às lojas onde compramos nossas roupas. Findadas as compras, fomos assistir a um filme e depois fomos a um restaurante jantar.

Fiz questão que sentássemos a uma mesa bem iluminada e de grande visualização para todas as pessoas circulantes. Há um ano, certamente preferiria uma mesa mais recôndita e obscurecida, de modo que ninguém pudesse me notar ao lado de um cadeirante. Mas eu realmente havia mudado!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Naquela tarde e noite em que eu passara no shopping ao lado de Henri, eu queria ser vista, expressar a minha felicidade e o meu contentamento; pois, embora Henri não tivesse me dado nenhuma resposta ainda, tínhamos agido como um casal: andamos juntos, trocamos opiniões sobre as roupas que adquirimos, conversamos alegremente, rimos juntos e, durante um momento de tristeza do filme, segurei sua mão e ele não a afastou como fizera outras vezes. Não olhei para nossas mãos unidas por medo de encontrar o olhar dele e, com isso, acabar propiciando seu afastamento, mas foi uma sensação maravilhosa sentir o calor de sua pele sob a minha.

Para jantar, pedi um frango à *parmegiana* com salada verde e Henri escolheu frango grelhado com salada e optamos por suco de laranja para beber. O jantar foi agradável, alegre e conversamos sobre diversas coisas como a bela lua cheia que ornava o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

céu, o frio do inverno, o filme que assistimos juntos. Só não conversamos sobre nós, pelo menos até aquele momento.

Quando estávamos quase deixando a mesa, uma menina de uns dois anos passou perto de nós e deixou cair sua boneca de pano. Instintivamente, curvei-me, peguei a boneca e entreguei-lhe, dizendo:

— Aqui está sua bonequinha, meu amor! — A menina era muito bonita. Negra, tinha os cabelos encaracolados com cachinhos ornados por uma infinidade de marias-chiquinhas, olhos profundos e escuros como duas pérolas negras e um sorriso doce e ingênuo como o de um anjo.

— Agradeça a moça, Bel! — murmurou a mãe da criança.

— Obrigada — murmurou a menina timidamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Disponha, meu amor — respondi e, voltando-me para a mãe, perguntei-lhe: — Como ela se chama?

— Isabel, mas todos a chamam de Bel — respondeu a mãe. — Muito obrigada, senhora... — interrompeu o agradecimento ao dar-se conta de que desconhecia o meu nome.

— Carolina. E a senhora?

— Elda — especificou a mãe que me olhava com uma expressão agradecida no rosto. — Muito obrigada, Carolina!

— Disponha! — respondi e, voltando-me para a pequenina garota, disse-lhe: — Foi um prazer conhecer você, Bel! E você também, Elda!

A pequena Bel não respondeu com palavras, mas com um sorriso largo que exibia grande parte de seus dentes de leite.

— O prazer é nosso! — disse Elda com um sorriso. — Bem, temos que ir. Obrigada

PERIGOSAS ACHERON

novamente. — agradeceu, afastando-se enquanto fazia um gesto positivo com a cabeça.

Elas se foram e eu voltei-me para Henri que ficara à margem da conversa, apenas assistindo-a e notei que ele estava pálido, parecendo, ao mesmo tempo, triste, inseguro e perturbado; mas, a princípio, não entendi o motivo de tão rápida mudança de humor e semblante. Entreabri os lábios para falar; porém, antes que eu o fizesse, ele convidou-me num tom de voz sumido:

— Vamos?

— Vamos — concordei prontamente.

Quando entramos em casa, Henri abaixou a cabeça e começou a falar em voz sumida:

— Quando nos encontramos pessoalmente pela primeira vez e você me humilhou, você disse que...

Eu o interrompi, pedindo:

— Não vamos falar sobre isso, Henri! Por favor, hoje tivemos uma tarde e uma noite agradáveis e

não vamos estragá-las lembrando de momentos ruins.

— Não, me deixe falar! Eu preciso falar! — disse Henri, num tom de pedido, e não, de negação.

Não respondi com palavras. Limitei-me a encontrar seus olhos com os meus e a balançar a cabeça lenta e afirmativamente. Então, baixando novamente a cabeça e fitando as próprias mãos que jaziam em seu colo, ele continuou:

— Naquele dia em que você me rejeitou pela primeira vez, você disse que eu jamais poderia formar uma família, que nunca poderia ter filhos...

— Ele fez uma pausa. Eu estava sentada na ponta do sofá e sua cadeira de rodas estava posicionada ao meu lado, posição que me permitia observar claramente seu rosto e vê-lo recomeçar a falar com a testa franzida, as sobrancelhas unidas e os lábios trêmulos num semblante de tristeza e contrariedade: — E você estava certa em parte.

Uma família pode ser formada apenas pelo casal, mas eu acredito que filhos podem tornar a família mais rica, mais completa. Esta é a minha concepção e eu... tenho vontade de ter filhos. — Ele suspirou, fazendo uma nova, porém breve, pausa e retomando pesaroso: — Você estava certa em parte; porque, se ficarmos juntos, pode ser que eu nunca consiga lhe dar filhos. Como você sabe, eu não ejaculo. Nestes anos todos vivendo como cadeirante, só ejaculei uma única vez... Engravidar uma mulher por meios naturais é algo muito difícil, embora alguns tenham conseguido. A maioria de nós tem filhos por inseminação artificial. Com Fábio foi assim. Embora eu tenha uma vida razoavelmente confortável, não sei teria condições para bancar um tratamento como esse. — Ele fez uma nova pausa, erguendo rapidamente os olhos cheios de lágrimas para abaixá-los novamente e, em seguida, prosseguir: — Em nosso... primeiro

PERIGOSAS ACHERON

encontro, você disse que queria ter filhos e eu... pude visualizar esse seu desejo hoje lá no shopping. Eu estou falando isso agora para evitar possíveis mal-entendidos futuramente. Se você realmente quer ficar comigo e, se eu voltar para você, você deverá estar ciente de que pode ser que eu nunca seja capaz de lhe dar filhos pelo método natural. Se seu maior desejo é ter filhos, sugiro que desista de querer ficar comigo e o momento é esse. Não vou ficar magoado. Juro. Você pode ir e evitará um sofrimento maior para nós. Acabará com essa expectativa doentia por uma resposta que está nos incomodando — concluiu com um longo suspiro, deixando que duas grossas lágrimas lhe corressem dos olhos, molhando sua face.

Entreabri os lábios; mas, inicialmente, não consegui externar tudo o que sentia e o que se passava em minha mente atônita diante das palavras de Henri. Por fim, respirei fundo e

PERIGOSAS ACHERON

comecei a falar de forma desordenada, porém sem encará-lo:

— Oh, Henri! Eu já tenho um filho! — Confusa, fiz uma pausa e corriji-me: — Mas nunca o vi, nem o tratei como um filho. Ele é uma pessoa legal, compreende-me muito mais do que eu a ele, mas eu o enxergo mais como uma espécie de irmão, não como um filho. E eu gostaria de ter um filho, mas só se for seu filho também. Não quero ter outro filho sem amar o pai dele. Se for assim, prefiro não o ter. — Fiz uma nova pausa, suspirei e ergui os olhos para encará-lo no intuito de captar sua reação, mesmo que fosse desagradável: — Sabe, nesses dez meses que ficamos separados, eu refleti muito sobre tudo o que fiz e sobre o que você significa realmente para mim. Eu via casais em que uma das pessoas era cadeirante, notava que a deficiência não os atrapalhava a ser felizes e ficava imaginando como seria conosco, como seria a nossa felicidade

juntos. Percebi que não era a sua deficiência, e sim, o meu preconceito que nos atrapalhava. Por fim, descobri que a minha vida só estará completa, só fará realmente sentido com você. — Henri tinha enxugado o rosto com as costas da mão, mas seus olhos ainda estavam úmidos e as lágrimas os deixavam ainda mais azuis e intensos, cheios de vida e de uma eletricidade amortecida pela tristeza. — Eu sei o quanto o magoei e que isso justifica todo o seu cuidado e a sua desconfiança em relação ao meu pedido de que você volte para mim. Aquela situação de hoje de noite... eu só quis ser legal com a garotinha... Não quis afrontar você ou jogar na sua cara que talvez não consigamos ter filhos se ficarmos juntos. Eu nunca vou culpar você se não conseguirmos! Só peço que acredite no que eu estou falando agora, pois é a verdade. Estou sendo totalmente sincera — concluí com lágrimas furtivas umedecendo meu rosto e, ao mesmo tempo,

PERIGOSAS ACHERON

contemplando as lágrimas que saltavam dos olhos dele.

Impulsiva, toquei o rosto de Henri, enxugando e acariciando-o. Ávida por um contato mais próximo e íntimo com ele, à medida que fazia isso, aproximava-me ainda mais. Estávamos quietos, não dizíamos uma só palavra, mas nossos lábios estavam entreabertos, ansiando por um beijo. Nossos olhares pareciam imantados um ao outro de tão unidos e estáticos que estavam. Apesar disso, numa manobra rápida e impensada, pulei para o colo dele e, com as mãos, comecei a pressionar suavemente suas costas ao mesmo tempo que me lançava para ele, para que nossos corpos se encontrassem e pudéssemos nos beijar com intensidade e profundidade num gesto de entrega total.

Nossos corpos estavam colados, nosso olhar unido num só, nossas bocas a milímetros de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

distância uma da outra e convergindo cada vez mais. Parecia que estávamos longe dali, em outro mundo, um mundo no qual só havia nós dois e mais ninguém, mais nada, nenhum tipo de discriminação, preconceito idiota ou repúdio social. Um mundo só nosso. Apenas eu e ele, Carol e Henri. Mas, repentinamente, ele piscou e piscou de novo como se seus olhos tivessem sido ofuscados por algo, talvez a luz da nossa felicidade futura, da qual ele duvidava naquele momento, e murmurou em voz baixa, afastando-me de si:

— Não podemos. Não agora, não nesse momento. Não podemos ter nenhum contato físico enquanto eu não lhe der uma resposta. Se a resposta for negativa, qualquer beijo, carícia ou até uma transa que tenhamos antes da decisão nos fará sofrer ainda mais, pois nos sentiremos usados um pelo outro.

PERIGOSAS ACHERON

Ergui-me do colo de Henri em silêncio, pois sabia que ele tinha razão e, ao notar que ele me observava deixar seu colo e endireitar o corpo enquanto esperava uma resposta, murmurei vencida e cabisbaixa:

— Você tem razão.

Henri balançou a cabeça afirmativamente num gesto indeciso, porém de confirmação, e recolheu-se ao quarto, deixando-me novamente o sofá como única forma de aconchego e conforto.

Resignada, entrei no banheiro, lavei as mãos, escovei os dentes, tomei banho e comecei a preparar-me para dormir. Do quarto de Henri, emergiam sons idênticos e ritmados como os que eu produzia no banheiro, indicando que ele fazia a mesma coisa que eu.

O clima de nostalgia e saudade em que me encontrava imersa era tão intenso que se tonou inevitável para eu imaginar Henri arrumando-se

PERIGOSAS ACHERON

para dormir e como seria se pudéssemos voltar a fazer isso juntos ali, naquele apartamento, naquele final de noite, fruto de uma tarde perfeita e de uma noite que começara perfeita e terminara em um desabafo e na constatação do amor vivo e pulsante que ainda havia entre nós, apesar das dúvidas e lembranças das mágoas que eu lhe causara ainda serem nítidas.

Na tarde do dia seguinte, às 14h, entrei novamente no carro de Henri, desta vez rumo à natação. Ele estava sério e compenetrado, parecia preocupado e não disse nenhuma palavra, mal respondeu ao meu “boa tarde” e eu comecei a indagar-me intimamente se tal distanciamento súbito devia-se a algo de errado que eu fizera ou falara. Comecei a buscar na memória todos os momentos daquele dia no intuito de tentar identificar alguma falha, mas não encontrei nada. Talvez, eu tivesse falado algo dormindo; mas, ao

PERIGOSAS ACHERON

que me lembrava, isso não acontecia quando me encontrava saudável, e sim, apenas se eu estivesse doente. Então, provavelmente tinha sido algo que eu disse em alguma de nossas conversas. Este pensamento trouxe-me à mente as lembranças da noite anterior e de seu desabafo e conclui que aquela poderia ser a razão.

— Henri, você está chateado? — perguntei intimidada.

— Não, não estou. Estou apenas pensativo, só isso — negou, desviando os olhos por um instante do caminho para dirigi-los a mim.

— É por causa de ontem, não é? — perguntei e, como ele não respondeu, concluí: — Você tem medo de não conseguir ter filhos, não é? É por isso que ontem você ficou mexido com o fato de eu ter pegado a boneca daquela menininha.

— Sim, eu tenho medo — confessou objetivamente, porém num tom de voz sumido e

PERIGOSAS ACHERON

pesaroso.

— Jamais cobrarei de você algo que você não possa me dar, Henri. Não se preocupe, nem se torture por causa disso — afirmei, tocando-lhe o braço numa carícia.

Ele tornou a olhar para mim e não falou. Apenas balançou a cabeça num gesto afirmativo, embora seus olhos transparecessem indecisão e dúvida e seus lábios estivessem levemente entreabertos era como se seu rosto me dissesse com sua expressão muda que ele desejava acreditar em minhas palavras, mas suas feridas ainda estavam abertas e mostravam-lhe o risco de uma nova mágoa.

No clube de natação, após colocarmos nossas roupas de banho, dirigimo-nos à piscina. Sentei-me no piso à beira d'água e Henri jogou-se nela num enlevo de entrega e reverência. Arrebatado e rápido, ele nadou por toda a extensão da piscina indo e voltando várias vezes por cerca de meia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

hora. Por fim, ele se aproximou de onde eu estava com um largo sorriso nos lábios, aparentando uma imensa felicidade, estendendo uma das mãos para mim e convidando:

— Venha experimentar a água, Carol!

— Como disse, eu não sei nadar... e tenho medo... — respondi sem jeito.

— Venha! Não precisa ter medo, Carol! Eu prometo que seguro você! E a água está morninha, gostosa! — insistiu com o sorriso ainda ornando seus belos lábios. — Desça por aquela escadinha ali e eu seguro você. — Ele apontou para uma escada que dava acesso à piscina.

Comovida com sua boa vontade e enfeitiçada por seu sorriso, ergui-me e comecei a descer a escada. À medida que meu corpo imergia na água a cada degrau que eu descia, meu coração inundava-se de expectativa sobre como Henri iria me segurar e

PERIGOSAS ACHERON

qual seria a sensação de sua pele junto à minha sob a água.

Quando me vi envolta por água até a cintura, abandonei minhas divagações e olhei para trás preocupada. Todavia, senti-me reconfortada ao encontrar o olhar de Henri que, logo atrás de mim, apoiou-se à escada, tocou-me a cintura e puxou-me para perto de si com confiança.

— Vamos? — indagou ele com um sorriso.

— Vamos — murmurei envaidecida pela forma como ele olhava-me e por seu sorriso que era o contraponto perfeito entre a inocência e malícia.

Sem nos afastamos da beirada da piscina, Henri disse-me com voz doce e suave:

— Carol, confie em mim! Solte-me e coloque apenas seus braços em volta de meu pescoço. Feche os olhos e sinta a água ao redor de seu corpo, a liberdade que isso lhe proporciona. Solte-se, abstraia, livre-se das suas preocupações e curta o

momento. Não se preocupe com nada! Eu não vou deixá-la se afogar.

A voz de Henri era tão calma e segura que não hesitei: cerrei os olhos e entreguei-me completamente, permitindo que eu me concentrasse e sentisse a intensidade daquele momento. Senti a suavidade de seu corpo colado ao meu: o calor aconchegante de suas espáduas e pescoço sob meus braços e mãos, a nossa respiração num idêntico ritmo tranquilo e compassado ao mesmo tempo que a água do espaço quase virtual entre nossos corpos parecia estar repleta de íons de cargas opostas que se atraíam e impulsionavam-nos um contra o outro, fazendo com que ficássemos mais próximos fisicamente a cada centésimo de milímetro que vencíamos.

Quando senti ainda mais intensamente o calor e os contornos do corpo de Henri junto ao meu, abri lentamente os olhos atônita com o prazer de todas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aquelas sensações tão simples, mas desejosa de guardar uma imagem delas como se fosse possível visualizar sensações. Além disso, embora eu não soubesse quanto ele podia sentir daquilo que eu estava sentindo, como eram estas sensações para ele e como ele reagia a elas, eu também tinha vontade de contemplá-lo naquele momento, de partilhar de sua forma de encarar tais sensações.

Ao abrir as pálpebras, dei com os belos olhos azuis de Henri pousados com intensidade sobre mim. Instantaneamente, nossos olhares se conectaram e ficamos um longo tempo, não sei precisar quanto, com os olhos fitos um no outro, simplesmente desfrutando do prazer de estarmos juntos como se alguma energia misteriosa (talvez a força do amor que sentíamos um pelo outro) nos atraísse e nos unisse irresistivelmente.

— Você... ficou linda... nesse maiô vermelho — murmurou num tom de voz baixo e sedutor.

PERIGOSAS ACHERON

— E você fica... muito sedutor... com essa sunga azul-marinho — retribuí completamente envolvida naquela atmosfera terna.

Ao ouvir isso, Henri riu. Seu riso era cristalino e musical, trazendo consigo um sentimento de amor, ornado de modéstia e alegria. Contudo, ele logo foi interrompido por Fábio que observou:

— Vocês formam um lindo casal apaixonado!

Henri olhou de chofre para Fábio com um olhar confuso e depois para mim, afirmando de um jeito emburrado:

— Ela não é minha namorada, Fábio! Já lhe falei isso!

— Sim, eu me lembro! Mas não é o que parecem estando assim tão juntos — rebateu Fábio, considerando a irritação de Henri uma brincadeira, embora fosse algo real.

Estas palavras fizeram com que Henri se afastasse de mim bruscamente; mas, temendo

PERIGOSAS ACHERON

afogar-me, puxei-o de volta para mim e expliquei:

— Somos ex-namorados. Henri terminou comigo por causa da minha estupidez em relação à deficiência dele, mas eu estou muito arrependida e vim da Bahia pedir para ele voltar para mim.

— Parece que estamos diante de uma bela história de amor, Fábio — murmurou Ângela, a esposa de Fábio, que se encontrava ao lado dele.

— Também estou achando, Ângela! — concordou Fábio.

— Bela história de amor aqui é a de vocês dois! — rebateu Henri, já recuperando o bom humor.

— Bem, Henri, nós fomos brincar e você acabou não nos apresentando à sua *amiga* — lembrou Fábio, dando uma ênfase exagerada à palavra amiga como para indicar que acreditava que eu fosse mais que amiga de Henri.

Henri deu de ombros, demonstrando que percebera o fato e, por causa de sua irritação

momentânea, preferira ignorá-lo. Todavia, ao ser questionado, fez as apresentações:

— Carol, estes são Fábio e Ângela, amigos meus daqui de São Paulo. Fábio e Ângela, esta é Carol, minha... minha... ex... ex-colega de trabalho.

Após trocarmos palavras cordiais e os tradicionais apertos de mão, Fábio voltou-se para Henri com um sorriso provocativo nos lábios e convidou:

— Vamos ver se você finalmente me vence na natação, Henri?

— Estamos quase empatando, Fábio! E, da última vez, eu venci, lembra-se? — disse Henri, rindo com ar provocativo.

— Lembro-me! — Fábio afirmou com ar de quem não se importava. — Mas também não se esqueça que eu venci cinco vezes e você quatro! Tenho a vantagem! — afirmou rindo para, em seguida, completar: — Vamos?

— Claro! — replicou Henri, voltando o rosto para mim; pois, mesmo tendo parado de olhar-me quando Ângela e Fábio chegaram, permanecíamos com os corpos quase unidos e eu não deixara, em momento nenhum, de envolver seu pescoço com os braços. — Carol, vou esperar que suba a escada da piscina e vou nadar com Fábio, certo? — disse-me ele com os olhos perscrutadores como se pedisse a minha aprovação ou estivesse querendo investigar os meus reais sentimentos sobre a disputa que ele travaria com Fábio.

— Certo. — Sorri e aceitei prontamente.

Quando pisei o primeiro degrau da escada, aproveitei que Henri ainda estava próximo a mim para colocar-me novamente de frente para ele e envolvi-lhe o pescoço com um de meus braços (enquanto segurava-me à escada com o outro), dizendo:

— Espero que você ganhe!

Henri surpreendeu-se com o meu gesto; mas, por algum motivo, não se esquivou e aceitou-o, inclusive rindo ao ouvir minhas palavras de incentivo, mas respondeu-as de forma imparcial:

— Bem, eu vou tentar, mas Fábio nada muito bem e tem mais mobilidade do que eu. Além disso, não encaro a disputa como uma competição propriamente dita. O mais importante para mim é nadar e dar o meu melhor. No final das contas, é uma grande brincadeira entre amigos!

— Eu sei, mas gosto de torcer por você! — disse, sorrindo.

Henri não respondeu, apenas fez um gesto para que eu galgasse os degraus e, assim que eu pisei o último, ele começou a afastar-se da escada, encontrando-se logo com Fábio que vinha em sua direção; pois Ângela, num impulso, içara-se para a beira da piscina sem subir a escada e já estava ao meu lado, secando-se também em uma toalha de

modo que parecíamos duas nadadoras de nado sincronizado repetindo os mesmos movimentos, só que fora da água.

A distância entre nós e os homens não era tão grande, tanto que eu pude ver Fábio postar-se ao lado de Henri, tocá-lo no ombro e perguntar:

— Prefere que eu deixe você ganhar para que você possa impressionar sua *amiga*? — Fábio continuava a insinuar, com a ênfase na palavra amiga, que eu e Henri éramos mais que amigos.

— Claro que não, Fábio! — afirmou Henri. — Você sabe que, para mim, essa não é propriamente uma competição e que o mais importante para mim é pôr-me em movimento. Além disso, se ela desistir de mim se eu perder para você, será uma prova de que não me merece.

— Você acha que ela não o ama? — perguntou Fábio surpreso com a confissão de Henri.

Henri moveu os ombros num gesto de indecisão e respondeu com a sinceridade expressa em seus olhos:

— Não sei. Carol é um mistério para mim. Tem momentos que eu acho que ela me ama tanto quanto eu a ela, mas há outros que penso que ela não me ama e apenas quer me fazer sofrer de novo.

Eu vi-me paralisada diante desta confissão de Henri e, à medida que me recobrava, entreabria os lábios para, num gesto impensado, meter-me na conversa deles que, sem perceber que eu a ouvira nitidamente, começavam a se afastar mais rapidamente para iniciar a competição, embora continuassem conversando.

Ângela, que também ouvira a conversa e percebera o que eu estava prestes a fazer, tocou meu braço com delicadeza, porém numa clara demonstração de que me reteria se fosse preciso, e observou:

— Parece que meu Fábio leva a competição mais a sério do que Henri.

— É mesmo — concordei, mordendo o lábio inferior e tomando subitamente a consciência da besteira que eu estivera prestes a fazer.

— Você ouviu o que eu ouvi? — perguntei, encarando-a, mesmo sabendo que ela ouvira. Quando a contemplei, percebi como ela era bela: loira, alta, de olhos verdes, pele bronzeada e corpo escultural.

— Sim, ouvi — confirmou meio constrangida.

— Henri duvida de meu amor por ele — murmurei ainda estarrecida.

— Há motivo para isso? — perguntou-me Ângela, fazendo sinal para que nos sentássemos nas cadeiras plásticas que estavam bem próximas de nós.

Depois que nos sentamos, meneei a cabeça afirmativamente e resolvi ser totalmente sincera

com Ângela. Era a coisa mais certa a fazer, pois eu não desejava reconstruir meu relacionamento com Henri sobre mentira ou omissão de qualquer tipo e reconhecer meus erros era a melhor forma de tentar iniciar este processo. Então, admiti:

— Sim, há sim. Eu... o rejeitei.

— Perdoe-me a indiscrição, mas... — Ângela interrompeu, olhando para mim com um olhar hesitante. Eu ergui as sobrancelhas, incentivei-a com o olhar e ela continuou: — o problema de vocês é... sexo?

— Não, nós nos entendemos muito bem neste aspecto; embora, no início, eu tenha pensado que ele não fosse capaz de satisfazer uma mulher sexualmente — confessei.

— E qual é o problema? — perguntou com um semblante confuso.

— Eu... tinha... vergonha dele, não aceitava a sua deficiência, apesar de amá-lo. Sei que é

PERIGOSAS ACHERON

contraditório, mas é a verdade e estou profundamente arrependida. Também tenho consciência de quanto o magoei por isso. Meu preconceito era muito grande... — revelei, cobrindo o rosto com as mãos devido a vergonha que agora sentia por minha atitude horrenda e também para ocultar algumas lágrimas que molhavam meu rosto.

— Mas você mudou, não mudou? — Ângela perguntou-me com um tom de preocupação tão intenso na voz que, embora eu não a olhasse, fazia-me crer que esta preocupação também estava expressa em seu rosto.

— Sim, mudei, mas sofri muito para mudar — afirmei sincera. — Eu só percebi o quanto ele é importante para mim quando ele me deixou. A ausência dele foi um sofrimento muito grande! Era como se nada mais em minha vida importasse ou fizesse sentido — confidenciei, enquanto retirava as mãos do rosto e secava-o para contemplar Henri

que nadava com uma graça e uma agilidade impressionantes, tendo Fábio ao seu lado.

— Bem, então, eu espero que vocês se reconciliem e sejam muito felizes. Fábio contou-me, naquele dia em que você chegou, que Henri é louco por você. Além disso, vocês dois se olham de uma forma que deixa transparecer o amor que sentem um pelo outro. — Desejou Ângela com os olhos focados no marido que começava a ultrapassar Henri.

— É o que eu mais quero! — admiti, observando que Henri e Fábio acabavam de tocar a extremidade da piscina e dar a volta.

Ângela sorriu e eu aproveitei para fazer mais uma confidência, embora me envergonhasse do que ia dizer:

— Sabe, quando Henri me falou de vocês, ele me disse que você não tinha nenhuma deficiência, mas foi um pouco difícil para eu imaginar você sem

PERIGOSAS ACHERON

deficiência. — Abaixei os olhos e completei com a voz entristecida: — Acho que ainda estou um pouco impregnada pelo preconceito. Lamento tanto...

— Oh, querida! Aos poucos, você vai superando o preconceito! É só continuar se esforçando para isso — disse Ângela comovida com a minha tristeza.

— Espero que esteja certa — murmurei, concentrando-me na disputa acirrada entre Henri e Fábio, enquanto Ângela fazia o mesmo.

Quando Henri e Fábio finalizaram a disputa, o instrutor de natação ajudou-os a sair da piscina e, sentados em cadeiras comuns, eles começaram a se enxugar. Respondendo a um sorriso e a um gesto de mão que a convocava a juntar-se a ele, Ângela murmurou-me um rápido “*foi um prazer conhecê-la*” e dirigiu-se apressada e feliz para junto do marido; onde, ao encontrá-lo, ela agarrou-o com

PERIGOSAS ACHERON

paixão e encheu-o de beijos, ao que ele retribuiu avidamente.

Instintivamente, olhei para Henri que se secava em uma cadeira a alguma distância de mim e de seus amigos. Ele trazia um belo sorriso nos lábios, mas não o usava para presentear ninguém. Ele fitava com intensidade a piscina e movimentava-se com displicência como se seu pensamento estivesse muito longe dali. Era como se ele nem soubesse que eu estava lá. Ao contrário do amigo, aquele era um momento que ele parecia não querer compartilhar com ninguém.

Repentinamente, senti-me uma intrusa. Eu não devia estar ali. Ele não me queria ali. Eu não era necessária. Ele vivia muito melhor sem mim, mas eu não conseguia viver sem ele. Só então esta constatação assomou à minha mente, apesar de sua obviedade, e eu senti uma grande vontade de desaparecer dali, mas não havia como: eu não

PERIGOSAS ACHERON

conhecia São Paulo e também não tinha aonde ir. Na verdade, eu só tinha duas alternativas: permanecer onde estava e esperar pacientemente até o êxtase de Henri findar-se e ele finalmente se dar conta de que eu estava ali ou ir atrás dele e enfrentar a sua reação, fosse qual fosse.

Optei pela segunda alternativa e caminhei em direção a Henri. Quando eu me encontrava a poucos passos de distância dele, ele olhou em minha direção e abriu um lindo e radiante sorriso. Todo o seu rosto era felicidade e contentamento e sorria para mim. Seus olhos de um azul intenso e vívido prenderam-se aos meus, rendendo-me de tal forma que meus lábios se entreabriram e eu não tive escolha senão entregar-me à contemplação de seu corpo magro, porém belo, ainda ornado por várias gotas d'água que, à luz colorida e morna do pôr do sol, faziam-no resplandecer de uma sensualidade inocente que a sunga usada por ele

não era capaz de ocultar. Animado, ele passou uma das mãos no cabelo molhado e revoltado, deixando-me ainda mais cativa de seu magnetismo, e disse, ainda sorrindo:

— Oi.

Por alguns instantes, não consegui falar. Estava totalmente inebriada, completamente fascinada a ponto de conseguir produzir apenas um pequeno tremor nos lábios, sem um único fio de voz. Todavia, esforcei-me para falar e, após respirar profundamente, murmurei numa voz quase inaudível:

— Oi.

— Não se preocupe. Eu não demorarei mais tanto. Já estou terminando — avisou Henri com os olhos fitos em mim, acreditando que eu estivesse entediada.

— Eu não vim apressá-lo — garanti, transpondo os últimos passos entre nós, enquanto Fábio e

PERIGOSAS ACHERON

Ângela faziam menção de deixar a piscina e acenavam em despedida para nós.

— Não? — Henri indagou, erguendo as sobrancelhas, nitidamente surpreso, enquanto retribuíamos os acenos de Fábio e Ângela.

— Não — reafirmei, encarando-o. — Eu vim dizer que estou encantada! Eu não sabia que você nadava tão bem e que é tão hábil! Você é maravilhoso! — exclamei com sinceridade, mas ele achou que eu estava tentando bajulá-lo para que ele voltasse para mim.

— Carol, eu não... — ele começou a falar subitamente contrariado, mas eu ergui uma das mãos em sinal para que ele parasse e, por alguma razão, ele atendeu ao meu pedido:

— Eu sei que você perdeu as três competições que travou hoje com Fábio, mas isso não reduz em nada seu mérito! Eu não estou puxando seu saco, estou sendo sincera! E o melhor de tudo é ver a sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

felicidade enquanto nada e que permaneceu até agora há pouco, antes de você achar que eu estava sendo falsa com você — esclareci antes que ele se convencesse do contrário.

Henri abaixou os olhos, encarando o chão num gesto e expressão de arrependimento antes de desculpar-se:

— Perdoe-me! Eu não quis ser injusto. Eu só...
— interrompeu com a nítida dificuldade de se justificar e eu sabia o motivo: para se justificar ele precisava se referir ao quanto eu o tinha magoado e isso causava constrangimento a nós dois.

— Não se preocupe! Eu sei que você sempre está na defensiva em relação a mim e que tem seus motivos para isso — afirmei, atenuando da melhor forma possível as lembranças constrangedoras. — Só não entendo por que você não nadava em Jequié! — comentei, mudando de assunto.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não devia ter parado de nadar quando cheguei lá, mas o fato é que eu fiquei tão magoado com o fato de nosso relacionamento não ter dado certo e, ao mesmo tempo, tão irremediavelmente apaixonado devido ao fato de que você estava sempre perto de mim, mesmo me rejeitando, que eu acabei deixando de lado uma série de hábitos saudáveis que tinha. Eu sei que isso não é desculpa, mas foi desta forma idiota que eu reagi. Também sei que fui eu quem se deu mal com isso — explicou, admitindo seus erros com um olhar de profundo arrependimento no rosto. Considerei estas palavras como mais uma prova de que eu não fazia bem a ele e que não deveria ter ido implorar-lhe que voltasse para mim. Eu deveria ter me conformado com a dor causada por minha burrice cavalgar.

— Você nada tão bem que a impressão que eu tive quando o vi nadar era que suas limitações

físicas tinham desaparecido — afirmei com sinceridade.

Henri balançou a cabeça negativamente e explicou:

— É que, na água, sinto-me mais livre. A sensação que tenho é de que o corpo está mais solto, como se eu adquirisse mais mobilidade, mais independência e, de fato, é isso que acontece, pois não preciso da cadeira de rodas para me locomover. Nado como qualquer pessoa sem deficiência nada, embora a técnica seja diferente. Toda essa liberdade e essa independência me deixam feliz, satisfeito. A sensação é indescritível!

— Eu percebi que você estava realmente feliz. Agora eu entendo por que você chegou em casa tão feliz depois da natação na segunda-feira — observei.

Henri meneou a cabeça afirmativamente, mas não respondeu. Então, continuei, embora eu já

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

soubesse, no instante seguinte, que deveria ter permanecido calada:

— Eu... também notei... que você é mais feliz sem mim. Então, se você não me quiser, eu vou aceitar a sua decisão, pois saberei que você estará fazendo o que é melhor para você e eu... eu também quero o que é melhor para você. — As palavras saíram de meus lábios atabalhoadamente, demonstrando o sentimento de tristeza que eu desejava esconder.

Henri ergueu os olhos para mim visivelmente chocado: as sobrancelhas erguidas, a boca aberta em sinal de perplexidade como se eu acabasse de fazer algo completamente inesperado ou ofensivo para ele. Após alguns instantes, ele passou umas das mãos nos cabelos num gesto indeciso como se não soubesse o que e como me responder e, por fim, preferiu perguntar:

PERIGOSAS ACHERON

— Você está desistindo da proposta que me fez, mesmo sabendo que eu não tenho nenhuma resposta ainda?

Eu olhei ao nosso redor e, como não tinha ninguém por perto, fixei meu olhar no dele e respondi com total sinceridade:

— Não, não estou desistindo, mas estou deixando claro que você é totalmente livre para escolher o que é melhor para você, mesmo que não seja o que eu quero, e que eu vou aceitar isso por mais que me doa. Sabe, Henri, não foi agora que tive a certeza de que eu o amo verdadeiramente e que não consigo viver sem você. Foi logo depois que você me deixou, mas minha dor mostrou-me que eu só conseguiria ser feliz se você também fosse feliz e, para você ser feliz, era preciso que eu me desvencilhasse totalmente do estúpido preconceito que eu sentia por você. Levei todo esse tempo refletindo até conseguir isso, até me sentir

PERIGOSAS ACHERON

livre desse sentimento medíocre. E, agora, eu percebi que o meu amor por você é tão grande que o que mais me importa neste momento é que você seja feliz. Percebi também que a sua felicidade pode ser não estar ao meu lado e que eu renunciarei de bom grado à minha felicidade se for para você ser feliz, mesmo que seja com outra mulher.

Terminei de falar e afastei meus olhos dos de Henri, direcionando-os à piscina por um momento e desejando permanecer assim até que ele decidisse ir embora, mas não consegui. Meu coração palpitava, minhas mãos suavam frio, ansiosas por captar alguma reação dele, algum sinal que indicasse que ele ainda me amava e que também não podia viver sem mim; mas, quando tornei a olhar para ele, caí em uma grande confusão mental e emocional.

Henri não demonstrava nenhuma comoção emocional positiva ou negativa, nenhum sinal de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amor por mim ou da falta dele e, nem ao menos, a mistura de choque e confusão que eu vira em seu olhar enquanto eu falava. Ele parecia completamente alheio a tudo o que se passara há poucos instantes como se nada tivesse acontecido e ocupava-se em transferir-se da cadeira comum onde se encontrava para a cadeira de rodas. Findo o processo, ele olhou-me com naturalidade, fingindo não perceber a decepção estampada em meu rosto e que eu não tivera forças para ocultar, porque o comportamento dele era uma forte indicação de que sua resposta seria negativa.

Eu estava torturando-me com estes pensamentos quando escutei, em algum lugar que parecia bastante longe de mim, sua voz chamando-me num acento mais interrogativo que o normal:

— Carol?

— Hã? — respondi, voltando, ainda um pouco confusa, à realidade.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos? — perguntou-me ele com um semblante perscrutador como se quisesse descobrir o que eu estava pensando.

— Vamos — assenti, tentando recompor-me.



Na noite do dia seguinte, Henri iria sair com alguns amigos para jantar, incluindo Fábio e Ângela. Seria uma espécie de comemoração antecipada do aniversário dele, que seria na quarta-feira da semana seguinte e eu imaginei que ele fosse sozinho, que não me convidaria a acompanhá-lo. Então, surpreendi-me quando o vi agindo de outra forma.

Eram umas 14h e eu acabara de arrumar a cozinha quando ele chegou do trabalho com uma expressão pensativa.

— Quer almoçar, Henri? — perguntei-lhe, dirigindo-me para sala, onde ele permanecia

PERIGOSAS NACIONAIS

parado, entregue a seus pensamentos.

— Não, eu já almocei — respondeu ele com um sorriso, embora permanecesse no mesmo lugar.

Balancei a cabeça afirmativamente e ele completou:

— Esta noite, eu vou jantar com uns amigos. É uma espécie de comemoração antecipada de meu aniversário.

— Certo. Espero que seja uma noite agradável para você — desejei com sinceridade e voltei-me para retornar à cozinha, onde estava terminando de arrumar as coisas.

— Também espero — murmurou e eu pude ouvir seus movimentos indecisos pela sala. — Você gostaria de ir também? Você gostaria de me acompanhar? — perguntou após uma longa pausa.

— Ir com você? — indaguei, duvidando do que ouvia e retornando à sala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, é. Se você quiser... — confirmou, embora sua voz agora denotasse arrependimento.

— Sim, eu gostaria de acompanhá-lo — confirmei com um sorriso. — Mas você parece que já está arrependido.

— É que pode não ser interessante para você... Você não conhece a maioria das pessoas e... e a maior parte delas é... é como eu. Não quero que se sinta pressionada para ir comigo só por que eu a convidei. — Claramente constrangido, ele tentou justificar o próprio arrependimento.

— Como você? — indaguei para ter certeza a que ele estava se referindo.

— Sim, a maioria deles possui uma deficiência — confirmou meio envergonhado, notando que eu percebera que este era o motivo de seu súbito arrependimento: suas lembranças devem tê-lo alertado e ele começou a temer que eu o magoasse ou magoasse algum de seus amigos cadeirantes.

PERIGOSAS ACHERON

Coloquei-me diante de Henri, respirei fundo, toquei-lhe o ombro num gesto que indicava que ele podia confiar em mim e garanti:

— Eu não vou magoar você ou seus amigos, Henri. Mas, se tiver dúvidas disso, não precisa manter o convite. Vá sozinho e divirta-se. Eu vou entender e não vou ficar chateada.

Terminei de falar e retirei-me para a cozinha, sem esperar sua resposta e ele não me seguiu. No fundo, ele não queria que eu o acompanhasse e convidara-me por impulso ou, talvez, por sentir-se obrigado a fazê-lo. Isso se tornara mais evidente pelo arrependimento que ele nem se esforçou para esconder e também era mais uma prova de que ele já não me amava.

Às 19h, eu estava sentada no sofá, concentrada nas últimas páginas de “O Guardião de Memórias” quando Henri assomou à porta de seu quarto (até então fechada) extremamente belo: calça jeans

negra, camisa social branca de mangas longas sob um colete de tricô preto, sapatos sociais, cabelos bem penteados, perfume sedutor, olhos brilhantes de um tom azul-escuro e sorriso provocador nos lábios. Definitivamente, naquela noite, ele era uma perdição de tanta beleza e charme.

— Vamos? — Ele lançou-me um sorriso indescritível de tão belo e sedutor.

— Eu adoraria; mas, se eu for, certamente comprometerei seu visual. Não tenho roupa elegante aqui — afirmei, encarando-o e balançando a cabeça negativamente.

— Não me importo — afirmou e o brilho de seu olhar era sincero. — Trinta minutos são suficientes para você se arrumar? — perguntou-me. Era óbvio que, naquela noite, ele estava disposto a dar-me um voto de confiança. Eu só não sabia o porquê disso ou o motivo de ele ter mudado de opinião tão rapidamente; uma vez que, no início da tarde,

PERIGOSAS ACHERON

embora se mostrasse tentado a ter minha companhia, também deixara claro suas dúvidas em relação a meu comportamento.

— Sim, é sim — afirmei, erguendo-me para procurar algo na mala que eu pudesse vestir e não destoar muito do visual de Henri, mas não encontrei. Então, optei por um conjunto de calça e jaqueta jeans cinza-escuro, uma blusa de tricô rosa bebê (que comprei no dia em que fui ao shopping com ele), calcei um sapatênis feminino na cor nude e, como meus cabelos ficavam péssimos quando a umidade do ar estava mais alta (naquela noite chovia fino), optei por prendê-los num rabo de cavalo na nuca com uma presilha de metal e passei um batom cor de boca, já que não era fã inveterada de maquiagem e não dava para fazê-la num tempo tão curto. Foi o que eu pude arranjar, mas não era um visual que combinasse com o visual dele, que

acabara de colocar em seu braço o casaco de tricô que combinava com o seu colete.

— Bem, estou pronta — falei, colocando-me diante dele. — Mas, como disse, vou estragar seu visual. Então... se quiser desistir, eu aceito numa boa. — Dei de ombros.

— Não, já me decidi. Vamos — disse com firmeza, movendo a cadeira de rodas para a porta.

Quando chegamos ao restaurante, os amigos de Henri já o aguardavam: três casais com um dos cônjuges cadeirante (dentre os quais se encontravam Ângela e Fábio), dois rapazes sem deficiência, uma moça muletante e uma moça sem deficiência. Aproximamo-nos da mesa e eles brincaram com Henri devido ao fato de ele estar chegando ao jantar acompanhado:

— Henri está deixando de ser monge!

Henri riu, mas não respondeu, limitando-se a ocupar seu lugar à mesa entre mim e Raquel, a

PERIGOSAS ACHERON

moça sem deficiência, que pareceria bem mais extrovertida do que sua irmã Adélia, uma cadeirante que estava lá com o marido.

Mesmo na companhia de Henri e já conhecendo Fábio e Ângela, senti-me tão constrangida diante de todas aquelas pessoas desconhecidas que, ao chegar, apenas respondi ao cumprimento que me dirigiram, informei meu nome, desejei a todos uma boa-noite e comecei a ansiar intimamente pelo momento de ir embora dali.

— Então, este é o nome de sua escolhida, Henri? — perguntou um dos rapazes sem deficiência. Ele era negro, alto e bastante bonito, com olhos amendoados e penetrantes que evidenciavam sua perspicácia e poder de observação, características importantes para seu cargo de diretor do Hospital Santa Mônica de São Paulo.

— Ela não é minha namorada, Marcelo — Henri apressou-se a negar educadamente, porém com a

PERIGOSAS ACHERON

expressão séria.

— Sou a ex-namorada — apressei-me em dizer, sentindo-me bastante desconfortável.

Raquel deu uma gargalhada e disse em alto e bom som:

— Então, quer dizer que ainda tenho chance?

Ao ouvir isso, não me contive: avaliei-a de cima a baixo e notei o quanto ela era bonita e arrumada: loura, com os cabelos encaracolados acima do ombro, maquiagem forte reforçando o verde profundo de seus olhos e roupa toda negra, composta de vestido curto e justo de couro, acompanhado de casaco do mesmo couro, meias pretas cobrindo toda a extensão de suas longas pernas e botas de bico e salto finos. Ela não parava de balançar seus cachos de anjo, mas trazia uma malícia perpassada de graciosidade em seu olhar como se ela fosse a predadora e Henri fosse a presa em potencial. Não pude evitar ser invadida por uma

PERIGOSAS ACHERON

grande fúria de ciúmes, a qual tive que engolir com avidez, apesar de queimar profundamente minhas entranhas, pois era o melhor a fazer. Então, permaneci imóvel e quieta, mesmo tendo a corrente elétrica do ciúme circulando buliçosa por todo o meu corpo numa dança interior frenética.

— Estou pensando seriamente em voltar a ser monge! — rebateu Henri com uma pontada de aspereza, disfarçada de brincadeira, em sua voz e um sorriso desdenhoso nos lábios.

— Ah, é? Mas, pelo jeito, você ainda está disposto a vagar pelo mundo mundano antes de se recolher de volta ao mosteiro e eu sou a próxima da fila! — Raquel afirmou, lançando-me um sorriso desafiador que diz *“você não é páreo para mim”*.

Dei de ombros e respondi a Raquel com um olhar de indiferença como se não me importasse nem um pouco com o estrago que ela podia fazer em meu sonho (pois, naquele momento, eu via mais como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um sonho do que como algo seguro) de reconquistar Henri, mas eu me importava. O meu amor por ele fazia meu coração se contorcer de dor e o ciúme eletrocutava minhas entranhas lenta e sadicamente.

Para piorar meu estado de nervos, Henri curvou-se para ela com um sorriso nos lábios e começou a cochichar em seu ouvido enquanto ela sorria com uma expressão de vitória nos olhos verdes e faiscantes. Não quis ver o desenrolar do flerte entre eles. Pedi licença para ir ao banheiro, ergui-me e afastei-me o mais rápido que pude.

Quando cheguei ao banheiro, eu não sabia o que fazer. Por mais que eu estivesse com ciúmes e me sentisse magoada, não tinha o direito de cobrar nada de Henri, mas também não queria vê-lo flertando com ninguém e, na verdade, não tinha como competir com a beleza de Raquel.

PERIGOSAS ACHERON

Então, por mais que fosse desagradável, decidi-me a demorar o máximo possível no banheiro: chequei o meu batom, as sobrancelhas, o cabelo, as roupas e o sapatênis; caminhei de um lado para o outro parecendo uma louca; imaginei quantas vezes Henri já teria beijado Raquel enquanto eu estava ali remoendo o fato e se ele teria segurado a mão dela carinhosamente como costumava fazer com a minha; contei quantos azulejos amarelos havia em uma tira vertical de azulejos; observei o estado das pias, vasos sanitários e torneiras; observei o padrão da madeira do forro do teto e, inclusive, contei quantas partes de verniz gasto havia nele. Já estava neurótica quando resolvi investigar meu próprio rosto até conseguir forjar uma expressão impassível e, assim, ser capaz de deixar o banheiro.

Eu não sabia quanto tempo tinha ficado no banheiro, mas não me surpreendi quando cheguei à mesa e o jantar já se encontrava lá. O que me

PERIGOSAS ACHERON

surpreendeu foi o fato de Raquel não estar ao lado de Henri, e sim, em uma mesa lateral, rindo, conversando e jantando com outro cadeirante que não parecia fazer parte do grupo de amigos de Henri.

Disfarcei o espanto, sentei-me à mesa ao lado de Henri no mesmo lugar onde eu estivera antes e jantei ignorando, desde que retornei, o olhar interrogativo dele que parecia questionar-me o motivo de minha demora no banheiro.

O jantar continuou no mesmo ritmo alegre e descontraído de antes, perpassado por pilhérias, mas também com conversas sérias. Todos estavam bastante à vontade, exceto eu, afinal eles eram amigos de Henri de longa data e eu acabara de conhecê-los. Além disso, era tímida e senti-me bastante desconfortável por causa do comportamento de Raquel quando eu e ele chegamos ao restaurante. Todavia, não posso negar

PERIGOSAS ACHERON

que me senti um pouco aliviada ao vê-la em outra mesa, embora o alívio tenha durado menos do que eu gostaria.

Após o jantar, trouxeram um bolo de aniversário para Henri e, como era de se esperar, Raquel retornou à mesa, juntamente com seu novo amigo, para partilhar o momento com o aniversariante e seus amigos.

— Pessoal, este é o Marcos! — disse ela ao se aproximar da mesa.

— Marcos, estes são meus amigos, Ângela e Fábio, Érik e Marna — disse apontando para um casal cujo marido era cadeirante —, minha irmã Adélia e seu marido Jonathas — continuou apontando para a irmã e o marido dela —, Karen — falou, apontando para a moça muletante —, Marcelo, Eraldo — prosseguiu, apontando para os dois rapazes sem deficiência —, Henri e a ex-namorada dele... — E, voltando-se para mim, PERIGOSAS ACHERON

perguntou-me com um sorriso: — Eu esqueci seu nome, meu amor! Como se chama?

— Carolina — respondi com um sorriso forçado nos lábios quando, na verdade, gostaria de fazer uma careta.

— Ah, e Carolina! — Raquel repetiu num tom de voz zombeteiro, enquanto se sentava entre Henri e seu novo amigo Marcos, um cadeirante também muito bonito.

Senti-me profundamente aliviada quando, ao terminar seu pedaço de bolo, Henri decidiu ir para casa, alegando que tivera um dia cheio e se encontrava cansado, apesar dos protestos de seus amigos. Para não mentir, nem precisar reconhecer que estava louca para ir embora, permaneci calada o tempo todo, limitando-me apenas a dizer “*tchau*” ao levantar-me para acompanhá-lo.

No carro, antes de dar a partida, Henri voltou-se para mim com um olhar preocupado e indagou:

— Por que você se demorou tanto no banheiro? Fiquei preocupado... Estava quase pedindo a uma das meninas para ver se você estava bem quando você chegou...

Confesso que tive que me conter para não dar a Henri uma resposta irônica e, só não o fiz, porque notei a sinceridade e a preocupação nos olhos dele. Então, suspirei, lamentando ter que responder, abaixei os olhos para as minhas mãos (que se encontravam pousadas em meu colo) e repliquei com a voz sumida:

— Eu só não quis ver você flertando com Raquel.

Henri deu a partida no carro e rebateu com o olhar indignado, embora seu tom de voz fosse calmo e comedido:

— Eu não estava flertando com ela!

— Ah, não? — perguntei com ironia na voz. — Vocês dois estavam bem próximos fisicamente, PERIGOSAS ACHERON

ambos sorriam de “orelha a orelha” e você cochichava no ouvido dela! Se isso não é flerte, eu não sei o que é — afirmei, tentando, sem sucesso, disfarçar a irritação que sentia; mas, em seguida, dei de ombros e completei: — Mas eu sei que eu não tenho o direito de achar ruim. Você é totalmente livre para se relacionar com quem quiser! Eu só não sou obrigada a ficar assistindo.

Henri balançou a cabeça afirmativamente, mas rebateu, olhando-me de soslaio com ar de descontentamento:

— Sim, eu sou livre e você não é obrigada a tomar parte de minha vida; mas, como dizem, nem tudo o que parece é e eu não estava flertando com Raquel. Apenas escolhi a forma mais educada possível para dizer que eu a acho linda e inteligente... Enfim, uma pessoa maravilhosa de quem gosto muito — Henri fez uma pausa e olhou para mim, perscrutando o meu rosto que, imagino,

devia estar horrível, pois cada uma de suas palavras parecia um espinho sendo cravado em meu coração —, mas não da forma como um homem gosta de uma mulher. Reafirmei que o que eu sinto por ela se resume à amizade e à admiração pela competência profissional que ela tem como fisiatra, mas nunca poderá ser amor. Como eu tenho muita consideração por ela, preferi lembrá-la disso de forma que só ela escutasse, pois não queria constrangê-la — completou, dirigindo novamente o olhar para mim para ver minha reação.

Diante da explicação de Henri, eu não sabia o que falar. Então, ele aproveitou a oportunidade e disse num tom de voz ofendido e visivelmente embaraçado, sem olhar para mim:

— Pensei que você tinha acreditado em minhas palavras. Eu não disse para você que... que ainda... gosto de você e que só teria me envolvido com

PERIGOSAS NACIONAIS

outra pessoa se já tivesse deixado de gostar de você?

— Eu acredito em você, Henri, mas... — interrompi sem coragem de admitir a insegurança e a culpa que corroíam meu âmago e, por isso, preferi também não olhar para ele.

— Mas? — interrogou, voltando um olhar inquisitivo para mim.

— Mas eu sei o quanto eu magoei você e também que isso lhe dá o direito de começar a gostar de alguém sem ter a obrigação de me avisar que isso aconteceu — respondi, tentando reprimir a angústia que sentia. — Pensei que isso podia ter acontecido, pois aquela mulher é tão... bonita e estava claramente dando em cima de você — admiti por mais que isso ferisse o meu orgulho.

Henri deu um suspiro de enfado, encarou-me por alguns instantes, mas desviou o olhar para a rua à sua frente e afirmou:

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, ela é linda e estava realmente dando em cima de mim; mas, se eu realmente quisesse ficar com ela, teria ficado há uns dez anos quando a conheci. Naquela época, ela já dava em cima de mim e eu nunca a quis, não porque ela é meio treloucada. Isso não me importa, pois sei que, no fundo, isso é só uma fachada. É porque não me sinto atraído por ela mesmo, apesar de já ter desejado muito isso, pois sei que ela jamais me discriminaria. E...

— Como sabe que ela não o discriminaria? — perguntei incrédula, arregalando os olhos para ele.

— Ela tem um “fraco”, uma espécie de atração por cadeirantes. Sei lá... Não sei explicar, mas sei que ela gosta, se sente atraída. Desde que a conheci, todos os namorados que ela teve eram cadeirantes. Marcelo é louco por ela, mas ela nem “dá bola” para ele. Uma vez até brinquei com ele. Falei que, se ele fosse cadeirante, talvez tivesse

PERIGOSAS ACHERON

mais chances com ela. E não é que ele concordou comigo? — Henri esclareceu com os olhos fitos na entrada da garagem do prédio. — É, ela é o contrário de você, não é? — disse com sarcasmo na voz, enquanto entrava com o carro na garagem.

Pode até não ter sido a intenção de Henri, mas esta pergunta atingiu-me como um punhal e eu fiquei alguns instantes boquiaberta sem saber o que responder, mas depois me limitei a afirmar enquanto ele parava o carro em sua vaga:

— Eu mudei, Henri.

Ao ouvir isso, Henri não respondeu, apenas me encarou e ergueu as sobrancelhas numa clara demonstração de que duvidava de minha mudança na forma de pensar e, conseqüentemente, no modo de agir.

E eu, cada vez mais, me convencia que, embora Henri dissesse o contrário, ele já não me amava ou, pelo menos, não como antes. Tudo me levava a crer

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele não voltaria para mim e, mesmo sabendo que isso me machucaria profundamente, eu aceitaria sua decisão, fosse qual fosse.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 73

Observações furtivas

Henri

Confesso que me arrependi profundamente de insinuar que Carol continuava sendo preconceituosa, pois a reação dela atingiu meu coração como se o golpe que eu desferi contra ela tivesse ricocheteado e voltado para mim. Ironicamente, eu sentia-me como se acabasse de cometer uma injustiça, mas não sabia se isso era verdade ou apenas uma impressão enviesada pelo amor que eu ainda nutria por ela. Seu semblante atônito e entristecido ficou retornando à minha mente por várias vezes naquela noite, inclusive durante o sono, trazendo consigo outras lembranças inquietantes como as palavras que ela me dissera à

beira da piscina após a natação, fazendo-me despertar e permanecer acordado por várias horas na madrugada.

A sinceridade resplandecente nos olhos de Carol e suas palavras veementes afirmando que eu devia tomar a decisão que fosse melhor para mim, mesmo que não fosse a melhor para ela ou a que a faria feliz, deixaram-me profundamente confuso desde que eu as ouvira e assolavam meus pensamentos desde então. Será que era verdade? Ou será que era uma estratégia para ela conseguir o que queria? Ela amava-me tanto assim? Conseguira finalmente desvencilhar-se do preconceito ou queria apenas humilhar-me novamente? Meu coração afirmava-me que ela, de fato, mudara e as reações dela indicavam isso, mas minha cabeça dizia-me que eu devia ter cautela, que quinze dias era um tempo muito curto para constatar se, de fato, ela mudara.

PERIGOSAS NACIONAIS

Na madrugada, passei cerca de uma hora contemplando o teto branco de meu apartamento e o meu reflexo no espelho que o ornava, refletindo sobre estas questões e sobre que resposta dar a Carol; já que, com o passar dos dias, ao invés de sentir-me cada vez mais seguro referente à decisão que deveria tomar, eu sentia-me cada vez mais confuso e, aparentemente, mais distante de tomar uma resolução.

Entediado pela total ausência de um acordo entre a minha racionalidade e o meu coração, resolvi ignorar a garrafinha de água que eu sempre colocava no criado-mudo para consumo noturno e ir tomar água na cozinha. Embora não tenha percebido o meu próprio intento quando tive essa ideia, reconheço que o que eu queria era um pretexto para vê-la. Este era o pretexto mais estapafúrdio possível e, talvez, menos convincente,

PERIGOSAS ACHERON

caso ela estivesse desperta ou acordasse com o ruído da cadeira de rodas pela casa.

Transferi-me para a cadeira de rodas e transpus a sala, aproximando-me bastante do sofá no qual ela se encontrava encolhida e aparentemente adormecida. Num ímpeto avassalador, ergui a mão para tocá-la, mas forcei-me a parar, com o intuito de não a tocar. Ela dormia tranquilamente, bela como um anjo e com o semblante descontraído, aparentemente despreocupado.

Eu não podia ficar ali. Se ficasse, certamente sucumbiria ao desejo de tocá-la e a consequência disso seria cair em um relacionamento que poderia resultar para mim na amargura e na infelicidade do preconceito. Ciente de minha imprudência e ávido para fugir dali, acabei fazendo uma manobra impensada com a cadeira de rodas e choquei-me contra o sofá em que Carol dormia, provocando um barulho surdo, porém capaz de abalar seu sono.

— O que foi, meu amor? — murmurou ela com os olhos cerrados em meio ao sono, sem ter a real noção do que acontecera.

— Não foi nada, Carol. Volte a dormir — sugeri docemente, afastando-me o mais depressa que pude, retornando ao meu quarto e rezando para que, no dia seguinte, ela não se lembrasse de nada.

Se Carol registrou este incidente como um acontecimento real, não deu mostras disso nos dias que se seguiram, mas eu tornara-me ainda mais inquieto e torturado pela indecisão que me assolava e precisava fazer algo que me conduzisse ao caminho da decisão, que clareasse os meus pensamentos.

O contato com os livros sempre fora mágico e prazeroso para mim, algo capaz de apaziguar meus pensamentos, aliviar minhas preocupações e até fazer surgir soluções para muitos de meus problemas. Então, acordei na manhã de sábado

decidido a ir à biblioteca e vagar pelas estantes de livros com o intuito de ordenar meus pensamentos e aquietar meu coração.

No café da manhã, comuniquei a Carol que iria à biblioteca e ela pediu-me para ir junto comigo. Não pude negar e imaginei que o passeio destinado a ser de reflexão, poderia receber outra conotação com a presença dela.

Algun tempo depois, vagávamos os dois entre as imensas estantes de livros da biblioteca. Carol também tinha muito gosto por livros, embora apreciássemos gêneros distintos. Em muitos momentos, quando eu não conseguia ver algum livro numa prateleira mais alta, ela pegava o livro para mim com um sorriso no rosto, sem indicação nenhuma de sentir vergonha por causa disso.

Tudo parecia perfeito até o momento que eu notei que um homem sem deficiência e bastante elegante fitava Carol insistentemente numa clara

PERIGOSAS ACHERON

evidência de interesse por ela. Sem perceber que era abertamente paquerada, ela continuava a agir normalmente, sem nenhuma mostra de envaidecimento ou constrangimento com a atitude do homem. Na verdade, eu é que me senti constrangido. Repentinamente, senti-me como uma grande vela de sete dias, um grande obstáculo para a felicidade dela, embora não soubesse se ela desejava aquilo ou se ele realmente podia fazê-la feliz. Só sei que algo me impeliu para longe dela para que ele pudesse se aproximar. Seria curiosidade? Um teste? Masoquismo? Não sei, pois, naquele momento, não agi com a razão, agi por impulso.

— Eu vou numa prateleira de metodologia da pesquisa científica — disse, manobrando a cadeira para afastar-me.

— Eu vou com você — disse Carol, fechando um livro que acabara de abrir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. Fique. Você ainda nem começou a olhar este livro que tem em mãos. Não me demoro — recusei sua companhia, enfatizando isso com um gesto de “pare” com uma das mãos.

Carol dirigiu-me um olhar desapontado, mas não respondeu, limitando-se a menear a cabeça afirmativamente e a permanecer onde se encontrava.

Enquanto eu me afastava, olhei furtivamente na direção do homem que a observava e percebi que ele caminhava na direção dela com certa rapidez. Ao chegar à prateleira dos livros de metodologia da pesquisa científica, não consegui nem sequer ler os títulos das lombadas. Fui acometido por uma sensação de perda muito grande e resolvi retornar, nem que fosse para lamentar meu erro e ter que vê-los flertar, o que me machucaria muito. Todavia, decidi ter cautela e voltar sem ser visto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao notar que eles conversavam sem perceber minha aproximação, consegui colocar-me próximo deles, permanecendo oculto atrás de uma prateleira de livros, e ouvir a conversa que travavam um com o outro.

— Não, eu não sou daqui. Estou apenas visitando a biblioteca, fazendo um turismo por assim dizer — Carol disse com um tom de voz displicente.

— Posso acompanhá-la em sua visita? — perguntou o homem num tom de voz sugestivo.

— Não, obrigada. Já estou acompanhada — afirmou.

— Acompanhada? Por quem? — duvidou o homem.

— Por um rapaz que estava comigo até agora há pouco, mas ele já está voltando — Carol respondeu ainda num tom displicente.

— Aquele aleijado que estava perto de você? — ele indagou com um tom de voz crítico.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por favor, não se refira a ele com termos pejorativos! Aquele rapaz cadeirante é, sim, o meu acompanhante. Ou melhor, eu pedi para ele me trazer aqui — Carol afirmou num tom de voz irritado.

— Ora! Mas você merece coisa melhor do que um meio homem, não acha? — ele desdenhou.

— Ele não é um meio homem, é um homem completo — afirmou com um tom de voz que denotava raiva. — Agora, se me der licença... — pediu ela numa clara indicação de que desejava se afastar dele.

— Como um homem morto da cintura para baixo pode ser completo? Está enganada se acha que, um dia, ele poderá satisfazê-la — tornou o homem.

— Eu não só acho, como tenho certeza que ele poderá me satisfazer — afirmou com a voz perpassada de raiva. — Agora, solte o meu braço! — exigiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A simples ideia de que aquele homem desconhecido retinha Carol pelo braço ferveu o sangue em minhas veias e eu tive ímpetos de aproximar-me deles e exigir que ele a soltasse; mas, ao recordar que ele não faria nada de mal com ela ali, tentei acalmar-me para aguardar o desfecho da conversa entre os dois.

— Como queira, moça! Vá para junto de seu meio homem! — desdenhou o desconhecido.

— Cuidado com o preconceito, senhor! Ele pode feri-lo profundamente! — aconselhou Carol com raiva na voz.

Em seguida, ouvi passos em direção às mesas e, como não desejava dedurar-me, segui para a prateleira de livros de metodologia da pesquisa científica e forcei-me a olhar uma meia dúzia deles, embora meu coração e minha mente gritassem em coro para que eu fosse ter com Carol.

PERIGOSAS ACHERON

Quando finalmente retornei, trazendo um livro de metodologia da pesquisa científica nas mãos, aproximei-me de onde Carol se encontrava e fiz menção de retirar uma cadeira do lugar para posicionar-me à mesa, mas ela adiantou-se, erguendo-se enquanto dizia com um semblante amargurado:

— Eu faço isso.

Não tive tempo para aceitar ou negar a ajuda, pois ela já tirava a cadeira e manobrava a minha cadeira de rodas, colocando-me à mesa, enquanto endereçava um olhar ferino ao desconhecido em uma mesa na extremidade oposta do salão como se dissesse “*prefiro a companhia dele à sua, mesmo que ele não possa andar*”. Ao terminar, ela lançou-me um sorriso sincero e disse, sentando-se e retomando o ar taciturno:

— Pronto.

Olhei para Carol intrigado, esperando que ela me relatasse o acontecido, mas ela não disse nada. Parecia esforçar-se para esconder a evidente contrariedade que sentia e perguntou-me, forçando um sorriso:

— E os livros de metodologia?

— Alguns dos livros que há lá, eu já tenho, mas trouxe este aqui para você ver — respondi, sendo sincero. — E quanto a você? Parecia interessada naquele romance que você segurava nas mãos... — indaguei, esperando novamente que ela me contasse o que acontecera.

— Sim, parece bastante interessante, mas... — interrompeu.

— Mas? — indaguei ansioso para ouvir o relato.

— Mas eu prefiro comprar o livro e lê-lo em casa — afirmou com um olhar sincero. — Além disso, aqui não é tão tranquilo quanto parece — completou ela com um ar de enfado enquanto

PERIGOSAS NACIONAIS

folheava com impaciência o romance ao qual eu me referira.

— Como assim? — perguntei, já perdendo as esperanças de que ela fosse me contar algo.

— Nada. É que hoje eu não estou num dos meus melhores dias — respondeu evasiva, oscilando nervosamente o olhar entre mim e o livro.

— Quer voltar para casa? — perguntei, desejando que ela dissesse que sim, pois eu também estava ansioso para deixar aquele lugar, não por medo do preconceito demonstrado por aquele homem desconhecido, mas sim pelo fato de que vê-la tão incomodada deixava-me desnorteado.

— Gostaria, mas não quero atrapalhá-lo. Então, se você quiser ou precisar ficar mais, eu o espero. Não tem problema — afirmou hesitante, ainda repetindo o mesmo gesto nervoso com as folhas do livro.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, também quero ir para casa — admiti; pois a paz de espírito para a reflexão que aquele lugar me transmitia fora estranhamente embora quando Carol não fizera referência ao episódio que acabara de acontecer.

Em todo o caminho de volta para casa e durante o restante do dia, eu não consegui pensar em outra coisa. Por que Carol não me contara o que aconteceu? Durante o diálogo com o homem desconhecido, o tom de voz dela denotava irritação com a forma que ele se referira a mim, mas será que ela estava sendo sincera? Por que ela permanecera irritada? Será que estava com vergonha de mim? E por que pareceria estar nos exibindo para o homem enquanto me ajudava a postar-me à mesa? Será que ela realmente mudara? Será que ela superara o preconceito e minha deficiência não mais a repugnava? Era difícil para eu encontrar estas respostas sem ter olhado para o

PERIGOSAS ACHERON

rosto dela durante seu diálogo com o homem desconhecido ou sem ter tido a oportunidade de vê-la relatar o que acontecera.

Dar uma resposta a Carol, decidir se voltaria para ela ou não, estava se tornando mais difícil do que eu pensei que seria.



Na segunda-feira, à tarde, surpreendi a mim mesmo ao ver-me pedindo a Carol que me acompanhasse ao supermercado. Nunca tinha pedido isso a ela. Quando estávamos vivendo como um casal em Jequié, sempre fazíamos compras separados, pois sabia que ela tinha vergonha de mim. Apesar de não ser muito fácil guiar a cadeira de rodas e comandar um carrinho de compras ao mesmo tempo, por morar sozinho há vários anos, habituei-me a isso, embora às vezes, durante as

compras tivesse que pedir a alguém para pegar um ou outro produto numa prateleira mais alta.

Eu não sabia ao certo por que estava pedindo ajuda para Carol agora, ou melhor, sabia: inconscientemente, acabei dando a mim mesmo a chance de testá-la novamente. Não era um teste premeditado, mas era um teste importante e necessário para orientar-me na decisão que eu precisava tomar. Eu queria ver mais uma vez como ela se comportava em um local com muitas pessoas e acrescentar a esta situação alguma dificuldade (como a necessidade de ajudar-me a pegar objetos) para ver como ela reagiria.

Ao contrário do que eu imaginava, Carol pareceu feliz em acompanhar-me ao supermercado, abriu um amplo e sincero sorriso e disse:

— Claro! Será um prazer acompanhá-lo.

Chegamos ao supermercado e iniciamos as compras. Carol ofereceu-se para empurrar o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carrinho e, por ser mais fácil para ela do que para mim, aceitei prontamente, grato por não ter que ficar pedindo ajuda a pessoas desconhecidas para pegar os produtos de prateleiras mais altas, embora muitas vezes eu tenha me deparado com pessoas prestativas e, em muitas outras também, com pessoas que ignoraram meu pedido.

As compras seguiam animadas até o momento em que nos deparamos com uma ex-colega do ensino médio de Carol. A moça era bem arrumada e parecia uma pessoa de excelente condição financeira. Ao ver-nos, olhou-nos com um olhar crítico de cima a baixo. Imagino que Carol tenha percebido o olhar dela, pois a saudou com um sorriso constrangido nos lábios:

— Olá, Ágata! Como vai? Há quanto tempo não nos vemos! É incrível que, com tantos lugares em Jequié, fui encontrar você logo aqui!

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou ótima! — afirmou Ágata com um sorriso de superioridade nos lábios cor de carmim. — Faz realmente muito tempo que não nos vemos! É que estou morando aqui em São Paulo. E você? Como está? — perguntou com um ar indiferente.

— Eu também estou ótima — afirmou Carol, visivelmente incomodada e eu imaginei se ela estava com vergonha de mim ou se era a empáfia da ex-colega que a constrangia. — Este é Henrique... — Ela começou a me apresentar, mas a colega a interrompeu e disse:

— Eu não sabia que você tinha se tornado enfermeira.

— Não, não sou enfermeira e Henrique não é meu paciente. Ele é meu... meu... — Carol empalideceu e lançou-me um olhar aflito como se pedisse socorro. Eu sentia-me tão perdido quanto ela, embora por um motivo diferente, pois eu não sabia se ela estava com vergonha de admitir suas

intenções para comigo ou se estava irritada e angustiada com o evidente preconceito de Ágata. Como a insegurança de Carol parecia palpável, meneei a cabeça para ela com um gesto que nem eu mesmo sabia o que queria dizer e ela suspirou, completando em seguida: — Ele é meu pretendente.

Ágata fuzilou-a com um olhar incrédulo e, já que o acaso proporcionara aquela conversa esdrúxula, eu estava mais interessado em observá-la de longe para não tolher a verdadeira postura de Carol, fosse ela qual fosse.

— Carol, eu vou adiantando as compras enquanto você conversa com a sua amiga — disse, já manobrando a cadeira de rodas e o carrinho de compras para afastar-me no intuito de não dar a ela tempo de reter-me.

Afastei-me e, após me certificar de que elas não me tinham acompanhado com o olhar, ocultei-me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atrás da prateleira do corredor onde elas se encontravam e, embora a minha consciência começasse a ficar pesada, dediquei-me a ouvir a conversa travada por elas:

— A quem você está enganando, Carol? — indagou Ágata, rindo com desdém.

— Como? — Carol perguntou com um tom de voz perpassado de confusão.

— Ele é rico e você está dando o golpe do baú? — tornou Ágata com veneno na voz.

— Eu não estou entendendo aonde você quer chegar — disse Carol num tom irritado.

— Não venha me dizer que você está com aquele aleijado por amor! Você sempre deixou claro que nunca se relacionaria com alguém imperfeito! — Ágata afirmou num tom cortante.

— Sim, eu amo Henrique! De verdade! Ele é o amor da minha vida e, se ele me quiser, quero

PERIGOSAS ACHERON

passar o resto da minha vida com ele. Eu mudei — Carol afirmou e seu tom de voz parecia sincero.

— Eu não acredito no que estou ouvindo! — Ágata afirmou num tom incrédulo. — Você vai querer ser babá dele? Ele é aleijado! Vai depender de você para tudo e você nunca terá de fato um marido, nunca terá filhos! Sua vida se limitará a cuidar dele! Você quer se prender a um homem inválido, preso em uma cadeira de rodas! Veja: ele nem consegue fazer compras sozinho. Vai depender sempre de você para tudo. Acha que vai ser feliz assim? Está louca ou há realmente um interesse financeiro por trás disso? — disse num tom indignado.

Ouvi Carol dar um suspiro entrecortado por algo que pareciam soluços mal contidos e replicar num tom de voz aparentemente calmo, porém ríspido:

— Não há nenhum interesse financeiro. Ele não é rico. Há apenas amor e ele não precisa de babá, é

PERIGOSAS ACHERON

um homem independente, não é inválido, trabalha e pode ser um bom marido, um marido completo como qualquer homem normal. Ele não depende de mim para fazer nada, ele só não pode andar, mas isso não o faz inferior a mim, nem a ninguém! Ele é uma pessoa normal como qualquer outra e é com ele que eu quero ser feliz!

— Você considera um aleijado uma pessoa normal? — Ágata zombou.

— Não o chame de aleijado! E ter uma deficiência não é ser anormal, é ter uma limitação física, só isso, mas ninguém é perfeito! Todos nós temos limitações! Mesmo as pessoas sem deficiência têm limitações! — Carol rebateu num tom de voz enérgico.

— Você me faz rir! — afirmou Ágata, gargalhando.

— Olhe, Ágata, fico feliz em ver que você está bem, mas eu não sou obrigada a ficar aqui ouvindo

as suas asneiras! — disse Carol num tom amargo.

— E nem eu as suas! — replicou Ágata num tom de escárnio.

Neste momento, afastei-me para longe com a consciência pesada por tê-la espionado pela segunda vez e recommencei as compras, procurando ser o mais rápido possível no intuito de não deixar transparecer para ela que eu escutara a conversa inteira. Quando Carol me encontrou, faltava apenas alguns produtos para pegar (a maioria nas prateleiras mais elevadas) e ela pareceu-me transtornada. Ela não dirigia o olhar para mim e, só a custa de algum esforço, pude perceber que seus olhos estavam vidrados de lágrimas. Seu corpo estava trêmulo e tenso e sua voz vacilava.

Em quinze minutos, terminei as compras e partimos para casa. Lá chegando, assim que entrou no apartamento, Carol pediu licença e dirigiu-se à área de serviço. Intrigado, eu a segui e encontrei-a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentada num banco de courvin preto e acolchoado que ficava a um canto da parede.

Carol estava cabisbaixa e tinha a face molhada de lágrimas. Quando adentrei a área de serviço, ela mal ergueu os olhos para mim e pediu num tom de voz sumido:

— Por favor, deixe-me sozinha!

Balancei a cabeça negativamente e, enquanto me transferia da cadeira de rodas para o banco, afirmei:

— Não. Nós precisamos conversar.

— Outra hora, por favor — pediu com a voz embargada pelas lágrimas, mas evitando olhar para mim.

— Não — neguei. — Tem que ser agora. Há coisas que eu preciso entender e há coisas que você também precisa entender — justifiquei minha atitude, enquanto me arrastava pelo banco até me colocar sentado ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Carol não insistiu e permaneceu calada, limitando-se a dar de ombros num gesto resignado. Então, fixei meu olhar em seu belo rosto e indaguei da forma mais doce que consegui articular:

— Por que está chorando?

— Eu... eu... eu ouvi coisas horríveis... de Ágata... e estou com muita raiva. É como se um punhal... tivesse... sido enterrado em meu peito — murmurou embaraçada e sem olhar para mim.

Toquei o rosto de Carol, segurando-o com uma das mãos e, forçando-a delicadamente a olhar em meus olhos, indaguei:

— Coisas horríveis?

— Sim, coisas das quais não quero nem me lembrar — afirmou relutante e evasiva e com o constrangimento expresso em seu olhar.

— Sobre mim — completei num tom seco sob uma fachada de indiferença.

PERIGOSAS ACHERON

— Como sabe? É tão evidente assim? — indagou, arregalando os olhos e fixando-os em mim numa expressão de surpresa enquanto eu retirava a minha mão de seu rosto e pousava-a sobre o banco.

— Eu ouvi tudo. Tudo o que você conversou com Ágata e também tudo o que você conversou com aquele desconhecido na biblioteca, no último sábado. Em Jequié, eu ouvi sua conversa com Mércia por acaso; mas aqui em São Paulo, embora não tenha premeditado as situações, eu as ouvi porque quis. Apareceu a oportunidade e eu escolhi ouvir suas conversas. Sei que agi errado. Eu sinto muito... — admiti encarando-a; apesar de, naquele momento, sentir-me envergonhado por meus atos.

— Por que você fez isso? — perguntou-me num tom calmo, porém seus olhos denunciavam toda a confusão que a assolava.

— Porque eu... queria saber... o que você realmente pensa de mim, se você realmente tinha

PERIGOSAS ACHERON

mudado. Eu sinto muito, fiquei com a consciência pesada por ter feito isso, mas não me arrependo. Sei que é contraditório, mas é a verdade — respondi, sendo bastante sincero e mantendo os olhos fitos nos dela no intuito de tentar decifrar os seus sentimentos sobre a minha confissão, mas não obtive sucesso. Os olhos de Carol encontravam-se estáticos e ainda marcados pela surpresa inicial. — E eu só deixei aquele desconhecido se aproximar de você, porque eu sabia que ele não lhe faria nenhum mal dentro da biblioteca.

Carol permaneceu um longo tempo em silêncio, atônita, sem pronunciar nenhuma palavra. Por fim, balbuciou:

— Eu... eu não sei o que dizer.

— Eu vou entender se você quiser desistir da proposta que me fez, se quiser desistir de mim — afirmei, pois tinha consciência de que eu tinha agido errado.

Carol balançou a cabeça num gesto de negação e replicou num tom de voz sumido e entrecortado, fazendo as lágrimas voltarem a molhar seu rosto de anjo:

— Seria... hipocrisia minha... se eu não admitisse que essa sua... insegurança foi causada pela forma como eu agi com você. Lá em Jequié, para ficar com você, eu prometi que ia mudar, mas não fiz isso. Eu o enganei... Essa é a verdade. E não posso crucificá-lo agora pelo que você fez, por duvidar de que eu realmente mudei. Sua atitude foi errada, mas eu não posso condená-lo, não depois dos inúmeros erros que eu cometi com você... do quanto eu o magoei.

Eu não imaginava que Carol me desse essa resposta e fiquei tão surpreso que, inicialmente, faltaram-me as palavras; mas, após alguns minutos de reflexão, consegui articular a seguinte pergunta:

— Isso quer dizer que você me perdoa?

Carol respirou fundo como se tivesse passado um longo tempo sem respirar e disse:

— Você me perdoou tantas vezes! Como eu poderia não o perdoar por um ato movido pela insegurança que eu mesma causei?

Não resisti àqueles intensos olhos de mogno que cintilavam repletos de sinceridade e amor e a abracei longa e ternamente, murmurando:

— Muito obrigado.

O perfume de Carol, o toque acetinado de sua pele, o calor de seu corpo e sua respiração acelerada deixaram meus sentidos bastante confusos. Foi difícil refrear o desejo de prolongar ainda mais aquele abraço, de beijar-lhe a boca e o pescoço, acariciar-lhe as costas... enfim, o desejo de tomá-la nos braços, levá-la para a cama e unir nossos corpos na mais intensa expressão de nosso amor. Não fiz isso. Dei um sorriso sem graça e limitei-me a afastar meu corpo do dela o mais que

pude, embora eu ainda permanecesse sentado ao banco.

Carol não pareceu se abalar com nosso contato físico; mas, em seguida, assumiu uma expressão taciturna como se acabasse de fazer uma constatação e exclamou:

— Meu Deus! Você deve estar muito magoado!

— Eu? Por que diz isso? — perguntei ainda sob o efeito do abraço que compartilhamos e, por isso, momentaneamente esquecido do que acontecera na biblioteca e no supermercado.

— Por causa do que Ágata e aquele homem desconhecido disseram sobre você — Carol lembrou. — Eu mesma fiquei... muito abalada... — disse sem jeito.

— Não, eu não fiquei magoado. Fiquei indignado. O preconceito é um sentimento muito... mesquinho e eles não merecem que eu sofra por sua ignorância. Isso só serve para que eu me torne

PERIGOSAS ACHERON

ainda mais forte para vencer os obstáculos que a vida me impõe e não me deixe atingir por esse tipo de coisa — afirmei com sinceridade enquanto observava as minhas pernas inertes, pois tinha medo de contemplar os sentimentos expressos no rosto dela. Eu tinha medo de não enxergar amor. — Sabe, Carol, eu me recuso a sucumbir a qualquer tipo de obstáculo ou a aceitar que me digam que eu não sou capaz de algo. Eu corro atrás e faço, mesmo que seja mais difícil — Tomei coragem, a encarando.

— E por que você ficou tão magoado comigo? Por que desistiu de mim? — indagou com um olhar ambíguo, que mesclava em si admiração e incompreensão.

— É diferente, Carol — afirmei no tom mais terno que consegui pronunciar — Eu não estou apaixonado por nenhum deles. O que eles pensam de mim não me importa de maneira alguma. Mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você... Eu amava você, queria me casar com você, compartilhar minha vida com você! Formar uma família! É óbvio que o que você pensava de mim me importava e MUITO! — expliquei, enfatizando a palavra muito com uma pronúncia mais demorada no intuito de agigantá-la. — E eu não desisti de você. Eu apenas recusei-me a conviver com a forma preconceituosa com a qual você me tratava e, para efetivar isso, precisava abrir mão de você. Eu simplesmente escolhi o que me causava menos dor, pois eu não podia mais viver daquela maneira. Seu preconceito estava minando a minha autoestima — disse com sinceridade.

Carol entreabriu os lábios para falar, mas duas lágrimas fugiram-lhe dos olhos, impedindo-a momentaneamente de articular as palavras. Contudo, após uma breve pausa, ela murmurou com a voz sumida:

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sinto muito, Henri! Lamento tanto que, se pudesse voltar atrás e corrigir meus erros, eu o faria. Pode ter certeza, pois eu me arrependi *muito*! — enfatizou.

— Eu sei disso, Carol! — afirmei com um sorriso, tentando tranquilizá-la enquanto me transferia do banco para a cadeira de rodas.

Carol meneou a cabeça afirmativamente e entreabriu os lábios para falar. Todavia, pareceu arrepender-se e cerrou-os novamente numa atitude de resignação. No entanto, a pergunta que ela não fizera estava claramente expressa em seus chamejantes olhos de mogno: ela queria a minha resposta; mas, por algum motivo, ela decidiu esperar uma atitude minha.

Quando já me encontrava próximo à porta que dava acesso à cozinha, voltei o rosto para ela e disse numa súbita lembrança de algo importante que eu esquecera de mencionar:

— Ah, e mais uma coisa, Carol: se ficarmos juntos, você não poderá se debulhar em lágrimas todas as vezes que alguém me discriminar por causa da minha deficiência. — Fiz uma breve pausa para ler o olhar atento em seu rosto e completei num tom de alerta: — Ao contrário, terá que ser ainda mais forte do que se mostrou para transpor, junto comigo, os obstáculos que aparecerem. E eu sei que ainda me aparecerão muitos.

— Eu sei, Henri. Eu percebi que você não se retrai diante das dificuldades que a vida lhe apresenta, que você luta e as vence sempre. Saiba que eu o admiro muito por isso e que, se ficarmos juntos, da próxima vez, serei mais forte, não me deixarei abater! — afirmou com um sorriso sincero, limpando os últimos resquícios de sua recente tempestade emocional.

Dirigi-me ao quarto sentindo-me muito confuso pelo breve contato físico que eu tivera com Carol e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

também pelas provas que obtivera ilicitamente de que ela mudara. Eu precisava desabafar com alguém, mas não poderia ser com ela. A única pessoa com quem eu poderia fazer isso era Leno, embora soubesse que ele me crucificaria, pois não gostava dela. Liguei para ele, que me atendeu prontamente:

— Fala, irmãozinho! — Leno atendeu irreverente como sempre.

— Tem um minuto para mim? — perguntei alegre por ouvir a sua voz.

— Claro! Quantos você quiser! — afirmou e, em seguida, provocou: — Está querendo antecipar o recebimento dos parabéns?

— Não. Só estou querendo desabafar e precisando de um conselho seu — disse em tom sério para que Leno percebesse que eu não estava brincando.

PERIGOSAS ACHERON

— Aconteceu alguma coisa, Henri? — Leno perguntou, assumindo um tom de voz preocupado.

— Não, está tudo bem — afirmei rapidamente para tranquilizá-lo. — Carol está aqui e... — comecei, mas ele interrompeu-me:

— Quem não desiste de quem, Henri? Ela não desiste de você ou você não desiste dela? — indagou meio irritado.

— Acho que um pouco das duas coisas — admiti. — Mas agora preciso tomar uma decisão definitiva e preciso de um conselho seu — revelei num tom sério. — Um conselho imparcial — frisei para, logo depois, contar-lhe toda a história do meu sofrimento sem Carol, de como ela chegara até meu apartamento, de sua afirmação de que mudara e deixara de ser preconceituosa, de seu pedido para que reatássemos o relacionamento, do tempo que eu pedi para pensar, das provas escusas que eu obtivera de sua mudança e do dilema em que se

transformara a tomada da decisão que afetaria profundamente a minha vida e a dela, pois o tempo só me tornara ainda mais confuso, suscitando-me ainda mais dúvidas, mesmo com a mudança dela.

Quando terminei de falar, Leno respirou fundo e começou a falar:

— Você sabe que eu não gosto de Carol e que meus motivos para isso são mais do que justos, pois não admito que machuquem você.

— Leno, não sou nenhuma criança indefesa — lembrei-lhe.

— Eu sei, mas o fato de eu não admitir que o machuquem não tem nada a ver com a sua deficiência. Tem a ver com a minha certeza de que você jamais machucaria alguém de propósito e sei que, muitas vezes, ela o magoou de propósito, porque ela queria humilhá-lo por sua deficiência. É isso que não admito: ofensa sem motivo! — esclareceu e eu concordei com um “*Aham*”. — E,
PERIGOSAS ACHERON

mesmo sabendo que eu não gosto dela, que faria o possível para vê-la bem longe de você, você me pede uma opinião imparcial sobre se deve ou não voltar para ela! Não entendo por que você está fazendo isso! — exclamou ele entre lisonjeado e ofendido.

— Porque eu confio totalmente em você e sei que deseja a minha felicidade tanto quanto eu — expliquei com sinceridade na voz.

— Bem, isso é verdade! Eu desejo que você encontre uma felicidade tão intensa quanto a que eu encontrei em meu casamento — concordou.

— Então, dê-me um conselho! Ajude-me a encontrar o caminho certo, a tomar a decisão correta! — pedi num tom quase desesperado e com lágrimas se formando em meus olhos.

— Oh, Henri! Mas é justamente por isso que o conselho que eu tenho para lhe dar talvez não seja o que você procura — alertou-me com a voz terna.

— Mas eu sei que é dele que eu preciso! — argumentei, sentindo-me perdido em meio a um turbilhão de sentimentos desencontrados. — Por favor, fale! — pedi num tom exigente.

— Bem, eu não posso dizer para você: “fique com ela” ou simplesmente “não fique”. É uma decisão que você terá que tomar sozinho, mas precisará de muita cautela, pois estará decidindo o seu futuro e o dela. Por isso mesmo, creio que você deve aliar o coração e a mente para decidir. Ouvir apenas um deles é arriscado. Acho que você deve avaliar o período que conviveu com ela aqui em Jequié e os dias que ela está passando aí com você e também as provas de que ela mudou. E, principalmente, avalie se vocês dois se amam incomensuravelmente a ponto de fazerem um ao outro felizes em igual intensidade. Tente imaginar as duas possibilidades: ficar e não ficar com ela e antever como seria a vida de vocês, qual das duas

PERIGOSAS ACHERON

possibilidades os faria mais felizes. Penso que o importante é você pensar na felicidade de vocês dois; embora, às vezes, quando o amor é tão grande que não conseguimos mensurar, tenhamos uma tendência de tentar garantir a felicidade da outra pessoa antes da nossa. Mas, se o amor é mútuo, o mais correto é pensar na felicidade de ambos — aconselhou-me num tom de voz comedido e tranquilizador.

Lembrei-me de que, quando estava com Carol, geralmente me preocupava mais com a felicidade e o bem-estar dela do que comigo mesmo. Eu nunca quis machucá-la, sempre procurei dar-lhe amor, mesmo que ela não me tratasse da mesma forma. Emergi de meus pensamentos com Leno chamando-me:

— Henri, você ainda está aí?

— Sim, estou — confirmei para admitir em seguida: — Acho que me perdi um pouco em PERIGOSAS ACHERON

minhas reflexões. Mas, por curiosidade, você tende a pensar mais na felicidade de Estela do que na sua? — perguntei por fim.

— Sim, tenho esta tendência e o engraçado é que ela age da mesma forma em relação a mim! Mas, como conversamos bastante, concordamos que agora vamos pensar sempre na nossa felicidade; pois, se eu pensar na minha felicidade assim como penso na dela, estarei fazendo-a feliz, já que a minha felicidade a faz feliz e vice-versa.

— Obrigado, Leno! — agradei repleto de admiração por meu irmão que, sem dúvida, era também o meu melhor amigo. Ele acabara de me provar isso mais uma vez, mesmo estando tão distante fisicamente.

— Disponha, Henri! Espero ter ajudado! — disse ele com um tom de riso na voz. — Olhe que o bônus do seu celular já deve estar acabando! — alertou-me.

— Hum... já acabou faz cinco minutos e meu crédito está sendo avidamente consumido — revelei sem lamentar o gasto. — Mas valeu a pena, pois você me ajudou muito. Aliás, você não tem noção do quanto me ajudou! MUUUUUUITO obrigado mesmo! — ressaltei, prolongando o som da palavra “muito” para salientar a importância e o tamanho de sua ajuda.

— Fico feliz em poder ajudá-lo! — disse Leno, rindo. — Então, até amanhã! — despediu-se, desligando o telefone.

Embora minha decisão ainda demandasse muita reflexão, eu sabia que a minha noite de sono seria muito mais tranquila.

CAPÍTULO 74

Aniversário

Carol

Naquela segunda-feira, 21 de junho de 2010, despertei num dia chuvoso, cinzento e bastante frio para mim que estava acostumada com o calor ardente de Jequié. Tudo parecia transparecer a solidão e as dúvidas que habitavam meu coração. Henri já havia saído para trabalhar. Ele não me dera a oportunidade de parabenizá-lo pelo seu aniversário logo pela manhã e deixara-me um bilhete avisando que só retornaria para casa após a natação.

Imediatamente, pensei que aquele era mais um indício de que ele já não me amava, pois escolhera passar o aniversário distante de mim. Embora uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

grande sensação de perda assomasse em meu peito, eu sabia que não devia me ressentir, pois tudo isso fora causado por minhas atitudes erradas e eu reconhecia o direito dele à felicidade, mesmo que não fosse ao meu lado. Ele devia mesmo priorizar sua felicidade e não a minha; pois ele já fizera o contrário muitas vezes e eu não soubera retribuir. Agora que eu estava pronta para amá-lo sem as amarras do preconceito e das dúvidas sobre a independência dele, parecia que era tarde demais. Todavia, se isso era verdade, o meu único caminho seria resignar-me e aceitar esta realidade.

Embora o frio tenha continuado intenso e o vento farto e buliçoso, no decorrer da manhã, a chuva cedeu, as nuvens recuaram e o céu começou a se abrir, proporcionando-me, com esta mudança, um pouco de esperança de que ainda pudéssemos ser felizes juntos.

PERIGOSAS ACHERON

Movida pela tênue convicção de que ainda tínhamos uma chance de felicidade, fiz um bolo de aniversário e um jantar especial para Henri, dei uma arrumada no apartamento, tomei um banho, coloquei um vestido longo e simples, porém bonito, e, enquanto o aguardava, comecei a ler um livro. Enquanto a leitura avançava, comecei a me questionar se o amor de Henri por mim ultrapassaria as barreiras que eu mesma impusera a ele e não obtive resposta. Eu embrenhara-me em obstáculos que criara e aprofundara a ponto de não mais conseguir livrar-me deles sozinha. Só Henri poderia transpô-los agora e eu não sabia se era isso que ele desejava.

Henri adentrou o apartamento às 18h com a expressão séria. Estava quieto e parecia concentrado ou apreensivo. Mesmo assim, ergui-me e aventurei-me a falar com ele, apesar da insegurança que sentia:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Henri, eu queria...

Não consegui pronunciar mais do que estas três palavras. Henri ergueu uma das mãos para mim num gesto de pausa e disse:

— Depois conversamos. Estou louco por um banho!

Balancei a cabeça num gesto mudo de aceitação, mas duvido que Henri o tenha visto, pois ele passou pela sala o mais rápido possível e fechou-se no quarto. Comecei a questionar-me o que poderia ter acontecido, o que o deixara de mau humor ou se ele simplesmente se cansara de mim. Depois de muitos questionamentos vãos, concluí que dificilmente chegaria a uma resposta e que ele provavelmente se recusaria a responder se eu lhe perguntasse. Então, resignei-me ao desconhecimento das causas de sua contrariedade e, aprofundando em minha leitura, aguardei-o deixar o quarto para jantarmos.

PERIGOSAS ACHERON

Cerca de uma hora e meia depois, Henri ainda se encontrava encerrado no quarto e uma súbita preocupação tomara conta de meu peito. Será que ele estava se sentindo mal? Antes de tentar encontrar uma resposta para esta pergunta, vi-me batendo à porta do quarto dele e perguntando num tom de voz perturbado:

— Henri, está tudo bem com você?

— Entre — respondeu num tom de voz calmo e suave, mas sem responder o que eu lhe perguntara.

Entreabri a porta e deparei-me com ele junto à janela do quarto, que se encontrava aberta, permitindo a entrada de uma brisa fria de inverno e descortinando uma lua cheia com um intenso brilho dourado, esmaecido apenas por algumas nuvens que a circundavam e, de quando em quando, ocultavam-na completamente, revelando apenas pálidos raios lunares que se filtravam através das nuvens vaporosas e derramavam-se pelo quarto,

cobrindo o chão com um véu luminoso que envolvia Henri e tornava-o ainda mais belo.

A brisa brincava com os cabelos dele, atirando-os para trás como se os acariciasse. Quando ele voltou o rosto para mim, a posição do vento inverteu-se e os cabelos passaram a ornar seu rosto, revelando a intensidade de sentimentos e o brilho ostentados por seus olhos celestes, que pareciam tornar-se ainda mais luzidios e profundos sob o brilho da lua. Seus lábios estavam ornados por um sorriso enigmático, ao mesmo tempo ingênuo e provocador.

— Eu estou bem, Carol — respondeu à pergunta da qual eu já me esquecera devido ao impacto que tão bela visão causara-me. — É tão raro ver uma lua tão bonita que acabei me perdendo em sua contemplação — disse em voz baixa e sedutora (como se estivesse me contando um segredo) e sem interromper o sorriso, que parecia ser um estado de

PERIGOSAS ACHERON

espírito, pois não se findava, parecia eterno e imensurável como um oceano, seduzindo-me com as nuances do movimento de seus lábios assim como o mar seduzia com as nuances do movimento de suas ondas.

— Bem, eu só... só queria... desejar-lhe... um feliz aniversário — balbuciei de pé na soleira da porta e ainda com a mão na maçaneta.

— Obrigado! — respondeu com aquele sorriso sedutor.

— Eu... fiz... um jantar para você e... enviei... o seu presente... — murmurei atordoada pela onda de encantamento e desejo que se apoderara de mim.

— Enviou? — indagou sem entender o que eu dissera, porém ainda trazia no rosto o inabalável semblante alegre e sedutor de momentos atrás.

— Sim, é que... optei por... não lhe dar nada de material. Alguns dias antes de nos encontrarmos pela primeira vez, eu... eu comecei a escrever...

PERIGOSAS NACIONAIS

relatar... meus sentimentos, minhas impressões... Bem, é como se eu... se eu, de alguma forma, estivesse contando a nossa história. Tenho feito isso durante todo esse tempo... e sei que muitas das coisas que eu escrevi podem... magoá-lo e até influenciar negativamente em sua decisão, mas aquele arquivo que lhe enviei hoje por e-mail também retrata... os meus sentimentos por você... como eles se tornaram mais fortes... e o sofrimento que foi para eu ficar sem você. Acho... que esse é o melhor... presente que posso lhe dar, abrir para você minha mente e o meu coração... mesmo que isso não tenha nenhum valor econômico — expliquei com a voz entrecortada, o coração acelerado, as pernas trêmulas e as mãos suando frio de tanto medo que ele me mandasse embora naquele momento, mesmo antes de ler tudo o que eu escrevera.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Henri riu alto. Um riso divertido, cristalino, mais uma amostra de sua felicidade naquela noite, porém eu o interpretei como uma forma de zombar de mim e, instintivamente, abaixei os olhos para o chão e recuei um passo, lutando para que meus olhos não se enchessem de lágrimas pela luta perdida, derrota esta que eu mesma me proporcionara e, por isso, não tinha direito de chorar por ela; mas, mesmo assim, eu queria chorar, nem que fosse para tornar ainda mais evidente o fato de eu ser uma grande idiota.

— Bem, eu... já falei o que tinha para falar. Então, eu... vou me retirar... Perdoe-me se o incomodei... — disse com os olhos no chão para não ter que encará-lo, dando mais um passo para trás e tentando em vão não parecer tão abalada.

— Venha cá, venha! — Henri chamou-me com os olhos faiscando, os lábios curvados num sorriso

PERIGOSAS ACHERON

sedutor e uma das mãos estendida em minha direção.

Senti-me como se tivesse voltado ao passado, à primeira vez em que Henri estendeu a mão para mim e aceitou namorar comigo. A sensação de estar novamente no quarto dele, em sua casa, em Jequié, tendo-o seminu e sedutoramente descontraído à minha frente era inebriante. Eu revivia o momento e desfrutava de seu sorriso encantador como se tudo se repetisse, se desenrolasse novamente em câmera lenta diante de mim.

Atordoada, sem saber o que era ou não real, pisquei várias vezes no intuito de afastar uma possível alucinação, mas ele continuava lá, com a mão estendida; contudo agora suas sobrancelhas encontravam-se levemente arqueadas e seus lábios não formavam mais um sorriso completo, e sim,

um meio sorriso preso a uma expressão de espanto como se ele não esperasse a minha súbita hesitação.

Ainda confusa, atravessei o quarto, toquei a mão de Henri suavemente e ele envolveu a minha com as suas num gesto terno e, ao mesmo tempo, forte, puxando-me para mais perto de si e fazendo-me sentar em seu colo. Ficamos vários minutos inertes, com o olhar tão intimamente conectado que era como se eu pudesse ler a sua mente e o seu coração, tamanha era a clareza da expressão em seus olhos.

Estávamos absortos um no outro e aquele momento era tão mágico que eu já não conseguia distinguir se se tratava de um sonho ou da realidade que eu tanto desejara. O tempo parecia ter parado e o mundo inteiro parecia assistir fascinado àquele nosso momento.

Lentamente, Henri aproximou seu rosto do meu até nossos lábios se tocarem numa carícia suave,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porém sensual. Com ternura, ele deu-me pequeninos beijos em meus lábios até que a vontade de entreabri-los se tornasse irrefreável e ele pudesse explorar minha boca com a língua num beijo intenso, ardente e demorado.

Findado o beijo, olhei para ele longamente e murmurei ainda surpresa e sem compreender o seu gesto:

— Foi real!

— Como? — indagou com um sorriso.

— É que eu cheguei a pensar que isso era um sonho ou uma alucinação e, por isso, hesitei no início — expliquei, contemplando um par de olhos azuis intensos que me fitavam atentamente.

Henri riu mais alto, um riso cristalino de felicidade e garantiu:

— Ah, não mesmo! Este momento é real, muito real!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas o que deu em você para me beijar assim? Efeito da lua? Do seu aniversário? — perguntei sorrindo, ainda com os braços em volta do seu pescoço e sentada em seu colo.

— Não — respondeu, balançando a cabeça negativamente e completando em seguida com um sorriso nos lábios: — Esta é a minha resposta.

— Como? — perguntei, duvidando do que acabara de ouvir.

— É isso que você ouviu: minha resposta é sim, estou voltando para você se seu pedido ainda estiver de pé. Eu a amo e quero viver esse amor — explicou como se tivesse ouvido meus pensamentos.

— Eu nem acredito! Isso é maravilhoso! Você me fez a mulher mais feliz do mundo! — exclamei eufórica, abraçando-o com mais intensidade.

— Mas há uma condição — afirmou sério.

PERIGOSAS ACHERON

— Qual? — indaguei, sentindo minha euforia de instantes atrás se desvanecer completamente e meu sorriso se fechar como as flores ao anoitecer.

— Que você se case comigo — ele especificou ainda sério.

— Casar com você? Claro que caso! — afirmei sinceramente entusiasmada com a possibilidade. — E isso não é uma condição, meu amor, é um presente; pois o que eu mais desejo é ficar com você para sempre! — afirmei, sorrindo e beijando-o avidamente; pois eu tinha sede de seus beijos, do toque de suas mãos, do calor de sua pele, do seu cheiro, de amá-lo sem pressa e sem preconceito numa entrega total e definitiva.

Henri sorriu e, instantes depois, estávamos completamente despidos, deitados, trocando beijos e carícias suaves que, aos poucos, iam se intensificando e se tornando mais intensos. Eu adorei tocar cada pedacinho do corpo dele,

PERIGOSAS ACHERON

investigar sua sensibilidade e estimulá-lo cada vez mais até atingirmos o clímax; pois, ao ser estimulado, ele me estimulava, retribuía meus carinhos e também sentia prazer em dar-me prazer.

Quando me coloquei sobre ele e nos unimos num ato de amor, na consumação do desejo há tanto retraído e de um intenso prazer físico (que nem eu tinha noção de que éramos capazes de atingir), senti uma indescritível sensação de liberdade. Finalmente, eu era livre das amarras do preconceito, da solidão e da infelicidade que este sentimento mesquinho me causara por tanto tempo.

Henri era o homem da minha vida! O fato de ele ter uma deficiência não diminuía nosso amor, nem impedia que déssemos prazer um ao outro e fôssemos felizes. Como qualquer ser humano, ele tinha limitações, mas estas limitações não o impossibilitavam de ser uma pessoa economicamente ativa e bem resolvida, tampouco

de sermos um casal em sentido pleno. Não é simples ter uma deficiência, mas a vida pode ser simples e feliz quando se tem determinação e força de vontade para enfrentar os obstáculos. Aprendi com Henri que os obstáculos são como você os vê. Se você os vê intransponíveis, eles se tornam grandes demais e o sufocam; mas, se você os vê como algo superável, por mais difícil que pareçam a princípio, eles se tornam menores do que se mostram ser.

A lição que aprendi com Henri não era exclusiva para quem tem deficiência. Era para mim e para qualquer pessoa também. A diferença, seja ela qual for, não é uma aberração. É apenas uma forma mais perceptível de demonstrar que, na verdade, a regra, a normalidade é a diferença, e não, o padrão, pois ninguém é igual.

Amamo-nos tanto e tão intensamente naquela noite que adormeci nos braços de Henri. Quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

despertei, estávamos despidos e abraçados na cama da forma como eu sonhara desde que ele me deixara. Notando que ele estava acordado, contemplei-o com um olhar de admiração e indaguei:

— Faz muito tempo que está acordado?

— Não. Só uns cinco minutos. Você me deixou exausto, sabia? — respondeu ele com um sorriso provocador nos lábios.

— A recíproca é verdadeira, meu amor — afirmei, sorrindo.

— Vamos tomar um banho e jantar? Eu estou morrendo de fome! — convidou ele com um semblante que começava a transparecer cansaço.

— Juntos? — indaguei com um sorriso sugestivo.

— Se você quiser, sim — confirmou com um olhar incerto.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro que eu quero! Você acha que eu ia perder uma oportunidade dessas? — respondi entusiasmada.

Henri não respondeu, apenas riu um riso cristalino, a expressão sonora de nossa felicidade. Quando seu belo riso se findou, murmurei, lembrando-o do jantar e revelando que fizera um bolo de aniversário para ele:

— Depois do jantar, temos a sobremesa.

— Sobremesa? — indagou com as sobrancelhas arqueadas e a surpresa expressa em seu belo rosto.

— Sim, eu fiz um bolo de aniversário para você — especifiquei aturdida pela atração que ele despertava em mim.

— Sinto-me lisonjeado! Muito obrigado! — agradeceu-me ele com um sorriso. — Ah, eu esqueci-me de agradecer o presente de aniversário que você me deu. Eu tenho certeza de que vou gostar muito de ler seus sentimentos e impressões

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre nosso relacionamento. Muito obrigado, meu amor — tornou a agradecer-me, mantendo o belo e convidativo sorriso em seus lábios. — E sabe o que é engraçado? — indagou por fim.

— O quê? — perguntei curiosa, contemplando seu semblante divertido.

— É que eu fiz a mesma coisa. Desde que decidimos nos encontrar pela primeira vez, tenho anotado todos os meus sentimentos e impressões numa espécie de diário virtual. Vou enviá-lo a você para que você também possa conhecer tudo o que se passou em minha cabeça e em meu coração durante todo esse tempo. Só não sei se você vai gostar... — explicou reticente ao final.

— Claro que vou gostar, até porque sei que mereço cada um de seus xingamentos — afirmei com sinceridade.

— Não xinguei você — ele afirmou sério.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Muito obrigada por sua bondade — agradecei tocada com sua benevolência.

— Mas nossa história daria um livro! — observou ele com um sorriso.

— É, um livro meio louco com dois pontos de vista! — observei, retribuindo o sorriso e, em seguida, ele beijou-me longamente.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 75

As águas do mar e as areias da praia

Henri e Carol

Nós nos casamos quase três meses depois numa cerimônia simples, realizada na cidade de Jequié, na igreja do bairro Mandacaru, onde nossos pais moravam. Era setembro e Jequié assistia aos últimos suspiros de seu ameno inverno ao mesmo tempo que contemplava o desabrochar das primeiras rosas da primavera.

Tudo naquele sábado, 25 de setembro, parecia ser composto da mais graciosa poesia divina. Nuvens alvas dos mais diferentes formatos ornavam um céu profundamente azul durante todo

o dia. O sol não se encontrava tórrido como era de se esperar em Jequié, estava suave como uma carícia. Flores de diversos matizes espalhavam-se por diferentes lugares e os passarinhos festejavam-nas alegres, cantando e voando por toda a parte num acalento para o nervosismo que tomava conta de nós e atiçava nossa curiosidade um em relação ao traje do outro.

Ao anoitecer, uma opulenta lua cheia ascendeu ao céu, enfeitando-o com sua beleza e derramando em sua face, de um azul-marinho vívido, todo o seu brilho e luminosidade, enchendo-o da poesia e da delicadeza de uma noite feita para o amor.

Quando nos encontramos na igreja e, na companhia de nossas famílias e amigos, unimos nossas mãos para que o padre desse início à cerimônia, nosso êxtase de felicidade tornou-se mais intenso. Embora inicialmente imaginado e pensado de formas diferentes, este momento era a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

realização de um sonho cultivado por nós e a formalização do enlace de duas vidas há muito entrelaçadas.

Apesar de nossa felicidade, optamos por não fazer uma festa de casamento e, na manhã do dia seguinte, partimos em lua de mel para Canavieiras, para a imensidão daquela praia plana de areias claras, coqueiros entrelaçados e águas tranquilas, cujo vento brincava com a areia, fazendo-a dançar por entre seus dedos numa lembrança da efemeridade da vida, mas também de sua intangível e misteriosa beleza e do quanto o amor era grande e surpreendente, capaz de ligar duas pessoas que, embora muito próximas, se encontravam fisicamente distantes.

Por fim, numa tarde em que nos encontrávamos de mãos dadas, sentados à frente do mar, contemplando as cores quentes e vívidas do pôr do sol, compreendemos que nossas vidas eram como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as areias da praia e as águas do mar: profundamente ligadas e indissociáveis por toda a eternidade; pois, por mais que se afastassem, as águas do mar sempre voltavam para beijar as areias da praia e envolvê-las num íntimo e amoroso abraço...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 76

Em família...

Henri

A transferência de Carol para o Hospital Santa Mônica de São Paulo efetivou-se cerca de um mês após o nosso casamento. Foram trinta dias muito difíceis; pois, durante este tempo, apesar de estarmos recém-casados, fomos forçados a permanecer separados: eu em São Paulo, de volta a minha rotina de trabalho no CEP do hospital, e ela em Jequié, ajeitando os trâmites necessários não apenas para a transferência de vaga, mas também para a sua mudança. Mesmo nos falando e nos vendo através do chat todas as noites, cada dia longe um do outro parecia um século e as horas nunca foram tão intermináveis como naquele mês

de outubro de 2010; mas, ainda que lento, o tempo sempre passa e novembro a trouxe de volta para os meus braços.

Contendo a duras penas a minha ansiedade, cheguei ao saguão de desembarque do aeroporto trinta minutos antes do horário previsto para a chegada de Carol no voo vindo de Ilhéus, na Bahia, e contei cada segundo que nos separava até que não restasse mais nenhum, até que eu me deparasse novamente com o seu belo sorriso.

Carol

Quando vi o sorriso de felicidade e o amor expresso no brilho dos olhos de Henri, não resisti: corri para ele e atirei-me em seu colo. Ele envolveu-me em seu abraço aconchegante e nós nos beijamos longa e ternamente, desconectando-nos do burburinho e do frenético movimento das pessoas ao nosso redor. Naquele momento, não

PERIGOSAS NACIONAIS

havia mais nada, nem ninguém. Éramos só nós dois e, mais uma vez, eu tive a certeza de que era ao lado dele que eu sempre deveria estar. Fazíamos parte um do outro, nossas vidas estavam permanentemente entrelaçadas e, finalmente, estaríamos juntos para sempre!

Eu já não me importava com os olhares, fossem eles de surpresa, admiração ou preconceito. Meu amor era tão grande, tão forte, que vencera os meus preconceitos e me tornara uma pessoa melhor. Eu queria externá-lo e ele merecia mesmo ser exibido, mostrado ao mundo... Quando findamos o beijo, fomos para o pequeno apartamento de Henri, minha nova casa e, algumas semanas depois, tão logo fizemos os exames necessários, usamos o dinheiro que seria para a festa de casamento e mais algumas economias mensais para começarmos o procedimento de fertilização *in vitro*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para a grande maioria dos casais que engravidam naturalmente, um dos momentos mais felizes é o recebimento do resultado positivo do exame de gravidez; mas, no nosso caso, em que os embriões já fertilizados foram implantados em meu útero e acompanhávamos a evolução da gravidez, a cada semana, íamos para a ultrassonografia cheios de expectativa e um pouco apreensivos sobre o futuro da gestação, sentimentos estes que se intensificaram quando o último dos três embriões implantados também involuiu, frustrando nossa primeira tentativa de ter um filho.

Apesar da tristeza que isso nos causou, não perdemos as esperanças e partimos para a nossa segunda tentativa de gravidez: mais uma implantação, desta vez dos três últimos embriões. Se não desse certo, teríamos que recomeçar o processo de estimulação de produção de óvulos e

PERIGOSAS ACHERON

fazer uma nova fertilização, o que tornaria o processo ainda mais caro e desgastante para nós.

Mesmo estando de repouso para aumentar as chances de que nossa segunda tentativa de ter um filho desse certo, nossa ansiedade e apreensão atingiram níveis estratosféricos quando o primeiro dos três últimos embriões implantados parou de se desenvolver e não conseguimos conter as lágrimas quando chegamos em casa depois do ultrassom que revelou que o segundo também tinha involuído. Restava-nos apenas um embrião. Ele resistiria? Não sabíamos; mas, naquele momento de desespero, Henri tocou a minha barriga e começou a conversar com o nosso único embrião restante, pedindo-lhe que não nos abandonasse, que fosse forte e superasse os obstáculos, pois nós já o amávamos muito.

Naquele momento, apesar da incerteza que assolava os nossos corações, as palavras de Henri

PERIGOSAS ACHERON

dirigidas ao bebê trouxeram a mim e a ele um pouco de consolo, algo em que acreditar... enfim, um pouco de esperança. Milagre? Mera coincidência? Existência de alguma relação causal devido aos estímulos verbais? Não sei, mas a impressão que eu tive (impressão de mãe que já ama muito seu bebê), é que, de alguma forma, conversarmos com ele o fez reagir, querer lutar pela vida.

Assim, dia após dia, continuamos a conversar com o nosso pequenino bebê, a demonstrar-lhe nosso amor e, a cada semana de resistência dele, em que o víamos cada vez maior e mais forte no ultrassom, não conseguíamos conter nossa alegria e nossa esperança crescia exponencialmente.

Henri

Os mistérios da vida são indecifráveis e muitas vezes não conseguimos entender como e por que as

PERIGOSAS NACIONAIS

coisas acontecem de uma forma diferente da que tínhamos imaginado ou por que nos deparamos com tantas incertezas que, muitas vezes, nos angustiam, trazem consigo o gosto amargo da impotência e do desespero, ameaçando esfacelar toda a nossa esperança. Mas mesmo assim, não devemos desistir, devemos lutar pelo que queremos e angariar, em nós mesmos, a força para seguir em frente.

Quando decidirmos tentar a fertilização *in vitro*, não imaginamos que seria algo fácil, mas também não pensamos que isso nos deixaria tão ansiosos e apreensivos pelo resultado positivo. Será que foi a ansiedade que nos atrapalhou? Não sei, talvez, mas não acho que seja possível mensurar com precisão coisas assim; mas conversar com o bebê, mostrar-lhe com palavras que ele já fazia parte da nossa família, já era dono de parte de nossos corações,

PERIGOSAS ACHERON

nos acalmou e, de algum modo, isso pareceu ter contribuído para que nosso bebê viesse a termo.

Dois anos depois do nosso casamento, numa tarde fria do final de maio, nasceu nosso primeiro filho, mais um dos muitos laços que uniam nossas vidas. Ali, na sala de parto, envolvendo Carol e o bebê — que jazia aconchegado ao seio da mãe — num abraço, o nosso primeiro abraço como a família que éramos, eu era o que sempre fora e nunca deixara de ser: um homem como qualquer outro que, assim como a esposa, encontrava-se incapaz de conter as lágrimas de felicidade diante do êxtase de ter um filho. Seus olhos curiosos brilhavam intensamente ao nos contemplar, lembrando que a existência dele era mais uma prova de que a deficiência não precisa — e não deve — ser encarada como um obstáculo para se atingir a felicidade.

FIM

Nota da autora

Entrelace: Caminhos que se Cruzam ao Acaso foi meu primeiro livro publicado, mas não foi a minha primeira incursão pela literatura. Como escrevo desde os treze anos de idade, há várias histórias não publicadas antes dele. Comecei a escrever para mim mesma, sem intenção de publicar (na época, achava que ser escritora era um sonho impossível), no intuito de externar um pouco da minha frustração; pois, nos livros que eu lia, não via personagens com deficiência ou, quando eles estavam presentes, sempre eram secundários e a deficiência era uma espécie de fardo muito pesado, uma maldição da qual eles queriam se livrar a qualquer custo. Então, quis trazer à baila personagens principais com deficiência e, assim, sentir-me representada.

À medida que fui crescendo e me tornando adulta, percebi que não bastava apenas me sentir representada. Eu precisava abordar, em minhas histórias, as questões que permeiam o viver com deficiência, dentre as quais o preconceito. Aliás, discutir o preconceito é um dos focos do meu projeto literário e esse é o meu objetivo principal em *Entrelace*. Infelizmente, o preconceito contra as pessoas com deficiência ainda é muito forte. Fingir que ele não existe, contribui apenas para reforçá-lo e propagá-lo. É necessário discuti-lo, combatê-lo e não há como fazer isso sem mostrá-lo. Não concordo com o preconceito que Carol externa em boa parte do livro (uma boa parte do preconceito ao qual ela submete Henri, eu vivenciei ou vi outras pessoas vivenciarem), mas eu precisava mostrar quanta dor o preconceito causa em quem é discriminado e também que discriminar alguém por sua deficiência não torna ninguém imune ao

PERIGOSAS ACHERON

preconceito e só gera sentimentos negativos. Discriminar, segregar, rejeitar a diferença só traz infelicidade, quem é preconceituoso nega a si mesmo a chance de crescer como pessoa. Ao conviver com Henri, Carol começa a perceber isso e muda, deixa de ser uma pessoa preconceituosa. Daí a importância de se conviver com a diversidade, pois a diferença é a regra, não o padrão.

Em *Entrelace*, Henri mostra que a deficiência traz limitações, mas não é uma maldição, um castigo que impossibilita o convívio social. Ao contrário, a deficiência faz parte da diversidade humana e, como qualquer pessoa, as pessoas com deficiência podem e devem conviver em sociedade, mas a sociedade precisa fornecer as condições necessárias para que isso aconteça. Por fim, a mensagem central que eu quero transmitir em *Entrelace: Caminhos que se Cruzam ao Acaso* é

PERIGOSAS ACHERON

que o amor supera o preconceito. Se todos agissem com amor, se todos enxergassem no outro alguém como si mesmo (com desejos, sonhos, medos, necessidades, direitos, etc.), o mundo seria bem melhor.

Abrços,
Diana Scarpine

Agradecimentos

Agradeço a Deus, pois nada é possível sem Ele.

Agradeço também a toda minha família, que me apoia e sonha junto comigo, especialmente ao meu esposo (que sempre me incentivou a publicar), ao meu filho (meu raio de luz), à minha mãe (quem primeiro compreendeu minha vontade de escrever histórias e sempre me incentivou, comprando os cadernos de que eu precisava no início), ao meu pai

(*in memoriam*), ao meu irmão, ao meu sobrinho e à minha cunhada. Amo todos vocês para sempre!

Às professoras Graciela e Daiana, que escolheram a primeira edição de *Entrelace: Caminhos que se Cruzam ao Acaso*, para participar do Projeto de Leitura “Educando na Diversidade” (cuja temática era o preconceito), na Escola Maria das Vitórias, da cidade de Jequié – Bahia. A todos os alunos que participaram do projeto e leram entusiasticamente *Entrelace*. Obrigada!

A Carla Fernanda, revisora desta segunda edição de *Entrelace*, por seu trabalho maravilhoso e por seus elogios à história (desde a primeira edição), que me deixam sempre emocionada e sem palavras!

A todos os blogs parceiros do Brasil e de Portugal, que divulgaram, leram e/ou resenharam *Entrelace*! Não vou citar os nomes das blogueiras para não correr o risco de esquecer alguém; mas

saibam que vocês são maravilhosas! Muito obrigada!

A você, que acabou de ler a história de Henri e Carol, muito obrigada! Vocês, leitores, são uma parte muito importante da nossa vida e dos nossos sonhos! É para vocês que eu escrevo! Então, se gostou de *Entrelace*, peço que o avalie na Amazon, no Skoob e no Goodreads, indique-o para seus amigos e o divulgue em suas redes sociais. Toda história se torna viva quando alguém a lê! Àqueles leitores que entraram em contato comigo pelas redes sociais, perguntando quando seria publicado o meu segundo romance, muito obrigada pelo carinho! *Uma Chance para Recomeçar* foi publicado em 2016 pela Editora Pandorga. Embora sejam histórias independentes, *Entrelace* e *Uma Chance para Recomeçar* compõem a série “Hábeis” e, neste segundo livro, você poderá rever

Henri e Carol, além de conhecer Carina e Aurélio. Logo, virão outros.

Enfim, a todos que colaboraram, direta ou indiretamente, para a publicação e divulgação de *Entrelace: Caminhos que se Cruzam ao Acaso* e também de *Uma Chance para Recomeçar*, meu muito obrigada, e espero contar sempre com vocês!

Diana Scarpine.

CONSTELAÇÃO